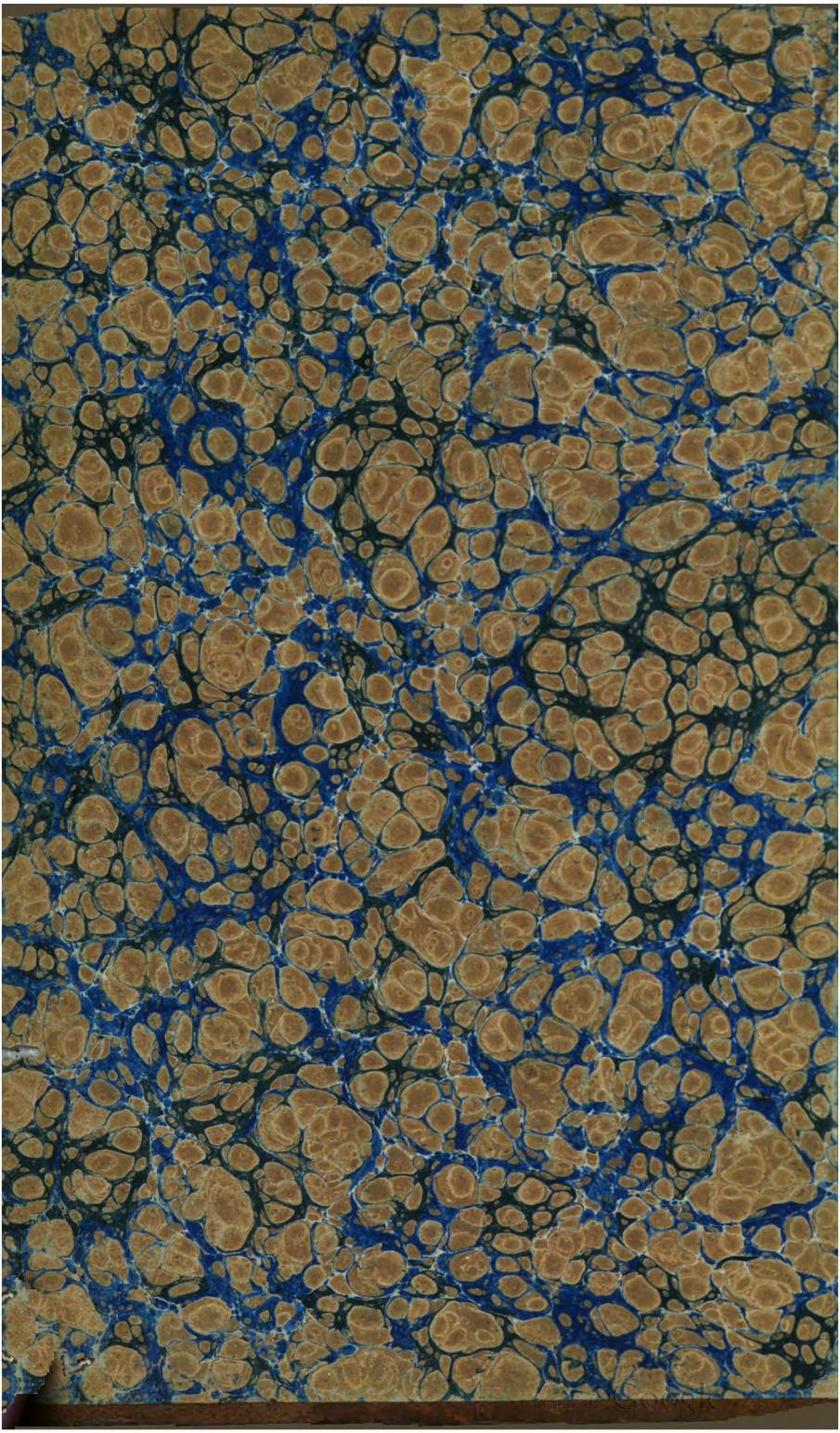
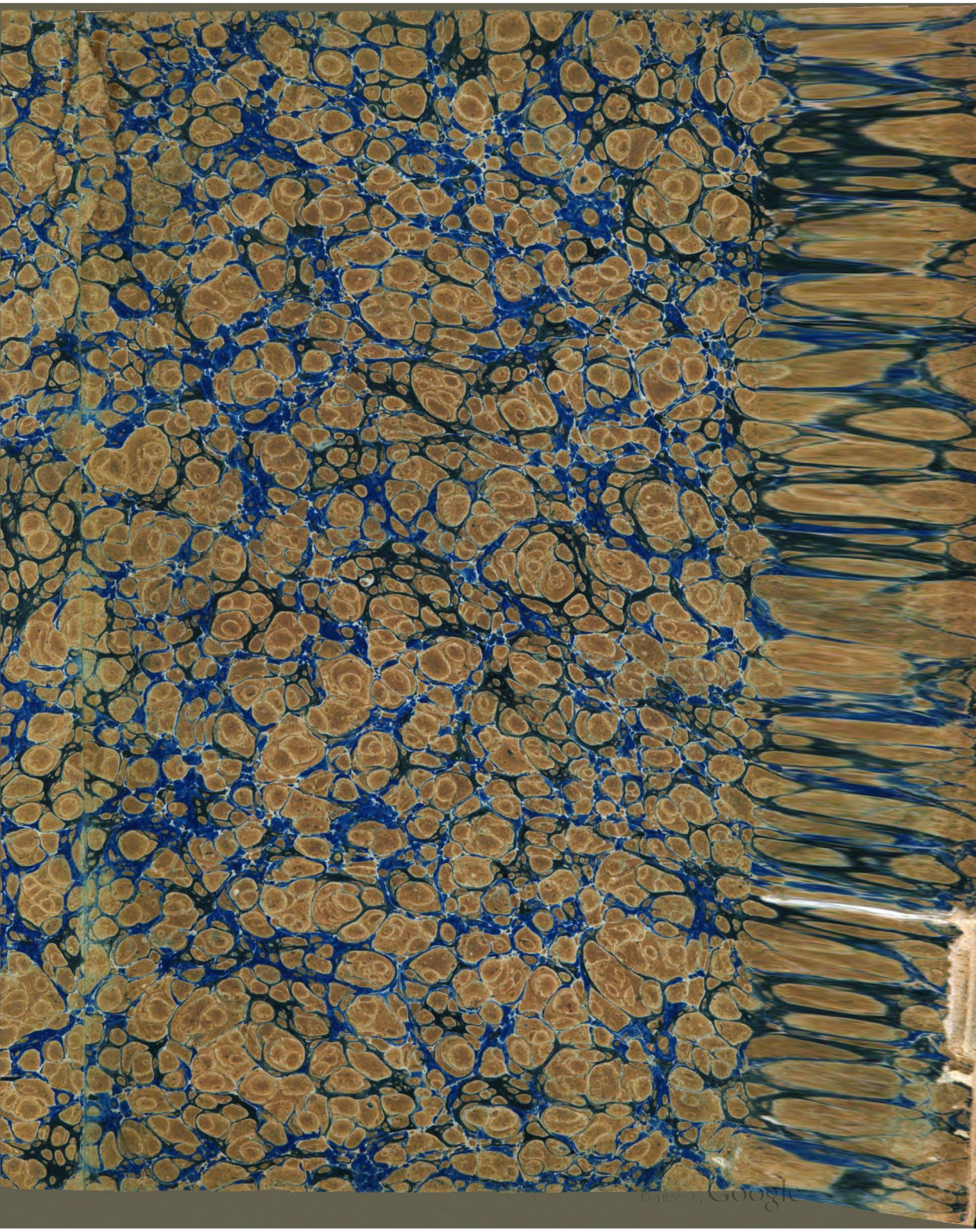
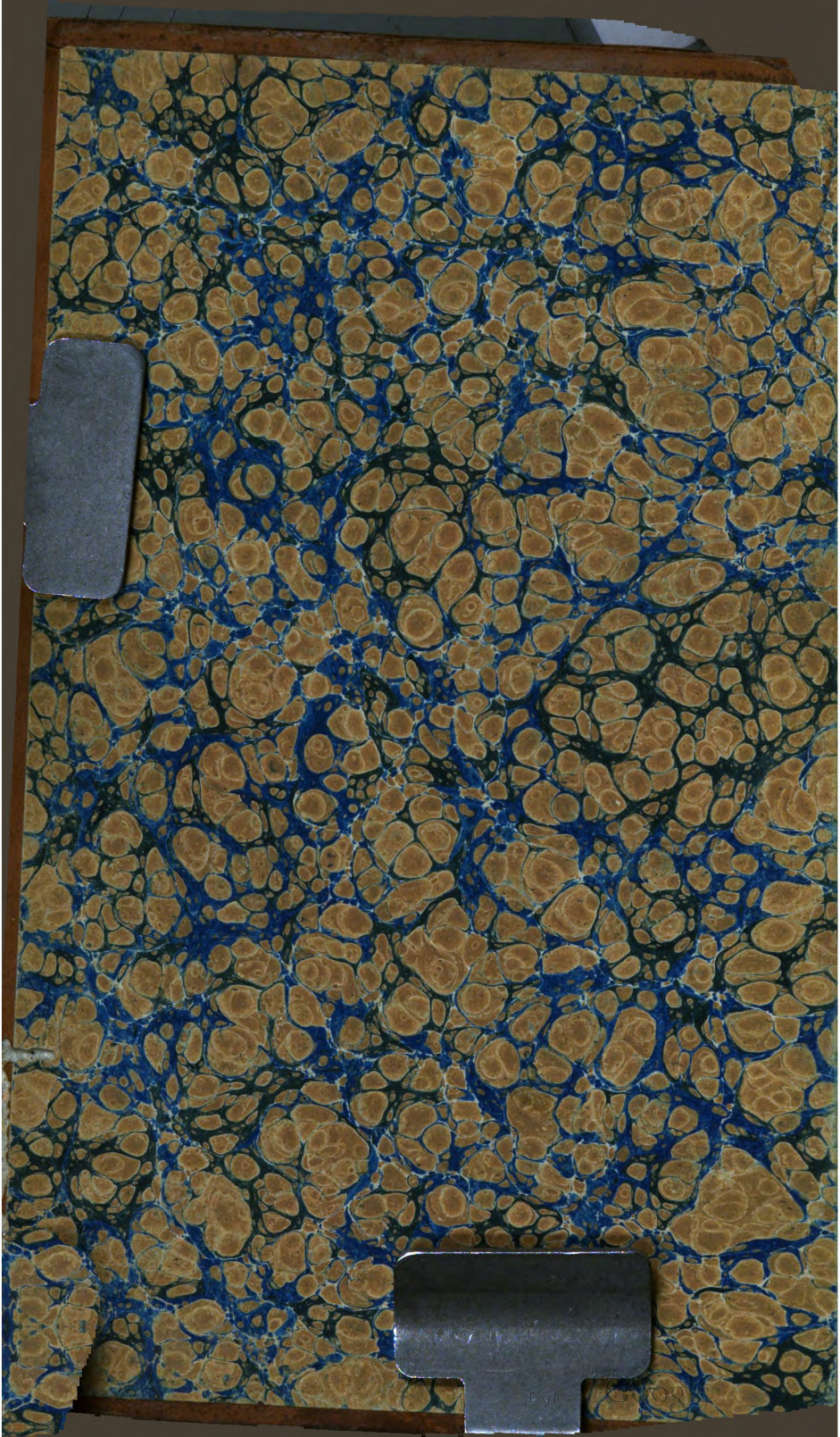
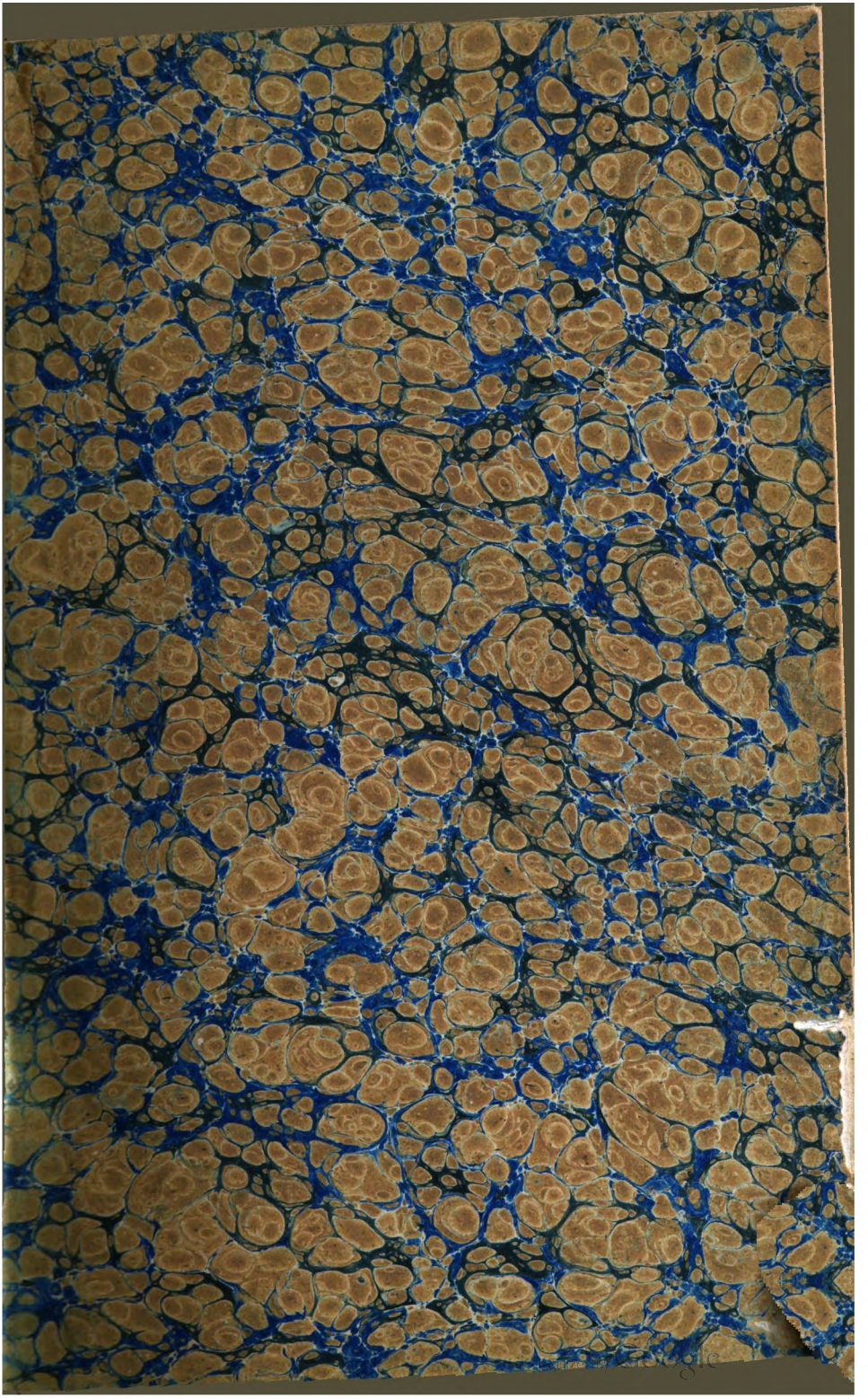



Digitized by Google





Digitized by Google

OS
AMORES,

DE

P. OVIDIO NASÃO.

PARAPHRASE,

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO;

SEGUIDA PELA

GRINALDA OVIDIANA,

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

I

Digitized by Google

Rio de Janeiro Typ. — de B. X. Pinto de Sousa.

Digitized by Google

Digitized by Google

A. F. de Castilho

Digitized by Google

OS AMORES,

DE

P. OVIDIO NASÃO.

TRADUCÇÃO PARAPHRASTICA

(inderessada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das lettras classicas)

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO,

CAVALLEIRO DA ANTIGA E MUITO NOBRE ORDEM DA TÔRRE E ESPADA,
DO VALOR, LEALDADE E MERITO;
OFFICIAL DA IMPERIAL ORDEM DA ROSA;
BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA;
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA;
PRESIDENTE EFFECTIVO DA ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DE EDUCAÇÃO POPULAR;
SOCIO HONORARIO DA ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA;
DO CONSERVATORIO REAL DA ARTE DRAMATICA;
DO CONSELHO DRAMATICO;
DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA;
PRESIDENTE HONORARIO VITALICIO
DA SOCIEDADE DOS AMIGOS DAS LETTRAS E ARTES DE S. MIGUEL;
PRIMEIRO SOCIO HONORARIO
DO CENTRO PROMOTOR DA INSTRUCÇÃO PRIMARIA NO DISTRICTO DE LEIRIA;
MEMBRO DO CENTRO PROMOTOR
DOS MELHORAMENTOS DAS CLASSES LABORIOSAS;
DA SOCIEDADE DOS PROFESSORES;
DO INSTITUTO DE COIMBRA;
DA SOCIEDADE PROMOTORA DA AGRICULTURA MICHAELENSE;
DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE;
DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS E BELLAS-LETTRAS DE RUÃO;
DA ARCADIA DE ROMA;
DA ACADEMIA DOS ARDENTES DE VITERBO;
DO INSTITUTO HISTORICO DE PARÍS;
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO;
DA SOCIEDADE DE LEITURA DE GIBRALTAR, &.

Tomo 1.°

RIO DE JANEIRO

PUBLICADA EM CASA DO EDITOR — BERNARDO XAVIER PINTO DE SOUSA.
Rua dos Ciganos n. 43.

1858.

Digitized by Google

Digitized by Google

ADVERTENCIA IMPORTANTE.

ADOLESCENTES DE UM E OUTRO SEXO!

Sob um título que vos-poderá attrahir, este livro contém mysterios de iniquidade. Si o-abrisseis, depois d'este pregão, só de vós-mesmos vos-podéreis queixar. Não é para vós que foi escripto. Quem o-apresentasse, ou o-permittisse á innocencia, so esse seria o seo invenenador.

Digitized by Google

Digitized by Google

Á

MEMÓRIA DO

VISCONDE DA PEDRA-BRANCA,

O ANACREONTE BRASILEIRO,

OFFERECE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Digitized by Google

Digitized by Google

PREAMBULO

DO

COMMENTADOR.

P PRIME-NOS ter que usar da palavra, quando taes vultos como Ovidio e Castilho Antonio vão arrebatar attenções. Sabemos que mal nos-era lícito, depois que elles emmudecessem, erguer voz, entre a turba obscura dos admiradores, como commentador e annotador humilde; mas, tornando-se indispensaveis algumas observações prévias, implorâmos respeitosa venia, e poucas phrases arriscaremos aqui.

Sai á luz a PARAPHRASE DOS AMORES DE OVIDIO, a duas mil léguas de distancia do auctor, sem annuencia sua, quasi a seo mao-grado. Si n'isto ha culpa, *me, me, adsum;* assumimos a responsabilidade d'ella—ousadamente, em relação aos sabios e amantes do bello; um pouco a medo, em relação ao poeta portuguez.

Digitized by Google

Castilho Antonio ama a Ovidio como ao vate mais sympathico do grande seculo— profundo no pensamento; brilhante na dicção; melodioso no metro; claro na expressão; vasto no saber; elegante nas fórmas; puro na linguagem; natural, abundante; alma privilegiada, que toda spontaneamente se desata em Rhodanos e catadupas de poesia. Os proprios defeitos d'aquelle portentoso estro nasciam ainda da opulencia da sua fecundidade, da exuberancia de suas riquezas. Natureza era como a d'estas morgadas regiões intertropicaes, cuja luxuosa vegetação transborda, aviventada e aquecida por um sol sem egual.

Resolveu, pois, enriquecer, com tão exmerado modêlo, a litteratura patria; que nenhum idioma tinha mais títulos para conferir a Ovidio direito de cidade; e, por vergonha, é último a cumprir esse devêr o que bem podéra ser primeiro.

Das *Metamorphoses* correm impressos os cinco primeiros livros, e em nosso podêr pára o manuscripto dos quasi restantes dez. Os *Fastos* acham-se tambem ja, pela mor parte, traduzidos. Agora damos os AMÕRES; de fórma que a obra gigantéa da digna reproducção de tal auctor como Ovidio ja não parecerá utopia.

Guardavamos nós, entre outros manuscriptos d'este nosso irmão, algumas das

Digitized by Google

canções, por elle vertidas em annos juvenís. No volver de 1855, vindo passar alguns mezes a este hemispherio, inamorada a sua musa da brandura do clima, da pureza do sol, da amenidade da terra, das harmonias d'estas regiões, e da poesia d'esta natureza, o vulcão arrojou, em quatro mezes, mais e melhores versos que em dez annos anteriores, applicados a trabalhos, que aquelle coração amante e generoso consídera mais uteis á humanidade. Desejou elle deixar obra de mais tomo, composta no Brazíl; e nós lhe acconselhámos que (refundido o que existia feito, e completando com o muito que faltava) désse os AMORES DE OVIDIO.

Annuíu. A sua actual severidade, para comsigo mesmo, condemnou ao fogo a máxima parte do que achára scripto, e que para outro bastaria como padrão de glória. Levou valentemente a grande empreza a cabo, como um poético passatempo, para os seos íntimos, ou antes um exercicio... não; um commettimento lyrico.

Nem nós nem outros podiamos consentir que similhante obra, rebaixada a tão diminutas proporções, só incantasse aos raros que, em nossos modestos seráos litterarios, se haviam com tão mimosas producções banqueteado. Nossas instancias haviam abalado o ânimo do poeta, cuja condescendencia ja ia levando de ven-

Digitized by Google

cidos incomprehensiveis scrupulos dos que —missionários sem missão, e sem procuração procuradores da moral pública—pretendiam desherdar o nosso idioma de riquezas, que todos os outros se-ufanam de ostentar!

Com quanto este livro não seja feito sinão para o studioso das boas lettras, e só deva manuseál-o aquelle a quem nunca prejudicaria, a seo tempo provaremos que das proprias apparentes iniquidades, no modo como são narradas pelo pagão Ovidio, se-deduzem excellentes dictames da mais severa moral. Assim o-pensava tambem o illustre traductor; porém, dando mais importancia que merecia á censura e expurgação d'aquelles theoricos prégadores, com reluctancia outorgou seo consentimento duvidoso. Chegou a compor aqui-mesmo o prólogo que vai ler-se, mas não lhe-sobejou ânimo para rasgadamente auctorizar a impressão.

Mas tambem nós o não temos para ver sepultado um dos mais grandiosos monumentos da poesia lyrica portugueza! A tocha que incendiou poemas inteiros, como o *Boi*, o *Chá*, as imitações de Shakspeare e Ducís, e maís de dez volumes de poesias, podía ainda inopinadamente accender-se; por nossa morte, o manuscripto podia tambem cahir em mãos que, dando-lhe publicidade, o-conspurcassem de erros,

Digitized by Google

sem aliás o-completarem com os commentarios que tal obra requer.

Rompemos, pois, por todas as outras considerações; e, só guiados pelo amor ás patrias lettras e á gloria do poeta, decidimos, com indiscrição ou sem ella, dar á estampa este livro, cujo monopólio era crime de lesa-majestade litteraria. Si aos olhos do auctor não tiverem estas razões o mesmo pêso que aos nossos, só nos-restará, pela inconfidência, pedirmos-lhe perdão.

Ainda outra prevenção não póde dispensar-se.

Usa Ovidio, em todas suas obras, quasi em todos seos versos, empregar comparações, imagens, referencias, narrações, das quaes nos-separam, o mais das vezes, vinte seculos em tempo, e distancia maior ainda em civilisações e usos sociaes. D'ahi resulta que os não mui versados n'essas fosseis investigações, perderáõ, a cada passo, o mimo, ou a intelligencia do texto. Urgia, por tanto, para a maioria dos leitores, que se esclarescesse o original.

Assim o-intendia tambem o sabio paraphrasta. Alguns traços, com esse intuito, havia já lançado, e indicára os pontos sôbre que lhe-convinha annotar o seo auctôr.

Digitized by Google

Como, porém, isto não passasse de plano, vimo'-nos perplexos, sem saber si deveriamos deixar ir a obra, falha dos indispensaveis commentos, ou flagellar nosso amor-proprio ao ponto de consentir na confrontação do nosso stylo, após o de penna tal. Sacrificámo'-nos.

Finda que seja, pois, a publicação da paraphrase, seguir-se-hão, sob o titulo de GRINALDA OVIDIANA, as nossas notas, nas quaes comptâmos não deixar uma só palavra, do texto, que fique menos intelligivel, para os hodiernos leitores, do que o-era para os romanos de Augusto.

A esse trabalho nos-esforçaremos por prender várias especies de interêsse, que o-tornem menos indigno dos dous grandes nomes, que somos condemnados a seguir, como sombra a corpo; e, pois que a tal arena cumpria baixarmos, ousámos arcar ainda com outras materias, intimamente ligadas com o nosso assumpto. Diligenciaremos, por tanto, que n'esses volumes se-incontre:

1.º— *Interesse moral*, onde provarmos, que das proprias leviandades do texto pagão nascem inducções vantajosas e rectos preceitos.

2.º—*Interesse histórico*, pois ahi estudaremos não só centenares de pontos de

Digitized by Google

uma religião morta, mas que tanto influiu nas sociedades, bem como innumeraveis outros da historia, dos usos, costumes, superstições, e leis dos dominadores do mundo.

3.°—*Interesse critico*, onde aventurarmos observações acêrca dos dous auctores; suas relações com as respectivas litteraturas, sua influencia.

4.°—*Interesse poetico*, porque n'essas notas inramalhetaremos muitas bellas flores da musa erotica das differentes edades e dos differentes paizes — Sappho, Moscho, Anacreonte, Propercio, Catullo, Marcial, Juvenal, Metastasio, Dircêo, Tolentino, e outros muitos, dos que pagaram seo tributo á humanidade.

Ja se-vê quão onerosa foi a tarefa que nos-imposemos. Oxalá nos não brade a consciencia pública termos, impotentes Atlantes, ficado esmagados sob o seo pêso.

Silencio ao commentador! Nem mais uma palavra d'elle escutarêis, em quanto com versos de Ovidio e de Castilho Antonio, podérem vossos ouvidos deleitar-se.

Rio-de-Janeiro, 2 de Janeiro de 1858.

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

Digitized by Google

Digitized by Google

PROLOGO DO TRADUCTOR.

Litteratura classica era universal; era unica.

Ja as aguias de Roma tinham desapparecido, e ainda os cysnes romanos dominavam por toda a parte.

Em pleno christianismo, a Europa escriptora era ainda pagã.

Devia chegar tempo em que a reacção, por mil causas determinada, acabasse com o predominio.

Outras ideas, outra moral, outras sciencias, outras instituições, e, por consequencia, outro pensar e outro sentir, trouxeram novas artes, nova litteratura.

Era revolução: devia ser destruidora, ambiciosa, intolerante. Nada do preterito d'onde sahia; tudo para os futuros indefinidos que lhe-surriam á imaginação.

Digitized by Google

Como o Capitolio cahíra, cahiu o Parnaso; como se-havia proscripto a idolatria, tambem as lettras gregas romanisadas, e, como taes, incarnadas ja em todas as linguas cultas, foram postas nas listas de proscripção dos Syllas e Mários da nova schola.

Deslembrou ou escureceu-se o que essas boas anciãs, sempre juvenis, as musas, tinham contribuido para o aperfeiçoamento d'estas mesmas linguas; condemnaram-n'as ao peior de todos os supplicios, ao ridiculo. Fez-se do Olympo despovoado um porto-franco; sôbre as ruinas do Pântheon tripudiou-se ao sabor de todas as phantasias.

Ganhou-se mais do que se-perdeu? Perdeu-se mais do que se-ganhou? Ganhou-se muito; perdeu-se muito. Outro seculo fará o balanço; mas a transformação era inevitavel; era providencial; harmonizava com mil outras metamorphoses, todas mais ou menos progressivas: acceitâmol-a como um progresso.

Hoje, que a primeira febre e os odios injustos da insurreição estão passados, póde-se ja pedir a amnistia para os *vates* foragidos.

Não são elles os parentes e os predecessores dos *trovadores* e *bardos* da nossa

Digitized by Google

edade? Predestinados, pelo genio mesmo da natureza, para viverem em todos os tempos, concidadãos de todas as gentes, reivindiquem os seos imprescriptiveis direitos de cidade. No meio do estrepito dos *alaudes romanticos*, resoem novamente as *lyras classicas*.

Na litteratura, como na politica, o progresso consiste muitas vezes em se-retroceder um pouco, logo que se-reconhece ter-se adiantado de mais, ou batido caminhos mal seguros, cujas perspectivas longinquas pouco mais eram que miragens.

A litteratura millenaria, dizia-se ha poucos annos, tinha dado o que podia dar. A poesia moderna, asseverâmol-o afoutamente, ja pasce menos do que rumina; ou, si quereis mais nobre comparação, passou os seos seis dias de trabalho, produziu o seo mundo, viu que estava bom, e n'essa visão beatifica se-ficou.

Pôr em contacto estas com aquellas theorias, estas com aquellas praticas é, ao presente, quanto a nós, o melhor arbitrio;— eclecticismo illustrado, a que ja tem dado a sua sancção talentos de primeira plana.

Muito nas boas horas continuemos a cultivar a poesia devaneadora e metaphysica, vaga e vaporosa;—a poesia-sonho, meio sceptica, meio mystica, spiritual e carnal

Digitized by Google

ao mesmo tempo, social e egoistica; — a poesia que sonda todos os arcanos, que descobre ou inventa relações contínuas entre os mundos do spirito e da materia; —poesia pantheistica, principio, meio, fim, e alma de toda a natureza.

Cultivemol-a ou, antes, cultivem-n'a os genios eleitos; mas revejamos e reconsideremos tambem aquella outra poesia que ja deu lustre a seculos de que a historia não tem de se-esquecer;—aquella poesia irmã das estatuas que não morrem, e das architecturas que, ainda em ruinas desconnexas, attrahem os peregrinos do bom gôsto; — aquella poesia menos scismadora e menos íntima, porém mais humana, mais ridente, mais dada; — que não atravessará equadores, não se-engolpharà por oceanos desconhecidos, á busca, por entre serrações e naufragios, de novos céos, novas florestas, e novos homens, mas que viaja por prazer, sempre á vista da terra conhecida;—poesia temperada, equidistante de todos os excessos, sem tanto fogo como a sua rival, mas sem tanto fumo tambem; sem tantas eminencias, mas sem tantos despenhadeiros;—poesia cujo perenne modêlo é a mesma natureza physica e moral, tal como ella se-deixa ver ou entre-ver pela maioria dos spiritos, sentir ou entre-sentir pela maioria dos corações; — poesia, por consequencia, para a qual a exacta correcção das fórmas, e a elegancia convenien-

Digitized by Google

temente sanccionada, são deveres a que não julga deshonra submetter-se.

A anarchia, ja que emfim é necessario dizer tudo, está hoje perdendo grande e muito grande numero de ingenhos bem nascidos.

Mal vem alvorecendo a edade das paixões, toma-se o alaude (o alaude está em toda a parte); não se-pergunta si tem uma scala aquelle instrumento, ou si vem afinado, ou si a falta de demarcação justa nos seos pontos não requererá mãos privilegiadas.

Ouviu-se um nome de Byron, e uns echos de Victor Hugo. ¿Que importa que, por baixo e á roda d'esse nome e d'esses echos, tantos nomes de enthusiastas frígidos e sobre-posse tenham perecido, tantas myriades de cantares ambiciosos se-tenham afogado no esquecimento?

Só se-põe a mira n'aquellas raras excepções. La vai mais um Icaro, com as suas azas ingenhadas á pressa, e mais depressa derretidas.

Muitas vezes um pouco de bom studo, um prévio assentar de mão com a poesia classica, um sujeitar a tempo as turbulencias do ânimo aos principios essenciaes do gôsto e da razão, poderiam ter affiançado

Digitized by Google

uma pagina brilhante na história litteraria ao pobre mancebo que, sem norte, sem bussola, e sem roteiro, se-lançou, barra em fóra, á procura de mundos de ouro.

A reconciliação e o restaurar convivencia sincera com os grandes poetas antigos é, por tanto, ou muito nos-enganâmos, sinão uma necessidade absoluta, uma grandissima conveniencia.

Isso distingue a velhice, que, sem desfazer nem perturbar á mocidade o que ella tem de instinctivo e impetuoso, sempre, todavia, com a sua presença, lhe-cohibe muita demasia. A velhice e as mulheres são as depositarias das tradições, que o mundo tem interêsse em conservar, atravez e a despeito das vagas successivas e turbulentas das mocidades.

Os poetas dos chamados *seculos aureos* das lettras ja foram o estudo servil e unico de nossos avós e pais. Era outro excesso, outro ridiculo, outra maneira, não menos fatal, de esterilisação.

Nesses dias, os ultimos do absolutismo litterario, que hoje se-representa insupportavel, estudavam-se as linguas de Homero, Pindaro, Sophocles, e Anacreonte; —de Virgilio, Horacio, Propercio, e Ovidio; —de Corneille, Racine, Boileau, e Voltaire;—de Ariosto, Petrarca, Tasso, e Me-

Digitized by Google

tastasio;—de Cervantes, Calderon, Lope de Vega e Garcilaso. Talvez até se-consumia n'essas venerabundas lucubrações muito mais do que era razão, pois a melhor parte dos annos, que se-podiam empregar em produzir, como esses grandes homens, malbaratava-se em extasis perante suas producções; resultando d'alli a miude certa desconfiança das proprias fôrças, certa covardia, que, inveterando-se, vinha a dar, por derradeiro, em impotencia.

Hoje, que a philosophia tem insinado o valor do tempo, e que a liberdade de exame tem pouco mais ou menos aquilatado todas as cousas, insensato e perdido empenho seria prégar aos neophytos da religião litteraria que cerrassem os olhos ao futuro, e se-remergulhassem, como-nossos paes e avós, nos estudos das linguas sabias, na admiração e imitação dos monumentos litterarios.

Pode-se, porém, desejar e, portanto, propor e pedir que se-deem á litteratura patria por meio de traducções esmeradas e elegantes, as obras-primas, em que AINDA ha muito que aprender, ou, para fallar com mais exacção, de que JA ha muito que aprender.

E observemos de passagem que nenhum dos verdadeiros corypheos da schola hodierna deixou de explorar esses scriptos,

Digitized by Google

que a plebe dos romanticos tanto escarnece, sem os-conhecer. *Vulpes ad uvam.*

O trabalho de traduzir dignamente, de nacionalisar livros taes, ¿ será, por ventura, deshonroso?

Esqueçamo-nos do cardume das violações brutaes, e inauditas sevicias, perpetradas por ignorantes e famintos contra quantos romances produz a França inexhaurivel, e confessaremos que o trasladar exmerado e primoroso não só não invalida grandes reputações, si não que, fazendo hombrear o moderno com o antigo, e confundindo-os n'um mesmo esplendor, reparte por entre ambos a gloria.

Quando Virgilio traduz Homero, é ainda Virgilio. Quando Delille e Hannibal Caro traduzem Virgilio, por elle e com elle se-immortalisam. Bocage, quasi que não brilha mais pelos seos incomparaveis sonettos do que pelas suas traducções.

Commettam-n'o, pois, varonilmente os que o-podem, e o serviço que haverão feito não será pequeno.

Não ha nação que possua uma litteratura regular, e não tenha completa no seo idioma a serie dos escriptores gregos e romanos. Entre nós, é um padrão de culto ao passado, e de incitamento

Digitized by Google

ao porvir que resta ainda por levantar. Algumas peças, das que devem intrar n'essa vasta construcção, ja se acham, sim, lavradas, e uma ou outra por maõs primorosas (não particularisaremos; o louvor arrisca mais a odios que a censura); mas as que ainda estão clamando por obreiro são innumeras e capitaes.

Os poemas que existem de Ovidio avultam inquestionavelmente na primeira linha.

Ovidio é muitos poetas ao mesmo tempo, e todos excellentes. Epico, didactico, descriptivo, tragico, philosophico, erotico, elegiaco, não houve genero em que não provasse a mão com admiravel felicidade. A sua mesma vida e a sua morte, o mysterio do seo destêrro, e o perdimento do seo sepulchro em terra de barbaros (1) são poemas que per si se-fazem na imaginação.

On est pour Ovide à quinze ans;
On est pour Ovide à tout'âge.

Emprehendi transportál-o completo á

(1) Depois da recem-finda guerra do Oriente, stão hoje affirmando antiquarios que a terra Tomitana do desterro de Ovidio fôra em Varna.

Digitized by Google

lingua patria, reservando para cupola do monumento outro poema, que me-assombra não sehaver já intentado: a vida do poeta.

Os primeiros cinco livros das Metamorphoses, imprimi-os ha já annos. Os dez restantes so carecem da lima última para apparecerem.

Os seis livros dos Fastos estão tambem quasi terminados; foram um dos meos desinfadamentos de fadigas mais sérias e uteis (2) na ilha de S. Miguel. A boa sombra com que os intendidos accolheram as Metamorphoses, affiança aos Fastos egual fortuna: a maneira da versão é a mesmissima.

Os AMORES haviam sido o primeiro dos scriptos do grande poeta a que me eu abalançára, e ainda antes de pensada a façanha de me-arrostar com todos elles.

Do meo amigo Borges de Barros (depois visconde da Pedra-Branca) me-proveiu a primeira idea.

Era (ha bastantes annos hoje!) por uma noite de verão de Portugal. Passeavamos, elle e eu, no jardim da nossa commum e

(2) Refiro-me ás minhas obras didacticas d'aquelle praso.

Digitized by Google

respeitavel amiga, a Snra. Possolo. Em jardim de tal dona, e por um formoso luar de Lisboa, de que poderiamos falar sinão de poesia? Colheu-nos em flagrante a nossa amavel hóspeda, e tomou na conversação a parte que de direito lhe-competia.

Trabalhava ella já por esse tempo na sua traducção da *Italia*, monumento de tres glorias feminis—a da poetisa Stael, a da poetisa Corinna, e a da poetisa *ella propria*. O seo delicioso spirito andava todo romanisado. (Juncto do Tejo, e em hora de saudades, de boa mente se-fala de Roma).

Devaneámos á porfia sôbre aquellas eras, tão seductoras, que todos as-recordam como si as-houveram desfructado. A intérprete da improvisadora do Capitólio fez passar por diante de nós, em visão splendida, os grandes poetas e os grandes deuses d'aquelle solo dos vulcões e dos prazeres, dos conquistadores e dos amantes.

Participando do enthusiasmo que nos-senhoreava no escutál-a, propoz-nos resuscitarmos pela poesia quanto nos fosse possivel d'aquelle grande mundo.

O meu amigo encarregou-se, a rogos meos, de Propercio e Tibullo: eu, a instancias d'elle, me-incumbi dos AMORES DE

Digitized by Google

OVIDIO. Como verdadeiros pagãos que então eramos, o-jurámos pela amorosa lua, que d'entre as ramas nos-espreitava: foi registrada a nossa promessa pela mesma que nol-a-inspirára, e que muitas vezes depois nol-a-recordou...

De tudo aquillo só resta hoje a lua, continuando a fazer poetas e enthusiastas!

A arcadica Francília, *Pastora do Tejo*, dorme, ha muitos annos, o seo ultimo somno; *o Anacreonte Brasileiro*, desceu, ha poucos dias, ao sepulchro.

Eu escrevi o epitaphio d'ella—fôra o seo último desejo; — d'elle, recebi a última charta que por ventura escreveria!

Mais uma folha voltada no livro da vida! A nossa noite romana, como o assumpto de que n'ella se-tractou, só me-vive na saudade...

Ignoro si os dous elegíacos chegaram a ser, em todo ou em parte, convertidos á lyra portugueza. Ochalá! Intérprete mais proprio não o-poderiam incontrar.

Quanto a mim, comecei para logo a minha tarefa; — interrompi-a, esqueceu. Recordei-me d'ella, após largo tempo, nos ermos da Castanheira-do-Vouga; prosegui-a para desinfado, como ja contei a

Digitized by Google

meos leitores no prologo das *Metamorphoses*; e outra vez a-puz de parte, antes de finalisada.

Na minha vinda ao Brasil, o nome e as lettras do visconde da Pedra-Branca suscitaram-me novamente o meo antigo compromisso. Desejoso de deixar alguma lembrança da minha passagem n'este pays, onde a natureza é de si tão poeta e tão amante, e incitado pelo meu muito amigo irmão, José Feliciano, decidi-me a levar ao cabo este multíplice monumento de amores e voluptuosidades.

Parte dos meos antigos trabalhos havia-se extraviado; parte achava-se envelhecida. Refiz, corrigi, apurei, junctei o que faltava; e eis-aqui, em poucas palavras, a historia da presente obra.

Poucas linhas sôbre ella.

Os AMORES DE OVIDIO podem ser considerados a diversas luzes, e diversissimamente sentenciados. Preciosos como poesia, preciosos tambem como pintura dos costumes da mais memoranda nação n'um século de grandeza, são, por isso mesmo, aos olhos do moralista severo, uma abominação e um escandalo.

Appresentava-se, portanto, como ques-

Digitized by Google

tão prévia, si sim ou não se-deviam traduzir.

Intendi que sim, pelas razões que já expendi, falando das *Metamorphoses*, e que se podiam ainda corroborar com exemplos colhidos nas paginas dos poetas christãos mais currentes e vulgares, e até nos livros sanctos.

Não ha licenciosidade, na litteratura latina, que se não possa ler em todas as linguas da Europa, já em verso, e já mesmo em prosa, sem disfarces nem rodeios.

Não só Horacio e Juvenal, não só o *Satyricon*, e o *Burro Aureo*, mas o proprio Marcial, que nem por grandes bellezas poeticas desconta a incrivel e inegualavel turpeza de suas pinturas, tudo se-tem traduzido e se-continúa a traduzir quotidianamente, a annunciar-se, a vender-se, a studar-se. Só d'esta obra que nos-occupa tem a França dezenas de versões; e quem diz *versões francezas*, diz: — obras para todo o mundo.

Uma distincção requer o bom-senso que se-faça aqui, e geralmente se-tem feito. As edições destinadas ao uso das scholas sejam, e devem ser, expurgadissimas; mas as que se-endereçam a edades ja feitas, a homens de studo, (depois de transpostas as raias sempre respeitaveis da innocencia,

Digitized by Google

e o perigoso periodo do primeiro accordar do coração), essas sería peccado contra a arte o mutilál-as; peccado que se não absolveria por consideração alguma intellegivel.

Ousei, por tanto, dar completo o meo auctor, attenuando, ainda assim, com o veo da linguagem figurada, quanto pude e soube, o excesso das suas desenvolturas. Quem acarear a cópia com o original, reconhecerá esta verdade.

Não é tudo. Para supprimir até a possibilidade de pretextos a *zeladores da castidade nos scriptos* (que nem sempre são a gente mais casta no viver), tive cuidado de mandar pôr em grandes lettras, logo no introito do livro, a declaração franca de qual era a sua natureza, e quaes as mãos de que se-devia resguardar; pregão esse que não é mais que uma repetição do que o mesmo *Ovidio* (professor confesso e laureado de amores e seducções) havia declarado em diversos passos d'esta mesma obra, e nomeadamente na primeira canção do livro segundo. Assim que, por esta parte, ficam justas as nossas contas.

É um livro importante a muitos respeitos: porisso se-stampa. É um livro perigoso para certas pessoas: porisso vai marcado bem claramente.

Digitized by Google

Fique na parte recondita das bibliothecas, onde se-teem, entre centenares de obras appreciadas, o Boccacio, o Ariosto, o *Amintas* do Tasso, com o seo prologo em verso contra a honra, os *Contos* do bom Lafontaine, os da *Rainha de Navarra*, o Larraga, e outros casuistas, indispensaveis a confessores, mas que muito mais rechearíam de peccados as confissões, si por todas as maõs curressem permittidos.

Traductor fiel e conciso nas *Metamorphoses* e nos *Fastos*, preferi ser paraphrasta nos AMORES. A índole d'esta obra stava pedindo, na nossa língua, a fórma lyrica, a metrificação multicor e scintillante, mimos e graças do dizer, a que o grave e heroico decassyllabo se recusa. Pradarias smaltadas de flores, e matizes de arco-iris, não se-debuxam com traços de lapis; exigem palheta bem provida.

Ao titulo de *Elegias* substitui o de CANÇÕES. O termo *elegia* não tem ja hoje a extensão de significação que tinha no tempo de Ovidio;—reverteu á sua melancholia originaria:

Versibus impariter junctis querimonia primum,
Post etiam inclusa est voti sententia compos.

A denominação de *elegia* era, portanto, inintelligivel, applicada á maior parte

Digitized by Google

d'estes poemas. O termo de *canção* abrange-os a todos, tomado todavia no sentido amplo, que de propriedade lhe compete, e não n'aquella estreiteza mesquinha e ridícula em que o-emparedaram quinhentistas e seiscentistas.

O character lyrico das minhas canções ovidianas autorisava-me, induzia-me, obrigava-me até a transcurar frequentes vezes a economia do texto-modêlo; a trocar gallas antigas por outras mais á moda; aqui, a incurtar e apanhar as roupagens em obsequio á elegancia; alli, a diffundil-as e sinuál-as para deixar apparecer os bordados e os recamos. Menos me-importou o como Ovidio tinha concebido e expresso os seos *amores*, do que o como os-expressaria, si a nossa fôra a sua lingua, e os usos e gôsto litterario de então, os mesmos que são hoje.

Pelo que respeita ao metro, não só empreguei todos os possiveis, desde os microscopicos dissyllabos até aos magestosos (e nunca assaz recommendados) alexandrinos, sinão que procurei combinál-os e intertecêl-os, para dar ás strophes a maxima variedade.

É um studo de fórmas, porém importante, sôbretudo hoje, que, por uma parte, os ouvidos, affeitos a melodias e harmonias, exigem que os-lisongeiem, e, por outra

Digitized by Google

parte, o vulgo dos versejadores, procedendo n'isto á toa, como em tantas outras cousas, mostra ignorar crassamente as relações mui reaes que podem existir entre a spécie do metro e a do pensamento, e sobretudo do affecto, e entre a spécie d'estas duas cousas importantissimas e a extensão, contextura e mais particularidades da strophe.

É innegavel que a poesia lyrica portugueza, de poucos annos para cá, se-tem apurado singularmente; e já conta em seo thesouro (por entre joyas mais brilhantes do que finas), não poucas de valia inestimavel.

Si concurri ou não, com as minhas observações, com os meos conselhos e exemplos, para este recente exmêro do rhymar, do metrificar, e do afinar a expressão poetica pela idea poetica, outros o-confessam; não o-direi eu. Não é em vida, e jamais pelas proprias maõs, que se-faz a justiça; ella se-fará depois. Na sepultura ha tempo de sobra para sperar, tambem o-disse o nosso *Ovidio* na última canção d'este livro primeiro:

Depois de ter aos vivos perseguido,
Vai morrer sobre os tumulos a inveja,
E dá-se o preço a cada qual devido.

São, pois, estas quarenta e nove can-

Digitized by Google

ções novos specimens practicos de theorias de fórma, ja por mim, e ja tambem por outros, praticadas com prospero resultado. Nomes, não os-quero citar. Por taes mãos e tão baralhada corre, no presente, a crítica n'estes assumptos, que tecer um louvor merecido, é desafiar as pedras de todos os quatro cantos da praça.

A ordem distributiva d'estes poemetos está longe de ser a mais acertada ou a mais artistica. Canções ha ahi que estão largamente intervalladas, quando, postas em contacto, se-mutuariam e augmentariam os seos effeitos, ora pelas relações de similhança, ora pelas de opposição.

Podia eu ter invertido desde ja a collocação; mas, ousando aliás tanto, não me atrevi a desmantelar o monumento, para dar ás suas peças diversa architectura.

Para ahi fica, pois, tal como sahiu das maõs do grande auctor, e tal como dezoito seculos o-tem venerado.

Dezoito seculos deante de um monumento são o seo elogio mais cabal!

Rio de Janeiro, rua do Lavradio n. 97, 26 de abril de 1855.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Digitized by Google

Digitized by Google

OS
AMORES,
DE
OVIDIO.

Digitized by Google

Digitized by Google

LIVRO I.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 1.ª

Metamorphose da trombeta em lyra.

Ser de Homero rival lembrou-me um dia;
Cantar guerras, heroes; e em nobres voos
Á grandeza do assumpto alçar meos versos.
Já na dextra o clarim, na fronte os louros,
Na mente a gloria, me-insaiava aos cantos.
Riu-se Cupido... e rindo-se furtou-me
O laurel, o instrumento;
De rosas e de murtas
C'roou-me n'um momento;
Pôz-me nas mãos a lyra
Tão cara á mãe de Amor.

Quem te-deu esse jus em poesia,
Vão menino, cruel invasor?
Tem as musas em nós sob'rania;
Não são vates vassalos de Amor.

Digitized by Google

Que sería si Venus tomasse
Suas armas á Deusa guerreira?
Si Minerva co'o sésto se-ornasse?
Loura Ceres nos bosques reinasse?
E esquecida da caça ligeira
Fosse ás messes Diana imperar?
Deve intonso pacifico Apollo
Adornar-se co'a lança da morte?
Saberia na mão de Mavorte
Branda lyra seos sons espalhar?

Vasto como o universo é teo dominio,
Sobejo o teo poder. Para que aspiras,
Menino ambicioso, a mais imperios?
Por tudo o mais ser teo, hade ser tua
A Castalia? o Parnaso? e Cyrrha? e Tempe?!
No gremio ao Deus da lyra, a propria lyra
Não ficará segura?
Apenas tenho escripto uma só linha
Em magestoso estylo,
Eil-o acode a afrouxar-me, e a destruil-o!

« Amor, amor! » lhe disse « É vã tua fadiga.
« Não tenho que pintar nos curtos versos teos.
« Não tenho Adonis lindo, ou linda rapariga,
« A quem tribute o canto, e que remonte aos céos. »

Ouvindo o meo queixume, abre em silencio a aljava;
D'entre mil settas de ouro a mais aguda extrahe;
No arco a-imbebe; e em quanto ao peito m'a-apontava
« Si assumpto queres » diz « na frecha assumpto vai. »

Digitized by Google

Céos! que mudança
N'alma liberta!
Que mão tão certa!
Que íntimo golpe!
Que acerba dor!

Deliro em turbidos,
Novos affectos!
Queimo-me, abraso-me!
Adeus projectos;
No peito indomito
Já reina amor.

Pois que é fado, e o-quiz um nume,
O nume que excede aos mais,
Iremos soltar na lyra
Verso brando ao som dos ais.

Adeus gloria, adeus combates!
Adeus vós e o metro vosso!
Eu, queria; amor oppoz-se...
Amor se-oppõe, já não posso.

Nas tranças Idalia murta,
Inglorio plectro na mão,
Vem pois, Musa, e em verso humilde
Cantemos a escravidão!

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 2.ª

Cupido triumphante.

Qual será d'isto a causa!?
Fofos colxões macios
Parecem-me penedos;
Do leito os véos nocturnos
Não me-repousam quedos.

Que longa noite, o' Deuses!
Não tive um só momento
Do somno appetecido!
Já sinto o lasso côrpo
De me-voltar dorido.

Que seja amor, não creio;
Pois como o não sentíra,
Si em mim tivesse amor?..
Viria disfarçado
Ferir-me o Deus traidor?

Digitized by Google

Ah! sim; pelas intranhas
As settas me-vararam
Até ao coração.
De amor, de amor é obra
A interna agitação.

Cedo? ou resisto? Oppor-me,
Dera violencia ao fogo;
Succumbo ao Deus fatal.
Um mal que é bem soffrido
Não é de todo mal.

No facho sacudido
Recresce a labareda
Com fôrça crepitante;
Parado o facho, afrouxa,
Decahe no mesmo instante.

É sempre mais punido
Novilho que relucta
Ao jugo seo pesado,
Que o boi que humildemente
Vai arrastando o arado.

Freio possante e duro
A boca despedaça
De indomito ginete;
Mas poupam-n'o, si prompto
Co'as hostes arremette.

Digitized by Google

Amor co'os seos rebeldes
Emprega vingativo
Dobrada crueldade;
E poupa aos que seo jugo
Supportam de vontade.

Eu de vontade o-soffro;
Confesso-me vencido;
Teo novo escravo sou;
E livremente os pulsos,
Cupido, aos ferros dou.

Mais guerra não precisas;
Perdão e paz supplico;
Eis-me a teos pés inerme...
Desdouro te-seria
Com armas combater-me.

De myrtho cinge a fronte!
Junge as maternas pombas!
Ufano o proprio Marte,
Á tua mãe surrindo,
O coche seo vai dar-te.

Irás em pé no carro,
Por entre immenso povo
Com triumphaes clamores.
Batendo airoso as redeas
Aos niveos voadores.

Digitized by Google

Mancebos prisioneiros,
Escravas raparigas,
Caminharão diante;
Terás em tanta pompa
Uma ovação brilhante:

Eu mesmo, novo escravo,
Irei mostrando a f'rida
Que ora me-rasga as veias;
O animo alquebrado,
Os pulsos em cadêas.

Co'as mãos atraz ligadas,
Irá, captiva, a grave
Razão já sem valor,
O pejo, e tudo quanto
Se-oppõe ao Deus de amor.

Tudo, ao soberbo aspecto,
Ha de temer-te, ó Nume!
O povo, as mãos alçando
« Viva o triumpho! viva! »
Te-seguirá gritando.

Ir-te-hão, por companheiros,
Os férvidos affagos,
Os erros, o furor,
Constantes alliados
Nos arraiaes de amor.

Digitized by Google

É só com taes guerreiros,
Que homens e numes vences;
Se um dia os-despedisses,
Do mundo que avassallas
Talvez baldão te-visses

Venus, do ethereo Olympo
Applaudirá contente
As honras que tu gozas,
E sobre ti, chuveiros
Espalhará de rosas.

Coberto de aurea veste
Sobre douradas rodas,
Ostentarás cambiantes,
Nas azás, nos cabellos,
Mil pedras scintillantes.

E se és, qual te-conheço,
Has-de, então mesmo, em tôrno
Mil fogos excitar,
Mil settas de passagem,
Aos corações vibrar.

Inda que o tu quizesses
Conter jámais podéras
Teos leves passadores;
Que em torno a vivo incendio,
Tudo arde em seos ardores.

Digitized by Google

Tal era em seo triumpho
Baccho, depois que havia
O Ganges subjugado;
Elle, puchado a tigres,
A pombas tu puchado.

Ah! se eu, tyranno amavel,
Do sacro teo triumpho
Posso tambem ser parte,
Venceste! as settas poupa,
Porque has de em vão cançar-te?

Vê como as guerras tracta
O generoso Cesar
(Vós sois no sangue unidos)
Co'o braço com que vence,
Protege os seos vencidos.

Digitized by Google

CANÇÃO 3.ª

Os titulos do poeta para ser amado.

São justos meos rogos:
Aquella que ha pouco
Minh'alma roubou,
Ou terna se-inflamme,
Ou faça que eu ame,
Que eu arda por ella,
Sem nunca a-deixar!

É muito; inda é muito:
Consinta em ser alvo
Da minha paixão.
A Deusa que impera
Em Gnido e Cythera,
Meos férvidos rogos
Se-digne escutar!

Digitized by Google

Acolhe piedosa,
A quem longos annos
Fiel te-ha de ser;
Acolhe um amante,
Que sempre constante,
Que sempre extremoso,
Te-jura adorar.

Bem sei que não brilho
Co'as honras herdadas
De antigos avós;
Equestre ascendente
Reflexo esplendente
Á pobre familia
Mal póde emprestar.

De campos que sulquem
Arados sem conto,
Não sou possessor;
Não vivo em grandezas,
Nem tinhão riquezas
Os paes de que a sorte
Me-quiz derivar;

Mas honra-me Phebo
Co'as nove irmãs bellas;
E Baccho gentil,
E o tenro Cupido,
Que, terno e rendido,
A ti, minha Deusa,
Me-veiu entregar.

Digitized by Google

Illustre me-tornam
Costumes sem mácula,
E fé sem egual;
A nua Verdade,
A simplicidade,
E o pejo, das faces
Encanto sem par.

De mil não me-agrado;
Não gyro inconstante
De amor em amor;
Dá credito á jura
De voz não perjura:
Nenhuma, onde reinas,
Espere reinar.

Oh! possa comtigo
Os annos que o fuso
Das Parcas me-der
Vivêl-os gustoso,
Findál-os saudoso,
E já moribundo
Sentir-te a chorar.

Vem pois a meos braços;
Vem ser de meos versos
Assúmpto feliz;
Comtigo a meo lado,
Meo estro abrasado
Do objecto a grandeza
Protesta egualar.

Digitized by Google

Nos versos renome
Obteve a que em bella
Novilha se-fez;
E aquella a que um nume
Infiel por costume,
Em cysne mudado,
Logrou desfructar.

Dos versos tem gloria
A que sobre o dorso
Do touro fallaz,
Tremendo, chorosa,
Co'a mão melindrosa
Ás pontas segura,
Sulcou vasto mar.

Tambem pelo mundo,
Tambem nós seremos
Cantados assim;
Teo nome querido,
Ao meo sempre unido,
Transpôr ha de os evos,
Da morte zombar.

Digitized by Google

CANÇÃO 4.ª

Precauções para uma ceia.

Tambem elle? tambem? Que! teo marido
Á suspirada ceia hade ir comnosco?!
Ah! fosse-lhe esta a ultima das ceias!
Ver-me-hei pois, como os outros, reduzido
A só te-olhar?... Olhar os meos amores...
E outrem lhes-tocará! Tu, reclinada,
A aquecer docemente o peito de outrem!
E elle, quando quizer, lançar-te ao collo
A praguejada mão! Não mais te-admire
Que Hippodamia, a candida, accendesse
Tão duras guerras em brutaes convivas;
Como elles não habito incultos bosques,
Meio animal feroz não sou como elles,
Mas duvído se os sofregos desejos
Poderei refrear, conter-me ao vêr-vos,
Não te-lançar as mãos, fugir comtigo.

Digitized by Google

Entretanto, ó meo thesouro,
Minha vida e meo tormento,
No amoroso pensamento
Grava as leis que te-vou dar.
Não as-leve o surdo vento
Não se-percam mallogradas;
Por Amor sejam guardadas
Leis que amor te-vai dictar.

Vem tu só, vem primeiro que o Argos,
Para que... não te-posso explicar,
Não prevejo, não sei; todavia,
Busca sempre mais cedo chegar.

Quando o-vires á mesa já posto,
E tu fores pousar a seo lado,
Vae com rosto modesto, mas pisa
O meo pé co'o teo pé delicado.

Sempre attenta, os teos olhos me-observem:
Dos meos gestos, do olhar falador
Nada percas! recebe e compensa
Minhas notas furtivas de amor.

Co'as feições, co'o sobr'olho, co'a fronte,
E co'o vinho entornado, e co'os dedos,
Ah! meo Tudo, de mil e mil modos
Pintarei, relerás meos segredos.

Si quizeres dizer-me: que abrazas,
Que não pódes no ardor socegar,
Que o prazer que desejo, desejas,
Leva á face purpurea o polgar.

Digitized by Google

Si um motivo qualquer de arguir-me,
De queixar-te de mim, julgas ter,
O queixume, a arguição, se-declarem
Pela mão de uma orelha a pender.

Volve o annel em mui rapido gyro,
Terna luz, doce prenda adorada,
Quando vires que faço, ou profiro
Uma phrase, uma acção que te-agrada.

Quando os males que o esposo merece
Lhe-pretendas raivosa imprecar,
Toca a mesa co'a mão, como é de uso
Aos que rogam fazêl-o no altar.

Quando te-incher, te-apresentar um copo,
Cautela! a sede esconde;
Não lh'o-acceites—« Que o-beba »—lhe-responde...
Depois occultamente
Pede outro copo ao proximo servente.

Mal que ao servo afortunado
Impaciente eu vir que entregas
Vaso já por ti libado,
Novo Tantalo amoroso
D'entre as mãos lh'o-irei roubar.

Onde os labios teos puzeste,
Porei logo ardentes labios;
Beberei nectar celeste;
Endeusado, os proprios numes
Terão bem que me-invejar.

Digitized by Google

Mas suppõe, que atrevido,
Se-lembra de offertar-te um, que provára
Delicado manjar... Prompta o-rejeita!
A bôcca onde ha tocado, a mão que o-serve,
O affecto com que o-dá, tudo aborreças.

Não soffras que ao teo collo incoste o braço;
Em seo rigido peito
Jamais reclines a amorosa fronte.

Dos pomos o alvo par, os dous botões de rosa,
Inveja de Cyprina, e teo thesouro e meo,
Meiga os-reserva a amor, esquiva-os rigorosa
Ao toque livre e audaz do barbaro Hymeneo;
Prohibe, sim, prohibe á mão que tanto odeio,
Rasgar meo coração, tocando no teo seio.

Mas sobre tudo evita o beijo abrasador;
O beijo é da ternura o intérprete maior;
Da Deusa de Cythera o filho mais querido;
Se a outro o-dás, é furia; é céo, por mim colhido.

Se um só beijo lhe-deres, ah treme!
Basta um só, basta a sombra de um beijo!
Adeus mundo, adeus siso, adeus pejo;
Serei publico, invicto amador!

« Isto é meo! » gritarei « Toda é minha;
« Meos os beijos, a bôcca, o semblante;
« Tudo é meo. » E feroz, delirante,
Roubar-te-hei ao cruel roubador.

Mas ah! que inda este mal, estes supplicios

Digitized by Google

Os maiores não são; basta que os-vejo;
Mas o que o manto cumplice recata,
O que os olhos não vêm, mas vê-o a mente
O que no peito attonito, ás escuras,
O amor medroso inventa,
E o coração, gelando-se, imagina,
De todos meos temores,
Esse o maior temor que me-assassina.

Ah! por amor t'o-peço; ah não toleres
Que das mimosas curvas
Se-te-approxime o rustico joelho,
Ou se-una a d'elle á tua coxa airosa,
Nem pé tão vil a planta tão mimosa.
Receio tudo; em caso egual mil vezes,
Eu mesmo, não t'o-escondo, hei commettido
Travessuras de amor, placidos furtos...
Os meos annaes contemplo
Tremo de susto do meo proprio exemplo.
Mais de uma vez reclinado,
Em lauto festim nocturno,
Tive bellas a meo lado,
Bellas sim, mas não tão bellas,
E senti-me endoidecer!

Quantos bens o manto amigo
Não cobriu n'esses instantes!
Dando a amor o altar de Baccho,
Par ditoso, igneos amantes!

No transporte mais vehemente
Antecipada esgotámos,
Sem ser vistos, mutuamente,
Toda a taça do prazer.

Digitized by Google

Bem sei que egual fraqueza em ti não cabe;
Sei bem que o não farás... pódes no entanto,
Por livrar de suspeitas a innocencia,
Franca sempre mostrar-te, aberto o manto.

Ao teo monstro importuno
Insta sem descançar, insta que beba;
Mas cuidado, cuidado em que um só beijo
Co'os rogos não te-escape:
Em quanto elle beber, vê si tens arte
De ir carregando a furto, e sem que o-sinta,
No copo não mesquinho
Dóse maior de generoso vinho.
Si adormece, ao logar, ás circumstancias,
Á occasião, a amor pertence o resto.

Em fim, para ausentar-te
Erguer-te-has; todos nós nos-ergueremos;
Não te-esqueça ir no meio
Da confusão dos soltos convidados;
Ou tu por mim, de certo,
Ou eu por ti, seremos encontrados.
Mesmo então na passagem
Dá-me um olhar, um toque, um riso, um nada;
Tudo aos amantes é de amor linguagem.

Ah! desgraçado! ah triste! em vão me-canço, em vão!
Podem cautelas taes servir-me algumas horas;
Mas taes horas de gosto em breve fugirão;
A noite se-adianta; incurtam-se as demoras;
A noite, a infesta noite, a noite detestada,
Te-furta o adorador, me-rouba a minha amada.

Digitized by Google

O teo monstro me-foge comtigo;
Vai-te em casa comsigo fechar;
Em silencio chorando te-sigo;
Duro e avaro, o portão inimigo
Me-ouvirá toda a noite a queixar.

Já, já sinto o ditoso temerario
Beijos tomar... e não tomar só beijos;
Dar-lhe-has, e por dever, e sem te-oppores,
O que só dás furtivo aos meos desejos,
O que é suprema gloria aos meos amores.
Mas o que ao menos podes,
E te-rogo, e te-ordeno, e te-conjuro...
É que dês violentada,
Que dês como forçada, o que lhe-deres;
Que não haja caricias, que não ouça
Uma só phrase meiga;
Que a doce Venus, quando mais o-anceie
Os gostos lhe-falseie;
Faze, si podes tanto
Que não ache prazer entre os teos braços;
E, si não é possivel...
Ao menos tu conserva-te insensivel.

Mas qualquer que d'esta noite
Seja a historia, ó prenda cara,
Com a noite que a-gerara
Se-dissipe aos olhos teos.

Si eu, zeloso, no outro dia,
Fôr, teimoso, interrogar-te,
Tu m'o-nega, tu porfia,
Chama a Styge; invoca os céos!

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 5.ª

Aventura meridiana.

Era na estiva quadra! Intenso meio dia
Pedia um respirar;
No meio do meo leito
Me-deito a descançar.

Janella entre-fechada, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantem;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem;

Penumbra voluptuosa, egual á que abre a esphera
Á espera do arrebol;
Ou á que ensombra os ares
Si aos mares baixa o sol;

Penumbra tão propicia á timida belleza
Que, acceza em seo pudor,
Quer dar, mas em segredo,
Sem medo o seo amor.

Digitized by Google

Eis vejo entrar Corinna, em tunica re-solta
Involta, e nada mais;
Chovem-lhe ao seio os bellos
Cabellos divinaes.

Mais linda nunca foi Semiramis intrando
Ao brando toro seo;
Nem Laïs que em seos encantos
A tantos accendeu.

A tunica (mas rara; apenas vella o pejo.)
Forcejo em lhe-arrancar,
Mão que sobre ella alveja
Forceja em n'a-guardar.

Porfio; ella se-oppõe... como quem da victoria
A gloria obter não quer!
Entrega-se! eu conquisto!
Que avisto! que mulher!

Que estatua de Cyprina houve jamais tão bella,
Como ella em tal nudez!
Nem um sinão descobres
Aos nobres dons que vês.

Que hombros! que braços nus! que botões em dois mundos,
Jucundos vejo arfar...
Por labios abrasados,
Rosados, a chamar!

E o peito! o ventre! o lado! o airoso da estatura!
Cintura tão gentil,
E a coxa que se-espreita,
Refeita e juvenil!..

Digitized by Google

Bellezas apontar onde tudo é belleza
Empresa vã tentei ;
Basta ! A belleza sua
Tão nua a mim junctei.
Quem ha que ignore o mais ? Do almo prazer mais doce
Passou-se á languidez...
Meios dias como esse
Tivesse eu muita vez.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 6.ª

Queixas a um Guarda-portão.

Tu, que á porta de uma Deusa
Vigias agrilhoado
Em ferrea, indigna corrente,
A' Deusa trago uma offerta,
Surge á pressa, abre, consente
Que lh'a-possa apresentar.

O que te-peço é bem pouco;
Não t'a-exijo toda aberta;
Basta que a-tenhas cerrada;
Basta que eu, de lado, e a custo
Para ir ter co'a minha amada
Ache por onde passar.

Tenho, desde que me-intendo,
Feito campanhas de amores,
E com tal zêlo servido,
Que hoje, astuto veterano,
Magro, leve e destemido,
Brexa estreita sei galgar.

Digitized by Google

Amor logo aos seos recrutas
Ensina a transpôr vigias,
Sem que a sombra os-atraiçôe,
Sem que dos passos furtivos
Um leve ruido sôe,
Que possa attenção chamar.

N'outro tempo, inda me-lembra,
Temia as sombras da noite,
Os vãos phantasmas temia;
Ficava cheio de assombro
Si algum temerario via
Nas trevas affoito andar.

Riu-se amor co'a mãe formosa
Dos meos frivolos temores;
Riu de modo que eu lh'o-ouvisse;
Voltou-se a mim gracejando:
« Sempre és covarde » me-disse;
« Heroe te-quero tornar. »

Não tardou. Senti seo fogo;
Passou-me do peito á mente;
Mudei-me de extremo a extremo;
Já não me-aterram phantasmas;
Já ferreos punhaes não temo;
Já sei de noite girar.

Só de ti, de ti me-assusto;
Contrario receio achar-te;
A ti me-humilho somente;
Na tua mão é que existe
O só raio, o raio ardente
Que me-póde anniquillar.

Digitized by Google

Ah ! vem vêr, e para o-veres
Dá volta á chave inhumana;
Vem, te-supplico, ver quanto
O limiar já scintilla,
Regado co'o vivo pranto
Que me-fazes derramar.

Recorda-te que de vezes
Para os rispidos açoites
Já prompto estavas despido,
E eu vendo-te assim tremente
Fui, do teo mal condoido,
Tua senhora implorar.

Si pois os teos infortunios
Tanta vez se-dissiparam
Pela minha intervenção,
Agora, atroz impiedade !
¿ Contemplas sem compaixão
Meo mal, que pódes findar ?

Remunera os meos serviços !
Si agora grato me-fores,
Ter-me-has protector constante:
Da noite as horas se-passam;
Approveitemos o instante;
Por mercê, deixa-me intrar.

Assim mão piedosa e prompta
D'esses vinculos te-solte;
E da aquatica bebida,
De que os servos nunca passam,
O licor que alegra a vida
Vingue a flux o teo padar.

Digitized by Google

Duro guarda, alma de bronze,
Surdo, insensivel te-mostras
A rogos ternos e justos;
Teimosamente fechada
Sobre seos umbraes robustos
Deixas a porta ficar!

Concedo que em bravo assedio
Se munam com segurança
Portões de cidade altiva;
Mas quando só paz te-cerca,
Não é prudencia excessiva
Assaltos acautelar?

De que modo tractarias
Barbaras hostes rompentes
Tu, que assim exclues o amante?
Da noite as horas se-passam;
Approveitemos o instante;
Por mercê, deixa-me intrar.

Ouves estrepito de armas?
Trago infrene soldadesca?
Vês-me apparato inimigo?
Si não venho só de todo
É porque amor vem comigo....
Não n'o-sentes suspirar?

Vir eu sem este meo socio
Eis o que fôra impossivel,
Pois segue sempre os meos passos;
Mais facil fôra, mais facil
De mim soltar-me em pedaços
E a existencia conservar.

Digitized by Google

Comigo pois o amor trago
E o terno calor que aos peitos
Moderado Baccho accende;
Trago esta c'roa a cingir-me
Mádida coma que explende,
De perfume inchendo o ar.

Quem de taes armas se-teme?
Quem arrostál-as não ousa?
Ah! cumpre os rogos do amante!
Da noite as horas se-passam;
Approveitemos o instante;
Por mercê, deixa-me intrar.

Que te-demoras? Não cedes?
Ou brando somno te-opprime,
Somno esquivo aos amadores?
E por isso o vento leva
Minhas preces, meos clamores,
Sem que-os haja de escutar?

Mas lembro-me que, ao principio,
Quando eu queria occultar-me,
Sempre álerta e de vigia
Até ao meio da noite
Rondando a porta te-via,
Sem o somno te-assaltar.

Talvez, talvez em seos braços
A que impera na tua alma
Agora ao seio te-aperta:
Oh! que si a tua ventura
D'esta maneira tens certa,
Como te-devo invejar!

Digitized by Google

A trôco de gloria tanta,
Vinde a mim, servis cadeias,
Preso em vós serei triumphante.
Da noite as horas se-passam;
Approveitemos o instante;
Por mercê, deixa-me intrar.

Illudem-me os meos desejos? . . .
Ou senti em realidade
Os gonzos mover-se um pouco,
As duras portas abrir-se,
E com som pequeno e rouco
A minha attenção chamar?

Meos desejos me-illudiram!
Quem fez ressoar a porta
Foi rijo encontrão do vento.
Ai de mim! Como souberam
Crueis auras n'um momento
Minha esp'rança dissipar!

Si ainda, ó Bóreas, te-lembras
Da tão formosa Orytía,
Por tua furia roubada,
Vem, soccorre-me, derriba
Esta porta despiedada
Com teo violento soprar.

Profundo escuro silencio
Reina por toda a cidade;
Cae o orvalho penetrante:
Da noite as horas se-passam;
Approveitemos o instante;
Por mercê, deixa-me intrar.

Digitized by Google

Ou eu já prompto á violencia,
Já disposto ao fogo, ao ferro,
Contra estes soberbos lares...
Co'o facho que trago acceso,
Os-farei por esses ares
Em vivo incendio voar.

As trevas, o amor, o vinho
Da moderada brandura
Costumam ser inimigos:
A noite desterra o pejo,
Do receio dos perigos
Baccho e amor sabem zombar....

Usei de todos os meios!
Ora humilde, ora arrogante,
Tudo, ai, tudo sem proveito;
Como a porta de que és guarda
Insensivel foi teo peito
Ao meo contínuo rogar.

De uma dama graciosa
Ser o guarda, tu, perverso,
Tu, barbaro, não devias;
Só em carceres horrendos
Só em negras enxovias
Te-cabia vigiar.

Já lá seo carro orvalhoso
A Aurora está preparando
Para assomar no Oriente:
A seos diurnos labores
Já o gallo diligente
Os pobres entra a chamar.

Digitized by Google

Vae-te, Grinalda! eu te-arrójo
De minha não leda fronte;
Eu te-deixo despresada!
Ahi ficas da noite o resto
Da minha dormente amada
Sobre o esquivo limiar.

Pela manhã, quando a bella
Assim te-vir humilhada,
Te-vir co'o pó confundida,
Tu lhe-serás testimunha
De noite tão mal perdida,
Que ahi passei a chorar.

Tal como és, o céo te-guarde!
Eu me vou! conhece o fogo
Do amor em que ardo constante!
Escravo torpe e indolente,
Que não abrigaste o amante,
Adeus! eu te-vou deixar.

Adeus, umbraes insensiveis,
Adeus limiar tyranno,
E vós, portas, que lavradas
Fostes do roble mais duro,
Vós, portas, que despiedadas
Me não deixastes intrar.

Digitized by Google

CANÇÃO 7.ª

Perdão!

Si algum amigo me-escuta,
Agora, que a meos furores
Succede a paz da rasão,
Em meos pulsos, que o-merecem,
Lance pesado grilhão;

Pesado grilhão me-opprima,
Pois contra a minha deidade
Ousadas mãos levantei;
Ei-la a chorar o funesto
Insulto que perpetrei.

N'esse instante eu poderia
Contra os que a vida me-deram
Impio braço levantar;
Poderia os proprios numes
Insolente flagellar.

Digitized by Google

Mas o heroe do forte escudo,
Ajax, correndo as planicies,
Quando tambem delirou,
Sem causa, mansos rebanhos
Não feriu, não derrubou?

E Orestes que, allucinado,
Vingava a paterna morte,
Nas intranhas maternaes:
Armas, armas não pedia
Contra as Deusas avernaes?

Será certo que eu ousasse
Tão bem toucadas madeixas,
Madeixas taes desgrenhar,
Que desgrenhadas souberam
Seos encantos augmentar?

Assim tambem desgrenhada
Atalanta era formosa,
Quando, arco e frecha na mão,
Seguia as menalias feras
Que lhe-fugiam em vão.

Assim pelas ermas praias
A despresada Cretense
Sôlta em lagrymas correu,
Levando-lhe o vento as velas
E as promessas de Theseo.

Assim tambem, só diversa
Em ter enastrada a coma,
Se-viu Cassandra afrontar,
Minerva, em teo proprio templo
Á face do teo altar.

Digitized by Google

Quem ao vêr-me em tal arrojo,
Não gritaria « Suspende!
« Insano verdugo atroz. »
Só ella nada dizia;
Prendia-lhe o susto a voz.

Mas para exprobrar meo crime,
Inda, guardando silencio,
O semblante lhe-bastou;
Tacito pranto vertia;
Seo pranto réo me-tornou.

Antes eu visse meos braços,
Antes os-visse dos hombros
Soltos em terra cahir;
D'esta parte de mim mesmo
Podia mais prescindir.

Ai de mim! quanto fui louco!
De minhas forças somente
Á minha custa uso fiz;
Só me-serviu tanta audacia
Para tornar-me infeliz.

Ah! que tenho eu mais comvosco!
Mãos crueis, fostes ministras
De attentados, de furor!
Soffrei de justas cadeias,
Soffrei o peso oppressor!

Não seria eu castigado
Si dos romanos ferisse
Inda o minimo plebeo?
Pois contra a que sirvo escravo
Será mais o poder meo?

Digitized by Google

De sacrilega impiedade
Que exemplo ao mundo funesto
Deixou Diomedes feroz!
Elle uma Deusa feríra,
Eu sigo-lhe o exemplo atroz.

Mas elle é menos culpado.
A que eu feri, eu jurava
De a-adorar sempre fiel;
E contra inimiga Deusa
Diomedes só foi cruel.

Vae, vae, vencedor, apresta
Soberbo, honroso triumpho.
Na frente o laurel põe já;
Rende a Jupiter mil graças,
Que tal victoria te-dá.

O carro triumphal te-siga
Immenso povo, gritando:
« Viva o novo, audaz heroe,
« De cuja dextra invencivel
« Uma formosa se-doe! »

Co'as longas tranças dispersas
Preceda ao soberbo carro
A captiva immersa em dôr,
Que a não ser magoada face,
Só teria a nivea côr.

Ah! seo rosto era mais proprio
Para de bejos ardentes
Vivas nodoas conservar,
E o collo signaes impressos
De terno dente mostrar.

Digitized by Google

Mas já que em fim pela ira,
Qual por tumida corrente
Arrebatar me-deixei,
E a colericos transportes
Intrada em minha alma dei;

Não deveria bastar-me
Contra uma timida joven
Usar de reprehensões?
E trovejar-lhe ameaças
Em violentas expressões?

Ou, para mais fundo opprobrio,
Á tunica arrebatar-lhe,
Até meia a-descobrir,
Até meia.... que o restante
M'o-havia o cinto impedir?

E tanto pude, e ousei tanto
Que lhe arranquei os cabellos,
Da fronte ingenua e gentil;
Ferindo-lhe as roseas faces
Com mão scellerada e vil!

Ella, immovel e pasmada,
Ficou pallida; e de todo
A rubra côr lhe-fugiu;
Qual estatua que de Pareo
Niveo marmore sahiu.

Eu a-vi desfalecida;
Vi seos membros agitar-se
Em pavida convulsão,
Qual o chopo em cujas ramas
Gyra inquieta viração;

Digitized by Google

Ou qual a cana delgada
Que apenas zephyro adeja,
Entra logo a tremular,
Ou qual aos sopros do Noto,
Se-encrespa a face do mar.

Por longo tempo suspenso
O pranto sobre seo rosto
Introu por fim a correr,
Como a neve se-costuma
Gotta a gotta dissolver.

Foi então que de meo crime
Intrei a ver o negrume;
Intrei a sentir-me réo;
O pranto que ella vertia
Era todo sangue meo.

Quiz por tres vezes lançar-me,
Arrependido e confuso,
Humildemente a seos pés,
Ella as mãos, de que tremia
Me-repelliu outras tres.

Não, querida, não duvides;
De applacar as dores tuas,
Só a vingança é capaz:
Vinga-te; fere o meo rosto,
E fica depois em paz.

Queres mais? Tens os meos olhos;
Tens meos cabellos; bem pódes
Teo odio fartar assim:
Dará força ás mãos mimosas
O teo furor contra mim.

Digitized by Google

E porque algum monumento
Não possa d'ora em diante
O meo crime recordar,
Torna as dispersas madeixas.
Torna, meo bem, a arranjar.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇAO 8.ª

Terceira de Amores.

Vós, que não conheceis tartarea velha,
Vil corretora de venaes caricias,
Lêde nos versos meos o seo retrato.
—Sorvedouro de vinho— a-chama o vulgo.
Nunca livre dos bacchicos vapores
Viu de Memnon a mãe no roseo carro;
Intende a fundo os magicos segredos;
Os versos canta da feróz Medea,
E os rios para traz remette ás fontes;
Sabe a virtude á gramma, ao rhombo em gyro,
Ao virus seminal de egua ciosa;
Quando lhe-apraz, no céo se-apinham nuvens;
No céo, quando lhe-apraz, renasce o dia.
Eu vi, á sua voz, si fé mereço,
Os astros distillar sanguineas gottas,
E em cruento rubor tingir-se a lua.
Suspeito que nas trevas esvoaça
Perdida a antiga fórma, e revestido
O côrpo annoso de incantadas plumas.

Digitized by Google

Suspeito...e é fama, duplices pupillas
Vibram dos olhos seos fulmineo lume.
Avós e bisavós extrahe das campas,
E rasga o duro chão co'os longos carmes.

Inimiga dos thalamos pudicos
Manchál-os se-propoz; e, em damno á honra,
Funesta persuasão lhe-acode aos labios.
Os horrores que eu narro, ouvi-lhe eu mesmo;
Cerrada porta me-encobria ao monstro,
Ao monstro, que ao meo bem falou d'est'arte:

« Bem sabes, minha flor, que impressão viva
« N'esse joven ricasso hontem fizeste.
« Parou para te-vêr e olhou bastante;
« E como de te-olhar se-livraria,
« Si tu na formosura a ninguem cedes?
« Mas (coitada de mim!) faltam-te aceios!
« Quanto és linda, tão rica te-quizera!
« Si o-chegasses a ser, não fôra eu pobre.
« Propicio não te-foi de Marte o signo;
« Porém Março lá vai: a Abril preside,
« Melhor que o Deus da guerra, a mãe de amores;
« Vê como te-surri, chegada apenas!
« Já tens rico amador que te-procure,
« E tome a seo cuidado incher-te a casa.
« Em quanto a graças, mereceis-vos ambos...
« Que digo! para têl-o, até devêras
« Si te elle não comprasse, ir tu comprál-o! »

Aqui, vendo córar modestas faces,
A infame proseguiu: « N'um rosto niveo
« Nada fica taõ bem como essas rosas;

Digitized by Google

« Mas pudor só é bom quando mentido;
« O mais é timidez, que ás vezes damna.
« Modestia, finge-a sempre! Abaixa a vista!
« Qualquer teo leve olhar um premio seja,
« Que, á proporção dos dons, se-dê com regra.
« Talvez de Tacio as rusticas Sabinas
« Não quizessem mais de um; era outro tempo!
« Marte agora anda longe, em clima estranho,
« Impera em Roma culta a culta Venus.
« Vós, que formosas sois, brincae sem pejo!

« A que ninguem rogou, só essa é casta....
« E inda essa rogará, não sendo agreste.

« Teo sobr'olho increspado, esse ar sisudo
« Inganarão a mil, mas não me-inganam.
« Que de culpas de amor talvez não cobrem!
« Penelope, essa mesma, esse milagre,
« Ao femineo pudor citado exemplo,
« Não rejeitava logo a cada amante;
« Propunha em condição dobrar um arco...
« Mas de que? de flexivel cerejeira.

« Corre a vida e se-esvae sem que a-presintam;
« É qual rio fugaz, que ingrossam chuvas;
« Ouro brilha servindo; um trage rico
« Só presta a quem n'o-traz; um lar sem dono
« É pasto do caruncho e cahe desfeito.
« Si das graças, que tens, te não servires
« Vel-as-has, sem cultor, ir-se murchando.
« Mas não basta um ou dous: si forem muitos
« Serás mais rica, sem custar-lhes tanto.
« Ora o lobo, o que faz quando é matreiro?

Digitized by Google

« Vai nos cheios redis incher-se á farta.
« Teo vate, além dos seos versinhos novos,
« Dize-me, que te-dá? Com tal amante
« Tudo te-hade faltar, menos leitura.
« O proprio nume que preside aos vates
« Com aureo manto impõe; mas sua lyra
« Em logar de ser de ouro, é só dourada.
« Tem por maior que Homero, a quem der muito!
« Crê-me, o grande talento em dar consiste.
« Nem despreses aquelle que de escravo
« Com ouro se-remiu, só porque a planta
« Soffreu do gesso o presupposto opprobrio.
« Nem dos atrios dos grandes te-deslumbrem
« As estatuas de cera em longas filas;
« Vá-se com seos avós o amante pobre.

« Si outro imberbe, casquilho effeminado,
« De graça te-pedir uma só noite.
« Responde: — « Vá ganhál-o e depois volte. »

« Em quanto armas a rede, exige pouco;
« Depois de os-ter na mão, não ha perigo;
« Pede e torna a pedir até que os-queimes.

« Tambem ficticio amor não prejudica;
« Deixa que o amante se-imagine amado;
« Mas não fique sem paga o fingimento.

« Recusa ás vezes supplicada noite;
« Dor de cabeça agora; agora sirvam
« De pretexto á recusa os cultos d'Isis....
« Mas recebe-o depois, para que, affeito
« Não fique ás privações, ao soffrimento,
« E a poder de máo tracto, o amor se-esfrie.

Digitized by Google

« Fecha a preces, a dons franqueia a porta.
« Ouça as queixas do excluso o amante acceito.
« Sendo offensora, ostenta-te offendida;
« Agasta-te primeiro que se-agaste.
« Destroe na culpa alheia a propria culpa,
« Mas longa duração não dês á raiva;
« Póde o falso furor mudar-se em odio.

« Ensaia aos olhos teos forçado chôro;
« Qualquer motivo te-humedeça as faces.

« Não te-importe o jurar, quando mentires;
« Venus faz que de amor contra os perjurios
« Queixas de amor trahido aos céos não cheguem.

« Tem sempre em teo partido o escravo, a serva,
« Que ao teo amante em confidencia indiquem
« O que póde comprar, que mais te-arranje:
« Para si peçam pouco; um pouco a muitos
« Faz muito..... a grão e grão se-enche um celleiro.

« Tudo em casa contra elle se-conjure,
« A velha, a irmã, a mãe todos depennem;
« Muitas mãos colhem muito em pouco tempo.

« Quando para pedir faltar pretexto,
« Um bolo festival teos annos finja.

« Mas cuidado, que a amor não faltem zelos;
« Faze-o temer rivaes, sonhar perfidias;
« Amor que não peleja em breve acaba.
« Ora alheios signaes ache em teo leito,
« Ora impresso em teo collo extranho dente;
« Mas note sobretudo offertas de outrem.

Digitized by Google

« Quando nada te-der, propõe-lhe um gyro
« Comtigo á rua que nomeiam Sacra;
« Alli com elle affoita as lojas entra,
« Onde objectos de luxo inventa a moda;
« Carrega o mostrador de quanto vires;
« E o que elle não pagar, que empreste ao menos;
« Emprestimos de amor, nunca se-tornam.

« Doura em phrase sagaz teos sentimentos;
« Vae saqueando, e inchendo-o de caricias;
« Disfarça-lhe o veneno em mel suave.

« Longa experiencia me-ensinou taes regras.
« Si ao vento as não soltei, si as-pões em uso
« Bastantes vezes me-dirás — « Bem hajas! — »
« De mim te-lembrarás quando fôr morta,
« E aos ossos meos desejarás descanço. ,,
.....●.....●.....
Mais ia por diante o monstro horrendo,
Mas viu a minha sombra.... Apenas pude
Conter as proprias mãos, que, furiosas,
Folgavam de arrancar-lhe as faces crespas,
As raras cãs, e os olhos que nadavam,
Com vista incerta, em lagrymas de vinho.

« Dêm-te os céus (exclamei) vasios lares,
« Velhice extrema, sordida penuria,
« Frio que não-acabe e sede eterna!

Digitized by Google

CANÇÃO 9.ª

A ATTICO

Milicia Amorosa.

É soldado todo o amante.
Tem seo campo o Deus vendado.
Crê-me, ó Attico, não minto;
É todo o amante soldado.

A mesma edade requerem
Duro Marte e meiga Venus;
Si é torpe o soldado velho,
Velho amante o não é menos.

Os annos que um chefe exige
Para um soldado perfeito,
Exige-os a rapariga
No que associa em seo leito.

Um e outro as noites velam;
Um e outro dormem mal;
Um faz guarda á sua dama,
O outro ao seo general.

Digitized by Google

Marchar em busca da gloria
Nada custa ao bom guerreiro.
Quem fôsse após seos amores
Correria o mundo inteiro;

Afrontára alpestres montes,
Rios co' a chuva engrossados,
E os tristes campos, no inverno
De alvo gelo alcatifados;

Não duvidára embarcar-se
Com vento contrario ás vélas,
Nem aguardára na praia
Mais favoraveis estrellas.

Não sendo amante ou soldado,
Quem póde soffrer, quem deve
Das noites frio relento,
E as chuvas d'agua e de neve?

Um de explorar o inimigo
Recebe o encargo fatal;
O outro não tira os olhos
D'um inimigo rival.

Aquelle cercar cidades,
Forçar-lhe as portas convem;
Este os lares do seo Tudo
Cérca, e força-lh'as tambem.

Quando em guerra se-accommette
Campo que inerme resona,
Victoria, prêsa e triumpho
São da nocturna Bellona.

Digitized by Google

D'esta sorte o Thracio Rheso
E seos valentes expiram;
Assim os fataes cavallos
Em mãos dos gregos cahiram.

No amor tambem quantas vezes
Vós, desejos destemidos,
Encontraes victoria e prêsa...
No somno de bons maridos!

Atravez de espertas guardas,
De mil vigias, — rompêr —
Eis o dever d'um soldado,
D'um pobre amante o dever.

Marte incerto, incerta é Venus;
Nem um nem outro se-intendem;
Seos já vencidos resurgem,
Seos invenciveis se-rendem.

Quem pois de amor o exercicio
Chamar ousa ociosidade?
Amor exige experiencia,
Demanda sagacidade.

Si perguntarmos á historia
Por esses tempos brilhantes,
Dir-nos-ha que os heroes todos
Foram guerreiros e amantes.

Roubou-se a Achilles a escrava,
Arde o heroe de amores cego;
Colhei o ensejo, ó Troianos!
Assolae o campo grego!

Digitized by Google

D'entre os abraços da esposa
Vôa ás armas bravo Heitor;
Ella lhe-ajusta a viseira
No semblante ameaçador.

Agamemnon, flor dos chefes,
Vê Cassandra afflicta e bella;
Que faz o bravo Agamemnon?
Morre de amores por ella.

Com Venus Marte abraçado
Na rede prêso gemeu;
Historia mais decantada
Não houve por todo o céo.

De mim sei que nasci frouxo,
Que nada tomava a peito,
Que sombra caseira e cama
Quasi me-tinham desfeito;

De uma bella um volver d'olhos
Deu-me impulso e fez-me activo;
De sua gentil bandeira
Á sombra alistado vivo;

Já sou outro, agil e prompto,
Não temo nocturna lida;
Tenha amores, quem no ocio
Não quizer- passar a vida.

Digitized by Google

CANÇÃO. 10.ª

Amor com amor se-paga.

Qual vagueava airosa Amímone sem par
N'um arido paiz, em busca de uma fonte,
Amímone feliz, com quem o Deus do mar
Logrou feliz commercio, em prémio de a-arrancar
Ao lubrico furor de um satyro do monte;

Qual era em formosura a grega decantada,
Do Eurotas em náu phrygia a Pergamo levada,
Que a pelejas sem fim, com seos fataes encantos
Levou consortes dous, e heroes de imperios tantos;

Qual era em gentileza a que venceu de amor
Ao nume do trovão, e em cysne o-fez mudar-se,
Tal eras! Adorei-te, e cheio de terror
Prevía Jove em aguia, em touro roubador,
Ou tomando por ti outro qualquer disfarce.

Digitized by Google

Mas já não temo,
Não sonho numes;
Já me não lembro
Dos meos ciumes;
Tornou-me o siso;
Já tenho paz.

Graças, mil graças!
Tu mesma os ferros
Me-despedaças;
Já de soldál-os
Não és capaz.

A rasão da mudança
Perguntarás talvez. Não dissimulo;
Co'o teo pedir, o meo amor gelaste.
E dize: um tal motivo
Para te eu desamar não crês que baste?

Em quanto eras singela,
Idólatra adorava
Em corpo tão gentil alma tão bella;
Mas corrompeste com a mente impura
A tua formosura.

Menino e nú é amor. Menino, ignora
O que seja avareza,
E nú como anda, é a imagem da franqueza.
O dar é seo regalo;
Por que hão de envergonhál-o?
Fazer que venda os bens a preço de ouro?
E com que fim, si o-vemos tão despido
Que nem para começo de thesouro
Tem onde traga um obolo escondido?

Digitized by Google

Nem Venus, nem seo filho
Tem genio militar; não querem soldo.
A uma altiva indolencia
Andam mui costumados;
Como se-hão de humilhar a ser soldados?

Infames desgraçadas
Jámais recusam seos venaes favores;
Dão, da indigencia pela voz forçadas,
Ternura torpe a torpes compradores;
Mas essas inda ao menos
O que livres fazeis não fazem livres:
Praguejam em segredo a auctoridade
Do chefe vil que as-rege, que expecula
Co'a fome e co'o prazer, fraqueza e vicio,
A natureza offende,
Graças, caricias, innocencia, culpas
(Os corações só não) barbaro vende.

De animaes sem razão tomae o exemplo;
Não passeis em bruteza alem dos brutos;
Pede a egua ao corcel, ao touro a vacca,
Ao carneiro amoroso a amiga ovelha?
Co'os despojos do amante
Só a mulher exulta no universo;
Só ella as noites, e a si propria aluga;
Vende o que aos dous apraz, o que ambos querem,
E ao seo proprio deleite o preço arbitra!
Comprar um, vender outro,
Quando entre os dous mutuo prazer se-enlaça!
Porque hade a mim custar, e a ti render-te,
Se eguaes bebemos do prazer na taça?

Digitized by Google

Quem não tem por infame o ouro entre as mãos vis
De venal testimunha ou de venal juiz,
Ou de abjecto orador, que a tristes réos se-vende,
Trafica do infortunio, e barbaro o-defende?

Mas si é baixeza atroz co'o foro inriquecer,
Desprêso inda maior, maior horror merece
A que faz de seo leito um meio d'interêsse,
E prostitue seos dons, e vende o seo prazer;
Por um prazer, uns dons, um leito assim vendido
Quem poderá jámais ficar agradecido?

Do favor delicado é filha a gratidão;
Mas, inviolavel, pura, e doce, e presentida,
A uma sombra d'int'rêsse, a um nada se-intimida,
E, para não volver, se-vai do coração.

Amor é bello,
Feia a avareza;
Vós, socias d'elle
Na gentileza,
Não mais vender-no-l'o
Ouseis assim.

Dai á ternura
Por premio a posse
Da formosura;
O lucro sordido
Não tem bom fim.

Todo o ouro quiz ganhar dos esquadrões sabinos
Uma avara Vestal pelas mais vis traições;
Todo o ferro porém d'aquelles esquadrões
A-esmagou, rematando os impios seos destinos.

Digitized by Google

A Erífile seduz de aureo collar o brilho,
E para o-ter, arrisca os dias do consorte;
Mas Erífile acaba ás impias mãos do filho,
O mesmo a quem deu vida a-premiou co'a morte.

Si em fim quereis pedir, pedi aos opulentos,
E não a quem não dá, porque não tem que dar;
Buscae em pingue vinha os cachos succulentos;
De fructos vos-fartae de Alcinoo no pomar.

O pobre dê ternura, affagos e disvelos;
Acceitem-lhe por dons constancia, amor e fé;
Cada qual tem seos bens; possivel só nos-é
Os bens que o céo nos-dera, a vossos pés trazêl-os.

Mas a mim, além do affecto,
Outras posses me-inriquecem;
As que eu tomo por objecto,
Si os meos canticos merecem,
Sei na lyra celebrar.

Os mais dons não têm valia;
Rasga o tempo as ricas sedas;
Come o ouro e a pedraria;
Mas a gloria unida aos versos
Vai dos seculos zombar.

Não creias que me-custe incher-te de presentes,
Mas co'a idéa de paga, em furia me-abrasei:
Não tornes a pedir; e mimos excellentes,
Talvez, inesperado, um dia te-farei.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇAO 11.ª

Recado a Nappe.

Habilidosa Nappe,
Do vil nome de escrava objecto improprio,
Aia mais que ditosa,
A cujo gôsto e mão exercitada
Seo toucador confia a minha amada!
Mestra no arranjo das tão curtas noites
Que eu passo com Corinna,
E dos nossos escriptos
Na mutua entrega desvelada e fina!

Que de vezes, ó Nappe,
As tuas persuasões, tuas instancias
Não têm já resolvido
A minha irresoluta a vir falar-me!
De que apurados lances
Não serviu teo favor para salvar-me!
Vae, minha amiga, vôa! entrega á nossa
Graciosa senhora,
N'este novo bilhete os meos affectos.

Digitized by Google

Sim! tu não tens de pedra um desabrido peito;
N'elle não te-palpita um bronzeo coração;
O ser simples de mais não é o teo defeito;
Não é, nem nunca o-foi nas d'essa condição.

Que sempre exempta fôsses
Sei que não é possivel;
Recorda-te de um tempo
Em que, feliz, sensivel,
Servir a amor juraste
Sob os pendões de amor.

Por esse Deus t'o-rogo;
Por tudo quanto amaste;
Si eu sinto o mesmo fogo,
Si adoro o que adoraste,
Ah! sou teo camarada,
Ah! dá-me o teo favor!

Suppunhâmos que a bella
Te-pergunta o que faço,
E como me-entretenho ausente d'ella,
E como as horas passo;
Responde-lhe, que vivo, e si amo a vida,
É só na esp'rança ardente
Da noite appetecida...
Tudo o mais vai na carta, e largamente.

Em quanto falâmos, o tempo nos-foge;
Apressa-te, corre; mal vires convem
Entrega-lh'a logo.... mas faze com que hoje,
E já, si é possivel, me-leia o meo bem.

Digitized by Google

Em quanto attenta
Me-estiver lendo,
Jámais seos olhos,
Eu t'o-incommendo,
Jámais seos gestos
Cesses de olhar.

Si em bocca perfida
Enganos cabem,
Feições e olhares
Mentir não sabem,
Não sabem mesmo
Dissimular.

Apenas houver lido, insta com ella
A que responda, a que me-escreva, e muito;
Aborreço uma carta
Em que a cera da pagina com lustro
Não vem de lettras farta.
Que aperte as linhas, que amiude as notas,
Que inunde as margens, que me-torne immenso
O pasto ao coração, o encanto aos olhos.

Mas não; não deve
Seos lindos dedos,
Em quanto escreve,
Cançar meo Bem.
Mil pensamentos,
Mil sentimentos,
Dispenso tudo;
Basta-me: « — Vem — »

Digitized by Google

Ah! se um tal — Vem — consigo, irei no mesmo instante,
De Venus pendurar no templo milagroso
A — tabella — feliz, que cingirei ovante
Do merecido assaz laurel victorioso.

Escreverei por baixo: « Ovidio á mãe de amor
De amor a fausta nuncia offrece agradecido;
Ella, que era inda ha pouco um lenho sem valor,
Lhe-deu juncto a Corinna o accesso appetecido! »

Digitized by Google

CANÇÃO 12.ª

Indeferimento a uma petição amorosa.

Lá voltam (que infortunio!) as miseras tabellas!
— Não é possivel hoje, — eis a resposta d'ellas!
Logo Nappe ao sahir topou no limiar....
Agouros tem seo pêso, e este era de aterrar.
Ah! Nappe! em te eu fiando alguma outra embaixada,
Transpõe com mais sentido a porta malfadada.

Longe de mim, bem longe! O' laminas fataes!
O' cêra em que se-nega um prémio a ternos ais!
Cêra que certo hão feito, a par co'os meis infames
Das flores da cicuta, os corsicos inxames.
Cuidaste disfarçar-te em vivido rubor;
E inda eras mais feroz pela sanguinea cor.

Voae, tabellas vis, á rua, em vil desprêso;
Lá das rodas e pés vos-despedace o pêso!

Quem quer que vos-cortou da arvore natal,
Por fôrça impias mãos tinha, e genio affeito ao mal.

Digitized by Google

Essa arvore por certo havia de ter dado
E cruzes ao verdugo, e laço a um desgraçado,
E aos roucos môxos sombra, e ninho ao torpe amor
De sanguinaria estrige e abutre assolador.

E a tabuas taes (oh! céos! que misera loucura!)
Fiei paixão mimosa e rogos de ternura!
Uso melhor vos-fôra a duro tribunal
Citar um réo convulso ante cruel fiscal,
Ou servir para roes de sordido usurario,
Que o-fizessem chorar co'o gasto seo diario.
Já era agouro em vós, serdes numero par,
Que, onde ha duplicidade, a fé mal tem logar.

Não sei, no meo furor, que males vos-implore;
Bolor vos-cubra a cera! a carie vos-devore!

Digitized by Google

CANÇÃO 13.ª

A Aurora.

Já lá vem sôbre o oceano,
Fugida ao caduco esposo,
A loura deusa que o dia
Traz em seo carro orvalhoso.

Onde te-apressas, Aurora?
Pára! .... Assim o céo propicio
Envie cada anno a Memnon
As aves do sacrificio.

Jazer agora me-é doce
Entre os braços delicados
Da que ao meo lado repousa,
Da que accende os meos cuidados.

Agora o somno é prôfundo;
Agora os ares são frios;
Apenas o côro alado
Enceta seos desafios.

Digitized by Google

Deusa infesta aos sexos ambos,
Onde é que teos passos vão?
Sustem as humidas redeas,
Sustem na purpurea mão.

Em quanto no céo não brilhas
Observa o nauta as estrellas,
Sabe em que altura viaja,
Manobra seguro as vélas.

Mal que surges, surge e parte
O viandante inda cançado;
Levanta-se, aprompta as armas,
E põe-se em marcha o soldado.

És tu que, invejando aos entes
Instantes reparadores,
Chamas os bois para o jugo,
Para a inchada os cavadores.

Mandas sahir os meninos
Do somno e materno abrigo,
E ir expôr as mãos tenrinhas
De um bruto mestre ao castigo.

Ante os atrios do consulto
Pões o fiador trepidante
Que vai por uma palavra
Soffrer damno exorbitante.

Tu, odiosa aos leguleios
E aos oradores distinctos,
Fazes trocar brando leito
Por forenses labyrinthos.

Digitized by Google

Quando ainda a seos trabalhos
Podiam poupar-se as damas,
Tu as-privas do socêgo,
E á sua tarefa as-chamas.

Tudo o mais te-relevára....
Mas tão cedo erguer-se as Bellas!
Quem poderia soffrêl-o,
Sinão quem dorme sem ellas?

Que de vezes não desejo
Que a Deusa de umbroso véo
Com seos astros se-te-opponha,
Te-dispute o largo céo!

Quantas ás nuvens e aos ventos
Subir estes votos deixo:
« Atolae-lhe o coche, ó nuvens,
« O' ventos, quebrae-lhe o eixo! »

Invejósa, onde te-apressas?
Si negro um filho tiveste
É porque de egual negrume
Teo coração se-reveste.

Que sería si ella outr'ora
Por Cephalo não ardesse?
Suppõe que os seos desvarios
Ninguem no mundo conhece!

Ousasse falar, ousasse
Teo pobre esposo algum dia,
Mais vergonhosa anecdota
Nunca nos céos correria.

Digitized by Google

Agora intendo essas pressas
Em subir ao carro odioso:
É para escapar dos braços
De um velho myrrhado esposo.

Mas si Cephalo a teo lado
Tivesses, qual desejáras:
« Ide devagar, vos-peço! »
Da noite aos frisões gritáras.

Porque sou eu castigado
Da impotencia de Titão?
Si te-casaste co'um velho
Foi por minha intervenção?

Não vês ao mancebo amado
Que somnos a lua deu?
Pois nem da lua o semblante
É menos bello que o teo.

Jove mesmo, o pae dos numes,
Tanto ver-te aborrecia,
Que reuniu duas noites
Sem intervallo de dia.

Assim arguí a Aurora....
Talvez me-ouvisse; córou....
Mas nem por isso mais tarde
Nos céos o dia raiou.

Digitized by Google

CANÇÃO 14.ª

Os Cabellos perdidos.

Bem te dizia: Não teimes
Em tingir os teos cabellos!
Riste da ameaça funesta....
De tão longos fios bellos
Para tingir que te-resta?

Ah! si deixado os-houvesses,
Que thesouro n'elles tinhas!
Que espaçosos e abundantes
Te-attrahiam, como as minhas,
As preces de mil amantes.

E finos! como erão finos!
De os-infeitar medo havia
Ante o espelho a tua mão;
O fusco Seres não fia
Sedas de mais perfeição.

Digitized by Google

Nem por tectos solitarios
Para os véos onde amor gosa,
Longe do vento e da luz,
Fios taes industriosa
Subtil Arachne deduz.

Nem do ebano a côr tinham,
Nem tinham a côr do ouro;
Nem louros nem pretos eram;
Mas um mixto preto e louro,
Que as proprias graças fizeram.

Eram d'essa côr sem nome
Que apresenta o cedro annoso
Nos frescos valles do Ida,
Quando o tronco alto e cheiroso
Vê a casca aos pés despida;

E quão doceis, quão flexiveis
Em tomar figuras cento,
Sem dar-te o mais leve infado!
Previam-te o pensamento
Antes de os-teres tocado.

Nunca ao lavor te-quebraram
D'aurea agulha ou liso pente;
A tua serva, ao toucar-te
Podia livre e contente
Ter a idéa n'outra parte.

Mil vezes a-vi comtigo
N'esse trabalho occupada;
Ella andava satisfeita,
Tu cantavas descançada....
E a obra sahia feita!

Digitized by Google

Mais de uma vez tambem, feliz madrugador,
Juncto ao purpureo leito a furto penetrando,
Te-fui colher dormindo; e sobre o rosto brando,
E sobre o collo eburneo, e seio encantador,
Vi, sôlta em desalinho, a coma graciosa.
Ah! quanto a natureza excede ao toucador!
N'essa desordem linda inda eras mais formosa.

Assim desgrenhada,
Assim recostada,
Brilhavas qual brilha
Bacchante innocente
Do Rhodope filha,
Que incauta, imprudente,
Após longas festas
Em tacito abrigo
Das patrias florestas,
Sem medo ao perigo
De um satyro audaz,
O thyrso e a grinalda
Pendendo na selva,
O corpo lançando
Na flórida relva,
Está dormitando
Em morbida paz.

Que obrigações a tal cabello
Tua belleza não devia!
Por te-agradar, com quanto zêlo
Capricho e tractos te-soffria!

Bem que subtil, bem que mimoso,
Não se-esquivava ás mãos crueis,

Digitized by Google

Ao fogo e ao ferro rigoroso,
Que o-transformavam sem repouso
Em mil phantasticos anneis.

Eu te-clamava: « É crime horrendo,
« Crime sacrilego e fatal,
« Armas de amor estar perdendo,
« Queimar sem dó thesouro egual;

« Nasceu gentil; sem arte agrada;
« Poupa o que tens mais bello em ti,
« Poupa uma trança, a que foi dada
« A fôrça, o dom porque és amada,
« Que prende, inleva, attrahe por si.

« Porque lhe-dás tão máo destino?
« Impia! suspende o atroz rigor!
« Arroja o ferro! Esse divino
« Cabello teo dar póde ensino
« Ao ferro audaz, seo frisador, »

Adeus, trança infeliz, que amor suspira,
Que as graças choram, que excitaste inveja
Dos pampanos ao Deus, e ao Deus da lyra!

Tal foste, qual se-pinta a que gotteja
Sobre as ondas, na mão de Cypria nua,
A quem o mar, a terra, o céo festeja.

Que perda não soffreu na perda tua
A que em soluços e ais do espelho foge;
E tua gloria foi, qual foste a sua!

Digitized by Google

Pobre dona infeliz, que a-choras hoje;
Do espelho ou da memoria emfim te-priva;
Qual foste ou és, teo pensamento arroje.

De perfida rival mão vingativa
Não fez com magas hervas teo desdouro,
Nem brucha com hemonia agua nociva.

Lingua má d'invejoso ao teo thesouro
Não damnou, nem acerba infermidade
Te-feriu; longe vá tão triste agouro!

Tua foi, foi só tua a crueldade.....
E que outrem no universo ousára tanto?
Envenenaste, has morto sem piedade
Ao que os mais davam culto e votam pranto.

Mas já agora paciencia!
Teos ais lenitivo tenham;
Da conquistada Allemanha
Compradas tranças te-venham.

Vinguem-se os nossos vencidos,
Ornando os seos vencedores;
Que importa a mão que restaura
Perdidos grilhões de amores?

Quando alguem t'as-elogie,
Já te-estou vendo córar:
« Não sou eu (dirás) quem louvam,
« Mas meo bom gôsto em comprar »

Digitized by Google

« Não sei que allemã formosa
« Recebe os applausos meos;
« Já foi tempo em que eu, ditosa,
« Os-obtive eguaes aos seos »

Corta-me o coração fitar os olhos,
N'esses olhos, tão vividos outr'ora;
Uma lagryma, a custo represada,
Os-enche e os-turva agora.

Triumphava inda ha pouco esse alvo rosto,
Que hoje, humilde, entre as mãos se-esconde, e cora.
Que barbaro a-veria, sem desgôsto,
Contemplar, no regaço desparsido,
Cabello, a melhor uso emvão nascido?

Ea, anima-te de novo!
Alça a mente e o gesto amavel!
Grande mal, que é reparavel
Não é nunca um grande mal.

O que improvida estragaste
Restaurál-o o tempo deve;
Após a estação da neve
Torna a sombra e folha ao val.

Vestem-se as arvores
Que vimos nuas;
E a turba aligera
Nas sombras suas
Torna a habitar;

Digitized by Google

Co'os tempos rapidos
Vir-te-hão, quaes d'antes,
Cabellos nitidos,
Chusma de amantes,
Praser e amar.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 15.ª

Immortalidade do poeta.

Porque, mordaz inveja, assim me-infamas,
Me-exprobras de passar no ocio a vida,
E fructos de alma inerte aos versos chamas?

Porque me-argues de que na marcia lida,
Quaes os priscos heroes da patria gente,
Não siga os postos na estação florida?

Nem das verbosas leis o impertinente
Cahos revolva, aprenda, e prostitua
Ao foro ingrato meo ingenho ardente?

Tem jus sobre isso tudo a morte crua....
Sequioso de gloria, ao mundo inteiro
Quer meo genio estender a fama sua.

Será Homero á morte sobranceiro
Em quanto o Ida e Tenedos durarem
E o Simoente ao mar correr ligeiro.

Digitized by Google

Será famoso Ascrêo, em quanto ornarem
Doces cachos as vinhas, e cortar-te,
O' loura messe, as fouces costumarem.

Ha-de ser sempre grande, e em toda a parte,
O filho illustre do famoso Batto,
Que, si é pobre no ingenho, é rico em arte.

Cothurno sophocleo triumpha intacto.
Nos céos a clara lua, o sol brilhante
Não hão-de durar mais que o docto Arato.

Em quanto sagaz velha, impura amante,
Servo astuto existir, e pae tyranno,
Menandro existirá, que a scena encante.

Enio, o inculto Meonide-romano;
Accio, audaz na expressão, de fogo cheia,
O tempo affrontam, sem temer-lhe o damno.

Que edade ignorará, por muito alheia,
Varrão, a náu primeira, e o Velocino,
Prêsa do amante da feroz Medéa?

Do sublime Lucrecio, alto e divino,
Os versos morrerão, co'a natureza;
Uniu-se d'elle e d'ella o grão destino.

Tytiro, as messes, e a troyana empresa
Ler-se-hão, em quanto for augusta Roma
Capital da humilhada redondeza.

Em quanto as frechas com que os entes doma
Tiver amor, Tibullo delicado,
Serás culto brasão do patrio idioma.

Digitized by Google

Onde nasce, onde morre o sol dourado
Hade ser sempre Gallo conhecido,
E com elle Licori, o seo cuidado.

Bronzes devora o tempo desabrido,
Mina, carcome o marmore lustroso,
Mas do canto ao poder foge vencido.

Regios triumphos, sceptros do orgulhoso,
Thesouros com que o Tejo se-inriquece,
Nada sois ante o estro, o dom fogoso!

Em cousas vis o vulgo se-interessa!
A mim Phebo me-outorga seos favores,
E cheios copos da Castalia off'rece.

Myrtho, que teme os invernaes rigores,
Hade sempre c'roar-me; sempre lido
Serei dos extremosos amadores.

Depois de ter aos vivos perseguido,
Vai morrer sobre os tumulos a inveja,
E dá-se o preço a cada qual devido.

Assim pois, quando entregue ás chammas seja,
Tornado em cinza o véo da humanidade,
Ovante vivirei, sem que me-veja
Em risco de perder a eternidade!

FIM DO 1.° LIVRO

E DO TOMO 1.°

Digitized by Google

Digitized by Google

OS
AMORES,

DE

P. OVIDIO NASÃO.

PARAPHRASEADOS,

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO;

SEGUIDA PELA

GRINALDA OVIDIANA,

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

II

Digitized by Google

Rio de Janeiro Typ. — de B. X. Pinto de Sousa.

Digitized by Google

AMORES,

DE

P. OVIDIO NASÃO.

TRADUCÇÃO PARAPHRASTICA

(inderessada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das lettras classicas)

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO,

CAVALLEIRO DA ANTIGA E MUITO NOBRE ORDEM DA TÔRRE E ESPADA,
DO VALOR, LEALDADE E MERITO;
OFFICIAL DA IMPERIAL ORDEM DA ROSA;
BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA;
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA;
PRESIDENTE EFFECTIVO DA ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DE EDUCAÇÃO POPULAR;
SOCIO HONORARIO DA ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA;
DO CONSERVATORIO REAL DA ARTE DRAMATICA;
DO CONSELHO DRAMATICO;
DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA;
PRESIDENTE HONORARIO VITALICIO
DA SOCIEDADE DOS AMIGOS DAS LETTRAS E ARTES DE S. MIGUEL;
PRIMEIRO SOCIO HONORARIO
DO CENTRO PROMOTOR DA INSTRUCÇÃO PRIMARIA NO DISTRICTO DE LEIRIA;
MEMBRO DO CENTRO PROMOTOR
DOS MELHORAMENTOS DAS CLASSES LABORIOSAS;
DA SOCIEDADE DOS PROFESSORES;
DO INSTITUTO DE COIMBRA;
DA SOCIEDADE PROMOTORA DA AGRICULTURA MICHAELENSE;
DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE;
DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS E BELLAS-LETTRAS DE RUÃO;
DA ARCADIA DE ROMA;
DA ACADEMIA DOS ARDENTES DE VITERBO;
DO INSTITUTO HISTORICO DE PARÍS;
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO;
DA SOCIEDADE DE LEITURA DE GIBRALTAR, &.

Tomo 2.º

RIO DE JANEIRO

PUBLICADA EM CASA DO EDITOR — BERNARDO XAVIER PINTO DE SOUSA.
Rua dos Ciganos n. 43.

1858.

Digitized by Google

Digitized by Google

LIVRO II.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 1.ª

Prelúdio.

Ovidio, o poeta dos frescos Pelignos,
Das proprias loucuras o ingenuo cantor,
Á scena hoje volve. Censores malignos,
Sobr'olhos austeros, fugi! não sois dignos
Dos cantos, que esparge, ferventes d'amor!

Donzella, não fria, meos versos releia
Ao pé do seo noivo, gentil e fiel;
Releia-os mocinho, que, amante novel,
Em cahos de gostos frenetico anceia.

Qualquer dos mancebos, amantes, como eu,
Encontre na minha sua historia secreta;
E attonito exclame: — « De arcano tão meo,
« Quem foi, que tão certa denúncia lhe-deu?!
« Como é que estas cousas as-soube o poeta?! »

Já houve um tempo (oh! lembra-me
Com íntima saudade!)
Em que a meo estro indómito
Prazia a heroicidade.

Digitized by Google

Meu gôsto, a minha gloria,
Era troar a guerra
Dos Deuses co'os Centímanos,
Filhos da altiva terra.

Quando esses monstros barbaros
Para a eternal morada
Do Olympo, do Ossa e Pelion
Faziam bruta escada.

Já, par a par com Jupiter,
Lá sob o empyreo cume,
Brandir suppunha impávido
Lanças de ethereo lume.

Eis, quando a furia
Mais me-transporta,
Corinna, a súbitas,
Me-fecha a porta,
Me-diz adeus.

Que farei, misero?
Gélo, desmaio.
D'entre as mãos trémulas
Me-foge o raio;
Sumiu-se Jupiter
Dos olhos meos.

Rei dos Deuses, perdão! mercê! piedade
Co'o vate desertor!
Si és deidade, é amor tambem deidade;
Tambem tem raio amor.

Digitized by Google

O que fulgura em tua mão divina,
Juncto ao d'elle, que val?
Corisco ha hi fatal
Como a desgraça de perder Corinna?!

Arrependido, eis volto
Á lyra, que suspira
Maguado suspirar;
E a intrada ferrolhada
Aos ternos ais que sólto,
Se-abre de par em par.

Como és omnipotente,
Magia da poesia,
Minha arte divinal!
A lua, á fôrça tua,
Se-tinge, e some a frente
No coche de christal;

No giro o sol desanda;
Serpente ignifremente
Súbito estoira e cahe;
E o rio fugidio
De novo as aguas manda
Á fonte d'onde sahe.

Sim, versos de conjuro,
Ser tanto o vosso encanto,
Por minha gloria sei.
Celestes bens me-destes.
Portão de roble duro
Se-abriu e triumphei.

Digitized by Google

Outrem que inveje ao glorioso Homero
Cantar de Grecia e Troya os Lidadores;
Que tenho eu com Heitor e Achílles fero?
Porque heide a Atridas entoar louvores?
De Ulysses falador que bens espero?
Prefiro a seos laureis as minhas flores;
A lyra feiticeira á trompa altiva;
A defunctos heroes beldade viva.

Sim, sim; onde ha tal gôsto
Como é louvar um rosto
Formoso sobre mil!
E depois, que regalo!
Em premio de louvál-o,
Beijál-o tão gentil!

Vinde á porfia,
Vinde, ó formosas!
Meo Pindo é rosas,
Meo Phebo amor!

Si dar-vos posso
Grata poesia,
Meo canto é vosso,
Vosso o cantor.

Digitized by Google

CANÇÃO 2.ª

A um eunucho.

Perdeste, eunucho e servo,
O amor e a liberdade;
Porém de ti dependem
De uma, gentil deidade
A liberdade, o amor.

Sou eu mais desgraçado;
Escravo sou e adoro;
Tem dó do meo estado!
Tua attenção imploro,
Imploro o teo favor.

Minha estrella hontem quiz (si fausta ou dura
Sábel-o tu, não eu) quiz minha estrella
Que, em quanto descuidado passeava
Das Danaides no portico pomposo,
Topasse em meo passeio o mais formoso,
O objecto mais gentil que o Tibre lava.

Digitized by Google

Vencido, impaciente,
Corro, escrevo, supplico, envio, espero....
Tremo, chega, abro, leio, encontro, ó Numes!
Com mão veloz e tremula — Não posso! —
Insto, escrevo de novo, inquiro a causa;
Responde-me que és tu; que são teos olhos,
Teo eterno velar, teo genio duro.

Ah! bom guarda imprudente,
Não queiras provocar mais longamente
Com teo rigor a sua má vontade.
Quem só faz tyrannias,
Quem calca as flores com que a mão da sorte
Vinha alegre enfeitar os nossos dias,
Que hade esperar que lhe-desejem? morte.

Teo senhor, seo esposo (outro tyranno)
Co'a vergonhosa lida em que te-envolve
Parece algoz, e além de algoz insano.
Porque é tanto guardar? que perderia
Si não guardasse tanto?
Deixava de ser seo o seo encanto?
Seo thesouro gentil diminuia?
Mas deixemo-l'o a elle e aos seos delirios;
Faça do seo consorcio o seo inferno;
Arda no amor como si ardesse em furias;
Nutra embora a chimera, que lhe-finge
Que póde ser de um só a que amam todos;
Creia que a fé dos vinculos depende;
Que suspeita e rigor ternura inspiram;
Que amor, audacia, e astucia nada pódem;
Que o zêlo não se-illude;

Digitized by Google

Que os céos aos opprimidos não accodem;
Que a feridade faz brotar virtude.

Deixemo-l'o! Mas tu, piedoso, a furto,
Onde espinhos lançou diffunde rosas;
E nas chagas, que abriu por tua dextra,
Tu, em segredo, balsamos derrama!
Sem que o-sonhe ninguem, por ti disfructe
A doce, a suspirada liberdade.
Talvez, talvez que um dia
Si hoje a-tiver por-ti, por ella a-tenhas.
Sê cumplice, fautor dos meigos crimes
Da formosa infeliz senhora tua,
Agora tua escrava.
Receias de ser cumplice? não sejas,
Mas dissimula; cega,
Ensurdece, crê tudo, e mais não peço.

Vem-lhe carta que retira
Com praser?
Abre a medo, lê, suspira,
Torna a ler?

Teo juiso atirar deve
Sempre ao bem;
Imagina que lhe-escreve
Sua mãe.

Vês entrar desconhecidos?
Deixa-os ir;
Serão já teos conhecidos
Ao sahir.

Digitized by Google

Diz que a amiga está doente?
Que a-vái vêr?
Tal não ha; mas que não mente
Deves crêr.

Quando tarde, e que te-afronte
Seo tardar,
Bom remedio; pôr á fronte,
Ressonar.

Deixa-a ir de Isis ás festas
Muito em paz;
Si são livres ou si honestas
Que te-faz?

Aos theatros toda a gente
Folgar vem;
Que te-importa que os-frequente?
Que mal tem?

Ah! meo amigo! quantos bens auguro
Ao feliz confidente! (e que serviço
Mais leve que o calar?) Já te-prevejo,
Superior ao receio dos açoi tes,
Seo mimoso valido, e a teo arbitrio
Volvendo e revolvendo a casa inteira,
Em quanto os socios teos no pó se-arrastam.
Em teo favôr presinto,
Sumidas as razões, brilhar pretextos.
Teo senhor lhes-dá fé: caro á senhora,
És caro aos dous; dobrado amor te-eseora.
Si elle um dia, colerico, em teo damno,

Digitized by Google

Torva a fronte encrespar, tens n'ella Deusa,
Que póde quanto quer, e quer valer-te.
É preciso entretanto
De tempo em tempo andardes desavindos;
Que te-chame verdugo, auctor do pranto
Que tão acerbo e tanto
Estragado já tem seos olhos lindos.
Zeloso e audaz tu deves
Lançar-lhe em rosto alguns delictos leves,
Que ella refute e triumphante a-façam;
Crimes vãos, de nenhuma consequencia
Todo o indicio dos outros lhe-desfaçam;
Brote da accusação alva innocencia.

Honra e favor assim te-aguarda,
Grosso peculio obtens assim;
Verás quão pouco o dia tarda,
Que aos ferros teos virá pôr fim.

Olha o que é dado aos delatores?
Desprêso, horror, grilhões fataes;
Carcere immundo, opprobrio, dores,
Ralam a vida aos desleaes.

Tantalo á fome e á sede estala
Com fructa e um rio encantador;
Cabe este inferno a quem não cala;
Tantalo o-tem por falador.

Quem quer ser Argos trema-lhe da sorte!
Ministro velador de altos ciumes,
Argos, do officio em premio, obteve á morte;
Io, a guardada em vão, pertence aos numes.

Digitized by Google

Não tens visto, como eu, rojar cadêas
Nas roxeadas plantas
Servo imprudente, que obrigára o esposo
A ver da esposa o crime, e a infamia propria?
Leve castigo da horrorosa culpa
De quem sem dó fizera
Dous infelizes co'uma só palavra.

Tu, privado do amor, talvez o-ignores,
Mas toma este dictame:
Inda que ouvil-os queira,
Não ha marido que taes crimes ame.
Ou tem affecto, ou coração gelado;
Nem um nem outro te-agradece o zêlo.
Sem fructo a um te-canças em dizêl-o,
Dizendo-o ao outro, o-fazes desgraçado.
Accrescenta inda á isto o quanto é ardua,
Antes quasi impossivel
Dar provas convincentes,
Em culpas amorosas,
Até quando evidentes.

Vê que o juiz do pleito
Sem prevenções não é,
E menos tem a peito,
O delator que a ré.

Dou que seos olhos viram...
Mais vale a negação:
Olhos crueis mentiram,
Labios formosos não.

Digitized by Google

Chôro lhe-orvalha emtanto
As rosas do pudor;
Vem dó; co'o dó vem pranto,
Co'o pranto volve amor.

Escuta-o nos affagos
Da renascente paz:
« Teos ais vão ser bem pagos!
« O vil, punido assaz! »

Oh! nunca assim te-affoites;
Partido egual não tens;
Vencido, tens açoites,
E vencedor, que bens?

Só ella decahindo
Póde inda ser feliz;
Tem um semblante lindo,
Dorme co'o seo juiz.

Sería sem razão, além de injúria,
Repellires-me tu; não tramo ou peço
Attentados, violencias; não misturo
Vaso traidor de perfido veneno,
Nem vês que em minha mão punhaes reluzam.

Dar só quero aos meos affectos
Cauto rumo e pôrto amigo;
Ter com ella, ao teo abrigo,
Doce amor, segura paz.

Póde um rogo haver mais brando?
Si ouves prece tão piedosa,
Eu farei uma ditosa,
Dous ditosos tu-farás.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇAO 3.ª

Ao mesmo.

Da branda formosura
Austero zelador,
Que a-guardas sem ternura,
Que ignoras seo valor !

De ambos os sexos fóra,
De ambos, horror, baldão,
Teo coração ignora
Si existe um coração.

Ah ! que de amor não possas
Gosar almo prazer,
E das delicias nossas
Na quinta essencia arder ! . . .

O' que inventou perverso
Com impio ferro vil
Assassinar no berço
Amor e esp'ranças mil,

Digitized by Google

Apenas da alma impía
O invento lhe-rompeu,
Victima ser devia
Do exemplo atroz que deu.

Si nos Idalios fogos
Te-ardesse o coração,
Terias de meos rogos
Propicia compaixão.

Nem bellico ginete
Jámais ostentarás,
Nem bronzeo capacete
Ou dura lança audaz.

Co'os homens não quer Marte
Unido o que o não é.
Tu, vae n'outro estandarte
Jurar constancia e fé.

Doce e feliz campanha
Tua senhora abriu;
Seos passos accompanha,
Teo fado emfim surriu!

Vae ter, como alliado,
A gloria de fiel,
E todo o seo agrado,
E parte em seo laurel.

A sorte que te-espera
A teo arbitrio expuz;
Odio, só odio gera;
Amor, amor produz.

Digitized by Google

Entre aurea ou ferrea estrella
Escolhe a que te-apraz!
Vê qual serás com ella,
Sem ella o que serás.

Si ha peito com brandura
Sem n'elle amor haver;
Si os dons da formosura
Podes ao menos ver,

Attento a-considera
Tão moça e tão gentil;
Tem o anno primavera,
Quer a existencia abril.

Quem tolherá mil flores
Á placida estação?
Quem tolheria amores
A um joven coração?

Viste jamais belleza,
Graças, encanto assim?
Faria a natureza
Prodigio tal sem fim?

Ah! nosso fado estreito
Te-inspire um justo dó;
Para mover-te o peito
Basta um motivo só:

Pensa quão facil era,
Sendo vontade em nós,
Frustrar-te a guarda austera,
E o genio teo feroz.

Digitized by Google

É nulla a vã fadiga,
Que a dous se-intenta oppor;
Tem manto a noite amiga,
Ingenho e audacia amor.

Rogar-te preferimos;
Graças á sorte dá:
Co'os nossos mutuos mimos
Melhor assim te-irá.

Digitized by Google

CANÇÃO 4.ª

Coração para todas.

Eu não desculpo defeitos
Que a natureza me-deu;
Tem cada qual o seo genio
Como eu tenho o genio meo.

Si um réo que as culpas confessa
Torna os juizes propicios,
Do mundo a indulgencia espero,
Contando ao mundo os meos vicios.

Tenho raiva a este meo genio
Mas trocál-o emvão procuro...
Ah! manter-se o que se-odeia
Não ha tormento mais duro.

Qual cede um batel sem leme
Do mar e vento aos furores,
Sem fôrça levar-me deixo
De uma torrente de amores.

Digitized by Google

Não é certa formosura
Quem meos ardores motiva;
Mil causas diversas fazem
Que eu sempre de amores viva.

Si alguma, abaixando os olhos,
Em casto rubor se-accende,
Sua vergonha me-encanta,
Sua modestia me-prende.

Ardo aos pés da desenvolta,
Porque não é vergonhosa;
Dá-me esp'ranças de ser mestra
Na doce lida amorosa.

Tem das antigas Sabinas
Caracter duro e bisonho?
Ter vontade, e por systema
Ser disfarçada, supponho.

Seduz-me, sendo instruida,
Tão brilhante qualidade;
Si é rude, rouba-me affectos
Por sua simplicidade.

Diz uma que dos poetas
Nenhum lhe-apraz sinão eu;
Não devo dar todo o affecto
A quem me-dá todo o seo?

Outra esquiva me-reprova,
Censura tudo o que escrevo;
Por colher tal inimiga,
Pergunto, lidar não devo?

Digitized by Google

Anda com graça e doçura?
Seo movimento me-enleia.
A hirta venha a meos braços
Verá si se não meneia.

Esta, cantora de esmero,
Destramente os sons varía,
Por furtar a tal boquinha
Beijos mil, que não daria!

Aquella com ageis dedos
Faz as cordas suspirar;
Mãos que assim ternura exprimem
Não as-posso desamar.

Aquella ao dançar triumpha....
Que suave ondulação!
Que braços cadenciados!
Que attitudes, que expressão...

Por não falar de mim mesmo,
Que a rede nenhuma escapo,
Põe Hippolitho ao pé d'ella,
Vel-o-has mudado em Priapo.

Tu, pela tua estatura,
Pelo talhe alto e perfeito,
És igual ás heroinas,
Podes incher todo o leito;

Tu és commoda por baixa,
Tu me-arrebatas tambem;
Tanto as altas como as baixas
Aos meos desejos convem.

Digitized by Google

Não se-infeita? que seria
Si ajudasse a natureza!
Adorna-se? que bom gôsto
Lhe-realça a gentileza!

A candida me-arrebata,
A loira me-exige amores;
Tambem na trigueira, ó Venus,
São doces os teos favores.

Cobrindo um collo de neve
Negro cabello me-enreda;
Tambem prendias os olhos
Por negras tranças, ó Leda.

Si tem douradas madeixas,
Douradas a aurora tem.
De tudo encontro nas Deusas;
Com tudo este amor vai bem.

Apraz-me edade inda verde,
Madura edade me-apraz;
Si aquella prima em lindeza,
Esta prima no que faz.

Quantas emfim na cidade
Acham ou não amador,
A todas, todas abrange
A ambição do meo amor.

Digitized by Google

CANÇÃO 5.ª

A Corinna, infiel n'um banquete.

Vae-te, amor! Valem teos mimos,
Ou tu mesmo acaso vales
Os ais com que peço á morte
Que imponha termo a meos males?

Sim, sim, mulher que idolatro,
Mulher por meo mal nascida!
Hoje os meos votos supremos
São libertar-me da vida.

Não são dons, a furto acceitos,
Sumidas cartas não são
As provas com que te-arguo
De perfidia e de traição.

Prouvera aos ceos que arguir-te,
Sem convencer-te eu podéra!
Da minha causa a bondade
Me-atormenta e me-exaspera.

Digitized by Google

Ditoso o que póde affoito
Defender a sua amada;
Dos meigos labios ouvir-lhe:
« Oh não! não estou culpada. »

Que sedento de martyrio,
E que barbaro não é
Quem busca palma cruenta
Ganhar de vencida ré!

Sobrio, entre os vinhos com que a meza ria,
Eu fui do caso infando testimunha.
No mover dos sobr'olhos, teos e d'elle,
Vi claras expressões; as frontes de ambos
Prescindiam da voz; olhos vibraveis
Eloquentes d'amor; lettras co'o vinho
Escrevieis na meza; os proprios dedos
Movidos com disfarce as-imitavam.
Da linguagem falada o senso occulto
Decifrei; tudo os zelos interpretam!
Cada palavra, que entre vós trocaveis,
Na accepção usual e conhecida,
Outra encerrava, só de vós sabida.

Terminado o banquete, os soltos convidados
Deixam ermo o salão; dous ficam reclinados...
Sois vós; disfarço, espreito, observo tudo emfim.

Livres da compressão, dais largas aos desejos!
Unidas bocca e bocca (oh! não se-engana a mim)
As linguas enlaçais; n'um beijo unis mil beijos...
Não beijos dos que liba irmã no austero irmão;
Casta Diana e Phebo assim não beijam, não...

Digitized by Google

Mas beijos dos que emprega amante voluptuosa
No mancebo feliz, por quem morre de amor;
Beijos como os-daria em cypria selva umbrosa
Venus ao seo Mavorte, accesa em igneo ardor.

Exhausto o soffrimento,
Surjo, deliro; exclamo:
« Que fazes tu? reclamo,
« Reclamo um bem que é meo;

« São nossas taes delicias,
« Tuas mas só comigo,
« Minhas mas só comtigo;
« No amor só tu, mais eu. »

Isto disse ; e após isto em queixas acres
Dei livre curso á dôr. Purpureo pejo
Eis sóbe ao rosto criminoso e lindo.
Taes a Titonea esposa os céos roxeia;
Tal da primeira vez que o noivo encara
Singela virgem córa;
Taes e menos formosas
Casam n'um ramilhete as cores suas
Co'os lirios brancos as vermelhas rosas.
Tal de manto sanguineo te-revestes
Porém menos vistosa, alva Diana,
Quando encantados teos frizões celestes,
Em triste eclypse o lume teo se-afana.
Ou tal, por mão de artifice meonia,
De nympha eburnea estatua purpureja,
E á palida velhice a côr sidonia
Oppõe, porque adorada eterno seja.
Egual ou similhante
Da minha criminosa era o semblante!

Digitized by Google

Nunca a-vi como assim, mimosa e seductora!
Tinha os olhos no chão... que bem que lhe-ficava!
Era toda tristeza, a tristeza encantava;
Qualquer outra a surrir tão donosa não fôra.
Eu nada via! Entregue aos delirios dos zelos,
Sentia tentações
De lhe-dilacerar os ornados cabellos
E as faces, cujo mimo abrandára leões.
Mas torno-a a encarar... quebraram-se-me os braços;
A feminea humildade as iras me-venceu;
Mais prêso do que nunca em seos terriveis laços,
Ajoelho; offendido, imploro o indulto meo!
De mãos postas lhe-peço, ao menos por piedade,
Beijos não menos bons do que esses que lhe-deu.
Largou-se a rir; e taes m'os-deu em realidade
Que um só roubára a Jove o iroso raio seo.
Oh! rala-me pensar que uns beijos d'esta sorte
Podesse outrem jamais com ella disfructar;
Os que lhe eu ensinára, em fogoso transporte,
Eram optimos, sim, mas não de comparar;
Pareceu-me, no assumpto em que mais eu me-louvo,
Ter, sem mim, apprendido um não sei que de novo.

D'estes beijos matou-me a doçura;
Nunca beijos se-deram tão sabios;
Toda em maga perfeita mistura
Sua lingua sorvida em meos labios,
Minha lingua sorvida nos seos.

Mas não é por taes beijos somente
Que me-fervem no peito os cuidados;
Outra angustia minh'alma inda sente,
E essa a ponto m'os-traz delirados
Que os mais zelos são nada ante os meos.

Digitized by Google

D'este beijar tão íntimo,
Tão raro, tão perfeito,
Só no amoroso leito
Se-póde eschola achar....

Quem na theoria e prática
Oh céos! a-adestraria?
Que mestre lograria
A paga de a-ensinar?

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 6.ª

A morte do papagaio.

Morreu da bella aurora o bello filho,
Que ovante espanejava em nossos lares
Todas as côres do materno brilho,
Todo o verde dos indicos palmares.

Do seo Ganges natal o amor e a galla,
Que assombro ao Tibre deu,
D'entre plumas soltando humana fala,
Morreu em fim! morreu!

Ternas aves, ajunctae-vos,
Apressae-vos por piedade!
De saudade em justa prova,
Ide á cova
Seu despôjo accompanhar.

Alteae lamentos graves,
Ternas aves, triste bando,
Imitando os mil extremos,
Que fazemos
Juncto ás pyras resoar.

Digitized by Google

De alta magua o proprio peito
Com as azas firam umas;
Outras, miseras desgrenhem
As subtis pintadas plumas.

Mil a fronte dilacerem,
Mil suspirem; vão na pompa
As mais roucas imitando
A funerea horrenda trompa.

E vós que, meigas,
À primavera
Dota e prefere
A quantas gera,
Ambas saudosas
E desgraçadas,
— Uma cantora
Das madrugadas,
— Outra das noites
Brandas, suaves,
E ambas inveja
Das outras aves;
— Tu, Progne, a hospeda
Dos nossos lares,
Em cujos canticos
Transpira a dor;
— E tu que os tacitos
Nossos pomares,
E os rios placidos,
E o seio umbrifero
Dos arvoredos,
O' Philomela,

Digitized by Google

Co'os melancolicos
Longos segredos,
Enches de amor;
— Esquecei hoje
A vossa injúria,
A morte de Itys,
De um monstro a furia!
Assaz carpistes,
Em tantos annos,
De vossos damnos
O acerbo horror;
Recente objecto
De justas queixas
Demanda agora
Vossas endeixas;
Foi-se das aves,
Foi-se a melhor.

Mas do volatil bando
Quem, tanto como tu, sensivel rôla,
Deverá noite e dia andar chorando!
Corinna vos-junctára, atou Corinna
Um laço de amizade,
Que os genios vossos, o costume e o tempo
Tornaram firme, intacto, indissoluvel,
Té ao final momento.
Fez a ternura em vós que não soubesseis
Das raças o intervallo;
Socias, amigas, necessarias ambas,
O ar, a habitação, a mesa, o copo,
Brincos, somno, vigilia, amavel dona,
Tudo commum tivestes;

Digitized by Google

E fostes entre as aves
Os Pylades e Orestes.

Misero papagaio,
Que te-valeu ter sido
Da amizade o modêlo, a flor das aves?
Que te-valeu das fórmas a elegancia,
Das pennas o matiz, o dom da fala?
De quantos bens tiveste, o bem supremo,
O seres de Corinna,
Dar-te ella o seo amor, dar-te o sustento
Por sua mão divina,
Que te-valeu, si impía
Ferir-te a morte como ás mais devia!

Com que verde explendor invergonhavas
A fulgente esmeralda! Ouro mais fino
Do que o nosso era o teo, e mais vistosas
Que as dos reis tuas purpuras nativas.
Nenhuma ave loquaz arremedava
Mais habilmente as vozes...
Gracioso na pronúncia, até seos vicios
Tornavas graciosos.

Alguns máos olhos, ou crueis invejas,
Deram fim aos teos dias;
Eras só falador, em paz vivias
Nunca intraste em pelejas,
Só gostavas de affectos e alegrias.
A turbulenta codorniz combate,
E entre os combates vive;
E o não raro alcançar velhice extrema
D'esse ímpio natural talvez derive.

Digitized by Google

Frugal em teo sustento
Não eras como tantas, que somente
Nas rapinas aereas têm o intento;
Teo gosto era brincar, palrar co'a gente.
Davas prazer, não magua,
Gloria, e nenhum dispendio á natureza,
Que á tua parca mesa
Bastava uma só noz, papoilas e agua.

Vive o abutre voraz; vive o milhafre,
Que os ares ronda infesto;
Vive o nuncio da chuva, odioso gralho;
Vive essa ave, rancor da torva Pallas,
E por seculos nove o ser prolonga...
Esses vivem, oh dor! e tu pereces,
Papagaio innocente, amavel echo
Dos nossos pensamentos,
Dom tão raro e jucundo,
Mandado a Roma dos confins do mundo!

Parece lei da sorte,
Que os triumphos te-inveja, oh natureza!
No que geras melhor cahe cedo a morte;
Tem longa duração quanto é baixeza.
Morre Protesilao, Thersites fica;
Um Páris vê de Heitor a cinza fria;
Ha flor agreste de existencia rica,
A rosa dos jardins mal dura um dia.
Quantos, que ardentes, que ajustados votos
Corinna aos céos mandava!
Ai! todos pelo ar lh'os-dissipava
Furia inimiga de insolentes notos!

Digitized by Google

Dos dias da penosa infermidade
Raiára emfim o septimo, o medonho;
O que, a teos olhos desfazendo um sonho,
Tinha de anoitecer na eternidade.
A Parca, vendo a roca já despida,
Gemeu, dando no fuso o ultimo giro;
Sentiste a hora da final partida;
Tua voz, já mortal e a custo ouvida,
Disse:—« Corinna, adeus —» e n'um suspiro
Exhalaste cahindo o amor e a vida.

Sobre um chão relvoso e fresco,
De um viçoso oiteiro ao fundo,
Denso bosque de azinheiras
Diz-se haver no Elysio mundo;

As boas aves o-habitam,
Defeso ás impuras é;
Si é rasão que a pias crenças
Não se-negue inteira fé.

Lá de cisnes innocentes
A saudosa melodia
Vai os cantos renovando
Que ensaiou no extremo dia.

Tantas phenix lá revoam
No frescor das verdes ramas,
Quantas vezes a da terra
Morre e sahe das proprias chammas.

Digitized by Google

O pavão passeia ufano,
E abre as azas radiosas;
Rulham pombas, misturando
Beijos, ancias amorosas.

Lá triumpha o papagaio;
Lá, de ouvil-o arrebatados,
Em silencio e em chusma o-cercam
Os espectros implumados.

Os terreos seos despojos, alagados
Do pranto de Corinna, e do meo pranto,
De suaves aromas perfumados,
E a quem a pyra só desfez o encanto,
Em pequenino tumulo encerrados
Dormem sem dar terror, mover espanto;
E breve como a lapida que o-fecha,
Poz-lhe a saudade esta chorosa endeixa:

« Fui de Corinna bella!
« Si eu era ou não amado,
« Meo tumulo o-revela;
« Chorae, chorae meo fado!
« No Elysio estou sem ella! »

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 7.ª

A CORINNA:

Protestos contra o amor da sua aia.

Já outra arguição? Já reo de novo!
Como queres que eu baste a tantos crimes,
Ingenhosa cruel! Já me-invergonham
Para um triumpho só batalhas tantas!

Si eu êrgo (por acaso)
Em roda do theatro a vista incerta,
Vás logo, d'entre mil, buscar alguma
Onde o ciume accendas.

Si uma innocente me-dirige os olhos,
Sem expressão lançados,
No olhar sem expressão vês logo indicios
De mutua intelligencia.

Si louvo? eis que raivosa te-desgrenhas.
Si reprovo? disfarce e astucia chamas.
Trago no aspecto as rosas da saude?
Já não ardo por ti. Palido venho?
Já morro de outro amor... Ah! que de vezes,

Digitized by Google

Desejei ter os crimes que sonhavas!
Ser culpado e pagar é menos duro,
É menos inclemente,
Que supplicios soffrer quando innocente.

Sem rasões multiplicando
Que me-cançam, que te-affligem,
Dás ao odio eterna origem,
Quando paz só nutre amor.

Sempre injusta a meo respeito,
Sempre credula e infadada
Já te-inraivas sem proveito;
Já não temo o teo furor.

Vê o aurito animal de infausta sina,
Escravo, soffredor, submisso á carga;
Si o dono deshumano
Vai com rispida voz, e crebro açoite,
Ao longo do caminho afadigado,
Seos passos perseguindo,
Não faz mudança alguma,
Segue a estrada e aos tormentos se-acostuma.

Eis o meo crime de hoje!
Profanei com Cypasse
(Aia fiel, que ao toucador te-assiste),
Teo leito, minha fé, nossos amores!
Eu com Cypasse! eu infiel! O' Numes!
Si a tentação de o-ser me-intrasse um dia,
Nunca o céo permittisse aos meos affectos
Empregar-se tão baixo; estes meos olhos
Em que a propria Corinna os seos fitava.
Iriam delirar, arder captivos

Digitized by Google

Nos de uma abjecta escrava?
Que homem livre, que espirito elevado
Supportaria os mimos, os favores,
De condição tão vil? Romanos braços
Sobre romano peito
Cingindo um corpo, gracioso embora,
Mas dos açoites aos vergões subjeito!
Que horror! Até pensál-o injúria fôra!

Nem siquer reflectiste em que é Cypasse
Quem assidua a teo lado, cada dia
Teos cabellos penteia, adorna, inlaça;
Que tu-mesma, por prémio da destreza
Com que te-serve assim, lhe-havias dado
O affecto e a confiança. Imaginaste
Que eu podesse jámais solicitál-a?
A ella! Á tua escrava favorita
(Fôsse embora dez vezes mais amavel)!
Á tua aia, a Cypasse, á inseparavel!...
Que fructos me-daria egual projecto,
Si estolido o-tentasse?
Tu-mesma os-imagina!
A repulsa, a denúncia de Cypasse,
O meo desdoiro, o odio de Corinna.

Si não crès nos fiadores
Que me-abonam a innocencia,
Este ar livre, amor, prudencia,
Minha honra, o espelho teo,

Juro aos maximos dos Numes
Aos que adoro, a Amor, e a Cypria,
Que jámais dos teos ciumes
Fui, nem sou, nem serei réo.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 8.ª

A Cypasse, aia de Corinna.

Minha Cypasse! graciosa mestra
Do toucador no caprichoso officio,
Mas digna só de pentear deidades;
Tu em quem, por suave experiencia,
N'aquelle nosso furto
Conheci a espertesa e a intelligencia;
Tu, util a Corinna,
Mas mais util a mim; sabes dizer-me,
Podes adivinhar, gentil Cypasse,
Quem á tua senhora
Aquelle nosso brinco segredasse?
Ou porque arte alcançasse
O que só de ambos nós sentido fôra?
Mas viste-me córar? Mudei de aspecto?
Alterou-se-me a voz? Tive um descuido?
Escapou-me palavra
Que désse um longe da feliz verdade?

Digitized by Google

Havias vêr o fogo,
O inthusiasmo, a aversão com que lhe eu disse
Que arder por uma escrava
Era loucura e crime,
Que em nobre coração jámais intrava.
Fingi tanta vehemencia,
Que nem lhe-dei logar para lembrar-se
De mil heroes, de Achilles, de Agamemnon,
Ternos escravos de gentis escravas;
Achilles o invencivel,
Prole de Numes, possessor de um sceptro,
Delirando de amor, cançando a lyra
Em honra de Briseida;
De Jupiter o genro
Rei dos Reis, Agamemnon,
Da captiva Cassandra aos pés captivo.
Posso eu nem comparar-me
Ao Thetio moço, ao Micenêo altivo?
O que os não desluziu póde infamar-me?

Mas tu, quando ella em ti fitou seos olhos
Tu córaste, Cypasse, e tanto e tanto,
Que todo o teo semblante era uma rosa.
Vês? nem me isto escapou! Confessa agora,
Si inda acaso em tal scena estás presente,
Sim, sim, minha Cypasse,
Confessa, invergonhando-te, que de ambos
O mais habil fui eu; com que firmesa,
Contra o seo tão legitimo ciume,
Não jurei eu por nosso amavel Nume,
Pela Rainha e mãe da natureza?
O' Venus, foi perjura

Digitized by Google

A voz e não a mente; a mente é pura.
Foi precisa a mentira; os teos altares
Não quiz inxovalhar um só momento;
Si essa voz te-offendeu, tu manda ao vento
Que a-leve e a-perca por longinquos mares.

E tu, minha adoravel trigueirinha,
Tu, doce prenda minha,
Não me-darás, do meo serviço em prémio,
Esta noite outra noite de ventura?
Que repugnas, cruel? Que estás fingindo
Novos temores vãos? Pensa o que fazes;
Já tens Corinna infesta,
Si perdes meo abrigo, o que te-resta?

Si de amar-me te-arrependes,
Si me-roubas teos favores,
Irei, justo em meos furores,
Nossos crimes delatar.

Já não meos, os teos segredos
A Corinna os-direi todos,
Quantas vezes, de que modos,
Como, quando, em que logar.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 9.ª

A Cupido.

Amor, cruel amor, que me não deixas,
E, esquecido do imperio do universo,
Meo pobre coração contínuo ralas!

Amor, amor injusto,
Si eu nunca desertei das tuas filas;
Si adoro os teos pendões; si quantos pude
Te-grangeei laureis; si agora mesmo
Firme conservo o pôsto;
Porque mè-vens ferir? Nume imprudente
Laceras, queimas teos fieis vassalos,
E aos soberbos que o jugo te-despresam
Soberbos deixas ir sem castigál-os!

Achilles te-excedeu; mortal e duro
Era Achilles; tu Deus, amor e infante;
Tu volves a ferir os que feríras,
Elle fere, ouve os ais, extingue as iras,
Corre co'a lança próspera e homicida,
Toca o inimigo e restitue-lhe a vida.

Digitized by Google

Olha a Deusa esquiva e bella!
Segue amor, essa inimiga;
Mas imita as settas d'ella
Na selvatica fadiga!

A ferir teo arco apprenda
Quem te-fuja ou se-defenda,
E a poupar quem já seos passos
Nos teos laços suspendeu.

Deus de amor, si um templo queres,
Menos barbaro te-mostra;
Quem te-insulta humilha e prostra;
Ledo acolhe o povo teo.

Qual gloria te-resulta
De despontar farpões nos ossos frios
De um mirrado esqueleto? É este o apuro
Em que as tuas campanhas me-puzeram.

No mundo ha tanto ingrato, ha tanta desdenhosa!
Sobre victorias taes é bello o triumphar.
Si ás Aguias immortaes Roma victoriosa
Não mandasse a seos pés todo o orbe avassalar,
Em vez da eterna Roma e cume do universo
Sería ignota aldeia e da penuria berço.
Ah! tudo obtem descanço em premio do servir:
No ganhado casal acaba o veterano;
Velho frisão vai sôlto os pastos possuir;
Dorme na areia a náu, que invelheceu no oceano;
Quando a ociosa vara alcança do pretor,
Adeus arena e espada! exclama o gladiador.
Eu que sob os pendões de rosas e de espinhos

Digitized by Google

Em que a bellesa alista os miseros mortaes
Gastei a flôr da edade, uns rapidos carinhos
De longe em longe obtendo em trôco a longos ais,
Cuidei que me-chegasse emfim a occasião
De dar honrosa baixa á lyra e ao coração.

Mas que penso, amor, que digo?
Si algum Deus, teo inimigo,
Me-fadasse prasenteiro
Para vida a eternidade,
Para posse o mundo inteiro,
Para essencia a liberdade,
Co'a pensão de não amar;

« Nume, ó Nume, exclamaria:
« Leva os barbaros favores!
« Nenhum bem me-pagaria
« De um suave mal d'amores,
« De um dulcissimo penar. »
Si, farto de servir, si, frio o sangue,
A's vezes (poucas são) obtenho folga
De amor nos interregnos,
Parece que um sentido me-falece,
Que me-estranho a mim-mesmo, que me-sinto
Não pertencer á terra.
N'uma cama de gêlo
Dorme-me o coração cançado somno,
E a mente, sem o centro que a-attrahia,
Gira em não sei que turbido remoinho,
Misera, affadigada,
Sem luz, sem norte, sem fitar-se em nada.
Mas assim como o indomito ginete,
Zombando da arte e fôrça, se-ennovella,

Digitized by Google

Salta, relincha, espuma, estala o freio,
E vai co'o cavalleiro ao precipicio;
Ou como a náu, já proxima do porto,
Subito furacão vem atirál-a
De novo ao mar furioso;
Assim ventos de amor de novo sopram,
Que a mente desvairada
Me-reconduzem logo ás vagas crespas
Da conhecida Paphos,
Onde afogueado amor já me-aguardava,
Na corda a mão tão certa,
No arco a farpa, e a longa vista álerta.

Fere, amor, um peito inerme
Que a teos tiros se-apresenta!
Si o triumpho te-contenta
Sempre em mim triumpharás.

Teo farpão quasi espontâneo
Já se-aponta a mim direito,
E mais sabe do meo peito
Que do proprio seo carcaz.

Quanto chóro o infeliz, que a somno sôlto
As vastas noites leva,
E que acha um grande bem na paz de um leito!
Misero! n'essa paz que te-namora
Não vês da fria morte a horrenda imagem?
Espera um dia, e dormirás sem termo.
Graças aos céos que um gôsto
Me-deu a natureza ao vosso opposto!

Apraz-me a agitação, cuidados, penas;

Digitized by Google

De bens e males na perpétua lucta
Sentir no peito o coração com vida;
Ora enganar-me venham
De uma perfida linda amantes vozes,
Que, inda falsas e incriveis,
O bem de esperar bens comsigo trazem;
Ora flores de brancas alegrias
Me-brotem n'alma, ao halito propicio
De afagos amorosos;
Ora ciumes, raivas,
Crueis filhos de amor e a amor tão uteis
Me-enoiteçam as horas,
Porque depois mais fulgidas renasçam.
Sobre um seio formoso
Tanto mais caro, quanto mais gosado,
Ache a miude o praser; a miude chore
Ante a porta excluido inteiras noites.
Várias assim fluctuam
As campanhas de amor, como as de Marte.
Ou d'elle e não de Jove, Amor, és prole,
E lhe-herdaste co'o sangue
A inconstancia de humor que te-contemplo,
Ou elle a ti, ou tu lhe-deste o exemplo.
Tuas azas voluveis
Sãc-n'o menos que tu; si ris, devemos
Contar-te co'a ameaça, e si ameaças
Esperar-te o favor; dás imprevisto
Ora o bem, ora o mal; zombas da esp'rança,
Brotas fructo sem flôr e flôr sem fructo;
Chegas, foges, revertes,
Ris da experiencia, a natureza invertes.

Digitized by Google

Mãe das graças, alado frecheiro,
Cyprios Numes, que adoro rendido,
Si mereço de vós ser ouvido,
Reinae sempre no meo coração.

Mas ao sceptro se-curve comigo
A soberba inconstancia das bellas!
Nossos córos se-ingrossem co'os d'ellas,
Vossos Numes mais Numes serão.

Digitized by Google

CANÇÃO 10.ª

Os dous amores.

Meo Grecino! inda me-lembra
Que tu me-disseste um dia,
Que duas amar a um tempo
Ninguem no mundo podia....

Inganaste-me, e eis o fructo
Das falsas doctrinas tuas:
Desprevenido me-acharam,
Vejo-me a contas com duas.

Formosissimas são ambas;
Ambas se-infeitam mui bem;
E qual mais prendada seja
Não o-decide ninguem.

Esta é mais bella que a outra;
A outra é tambem mais bella....
Áquella prefiro eu esta....
A esta prefiro aquella....

Digitized by Google

Como batel que doideja,
De oppostos ventos batido,
Nos dous amores fluctua
Meo coração repartido.

Porque te-apraz, Ericina,
Ver meos tormentos dobrados?
Não bastava uma somente
Para occupar meos cuidados?

Ás arvores já frondosas
Porque é mais folhas junctar?
Mais astros ao céo brilhante?
Mais ondas ao largo mar?

Mas antes assim, ó Deusa,
Que não sentir-te a influencia.
Reserva aos meos inimigos
Tão vergonhosa existencia.

Os céos, os céos os-condemnem
Do leito a dormir no meio,
Sem calor, sem que uma bella
Os-amime ao terno seio.

Nunca eu jaza no meo leito
Solitario, aborrecido;
Seja a miude o meo somno
De amor travesso rompido.

Finde ás mãos da minha amada
A minha existencia gasta;
Si uma só basta, uma seja,
E duas, si uma não basta.

Digitized by Google

Sobram-me as fôrças e o brio,
Sem ser fornido colosso;
Sob apparencias mesquinhas
Não é mesquinho o que eu posso.

Desejo, arder de prazeres,
Força incrivel me-darão,
Inda de mim até-gora
Nenhuma exigiu em vão.

Mil vezes passada a noite
Sem co'os prazeres ter paz,
Me-achei no dia seguinte
Robusto, forte, e capaz.

Feliz o que se-arruina
De Venus na mutua lida;
Praza ao céo, que d'esta causa
Me-provenha o fim da vida.

Arme-se o bravo guerreiro
Contra as lanças inimigas;
Eterna gloria lhe-comprem
Seo sangue e suas fadigas.

O avaro ajuncte riquezas;
E o nauta, ás ondas lançado,
Beba co'a bocca perjura
O mar que tinha cortado....

Dissipar as minhas fôrças
Quero, ó Venus, em teos fogos;
Venha a parca arrebatar-me
Do centro dos ternos jogos.

Digitized by Google

Em meo funeral chorando,
Exclame alguem d'esta sorte:
« Ditoso, ditoso amante,
« Qual na vida, tal na morte! »

Digitized by Google

CANÇAO 11.ª

Corinna embarcando.

Roubado aos cumes do Pelion,
E em náu mudado, o pinheiro
Foi quem ensinou primeiro
Por sobre attonitas ondas
Funesto caminho abrir.
Por entre os parceis dispersos
No elemento undoso e vário,
Se-abalançou temerario,
Té que o aurigero carneiro
Poude á patria conduzir.

Oxalá desparecido
Argos tivesse entre os mares!
Ninguem, deixando seos lares,
Jamais co'os remos feríra
A funda e verde extensão.
Eis Corinna deixa o brando
Leito da nossa ternura;

Digitized by Google

De seos penates não cura;
Já de entregar-se ás traidoras
Bravas ondas fez tenção.

Ai de mim! porque me-fazes
Temer os contrarios ventos?
Zephyros, Euros violentos?
Recear Boreas gelado,
Quente, Noto recear?
Por lá não verás cidades,
Nem copadas selvas densas;
São monotonas, immensas
As tristes, torvas planicies
Do cruel, injusto mar.

Seixinhos, córadas conchas
No alto mar achar não creias.
Só, entre as ruivas areias
Das longas praias, se-encontra
Esse esmalte incantador.
Só é dado ás raparigas
A nivea planta elegante
Na praia estampar; ávante
Incerto caminho é tudo,
É tudo cheio de horror.

Deixae que os outros vos-contem
As torvas guerras dos ventos;
Que vos-pintem os violentos
Negros tumultos de Scylla,
E de Charybdes voraz;
Aonde as rochas se-incontrão

Digitized by Google

Dos ceraunos tormentosos,
Das syrtes baixos p'rigosos,
E Maléa, cuja raiva
Sempre o mar em guerra traz.

Isto os outros vol-o pintem !
Vós, supponde ouvir verdades !
Quem dá fé ás tempestades
Que os mais descrevem, não hade
De tempestades morrer.
Debalde os olhos e o affecto
Se-fitam na terra cara,
Mal que o piloto soltára
O baixel, e á véla cheia
Começa ousado a correr.

De contínuo observa o nauta
Para a banda d'onde é certo
Vir só máo vento ; e tão perto
Vai sempre da feia morte
Como do salso liquor.
E que será si o possante
Tritão as ondas altera ?
Ah ! Corinna ! considera
Que vezes hade fugir-te
Das roseas faces a côr !

Então da fecunda Leda
Hasde os filhos generosos
Chamar com gritos choros,
E invejar a quantos sabem
Viver no campo natal.

Digitized by Google

É mais seguro, Corinna,
No leito estar da ternura,
Gosar, da amavel leitura
E pulsar com ageis dedos
Thracia lyra divinal.

Mas si perdidos conselhos
Eu tenho aos ventos lançado,
O navio afortunado
Galathéa vá guardando,
E, segura ao menos, vae!
Em vós, em vós, fôra culpa
Fôra crime imperdoavel
De uma dama tão amavel
A infausta perda, ó Nereidas,
O' das Nereidas o pae!

Vae pois! mas, de nós lembrada,
Com vento propício volta;
Na véla concava e sôlta
Mais rija sopre a ditosa
Aura, que te-hade trazer.
Então Nereo para esta
Praia nossa incline os mares;
Desfeitos em vento os ares
E a maré com fôrça possam
Para estas praias correr.

Então os zephyros meigos
Roga que te-encham as vélas;
Tu mesma, senhora d'ellas,
As-moverás a teo gôsto
Co'a nivea, formosa mão.

Digitized by Google

Heide eu ser, heide, o primeiro
Que descubra a prôa tua;
E de cá da praia nua
Gritarei: « Lá vem o amavel
« Nume do meo coração ! »

Irei tomar-te em meos hombros,
Dar-te sem ordem mil bejos;
Por vêr cheios meos desejos,
A víctima promettida
Farei por terra cahir.
De thóro póde servir-nos
A branda areia aplanada;
Em pequeno monte alçada
Nos-póde commodamente
De facil mesa servir.

Alli, entre os rubros copos
Hasde mil cousas narrar-me;
Triste e inquieto hasde tornar-me
Pintando-me como o lenho
Se-viu quasi a sossobrar;
Dir-me-has que, para voltares
A meos braços, nem temêras
Procellosas noites feras,
Nem rijo sopro dos Notos,
Que infestam com furia o mar.

Tudo que assim me-disseres,
Tudo creio, embora mintas;
E porque de amaveis tinctas
Um quadro não comporia
Tão doce aos desejos meos?

Digitized by Google

Passae, tardios momentos
Que me-alongais tal futuro;
E tu, luminoso e puro
Sol de um dia tão brilhante,
Apressa os cavallos teos.

Digitized by Google

CANÇÃO 12.ª

Uma campanha feliz.

Venci, venci! C'roae-me, ó louros triumphaes!
Já nos meos braços tenho o objecto dos meos ais!
Qualquer valor e industria houvera esmorecido,
Ante um gelado eunucho, um sofrego marido,
Os sustos de Corinna, as chaves, os portões;
Para um desejo amante indomitos dragões!
De triumpho inaudito é digna esta victoria;
Ganhei, sem custar sangue, alto despôjo e gloria.
Pequena praça, um fosso, uns muros sem vigor
Os titulos não são que exaltam meo valor.
Co'o sabio meo commando existe conquistado
O objecto mais formoso, o objecto mais guardado!
Quando Agamemnon via, ao cabo de annos dez,
Troya em cinzas cair da Grecia ovante aos pés,
Com tanto rei por socio entre os pendões de Marte,
Da fama a que aspirava obteve apenas parte.

Digitized by Google

A minha gloria é outra, e o meo laurel só meo;
Sem alliados venço, o general fui eu;
Fui eu a tropa toda, a leve infanteria,
O intrepido estandarte, a audaz cavalleria;
Tudo fui; tudo fiz com meo saber e ardor,
Sem dever, nem á sorte, o minimo favor.

Vem pois, ó meo triumpho, assaz te-hei merecido,
Vem, vem, formoso premio, a tanto custo havido!
Compensa em branda paz quanto já combati,
Nem me-exponhas de novo a pelejar por ti.
Sê minha e sempre minha! o roubo só de Helena
Turbou da Europa e d'Asia a antiga paz serena.
Talvez que em formosura, em graça, em dons talvez
Que a filha de Enomáo não fôsse o que tu és;
Comtudo o aspecto seo muda uma boda em guerra,
Copos em armas troca, alaga em sangue a terra;
Quem a-disputa assim? Que almas sensiveis são?
Um povo meio-fera e uma brutal nação.
Outra mulher tambem, no imperio de Latino,
Dos Troyanos renova o marcial destino.
Si Roma infante ás mãos sogros com genros viu
Teo sexo a origem foi que a guerra produziu.
Não vês touros brigar por candida novilha,
Cuja presença exalta o ardor que n'elles brilha?
O que amor fez com mil, tambem comigo faz;
Quer que para o-servir desprese os bens da paz,
Que eu sïga entre os heroes seo rispido estandarte,
Mas que os-deixe ir-se á morte e viva para amar-te.

Digitized by Google

CANÇÃO 13.ª

Preces n'um aborto.

Meo odio merecia!
Havel-o ousado, a barbara!
Guardando-me segredo,
Raiva a cruel me-excita;
Mas vendo-a tão afflicta
Cede-me a raiva ao medo.

Ou era meo seo filho,
Ou a vaidade credula
Assim m'o-persuade
(Em tal não me embaraço;
Do que é possivel, faço
Mil vezes realidade).

Digitized by Google

Deusa de Paretonio,
De Pharon a pàlmifera,
De Memphis a vaidosa;
Deusa, que em paz dominas
Canopo, almas campinas,
Mansão deliciosa;

Nume, que tantos cultos,
Que tantas preces férvidas
Obtens, lá n'essas plagas,
Onde, por boccas septe,
O Nilo audaz remette
Vagas do mar ás vagas;

Pelos teos sistros, Deusa!
Deusa, por teo intrepido
Anubis veneravel!
Assim nas pompas tuas,
Deusa immortal, possuas
Osiris sempre amavel;

Assim a tarda serpe
Em tôrno ás sacras dadivas
Resvale em honra tua!
E assim teo venerando
Apis te-siga, alçando
Na fronte à cornea lua!

Nume! propicio volve
A nós teo rosto placido!
Salva uma ré tão bella!
Prodigios dous termina!
Viva por ti Corinna;
Eu viverei por ella.

Digitized by Google

Mil vezes, sistro em punho,
A-viste, acceso o espirito,
De devoção exemplo,
Por entre os laureados,
Nos dias consagrados,
Servir de gala ao templo.

Tu não menos, tu que ás moças
Dás tambem soccorro energico
N'estes trances apertados,
Quando o fructo dos amores,
Entre susto, pranto e dôres,
Cança os membros delicados,

Ouve as preces que eu te-gemo!
Cede aos ais da oppressa victima!
Vem! accode-lhe, Illythia!
Ser piedosa é teo costume;
Mas as graças de um tal nume
Quem mais que ella as-merecia?

Eu, contente, ufano e grato,
Eu, devoto, em veste candida
E co'as mãos de amor trementes,
Sobre o teo altar fumoso
Farto incenso irei, gososo,
Dar ás chammas estridentes.

Junctarei ás tuas plantas
Altos dons, e aos dons um rotulo,
Pregão da mercê divina.
Dá tu aso á inscripção pia,
Que diga: — « Ovidio a Illythia,
Pela vida de Corinna. »

Digitized by Google

Mas tu, Corinna, si é dado,
No meio da horrenda angustia
Em que me-vejo e te-vês,
Que eu te-avise e tu me-escutes. . .
Co'a natureza não luctes,
Não luctes segunda vez!

Digitized by Google

CANÇAO 14.ª

Imprecações n'um aborto.

Que importa que a teo sexo a amiga natureza,
Dando mil dons, negasse a marcial fereza?
Que, destinando á guerra o sexo varonil,
De uma bella não faça impavida Amazona?
Que a propria timidez, que em nós sería vil,
Seja uma graça em vós? e a intrepida Bellona,
Convocando os heróes ao campo do terror,
Vos não mande sair dos arraiaes de Amor?

Que importa si, crueis, armais ás escondidas
Em vosso proprio damno as imprudentes mãos?
A natureza e amor soltam gemidos vãos;
Feris-vos sem piedade, expondes vossas vidas.

A que ousou conceber primeira a idéa atroz
De apagar dentro em si o facho de outra vida,
De um ser, antes de ser, prematura homicida,

Digitized by Google

Espoliadora a si, a amor, ao mundo e a nós,
Merecia que a morte (afim que o negro ensaio
Não viesse a incontrar no mundo imitação)
Alli trocasse as mãos; na flor cahisse o raio,
Deixando a ella em cinza, ao fructo intacto e são.

Mas em alma feminea é crivel se-concentre
Vaidade tal
Que só para evitar umas rugas ao ventre
Desça á arena fatal?

Oh! si em nossas avós houvesse egual vaidade,
Onde estaria agora a pobre humanidade?
Para repovoar em fim da solidão
Mister fora outra Pyrrha, outro Deucalião,
E outras pedras tambem de seio mais fecundo
Que, á falta da mulher, dessem a vida ao mundo.

Si a grã Thetis, do mar soberana,
Se-houvesse furtado
Ao pêso de um filho, por quem se hoje ufana,
Achilles chamado,
Quem é que haveria da gloria troyanna
Jámais triumphado?
E o fado romano, com Troya de pé,
Teria nascido? seria qual é?
E si Ilia os seos gemeos das portas da vida
Aos golfãos do nada mandasse impiedosa,
Sem Romulo e Remo, serías nascida
Cabeça do mundo, rainha fastosa?
No seio de Venus, a Anchises infida,
Si Enéas morresse, qual hoje se-gosa,

Digitized by Google

CANÇÃO 15.ª

O annel.

Annel, que da minha amada
Vais ornar o niveo dedo,
Pinhor que serves somente
De prova do amor vehemente
Que me-abrasa o coração!
Acceito mimo lhe-sejas;
Com alegria te-acolha,
E te-introdusa surrindo
No dedo mimoso e lindo
Em signal de estimação.

Digitized by Google

Tão bem com ella te-ajustes
Como se-ajusta comigo;
Não lhe-sejas apertado,
Nem ao dedo torneado
Faças dores supportar.
Feliz annel que tractado
Serás por quem me-domina;
Ai de mim, que o meo presente
Crua inveja e zelo ardente
Já me-começa a causar.

Prouvera aos céos que eu podesse
De subito converter-me
No meo annel venturoso,
Pelo incanto poderoso
De Medéa ou de Protheo;
Então folgára, ó delicias,
Que levasse a mão ao seio,
E por baixo do vestido
Fôsse tocar o escondido
Thesouro tão pouco meo.

Oh! como alli de repente,
Meo arco estreito alargando,
Em tão fortunoso ensejo,
No centro do meo desejo
Me não deixára cahir!
Quando comigo os occultos
Escriptos sellar quizesse,
Como sêcca não convinha
Que estivesse a pedra minha
Para o lacre não se-unir,

Digitized by Google

Gosára-se a terra da augusta familia,
Cesarea progenie de Venus e de Ilia?
Tu propria, podendo nascer, qual és vinda,
Tão bella, tão linda,
Tu propria não fôras, a ser a mãe tua,
Qual és impia e crua.
E eu mesmo, si a minha tão barbara fosse
Qual te-ousas mostrar,
Morrer não podéra da morte mais doce,
Da morte de amores, que me-hade matar.
Nunca arrancar de vide plena
Vi nascentes racimos;
Nunca extorquir d'arvore amena
Verdes fructos opimos.
Elles, per si, te-hãode no gremio
De maduros cahir;
Espera um pouco e ser-te-hão premio
Uma vida, um porvir.
Não, não! Por mais que a mente explicações revolva,
Não encontra uma só que esse attentado absolva.
Como á piedade o-sois, sois vós á dôr extranhas?
Soffrer pungente ferro intrar-vos nas entranhas,
E ao que inda não nasceu venenos propinar!

Que nobre coração deixou de criminar
Medéa, essa feroz, que os filhos extermina,
Ou Progne, essa do seo frenetica assassina?
Mas ambas essas mães, horror da natureza,
Podiam motivar sua brutal fereza:
Banhavam, para exemplo a esposos infieis,
No sangue da sua prole as suas mãos crueis...
Mas em vós, que Jasão? mas em vós, que Tesco

Digitized by Google

Provocou a vingança, ou zelos accendeu...
Para ousardes sem dôr, sem pejo e sem receio,
Alancear lá dentro o vosso proprio seio?

Nem as tigres da Armenia, ou leôas jámais
Praticaram na prole o que vós praticais,
Vós, sexo melindroso! Oh! praticail'o sim,
Mas não impunemente. A mesma que dá fim
Ao misero pinhor, que dentro em si recata
Muitas vezes o-vinga, e matando-o se-mata;
Pagou co'a vida a vida! Em seu culpado leito
Desgrenhada a-depõe. Quem, perpassando, a-vê
(De seo tragico fim conhecendo o porquê),
Dá-lhe costas sem pena e exclama: « Foi bem feito. »
Vá longe o agouro!
Poupae, ó Deuses,
O meo thesouro!
A' vez primeira
Cabe o perdão.
Quando ella esqueça
Vossa clemencia,
Na reincidencia
Vingae-me então.

Digitized by Google

CANÇÃO 16.ª

Sulmona.

Eis-me emfim em Sulmona ! a flor e o brio
Do Peligno paiz ! torrão pequeno,
Porém de aguas perennes regadio,
Saudavel, puro, ameno.

Debalde o sol mais perto os campos fende,
Debalde o Icario cão raivando estua ;
Sempre fresco verdor seo chão deffende,
Em rios mil fluctua.

Aqui Ceres se-uffana em aureas galas,
Baccho mais opulento aqui se-alegra,
Medra nas pingues arvores de Pallas
A baga lisa e negra.

Digitized by Google

Pelas margens dos fulgidos regatos
Alta relva espontanea está florindo.
Sitios, á vista, ao coração tão gratos
Salve! outra vez sou vindo!

Aqui, onde prazer tudo respira,
Só falta o doce amor d'esta alma triste;
Que digo? Falta aquella que m'o-inspira;
O amor cá dentro existe.

Si entre os gemeos irmãos dado me-fôsse
Luzir nos estelligeros espaços,
Juro-te que dos céos trocára a posse
Por ter a dos teos braços.

A terra, onde de inquietos não pararam,
Pesada feche em seo avaro fundo
Os que, ousando jornadas, inventaram
Dissociar o mundo!

Ou si eram necessarios taes caminhos,
Com esse, outro costume introduzissem;
Que em vez dos homens viajar sosinhos,
As bellas os-seguissem.

Assim dos Alpes as ventosas plagas
Ledo corrêra a par co'os meos amores;
Foreis-me, ó furacões, foreis-me, ó fragas,
Favonio e chão de flores. . .

Syrtes da Lybia afrontarei com ella,
Contrario Noto, oceano irado e feio,
Scilla que o mar em vortice atropella,
E de Maléa o Seio.

Digitized by Google

Iria com alvoroço
Humedecer-me em seos labios;
Só prompto me não achára
Quando fechar desejára
Bilhetes a mim fataes.
Si algum dia te-lembrasse
De pôr-me em teo guarda-joias,
Logo, estreitando o meu aro,
Abraçado ao dedo caro,
Te-apertára a mais e a mais.

Eu não te-fôra deslustre,
Vida minha, amado encanto,
Nem sería tão pesado,
Que em teo dedo delicado
Fôsse incommodo ao trazer.
Até podias levar-me
Quando ao quente banho fôsses;
Devias soffrer sem magua
Que a pedra podesse n'agua
Um pouco o brilho perder.

Mas penso que ao ver-te nua,
Se-alvoroçára o meo todo...
Do encanto quebrando os laços,
Me-sentíras em teos braços
O mais ardente amador.
Mas ah! porque o pensamento
Fatigo em votos inuteis?
Parte, vae, singelo mimo;
Corinna, do que eu a-estimo
Em ti só veja um pinhor.

——

Digitized by Google

Digitized by Google

Verei com ella, sem que horror me-estorve,
Charybdes, que, das naus abysmo insano,
Sorve, vomita e turbida resorve
O vomitado oceano.

Si, em taes riscos, á furia succumbisse
Do nume a quem do mar compete o mando;
Si os Deuses da alta pôppa inuteis visse
Nas ondas sossobrando. . .

Cingindo o collo meo teos niveos braços,
Sobre mim palpitando um niveo seio,
Bradára a nado: — « Horrisonos espaços,
« Rugi! não vos-receio!

« Vezes sem conto, ó nadador de Abydo,
« De escarceos triumphaste; Hero foi tua;
« Nem da noite fatal fôras vencido,
« Si visses facho ou lua. »

Comtigo tudo é bello, e me-namora;
Trocas-me em vida a morte, em céos o averno;
Onde tu não estás só ancia mora
E dissabor eterno.

Estes ledos vinhaes, estas campinas,
Aura affagando a coma do arvoredo,
O cheiro, a sombra, as regas cristallinas,
O rustico folguedo,

Nada me-suppre, ó cara, os teos agrados;
Não sinto este ar Peligno, este ar saudavel;

Digitized by Google

Estranho a patria herdade, e os suspirados
Sitios da infancia amavel.

Como que estou entre horridos Britannos,
Na Cilicia feroz, na Scythia brava,
Ou n'esses, Prometheo, montes Hyrcanos
Que inda teo sangue lava.

Ama o olmeiro a vide, e em mil abraços
Jamais a vide o olmeiro desampara;
Porque heide eu tantas vezes de meos braços
Chorar-te longe, ó cara?

E jurares-me tu por mim, por esses
Astros meos, e de amor formosos lumes,
Que fazer com que um'hora me-perdesses
Nem poderiam Numes!...

Oh de um sexo gentil mui faceis votos,
Mais leves que do outomno a vã folhagem!
Qualquer rio vos-leva ou quaesquer Notos
Em rapida viagem.

Si inda comtudo n'esse peito resta
Algum benigno dó de um solitario,
Vem, vem! desmente a accusação funesta!
Confunde um temerario!

Oh! cedo eu veja no feliz caminho
Teos pequenos frisões a mim voando,
E tu dentro no esplendido carrinho
As rédeas agitando.

Digitized by Google

Abaixae-vos ante ella, altivos montes!
Concavos valles, não tardeis seos passos!
Fujam-lhe de continuo os horisontes,
E eu cedo a-tenha em braços!

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 17.ª

Valdade de Corinna.

Si ha n'este mundo alguem que diga
Que de uma bella rapariga
O ser escravo é cousa vil,
Ante o seo tribunal sou eu todo vilesa;
Eu que, por meo gosto, sou prêsa
Da rapariga mais gentil.
Não procuro appellar da sentença severa;
Com essa infamia posso eu bem,
Uma vez que de amor a mãe,
A que em Paphos, a que em Cythera
Menos adorações do que em minh'alma tem,

Digitized by Google

Me-abrase sim (mas não tão fera),
Me-traga sempre em seos grilhões,
Porém jamais me-dê razões
De os-arrastar contra vontade,
E ás suas buscadas prisões
De preferir a liberdade.

Ah ! si era fado eu pertencer
De quantas vi á mais formosa,
Porque havia meo fado ser
Dar logo co' a mais rigorosa ?
E' dos encantos seos que nasce o seo rigor ;
Sua belleza é que é tyranna ;
Conhece que a seos pés amor
Votos deve render como á sua sob'rana.
Bem sabe que o morrer por ella
E' necessario em quem n'a-vê.
Porque soffreis, ó céos, porquê
Conhecer-se tão bem quem formastes tão bella ?
O que fizestes mais perfeito
Sabe-se avaliar... é esse o seo defeito.
Mal haja o espelho seo nimiamente fiel,
Que nunca a-vê desinfeitada,
Que sempre lhe-surri, que lhe não diz mais nada
Sinão : — « Sê cruel, sê cruel,
« Verás que, inda assim mesmo, has-de ser adorada »
Contradizer não quero o conselheiro teo. . .
Mas o meo coração, que é tambem teo espelho,
Bem que forme de ti juiso egual ao seo,
Não te-dará tão máo conselho.
Tu contas, Corinna, a teos pés,
Contas milhares de vassallos ;
Porém nada importa contál'os

Digitized by Google

Si, uò throno que tens, venturosa não és.
Certo, para reinar vale muito o ser linda;
Mas o reinar é nada ainda,
Deves felicitar, si queres ser feliz;
No codigo de amor quem não faz um ditoso
Jamais aspire a venturoso.
(Ao menos n'esta parte amor é bom juiz!)
No numero sem fim de teos adoradores
E' já bem tempo de escolher.
Nenhum merece os teos favores,
Mas tu mereces o praser.
Nenhum mais ardentes amores
Do que eu te-hade nunca off'recer.

Rara não é, gentil Corinna,
A união de objectos deseguaes;
Calypso, formosa e divina,
Foi perdida de amor por um d'entre os mortaes;
Das deidades do amor inda Thetis é uma,
E foi consorte de Peleo;
Meigas delicias concedeu
A nympha Egeria ao sabio Numa;
E admitte a filha da alva espuma
Coxo ferreiro ao thoro seo;
Nos versos mesmo se-acha graça
Quando em harmonica prisão
Grande e pequeno se-entrelaça,
E as chordas deseguaes accompanhando-os vão.

Mas basta de exemplos, querida
Prenda gentil da minha vida!
Tu mesma os-podes dar, em vez de os-receber.

Digitized by Google

A nada mais, Corinna, aspiro,
Por premio de te-amar, que levar-te ao praser.
Põe quaesquer condições ao bem por que suspiro...
Quando um ente qual tu, credor de adorações,
No meio do seo leito enche as noites sosinho,
A' posse d'um terno carinho
Bem póde affoitamente impôr as condições.
Por digno de ti me não tenho,
Deshonra porém te não sou;
Outros são ricos de ouro, eu sou rico de ingenho;
Outros te-off'recem bens, eu renome te-dou;
Abro thesouros de poesia,
E taes que de muitas sei eu,
Que para agradar-me um só dia
Por gôsto davam tudo seo:
Até de uma já sei que espalha ser Corinna;
Que este nome é disfarce, e que eu gemo a seos pés...
Mas a quem é que o céo destina
Ser um momento o que tu és?
Não; pelo mesmo alvéo onde murmura o Pado
Jamais o Erotas correrá....
N'um estro e coração que amor te-ha consagrado
Nenhuma póde caber já.

Digitized by Google

CANÇÃO 18.ª

A Macro.

Emquanto os feitos inclitos
Narras d'Achilles fero,
Até á acerba colera
Cantada por Homero;

Em quanto armas em Aulide,
Terror dos teucros fados,
A expedição magnanima
Dos gregos conjurados;

A' sombra ociosa e placida
Dos bosques de Cyprina,

Digitized by Google

Eu, Macro, estudo canticos
Nos olhos de Corinna.

De estro soberbos impetos
As' vezes, é verdade,
Vêm abalar meo animo
Da obscura ociosidade ;

Mas passa qual relampago,
Que, ao vêr em mim furor,
Lhe-quebra as azas subito,
Cheio d'inveja, Amor.

Occasiões sem número
Digo eu á minha amada :
« Já basta ! oh sim ! retira-te !
« Já gloria em fim me-agrada ! »

Não me responde ; e rindo-se
Do meo fogoso Apollo,
Sahe do meo lado, e senta-se
Vaidosa no meo collo.

« Já me-envergonho ! » torno-lhe. . .
Mas vejo reluzir
Nos lindos olhos lagrymas
Que tenta em vão sumir ;

Ouço-a dizer « Ai misera !
« Miserrima que sou !
« Já te-invergonha amares-me,
« Já gloria te não dou ! »

Digitized by Google

Cingem-me uns braços candidos;
Chovem-me de improviso
Mil d'esses bejos férvidos
Com que me-apaga o siso.

Que heide fazer-lhe ?. . . Rendo-me;
Reverto desertor,
Dos meos guerreiros épicos
Aos meos pendões de amor;

Deixo as conquistas bellicas,
E livre de embaraço,
Limito-me ás domesticas,
Meo proprio heroe me-faço.

Tempo houve em que da tragica
Musa, sombria, ardente,
Sustive o punhal barbaro
E o sceptro refulgente.

Do estylo seo magniloquo
Sentia-me capaz;
Por mim, ó Roma, viste-l'a
Crescer talvez assaz.

Amor vendo-me, em purpura
Involto, e de ar suturno,
Pisar os salões regios
Com fulgido cothurno,

Tirar da mão dos principes,
Tão cedo usurpador,

Digitized by Google

Com dextra obscura e impavida,
Seo sceptro assustâdor',

D'esta ousadia insolita
Se-pôz a rir, jurando
Que logo o altivo espirito
Me-volveria brando;

N'isto me-prende em vinculos
De eterna contextura,
Das deusas á mais rispida,
Das bellas á mais dura.

Adeus, cothurno e purpura!
Da scena em que eu reinava
Amor, Corinna tornam-me
A' condição escrava.

Somente pois me-é licito
Traçar com docil penna
O que este nume aligero,
O que esta bella ordena.

De amor aos mil discipulos
Preceitos dou de amor;
Preceitos infructiferos
Ao terno professor;

Ou feito secretario
Das heroinas bellas,
Ternissimas epistolas
Escrevo em nome d'ellas.

Digitized by Google

Ora a fiel Penelope
Se-queixa ao tardo esposo
De seo, deixada em Ithaca,
Destino rigoroso;

Ora te-pinto as lagrymas,
Phillis mimosa e triste,
Quando o teo joven Attico
Desamparar-te viste;

De Enone, Helena e Cânace
Descrevo o coração;
De Ariadna queixas, súpplicas
Ao perfido Jasão;

Ao pae fallaz de Hippolitho,
A Hippolitho o pudico,
Das pobres suas victimas
O interno ardor explico.

Empunha o ferro dardano
A delirante Dido;
E escreve co' a mão trémula
Ao teucro fementido.

Antes que ascenda a Leucade,
Inda a Phaon suspira
A terna moça lesbyca,
Primor da grega lyra. . .

Cartas a que solícito
O bom Sabino meo

Digitized by Google

De todo esse orbe as rapidas
Respostas devolveu.

De Ulysses já com jubilo
Vê lettra a esposa casta;
Lettras já vê de Hippolitho;
De Hippolitho a madrasta,

A' misera Sidonia
Rescreve o heroe piedoso;
Phillis, si é viva, alegre-se,
Que vai chegar o esposo;

Triste noticia Hypsipile
Do seo Jasão já lê;
Sapho ao seo nume delphico
Votiva lyra dê.

Mas tu, Macro, tu proprio,
Si bem que livre e ousado
Tens ás façanhas bellicas
Teo estro consagrado,

No meio d'esse vortice
Do marcial fervor
Vejo que admittes placido
Scenas tambem de amor:

Páris e Helena a adultera,
A pura Laudamia
Que segue o extincto conjuge
A' região sombria!

Digitized by Google

Isto (sei bem teo genio)
Melhor te-apraz que as guerras,
E vens gustoso, ó transfuga,
Caçar nas minhas terras.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 19.ª

Contra um marido incommodo.

Marido nescio, apathico, insensivel,
Ouve-me! eu vou ser franco. E' necessario
Mudarmos de papel. Si não te-importa,
Por teo proprio interêsse,
Guardar melhor a esposa... ao menos guarda-a
Pelo interêsse meo, que a-amo, e a-quero,
E preciso de a-amar. O permittido
Nenhuma graça tem, mas ao defeso
Soffrego o coração revôa acceso.

Digitized by Google

De esperanças e temores
Apascentam-se os amores;
Sempre o bem, sempre a bonança
Logo os-cança e os-faz passar.

Venha agora uma repulsa,
Logo obstaculos ignotos;
Divindade, sem ter votos,
Não tem culto em seo altar.

Uma fortuna que mentir não saiba
Posso eu chamar fortuna? Eu, que me-enfado
Té dos maximos bens, si não variam!
Deu-me logo co' a balda
Corinna perspicaz: vê, como astuta
Soube, desde o princípio,
Dominando-me a indole inconstante,
Manter o amante escravo, o escravo amante!
Que de vezes, fingindo
Grave dôr de cabeça, me-ha forçado
A deixál-a partir. . . partir, ai como?
Como quem, arrancando-se, deixava
Alli o coração, a vida, os olhos.
Oh! quantas vezes, quantas!
Mostrava em si de culpas a apparencia
Quando estava illibada!
E quantas outras, quando mais culpada,
Me-refulgia, ornada de innocencia!

Quando, após longos tractos, conhecia
Que me-havia espertado o tibio fogo,

Digitized by Google

Da friesa á paixão passava logo,
E a meos desejos placida cedia. . .
E que alto pasto abria aos meos desejos!
Que affagos, que expressões, numes, que bejos!
Segue as normas de Corinna,
Tu, minha arbitra após ella!
Sê como ella astuta e fina,
Si me-queres conservar.

Treme e finge um vão receio
Ou de espia ou de emboscada;
Presta o ouvido, foge em meio
Da conversa começada.
A meos ais cerra o teo seio,
Por melhor m'o-franquear.

Sim! deixa-me curtir na dura pedra
Ante os surdos portaes eternas horas
De regeladas, de orvalhosas noites;
E' só assim que amor póde em minha alma
Arraigar-se, crescer, tornar-se eterno.
N'um amoroso tracto onde ha só fructos,
Onde os-ha sempre francos,
Farta doçura degenera em tedio;
E a ternura, nauseada da abundancia,
Expira á mingua, e morre sem remédio.

Si uma torre de bronze a Danae não fechasse,
Nunca a-fizera mãe o árbitro dos céos;
Si Juno Io gentil em vacca não mudasse
Talvez que a não tornasse

Digitized by Google

Mais grata do que fôra, ó Jove, aos olhos teos.
Quem gosta, embora goste, e gose (eu não lh'o-invejo)
D'um bem que é permittido e se-off'rece por si!
Eu no meio de um bosque um ramo não desejo ;
N'um rio perennal nunca jamais bebi.

Deusas dos corações, rainhas da ternura,
Sexo meigo e cruel, da vida espinho e flôr,
Si em vosso altar o incenso horas apenas dura,
Si os vossos cortesãos vos-fogem com rigor,
O' Bellas, apprendei a agrilhoar o amor.
Usae com quem vos-busca, em vez de lealdade,
Favor e privação, doçura e crueldade.
O arbitrio que vos-dou, por minha historia o-sei;
Ai triste! o meo martyrio, eu proprio o-decretei!
O agro-doce do amor não temaes que me-enoje;
Eu fujo a que me-segue, e sigo a que me-foge.

Tu, de tão linda esposa esposo indigno e vil,
Que da fé conjugal á sombra em paz descanças,
Que nem julgas siquer possiveis as mudanças,
Que ignoras do ciume o veneno subtil;
Alma incapaz de amar, mistura de aço e gêlo,
Guarda como dragão thesouro tão gentil!
Desperta do lethargo, abre teo peito ao zêlo...
No mundo ha tentações, e amor tem fraudes mil.

Costuma-te a fechar a porta inda com dia!
Ouvido sempre alerta! ôlho sempre em vigia!
Traze as chaves fieis sempre na avara mão!
Ronda os cantos da casa, observa, sonda, espia,
E pergunta a razão

Digitized by Google

Porque ouviste um rumor, não longe do portão?
Fóra de horas quem é que na rua assobia?
E porque ladra o cão?
Porque é que vai e vem a escrava officiosa?
Que escriptos leva ou traz? Porque é que a infida esposa
Costuma tanta vez em leito só dormir?. . .
Eis o plano, eis o bom, que te-convem seguir.

Ao zêlo roedor abre esse peito esquivo!
Sê activo em guardar, far-me-has no roubo activo.
Que estulto poderá de um nescio a esposa amar,
Que nem parece alheia?
Aquelle que o-fizer é capaz de ir ao mar
Furtar de noite areia.

Já d'aqui t'o-declaro! Ou vigia melhor,
Ou co' a tua indiff'rença extingues meo amor.
Já te-soffri assaz. Assaz tenho esperado
Ver sumido o thesouro, afim de ser furtado.
Não te-resolves inda? E levas muito a bem
Quanto nunca soffreu nem soffrerá ninguem?
Mas eu cançado estou do nosso soffrimento;
Defende a minha amada, ou largo-a n'um momento.

Ah! que infeliz eu sou em o não ser jamais!
Poder ir quando quero, e estar quanto me-agrada;
Nunca um estôrvo achar na noite, á hora dada;
Dormir a somno-solto, e sem motivo de ais;
Não ter um medo só, nem causa, ou fraca ou forte,
De me-vir á lembrança o desejar-te a morte!
E' de mais! Não resisto a fado tão atroz!

Digitized by Google

Tudo desde hoje, tudo acabou entre nós.
Com marido covarde, inculcador, infame,
Que pela sua inercia estraga o meo praser
Que tenho eu que fazer?
Toma a tua mulher. Procura quem t'a-ame!
Talvez encontrarás quem prese um sestro egual;
Quanto a mim, já mostrei meo genio escrupuloso.
Sê meo perseguidor, sê bravo, sê zeloso,
Si algum praser te-dá que eu seja teo rival.

FIM DO 2.º LIVRO

E DO TOMO 2.º

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

OS
AMORES,

DE

P. OVIDIO NASÃO.

PARAPHRASE,

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO;

SEGUIDA PELA

GRINALDA OVIDIANA,

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

III

Digitized by Google

Rio de Janeiro Typ.— de B. X. Pinto de Sousa.

Digitized by Google

OS AMORES,

DE

P. OVIDIO NASÃO.

TRADUCÇÃO PARAPHRASTICA

(inderessada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das lettras classicas)

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO,

CAVALLEIRO DA ANTIGA E MUITO NOBRE ORDEM DA TÔRRE E ESPADA,
DO VALOR, LEALDADE E MERITO;
OFFICIAL DA IMPERIAL ORDEM DA ROSA;
BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA;
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA;
PRESIDENTE EFFECTIVO DA ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DE EDUCAÇÃO POPULAR;
SOCIO HONORARIO DA ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA;
DO CONSERVATORIO REAL DA ARTE DRAMATICA;
DO CONSELHO DRAMATICO;
DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA;
PRESIDENTE HONORARIO VITALICIO
DA SOCIEDADE DOS AMIGOS DAS LETTRAS E ARTES DE S. MIGUEL;
PRIMEIRO SOCIO HONORARIO
DO CENTRO PROMOTOR DA INSTRUCÇÃO PRIMARIA NO DISTRICTO DE LEIRIA;
MEMBRO DO CENTRO PROMOTOR
DOS MELHORAMENTOS DAS CLASSES LABORIOSAS;
DA SOCIEDADE DOS PROFESSORES;
DO INSTITUTO DE COIMBRA;
DA SOCIEDADE PROMOTORA DA AGRICULTURA MICHAELENSE;
DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE;
DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS E BELLAS-LETTRAS DE RUÃO;
DA ARCADIA DE ROMA;
DA ACADEMIA DOS ARDENTES DE VITERBO;
DO INSTITUTO HISTORICO DE PARÍS;
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO;
DA SOCIEDADE DE LEITURA DE GIBRALTAR, &.

Tomo 3.º

RIO DE JANEIRO

PUBLICADA EM CASA DO EDITOR — BERNARDO XAVIER PINTO DE SOUSA.
Rua dos Ciganos n. 43.

1858.

Digitized by Google

Digitized by Google

LIVRO III.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 1.

As duas Musas.

Existe annoso bosque, immune a ferro,
Logar onde parece haver deidade ;
Pomicea gruta ao meio, e sacra fonte
O-animam ; de redor, por toda a parte,
Confiando lhe-vão queixumes ternos
D'entre a folhagem musicos plumosos.
N'estas sombras selvaticas um dia
Eu vagava sosinho, excogitando
Em que objecto empregar poemas novos . . .
Eis vem a *Musa Lyrica* ! Madeixas
Atadas lhe-rescendem ; leves passos
Rege, quasi dansando ; em finas roupas
Involve o corpo esbelto ; o alinho, o esmero

Digitized by Google

De quem vive de amar no trajo indica.
Eis, após ella, a *Musa da Tragedia*;
Caminha arrebatada a passos largos;
Severo aspecto; as comas em desordem;
Manto de rôjo; na sinistra um sceptro;
Lydio o cothurno, e immensa a magestade.
— « ¿ Quando (me diz) te-deixarás de amores,
« Cantor inglorio de teos proprios feitos?
« Não ha já festim bacchico, nem praça
« Onde o teo máo viver não seja assumpto;
« Já muitos, apontando-te co'o dedo,
« Dizem: — La vai quem fero amor abrasa!
« Narrando sem vergonha empresas tuas,
« Sem n'o-cuidar, és fabula do povo.
« Tempo é que, ao toque de mais grave thyrso,
« Emfim despertes. Basta de ocio, basta!
« Commette aos hombros teos mais alta empresa!
« Com teos objectos vis o ingenho abafas;
« A proesas de heroes consagra o estro;
— « Do meo estro, dirás, eis digno campo —
« Gastaste a adolescencia em versos livres,
« Quaes a edade os-pedia: assaz brincando
« Déste, ás que amam cantar, mimosos versos.
« Brilhe agora por ti meo nome em Roma!
« Preencher minhas leis teo genio póde. »

Mais não diz; e firmando-se pomposa
Nos bordados cothurnos, quatro vezes
Meneia da cabeça as densas comas.
N'isto a outra (si acaso não me-engano,
Tinha um myrtho na dextra... inda a-estou vendo)
Deu-me a farto um surrir, volveu-me uns olhos!...

Digitized by Google

« Musa tragica (diz) terrivel musa,
« Tão agras expressões, em que as-mereço?
« Não te-heide vêr jamais desenfadada?
« Eu não pertendo a minha oppôr
« A' tua força soberana,
« Aos teos os versos meos, meo estro ao teo furor.
« Ante um palacio uma choupana
« Sei qne não tem grande valor.
« Sou, não t'o-nego, muito leve,
« Sou; porem grave ser não deve
« Quem tem por socio o leve amor.
« Do bello amor a mãe formosa,
« Toda nume como era, e das tres graças mãe,
« Em quanto andou sem mim, não era tão mimosa;
« E em de mim se-afastando egual primor não tem.
« Para poder mais prasenteira
« Ganhar sem custo os corações,
« Não bastou cinta feiticeira
« Cheia de affagos e illusões:
« Por sua introductora e sua medianeira
« Foi preciso tomar-me; e si hoje reina assim
« Em grande parte o-deve a mim.
« A avara porta de uma esquiva,
« Aos rogos surda e surda aos ais,
« Ante esses cothurnos reaes,
« Ou de teo sceptro á fôrça altiva,
« Vistel-a tu ceder? vistel-a abrir jamais?
« Pois eu para forçál-a a se-me-abrir piedosa,
« Basta que me-apresente, humilde e lachrymosa....
« Que digo.... basta! Não; si te-vejo em poder,
« Si obro prodigios de ventura,

Digitized by Google

« Que nunca alguem te-viu fazer,
« Tudo, e inda mais, mereço obter
« Por minha constante doçura
« Em procurar, em padecer
« O que essa austera catadura
« Nem poude em tempo algum, nem poderá soffrer.
« Qual de nós ambas é que ensina
« A' pobre, á timida Corinna
« A ser esperta, a ser audaz?
« Que do seo dragão vigilante
« Illuda a vista penetrante,
« Qual de nós ambas é que faz?
« Pelo alto socêgo nocturno
« Quem a-fórça a velar no leito taciturno,
« Suspirando e temendo um momento feliz?
« Si então com p'rigoso disfarce
« Ousa do leito deslisar-se,
« Temendo respirar, mal pondo os pés subtis;
« E de praser voluptuoso,
« E de receio temeroso
« Sentindo arder, gelar os membros nús, gentis;
« Si, não tendo por si mais que a sua ternura,
« Manso e manso movendo o cauteloso pé,
« Desmente de seo guarda a vigilancia dura,
« Applica a chave austera á docil fechadura,
« E do que prometteu desempenhando a fé,
« Abriu, apparece alvejante
« Qual de entre a noite astro brilhante,
« E de seo impaciente amador
« Embriaga n'um só instante
« Os olhos que luzem de amor;
« Labios, coração, braços, tudo..,.

Digitized by Google

« ¿E's tu, teo genio carrancudo,
« São o teo sceptro e os teos punhaes,
« Ou sou eu quem, por vivo estudo,
« Sei concluir prodigios taes ?

« Alumno meo ! cantor de amores !
« Quanto has devido a meos favores,
« Ingrato, podes esquecer ?
« Ante as portas da tua amada,
« Minha poesia apaixonada
« Por tuas mãos se-viu pender.
« Por te-servir, nem me-importava
« O orvalho que o céo distillava,
« Nem dos ventos da noite os assaltos crueis,
« Nem o risco de alli ser vista
« Por alguns olhos infieis;
« E, de indiscretas mãos conquista,
« Ir entre o publico excitar
« O epigramma, o riso, o motejo,
« Em paga do meo bom desejo
« De em teos amores te-ajudar.
« Os meos poeticos presentes
« Em quantos lances não soffri
« Passarem fados inclementes,
« Curtindo humiliações por ti !
« De abjecta escrava ora no seio,
« Se-homisiavam com receio
« Da perspicacia audaz de um vil guarda portão,
« E alli, com ar de réos trementes,
« Palpitavam impacientes
« Té á partida do dragão.

Digitized by Google

« Ora, mandados no alvo dia
« Em que ella seos annos fazia,
« Dar-lhe o festivo parabem,
« Por sua mão dilacerados
« Por sua mão na agua afogados
« Eram com barbaro desdem.
« Suggestões perfidas rebate!
« Pensa que eu sou quem te-fez vate;
« Que posso tornar-te immortal.
« Sê 'grato a mim, que só te-hei dado
« O talento porque és buscado
« Da minha invejosa rival! »

Disseram. Comecei: « Vêdes meo susto;
« Relevae, por piedade, as phrases minhas!
« Esta me-adorna de cothurno e sceptro,
« E na inspirada voz me-influe audacia;
« Tu porém doar promettes
« Gloria eterna a meos amores;
« Vem pois tu, risonha musa,
« Continúa os teos favores;
« Vem! comtigo entoar quero
« Meos praseres e os meos ais
« Na dulcisona mistura
« De teos versos deseguaes.
« Deixa-me por um pouco este ocio brando,
« Musa opulenta dos sanguineos quadros;
« Os trabalhos que impões são quasi eternos,
« O que esta persuade é leve, é doce.... »

Annuiu (Graças aos numes)
A Tragedia se-retira!

Digitized by Google

Vinde em chusma, aureos praseres!
Reine amor, triumphe a lyra!

Emquanto a mais seria emprêsa
Não me-arrasta essa deidade,
Musa cara, approveitemos
Instantes de liberdade.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇAO 2.ª

No circo de Roma.

Que me-importam corceis, embora insignes?
Vim eu sentar-me aqui por vêr os jogos?
Si preferes algum, que m'o-designes!
Esse alcance o triumpho!—eis os meos rogos.

Ao circo, outro empenho
Me-traz desvelado. . . .
Sentar-me a teo lado;
Poder-te falar;

Expor-te o que tenho
De fogo nas veias;
Das chammas que ateias
Fazer-te pasmar.

Digitized by Google

Tu no curso o olhar tens pôsto;
Eu em ti o meo olhar.
Cada qual siga o seo gôsto;
Tu na festa, eu no teo rosto
Nos-deixemos encantar.

Por entre a multidão dos ageis picadores
Tens um, teo protegido? O teo semblante o-diz.
Quem me-dera ser elle! Intrepido e feliz
Eu faria voar meos leves corredores;

Aqui lhes-largo a redea; além, com ferrea mão,
Faço chover do açoute a furia crepitante;
Tudo me-fica após; co'a roda delirante
Roço a meta; reverto; e ferve a acclamação.

Mas ai! si em meio do correr convulso
Te-avisto, o circo todo se-me-esvahe;
Só te-vejo; abro a mão; descahe-me o pulso,
Paro, e sobre os corceis a redea cahe.

Tal Pélope, encarando a Hyppodamia,
Na aposta, em cujo termo ora entrevia
Um sepulchro, ora um leito de praser,
No inlevo de a-admirar, quasi esquecia
O risco de perder-se e de a-perder

Mas que importa? Ao favor da sua amada
Deveu ser d'ella propria vencedor.
(Sublime exemplo ao sexo encantador!.)
Si a palma, que anciâmos, nos-é dada
Pelo vosso favor,
Vossa fica inda sendo, e duplicada.

Digitized by Google

Em vão te-queres afastar,
Gentil visinha. . . .
É juncto ao meo o teo logar.
Vê que está cheia toda a linha,
Não n'a-podêmos perturbar.
A' sorte minha
Graças eu dou, por nos-junctar.

Ind'agora reparo. . . . o que tens á direita. . .
Que homem tão descortez! « Esta dama, Senhor,
« Co'o vosso braço e lado, oppressa e contrafeita,
« Não se-póde mover, e abafa de calor! »

E outro por traz de nós! « Eu vos-conjuro,
« Encolhei essas pernas estiradas!
« Homem civil não faz encôsto ao duro
« Joelho seo em costas delicadas. »

Oh! perdão, teo vestido
(Pois em terra cahido)
Levanta-o, si te-apraz;
Ou eu, formoso encanto,
Eu mesmo t'o-levanto,
Si permissão me-dás.

Oh roupas invejosas!
Oh roupas importunas,
Que tão gentis columnas
Me-estaveis a encubrir!

Digitized by Google

Columnas tão airosas
De tanta graça, e tanta,
Nem mesmo as de Atalanta
No seo veloz fugir,
Quando se-entremostravam,
E, de alvas, deslumbravam
Seo doudo seguidor.

Oh não! como estas
Nunca pintor
As-desenhou,
Quando em florestas
Agil Diana,
Arregaçada,
Seguindo a caça,
Esbelta, ufana,
Rosea, nevada,
E toda graça
No-l'a-mostrou.

Ah meo bem! si as da leve Atalanta,
Si as da Casta Diana, que eu via
Na esculptura, em paineis, na poesia,
Exerciam em mim fôrça tanta,
No momento em que as tuas eu vi
Tão reaes, e melhores que as d'ellas,
Imagina, oh rainha das Bellas,
Imagina o que n'alma senti!
Era incendio; é vulcão. Era amar;
São oceanos de amor a bramar.

Oh Deuses! si d'isto,
Que apenas hei visto,

Digitized by Google

Foi tal o podêr,
No mais que não vejo
Me-finge o desejo
Mil céos de praser.

Calmoso dia!
Talvez te-apraza
Aura macia. . . .
Vou-te co'o leque
Refrigerar.
Talvez a calma,
Que assim me-abrasa,
Me-esteja n'alma,
E não no ar;
E o sol tu sejas
Que m'a-vem dar.

Olha esse pó, que sobre o teo vestido,
Mesmo sobre o teo seio,
Emquanto eu conversava distrahido,
Depositar-se veiu;
Um pó negro, em tão pura candidez,
Ficava mal, bem vês. . . .
Era preciso sacudil-o. . . eu vi-o
(Porque te-has de enfadar?), e sacudi-o!

Silencio! Attendamos! O prestito assoma!
Applauso, Romanos, aos Deuses de Roma!

Digitized by Google

Que esplendida pompa! Que imagens divinas!
O applauso retumbe nas septe collinas!
Applauso, Romanos, aos Deuses de Roma!
Silencio! Attendamos! o prestito assoma!

Primeiro ferculo!
Olha! a VICTORIA!
Cinge uma aureola,
Respira gloria.

As azas fulgidas
Ave celeste
Espande, e os animos
De luz reveste.

VICTORIA, outhorga-me
Os teos favores;
Manda os teos jubilos
Aos meos amores!

Eis NEPTUNO! Os que aos furores
Se entregam do mar infido
Lhe-deem applauso e louvores:
Eu caibo, co'os meos amores,
Na terra onde fui nascido.

Digitized by Google

Mavorte agora; applaudam-n'o os soldados!
Sempre odiei das armas o furor.
Só a paz a meo gôsto off'rece agrados.
No meio da alva paz, nasceste, Amor.

Phebo! Que aos auspices assista!
Diana! Invoquem-n'a os monteiros!
Minerva! Applausos lisongeiros
Lhe-dêm as mãos do obscuro artista.

Em pé, em pé lavradores!
Essa, co'as tranças c'roadas
D'espigas douradas,
É Ceres! E est'outro de rosto incendido,
Menino risonho, de parras cingido,
É Baccho! Devotos, volvei-os benignos
Co'os férvidos votos!

Pollux! Castor! Os púgiles valentes
A Pollux propiciem!
Os domadores de frisões ardentes
O obsequio seo ao seo Castor inviem!

Esta sim, que é de todos Rainha,
Esta sim, que é dos numes o nume.
Quão donoso a-rodeia o cardume
Do-*Amorsinhos* co'os arcos na mão!

Digitized by Google

Venus meiga, alma Venus, si a minha
Devoção para ti só guardada,
Se o meo vivido applauso te-agrada,
A meos fogos vem dar protecção.

Não te-peço ovante palma.
Dá outra alma á que me-inflamma.
Si não ama, embora, ó Venus,
Mas, ao menos,
Que se-deixe idolatrar.

Parabens, triumpho! a Imagem,
Na passagem, por defronte,
Fez co'a fronte um movimento. . .
Li-o attento!
Prometteu-me. . . . . hei de alcançar!

Da Deusa as promessas
Confirma co'as tuas!
Não sei d'entre as duas
Qual póde aqui mais. . . .

És tu. Oh! perdoe-me
A outra deidade.
Tu pódes, a subitas,
Esquiva beldade,
Tu pódes-me ao cumulo
Da gloria exalçar.

Meos votos,
Oh linda,
Si ignotos
Ainda

Digitized by Google

Te-são,
Attenção!
Ouve! Presta
Fé segura
A tal jura
Como é esta.

Por testimunha
De alta verdade
Tomo a cidade
Régia e togada,
Que hoje apinhada
No circo está.

Pelos Numes todos
Que adorado havemos,
Arbitros supremos,
Cuja potestade
Pena á falsidade,
Premio aos bons dará,
Juro-te ó Bella, juro-te
(Vê si enganar-te quero)
Que morte ou vida e jubilo
De ti somente espero.

Tu me-és, ser-me-has tu unica
Meo bem, meo céo, meo norte;
Escravo nos teos vinculos
Aguardarei a morte.

Tens as plantas delicadas
Penduradas!

Digitized by Google

Mal cuidosa de ti és!
Podes pôr (talvez te-agrade)
Sobre a grade
A pontinha de teos pés.

Do circo a vasta arena (observa) está vasia ;
Já signal do Pretor o grão jogo annuncía ;
Abriram-se as prisões. Férvidas, inimigas,
Se-arrojam de tropel as soffregas quadrigas.

Dos fogosos contendores
Notei já qual tu preferes ;
O favor que lhe-conferes
Vai tornál-o vencedor.

Té seos brutos corredores
A vontade te-adivinham.
Ao ardor que em si continham
Ajunctaste um novo ardor.

O circulo arrojas por longe da méta. . . .
Ai ! perdes, perdemos ! Teo destro rival
Por entre se-atira teo coche e a balisa,
Com o eixo a-desflora, resvala, deslisa
Transpõe-te. . . . que fazes ! cegueira fatal !
Perderes taes votos, de tal protectora !

Digitized by Google

Oh ! faze impossiveis, que é tempo por ora !
Ai ! redeas á esquerda com válida mão. . .
Rebenta os cavallos, o espaço devora. . . .
Que nescio, que inerte ! Puzemos, Senhora,
O int'resse, as esp'ranças, os votos em vão.
Vencido, está vencido ! após se-arrasta !
Que mais se-aguarda ? Basta ! a palma ceda !
Povo, ordena-lhe já que retroceda !

Approvo, louvo
A acção do povo ;
Deve agradar-te.
De toda a parte
Os brados troam,
A fulminál-o :
Nuvens de togas
A revocál-o
Aos ares voam.

Do esvoaçar das togas rapidas
Todo o ar anda agitado ;
Teo mimoso penteado
Descomposto vai ficar ;
E era pena, que mal sabes
Quão gentil vem teo cabello ;
Si desejas protegêl-o
No meo seio o-vem guardar.

A barreira outra vez se-volve o olhar do povo,
Tornou-se a escancarar ; brota certame novo.

Digitized by Google

Discolor multidão de esbeltos cavalleiros
Aos carros succedeu. Ligeiro entre os ligeiros,
Tu, vencido pouco ha, sê ora vencedor!
Meos votos cumpre emfim, cumpre os do meo amor!
. . . . . .
Graças ao céo propicio, a Bella emfim respira,
Viu por si a victoria, a nada mais aspira.

Só eu aspiro a mais. Si áquelle vencedor
Deu a sorte uma palma, outra me-deve amor.

Graças mil vos-rendo,
Prosperos destinos!
Vejo os purpurinos
Labios seos surrir.

Seo olhar (si intendo
Do que são olhares)
Diz que aos meos pesares
Gostos vão seguir.

Leve, ufano, delirante,
Vejo em flor o meo desejo,
E por ti da flôr já vejo
Vir o fructo a pullular.

Bastam, chara, ao fido amante
Quantos bens lhe-has dado agora.
N'outro sitio, n'outra hora,
O que falta irei cobrar.

Digitized by Google

CANÇÃO 3.ª

Impunidade das perjuras.

Crede embora que haja Deuses!
A perfida me-enganou,
Faltou-me á fé, foi perjura,
E seo rosto não mudou!

Longos cabellos que tinha
Antes de ser infiel,
Depois que zombou dos Numes
Inda os-conserva, a cruel.

Era branca; é branco ainda
Seo semblante encantador.
Tinha n'elle a côr das rosas;
Das rosas conserva a côr.

Digitized by Google

Tinha planta airosa e curta ;
Nem este encanto lhe-falta.
Tinha um talhe airoso e nobre ;
Inda a-vejo airosa e alta.

Tinha dous olhos brilhantes ;
Eil'os dous astros do céo.
Por elles jurou mil vezes,
E o juramento rompeu !

Por certo os Deuses toleram
As bellas a falsidade ;
Tem a bellesa em si mesma
Mais podêr que a Divindade.

Pelos seos, pelos meos olhos
(Inda julgo estal-a ouvindo)
Jurou-me eterna constancia
De que os meos se-estão carpindo.

Si impunemente a perversa,
Numes, vos-poude affrontar,
Do crime d'ella o castigo
Deveil-o a mim applicar?

Si pelo materno orgulho
Ia Andromeda morrer,
Vós, que a innocencia lhe-vistes,
Vós lhe-quizestes valer ;

Não bastou que em testimunhas
Falsa vos-chamasse assim ;
De vós se-está rindo impune
Qual rindo-se está de mim.

Digitized by Google

Para expiar seo perjurio
Co'as penas que me-tem dado,
Victima da enganadora
Devo eu ser, sendo o enganado?

Ou Deus é nome que os homens
Fizeram sem realidade,
Que assusta e domina os povos
Por cega credulidade,

Ou si acaso um Deus existe,
Até elle adora as bellas,
E da sua omnipotencia
Compõe o apanagio d'ellas.

Contra nós, só contra os homens
Empunha Mavorte a espada;
Contra nós dirige a lança
A Deusa á guerra fadada;

E' contra os homens que Apollo
Brande o arco, e setas chove;
E' contra os homens, que vibra
Raio ardente a mão de Jove.

Os Deuses, mesmo offendidos,
Receiam de as-offender;
Si ellas temêl-os não sabem,
Elles as-sabem temer.

Ha quem ao fogo, ante as aras,
Mais um grão dará de incenso?
Por certo convem aos homens
Um pouco mais de bom senso.

Digitized by Google

Jove os lucos, Jove os templos
Fulmina sobre as alturas;
Mas grita aos raios que arroja,
« Não vades ferir perjuras! »

Mil o raio mereciam;
E Semelle, a malfadada,
Por abraçar seo amante,
Se-viu em cinzas trocada.

Oh! si a triste resistíra,
Si ao amador se-esquivasse,
Talvez mais longa existencia,
Fim melhor talvez gosasse.

Mas ah! de arrojar blasfemias,
Contra os céos, qual o proveito?
Os Numes tambem tem olhos,
Tambem os Numes tem peito.

Eu mesmo, si acaso o-fôsse,
Sim, si acaso fôsse Deus,
A todas permittiria
Mentir-me nos votos seos.

Inda mais; jurára eu mesmo
Que só juravam verdades;
Do numero não seria
Das severas Divindades.

Mas tu não abuses tanto
Da sua eterna clemencia;
Ao menos olhos que te-amam
Tracta-os com mais indulgencia.

Digitized by Google

CANÇÃO 4.ª

A um marido zeloso.

Em pôr vigia austera á esposa delicada,
Crê-me, esposo cruel! não approveitas nada.
Só as-póde guardar seo proprio natural.

Ao que não basta o mundo o só querer lhes-basta;
A que é casta sem medo, essa somente é casta;
E fal-o, a que o não faz, por não poder, o mal.

Feches embora o corpo a chaves cento e cento,
Adultero lhe-fica e livre o pensamento;
Seo pensamento é seo, e ri de esforços taes.

Tu passeias vaidoso, olhando os grossos muros,
Em quanto em braços d'ella impunes e seguros,
Por milagre de amor, triumpham teos rivaes.

Digitized by Google

Perde o crime o sabor quando não é vedado,
E ninguem faz um crime, a lhe-faltar o agrado.

Cessa pois de instigar, com taes provocações,
. O mal que te-amargura !
Para impor leis e jugo a brandos corações,
É mais forte que a fôrça a placida brandura.

Olha o potro feroz, quando inexperta mão
Lhe-faz sentir, com dor, do freio o novo insaio,
Empina-se, relucta, arqueja, fere o chão,
Prostra, esmaga, relincha, e foge como o raio.
Mas soltem-lhe no collo a redea que o damnou,
Pára, esvae-se-lhe a furia, humilde se-tornou.
Quaes infermos que torra a febre devorante,
Prohibido o beber, pedem de instante a instante,
E em seos delirios vãos, só vêm rios caudaes,
Só fontes deleitosas....
Taes são todos ! Acções que se-nos-vedam mais
Se-nos-tornam do mundo as mais appetitosas.

Argos, o de olhos cem na fronte e na cerviz,
Bellesas vigiar tomou a seo cuidado ;
Argos logrado foi co'as fraudes infantis
Do que apenas tem dous, e sempre andou vendado.
Era marmore e bronze a torre sem ninguem
Onde introu virgem Danae, e d'onde sahiu mãe ;
Penelope ao contrario, em plena liberdade,
Livrou d'amantes mil a intacta castidade.
O que se-esconde em dôbro, em dôbro nos-apraz ;
Um dono vigilante, astuto ao ladrão faz.

Digitized by Google

Amar sem ter rival a pouca gente agrada.
Sim, tua esposa é bella, amavel e engraçada;
Mas não é o ser bella,
É o teo proprio amor que faz que gostem d'ella;
Desejam conhecer o encanto seductor,
O occulto, o não sei quê, que incita o teo amor.

Dou mesmo que a mulher a quem o esposo opprime
Seja infiel, perjura, ingrata, affeita ao crime;
Si a-guarda, é porque a-adora; e é do temor que a-zela
Que nasce o nosso amor, mais que das graças d'ella.
Inraiva-te, braveja, ameaça! nada val,
Quanto o-repelles mais, mais certo tens o mal.

Um favor dado a furto, e involto no segredo
Excede a mil favores.
Que transporte! Em voz baixa ouvir aos seos amores
—Deus me-livre—Isso não—Não posso—Tenho medo!

Mas quem te-deu, cruél, o jus de escravisar?
Ella, qual és, é livre. Opprime os teos escravos!
Barbaro! a uma infeliz fazer torpes aggravos?
Dos proprios servos seos mandál-a vigiar?
Queres que seja casta.... e o fim de egual constancia
Será dizer um servo: « Eu tive a vigilancia! »

Quanto é rustico e grosseiro,
Que mal conhece a cidade,
Quem não releva alguns erros
A' sua linda metade!

Remo e Romulo, os auctores
Da gran cidade immortal,

Digitized by Google

Ambos, por furto amoroso,
Nesceram de uma vestal.

Não buscasses linda esposa,
Si virtuosa a-querias ;
Casta é bella ao mesmo tempo....
Muito é para em nossos dias.

Si tens alguma prudencia,
Esquece o teo ar severo ;
Torna-te esposo benigno,
Em vez de censor austero !

Seos amigos te-festejam....
Festeja-os como ella , é justo ;
Assim terás larga roda
Com muito pequeno custo.

Receberás mil convites
Para festas, para ceias,
E de cousas não compradas
Verás tuas cazas cheias.

Digitized by Google

CANÇAO 5.ª

O sonho.

Alta noite! o cançasso olhos alfim me-cerra...
Um sonho inesperado o espirito me-aterra!

Aos pés de aprisco outeiro, amplo denso azinhal
Abriga aves sem conto em frescor perennal.
Um prado se-espreguiça á orla d'esta selva;
Rega-o suave arroio; afoufa-o branda relva.
Ferve importuno estio. Entro no bosque... em vão!
Lá mesmo a-calma vence a umbrosa fresquidão.

Eis candida novilha, á beira da espessura,
Avisto, que demanda a flórida verdura:
Á neve mais perfeita excede em candidez;
Tepido leite espumeo assim brilhar não vês.

Um novilho, o feliz, o conjuge da bella,
Segue-a... no chão macio estende-se com ella.
Como assim descuidoso entregue ao ocio jaz,

Digitized by Google

E as hervas que pastou rumina em doce paz,
A pouco e pouco o-vejo ao somno succumbindo,
Pender a cornea fronte e resfolgar durmindo.

Gralha loquaz, no em tanto, eis vem, rasgando o ar,
Sobre a mesma verdura o vôo seo pousar.
Co'o petulante bico á bezerrinha branca
Investe, e de seo peito o pello afoita arranca,
Até que a pobresinha, esposo e sitio em fim
Deixa, levando negro o peito de marfim.
Touros avista ao longe, em pastos abundantes
Andarem-se a folgar, nedios, gentis, possantes...
Lá corre! a imagem bella os olhos seos-attrahe
E entre a ditosa grei pascer delicias vai.

D'este sonho (si acaso ha sonhos inspirados)
Explica-me o sentido, Intérprete dos fados!
Calo-me, aguardo, anceio... o homem fatal então
Correndo, a uma e uma, as scenas da visão,
— « A estiva ardencia (diz) que sob as moveis ramas
« Fugir em vão tentaste... era de amor as chamas.
« A novilha (do alvor, que ás formosas condiz)
« Era a que amas; e tu seo conjuge feliz.
« Bicando e denegrindo a gralha é velha infame
« Que a tua tão leal fará que te-desame.
« No decidir-se a vacca á fuga, claro vês
« Que te-aguarda em teo leito a fria viuvez.
« Em fim n'aquelle peito, as manchas negrejantes
« De futuro adulterio indicios dão flagrantes! »

Dissera... Accórdo exangue, em gelido suor...
Tacita escuridão me-reina em derredor.

Digitized by Google

CANÇAO 6.ª

O Rio.

Bello rio das margens limosas,
Rio ameno de canas toldado,
Pára, pára teo curso appressado !
Tornarás bem depressa a correr.

Um momento me-basta, um momento
Que suspendas as ondas fogosas,
Bello rio das margens limosas,
Vou com pressa, uns amores vou ver.

Não t'o-pedira si tivesses pontes,
Ou te eu visse um batel, d'esses que á sirga

Digitized by Google

Sem remo vão e vem de varzea a varzea.
Ha bem pouco eras tu, que inda me-lembra,
Pobre de cabedaes, e nunca tive
Custo em passar-te a váo, quasi, até quasi
Com planta enxuta; agora, reforçado
Co'as neves soltas da visinha serra,
Vais-te folgado e turbido rolando.
Mal empregadas pressas e alvoroço
Com que esperei o dia, si é forçado
Que em pé junto a estas aguas fugitivas
Desespêro e saudade aqui me-ralem;
Si áquella margem, deleitosa margem,
Não tem de se-ir meus pés! Quem me cá dera
As azas de um Perseu, ou coche aereo,
Que andou chovendo pela terra inculta
Os aureos grãos da dadivosa Ceres!
Sonhos, delirios vãos, de vãos poetas,
Que não foram nem são, nem serão nunca!

Tu só podes valer-me... oh! tu me-vale,
Rio (e perenne sejas), se resumes
No alveo antigo a veia trasbordada.
Mal adivinhas tu que odios te-esperam
Si alguem souber que, ó Rio, me-atalhaste
Em carreiras de amor....
Vós outros, rios,
Devêreis ser mais bons para os amantes,
Pois amantes, quaes nós, vós mesmos fostes.
Já o Inacho andou palido, e bem fogo
Nas frias lapas o-abrasou por Melia.
Antes dos annos dez, de cêrco a Troia,
Foi de Neera namorado o Xantho.

Digitized by Google

Quem fez cançar-se o Alfeo por longes terras?
A Arcadia virgem. Pois Creúsa, a bella
Noiva do Xantho! quem a teve occulta?
Diz-se que foi o Alfeo. No Asopo e Thebe
Não fallarei; de Thebe, amor de Marte,
Cinco filhos gentis ja teve o Asopo.
Tem o pobre Achelôo a fronte moxa;
E porque? perguntae-lh'o, elle o-confessa:
Por que luctou com Hercules; E a causa?
A causa foi o Amor, foi Dejanira:
Porque nem Calidon, nem toda a Etolia
Valiam tanto. Aquelle Nilo, aquelle
Que septe fozes rompe, e o berço occulta,
Esse ardeu por Evadne, e tantas aguas
Contra o fogo de amor nada puderam.
O Enipêo ja quiz tanto á bella Tyro,
Que, por melhor gosál-a em secco thoro,
Fez sahir do seo alveo as proprias aguas.
Pois o Anio, o feliz rio das fructas,
O que por entre lapas se-devolve,
Vindo regar os campos Tiburtinos!
Não sabes? —Ora á espera, em quanto abaixas,
Quero contar-t'o, e adormentar saudades.
Sentar-me-hei: vós fugi-me, ondas ligeiras.

Vagava Ilia tristissima
Por solidões agrestes,
Nuas as plantas candidas,
Em desalinho as vestes:

Correm-lhe em fio as lagrimas;
Derrama inuteis queixas;

Digitized by Google

Maltracta as faces palidas,
As turbidas madeixas!

Quem a tão bella victima
Causou tão viva dôr?
De Amulio as iras perfidas,
De Marte o indigno amor.

O Anio que a-viu das rapidas
Ondas erguido um pouco,
Disse-lhe em frases languidas,
Em som sumido, e rouco:

« Salve adoravel hospeda
« D'esta gentil paragem;
« Dos priscos reis de Pergamo
« Magnanima linhagem!

« Que penas tens? confia-m'as
« O'Ilia, pois teo rosto
« Pois teo gyrar insolito
« Provam que tens desgosto.

« Que é dos virgineos habitos,
« Que é do listão de neve,
« Que da Vestal sollícita
« Brilhar nas tranças deve?

« Não chores mais, que é barbaro
« Taes olhos estragar;
« Ha coração de marmore
« Que o-possa perdoar?

Digitized by Google

« Não tenhas medo, ó Ilia,
« Que teos serão bem cedo
« Meo Rio, os meos palacios. ...
« Ilia ! não tenhas medo ! .

« De cento ou de mais Naiades
« Terás o senhorio,
« Pois cento ou mais lindissimas
« Habitam no meo Rio.

« Accolhe as minhas súpplicas;
« De muito maior preço
« Serão as minhas dadivas
« Do que estas que te-off'reço. »

Diz : — Ella os olhos timidos
Baixa com dor profunda.
O bello seio tepido
De ardente pranto inunda.

Tres vezes quer, fugindo-lhe,
Voar ; mas outras tantas
Ao pé das ondas tumidas
Pavor lhe-prende as plantas.

Co'as mãos ás tranças aureas
Se-atira a espedaçál-as,
Soltando em vozes trémulas
Estas piedosas falas :

— « Ah ! com meo pae no tumulo
« (Que acerba desventura !)
« Não dormir eu pacifica
« Virgem modesta e pura !

Digitized by Google

« De amor proporem vinculos
« A ti! a ti, Vestal!
« Que admira? oh vil sacrilega,
« Ministra desleal!

« O templo, e o fogo attonitos
« Repellem-te de horror,
« Abominosa victima
« De um impudico amor.

« Que esperas, oh miserrima,
« Não vês que, em tu passando,
« Já todos como adultera
« Te-apontam murmurando?

« Que esperas pois? decide-te!
« Sepulta n'essas aguas
« Delirios, susto, infamia,
« Pejo, remorso, e maguas. — »

Diz, tapa os olhos madidos
Co'a veste, e de repente
Comsigo dá frenetica
Na rapida corrente.

Contam que o rio lubrico
A-recebeu nos braços,
E foi com ella ao thalamo
Tecer perpetuos laços.

Ora aqui tens, bom Rio, a historia do Anio;
La de ti não sei eu, nem tenho ouvido;
E' de crer, que tambem.... mas estes bosques,
Sempre assim foi, recatam muita coisa.
Porem que vejo! ... em quanto lhe eu cantava

Digitized by Google

Cresceu e já trasborda ! O' furioso,
Que mal te-fiz eu nunca? Int'ressas, dize,
Em differir-nos sofregos deleites?
Por que me-estorvas, rustico ? Si fosses
Rio de origem nobre, illustre em nome,
Caudal como outros mil, que não farias,
Misero soberbão? Tu nem tens nome
Nem leito certo, nem matriz: a tua
São-n'o as chuvas, e as neves derretidas,
Bellas riquesas que te-dá o inverno.
N'elle corres barrento; em vindo o estio
Vais empoado, e sem molhar a terra.
Que viandante encalmado ousou beber-te
Ou te-disse jamais: « Perenne corras »?
Damnoso a gados, mais damnoso aos campos,
Guardadores e agricolas te-odeiam,
E eu mais ; a cada qual seos damnos tocam.
Olhae com quem me-estive demorando !
Que extravagancia ! a repetir amores
Dos Rios principaes ! Que extravagancia !
E que vergonha nomear-lhe o Nilo,
O Acheléo, o Inacho affamados !

Rio torvo das aguas lodosas,
Torvo Rio, sem berço nem fama,
Quanto amor a Coriana me-chama
Odio tanto me-affasta de ti.

Sem proveito, de dous és verdugo,
Torvo Rio das aguas lodosas !
Secco inverno te-apouque, e teimosas
Venham calmas sumir-te d'aqui !

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 7.ª

Mallògro.

Não era formosa?! não era prendada?!
Não era de muito por mim desejada?
Sim; era. E, comtudo, fui seo possessor;
Jazi no seo leito; senti-lhe o calor....
E, ignavo, hei perdido ventura tão bella,
E, marmore inerte, pousei juncto d'ella!
Eu tinha desejos; desejos tambem
Eguaes em seo peito nutria o meo bem;
E o facho das festas do férvido gôso
Não pude accendêl-o. Seo braço amoroso,
Seo braço, que á neve roubou candidez,
Alfombra ao meo collo debalde se-fez.
Debalde a meos labios seos labios se-uniram,
E as linguas, lá dentro luctando, exprimiram

Digitized by Google

Ardores, que em phrases não podem caber.
A coxa roliça, que envida ao praser
Em vão sob a minha gemia delicias.
Na voz namorada ferviam caricias;
Chamava-me o dono de seo coração,
Chamava-me.... em summa, não houve expressão
Mimosa, fagueira, que eu não lhe-escutasse.
Mas qual si os meos nervos cicuta gelasse
Perdido foi tudo! como antes fiquei!
Um tronco; uma estatua... que digo? nem sei
Si um vivo então era, si a sombra de um vivo.
Ah! si eu da existencia no p'riodo estivo
Suster já não ouso duellos de amor,
Que será lá quando (lembrança de horror!)
Sentir da velhice pesarem-me os damnos!
Sou, sou a deshonra dos flóridos annos;
Varão e mancebo me-julgam.... Oh, não,
Mancebo não era, não era varão!
Deixei-a tão pura, qual sempre se-afasta
Dos braços fraternos irmã pia e casta;
Tão pura, qual surge a que entra a velar
As chammas eternas de Vesta no altar.

Mas ha pouco a loura Chie
Fama egual de mim não dava,
Que eu a flux lhe-duplicava
De meo fogo as explosões;

Triplicava-as co'a formosa
Pitho candida, e com Liba....
E inda a gloria se-me-estriba
Em mais inclitas acções.

Digitized by Google

N'uma só noite, e rapida
(Rapida mas divina)
Assaltos nove, intrepida,
Me-deu gentil Corinna,

E os nove assaltos férvidos
Férvido sustentei;
Nove laureis esplendidos
N'um só tropheo junctei.

Mas d'onde esta insolita
Fatal languidez?
De um philtro thessalico
Viria talvez?
¿ Conjuro malefico
As posses me-estraga?
¿ Em cera purpurea
Gravou impia saga
Meo nome, e em meo figado
Agulhas cravou?

Si a canticos magicos
Tal credito dou,
É porque a taes canticos
As messes florentes
Se-mirram, suspendem-se
Na fonte as correntes,
As glandes despegam-se
Das verdes anzinhas,
Os pomos das arvores,
Os cachos das vinhas....

Digitized by Google

Si taes influencias
A magica tem,
¿ Causar impotencias
Não póde tambem ?

Mas de meo mal si a magia
Era a causa principal,
A vergonha que eu sentia
Como outra causa accrescia
E aggravava ainda o mal.

E que mulher, que deidade !
E como em sua beldade
Meos olhos apascentei !

E como a-abraçava nua !
¿ Toca-lhe a tunica sua
Melhor do que eu lhe-toquei ?

Ao toque de taes graças
Joven se-volveria
Decrepito Nestor;

Titão refloriria ;
E do praser nas taças
Bebêra á farta Amor.

Que mulher ! E eu a-tive ! E ardores a-consomem,
E nos braços me-aperta.... e não aperta um homem !
Que preces posso eu hoje aos numes dirigir ?
Dons, quem taes dons mallogra, ousará mais pedir ?
Anhelei juncto d'ella obter ingresso : obtive.
Dar-lhe um beijo : beijei-a. Estar-lhe unido : estive.
Tal dita que valeu ? Não reinei, sendo rei;

Digitized by Google

Thesouros possui, e avaro os não toquei;
Fui Tantalo d'amor; cevei na ampla corrente,
Sob os fructos louçãös, a fome e a sede ardente;
Retirei-me, qual sahe, devoto e matinal,
Marido escrupuloso ao culto divinal....

Talvez foi d'ella a culpa? Os seos melhores bejos
Não quiz em mim perder; a accordar meos desejos
Não fez quanto podia....
Infamia, infamia atroz!
As caricias que disse, o tom da meiga voz
Foram de abrandar roble, e penedo e diamante;
Daria aos mortos vida, aos vivos peito amante...
Mas eu não era vivo! e nem morto siquer
Capaz de resurgir á voz de tal mulher!
Para surdos um Phémio embalde o canto apura;
Nem Thâmyres sem luz se-inleva na pintura.

O que eu tinha esperado... e o que sahiu por fim!
Que variar de praser tinha ideado em mim!
Que modos! que invenções.... Avara natureza,
Ai! burlaste-me! A' hora em que, na ara accesa
O holocausto feliz se-ia ja consummar,
E as pompas festivaes cingiam todo o altar,
Tu, ministra infiel, retrahes-te caprichosa,
E pendes, como pende emmurchecida rosa...

Que! resurges agora? agora, que do amor
Baldado o culto jaz, reassumes o vigor!
Extincto o fogo, ausente o nume teo propicio,
Vens, sacrificadora, agora ao sacrificio?
Traidora natureza! affronta do meo ser!
Fica em teo ocio vil! não posso em ti ja crer.

Digitized by Google

Vae-te! ja me não fio em arrogancias d'essas;
Mentiste-me uma vez... e inda cusas mais promessas!
Tu! tu foste e não eu, quem a-enganou! Por ti,
Por tí só tal opprobrio e damno tal curti.
Ella, co'a branda mão, se-dignou provocar-te,
O' monstro, até que emfim (baldos ingenho e arte)
E vendo-te sem brio inutil descahir:
— « Escarneces-me? (exclama) Insano! porque é vir....
« Obrigava-te alguem? gelado e contrafeito
« Sem sombra de desejo assoberbar meo leito?
« Ou suas lãs tramando Eéa maga fez
« Com torpe maleficio o enleio em que te-vês,
« Ou tu de uma rival soltando a furto os laços
« Restos de extincto amor depões entre meos braços »
Diz. Mal involto o corpo em tunica subtil
Salta ao chão furiosa. Oh! niveo pé gentil,
Que eu lobriguei n'um vôo!
Então á serva fida
Procurando occultar a affronta recebida,
Fingindo que sahiu dos braços do praser,
Agua para o seo banho ordena alli trazer.

Digitized by Google

CANÇÃO 8.ª

Contra as riquesas.

E inda haverá quem das artes
Queira ser adorador !
Quem supponha que a poesia
Tem no mundo algum valor !

O ingenho, no tempo antigo,
Valia mais que um thesouro ;
Agora a falta de ingenho
Consiste na falta de ouro.

Canto as graças de uma bella ;
Anda o livro em sua mão ;
Cabem os versos com ella,
Mas o auctor dos versos, não !

Digitized by Google

Depois de mui bem louvado,
Manda-me a porta fechar ;
Meo genio famigerado
Fica á tôa a passear.

Antepõe-me um que, ha dous dias,
Co'as f'ridas inriqueceu ;
Um traga-sangue, que ás guerras
Deve o equestre lustre seco.

— Nos braços lindos, oh louca !
Podes tal monstro apertar ?
De tal monstro aos braços duros,
Podes-te, oh louca, entregar !

Não sabes tu que essa fronte
Ha cingido um murrião ?
E ao lado que ao teo se-ajuncta
Pendia enorme espadão ?

A sinistra, impropria ao aureo
Annel que orgulhosa ostenta,
Teve o escudo ! apertas dextra
Que inda ha pouco era cruenta.

Em mão, que ja fez defunctos,
Podem tocar mãos tão puras ?
Ai ! onde estão do teo peito
Os melindres e as ternuras ?

Signaes de antigos combates,
Olha as cicatrizes mil ;
Quanto possue para dar-te
Pagou-o seo corpo vil.

Digitized by Google

Cem vezes quiçá te-conte
Quantos homens degolára....
Blasonador de homicidios,
Tocal-o podes, avara ?

E eu das musas, eu de Apollo
Sacerdote puro e intacto,
Aos ares poesia inutil
De amor em vulcões desato.

Artes vans, com que me eu perco
Não as apprenda um sisudo.
Arraiaes, violentas lides
São mais proveitoso estudo.

Que monta alinhar bons versos,
Ao pé de alinhar soldados!
Não ter dado o padre Homero
A' milicia os seos cuidados!...

Do ouro a fatal magía
Reconhece-a o proprio Jove,
Que, por lograr uma virgem,
Mudado em ouro se-chove ;

Em quanto era amor sem prémio
Achou de diamante a amada,
Duro o pae, de ferro a torre,
De bronze os portões da intrada...

Reflectiu ; desfez-se em mimos...
Oh sacro poder do ouro!
Para logo a bella esquiva
Lhe-franqueia o seo thesouro!

Digitized by Google

Tempos do velho Saturno,
Ditosa edade em que prêsas
Eram no seio da terra,
Co'as infamias, as riquesas!

Ouro e prata e cobre e ferro,
Incognitos aos mortaes,
Durmiam, longe dos olhos,
Juncto aos manes infernaes.

Melhores dons tinha o solo;
Messes, sem lidas de arado;
Sem tracto fructos opímos;
Nos robles o mel dourado;

No chão da charrua, illeso,
O cordel do medidor
Não ia estremar com marcos
Um senhor de outro senhor;

Não varria crespos mares,
Como hoje, chusma de remos,
A praia aos filhos da terra
Era da terra os extremos.....

Insensata humanidade,
Porque cegueira fatal
Fizeste do proprio ingenho
O instrumento do teo mal?

Porque foi cingir cidades
De torreadas muralhas?
Armar-te em dura milicia?
Travar-te em cruas batalhas?

Digitized by Google

Tinhas na terra um imperio;
Quizeste no mar segundo...
Porque não buscas agora
Terceiro imperio alem-mundo?

E buscas. Aos ceos ja ousas
Teos vôos abalançar;
Ja tem, como Baccho e Alcides,
Quirino e Cesar altar.

Ao solo o ouro extorquimos,
Deixando os fructos de parte;
O ouro vil que nos-conquistam
Co' o sangue os filhos de Marte.

Só riquesa á curia eleva;
Ella exalça aos graus primeiros;
Despacha os graves juises,
Cria os serios cavalleiros.

Hajam tudo embora! aquelles
Campo e foro, se lhes-praz;
Estes nas armas temidas
O jus da guerra e da paz;

Mas famelius não venham
Roubar amores tambem;
Fique siquer uma bella
Ao pobre que nada tem!

Hoje, oh pejo, a que se-inculque
Mais soberba e mais Sabina,
Venha quem possa dar muito,
Ja como escrava a-domina.

Digitized by Google

O porteiro me-repulsa;
Ella por mim teme o esposo;
Dê eu . . . . ! marido e porteiro
Deixam-me a casa em repouso.

Oh! se existe um Deus que vingue
Um despresado amador,
Esses mal ganhos haveres
Torne-os cinza o seo furor.

Digitized by Google

CANÇÃO 9.ª

A morte de Tibullo.

Das Deusas que o mundo adora
Si mais de uma a dôr sentiu;
Si a morte entre ellas se-chora;
Si a Achilles Thetis carpiu;
Si a Memnon carpiu a Aurora,

Musa da triste Elegia,
Essas tranças desordena!
No justo chorar porfia:
O teo nome á tua pena
Assaz convém n'este dia.

O vate a quem déste a lyra,
E que te-deu tanto nome,
Já de amores não suspira;
Já vivo incendio o-consome
Na triste, funerea pyra.

Digitized by Google

Vê qual anda o pobre Amor:
Despejado o seo carcaz,
Trocado o surriso em dôr,
O facho apagado traz,
Bambo o arco vencedor.

Pendem-lhe as azas douradas;
Com tardo passo caminha;
Faces em pranto alagadas,
E co'a formosa mãosinha
Do peito as carnes rasgadas.

Sôltas ao vento lhe-estão
Pelos hombros as madeixas;
Em pranto banhadas vão;
E com soluços as queixas
Interrompidas lhe-são.

Vai tão misero, vai tal
Como á hora em que deixando
De Iulo o paço real,
Ia triste accompanhando
O fraterno funeral.

A formosa mãe de Amor
Jaz não menos delirante,
Vendo morto o seo cantor,
Que lá quando ao cerdo errante
Succumbiu seo caçador.

E aos vates chamam sagrados?
E o mundo cego accredita
Serem por Numes guardados?

Digitized by Google

Que n'elles um Deus habita?
Que são de um Deus inspirados?

Sobre tudo a foice estende
A morte, a morte importuna!
A distincções não attende;
É-lhe egual qualquer fortuna;
Até co'o sagrado intende!

Ao sonoro, ao thracio Orphêo
Que valeu ter paes divinos?
A lyra que lhe-valeu,
Bem que aos monstros mais ferinos
Com seos magos sons venceu?

O mesmo Apollo carpiu
Entre altas selvas caladas,
Por que Lino extincto viu;
E ao som das cordas forçadas
A dôr paterna exprimiu.

Homero, que em larga inchente
De estro altissimo e profundo
É qual undosa torrente
Que aos vates de todo o mundo
Farta a pleno a sede ardente,

Homero mesmo fendeu
A estygia veia avernal.
Tudo o que nasce morreu;
Só foge á parca fatal
O metro, que é dom phebeo.

Digitized by Google

De Troya a guerra impiedosa
Dura dos vates no canto;
E a fama da grega esposa
Que, as noites velando em pranto,
Desfez a teia enganosa.

Delia e Nemese melhores
Hão de aos tempos derradeiros
De Tibullo ir nos louvores.
São seos amores primeiros,
São seos ultimos amores.

Que vos-prestou, desgraçadas,
Os sacros ritos cumprir?
Sistro nas mãos delicadas,
Em casto leito dormir,
Não ser de homens profanadas?

De vós riu; riu d'elle o fado.
Ah! que, vendo os bons morrer,
(Perdoae meo attentado)
Disposto me-vejo a crer
Ser Deus um nome inventado.

Piedoso vive! piedoso....
Como os impios morrerás.
Honra os templos fervoroso,
Que dos templos passarás
Co'a morte ao retiro umbroso.

Só versos zombam do nada.
Da morte a sentença infesta,
Ao proprio Tibullo é dada:

Digitized by Google

De homem tão grande o que resta ?
O que fecha urna apertada !

Sacro vate, ah ! como ousaram
As labaredas tragar-te ?
Como não se-horrorisaram
De pôr em cinzas d'est'arte
Peito em que as musas moraram ?

Fogo que a ti se-atreveu
Aureos templos queimaria.
Venus mesma o rosto seo
Afastou da chamma impía,
E ardente pranto verteu.

Mas quanto peior não fôra
Si morrer dos teos privado
Te-visse a Pheacia outr'ora !
E lá teo corpo ignorado
Terra vil cobrisse agora !

Aqui, ao menos, tiveste
Mãe que teos olhos gelados
Cerrasse quando morreste ;
E dos maternos cuidados
Os ultimos dons houveste.

Tua irmã, piedosa e terna,
Parte egual na dôr tomou ;
E sobre a pyra fraterna
Onde as tranças arrancou
Te-deu despedida eterna.

Digitized by Google

Seos beijos aos teos junctaram
Delia e Nemese á partida;
Ao teo finar te-abraçaram;
E, si te-amaram na vida,
Nem na morte te-deixaram.

Gentil Delia, outr'ora tua,
Lançando aos restos do amigo
O olhar que em pranto fluctua,
Diz: « Melhor lhe-foi comigo,
« Viveu em quanto fui sua. »

Nemese então respondeu:
« Consola-te, a perda é minha!
« Teo coração que perdeu?
« Nos frouxos braços me-tinha
« No momento em que morreu. »

Tibullo! si resta mais
Dos homens que um nome vão,
Já co'os córos festivaes
Gozas na elysia mansão
Dos prazeres immortaes.

D'entre os vates que povoam
Teo novo imperio, ó Tibullo,
A teo encontro la voam
Bom Calvo, joven Catullo,
A quem verdes heras c'roam.

La te-abraça com transporte
Gallo, outr'ora socio teo,
Doce vate e varão forte,

Digitized by Google

Que (si o amigo lh'a não deu)
A si mesmo deu a morte.

Si não findâmos inteiros,
Si alèm da campa se-existe,
Taes são lá teos companheiros ;
Ás pias turbas te-uniste
Nos sempre floreos outeiros.

Durmam na urna calada,
Que os teos despojos incerra,
Teos ossos em paz sagrada !
Ás cinzas frias a terra
Nunca te-seja pesada !

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 10.ª

Celibato das moças na festa de Ceres.

Eis volta da loura Ceres
O dia annual e festo.
Hoje, por dever funesto,
Como em thalamo viuvo,
Dorme sosinho o meo Bem.

Alma Ceres, tu que cinges
De ferteis espigas de ouro
O cabello fino e louro,
Boa Ceres, de teo culto
Porque este mal nos-provém?

Dos povos todos da terra
Nenhum ha que te não diga
Dadivosa, terna, amiga;
E menos contrária aos homens
Nenhuma jamais se-viu.

Digitized by Google

Ao principio os camponezes,
Que na ignorancia viviam,
Nem torrar o grão sabiam,
Nem jamais soar entre elles
O nome de eira se-ouviu.

Os fatiferos carvalhos
Sua glande lhe-offertavam;
Ella e plantas que brotavam
Da livre, espontanea terra,
Serviam de os-sustentar.

Foi Ceres quem disse aos campos:
« Pullulem aureas sementes! »
Foi, foi Ceres que ás luzentes,
Avidas foices recurvas
Mandou espigas prostrar.

Ella, a primeira que aos touros
Impoz o jugo pesado,
E fez que o fendente arado
Fosse co' a relha rompendo
Em largos sulcos o chão.

E ha quem pense que tal Deusa
Folga de amor co' os lamentos?
E que barbaros tormentos,
Que um leito triste e sosinho,
Acceitos cultos lhe-são?

Bem que preze os ferteis campos
E a rude vida campestre,
Não é rustica e silvestre;

Digitized by Google

Não tem seio inaccessivel
Ás brandas settas de amor.

Tu és d'isso testimunha,
Tu, nem sempre mentirosa,
Nobre Creta poderosa,
Tu que nutriste na infancia
Ao Deus, do raio senhor.

Em teos bosques apraziveis
O que hoje as espheras move,
O tenro menino Jove
Co' a rosea, pequena bocca
Na infancia o leite bebeu.

Accreditemos em Creta,
Tão grande alumno a-ennobrece;
E Ceres mesma parece
Não dever negar fraquesas
Que todo o orbe conheceu.

No Ida cretense um dia,
Todo mimos, todo graça,
Seguindo as féras na caça,
A Deusa que ia passando,
Acaso viu Jasião...

Viu-o, e, visto, ardeu por elle;
Lavrou nas veias o fogo;
Disputar-lhe o peito logo
Sentiu a paixão e o pejo....
Venceu ao pejo a paixão.

Digitized by Google

Então nos abertos regos,
Frustradas preces, fadigas,
Víreis myrrhar-se as espigas
E menos grãos que a semente
Fallaz messe produzir.

Debalde o enchadão pesado
Da terra o seio volvia;
Debalde a çharrua abria
Fiadas leiras, sonhando
Abundancias no porvir.

Com mão egual se-espalhavam
Por todo o campo as sementes;
Mas as súpplicas ardentes
Do lavrador tressuado,
Mal lhe-podiam valer.

A Deusa mãe das ceáras,
Nos altos bosques sumida,
Longe da rustica lida,
Deixava aos pés a grinalda
Em torno de si jazer.

Só Creta n'esse anno teve
A fartura em seo regaço;
Por toda a parte onde o passo
Dirigia a terna Deusa
Eis novas messes alli.

Nas proprias mattas do Ida
Cresciam messes lustrosas,
E pelas selvas frondosas

Digitized by Google

Ia ceifar livremente
O sanhudo javali.

O auctor das leis, o bom Minos,
Annos mil eguaes tomára;
Ou que essa paixão tão cara
Dominasse eternamente
De Ceres o coração.

Si longe de ternos gostos
Passaste noites molestas,
Porque devo em tuas festas
Soffrer eu, benigna Deusa,
A mesma separação?

Por que me-cabe a tristesa
Quando te-volve o aureo dia
Em que, cheia de alegria,
Achaste a filha com sceptro,
Pouco a Juno inferior?

Festivos dias convidam
A Baccho, a Venus, aos cantos.
Só devem achar incantos
Em taes oblações os Deuses;
Este é seo culto melhor.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 11.ª

Aversão e amor.

Já sinto por seos crimes
A paciencia gasta !
Insano amor, já basta
De torpe escravidão !

Quebrei, quebrei seos ferros;
E córo da loucura,
Com que julguei ventura
Gemer n'um vil grilhão.

Já calco indignos fogos;
Já, pôsto que tardio,
Meo apagado brio
Começa a reviver.

Digitized by Google

Bem sei que amarga a cura,
Mas... animo constante!
Póde um custoso instante
Dar annos de praser.

Quasi sonhar supponho,
Si volvo na memoria
A vergonhosa historia
Do que por ti passei.

Que vezes repellido
Por tuas duras portas
Da noite ás horas mortas
No duro chão ralei!

Que vezes lá, qual servo
De guarda a seus senhores,
Servi teos vis amores,
Meo damno atroz servi!

Eu, sentinella, expulso,
E não sei quem, no emtanto,
Gozando tudo quanto
Me-endoudeceu por ti.

Não são, não são delirios;
Ausente me-suppunhas,
Mas foram testimunhas
Os proprios olhos meos.

Apenas vinha a aurora
Rompendo no oriente
Senti mui cautamente
Abrir-se os lares teos!

Digitized by Google

Vi-o sahir cansado
Da noite mal dormida,
Do rosto a côr perdida,
Incerto e frouxo o andar.

Mas vêl-o, ainda era pouco :
Fui visto pelo infame.
Ah ! soffra egual vexame
Quem mal me-desejar.

Quando ias a passeio
Quem te-era, ó monstro amavel,
Parceiro inseparavel,
Amante e servidor ?

Ao público agradavas
Na minha companhia ;
Amores accendia
O nosso ardente amor...

Que teias de mentiras !
Que votos perjurados !
Que Deuses invocados
Para me-armar traições !

Á mesa, entre os mancebos,
Que vistas mil furtivas !
Que notas expressivas
De novas affeições !

Doente se-me-pinta ;
Eis corro impaciente,

Digitized by Google

Mas não a-achei docile
Para um feliz rival.

Como estas soffri muitas
Que, por vergonha, calo.
Vae, busca outro vassallo
De paciencia egual.

Já, de votivas c'rôas
O lenho meo cingido,
Já zomba do estampido
Dos vagos escarceos.

Já me não vence um gesto,
Uma palavra, um riso;
Já recobrei o siso,
Graças a ti e aos céos.

Que digo? O amor e o odio
Inda me-luctam n'alma,
E temo obtenha a palma
Em vez do odio, amor.

Si de seos crimes fujo,
A seos incantos volto;
Seo genio é desinvolto,
O resto incantador.

Meos votos se-combatem;
Pólos contrarios sigo;
Não sei viver comtigo,
Viver sem ti não sei.

Digitized by Google

Não quadra tal maldade
A tanta formosura;
Sê menos bella ou dura,
E então feliz serei.

Mal nos teos vicios penso,
Eis todo me-horroriso;
Teo rosto mal diviso,
Eis torno a suspirar.

Fatal, fatal cegueira!
Conheço as culpas d'ella;
Mas ver o quanto é bella,
M'as-fórça a deslembrar.

Fera! perdão te-peço,
Em lagrymas desfeito,
Pela do nosso leito
Suavissima união;

Por todos esses Deuses
Que, surdos a queixumes,
Nunca se-mostrem numes,
Em tu jurando emvão;

Por esses teos incantos
Que as Deusas invejaram,
E olhos que arrebataram
Os ternos olhos meos;

Por tudo, emfim, por tudo,
Perdão, merecê, piedade!

Digitized by Google

Sê monstro ou sê deidade,
Não fujo aos ferros teos.

Escolhe si antes queres
Que por vontade te-ame,
Ou que por ti me-inflamme
Forçado a te-servir.

Servíra-te forçado . . .
Mas dá-me, objecto amavel,
Por gosto, a um vento affavel,
As velas desferir !

Digitized by Google

CANÇÃO 12.ª

Pena da vanglória.

Negros, funéreos passaros,
Dizei-me em que atro dia
Fadastes fados lugubres
A quanto amor havia
De incher meo coração?

Que desastroso horóscopo
Meos votos sempre estreia?
Quem é, a Deiddes barbaras,
Que a vossa furia ateia
Na minha perdição?

A que, inda ha pouco, o titulo
Teve de *Toda minha*;
A que eu, sem competencias,
Principiado tinha
Seguro a idolatrar,

Digitized by Google

Já de rivaes innumeros
A-vejo cortejada;
Ah! vejo-a por meos emulos,
Como por mim, gosada,
E sinto-me abrazar.

Érro? ou, co'a musa improvida
Correndo esta cidade,
Eu proprio fui que aos meritos
Te-dei celebridade,
Te-ornei de nimia luz?...

Não érro, não! Meos canticos
Vaidosos, imprudentes,
Hão posto aos olhos publicos
Os dotes seos patentes;
Á venda eu mesmo a-puz.

Soffre o castigo, ó misero,
Da pueril vanglória!
Vae, pregoeiro estolido,
A esplendida victoria
Em destruição trocar!

Fui eu do infame tráfego
Seo corretor. Amantes
Lhe-conduzi solicito
Á porta esquiva d'antes,
E a-abri de par em par.

Tem a poesia prestimo?
Não sei; mas sei que adversos,
Damnosos, fatalissimos,

Digitized by Google

Sempre me-hão sido os versos,
E agora muito mais.

Os males que lamento
N'este fatal momento. . . .
Vós, versos, m'os-causais.

Tinha eu Thebas, tinha Troya,
De Cesar tinha as acções . . . .
E só Corinna em meo estro
Influiu taes tentações!

Nunca as musas, nunca Phebo,
Quando incetei a poesia,
Favoneado tivessem
Minha insensata ousadia!

E eu, nescio (que via acceita
Dos vates a auctoridade),
A anhelar que a meos escriptos
Désse pêso a humanidade!

Assim cantei Scylla infame
Que, a paterna cã furtada,
Paga na sicula costa,
De bravos cães rodeada;

Pintei aligeras plantas;
Pintei comas serpentinas;
Persêo em corcel volante,
Do céo fendendo as campinas.

Digitized by Google

Por desmedida planicie
Ticio estirei colossal;
Dei tres gargantas ao bruto,
Vipéreo guarda avernal;

Fiz de Encelado mil braços
Contra os Numes pelejar;
Da Esphinge as confusas vozes
Tantos heroes inredar.

Homereos ventos nos odres
Fechei do ithacense Ulysses;
Condemnei-te a que entre as aguas
Sede, ó Tantalo, curtisses;

Transformei Niobe em rocha;
Calisto em ursa esplendente;
Ave cecropia descanta
De Itys a sorte inclemente;

Jove agora se-transforma
Em aves, agora em ouro;
Agora, levando Europa,
Sulca o mar egregio touro;

E Protheo e os cadmios dentes;
Thebana origem depois;
E o fogo que das gargantas
Brotava aos magicos bois;

Alambres as irmãs tuas
Fiz, ó Phaetonte, chorar;
Troquei undivagos lenhos
Em alvas nymphas do mar;

Digitized by Google

O sol refugiu pasmado
Das mesas furiaes de Atreo;
Seguiram duros penedos
A maga lyra de Orpheo . . . .

Tem de um vate a licença infinda liberdade,
Não se-prende em grilhões de historica verdade.

Vós, que sabieis,
Crédula gente,
O quanto mente
Qualquer cantor,
E o quanto eu mesmo
Vos-fabulei;
Vós me-devieis
Ter por suspeito
Quando, co' o peito
Ebrio de amor,
Tão graciosa
Vol-a pintei!

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 13.ª

Festa de Juno nos Phaliscos.

Nos Phaliscos, paiz dos flóridos pomares,
Nascêra a minha esposa; havia alli seos lares.
Á cidade cheguei, que tem por timbre seo
Dizer que foi Camillo o invicto que a-venceu.
Era dia solemne. A Juno a pura festa
Das ministras da Deusa a ufana turba apresta
Com jogos, cuja fama attrahe as multidões,
E uma novilha vossa, ó Phaliscos torrões.

Taes ritos conhecer pagar-me assaz devia
A quebra da jornada, e fiquei, bem que a via
Para o logar da festa era um declivio atroz.

Digitized by Google

Plantado pelas mãos de longinquos avós,
Um bosque ahi negreja, e tal é seo negrume
Que por si mesmo inculca habitação de Nume.
No meio d'este luco um tosco, antigo altar
Usa aos pios o incenso e as preces acceitar.

D'alli sahe, mal resoa a voz da sacra trompa,
Por caminhos que ensombra um toldo, a ânnua pompa.
As novilhas lá vem, de nivea candidez,
(Foi inda herva phalisca o pasto que as-refez)
Todo o povo as-applaude. Após lá vem tão bellos,
De carranca inda inerme, os folgasões vitellos.
Vem do humilde cortil o animal fossador,
O bode vem — da grei marido e conductor,
Na curvicornea fronte o poderío attesta.

Só a cabra é de Juno odiada. A causa é esta:
Ia a Deusa fugindo; a um bosque se-accolheu...
A cabra a-denuncía; em pena ao crime seo
O animal delator sente a guerra proterva
Com que, aos tiros, a-segue a pueril caterva:
Em premio a-levará quem primeiro a-ferir.

Nos caminhos que a Deusa em breve ha de seguir
Moços, moças gentis lá lhe-vão adiante
A varrerem o chão co' o manto roçagante.
Apertam gemmas e ouro as comas virginaes;
Cobre soberba veste aureos pés divinaes;
Alvi-trajado rancho, ao grego modo avito,
Levam sobre a cabeça os aprestos do rito.

Digitized by Google

Calam todos. Lá chega a imagem da immortal,
Após o feminil côro sacerdotal.
D'esta solemnidade é todo o aspecto, argivo!

Era Agamemnon morto. Haleso fugitivo
Da pena, e aos patrios bens dizendo eterno adeus,
Por terra e mar errante, arrasta os fados seos,
Té que sob estes céos, entre esta amenidade,
Funda, com mão feliz, tão inclyta cidade.

Aos Phaliscos, ó Juno, elle o teo culto deu:
Deusa, ampara-nos sempre, a mim e ao povo teo!

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 14.ª

Não fiz!

Vendo a tua formosura,
Não me-opponho ao teo peccar;
Mas eu sabêl'o, ó perjura!
É luxo de desventura;
Não t'o-posso perdoar.

Trovejo-te eu. « Sê pudica! »
Em tom de acerbo censor?
Disfarça! Engana-me! Fica
Pura ante o credulo amor....
Eis quanto Amor te-supplica!

Não é criminosa a bella
Que póde o crime negar.
Si o-confessa, a culpa é d'ella;
Da sentença que a-flagella
Não tem de quem se-queixar.

Digitized by Google

Que loucura! expôr ao dia
O que a noite recatou!
Que abelha ao pastor que a-espia
Imprudente denuncía
O mel que a sós fabricou?

As mesmas que amor fingido
Têm por costume vender,
No sanctuario de Gnido
Somem ao povo atrevido
Os mysterios do praser....

E tu, aos murmuradores
Sem medo entregar-te vais?
A mingoa de accusadores,
Tu propria, dos teos errores,
Dás a denúncia e os signaes?

Cahe em ti! reflecte! mude
O teo systema fatal!
Si a não tens, finge virtude;
Engana o mundo, e me-illude;
Trája a lúbrica em vestal.

Embora o mesmo que fazes
Continues a fazer;
Mas nega-m'o; assim me-aprazes.
Tens vergonha, em tuas phrases,
De modesta parecer?

Tambem a desenvoltura
Tem seo tempo e o seo logar:
Lá, dá redeas á loucura!

Digitized by Google

Funde em delirio a ternura !
Veda ao pejo o murmurar !

Lá, todo o véo se-remova
(As graças despidas são,
E nua Venus se-louva)
Mas as virtudes da alcova
Deshonra na sala dão.

Na alcova ! De tudo goses !
Mostre a coxa o seo alvor ;
Falem as linguas cem vozes ;
Milhões de metamorphoses
Phantasie o gosto a amor ;

Alli tenham desafôgo
Comprimidas expressões ;
Membros e alma abrase o fogo ;
Retrema, ao trémulo jôgo,
O leito, em mil convulsões ;

Mas, co' a tunica, a decencia
Torna do aspecto a vestir !
Volva ás faces a innocencia !
Sob uma tal apparencia
Muito se-póde encobrir.

Engana a toda a cidade,
A toda... mormente a mim !
Sou nescio ; odeio a verdade ;
Prefiro a credulidade ;
Serei mais ditoso assim.

Digitized by Google

Porque vejo eu, quando espreito,
Bilhetes que vão, que vem?
Porque acho sempre em teo leito,
No meio um concavo feito,
Outro na borda tambem?

Será o somno somente
O que a desordem produz,
Em teos cabellos patente?
Não vejo eu signaes de dente
No collo e nos hombros nus?

Ante o misero que te-ama
Agora te-falta só
Presentar completo o drama...
Ah! se não te-importa a fama,
De mim ao menos tem dó!

Sempre, sempre que te-escuto
De um teo crime a confissão,
Entre vida e morte lucto,
Suo, gélo, em dôr me-inlucto,
Morro-me, perco a razão.

Então amo, então detesto
O que me-é forçoso amar;
Então as parcas obtesto
Me-deem o golpe funesto.
Mas comtigo, os dous a par.

. . . . . .

Socega; não mais te-espio;
Tudo teo respeitarei.

Digitized by Google

Si houveres um desvario
Involve-m'o em véo sombrio ;
Não existe, eu não o-sei.

Si um dia em traição flagrante,
Triste de mim, te-incontrar,
Si os olhos do pobre amante
Da verdade fulminante
Não podérem duvidar,

Voz serena e rosto erguido,
Ri da minha convicção !
Tu vences, fico eu vencido :
Terão meos olhos mentido,
Mentido os teos labios, não.

Não ha mais facil victoria
Que a de um amante infeliz,
Que em ser vencido põe gloria.
Grava, grava na memoria
A maga expressão : « Não fiz ! »

« Não fiz ! » Com syllabas duas
Pões o foro a teo favor.
Porque o pleito em bem concluas
Não fies nas razões tuas....
Fia no teo julgador.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANÇÃO 15.ª

Despedida.

Mãe das graças, mãe de amores,
Myrteas flores
Deem á lyra os seus festões!
Vae! Procura outro poeta,
Pois á meta
São chegadas as canções.

Canções meigas que eu (peligno,
Talvez digno
Do favor que em Roma achei),
De teos valles entre as rosas
Voluptuosas,
Livre aos echos espalhei.

Digitized by Google

Si de avoengos cavalleiros
Aos herdeiros
Provém gloria, havia-a eu,
Que do vortice guerreiro,
Cavalleiro
Não sahi co'o lustre meo.

Seo Marão, Mantua blasona.
A Verona
Deu Catullo alto esplendor.
Assim, tu peligna gente,
Fama ingente
Colherás do teo cantor.

Nobre povo, audaz, invicto,
Que ao conflicto
Te-arrojaste liberal,
Quando a Roma os alliados,
Conjurados
Davam susto e horror mortal ;

Lá nos seculos futuros,
Quando os muros
De longe o viajor te-vir,
O' Sulmona, ó patria minha,
Cidadinha
Pequenina, e pobre, e a rir,

« O' berço do grão poeta,
« Que interpreta
« Quanto sente o coração,

Digitized by Google

« Tens—dirá—n'essa estreiteza
« Mais grandeza
« Que a mais nobre povoação. »

Lindo Amor, e tu, mais linda
Que elle ainda,
Cypria Deusa sem rival,
Arrancae vossas bandeiras
Das trincheiras
Do meo profugo araial.

Já Lieo, cingida a frente
De um crescente,
Verde thyrso agita audaz;
Ampla arena de mais fama
Por mim chama;
Palma tragica me-apraz.

Adeus, musa namorada!
Pendurada
Fique a lyra genial!
Canções minhas, meigas, ternas,
Sois eternas,
Dar-me-heis glória perennal!

FIM DO 3.° LIVRO,
E DO TOMO 3.°

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE

das materias contidas no 1.º Volume, e bem assim das Canções dos tres Livros dos AMORES, de Ovidio, segundo a ordem antiga, e respeitada na collocação d'essas paginas, na Paraphrase portugueza. (*)

VOLUME I.

Advertencia importante.	pag.	5
Dedicatoria do Traductor	«	7
Preambulo do Commentador . . .	«	9
Prologo do Traductor	«	17

CANÇÕES.

VOLUME I. — LIVRO I.

I Metamorphose da trombeta em lyra	«	41
II Cupido triumphante	«	45
III Os titulos do poeta para ser amado	«	51
IV Precauções para uma ceia. . .	«	55
V Aventura meridiana	«	63
VI Queixas a um guarda-portão . .	«	67
VII Perdão !	«	75

(*) Cada um dos 3 Livros do poeta latino corresponde, na versão, a um Volume especial.

Digitized by Google

VIII Terceira de Amores. . . . . pag. 83
IX A Attico. Milicia amorosa . . . « 89
X Amor com amor se-paga . . . « 93
XI Recado a Nappe . . . . . « 99
XII Indeferimento a uma petição amorosa « 103
XIII A Aurora . . . . . « 105
XIV Os cabellos perdidos. . . . . « 109
XV Immortalidade do poeta. . . . « 117

VOLUME II. — LIVRO II.

I Prelúdio . . . . . « 7
II A um eunucho . . . . . « 11
III Ao mesmo . . . . . « 19
IV Coração para todas . . . . . « 23
V A Corinna, infiel n'um banquete . « 27
VI A morte do papagaio . . . . « 33
VII A Corinna. Protestos contra o amor da sua aia 41
VIII A Cypasse, aia de Corinna . . . « 45
IX A Cupido . . . . . « 49
X Os dous amores . . . . . « 55
XI Corinna embarcando. . . . . « 59
XII Uma campanha feliz . . . . « 65
XIII Preces n'um abôrto . . . . . « 67
XIV Imprecações n'um abôrto. . . . « 71
XV O annel . . . . . « 75
XVI Sulmona . . . . . « 79
XVII Vaidade de Corinna . . . . . « 85
XVIII A Macro . . . . . « 89
XIX Contra um marido incómmodo . . « 97

Digitized by Google

VOLUME III. — LIVRO III.

I	As duas Musas	pag.	7
II	No circo de Roma	«	15
III	Impunidade das perjuras . . .	«	27
IV	A um marido zeloso.	«	31
V	O sonho.	«	35
VI	O Rio	«	37
VII	Mallógro.	«	45
VIII	Contra as riquezas	«	51
IX	A morte de Tibullo	«	57
X	Celibato das moças na festa de Ceres	«	65
XI	Aversão e amor	«	71
XII	Pena da vanglória.	«	77
XIII	Festa de Juno nos Phaliscos . . .	«	83
XIV	Não fiz!	«	87
XV	Despedida	«	93

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE

Das Canções dos tres Livros dos AMORES, de Ovidio, segundo a ordem methodica, proposta no § 5 da *Grinalda Ovidiana* (*)

LIVRO I.

I	Metamorphose da trombeta em lyra	I.	1—	I- 41
II	Cupido triumphante. . . .	I.	2—	I- 45
III	A Cupido	II.	9—	II- 49
IV	Celibato das moças na festa de Ceres	III.	10—	III- 65
V	A Aurora	I.	13—	I-105
VI	Festa de Juno nos Phaliscos.	III.	13—	III- 83
VII	Morte de Tibullo.	III.	9—	III- 57
VIII	A Macro	II.	18—	II- 89
IX	A Attico. Milicia amorosa . .	I.	9—	I- 89
X	No circo de Roma . . .	III.	2—	III- 15
XI	A um eunucho.	II.	2—	II- 11
XII	Queixas a um guarda-portão .	I.	6—	I- 67
XIII	O Rio	III.	6—	III- 37
XIV	A morte do papagaio. . . .	II.	6—	II- 33
XV	O annel.	II.	15—	II- 75
XVI	Immortalidade do poeta. . .	I.	15—	I-117

(*) No § 5.° da *Grinalda* se-deduzirão os fundamentos d'esta collocação. Julgâmos que a leitura do poema, segundo esta gradação, augmentará muito o interêsse. N'este Indice ha 6 columnas.— A 1.ª indica a nova ordem como as peças se-devem ler. — A 2.ª o titulo— A 3.ª e 4.ª o Livro e Canção, a que corresponde na antiga ordem — A 5.ª e 6.ª o Volume e Pagina d'esta edição da Paraphrase portugueza.

Digitized by Google

LIVRO II.

I	Prelúdio	II. 1—	II- 7
II	O Sonho	III. 5—	III- 35
III	Recado a Nappe	I. 11—	I- 99
IV	Indeferimento a uma petição amorosa.	I. 12—	I-103
V	Sulmona	II. 16—	II- 79
VI	Corinna embarcando. . . .	II. 11—	II- 59
VII	Queixas a um guarda-portão .	I. 6—	I- 67
VIII	A um eunucho	II. 3—	II- 19
IX	Impunidade das perjuras . .	III. 3—	III- 27
X	Vaidade de Corinna. . . .	II. 17—	II- 85
XI	Uma campanha feliz. . . .	II. 12—	II- 65
XII	A Corinna. Potestos contra o amor da sua aia	II. 7—	II- 41
XIII	A Cypasse, aia de Corinna . .	II. 8—	II- 45
XIV	Os dous amores	II. 10—	II- 55
XV	Coração para todas	II. 4—	II- 23
XVI	Aventura meridiana. . . .	I. 5—	I- 63

LIVRO III.

I	As duas Musas.	III. 1—	III- 7
II	Perdão!	I. 7—	I- 73
III	Precauções para uma ceia .	I. 4—	I- 55
IV	Terceira de Amores . . .	I. 8—	I- 83
V	A Corinna, infiel n'um banquete	II. 5—	II- 27
VI	Mallôgro	III. 7—	III- 45
VII	Preces n'um abôrto . .	II. 13—	II- 67

Digitized by Google

VIII	Imprecações n'um abôrto . .	II. 14— II-	71
IX	A um marido zeloso . . .	III. 4—III-	31
X	Contra um marido incómmodo.	II. 19— II-	97
XI	Não fiz !	III. 14—III-	87
XII	Os cabellos perdidos . . .	I. 14— I-	109
XIII	Amor com amor se-paga . .	I. 10— I-	93
XIV	Contra as riquezas . . .	III. 8—III-	51
XV	No circo de Roma . . .	III. 2—III-	15
XVI	Pena da vanglória. . . .	III. 12—III-	77
XVII	Despedida	III. 15—III-	93

FIM DO INDICE.

Digitized by Google

Digitized by Google

OS
AMORES,

DE

P. OVIDIO NASÃO.

PARAPHRASEADOS

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO;

SEGUIDA PELA

GRINALDA OVIDIANA,

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

IV

Digitized by Google

Rio de Janeiro. Typ. — de B. X. Pinto de Sousa.

Digitized by Google

A

GRINALDA OVIDIANA,

APPENDICE Á PARAPHRASE DOS

AMORES;

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA,

DO CONSELHO DE S. M. FIDELISSIMA;
FIDALGO CAVALLEIRO DA SUA REAL CASA;
COMMENDADOR DAS ORDENS DE CHRISTO E DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILLA VIÇOSA;
DOCTOR E BACHAREL EM DIREITO, MEDICINA E PHILOSOPHIA, PELAS UNIVERSIDADES DE COIMBRA, PARIZ E ROSTOCK;
PRESIDENTE DA COMMISSÃO DO NACIONAL E REAL ARCHIVO DA TORRE DO TOMBO;
EX-BIBLIOTHECARIO MÓR E EX-DEPUTADO ÁS CÔRTES EM VARIAS LEGISLATURAS;
TENENTE CORONEL;
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA;
MEMBRO DA SOCIEDADE REAL DOS ANTIQUARIOS DO NORTE;
DA ACADEMIA DE HISTORIA DE COPENHAGUE;
DAS SOCIEDADES PHARMACEUTICAS DO NORTE DA ALLEMANHA, DE SALZUFFLEN, E DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO DE PARIZ;
DO CONSERVATORIO REAL E DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO;
E DE OUTRAS SOCIEDADES SABIAS, &.

Tomo 4.°

RIO DE JANEIRO

PUBLICADA EM CASA DO EDITOR — BERNARDO XAVIER PINTO DE SOUSA.

Rua dos Ciganos n. 43.

1858.

Digitized by Google

Digitized by Google

A

D. JOSÉ DE ASSIS MASCARENHAS!

isto é:

Ao saber sem orgulho!
Ao gôsto sem intolerancia!
A' modestia sem ostentação!
A' amisade sem quebra!

Offerece esta Grinalda

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

Digitized by Google

Digitized by Google

INTRODUCÇÃO.

ERUDITO, o sabio, o poeta feche a sua leitura aqui. Ouviu Ovidio e Castilho Antonio; e não deve escusadamente cahir de taes alturas, concluindo tão lauto festim com dessaborosos manjares.

Está assentado que poucas pessoas leem as notas de um livro. Este pequeno prologo, ainda que prologos correm quasi egual fadario, pede entretanto á maioria dos leitores, que ao menos se-folheiem as paginas que vamos traçar.

Digitized by Google

Mui afastados da sociedade e da religião, que Ovidio nos-cantou, julgou o sabio paraphrasta indispensavel esclarecer grande numero dos seos versos com commentarios e notas. Traçou-lhes o plano; começou alguns d'esses trabalhos; apontou outros; mas não poude adiantar a obra, que nos-vimos obrigados a emprehender, sob pena de darmos ao prelo um livro, que á cada passo deixaria em perplexidades o commum dos leitores.

Começámos pois a aclarar o texto com a sêcca explicação, que demandava; mas para logo, insensivelmente, se-nos-alargou o horizonte.

Com algumas informações miudas, só destinadas a dar succinta idea de mythologias, historias ou costumes, de outros tempos, áquelles que a não tivessem, se-nos-foi associando o pensamento, já de apprecíar o texto, já de o-confrontar, já de inthesourar emfim para aqui excerptos preciosos de outros poetas eroticos, em que se-notava similhança com alguns passos do romano auctor, no que sem duvida se-duplica para

Digitized by Google

muitos o valor da obra, e se-accrescentará recreio a quem n'a-ler. D'esses auctores uns são gregos, outros romanos, outros modernos (nacionaes e estrangeiros). Dos gregos e romanos, o que se-dá em portuguez, sem nome de auctor, é de Castilho Antonio ou nosso.

Assim se-nos-foi sob a teia dilatando a urdidura do trabalho. É o egotismo geral manha dos poetas eroticos. Intendem elles que a posteridade nada tem mais a peito do que inventariar seos praseres, suas lagrymas, seos odios, seos laseres, seos revezes, suas fortunas. Nenhum porém lançou a barra adiante de Ovidio; e como no poema dos Amores se-apresenta elle constante protogonista, julgámos indispensavel, para cabal intelligencia de muitos trechos, e conhecimento do nosso auctor, traçar sua biographia, seguida de um esbôço critico sobre suas poesias. Similhantes impulsos nos-levaram a tractar de outros assumptos concatenados com o principal.

Pertendiamos dar ás nossas paginas o

Digitized by Google

singelo titulo de *Notas e Commentarios*; mas não podiamos qualificar assim commentarios que não commentavam, ou notas que não annotavam, como são esses escriptos que acabâmos de mencionar. Colligimos pois tudo sob o rotulo de *Grinalda Ovidiana*; grinalda será de violetas, planta rasteira e humilde, onde as folhas serão nossas, mas não raro sentirêis, nas palavras de outros, o aroma da perfumada flôr.

É claro que uma grande parte de obra, consagrada a Amores, não precisa commentos. Os sentimentos de que é capaz o coração humano, nem todos são subjeitos á influencia das instituições sociaes; com quanto os proprios affectos e paixões dependam muito da diversidade da classe, da educação, dos principios, e da maneira de viver de cada individuo, predomina sempre a natureza, que, por um fio electrico liga entre si os corações do homem de todos os tempos, logares e civilisações; a linguagem do sentimento não carece de apostillas, que não varía ella com os seculos nem com os idiomas; todos os corações comprehenderam sempre o mesmo idioma; são instrumentos afinados por

Digitized by Google

um diapason unico, universal; pautae embora essa musica no Egypto, na Media, no Sena ou no Tejo; ler-vol-a-hão, sem perda de um sustenido, no Tamisa ou no Tibre, no Rio de Janeiro ou Nova-York.

Na questão da immoralidade, podiamos não accrescentar cousa alguma. O que centenares de cultores das lettras classicas, entre os quaes muitos varões venerandos, hão dissertado sobre o respeito a estas reliquias de diversa sociedade; o que sobre isso ponderou Castilho Antonio no prologo a esta obra, e já tambem reflectira no prologo ás Metamorphoses; e sobretudo a advertencia que, em frente d'esta obra, a-manda resguardar de mãos juvenis, bastaria para escudo; mas sempre ajunctaremos que, entre as notas, se-achará, acerca das canções, que se-podem figurar mais perigosas, ou uma especie de correctivo saudavel, ou certa luz, que as-faça reconhecer como proveitosas. Si alguns, raros, passos d'esta Grinalda, se-ressentirem de egual leviandade, com a mesma ordem de ideas se-justificam.

Havendo o poeta portuguez intendido,

Digitized by Google

com seo apurado gôsto, que obras taes como as *Metamorphoses* e *Fastos* devem ser traduzidas, e as como *Os Amores* paraphraseadas, tinhamos ordenado que em frente do portuguez se-lançasse o original, para que os estudiosos podessem, sem incommodo, ir sempre confrontando, e comprehendendo a razão — ora da versão fiel—ora do desenvolvimento — ora da suppressão — aqui do emprego do alexandrino — ali do bisyllabo — acolá do matizar e travar das varias versificações — n'um logar, da onomatopea — n'outro, de outras innumeras bellezas, a que só intendedores attingem. Este exame daria à convicção de que em alguns passos das menos esmeradas canções sobreleva o texto; este, em muitos outros, fica inferior ao portuguez; na mór parte eguaes. Ficar abaixo de Ovidio, não é desar; em o-egualar, ha merito; em vencêl-o gloria:

Non tam
Turpe fuit vinci, quam contendisse decorum. (*Met.*)

Todavia reconsiderámos; quem não está habilitado para essas confrontações, aborrece-se com intercalações de latins; quem

Digitized by Google

o-está, não póde deixar de ter um Ovidio nos raios da sua estante.

Concluiremos, pedindo, para o que vai ler-se, a indulgencia a que terá deixado pouco inclinados os animos a leitura de tão admiravel poesia, em fundo e fórma. Pondere o leitor benevolo que estas notas foram lançadas de carreira; faltando quasi o tempo para se-relerem; em momentos arrancados a prosaicos dias de indeclinaveis trabalhos; quasi sem possibilidade de fecundarmos essas paginas com util leitura feita a amigos, que as-auxiliassem e corrigissem. . . Considere sobretudo que si o nome é o mesmo, a penna é já outra; e que si tanto chamâmos astro o sol como as nebulosas, tolerâmos que umas mal se-distingam, em quanto o outro, illuminando a terra, apaga o firmamento.

Rio de Janeiro. Rua da Lapa n. 96, aos 4 de Março de 1858.

José Feliciano de Castilho.

Digitized by Google

Digitized by Google

ADVERTENCIA.

Toda esta *Grinalda* se-disparte em §§; alguns dos §§ se-subdividem em *artigos*.

Cada § corresponde a um passo do Prologo ou da Paraphrase.

Foi para o fim de tornar faceis as referencias, que, em cada canção, sobre si, numerámos os versos; assim se-evitou deturpar o texto com a immediata indicação das palavras que tencionavamos annotar.

A cada § superpômos as designações que assignalam o trecho ou palavra, que vai commentar-se. Duplas são estas referencias; a 1.ª fixa o tomo e a página; a 2.ª o livro, a canção e o verso d'ella; por exemplo:

(T. 1. p. 55) (I. IV. 10)

Hippodamia

significa

Tomo 1
Página 55 } D'esta edição.

Livro 1
Canção 4
Verso 10 } Da Paraphrase.

Digitized by Google

Digitized by Google

GRINALDA OVIDIANA.

Digitized by Google

Digitized by Google

GRINALDA OVIDIANA.

§ I.

(T. 1. p. 26. lin. 3) (Prologo)

A vida do poeta.

Esboço biographico e critico sobre Ovidio (*)

ART. I.

Já a philosophia grega tinha proferido a sua derradeira palavra. Nos dous grandes cadinhos de Athenas e Alexandria havia o espirito humano revestido todas as fórmas, que essas ideas comportavam ; exhauríra-se o verbo humano !

E a terra se-apertava em mais estreitos terminos do que hoje ; e d'esses só tenue parte podia dizer-se civilisada ; e essa parte jazia toda incravada

(*) Muitos traçaram biographias de Ovidio. Lilio Gregorio, D. Crispino, Borrichio, Haincio, Addison, Voltaire, Stael, Nisard, Charpentier, Villenave, Rosmini, Gomes de Moura, & &. Appropriar-nos-hemos do que ahi nos-parecer digno de reproducção ; mas sobretudo excavaremos as preciosas minas que Ovidio nos-deixou, nas suas proprias obras, que nos-habilitarão a seguil-o passo a passo, nos pontos importantes de sua accidentada vida. Cremos que o leitor erudito incontrará todavia, n'este trabalho, numerosos incidentes, observações e desinvolvi-

Digitized by Google

n'um só imperio, que do monte Taurus se-estendia ao monte Atlante, e se alargava do Euphrates ao Oceano Occidental.

A batalha de Accio dava a paz ao mundo, e o mundo a Octavio; e todavia esses magestosos successos mais não eram que a exposição e accessorios do maior dramma da humanidade.

A sociedade antiga ia-se desmoronando, para dentro em pouco desabar e submergir-se; a purpura da monarchia imperial cahia, por irrisão, sobre os hombros de um cadaver galvanisado.

---

mentos que os livros, até hoje, não tocaram. Formâmos votos para que ainda nos-seja dado passar alguns mezes com o amado irmão, cuja obra publicàmos. Faremos que acabe a versão de Ovidio, e tente o poema que no seo prologo promette (I. p. 26). Si algum obstaculo estorva similhante assumpto, é sua extensão, pois a vida d'esse homem daria para vinte admiraveis cantos.

Communicando a Castilho Antonio o nosso pensamento de traçar, á testa da Grinalda, um esbôço biographico e critico sôbre Ovidio, respondeu-nos o seguinte:

« Tinha eu tencionado, segundo contei no prologo da minha Paraphrase, escrever um poema da Vida de Ovidio. Como não o-fiz, nem é ja provavel que o-faça, e pena seria que tal assumpto ficasse de todo inutilisado, acconselho-te eu que, em vez de poema (tarefa mal compativel com o teo trabalhar acceleradissimo), tractes o assumpto em Romance Historico. Olha que a materia é de appetite; e quando não, considera por alto quantas nascentes de grandes effeitos se lhe não inchergam, logo á primeira vista!

« O quadro geral de Roma e do mundo, ao tempo do nascimento de Ovidio, 43 annos antes do de Christo; dir-se-hia que o paganismo concentrava todas as suas magnificencias poeticas n'um só foco, e asfazia lançar uma vasca explendidissima, á hora de expirar. As *Metamorphoses*, os *Fastos*, a *Arte de Amar*, os *Amores* e as *Heroides* antecedem immediatamente ao Evangelho do Nazareno.

« A Roma dos Cesares é, só por si, um estudo historico magnifico, n'aquelle periodo.

Digitized by Google

Roma, a insaciavel, a gigante, a caduca, succumbia sob o pêso da propria grandeza. Cançada de formular aspirações tão audaciosas como promptamente satisfeitas, enervada pela posse indisputada do universo, fenecia de repleção.

Os cidadãos, a exemplo do estado, só cogitavam de gosar, amontoar riquezas, extravaganciar deleites.

Ja a verdadeira Religião, por mãos duvidosas ou adversas, ia preparando o seo terreno na mesma philosophia. Ainda Lucrecio materialisava as ideas; mas

---

« A terra, toda italica, em que a fortuna poz o berço do cantor de delicias, é d'aquellas que tornam eloquente qualquer penna que as-descreva; ha mil viagens na Italia, e todas se-leem com summo praser.

» As festas de Minerva, em que elle nasce, prestam-se a um bonito descriptivo; são festas em que até ha fogueiras rusticas.

« As viagens de Ovidio são outro campo vasto.

« O seo viver em Roma, as suas relações litterarias, os seos passatempos campestres são minas.

« A sua viagem para o destêrro; o contraste d'aquellas terras septentronaes e barbaras, com as do seo meio dia natal e tão luxuoso; o apreço que, ainda assim, lá encontrou e lhe-sobreviveu; a sua nostalgia tão bem descoberta e provada por ti; o perdimento do seo sepulchro; o de parte de suas obras e o de parte de sua mesma historia, que ficou enigma... tudo isto, tractadinho por mão habil, é para dar um livro interessantissimo. Faze-o; mas, pelo amor de Deus, não o-improvises! Lembra-te do *diu pingo, quia æternitati pingo.* »

Até onde nos-foi dado, obedecemos. Não traçámos poema nem romance-historico. Transcurámos *eternidades*, porque regiões são essas inaccessiveis e defesas a telescopios, da impotencia do nosso. Lançámos finalmente essas páginas, de improviso, como todo o trabalho, nos raros momentos que nos-era licito arrancar a indefectiveis occupações, antipodas de lettras. E todavia suppomos ter offerecido um subsidio a quem vier depois de nós.

Digitized by Google

tambem Cicero, ja como augur, ja como philosopho, atacando a crença no polytheismo, popularisava em Roma, por meio de suas paginas admiraveis, as doctrinas de Platão, e a unidade de Deus.

As discordias civis n'essa Roma invilecida e insanguentada; a prostituição (si é que não a ausencia) de todas as noções do honesto e do justo; a morbida disposição negativa dos espiritos, que haviam cessado de crer e ainda não criam; o vasio das mentes nas tres graves questões: d'onde? para onde? por onde?; essa febril anciedade do genero humano revelava o segredo, que ainda em seos flancos guardava a Providencia.

Nova lucta surgia entre a sociedade corrompida e corruptora, e a regeneração do homem; ja não era das delicias de Alexandria que a nova civilisação tinha de brotar; Deus mesmo reservára para si esse incargo, e o Oriente ia ser o berço da religião divina, que remia o mundo sobre as ruinas do imperio.

A datar do nascimento de uma creança obscura e pobre em Bethleem, oscillava o possante imperio sobre seos fundamentos, interrompendo-se a cadeia dos tempos, e surgindo uma era nova! Depois o infante cresceu; e em quanto Tiberio assombrava o mundo por seos horrores, o filho do homem edificava o mundo, que, por sua morte, ia salvar.

Travou-se então malferida batalha—entre a philosophia e a fé—entre o passado e o futuro—entre a immobilidade e o progresso—entre a pomposa sabedoria das escholas e o humilde impulso dos corações—entre a fórma e o fundo—entre a materia e o espirito — entre a fôrça e o sentimento — entre o homem divinisado e o Deus humanado.

Digitized by Google

Essa epocha preparava, na successão dos tempos, aquella em que vivemos, a egualdade e fraternidade dos homens. Resume a sociedade antiga Catão, o suicida; resume a sociedade moderna S. Vicente de Paulo, o philanthropo. E' neste sentido humanitario, que um grande pensador acconselha se-intenda o christianismo. Não ha verdade moral ou politica, diz elle, que se não descubra em germe em algum verseto do evangelho.

A liberdade nasceu d'elle, e ante sua luz nenhuma servidão degradante poude mais subsistir. A egualdade politica originou-se do reconhecimento que esse livro sancto nos-obrigou a fazer da nossa egualdade, da nossa fraternidade perante Deus. As leis se-adoçaram, aboliram-se os usos deshumanos, cahiram as algemas, a mulher conquistou respeito no coração do homem. A' proporção que a sua palavra ia retumbando nos seculos, derrocava um êrro ou uma tyrannia; e bem se-póde dizer que o mundo actual, com suas leis, instituições, esperanças, é o Verbo evangelico, mais ou menos incarnado na civilisação moderna.

Art. II.

Contemporaneo d'essa grande revolução religiosa e social, foi Ovidio.

Por esses mesmos seculos, se-admiraram Cesar e Cicero, renovando os prodigios da eloquencia attica.

Quanto á poesia, os successores de Lucrecio e Catullo, os Virgilio, Horacio, Vario a-levantaram ás supremas alturas. Tibullo, escrevendo sob livre inspira-

Digitized by Google

ção, manisfestou uma singeleza, um sentimento de ternura, uma doce melancholia, vago pressentimento d'aquella pensativa doçura christã, que devia retemperar a alma e transformar a litteratura do velho mundo pagão.

Ovidio porem, com quanto soldado nas phalanges theologicas, mas soldado sem fé, nem convicção, nem amor ao seo estandarte, prestou seo contingente. O livro das METAMORPHOSES é, digamo-lo assim, o testamento da mythologia. Um gigante mais armipotente que os que superpuzeram o Ossa ao Pelion, se-aprestava a escalar o Olympo, expulsando todas essas divindades produzidas pela imaginação dos poetas, e que fugiam precipitadamente diante do Deus novo, sahido da Judea.

ART. III.

Vêde essa região admiravel, morgada da creação! Balisam-n'a os Alpes e os Apenninos. Regam-n'a cem rios, de que o Pó empunha o sceptro. Matisam-n'a formosos lagos. Beja-a um mar. Duas enormes fornalhas naturaes a-embellezam. Ahi o clima é suave e brando; ahi as estações se-destacam; ahi a uberdade da terra premia o lavrador; ahi são deliciosos os fructos e as aguas; sombrias florestas protegem e abrigam; o alabastro e o marmore precedem os de outro algum paiz; riquissimos pastos alimentam os mais formosos animaes; a natureza respira toda juvenilidade, amor.

Tal foi; tal é.

E' essa ainda hoje a patria das recordações. Dos

Digitized by Google

seos sublimados vates descendem Dante, Petrarcha, Ariosto, Tasso, Metastasio, Alfieri. Dos seos politicos, Machiavel, Vico, Beccaria, Filangieri. Dos seos inimitaveis prosadores, Boccace, Guichardin, Davila. Ultrapassaram seos avós — na pintura, Raphael, Leonardo da Vinci, Ticiano, Correggio, Carrache, Salvador Rosa — na esculptura, Miguel-Angelo e Canova — na musica, Porpora, Pergolese, Rossini e Bellini — na physica, Torricelli, Gallileo, Volta... que dizemos? em todas as artes e sciencias, permanece, atravez dos seculos, esse como emporio principal; e na terra, onde os Cesares assentaram throno, teem coberto a tiara taes vultos como Gregorio VII, Sixto V e Leão X.

Essa bem-aventurada terra tem nome Italia.

Um pequeno povo, de raça pelasgica, habitava a leste dos Marsos, acima do Piceno e perto do mar; denominavam-se os Pelignos, hoje o Abruzzo; Sulmona era uma de suas principaes cidades, pequena, mas situada na mais risonha exposição.

Art. IV.

Quarenta e tres invernos tinham ainda de arrastar-se, antes que Jesus-Christo baixasse ao mundo. Era o anno memoravel em que Marco Antonio, depois de haver recitado a oração funebre de Cesar, amotinou o povo contra seos assassinos, e sitiou Decimo Bruto em Modena; mas declarado inimigo do Estado, marcharam contra elle os consules Hirsio e Pansa, os quaes ambos com a vida ahi pagaram a victoria, pouco depois seguida da partilha do mundo.

Digitized by Google

Art. V.

Surgia a primavera d'esse memoravel anno. Celebrava-se, com insolita pompa, a annual festa quinquatria, imitação da panathenea dos athenienses. Essa solemnidade, em honra de Minerva (da deusa da sabedoria, das artes e da guerra; d'aquella para quem a oliveira era o symbolo de abundancia e de paz) durava cinco dias, de festejos variados e pomposos. No primeiro, era prohibido derramar o sangue, ou combater com armas, por ser anniversario natalicio da Deusa; mas nos quatro seguintes, a arena do campo de Marte se patenteava aos guerreiros; procissões, grinaldas á estatua de Pallas, carreiras com archotes, jogos gymnasticos, representações dramaticas em que os poetas disputavam o premio, publicos festins, tudo então era vida, tudo animação.

Art. VI.

Tal a scena em que o nosso protogonista raiou! Publio Ovidio Nasão foi dado ao mundo, no anno **43**, antes de Christo, (*) no dia **21** de Março, segundo das

---

(*) Nasceu no mesmo anno que Tibullo, si assim deve intender-se o disticho d'este (III. V.):

Natalem nostri primum videre parentes,
Quum cecidit fato consul uterque pari.

Varios criticos porem (a cuja testa Scaligero e Heine) rejeitam este verso como interpolado em Tibullo, por ser exactamente similhante ao de Ovidio (*Trist.* IV. X. 6):

Editus hic ego sum, necnon, ut tempora noris,
Quum cecidit fato consul uterque pari.

Digitized by Google

festas de Minerva, vendo a luz na cidadinha de Sulmona, região dos Peligños. O ultimo theogonista pagão precedia o Legislador-Deus. O sabio, o abundante, o pacífico, nascia sob o signo da Deusa da sabedoria, da abundancia e da paz. A viçosa, a floríger-a, a rosea imaginação despontava aos primores arreboes da primavera. O cantor de amores brotava na estação em que toda em amores se-desata a natureza.

Art. VII.

Descendia Nasão de uma antiga raça equestre; mas seo berço foi embalado n'aquella aurea mediocridade, favor da Providencia, que—nem, pela superabundancia de riquezas, perverte o coração, empobrecendo o espirito—nem, pelo desabrigo da penuria, desalenta a mente predestinada.

Ainda nas fachas da infancia, e ja se-patenteava a ingenita disposição d'aquelle estro; a poesia o-enamorava, o-absorvia; a todos os estudos se-prestava, com superioridade, mas d'elles se-refugiava, apenas podia, nos dominios de Apollo.

Receoso seo pae de que uma paixão tal o-arrancasse á cultura de mais productivos estudos, ou talvez antevendo, na prophetica mente amiga, os males que seo filho deveria ás musas, empregou os maiores esforços para desviál-o de taes occupações, acconselhando-o a que se-applicasse á eloquencia. Pintava-lhe, com vivas côres, as grandezas, a opulencia, a consideração, a gloria, que os seos talentos lhe-asseguravam no foro; exagerava-lhe a vanidade, os perigos, a pobreza, como inseparaveis socios da poesia. Bem

Digitized by Google

quizera o joven Publio obedecer a tão auctorisada voz; promettia abandonar os versos... mas era em verso que essas promessas formulava. Não! Quando as vagas se-arrojam, impetuosas, de oceano sem fundo; quando as labaredas prorompem de vulcão incandescente; não é dado a humana força oppor comportas e diques; ondas e lavas obedecem a mais alta lei que a do homem, e lá vão *quo fata vocant*. Assim o estro! Quando, ás torrentes, se-compraz a natureza em emborcál-o na alma dos predilectos seos, é para conquistál-a, dominál-a, avassalál-a, condemnál-a a não viver sinão para a arte e pela arte; interêsses, conselhos, rasão, o proprio egoismo, tudo é impotente contra uma fôrça suprema. A propensão de Ovidio, violentada, accumulou á sua potencia a d'essa coacção.

Art. VIII.

Mui cedo o-mandou seo pae para Roma, onde continuou a cursar varias disciplinas; e não excedendo os 16 annos de edade, foi, com viagens, completar sua instrucção. Visitou a séde de Troya, e depois a Sicilia; porém como a mais importante d'essas peregrinações, avulta a de Athenas. Essa Coimbra dos romanos, era o logar onde as educações se-concluiam, o espirito se-aperfeiçoava. Ahi empregou Ovidio nobremente o seo tempo em profundar o grego; penetrar nas delicadezas d'esse idioma e d'essa litteratura, da historia, da theologia, dos ritos, das leis, thesouro inexhaurivel, que no futuro devia opulentar ainda as producções de seo ja tão fecundo espirito.

Digitized by Google

Art. IX.

Lucio Nasão, amantissimo irmão seo, nascido no mesmo dia, um anno antes de Publio, e egualmente destinado por seos paes á eloquencia, a que se-applicava com tanto ardor como proveito, foi prematuramente arrebatado, aos 20 annos; irreparavel golpe que o nosso poeta nos-faz com elle sentir, ao proferir aquella formosa phrase: *Ahi começou a desmantelar-se parte de mim-mesmo.* Por não interrompermos a ordem dos successos de Ovidio, diremos que seo previdente pae falleceu, na idade de 90 annos, sem ter presenciado os revezes do filho; e sua mãe com cedo seguiu o esposo á campa.

Art. X.

Si Ovidio não podia, como dissemos, desquitar-se de sua seductora musa, timbrou todavia em satisfazer os desejos paternos, preparando-se para a carreira da jurisprudencia. Cursou as humanidades com Plocio Grippo, a quem Quintiliano denomina o mais célebre orador do seo tempo; tomou por mestres Arellio Fusco, que dava licções de rhetorica, e Porcio Latrão, de quem Quintiliano conta uma picante anecdota.

Dos seos trabalhos de eloquencia e de foro, nada chegou até nós; e todavia foi por esse tempo que compoz as Declamações, de que varios auctores falam com elogio. Seo contemporaneo, Seneca o Philosopho, exprime-se d'est'arte: « Controversias, raras vezes as-declamava

Digitized by Google

« Ovidio; e essas sempre ethicas, deleitando-se mais
« com as suasorias. Tudo quanto assumia apparencia
« de argumentação o-molestava. Na prosa, não ousava
« atrevimento algum de expressão; em verso, sim. Na
« poesia conhecia perfeitamente os seos proprios defeitos,
« e d'elles todavia se-enamorava. »

Art. XI,

Tendo assentado em Roma a sua residencia, a corte de Augusto o-estimou, e foi coberto de honras. Depois da toga viril, obteve o laticlavio. Serviu os cargos de arbitro e triumviro, exercendo a magistratura no triumvirato. Admittido entre os decemviros, e não obstantes os triumphos que lhe-proporcionavam as cadeiras de advogado e de juiz, cedo abdicou das honras a que esses cargos lhe-franqueavam estadio. Depoz o laticlavio; renunciou ao senado e aos pesados trabalhos da republica, para applicar-se inteiro ás musas, amores seos.

Art. XII.

Não attingimos no que se-fundem os que affirmam ter Ovidio militado, sob o commando de M. Varrão, quando em todas suas obras se-ostenta ter sido sempre adverso ás bellicas fadigas.

Nos *Fastos* diz que se não intende com os trabalhos miliciares; que não sabe lançar a frecha, cobrir a cabeça de um capacete, cingir uma espada, o que outro qual-

Digitized by Google

quer faria melhor do que elle. Si jamais tivesse vestido as armas, narrál-o-hia no L. III d'essa collecção.

Nas *Tristezas*, comparando-se com Ullysses, e mostrando as proprias desvantajens, pondera que Ullysses andava afeito ás durezas da guerra, em quanto elle nunca se-applicára sinão aos brandos estudos.

Na mesma obra, queixando-se da precisão de andar armado, entre os getas, para defender-se, confessa que, na sua mocidade, fugíra sempre dos asperos trabalhos da milicia, e só por brinco manejára armas.

Pela profissão guerreira, a todos era licito distinguir-se; mas na das lettras, apenas aos eleitos é dado tirar a sorte grande, na loteria providencial.

Art. XIII.

Em mui tenra edade, receando seo pae que a volubilidade do coração o-arrastasse a algum desastroso consorcio, pertendeu prevenir esse mal, escolhendo-lhe esposa; em má hora porém tomou essa deliberação, que, passado tempo curto, o poeta repudiou essa consorte, naturalmente por desairosos motivos, visto têl-a denominado *indigna*.

Desposou segunda mulher, que elle mesmo descreve como irreprehensivel, mas da qual tambem se-desquitou, por causas, que ignorâmos.

D'essas duas, nascêra uma em Etruria, na terra dos Faliscos.

Da nobilissima familia dos Fabios Maximos, uma dama havia, viuva, cuja filha era casada com Suillio. Passou Ovidio a terceiras nupcias com essa dama, que,

Digitized by Google

até morte, a despeito da ausencia e do fado, conservou o amor e a estima de seo marido. Alguns lhe-dão nome Perilla, confundindo-a com a doctissima donzella, a quem inderessou uma canção magnifica, si é que Perilla não era a propria filha de Nasão.

Uma unica filha teve, com effeito, de sua ultima mulher; casou esta com Cornelio Fido, em segundas nupcias, tendo tido um filho de cada um de seos maridos. Filha e netos de Ovidio achavam-se na Lybia, quando se-deu a sua relegação.

Art. XIV.

Ovidio podéra ter sido feliz; mas atormentado pelos genios furiosos da poesia e do amor, foi alvo das desgraças que ambas essas paixões soem attrahir. Não contente de cantar os objectos de suas attenções, quiz reduzir a systema a *Arte de amar*, sob cujo titulo publicou um poema.

As obras e as desventuras de Ovidio egualmente o-celebrisaram; a posteridade gosa de grande parte d'aquellas, e estas nunca as-poude explicar.

Art. XV.

Era Ovidio geralmente amado. A amenidade e cortezia de suas maneiras, genio serviçal, geral benevolencia, variado saber, triumphos juncto aos sabios e juncto ás bellas, espirito folgasão, tudo o-havia tornado o mais popular character de Roma.

Digitized by Google

Essa grande alma — futil, si quereis, nas cousas futeis; sublime nas sublimes — harmonisava bem com tantos espiritos superiores, que essa prodiga epocha produziu.

Quão doce não devia ser, para aquelle tão claro como amante ingenho, o tractar com tantos homens grandes de um admiravel seculo! Dá-se porem uma extranha paridade com o nosso Camões. Viveram ambos em quadra illustre por talentos raros; ambos falaram d'esses seos contemporaneos com o calor e candidez da amizade e da admiração; quasi nenhum porem d'esses homens, que com elles tractaram, e os-applaudiram, deixou á posteridade, a seo respeito, uma linha de reconhecimento ou justiça! Será tal a desventura do genio, que haja de explicar-se similhante olvido por uma das mais communs e sordidas fórmas que a inveja sabe revestir? Si é assim, honra aos dous nobres vates, que não souberam reciprocar, nem talvez comprehender vileza tal.

Com effeito, Ovidio nos-legou não só os nomes de muitos dos peregrinos genios, cujo tracto cultivou, mas tambem o juiso leal que d'elles formava. Desde a sua adolescencia, foi íntimo e cordial o seo commercio com os sabios. Aquella fulgurante estrella brilhou sempre na pleiada d'esse maravilhoso espaço do firmamento litterario.

Ainda conheceu Virgilio, o qual falleceu, tendo Ovidio 24 annos. Ouviu muitas vezes o naturalista Macro. Admirou frequentemente os arrojos poeticos de seo amigo Propercio, onze annos mais novo do que elle. Escutou Varrão, o mais sabio dos romanos. Deu-se com

Digitized by Google

Pontico, auctor de uma perdida Thebaida, e com o poeta jambico Basso. O numeroso Horacio lhe-recitava seos versos immortaes. Fraterna amizade o-ligava a Tibullo, cujo passamento lhe-inspirou uma das mais sentidas poesias da antiguidade. O *seo* Sabino collaborou com elle no formoso monumento das Heroides.

Intimas relações o-prendiam ao famoso orador Messala, e a seos filhos Messalino e Maximo Cotta, a cujos academicos serões era assiduo o nosso poeta. Com o epico Tuticano (de arrevezado nome, diz elle) era a amizade de irmãos. Cornelio Severo, Albinovano, Caro, Bruto, Sexto Pompeo, Flacco, Julio Attico, Hygino, Grecino, Cornelio Celso (o Hippocrates latino), Rufino, Suillio, e outros veneraveis nomes se-conservam nos fastos litterarios, como os de varões distinctos, a quem Ovidio se-ligára por cordial affecto.

Art. XVI.

Mas ai, que o cedro, por isso mesmo que mais frondoso e copado, mais asinha chama o raio. Ahi tendes, para um poema admiravel, esse Ovidio, essa existencia extranha e monumental: o sabio — o namorado — o elegante — o poeta, — o festejado, — o perseguido, — esses altibaixos — essa Helvecia da vida humana — essa borrasca em que, n'um fechar de olhos, o baixel do homem ascende ao firmamento e se-ingolfa nos abysmos — esse supremo ensino do nada das cousas terrestres — essa alliança incestuosa do genio portentoso e da desgraça incommensuravel!

Digitized by Google

XVII.

Creava um hypocrita feliz um throno para sentar-se (*).

(*) Não raro se-reproduzem, na historia, successos taes, tão similhantes em origens, em desenvolvimentos, em circumstancias, que essa paridade impressiona a mente. Parece-nos que um parallelo fiel revelará gran número de conformidades entre os Cesares e os Napoleões!

Numerosas coincidencias historicas serviram, no passado, para justificar a schola de Pythagoras; apontou-se, por exemplo, a singularidade de haver nascido o poeta das *Georgicas*, no momento em que expirava o cantor da *Natureza;* d'onde se-originou a poetica phantasia de que Virgilio era a alma de Lucrecio, predestinada a produzir, n'outro corpo, analogas obras-primas. Tambem o nosso Ovidio nasceu no anno em que Cicero era assassinado. Si hoje houvesse pythagoricos, bradariam que as almas de Cesar e seo sobrinho Augusto são, remoçadas, as de Napoleão e seo sobrinho Luiz. Eis-aqui, fixando-nos em tal confrontação, algumas espantosas similhanças:

CESAR.	NAPOLEÃO.
General romano, nascido na mediania de uma familia equestre (a despeito das lisonjas que lhe-pertenderam remontar a deuses a ascendencia) viu a luz em Roma, a maior nação do seo tempo, e foi dado ao mundo quando, dos cidadãos romanos, uns não querendo rival, outros não querendo superior, a anarchia demagogica parecia prestes a dissolver a sociedade romana, e por ella a assolar o universo.	General francez, nascido na mediania de uma familia fidalga (a despeito das lisonjas, que lhe-pertenderam introncar a ascendencia em testas coroadas) viu a luz em França, a maior nação do seo tempo, e foi dado ao mundo quando, dos cidadãos francezes, uns não querendo rival, outros não querendo superior, a anarchia demagogica parecia prestes a dissolver a sociedade franceza, e por ella a assolar o universo.
Proscripto, na sua mocidade, por Sylla, foi por talentos e armas que se-elevou.	Banido do paiz, na sua mocidade, por Paoli, foi por talentos e armas que se-elevou.
Convindo-lhe annullar e absorver a fôrça do senado, fez, contra vontade d'elle, passar a lei agraria.	Convindo-lhe annullar e absorver a fôrça do directorio, fez contra elle o 18 brumario.
Ascendeu á dictadura pelo triumvirato, com Pompeo e Crasso, usando já ahi do poder abso-	Ascendeu ao imperio pelo triumvirato, com os consules Cambacérès e Lebrun, usando já ahi

Digitized by Google

Não satisfeita sua ambição com enterrar vivos e desenterrar mortos; promulgar leis e calcál-as; invocar liberdade e praticar tyrannia; ostentar-se humilde e proclamar-se deus; absorver em si auctoridade, poder, insti-

---

luto; e seguindo-se a dictadura vitalicia.

Deveu principalmente a sua elevação ao exército, que elle conduziu sempre á victoria, mais podendo esse denominar-se exército de Cesar que da republica.

Na Bretanha, vista em perigo a batalha, arremessam-se as bandeiras romanas ao meio do inimigo e brada-se á tropa: « Deixarêis vós cahir vosso estandarte nas mãos do inimigo? »

Injustamente maltractado pelos poderes supremos, regressa, de longes terras, atravessando o Rubicon, a Roma.

Transportou-se, pelo meio dos inimigos, sosinho, na barca famosa, que levava Cesar e a sua fortuna.

Em tres dias desthronou o rei do Ponto, exclamando: « Cheguei, vi, venci! »

No meio de suas grandes occupações, diz Cicero, achou tempo para compor uma obra excellente sobre a arte de escrever!

Amando os objectos de arte, apoderou-se, na Gallia, dos que se-incerravam nas capellas particulares e nos templos dos deuses, cheios de ricas offerendas.

Repudiou sua primeira mulher, Cossutia, para effectuar um segundo casamento, por cálculo de ambição.

Foi morto, violentamente, por inimigos, e entre elles Cassio e Bruto, a quem havia inchido de beneficios.

do poder absoluto; e seguindo-se o consulado vitalicio.

Deveu principalmente a sua elevação ao exército, que elle conduziu sempre á victoria, mais podendo esse denominar-se exército de Napoleão que da republica.

No reino Lombardo-veneziano, vendo Napoleão em perigo a batalha (si Ragusa erra), arremessa-se á ponte de Arcola, com a bandeira na mão, sendo logo seguido pelas tropas, e decidindo a victoria.

Injustamente maltractado pelo desaccreditado Directorio, regressa, de longes terras, atrávez de mil difficuldades, a Paris.

Transportou-se, pelo meio dos inimigos, sosinho, n'uma barca, que ahi levava Napoleão e sua fortuna.

Atacando directamente as capitaes, em poucos dias abalava todos os thronos.

Do bivaque de Moscou achou tempo e placidez para compor um regulamento para o theatro francez!

Amando os objectos de arte, transportava, das terras vencidas, a Paris, pedras preciosas, esculpturas, estatuas e quadros valiosos.

Repudiou sua primeira mulher, Josephina, para effectuar um segundo casamento, por cálculo de ambição.

Foi morto, a fogo lento, por inimigos, especialmente pelos inglezes, os mesmos a quem, no navio inglez Bellerophonte, fôra pedir hospitalidade.

Digitized by Google

tuições, e cousas, e homens, obtinha bandear ao seo partido, como cumplice, a historia!

Em seos mentirosos fastos se-veem collocados certos nomes em bem improprias paginas!

Apesar de assassinado, o seo corpo foi transportado, com insolita pompa, para um templo especial.

A apparição de um cometa célebre coincidiu com a morte de Cesar.

— Entre as qualidades e dotes do seo corpo e espirito, avantajam-se as seguintes:

Pallida a tez, tinha olhos vivos, negros e fulminantes; era sobrio; temperamento robusto; supportando a fadiga, alem dos limites humanos.

Transpunha as maiores distancias com incrivel celeridade, escoteiro, em um carro de aluguer, voando até cem milhas por dia.

Não reconhecia auctoridade sinão a do seo genio.

Ambicioso, destemido, amante das batalhas, foi um dos mais famosos guerreiros do mundo.

Usava proclamar aos soldados, sendo a isso que devia a *vim Cæsaris*.

Como triumphador, foi clemente, perdoando aos vencidos.

Cicero diz d'elle: *Horribilis diligentiâ, monstrum activitatis.*

Quando as circumstancias, por si mesmas, o não vinham favorecer, creava-as elle.

Grande estadista.

Excellente orador.

Escriptor elegante, distinguindo-se pelo vigor e laconismo.

Apesar de preso e assassinado, o seo corpo foi transportado, com insolita pompa, para o templo dos Invalidos.

A apparição de um cometa célebre coincidíra com o nascimento de Napoleão.

— Entre as qualidades e dotes do seo corpo e espirito, avantajam-se as seguintes:

Pallida a tez, tinha olhos vivos, negros e fulminantes; era sobrio; temperamento robusto; supportando a fadiga, alem dos limites humanos.

Transpunha as maiores distancias com incrivel celeridade, como muitas vezes acconteceu, especialmente no regresso de Moscou.

Não reconhecia auctoridade sinão a do seo genio.

Ambicioso, destemido, amante das batalhas, foi um dos mais famosos guerreiros do mundo.

Usava proclamar aos soldados, sendo a isso que devia parte da sua fascinação.

Napoleão se-descobria em presença dos vencidos, exclamando: Honra ao valor infeliz!

Thiers diz d'elle: *Veloz na resolução, e na execução instantaneo.*

Quando as circumstancias, por si mesmas, o não vinham favorecer, creava-as elle.

Grande estadista.

Excellente orador.

Escriptor elegante, distinguindo-se pelo vigor e laconismo.

Digitized by Google

Como ousa dar nome á um seculo, na qualidade de divindade tutellar das lettras, o poeta immundo que — desterra Cornelio Gallo, por falar livremente — manda queimar os escriptos de Labieno e o-reduz a matar-se á fome

---

Diz D. Hinard: « Le mot célèbre : *Le style est l'homme,* s'applique à merveille à César et à Napoléon. Le style de César, c'est César lui-même ; le style de Napoléon, c'est Napoléon lui-même, Napoléon tout entier.... Le style de César annonce le chef d'un empire puissant, mais qui a vieilli et qui marche à sa décadence ; et le style de Napoléon le représentant d'une société qui se renouvelle et se régénère. »

Mathematico profundo.

Capaz de concentrar assombrosamente a attenção.

Dizendo, com Euripides, que a justiça deve observar-se em tudo... excepto quando se-tracta de ganhar um reino.

Preferindo o logar de primeiro n'uma aldeia ao de segundo em Roma.

Usando a locução : « A minha « fortuna, a fortuna de Cesar. »

Introu no seo systema politico :

— Escorar-se no principio republicano, em quanto se não consolidou no poder.

— Depois destruir o exército republicano, commandado por Metello, Scipião e Catão.

— Suffocar todos os generos de liberdade.

— Reinar pelo arbitrario.

— Repôr a Roma á testa das nações, mas a si á testa de Roma.

— Crear, em larga escala, grandes trabalhos de embellesamento.

Diz D. Hinard ; « Le mot célèbre : *Le style est l'homme,* s'applique à merveille à César et à Napoléon. Le style de César, c'est César lui-même ; le style de Napoléon, c'est Napoléon lui-même, Napoléon tout entier.... Le style de César annonce le chef d'un empire puissant, mais qui a vieilli et qui marche á sa décadence, et le style de Napoléon le représentant d'une société qui se renouvelle et se régénère. »

Mathematico profundo.

Capaz de concentrar assombrosamente a attenção.

Protegendo em tudo a justiça, menos nos casos de Pio VII, duque d'Enghien e outros, quando se-tractava de segurar a corôa.

Preferindo o logar de primeiro n'uma aldeia ao de segundo em Paris.

Usando a locução : « A minha « estrella, a estrella de Napoleão. »

Introu no seo systema politico :

— Escorar-se no principio republicano, em quanto se não consolidou no poder.

— Metralhar os insurgentes em Paris, d'onde, aos 26 annos, lhe-vieram as dragonas de general.

— Suffocar todos os generos da liberdade.

— Reinar pelo arbitrario.

— Repor a França á testa das nações, mas a si á testa da França.

— Crear, em larga escala, grandes trabalhos de embellesamento.

Digitized by Google

— rechaça Tibullo porque se lhe não curva — assassina Ovidio n'um inhospito exilio — entrega aos sicarios, depois de mercadejar com ellas, a lingua e a cabeça de Cicero — e (peior ainda!) invilece, inlameia, compra (por

---

— Fundar e dotar innumeraveis estabelecimentos uteis.

— Reformar as leis.

Tinha pessoalmente projectado fazer um codigo, mais bem ordenado e completo, do direito romano, e traçou o seo plano analytico.

Dispoz com largueza e magnificencia, em testamento, da sua fortuna, na maxima parte a favor dos soldados e companheiros de armas.

Disse Cicero a Julio: « Não! tua alma sempre se-abrasou no desejo da immortalidade. N'um Cesar, não se-chama vida esse dia fugaz em que espirito e corpo se-abraçam. Para ti só é vida a duração que tem de perpetuar-se na memoria de todos os seculos, das posteridades assombro, sem outros limites que os da eternidade. Ao porvir cumpre que sirvas, cumpre que te-ostentes.

Tal foi o fundador da dynastia cesarea, aquelle que, tendo vivido pouco mais de meio seculo, legou o poder supremo a seo sobrinho:

AUGUSTO.

Nascido em familia simplesmente equestre, — fortuna, arte, manha, e circumstancias felizes — o-fizeram revestir do titulo de imperador, começando a reinar, entre 30 e 40 annos de edade.

Attribuiu elle porém a sua ascensão ao favor de seo tio,

— Fundar e dotar innumeraveis estabelecimentos uteis.

— Reformar as leis.

Tinha projectado codificar toda a legislação, e presidiu á feitura do admiravel codigo civil.

Dispoz, com largueza e magnificencia, em testamento, da sua fortuna, na maxima parte a favor dos soldados e companheiros de armas.

Póde dizer-se a Buonaparte: « Não! tua alma sempre se-abrasou no desejo da immortalidade. N'um Napoleão, não se-chama vida esse dia fugaz em que espirito e corpo se-abraçam. Para ti só é vida a duração, que tem de perpetuar-se na memoria de todos os seculos, das posteridades assombro, sem outros limites que os da eternidade.» Para o porvir, a sua vida e a sua morte são duas grandes licções.

Tal foi o fundador da dynastia napoleonica, aquelle que, tendo vivido pouco mais de meio seculo, legou o poder supremo a seo sobrinho:

LUIZ NAPOLEÃO.

Nascido em familia simplesmente fidalga — fortuna, arte, manha, e circumstancias felizes — o-fizeram revestir do titulo de imperador, começando a reinar entre 30 e 40 annos de edade.

Attribuiu elle porém a sua ascenção ao favor de seo tio, que o-

Digitized by Google

dinheiro!) a penna e a consciencia de tantos admiraveis ingenhos; dos proprios Horacios, e Virgilios! Não é isso que se-chama protecção ás lettras; chama-se-lhe um crime e uma vergonha de 40 annos.

---

que o-adoptára e lhe-legára os dous terços da sua herança.

Depois de haver feito fortes estudos em Grecia, procurou ser escriptor, mas bem moço teve que involver-se na politica.

Começou as suas aventuras, apoiando-se no povo, e simulando-se demagogo; mas uma vez nomeado triumviro, e logo consul, mudaram linguagem e actos.

Seguiram-se as proscripções dos inimigos; marchou-se contra os restos do partido republicano; foram Bruto e Cacio desbaratados em Philippes; e Antonio vencido em Accio.

Apenas se-apoderou solidamente do poder, caminhou para a omnipotencia. Accumulou successivamente os cargos de proconsul, general, tribuno, granpontifice. Não deixou ao senado, recomposto a seo talante, sinão uma sombra de auctoridade. Applicou-se a restabelecer, pouco a pouco, a preponderancia do poder civil sobre o exercito. Destruiu inteiramente o governo que achára, com quanto lhe-conservasse as fórmas, afim de não descontentar o povo, a quem divertia com festas. Reuniu em si a somma do poder publico, e em poucos dias se-tornou senhor do imperio romano.

Diz Tacito: « Mas pouco a pouco começou a elevar-se; e sem achar contradicção, accumulou em si todo

adoptára e lhe-transmittira a dignidade imperial, pelo senatus-consulto de 5 frimario, anno XIII.

Depois de haver feito fortes estudos, fóra da patria, procurou ser escriptor; mas bem moço teve que involver-se na politica.

Começou as suas aventuras, apoiando-se no povo, e simulando-se demagogo; mas uma vez nomeado representante e logo presidente da republica, mudaram linguagem e actos.

Seguiram-se as deportações dos inimigos; marchou-se contra os restos do partido republicano; foram os seos cabeças desbaratados nas ruas de Paris, ou exilados; e Cavaignac vencido no Accio eleitoral.

A dictadura social, preconisada pela revolução, em proveito da egualdade, foi por Napoleão trocada pela dictadura individual, exercida em proveito do despotismo. Governo, justiça, administração, a guerra, a fazenda, tudo nasce d'elle só, tudo só a elle converge. Centralisa tudo, ao ponto de tocar a unidade em confusão; seo genio é a alma do governo; sua vontade o movel unico, universal, irresistivel. Representação nacional, liberdade individual, liberdade de imprensa, pinhores contra os abusos do poder, tudo confiscou. Em poucos dias mudou a face da França, tornando-se mais absoluto que os reis do antigo regimen.

Pouco a pouco começou Luiz Napoleão a-absorver tudo; e com fraca contradicção, accumulou em

Digitized by Google

Admiremos uma de suas protecções a um dos primeiros sacerdotes do culto do bello.

---

o poder do senado, dos magistrados e das leis; porque, a esse tempo, já os mais atrevidos tinham morrido pelas proscripções ou pela guerra; os nobres, que ainda havia, quanto mais propensos se mostravam para a servidão, tanto mais bem pagos eram com honras e riquezas; e os homens de fortuna antes queriam gosar do presente do que voltar ao antigo, que tinham por menos seguro e mais perigoso. Nem as provincias levavam a mal esta nova ordem de governo.

Na sua pessoa, restabeleceu o governo monarchico absoluto, não sob o antigo nome local de rei, mas de imperador.

Fez a guerra em Oriente, no Egypto, tomando Alexandria.

Não combatendo pessoalmente, deveu seos successos aos talentos de seos generaes, especialmente de Agrippa.

Diz Suetonio (48) que elle restituiu reinos, que o direito da guerra punha em seo poder, áquelles a quem os-tomára.

Segundo Suetonio, innovou e instituiu muitas cousas, por invenção sua, na arte militar. Foi mui severo na disciplina.

Fez distribuir pelo povo cereaes e comestiveis, nas occasiões de fome, e nas calamidades publicas, bem como numerosos auxilios em dinheiro.

Após grandes desordens e perturbações civis, seguiu-se a transi todas as faculdades dos poderes legislativo e judicial; porque já os mais atrevidos, ou mortos, ou por suas exagerações desaccreditados, haviam perdido o prestigio; os legitimistas, os proprios testamenteiros do defuncto rei, quanto mais famosos, tanto mais bem paga era a sua apostasia com honras e riquezas; e a classe media, que tem a perder, antes quer o presente do que cahir nas mãos do socialismo, que ella tem por menos seguro e mais perigoso. As provincias applaudem esta nova ordem de governo.

Na sua pessoa, restabeleceu o governo monarchico absoluto, não sob o antigo nome local de rei, mas de imperador.

Fez a guerra em Oriente, na Criméa, tomando Sebastópoli.

Não combatendo pessoalmente, deveu seos successos aos talentos de seos generaes, especialmente de Bosquet e Pelissier.

Restituiu Sebastópoli, que o direito da guerra punha em seo poder, á Russia a quem a-tomára.

Innovou e instituiu muitas cousas, por invenção sua, na arte militar (como o systema dos projectis, as baterias fluctuantes etc.) È mui severo na disciplina.

Em occasiões de penuria, fez que o Estado tomasse a si o importar e distribuir cereaes; e em inundações tem pessoalmente, e com perigo, levado auxilios aos infelizes.

Após grandes desordens e perturbações civis, seguiu-se a tranquilli-

Digitized by Google

§ 1.

Art. XVIII.

Lá veiu um dia em que *a divindade* (por motivos em

---

quillidade; e seo nome cresceu, dentro e fóra do imperio.

A reputação de fôrça e moderação, que grangeou, determinou os Indos e Scythas, só de nome conhecidos, a sollicitar, por meio de embaixadores, a sua amizade e do povo romano.

Et les rois á genoux venaient de toutes parts Adorer la grandeur du trône des Cèsars.

Varias conjurações se-tramaram contra Augusto; umas por pessoas gradas, outras por miseraveis, da mais baixa esphera. Um vivandeiro da Illyria foi surprehendido, de noite, com um mangil para assassinál-o. Nunca porém chegou a ser ferido.

Entre as qualidades de seo character e da sua politica. distinguem-se as seguintes:

— Habil, astuto, firme, dissimulado; cruel ou clemente, segundo as conveniencias da sua situação.

— Durante o seo reinado, ultrapassou quanto se-havia feito antes, em variedade e magnificencia dos espectaculos.

— Conhecia o coração humano, sendo homem nascido para governar os seos similhantes.

— Animou as artes da paz, e industria.

— Por convicção ou cálculo, prestou pomposo culto ás divindades.

— Embellesou Roma, com o intuito de isongear o orgulho nacional, *para deixar em marmore o que recebêra em tejólos* »

dade; e seo nome cresceu, dentro e fóra do imperio.

A reputação de fôrça e moderação, que grangeou, determinou povos illustrados, como os Estados-Unidos, a propôl-o como árbitro em pendencia inter-nacional, e o proprio inimigo vencido, a Russia, a designar Paris para o congresso da paz.

Tem ido a Paris, visitál-o, grande numero de testas coroadas.

Varias conjurações se-teem tramado contra Luiz, umas por pessoas gradas, outras por miseraveis, da mais baixa esphera. Um italiano foi surprehendido com uma pistola para assassinál-o; outros lhe-arremeçaram machinas infernaes sob a carruagem. Nunca porém chegou a ser ferido.

Entre as qualidades de seo character e da sua politica, distinguem-se as seguintes:

— Habil, astuto, firme, dissimulado; cruel ou clemente, segundo as conveniencias da sua situação.

— Durante o seo reinado, ultrapassou quanto se-havia feito antes, em variedade e magnificencia dos espectaculos.

— Conhece o coração humano, sendo homem nascido para governar os seos similhantes.

— Anima as artes da paz, dando immensa extensão á industria.

— Por convicção ou cálculo, presta pomposo culto á religião.

— Embellesa a França, particularmente Paris, com o intuito de lisonjear o orgulho nacional e occupar as classes laboriosas.

Digitized by Google

que ás conjecturas se-perdem) se-infureceu contra *o mortal*; e n'uma ordem feroz de relegação, para terras situadas nos derradeiros confins do imperio, exigiu a execução *immediata* do immutavel firman.

— Para proteger o mar superior e o mar inferior, estabeleceu uma frota em Miseno, outra em Ravenna.

— Creando o porto Julio, junto de Baias, fez intrar um diluvio d'aguas, a formar os lagos Lucrino e Averno.

— Pela 3.ª vez depois da fundação de Roma, se-fechou o templo de Jano.

— Ostentando-se protector das lettras, desterrou Ovidio, Gallo, Labieno e outros.

Teve a fortuna de surgir n'um momento de crise grave, sendo invocado como um Neptuno, pacificador das facções, e reorganisador do desmantelado imperio.

Os republicanos, escapados ás batalhas e ás proscripções, comprehendiam emfim que o restabelecimento da antiga ordem de cousas mergulharia de novo o paiz em sangrentas convulsões. Os prudentes pensavam que, si o govêrno não era perfeito, valia entretanto mais que os rivaes que lh'o-disputavam. Os poetas a vender ou vendidos chamavam-n'o: Filho do sol!

Parece-nos *grande*, quando talvez não seja sinão *venturoso*; todavia devêra ou nunca nascer ou nunca morrer.

— Para dominar o Oceano e o Mediterraneo, estabeleceu uma frota em cada um dos portos militares d'esses mares.

— Creando o Pré Catelan, junto de Paris, fez intrar um diluvio d'aguas, a formar ahi um lago, como outro em Vincennes.

— No seo programma de governo, exprimiu-se assim: « O imperio é a paz! »

— Ostentando-se protector das lettras, desterra Arago, Victor Hugo, E. Sue e outros.

Teve a fortuna de surgir n'um momento de crise grave, sendo invocado como um Neptuno, pacificador das facções, e reorganisador do desmantelado imperio.

Os republicanos, escapados ás batalhas e ás proscripções, comprehenderam emfim que o restabelecimento da anterior ordem de cousas mergulharia de novo o paiz em sangrentas convulsões. Os prudentes pensam que, si o governo não é perfeito, val entretanto mais que os rivaes que lh'o-disputam. Os poetas a vender ou vendidos chamam-n'o: Filho do sol!

Parece-nos *grande*, quando talvez não seja sinão *venturoso*; todavia devêra ou nunca nascer ou nunca morrer.

POST MORTEM:

Reinando 40 annos, succedeu-lhe seo genro, o monstro Tiberio.

Quem lhe-succederá? Será um parente? E Luiz reinará 40 annos?

Nossos vindouros concluirão o parallelo; mas suspeitâmos que as coincidencias não irão tão longe.

Digitized by Google

Medonho foi esse momento, fatal e inopinado, em que o implacavel edicto de Augusto, queimando as mãos de Ovidio, o-fulminou! « Saia o criminoso, em poucas horas, para os derradeiros terminos do imperio romano! »

Saia! Quer dizer: — Arranque-se de chofre um homem aos braços da mulher que adora! — Volte o triumphador as costas á arena de seos triumphos! — Deixe o patriota a patria, que forma parte do seo ser! — O mimoso, o delicado, o quinquagennario arroste viagens, trabalhos, inclemencias, que para mancebo afeito a dura vida seriam penosos! — Troque-se puro céo, ameno clima, riqueza, segurança, amores, circos, theatros, festas e esplendores, por céo pesado, região inhospita, pobreza, continuos riscos, indifferenças, solidão! — Amigos, admiradores, posteridade em vida, tudo quanto póde erguer um homem ao capitolio das honras e dos prazeres, despenhe-se da Tarpea de um banimento atroz! — Emvez da Roma de Augusto a Scythia dos selvagens!

Taes as idéas que na atribulada mente lhe-tumultuaram; e por mais de uma vez tentou Ovidio buscar sua liberdade no ferro, de que mãos amigas dez vezes desarmaram as suas. Amigos? poucos então se-lhe-ostentaram taes, que é esse o condão da desgraça:

Tempora si fuerint nubila, solus eris.

Emfim partiu.

Essa noite, que o-arrancou á patria, só póde ler-se, narrada por elle mesmo (Tr. liv. 1, e l. 3). Todo esse 1.° livro das *Tristezas* foi escripto durante a viagem, e não raro ao clarão dos relampagos, ao sibilar dos furacões, ao vozear da tripulação desanimada. Esse fraco baixel, batido pelas vagas infurecidas do Medi-

Digitized by Google

terraneo, levava comsigo a ventura de um grande homem, e aquelles tão dourados e queridos sonhos, que, afiançando-lhe a immortalidade no mundo, lhe-mentiam tambem felicidade em toda a vida; calculo enganador da louca phantasia:

Qual, sem considerar seo nascimento
Fraco e mortal, se-julga por divino,
Fundando torres sobre o leve vento,
Sendo tudo vaidade e desatino. (*)

(*) Aqui vem a pello recordar parte d'aquella formosa elegia em que o nosso Camões, rememorando estes azares, se-compara com Ovidio:

O Sulmonense Ovidio, desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Ver-se de seos penates apartado;

Sua cara mulher desamparando,
Seos doces filhos, seo contentamento;
De sua patria aos olhos apartando;

Não podendo encobrir o sentimento....
Aos montes já, já aos rios se-queixava
De seo escuro e triste nascimento.

O curso das estrellas contemplava,
E aquella ordem com que discorria
O céo e o ar e a terra d'onde estava.

Os peixes pelo mar nadando via,
As feras pelo monte, procedendo
Como seo natural lhes-permittia.

De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de crystal,
Á sua natureza obedecendo.

Assim só de seo proprio natural,
Apartado se-via em terra estranha,
A cuja triste dor não acha egual.

Só sua doce musa o-accompanha
Nos soidosos versos que escrevia
E nos lamentos com que o campo banha.

Digitized by Google

Escarnecedoras coincidencias da sorte! Denominava-se *nau de Minerva* a que para o exilio transportava o misero! A mesma deusa, a quem tanto servíra, e sob cujos auspicios viera ao mundo, dava a sua imagem e o seo nome ao desalmado lenho, que da patria o-arrancava! Os proprios ventos pareciam indignados com a ingrata colera do Cesar; á prôa da nau sopraram, muitos dias, no Adriatico; tempestades horriveis a-atormentaram; teve o mofino que desembarcar na Grecia; atravessar o isthmo de Corintho; cruzar, n'outro navio, o golfo saronico; passar o helesponto; percorrer a pé o paiz dos ferozes bistonios, Lampsaco, o estreito, que separa Sestos de Abydo; o Bosphoro; mas finalmente chegou ao seo destêrro.

Art. XIX.

Seis generos de penas infligiam os romanos: — reprehensão secreta — pública — ignominia (nota infamante dos censores) — relegação ou desterro — prisão — morte.

N'este sentido diz Seneca (*Da Col.* I. 16): « Tibi « fortius aliquid, et quod sentias, inurendum est? in ex- « silium, et loca ignota mitteris. » Este destêrro para logares desconhecidos era o que se-impunha, sem esperança de perdão; Sciathos, Gyara e Seripha, estereis rochedos do mar Egeo; Cossura, na costa de Africa; Corsega, para onde o proprio Seneca foi exilado; Tomos etc.

O logar da relegação de Ovidio (com quanto a exacta localidade não esteja ainda assaz averiguada) foi o paiz dos Tomitanos, que formava parte da Mesia inferior,

Digitized by Google

ou Bulgaria, e então provincia romana, entre o monte Hemo e o Danubio, á esquerda do ponto-euxino, hoje mar negro, por 44.° a 45.°, quasi como o norte de Portugal.

Antes porém de proseguirmos na narração dos successos, sentados n'este marco milliario, demoremo-nos alguns instantes a estender olhos por esses estranhos tempos.

Art. XX.

Momentoso exemplo da escravidão em que os livres romanos gemiam, diz Voltaire, e do anniquillamento de todas as leis, era com effeito ver-se o membro de uma familia equestre, Ovidio, desterrado por um homem tambem nascido em familia equestre, como Octavio; ouvir um cidadão, com uma só palavra, desterrar outro cidadão para os scythas!

Antes d'aquelles tempos (antes do *illustrado* governo de Augusto) requeria-se um plebiscito, uma lei da nação, para privar de patria a um romano; Cicero, desterrado por effeitos de uma cabala, fôra-o, pelo menos, segundo as apparencias legaes. As inconfidencias, para Augusto, não precisavam juiso especial; dava-se elle ao incommodo de arvorar-se em denunciante, parte, juiz e algoz! e juiz julgando, e algoz brandindo o gladio, sem processo, sem enunciação de motivos! e si o povo-rei (*romani rerum domini, gensque togata; que irrisão!*) começou murmurando baixinho da inexplicada crueldade, tambem olvidou logo, com os longinquos e impotentes gemidos da victima, a illegalidade da punição.

Digitized by Google

O sic volo, sic jubeo, dá (si deu) o consulado a Cinna, chefe de uma conspiração, e o exilio a Ovidio por um qualquer motivo futil e privado! Manhoso cálculo de prudencia para os fortes, e de inexorabilidade para os impotentes!

Formosa liberdade a da republica romana sob Augusto!

Si hoje um francez, inglez, hamburguez ou mecklenburguez, tivesse casualmente visto o seo imperador ou rainha, burgo-mestre ou grão-duque commetter algum acto horrendo (e ainda mesmo que não fosse por acaso, mas de proposito, e por ter procurado occasião) e cahisse em divulgál-o, certamente que o grão-duque, o syndico, a rainha ou o imperador, não teriam auctoridade, nem estariam no caso de desterrál-o.

A reprehensão, que a Ovidio se-póde dar, mas essa quasi tão grave como as que merecem Augusto e Tiberio, é de os-ter louvado, indeusado. Os elogios que lhes-liberalisa são tão encarecidos, que ainda hoje excitariam indignação, quando mesmo os-houvesse empregado em principes legitimos, seos bemfeitores, quanto mais que os-desperdiçava com tyrannos e proprios tyrannos seos! Tolerem-se embora os que exaltam com demasia um principe em quem acharam bom gasalhado; mas ver tractar como Deus a um perseguidor seo! Melhor houvera feito Ovidio em se-embarcar no mar negro, abalando para a Persia pelo *palus meothides,* do que escrever as suas elegias *Das Tristezas e Do Ponto*. Quanto o parallelo com Cicero avantaja a este (que todavia não primava em valentias e nem sempre em dignidades)! Ambos supportavam, sim, com pesar a desgraça do seo desterro; porém Cicero, até na intimida-

Digitized by Google

de da sua correspondencia com Attico, contém e ennobrece, de mil modos, a afflicção que lhe-causa a injustiça e o rigor ; e Ovidio! Escreve a Cesar, que, uma vez odiado por elle, se-torna impossivel merecer mais um amigo, e que pouco lhe-falta para a si mesmo se-aborrecer :

Esse sed irato quis te mihi posset amicus?
Vix tunc ipse mihi non inimicus eram.

E a tal ponto exagera a idolatria, que, ainda depois de morto Augusto, lhe-ergue em sua propria casa um altar, onde o-adora como a um Deus, sacrificando-lhe todos os dias ! (*) Eis-ahi o procedimento asqueroso, que nem a adversidade póde desculpar, porque nunca nos-é licito deixál-o ir ao ponto de invilecer-nos. Ovidio era só poeta, não philosopho prático. Si o-fôra, saberia revestir-se de adamantina couraça, fazer patria de toda a terra, zombar dos homens e da sorte, dominar as borrascas da vida; perseguido, envergonhar e stygmatisar seos perseguidores. Preferiu a abjecção para si, o incenso para el-

(*) Tambem Horacio e os mais o-reconheceram, em vida, como Deus :

Jurandasque, tuum per nomen, ponimus aras. (II. 1)

Mas lá esses tinham rasões para o-fazerem. Davam-lhe todos os attributos da divindade, *puta, radius, hasta, fulmen* (Dio. de Italia I. 54). O proprio senado o-canonisou : *Divo Julio, ex senatus-consulto !* Curiosa coincidencia porém. Por esses mesmos annos, o lodo do homem proclamava-se *filho de Deus ;* Augusto fazia pôr nas suas medalhas : *Cæsar, Divi filius,* e o verdadeiro filho de Deus consentia em denominar-se : *Filho do Homem* !

Digitized by Google

les! e ambos egualmente se-esperdiçaram, porque as *divindades*, Augusto e Tiberio, foram da mesma sorte surdas para com elle.

Art. XXI.

E quaes foram esses sacrilegos attentados de Ovidio, para lhe-motivarem punição, mais dura que morte? É um dos problemas, que assaz tem occupado a imaginação dos biologos.

O infeliz refere-se a dous motivos; um que nos-confessa, outro que elle cautelosamente cala.

O confessado tem sido, em todos os tempos, considerado um pretexto futil, destinado a encobrir o verdadeiro.

É certo que de Roma, e do senso-commum, se-zombou, attribuindo a relegação á corrupção que nos costumes causára a Arte de Amar!

Mas esse poema, uma das primeiras tentativas litterarias de Ovidio, foi composto, aos 20 annos de edade; quasi durante seis lustros tinha ornado todas as bibliothecas, sido cantado em todos os theatros, corrido todas as mãos; imaginais Augusto tão analphabeto que, mais de 20 annos, ignorasse a existencia de um livro, que o ultimo quirite sabia de cór?

Dêmos de barato que essa obra não fosse um prodigio de moral. Todavia é uma herototechnia, uma *arte*, que nada ensina; puro brinquedo da phantasia. Nem uma expressão se-lê ahi descomedida na linguagem, brutal, obscena. O amor, de que ahi se-fala, é sempre o formoso, o natural iman dos dous sexos. Procediam assim Catullo,

Digitized by Google

e Marcial, e Ticida, e Calvo, e Memmio, e Cinna, e o proprio Horacio e o proprio Virgilio? Não eram presados, e protegidos, os auctores de tão licenciosas poesias? Todos esses exprimiam as maximas torpezas, as mais infames bestialidades, pelos termos mais deshonestos e com as imagens mais libidinosas. Tomos se-tornaria segunda Athenas, si para alli relegassem, com mais motivos, todos esses jubilados e decanos da immoralidade.

E finalmente quem é este severo Catão Censor, este Lucrecia de barbas, cujo pejo estremece, em presença de uns versos amorosos? É aquella immunda personagem, cuja biographia, reduzida ao decimo do que os historiadores nos-legaram, forma ainda um compacto tecido de monstruosidades.

Não affirma Suetonio que esse perverso explicava aos amigos os seos frequentes adulterios, por um calculo politico, afim de, pelas revelações das mulheres, colher os segredos dos maridos? Não praticou elle os mais abominaveis incestos? Não usou de *ambas as Venus*, da mais sordida maneira? E no proprio assumpto de versos livres, não temos n'elle mesmo *confitentem reum*?

Não se-conservam poesias de Augusto (como o epigramma, Marc. XI. 21), em que tantos como as palavras são os horrores? (*)

(*) Conta-se que Augusto, durante o triumvirato, compuzera versos livres e grosseiros, (que denominavam fescenninos) contra Pollião (o mesmo que a Tito-Livio censurava a patavinidade); mas que este, aliás capacissimo de retorquir, tivera a prudencia de calar-se « porque, dizia elle, não queria graças com um sugeito, que, por qualquer cousa, punha um homem a caminho. Seguia o preceito dos *Animali parlanti*:

Non me ne fate autor; io non vo'guai.
Massime col Leon che stimo assai.

Digitized by Google

Verdade seja que Augusto, como Luiz XIV, depois de ter escandalisado o mundo, quiz, chegado á velhice, dar exemplos de severidade nos costumes, tornando d'ella victimas, nunca a si mas a terceiros; não obstante, é evidente que o principe allegou essa razão especiosa, com que a real ficasse encoberta.

ART. XXII.

Assim eliminado o pretexto, qual terá sido a causa real de tão inexoravel pena?

A circumspecção do poeta, provavelmente necessaria, no-la abscondeu; e aïnda os proprios dados que nos-ministra são vagos e talvez contradictorios. Ora se-proclama innocente; ora se-reconhece culpado! Ora se-apresenta víctima de alheio facto; ora declara o castigo brando para o seo delicto! N'outra parte exclama:

« Foi meo crime ter olhos; ¿porque olhei eu para aquillo que não devia ver? »

Porem que é isso que viu?

Suspeitam alguns que Ovidio surprendêra Augusto, commettendo um incesto. Prova, diz Voltaire, de que alli andava incesto, ou aventura secreta e escandalosa da familia imperial, é que Tiberio, monstro, tanto de lascivia como de dissimulação (o bode de Capria, immortalisado pelas medalhas que nos-representam as suas devassidões) não revocou a Ovidio do desterro.

Celio Rhodigino cita fragmentos de um certo Cecilio Minuciano Apuleio, auctor que diz quasi contem-

Digitized by Google

poraneo d'Augusto, o qual parece ter sido o primeiro que aventou a versão do incesto · « Pulsum quoque in exsilium, quod Augusti incestum vidisset » (Antiq. lect. l. XIII c. I) « Prœdicabat autem (Caligula) matrem suam ex incesto, quod Augustus cum filia sua admisisset, procreatam (Suet. Calig. c. XXIII) » Grande argumento é um dicto d'esta torpeza, em bocca de um Caligula !

Parece-nos esta explicação inacceitavel; ninguem no mundo levou mais longe que o poeta a delicadeza, o melindre, o que hoje se-chama *tacto das conveniencias*.

O homem que, para não comprometter as suas amantes, as-designava por pseudonymos,—por não prejudicar, do desterro, aos seos amigos, lhes-supprimia os nomes, —que emfim dava a cada passo demonstrações da nobreza de seos sentimentos, não lembraria tantas vezes áquelle principe, de quem aliás tudo dependia, um successo que devêra confundil-o.

Menos improvavel seria pois a segunda versão, a de que, tendo intrada franca no paço de Augusto, que lhe-estimava os talentos, alli presenciasse acção vergonhosa para a familia imperial. E isso mesmo estriba-se em algum fundamento?

Poucos mysterios da antiguidade tem, tanto como este, exercido os animos. O campo da phantasia, fecundo em miragens, descortina horisontes sem termo; e por isso mesmo que os dados surgem tenuissimos, —que nenhum contemporaneo nem de leve tocou em tal assumpto —que as hypotheses só começaram seculos depois —cada escriptor tem dado largo pasto á sua imaginação, e assim se-continuará até que os manes de

Digitized by Google

Augusto ou Ovidio se-resolvam a baixar alguns momentos á terra, por que se-dignem exclarecer-nos.

Entre as muitas versões, eis-aqui a de Rosmini, em additamento á de Tiraboschi, que não parece dos menos plausiveis romances.

—O motivo da relegação de Ovidio não foi real delicto, por elle commettido, mas sim a sua cooperação para as libertinagens de Julia, sobrinha de Augusto.

Dos muitos illustres amigos do poeta, algum o-terá appresentado a ella, então casada com Lucio Paulo, joven, bella, fogosa, e de costumes ligeiros.

Ovidio, que adorava as petulantes, comprouve-se no tracto com Julia; leu-lhe seos poemas; brindou-a com a sua *Arte de Amar*; embebeu-a em suas pouco austeras maximas.

Entre os muitos arrastados da formosa, um havia a quem Ovidio, passado, pela edade, de primeira a terceira pessoa, protegeu, orando a seo favor, exaltando-lhe os dotes com a facundia e persuasão proprias de poeta, e de tal poeta como elle. Rendeu-se o terno coração da bella, e a praça capitulou ante o inexpunhavel vencedor.

Um dia o novo medianeiro colheu os amantes em demasiada familiaridade; outros se-gabaram do mesmo.

Fez estrepito; chegou aos ouvidos de Augusto que, indignado, inquiriu os accusados; e Julia, para aliviar o proprio crime, accusava Ovidio como seductor.

Envolvidos no negocio varios amigos d'este, e achando-se no toucador de Julia a *Arte de Amar*, considerou-se esta como corpo de delicto para condemnação do poeta. Augusto, encolerisado, desterrou sobrinha,

Digitized by Google

amante, e seductor; mas como lhe não conviesse dar o verdadeiro motivo, pretextou a *Arte de Amar*.

Ja se-vê que o poeta não commetteu delicto algum com Julia, só cooperando para os delictos d'ella, sendo por isso relegado, *sem confisco*, por cujo motivo elle confessava ter sido tractado com clemencia.

Tudo, nas palavras de Ovidio, concorda com esta versão. Diz elle que a amisade com os grandes occasionou sua ruina—que commetteu não um crime, mas um êrro—que nenhuma vantagem d'ahi lhe-redundou —que o seo êrro foi mais estulticia que outra cousa. Queixa-se dos companheiros e dos servos, que o-denunciaram; reconhece não poder defender-se de toda a culpa &. »

Tal a versão de Rosmini que, si não parecer fundamentada, tambem se não taxará de absurda. Bem pode conjecturar-se que a punição lhe-fosse infligida, por se-achar incurso nas disposições da lei juliana, *De adulteriis coercendis* (*Dig.* 48. tit. X.), promulgada pelo anno 17, antes de Christo; é certo que as provisões d'essa lei, como as-conhecemos, não mencionam poesias obscenas; mas o seo titulo, no Digesto, prova que se-estendia além do castigo das partes directamente comprehendidas no adulterio, punindo egualmente, entre outros, os que para taes fins facultavam suas casas.

Sonha um biographo que elle tomára parte n'uma conspiração para restabelecer os direitos dos filhos de Augusto ao imperio; observa ter o poeta sido relegado para a Scythia, exactamente ao tempo em que era tambem expulso de Roma o mais proximo herdeiro do seo throno, e banida Julia, irmã d'Agrippa; o que não decide é

Digitized by Google

si o revolucionario (o terno, o elegiaco Ovidio conspirador!) foi criminoso, ou somente indiscreto.

Vagando n'esse campo de politica, Villenave, Ginguené, Schœll e outros suppuzeram que a causa do desterro fora a ira produsida no animo de Augusto, pela revelação e divulgação de um segredo de estado, qual o da sua visita ao neto Agrippa e reconciliação com elle, que tanto devia contrariar a omnipotente Livia (mulher de Augusto e mãe de Tiberio) (*); dizem que o imperador só fora accompanhado de Fabio Maximo, parente da mulher de Ovidio, o qual commetteu a imprudencia de segredar o accontecido a sua esposa Marcia; esta á de Ovidio; est'outra ao marido; este a varios.

Outros imaginam ter ahi andado galanteio do poeta com Livia, ou alguma das Julias, o que nem exame tolera; outros vão devancando a seo talante. *Non nostrûm tantas componere lites!* Acerca d'esse *Mascara de Ferro* da antiguidade, romanceie cada um o que lhe-approuver; nem d'ahi resultará que a esphera perturbe a sua marcha, tropeçando n'esse obstaculo.

(*) Lê-se com effeito nos *Annaes de Tacito* (versão de Freire de Carvalho): — « ... Ia-se augmentando a doença de Augusto, e não « sem suspeitas de ser ajudada pelas maldades da mulher. O certo « é, que, poucos mezes antes, ja circulava um rumor de que Augusto, « dando a saber seos intentos a alguns amigos, tinha ido, só com « Fabio Maximo, a Planasia, visitar o neto Agrippa; e que, derramando « então ahi ambos muitas lagrymas, se-haviam dado reciprocos signaes « de amisade, sendo o final resultado da visita, que o pobre mancebo « tornaria a ser restituido a casa do avô: o que Maximo revelou a sua « mulher Marcia, e da mesma sorte a Livia. Tiberio foi logo d'isto « informado; e succedendo pouco depois a morte de Maximo (que « ficou em duvida si foi violenta) dizia-se ter-se ouvido, no seo funeral, accusar-se Marcia, entre mil gemidos e gritos, de haver causado a morte do marido. »

Digitized by Google

Art. XXIII.

Deixando pois os pontos nebulosos da nossa historia, voltemos aos averiguados.

O logar do destêrro era agradavel para os indigenas; mas as montanhas, que demoram ao sul, e os ventos do norte e leste, que sopram do ponto-euxino, o frio e a humidade dos bosques e do Danubio, tornavam aquellas regiões não naturaes, inimigas da humanidade de um quinquagennario, que nunca víra outro ceo que o da sua alma Italia e da Grecia; e todavia fôrça é confessar que (si no globo se não verificou alguma grande revolução) não são mais que exagerações, destinadas a captar sympathias, as suas hyperbolicas descripções da el. 10 do l. 3 Tr., e similhantes passos, pois nem o frio nem geralmente o clima de tal região é o que alli se-pinta.

Com quanto tambem o poeta acoime aquella terra de *barbara*, não se-imagine que fôsse paiz de selvagens, pois havia lá quem cultivasse a poesia. Cotis, régulo de parte da Thracia, fez versos, dedicados a Ovidio. O poeta latino apprendeu o geta, e n'essa lingua escreveu; não juraremos que tal poema fosse em getico mui puro, a pesar dos seis annos de residencia do auctor; talvez se-assimilhasse ao geta como o latim dos modernos sería latim a olhos romanos, particularmente o da egreja, e quem sabe, si o de Sannazaro, Policiano &.? Deveriam esperar-se versos gregos da antiga patria de Orpheo; mas estas plagas eram então povoadas por nações do norte, que provavelmente falavam um dialecto tartaro, lingua que

Digitized by Google

dava seos ares do antigo sclavão. Quem diria estar Ovidio predestinado para compor versos tartaros! Aquelles povos porem o-laurearam e lhe-deram privilegios.... que em nada lhe-attenuavam as saudades de Roma, pois tambem este disse, como Camões:

Aqui, n'esta remota, aspera e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse um longo espaço;
Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.

Art. XIV.

Fôsse qual a causa fôsse dos infortunios de Ovidio, tão amarguradamente o-pungiram, que dentro em pouco foi accommettido pela molestia, conhecida na sciencia sob o nome de *Nostalgia*, ou *Saudades da patria*. Na These que sobre tal enfermidade defendemos perante a Universidade de Paris, mostrámos documentadamente como este poeta descreveu os progressos da sua doença, em todos seos tres graus, com a exactidão de um medico, distincto nos dotes de observador. Não diremos *viveu*, mas *vegetou*, *morreu* 7 ou 10 annos, n'essas regiões, devorado pela chaga da ausencia:

Quem morre, acaba o mal; que toda a pena
Dura co'a vida, sem passar da morte;
Maior pena padece o que está ausente
Pois morre da saudade, e morto sente.

Digitized by Google

Sim, morto se-sentia, debaixo do que elle tomava pela ursa do Norte, entre barbaros de linguagem, de usanças e de costumes, com a Italia só na imaginação, com os socios só na saudade, com a esperança e a desesperança a luctarem-lhe no coração, como a luz e as trevas, na alampada, que bruxuleia e decrepita para se-apagar.

Assim foram correndo os tempos. De todo esse periodo do seo destêrro nos-deixou Ovidio a historia, quasi dia per dia, talvez ainda carregada em cores, já pela disposição do seo espirito, já pelas conveniencias da sua causa. Elle mesmo, n'essas ephemerides, nos-expõe que os tomitanos provinham de uma colonia de gregos, que se-estabeleceu entre os getas — que povos barbaros, bellicosos e indomaveis rodeavam a cidade — que estes, mormente quando o Danubio gelava, infestavam tudo com suas correrias e rapinas, aprisionando ou traspassando, com setas invenenadas, os que vagavam fora dos muros, obrigando os habitantes a sahir constantemente armados, e a ter sentinellas promptas, ao menor indicio, a clamar ás armas e repellir invasões.

Ovidio mesmo se-via obrigado a cobrir-se do capacete e cingir a espada, para, por suas mãos, se-defender; e bem podia elle, como Camões, exclamar:

> O' fortes companheiros, ó subidos
> Cavalleiros, a quem nenhum se-eguala,
> Defendei vossas terras; que a esperança
> Da liberdade está na vossa lança!

Entre os proprios habitantes, nascidos de origens

Digitized by Google

diversas, erám frequentes as dissensões; e toda aquella caterva, na catadura, no armamento, no trajo, nos usos, contrastava singularmente com a gente togada. Era em tal terra, ventosa, humida, gelada, rodeado de taes inimigos, em meio de indifferentes, com quem se não intendia, e que d'elle a principio zombavam, que Ovidio passava eternos dias, solitario, n'uma residencia apertada e incommoda, comendo nocivos manjares e bebendo aguas infectas. Nem um medico que lhe curasse do corpo, nem um amigo que da alma lhe curasse.

Que immensa não é a força da poesia, quando, em tão misero estado de cousas, lhe-deparava ainda voz para cantar; e no que fôra origêm de tão extranhas desventuras achava elle o lenitivo unico d'ellas! lança de Telepho, curava as feridas que abria. E em que circumstancias versejava Ovidio então?

Recordando-se do que perdêra e do que era; vendo o desanimo e a morte avisinharem-se; lembrando-se de que esses mesmos versos haviam sido a causa de sua desgraça; sem a paz de espirito, tão precisa ás obras de imaginação; sem um unico livro latino ou grego, com que a intelligencia se-lhe podesse faiscar; sem uma pessoa a quem seos versos lesse, sendo elle mesmo auctor, censor e auditorio; sem meio algum de aplanar duvidas; e finalmente sabendo que o seo nome era em Roma stygmatisado pela auctoridade e as suas obras expulsas das publicas bibliothecas! O que maravilha, em circumstancias taes, não é que suas obras da terra tomitana sejam monotonas, inferiores ás dos seos dias felizes, mas sim que

Digitized by Google

tal voz podesse n'outra cousa empregar-se do que em lamentos e inarticulados ais (*).

Art. XXV.

Tantalo de patriotismo, voltava Ovidio constantemente os já moribundos olhos para essa patria, cujas auras mais lhe não seria dado respirar. Essas aspirações de ventura, esses votos, em melhores dias formados, de exhalar em lides de amor o postremo suspiro, rodeado de amigos, para ser sepultado, entre

---

(*) E todavia (porque sejamos justos) talvez não consista essa imputada inferioridade na identidade do assumpto, por mil faces incarado. È isso um merito raro, uma difficuldade tithanica; só um Ovidio por tal arte a-venceria. Tambem Homero, tão prodigo nos similes, com que seos poemas se-vivificam, na descripção de circumstancias locaes e allusão aos usos dos tempos e pessoas então existentes, Homero, dizemos, admiravel na gradação, tem a arte de ir successivamente variando e elevando os seos assumptos e personagens. Talvez que em toda a Iliada, seja o character de Heitor o mais completo; deleita-se o poeta em descrever-no-lo, representando-o em variedade tal de situações, que lhe-centuplica o interesse. È sempre o mesmo Heitor; mas alli admirais o guerreiro nobre e audaz, appresentado em tal qualidade, cem vezes, sem que duas se-pareçam as cores da poetica palheta; cada uma de suas apparições é como um vulto novo, com algum lustre ou terror addicional, tal qual convinha a um rival de Achilles. Alli porem é esse mesmo homem que (no liv. 6.°) com Andromacha:

Abre ás ternas paixões seo brando peito;

A scena da despedida da mulher, do filho, appresenta outro admiravel aspecto d'aquelle grande coração. É o supremo da arte desenvolver variedade immensa em irreprehensivel unidade.

Digitized by Google

coros de gemidos e pranto, em terra sua, e sob um céo tambem seo... ai, burlou-lh'os a sorte!

Sequestrado de todo o commercio amoroso; triste; prostrado; infeliz; isolado no meio de um povo que não lhe-inchia o coração; sob um céo desnatural, inimigo, la se-foi, pouco a pouco, apagando aquella maravilhosa intelligencia, até que do atribulado invôltorio se-desprendeu o genio do grão vate, após 7 annos de amargurado exilio, no 17.° depois de Christo, imperando Tiberio em Roma (*). Que importam honras funebres de estranhos? La vai por desconhecidos transportado o ataude á eterna morada. São mãos mercenarias que na pyra lhe-lançam os restos. È fogo tartaro que lh'os-consome. E são esses nobres manes romanos condemnados, em terra estrangeira, a vagar parias entre as circumstantes sombras getas, esclavonias e selvagens!

Mas onde jaz esse homem? Com o seo nome triumpha no universo inteiro; com as suas cinzas, em algum canto ignorado! (**)

(*) Um antigo auctor affirma que o obito se-dera nas kalendas de janeiro, e no mesmo dia em que Tito Livio falleceu tambem; o que não suppomos exacto. Nem mesmo ha certeza si Ovidio morreu antes do decimo anno do exilio. Masson adduz bons argumentos para fixar esse obito, no anno 17 de Christo, confrontando varios trechos dos *Fastos*, relativos ao *Triumpho de Germanico*, e á paz; á designação de *fundador e restituidor* dos templos, com que ao mesmo adorna, e a varios passos de Tacito. Não ha duvida de que foi no anno 16, que Germanico batteu Arminio, e que a isso parece alludir o poeta, dizendo:

Pax erat, et *vestri*, *Germanice*, causa *triumphi*.

(**) J. Pontano affirma, com boas tradições, que os tomitanos lhe-erigiram um grandioso monumento, no sitio mais frequentado, á porta da cidade.

Digitized by Google

Quão facil é ao corpo a sepultura !
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assim mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.

Nem mesmo se-sabe si suas ultimas vontades foram respeitadas, trazendo-se-lhe os restos para a Italia ; varios tumulos e jazigos teem dado logar, sem sufficiente fundamento, a essa supposição.

Bruschio, Zamosio e outros, que Ovidio morreu na Sabaria, cidade da Pannonia, ora Hungria, erguendo-se-lhe um soberbo sepulchro com inscripção ; provavelmente fabula, similhante á da famosa penna argentea (de que fala Ciofano), mostrada pela rainha Isabel a P. A. Bargeo, achada debaixo de umas ruinas, com a inscripção : *Penna de Ovidio Nasão.*

Em Roma, no anno de 1674, concertando-se a via Flaminia, descobriu-se, no logar chamado *Grotte Rosse*, perto de *Ponte Molle*, uma sepultura, em forma de camara, com uma pintura, representando um homem coroado de louro, e por uma inscripção de Ambrosio Nasão, suppoz-se ser sepultura dos Nasões, e particularmente do nosso. (Vide Bellorio, *Thesaur. Roman. Antiq. a Joan. Græv. congest.* XII p. 1031. *Marmi Eruditi* p. 240. 286) Esta questão tem sido agitada entre os antiquarios.

Até houve quem, *em mais de um logar*, tivesse encontrado o seguinte epitaphio :

FATUM NECESSITATIS LEX.

Hic situs est vates, quem Divi Cœsaris ira
Augusti patria cedere jussit humo.
Sæpe miser voluit patriis occumbere terris,
Sed frustra : hunc illi fata dedere locum.

Em 1802, a imprensa parisiense annunciou, falsamente, que, excavando-se os alicerces de uma fortaleza, na bocca do Danubio, camponezes russos haviam descoberto o tumulo de Ovidio, intrando em muitos pormenores, que podem ler-se relatados por Villenave, na *Biographia Universal*, sob a rubrica : *Ovidio.*

Digitized by Google

A tal investigação nos não aventuraremos, que tão nublada é ella como a da causa do exilio. A Italia e o Oriente teem mais de uma vez disputado a honra de que em si guardam tão preciosos restos. Si ainda apparecessem, já o epitaphio estaria feito pelo proprio desenterrado (Tr. III. 3.)

Hic ego qui jaceo tenerorum lusor amorum,
Ingenio perii, Naso poeta, meo !
At tibi, qui transis, ne sit gravis, quisquis amasti,
Dicere : Nasonis molliter ossa cubent! (*)

(*) Que póde verter-se assim :

De Amor o vate misero,
Em baixo d'esta lousa,
Do proprio ingenho victima,
Nasão, aqui repousa.
Tu pois, si o Deus malefico
Ja te-feriu, dirás :
— « Cinzas do pobre Ovidio,
Durmi ! durmi em paz ! »

Não deixa de ser curioso, antes nos-parece intencional, que a formosa biographia, que, sob a forma de uma elegia (IV. 10), Ovidio dirigiu á posteridade, quasi comece pelo primeiro verso do epitaphio :

Ille ego, qui fueram tenerorum lusor amorum.

Esta locução ficou assaz geralmente consagrada, para designar o nosso poeta. Assim na elegia de Policiano ao desterro e morte de Ovidio, se-lê :

Qui jacet hic, teneri doctor amoris erat.

e mais :

Terra tegit vatem, teneros qui lusit amores,
Barbara.

O proprio *tenerorum amorum* era bordão ovidiano :

Quære novum vatem, tenerorum mater amorum. (Am. III. XV. I.

Digitized by Google

Art. XXVI.

Quanto ao seo physico, sabemos que era um homem palido, elegante, posto que magro e apoucado do corpo, menos succado que nervoso (*) Tenues as forças, ressentia-se de uma compleição delicada (v). Tinha raiva aos negocios; nascêra para os ocios tranquillos; molle e insoffrido de trabalho (x). A notavel proeminencia do nariz (singular attributo erotico) era um legado que, pelos varões da sua familia, lhe-vinha dos antepassados, os quaes assim adquiriram o appellido de Nasões (**).

No seo trajo, como no tracto e no viver, timbrava de singeleza. Nem mesmo em mancebo, usou, como os fatuos do seo tempo, frisar os cabellos, que trazia sempre cuidadosamente cortados por habil mão. De extremo aceio, tinha summa cautela na conservação dos alvissimos dentes. A sua toga era sempre graciosa e fresca; mas nenhuma d'estas attenções degenerava jamais em excesso.

(*) Pondere, non nervis, corpora nostra caret.

Aptaque subducto pondere membra dedit.

Parvus in exiles succus mihi pervenit artus,
Membraque sunt cera pallidiora nova.

(v) Invalidæ vires ingenuæque mihi.

(x) Quique fugax rerum securaque in otia natus,
Mollis et impatiens ante laboris eram.

(**) Era frequente, entre os romanos, a adopção de alcunhas, provenientes de uma qualidade physica. Assim se-conta ter o appellido Cicero provindo de uma excrescencia (similhante a um grão de bico) que na extremidade do nariz tinha um dos predecessores do eterno Orador.

Digitized by Google

ART. XXVII.

A residencia de Ovidio, quando em Roma, era proxima ao capitolio. Possuia tambem propriedades em Sulmona; e uma formosa casa de campo, com jardins, sucalcados em amphitheatro, a nove ou dez milhas de Roma, perto do ponto de juncção da via Flaminia (que, atravessando a Umbria, ia até Ariminho) e da via Clodia.

Ahi compoz elle parte grande das suas obras. Os seos gostos simplices harmonisavam bem com o silencio e paz da natureza; e nem ha scenas em que o seo pincel magico de melhor vontade se-compraza que nas campestres. Grato lhe-era, a sós, inspirar-se com as arvores annosas, com o ruido das aguas, com o perfume das flores, com o ciciar das auras; era-lhe grato refugiar-se assim, do turbilhão de uma sociedade tumultuosa, desordenada e corrupta, no remanso e na innocencia dos campos; o brilhante, o enamorado, o cortesão, o festejado, o libertino, tornava-se então simples, campestre, candido, quasi dirieis menino! Um dos predicados é esse da natureza, para os animos não gangrenados; restitue á alma a perdida serenidade (*); reconcilia com os homens e o destino; eleva o espirito a mais altas

(*) Um dos mais notaveis exemplos, que a historia nos-legou, é o d'esse sanguinario Barrère, alcunhado *Anacreonte da guilhotina* (porque usava esparzir, por todos os seos relatorios, imagens suaves, misturadas aos sinistros decretos, como flores lividas sobre o sangue). Conta-nos Lamartine (Hist. des Gir. LIX. 2) que elle havia mobilado uma casa de campo na aldeia de Clichy, onde se-refugiava, duas vezes por semana, para refrescar a alma.

Digitized by Google

regiões, que aquell'outras onde só redemoinham torpes interesses e odios mais torpes; melhora o coração; remoça a mente; alarga os confins do horizonte humano. (*)

(*) Aqui nos-cahem do bico da penna aquelles tão sentidos e veridicos versos da elegia de Camões:

Oh lavradores bemaventurados!
Si conhecessem seo contentamento!
Como vivem no campo socegados!

Dá-lhes a justa terra o mantimento:
Dá-lhes a fonte clara de agua pura;
Mugem suas ovelhas, cento a cento;

Não vêm o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.

Vive um com suas árvores contente,
Sem lhe-quebrar o somno repousado
A gran cubiça de ouro reluzente.

Si lhe-falta o vestido perfumado,
E da formosa côr de Assyria tincto,
E dos torçaes Attalicos lavrado,

Si não tem as delicias de Corintho,
E si de Pário os marmores lhe-faltam,
O pyropo, a esmeralda e o jacinto,

Si suas casas de ouro não se-esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seos, comendo, saltam.

Álli lhe-mostra o campo varias cores;
Vem-se os ramos pender co'o fructo ameno;
Alli se-afina o canto dos pastores;

Alli cantára Tityro e Sileno;
Emfim por estas partes caminhou
A sã justiça para o céo sereno.

Divino seja aquelle que alcancou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que creou.

Tambem transcreveriamos com gosto a formosa canção de Fernão Alvares do Oriente — A vida campestre — si não receassemos censura.

Digitized by Google

Ovidio amava pois as rusticas vivendas ; era na sua casa de campo que escrevia muitas de suas producções :

. . . in nostris, ut quondam, scribimus hortis.

Oh ! quantos espinhos, quantas petalas de rosa, quantos perfumes, que mundos de recordações e saudades não encerram aquelle *nostris hortis*, e mais que tudo aquelle *quondam*! quanto mel no *nostris hortis*, no *quondam* quanto absyntho lhe-derramou na alma, sem duvida, verso, em que o estylete, ensopado em lagrymas e sangue, lhe-rasgou o coração ! Tem cada homem, não sabemos si na phantasia, si na memoria, si na vontade, si mettida entre estas tres cousas, e com raizes em todas ellas, uma certa *arvore da vida*, a cuja sombra florida gosta de sonhar, e para onde muitas vezes se-refugia, para scismar, com os olhos meio-fechados, e as costas viradas para o mundo. Está-se então idealmente n'um remansinho bonissimo, todo viçoso e alegre; que rescende á infancia; que algures se-cuida enxergar por entre nevuas; e que impacientemente almejâmos nos-esteja ainda guardado no futuro. É ás visões d'esta sancta especie, que se-devem attribuir algumas d'aquellas expressões, frequentes em Virgilio e Victor Hugo, e tão raras em quasi todos os outros escriptores; expressões de extremada simpleza, e que se-nos-depositam no ânimo, ou não sabemos onde, para toda a vida, melhor que os pensamentos mais sublimes; taes como aquelles felicissimos :

. . . dulces moriens reminiscitur Argos.
. . . oh ubi campi !

Digitized by Google

Eram essas deleitosas reminiscencias, que assaltavam o espirito de Ovidio, quando assim longe de seos campos recordava os seos campos, longe da sua mocidade a sua mocidade, longe da sua gloria a sua gloria, longe da sua esposa a sua esposa, longe da sua Roma a sua Roma, longe da sua felicidade a sua felicidade, para sempre perdida.

Em numerosos passos de suas obras se-reconhece, não só aquella natural tendencia campestre, mas a superioridade com que havia estudado a agricultura, para dissertar sobre a qual approveitava todos os ensejos; muitos de seos mais cordiaes amigos foram os talentosos mestres da arte dos campos: Grecino, Celso, Attico e outros.

Art. XXVIII.

Difficilmente acháreis coração mais bem formado. Todos os impulsos generosos, todos os sentimentos brandos, vibravam n'aquellas fibras.

Com que acatamento não fala de seos progenitores! com que interêsse não procura tornar-nos sympathicos aquelles nobres anciãos, que só da ventura de seos filhos se-occupavam! com que adoravel affecto filial se não congratula com a sorte, por ter ao menos esperado, para desgraçál-o, que a Jousa houvesse coberto os caros auctores de seos dias!

Seo irmão era tão estremecidamente amado, que a dor do seo passamento levou Ovidio a pensar ter morrido parte de si mesmo.

Digitized by Google

A mulher a quem, por escolha propria, dera seo nome, foi até morte idolatrada.

A filha, em cuja educação tão amorosamente se-desvelára, era um dos perennes objectos de suas saudades.

Quanto queria á sua patria, ahi estão para attestál-o monumentos mais duradouros que o bronze.

Longe de invejar os homens illustres, buscava-os, incensava-os; considerava-se como habitando com os numes (segundo a sua phrase), quando á intimidade d'elles o-admittiam.

Nas suas innumeraveis producções, só de candura, de sensibilidade, de nobreza de alma incontrarêis provas; no principio do seo *Ibis* se-gloria de que, até os 50 annos da sua edade, nunca uma palavra d'elle havia ferido alguem, nem feito derramar uma lagryma.

Vivendo n'uma sociedade, onde eram moda os jogos e a embriaguez, detestava os dados; pouco amigo dos licores espirituosos, era moderado na mesa; sua musa, unica entre os poetas eroticos, nunca, para exaltar-se, precisou falerno ou festins.

Eis-ahi pois a base d'aquella alma formosissima. Filho respeitoso — terno irmão — marido amante — carinhoso pae — eximio patriota — fiel amigo — sobrio — moderado — incensador do genio — sensivel — generoso — favorito sem ambição — opulento sem vaidade — triumphador sem orgulho.

Digitized by Google

Art. XXIX.

Tambem tinha defeitos, que era homem. Não falaremos aqui da sua leviandade em materia de amores. Menos ao homem que á sociedade em cujo seio vivia, póde essa imputar-se; e nem os homens de hoje, com os actuaes principios sociaes e religiosos, somos os mais proprios para imparcialmente o-julgarmos. Si o-qualificais de voluptuoso, seja-o embora; mas reconhecer-lhe-heis, com todos os defeitos, todas as qualidades que usualmente se-associam a caracteres taes.

Condescendente e fraco; preguiçoso; regalado; encantando pela sua urbanidade aquelles com quem convivia; procurando por instincto estar com todos bem; espirituoso e engraçado sem fel; inconstante; imprevidente; exempto, por sua nativa delicadeza, das vulgarissimas torpezas da pederastia; estudioso encyclopedico, mais para se-divertir que para trabalhar, mas graças á intelligencia e á memoria enthesourando, só pela leitura, conhecimentos variadissimos: astronomia, geographia, historia, archeologia, theologia, linguas, nobiliarchia, philosophia, litteratura, medicina, botanica, nautica, milicia, etc. A complacencia com que elle, muitas vezes, se-deleita a falar da bemaventurança de ler, resupinando-se no leito, ajuda esta conjectura do que aprendia sem o que chamâmos estudar; e que, si manuseava os livros, era por lhe-saberem bem, por outra forma de volupia; folheava-os como se-espairecia nos porticos, como galanteava nos thea-

Digitized by Google

tros, como improvisava versos, como no seo pomarsinho euxertava arvores.

Atraz dissemos (art. XII) que Ovidio nunca militára; e si a isso nos-astringimos alli, onde só apontavamos um facto, aqui, no appreciar-lhe o character e tendencias, algumas palavras accrescentaremos. Tão longe estava Ovidio de ter presumpções de valente, que antes parece desejar se-saiba que appreciava a vida como a unica tela em que se-podem bordar os praseres. Costumados, com os historiadores, ás heroicidades e maravilhas do povo-rei, temos a preoccupação de pintar na phantasia tudo quanto é romano como descommunal na estatura, e de indole bellicosa; mas os romanos do imperio, ja corrompidos profundamente pelas delicias das riquezas, pelos regálos das conquistas, pelas guerras civis, e pela abolição real da liberdade em si mesma, estavam longe de serem todos, e nem a mór parte, Attilios Regulos, Mucios Scevolas, ou Horacios Cocles. Horacio (epicureo, como bom numero dos seos contemporaneos) contava, n'uma ode, destinada a viver sempre, que na batalha de Philippes, tinha atirado com o escudo pelos ares, para fugir mais depressa. Muito não é pois que o legislador de amores, o secretario das heroinas namoradas, o lente da arte de amar, não tivesse bellicas philaucias.

Das sensualidades da mesa foi, sim, Ovidio devoto. A bonachira era, com effeito, entre os antigos, mais ainda que entre os modernos, onde todavia tambem o não é pouco, um vestibulo do templo de amor; ás vezes chegava a ser o templo mesmo, e o *sancta sanctorum*, do que em Ovidio temos a prova.

Estas *ceias* romanas, ou jantares, como hoje lhes-

Digitized by Google

chamariamos, formam uma feição characteristica d'aquelle viver romano (Em seo logar as-descreveremos). A moderação, que em tudo distinguia o nosso poeta, fazia porem que nunca esses deleites das comidas e bebidas se-lhe-tornassem excessivos.

Quanto ás suas opiniões religiosas, buscaremos em memoria especial, demonstrar que nem elle nem outro algum dos espiritos eminentes accreditava no polytheismo, que era a religião do povo; os sabios (quando não materialistas, como Epicuro, Lucrecio, talvez Virgilio) eram deistas. A tolerancia, com que se-publicavam, e corriam por todas as mãos, obras como as de Ovidio, nas quaes os Deuses não representavam menos ridiculo papel que nos dialogos de Luciano, convence de que essas credulidades mais eram da plebe, das mulheres e dos rusticos. Ninguem ignora o que Cicero escreveu acerca dos aruspices: que não sabia como, quando se-encontravam dous na rua e olhavam um para o outro, se não punham ambos a rir. E nem se-objecte que esse proprio, o philosopho, o auctor do *Tractado da natureza dos Deuses*, ambicionára para si o cargo de aruspice; recebia o mundo como era, e approveitava-o: *Mundus vult decipi; decipiatur!* Exemplos ha-os, aos centos, em toda a parte, em todos os tempos, e em todalas cousas. Mas vamos adiante; persuadimo-nos de que Ovidio não só não cria, mais que os nossos Arcades, nas divindades pagãs (pagãs quer dizer, á lettra, aldeãs ou rusticas) apesar de rechearem todos d'ellas os seos poemas, mas até mesmo sobre a existencia de *espiritos*, não tinha inteira convicção. Apenas aqui apontaremos os dous versos:

Digitized by Google

Expedit esse Deos; et, ut expedit, esse putemus;
Dentur in antiquos thuramerumque focos.

Nada mais expressivo do que aquelle *ut expedit esse putemus*, e sobretudo o *antiquos*: « Façamos oblação aos fogos religiosos, por serem *antigos* » e não diz, por serem *racionaes*. O primeiro d'estes dous bellos versos, tinha-o, por ventura, na mente Voltaire, quando, menos atrevido, escrevia aquelle seo, eternamente citado e citando:

Si Dieu n'existait pas, il faudrait l'inventer.

Em materia litteraria, com Seneca, dissemos, que elle conhecia bem os defeitos dos seos versos e todavia os-amava, dizendo até, para justificar-se, que, mais que um rosto impeccavelmente bello, o-captivava semblante, em que despontasse um signal. (*)

(*) Manda a imparcialidade aqui transcrever um juiso, embora severamente formulado, de Seneca; o leitor estudioso o-appreciará, e talvez comparta a opinião de Schellio, nos seos *Dialogos dos Oradores*, c. 23. Eis as palavras de Seneca (*Nat. Quæst.* III. 27): "Insularum modo eminent montes et *sparsas cycladas augent*, ut ait ille poetarum ingeniosissimus, sicut illud pro magnitudine rei dixit: *Omnia pontus erat! deerant quoque littora ponto*; nisi tantum impetum ingenii et materiæ ad pueriles ineptias reduxisset:

Nat lupus inter oves; fulvos vehit unda leones!

Non est res satis sobria, lascivire devorato orbe terrarum. Dixit ingentia et tantæ confusionis imaginem cepit, cum dixit:

Exspatiata ruunt per apertos flumina campos;
. . . Pressæque labant sub gurgite turres.

Magnifice hoc, si non curaverit, quid oves et lupi faciant. Natari autem in diluvio et in illa rapina potest? aut non eodem impetu pecus omne, quo raptum erat, mersum est? concepisti imaginem, quantam debebas, obrutis omnibus terris, cælo ipso in terram ruente. Perfer dices enim quid deceat, si cogitaveris orbem terrarum natare.

Digitized by Google

A seguinte anecdota patenteia ter sido esse effectivamente o seo pensar.

Tendo-lhe uns amigos pedido, em certa occasião, que supprimisse tres versos, respondeu, surrindo, que sim... comtanto que lhe tolerassem exceptuar tres unicos, sobre que lhes não concedia auctoridade.

Assim conchavados escreveram aquelles os tres, que desejavam supprimidos; e este os tres que exceptuava; confrontam-se e acha-se serem os mesmos!

É claro, á vista d'isto, que aquelle maximo ingenho não peccava por falta de bom juiso, mas por não ter animo para cohibir a nimia desenvoltura dos seos versos. Eram sombras que o poeta ás vezes punha ao lado das côres, com a arte do pintor, que artisticamente dispõe os claros e escuros.

Art. XXX.

Mas nem sempre n'elle essa desenvoltura se-manifesta; antes não raro a palavra se-condensa, o verso se-precipita, a imagem se-aperta, com felicidade summa. Que ha mais formoso, n'esse genero, que o disticho de Flora, nos *Fastos*:

Ver erat; errabam; zephyrus conspexit; abibam;
Insequitur: fugio; fortior ille fuit.

N'outra parte, falando de Ilia e Marte:

Mars videt hanc; visamque cupit; potiturque cupitam.

De Apollo a Phaetonte:

Pignora certa petis; do pignora certa timendo.

Digitized by Google

De Narciso á fonte:

Rem sine corpore amat; corpus putat esse quod umbra est.

De Apollo acerca de Daphne:

Quodque cupit, sperat; suaque illum Oracula fallunt.

Da bella, juncto á qual *se-invergonhou*:

Optabam certe recipi: sum nempe receptus;
Oscula ferre: tuli; proximus esse: fui.
Quo mihi fortunæ tantum? quo regna sine usu?
Quod nisi possedi dives avarus opes!

trecho, que a versão portugueza não trasladou com menos felicidade:

Anhelei juncto d'ella obter ingresso: obtive;
Dar-lhe bejos: bejei-a; estar-lhe unido: estive.
Tal dita que valeu? não reinei, sendo rei;
Thesouros possui... e avaro os não toquei.

Não se-imputará certamente, em centenares de taes passos, prolixidade ao poeta; antes ahi mesmo se-distingue a admiravel habilidade com que aquelle Rembrandt da poesia pintava os objectos, com vigor na expressão e magia tal nas cores, que mais os-tomáreis pela viva realidade que pela sua imagem.

Exprimir muito em poucas palavras não é só grande excellencia, como enorme difficuldade no compor. O espirito naturalmente pára ante uma forte concepção; por todos os lados a-encara, e tende a exprimir essa grande variedade de aspectos por grande variedade de termos; porém a amplificação de uma sentença, com quanto

Digitized by Google

lhe-augmente a clareza, frequentemente lhe-enerva a fôrça; esses raios de sol, que, diffusos, apenas geram suave calor, infeixados n'um foco abrasam. (*)

Art. XXXI.

E' ja tempo de passarmos a falar das obras do insigne escriptor.

Assim como os poetas gregos tinham por uso ler suas producções nos jogos olympicos, os romanos, reunidos no theatro, applaudiam com transporte os seos poetas, que audaciosamente lhes-bradavam: « *Dae-me palmas! Plaudite manibus!* » (**) Foi pelos AMORES, que Ovidio encetou a sua poetica milicia. Quando leu ao povo algumas das canções d'essa collecção, apenas a penugem começava a sombrear-lhe as faces. Persuadimo'-nos de que essas canções, todas mimosas, juvenis,

---

(*) Adiante, no art. XXXIV, nos-espraiaremos, um pouco mais, sobre este ponto.

(**) Parece todavia que n'essa ostentação havia seo quê de charlatanismo, pois Horacio na 4ª Sat. do L. 1.º, se-exprime assim (versão Seabra):

Nenhum pillar, nenhuma loja ostenta
As obras minhas; nem as mãos do povo
Ou de Tigellio Hermogenes as-ceba.
Nem onde quer, nem a qualquer as-leio;
Aos amigos apenas, e inda a custo.
Muitos vão recitar no foro as obras,
Outros ao banho, porque mais suave
Ressoa a voz na abobada cerrada:
Isto ao vaidoso apraz; e não lhe-importa
Si com acêrto o-faz, e em proprio tempo.

Digitized by Google

correctas, encantadoras, foram, como n'outro sitio buscaremos demonstrar, desconnexos productos do seo estro, sem que o auctor pensasse em reunil-os n'uma só obra. A desordem em que se-acham collocadas—a diversidade dos assumptos que tractam — as evidentes imitações, quasi plagio por vezes, de outros auctores — a absoluta falta de methodo em espirito tão sabiamente methodico, tudo nos-induz a pensar que essas producções curtas, em que seo genio preludiou, tiveram origens ou destinos isolados. Mais tarde, querendo publicar um volume de poesias, colligiu-as em 5 livros. A avidez com que a obra era procurada, tornou necessaria outra edição, que elle expurgou, condemnando muitas das canções, e reduzindo a obra aos 3 livros, que a posteridade alcançou. Em quanto se-exhauria a 1.ª edição, compunha Ovidio a sua Arte de Amar, o que explica as reciprocas referencias, que o auctor faz na *Arte* aos *Amores*, e na 2.ª edição dos *Amores* á *Arte*.

Tambem n'esse intervallo se-occupára de um genero novo em Roma (si exceptuarmos duas tentativas, de Propercio): as formosas Heroides, ou epistolas que Ovidio dictou a varias personagens mythologicas ou historicas, epistolas a que Sabino respondeu, em nome de alguns d'aquelles a quem se-fingiam dirigidas.

Os dous primeiros livros da Arte de Amar foram compostos quando Augusto deu a Naumachia, combate naval e de gladiadores, isto é, um anno antes do nascimento de Christo. Alli se-propõe o poeta ensinar 1.° o modo de achar a bella; 2.° como subjugál-a; 3.° meios de a-conservar. Menos é isso arte de amar que de ser amado, ou antes menos de ser amado que de seduzir. Este livro produziu em Roma a maior sensação; era

Digitized by Google

lido, era cantado, era dansado; e as representações mimicas, em que os seos melhores trechos se-declamavam, faziam as delicias dos romanos. Não se-imagine porem achar ahi as *Ordenações de Cythera*, e muito menos com livro 5.°

Como complemento de tal obra, essa alma compassiva deu á luz uma therapeutica amatoria, sob o titulo de REMEDIO DE ENAMORADOS. Nada mais curioso, nem traiçoeiro, que o formulario d'este Galeno de amores. Os mais vivos preceitos vão sempre accompanhados de imagens, de exemplos, de metaphoras, de encantos de estylo, mel com que se-adoça o amargor de muitos dos ingredientes das receitas. Quanto porém ao fundo, é duvidoso qual — da molestia ou do remedio — mais perigoso seja.

Antes de publicado o 3.° livro da Arte, compoz Ovidio um poemeto, de que pouco resta: Do CUIDADO DO CORPO. Esse trabalho se-distingue, por conhecimentos largos de sciencias naturaes, das virtudes de hervas, plantas, mineraes, productos animaes, etc.

Egualmente se-applicou ao theatro, e á epopea; e entre outras tentativas, consta que a sua tragedia MEDÈA (*) era uma das primoresas producções da musa romana (talvez a segunda, após o Thyeste, de Vario); e que a GIGANTOMACHIA, OU GUERRA DOS GIGANTES COM JUPITER, era uma obra, que promettia alçar-se alapar do sublime assumpto.

(*) D'esta tragedia apenas Quintiliano e Seneca nos-conservaram dous versos:

— Servare potui, perdere an possim rogas!
— Feror huc illuc, ut plena Deo.

Digitized by Google

Dirigiu a Marcia, parenta de sua mulher, um EPITHALAMIO, hoje perdido, por occasião do seo casamento com Maximo.

A obra, que elle mesmo denomina a maior, é o monumemto das METAMORPHOSES. São esses 15 assombrosos livros, com quanto sem a ultima lima, um dos mais audazes e felizes commettimentos da romana musa. Por um poetico amalgama das cosmogonias, theogonias e sobrenaturaes tradições egypciacas, gregas e latinas, narra o Sulmonense as metamorphoses, que o paganismo já admittia ou ficou admittindo, desde a formação do mundo até o dia em que estava escrevendo o poeta. Si nada ha perfeito na terra, não pode eximir-se esse poema da lei universal; porem maravilha a arte com que se-teceram e encadearam tantos, tão diversos e oppostos acontecimentos desconnexos, mas que essa obra assombrosa deduziu uns dos outros e ligou, como si foram partes naturaes de um todo! As suas pinturas da natureza são ahi admiraveis de verdade; escolhe cautelosamente o que é appropriado ao seo assumpto; rejeita o superfluo; e, concluida que essa obra foi, nem peccou como redundante, nem como defectiva. N'este livro, mais que em outro algum, fulgura a arte do rhetorico, tanto como a do poeta. As falas de Ajax e Ulysses, no principio do L. XIII, são, no seo genero, modelos de oratoria; quem escreveu a ultima bem podia figurar ao lado dos Hortensios e dos Ciceros, e mostrar, como Ulysses, *quid facundia posset*. Doctrina varia, licção copiosa, poesia sublime, pasmoso ingenho, taes os titulos com que a consciencia do vate lhe-augurava, por ahi, a immortalidade, que alcançou.

Digitized by Google

Foi no Oriente que Ovidio (queimadas ou destruidas innumeraveis outras obras) empregou exclusivamente o tempo em poetar. Ainda na viagem, compoz o 1.° livro das Tristezas, de que abaixo falaremos. Apenas chegado ao seo destêrro, constando-lhe que um de seos mais intimos, traidor á fé jurada, o-perseguia e dilacerava em Roma, esforçando-se por eternisar-lhe o exilio, sedusir-lhe a mulher, appropriar-se-lhe dos bens, conspurcar-lhe a memoria, por tal fórma se-lhe-exaltou a imaginação e o odio, que, pela primeira vez da sua vida, compoz uma satyra, impetuosa, arrebatada, sanguinolenta. Dando ao perfido a alcunha de Ibis (nome da ave egypciaca, que a Callimaco servíra de alcunha para designar Apollonio de Rhodes), fulminou em poucos dias o poema d'esse nome, que, repassado de rancor e valentia, bem mostrava o que podéra ter sido, em tão facil genero, aos 25 annos, aquelle que, aos 50, achava, na palheta da sua imaginação, tão valente colorido. Cada um d'esses 700 versos contém uma imprecação, qual a qual mais exagerada e hyperbolica; nunca a raiva se-formulou. . . em tão numerosas reminiscencias historicas e-mythologicas. Imparcialmente confessaremos que esse libello infammatorio, sui generis, não tem ponto algum de similhança com as *satyras* dos contemporaneos do poeta; é um *autem genuit* de pragas e maldicções, muito sábias e muito desnaturaes. N'esse estylo, como em todos, Ovidio abusava da sua erudição, da sua facilidade; parece-nos que o *coração*, quando vibra placido ou ferve apaixonado, não tolera á *cabeça* vir intrometter-se em negocios que lhe não pertencem; sentimentos brandos, odios profundos teem linguagem

Digitized by Google

propria, antipoda dos arrebiques, dos ingenhosos affeites, das imagens multiplicadas e violentas, da profusão de ornatos, de trocadilhos e de sabedorias intempestivas, que regelam o sentimento, e fazem suspeitar um affecto a frio, ou uma dor ficticia. N'este poema, unico ensaio do poeta em tal dicção, esse defeito nos-impressiona; pena é que não cumprisse a palavra de dar segunda satyra, que naturalmente sahiria mais perfeita. Suspeita-se, com bons fundamentos, ter sido Hygino, bibliothecario do imperador, o heroe d'essa epopea da perfidia.

As Tristezas formam 5 livros, compostos nos primeiros 3 annos do desterro. Essa obra é verdadeiramente uma collecção de elegias e cartas a sua mulher e a muitos de seos amigos, sendo assombroso como um pensamento unico poude encontrar tantos mil modos de formular-se! A ância de regressar a Roma faz-lhe invocar Augusto, e os deuses, e os homens, e os elementos. Servilismo asqueroso, descripção das regiões que pisa, saudades das que deixára, tal o thema, que n'esse livro se-varía. Quão outras são já essas poesias! quão remotas d'aquelles roseos dias festivos, ensopados em felicidade, embebidos de amor! quão lugubre, monotono, tristonho o soar d'aquella, outr'ora esplendida, lyra! Dissereis campanario, que doidejára alegres sons em nuptias e festas, hoje tocado por mão de spectro, para dobre de finados!

Os 4 livros Do Ponto tractam exactamente o mesmo argumento; egual versificação, egual methodo; similhante descripção de seos males, identicos protestos aos amigos, os mesmos rogos a elles e á mulher.

Digitized by Google

Tambem d'essas epistolas não pensou o poeta em formar um livro methodico, disposto por ordem chronologica, pois declara têl-as encorporado em livros, ao acaso, sem ordem nem rasão, e assim como debaixo das mãos lhe-cahiam.

O poema TRIUMPHO DE TIBERIO, composto nos ultimos annos de vida, não chegou até nós.

Segundo Plinio, é d'esse mesmo periodo o HALIEUTICON, especie de ichtyologia, ou talvez de historia natural dos peixes ; nem todos concordam em que seja de tal auctor o fragmento existente.

Outro poema Os LOUVORES DE AUGUSTO, ou antes sua apotheose (pois foi escripto depois da morte do imperador) elevava aos céos toda a familia cesarea : Tiberio, Livia, Druso e Germanico; era esse em idioma gothico.

Finalmente, pouco antes de falecer, foi publicado o poema dos FASTOS, aliás começado em Roma. E' ainda uma das mais importantes producções da musa latina. O seo plano consagrava um canto a cada um dos mezes do anno, embrechando assim a historia da lithurgia. Dava a etymologia do nome do mez ; depois os dias festivos n'elle commemorados, com a origem, ritos e cerimonias d'essas festas ; tudo entremeado de fabulas e historia, e de incidentes perfeitamente ligados ao assumpto, seguindo-se as noções astronomicas, taes como a sciencia mais adiantada no seo tempo as-comprehendia; e nem mais podêmos exigir quando vemos o seo quasi contemporaneo, Lucrecio, dando ao sol o tamanho que os nossos sentidos lhe-attribuem ! Apenas os seis primeiros mezes passaram á posteridade,

Digitized by Google

sendo duvidoso si jamais Ovidio escreveu a restante parte dos Fastos. Conjectura Heinsio que si foram compostos, estavam ja perdidos no principio do 4.° seculo, visto que Lactancio nas suas *Instituições divinas*, só dos seis primeiros livros sacou as citações que fez d'aquelle Flos Sanctorum da antiguidade. N'esta obra, diremos, com Bayeux, que Ovidio, apoderando-se de tão esteril assumpto, provou que nunca o genio é escravo; e que longe de arrastar-se friamente com o objecto dos seos cantos, comsigo o-eleva, com seo fogo o-escalda, enriquece-o com a sua fecundidade, engrandece-o até á medida da sua alma, ou antes o-cria, dando-lhe existencia nova. E com effeito ahi tinha Ovidio a encobrir a aridez dos pormenores, e para logo se-soccorreu a formosas descripções; — tinha que interromper a uniformidade da ordem, e de mil admiraveis episodios surgiu a variedade — tinha que alegrar a severa majestade do culto, e risonhas digressões vieram temperar a austeridade religiosa. Bart. Morisotto commetteu icariamente a ardua empresa de completar os *Fastos* com os restantes seis livros de sua composição.

Custa pois a comprehender sobretudo de que maneira n'um homem se-reuniram, em gráu tão eminente, duas qualidades que costumam ser entre si exclusivas; a saber: — imaginação creadora, rapida, facil, agradavel, voluptuosa; e paixão pelos estudos mais arduos, geographia, historia, mathematica, historia natural, philosophia, antiguidades, theologia etc. (*) Não

(*) Não nos-podêmos eximir a transcrever a notavel appreciação de

Digitized by Google

se-comprehende como o auctor das *Heroides* e dos *Amores* seja o auctor das *Metamorphoses* e dos *Fastos*; ou mesmo como o que foi capaz de urdir, estudar, e concertar os innumeraveis objectos d'estes dous ultimos poemas, foi capaz de os-executar com aquelle frescor e amabilidade. Nos versos d'este poeta, todos os paladares acharão manjar; — o heroe admirará os horrores das suas batalhas — o amante as ternas commoções da sua alma — o philosopho a penetração e estudo da natureza — o poeta a fluencia do numero, e a expressão das figuras — o homem serio principios de moral — o talentoso mil applicações de ingenhoso espirito. N'esse tempo, ainda se não tinha promulgado a lei das incompatibilidades entre o talento ama-

---

Daniel Heinsio, no livro: *De constitutione tragediæ secundum Aristotelem*; exprime-se assim:

— Omnes Ovidius transcendit, sive falsa probabiliter, sive obscura perspicue, sive utraque ornate, sive omnia simpliciter sint exponenda.

Falsa, ut in Metamorphosi. Obscura, ut mathematica, et antiquitatis arcana, in Fastis. Quæ ad mores pertinent, ubique. Etiam cum ludit aut lascivit. Idque verbis et oratione vulgari. Ut et dicat quæ velit, et doceat quæ quisque intelligat. Tam admirabili felicitate ut cum quivis idem posse videatur, nemo possit; nemo, nisi magni animi et excitati, tentare idem ausit; sapientes etiam desperent. Ubique sententiæ, ubique loci communes: de ignavia, de disciplinis, brevitate formæ, opum contemptu. Neque semper falsa narrat. Ut in opere jam dicto, in quo plurimas historias exponit, ut Lucretiæ. Nam quid cum simplicitate illa comparandum? quam indocti et rustici fastidiunt; urbani et ingenui sine ulla imitationis spe adorant. Ecce celeritatem:

Nox superest! Tollamur equis, urbemque petamus!
Dicta placent; frenis impediuntur equi.

Pertulerant dominos; regalia protinus ipsi
Tecta petunt; custos in fore nullus erat.

Digitized by Google

vel e a sciencia funda; é moderna a sentença d'esse divorcio.

Que seria porem si a um só genero se-houvesse applicado! Diz Pascal: « Por mais vasta que a extensão do espirito seja, não é dado, dispartindo-o, concentrál-o. Quando amor e sciencia se-encontram junctos, não são grandes sinão por metade do que poderiam ser. »

Passaremos aqui por sobre outras muitas obras do mesmo poeta, ou que lhe-foram attribuidas (supprimindo ainda algumas decididamente indignas de Ovidio): — PHENOMENOS DE ARATO (*),

---

Nullus equus, ac vix cogitatio humana, hanc celeritatem adsequatur. Tale est illud:

Sic sedit; sic culta fuit; sic stamina nevit;
Injectæ collo sic jacuere comæ.
Hos habuit vultus; hæc illi verba fuerunt;
Hic color, hæc facies, hic nitor oris erat.

Numerorum autem tanta in hoc scripto, cujus partem alteram habemus, paritas, simplicitas, ac invidenda suavitas, ut, quid magni viri velint, cum mutari quosdam posse existiment, neque ipsi, nisi fallor, neque nos intelligamus. Nondum enim cuiquam id probarunt, cum in simili scribendi genere versati sunt. Libri Tristium, et qui De Ponto inscribuntur, quo ab omni affectatione magis alieni sunt, eo magis commendari juventuti debent. Et ubique latinitas, vel inter prima. Ut non temere Muretus, quo, post litteras renatas, nemo sine affectatione elegantius scripsit, quemdam, qui auctori tanto hanc detraheret, prodigii instar, ovis et sulphure lustrandum existimet. Natura ejus viri, candor, ingenuitas, velocitas, quæ in narrationibus potissimum elucet, supra votum est.

(*) Sob o mesmo titulo: *Phenomenos de Arato*, existe outro poema attribuido a Rufo Festo Avieno. Do de Ovidio, transmittiu Lactancio á Posteridade só estes versos:

Digitized by Google

EPIGRAMMAS (V), SOBRE OS POETAS DETESTAVEIS, VATICINIOS, DECLAMAÇÕES (**), CONTROVERSIAS, SUASORIAS ETC.

Tot numero, talique Deus simulacra figurâ
Imposuit cœlo ; perque atras sparsa tenebras
Clara pruinosæ jussit dare lumina nocti.

e Probo :

Pleiades ante genu septem radiare feruntur,
Sex tantum apparent ; sub opacâ septima nube est.

(V) Eis os destroços que d'essa mole de epigrammas restam :

— Cur ego non dicam, Furia, te furiam ?

— Ride, si sapis, ó puella, ride !
Pelignus, puto, dixerat poeta.

— Larte ferox cœso Cossus opima tulit.

Finalmente, em antigos codices, apparecem attribuidos a Ovidio os dous seguintes :

— Jam nitidum liquidis Phœbus jubar intulit undis ;
Emeritam renovans Tethyos amne facem.
Astra subit niveis Phœbe subvecta juvencis,
Mitis et æthereo labitur axe sopor.
Adludunt teneri tremulis cum matribus agni,
Lacteolasque animas lacteus humor alit.

— Cum foderet ferro castum Lucretia pectus,
Sanguinis et torrens egrederetur, ait :
Procedant testes me non placuisse tyranno,
Ante virum sanguis, spiritus ante Deos.

(**) O unico pedaço que de Ovidio existe, em prosa, foi-nos legado por Seneca (*Controv.* X) para o fim de nos-fazer conhecer a maneira e o estylo de Ovidio, na *declamação*. Transcrevemos esse trecho, em latim mesmo, para completamente se-appreciar aquelle estylo, e maneira ; e quanto promettia, quem, aos 17 annos, assim improvisava !

O argumento era : — « Tendo marido e mulher mutuamente jurado « que si a algum d'elles sobreviesse successo fatal, o outro morreria, « partiu o marido para longe, e mandando á mulher um proprio a « annunciar-lhe que seo marido fallecêra, a mulher precipitou-se ; « porem não sendo a queda mortal, ordena-lhe seo pae que se-des- « quite ; recusa ; é desherdada. » Tal o argumento que inspirou a declamação, de que trasladâmos a parte, que se-conserva :

Digitized by Google

Art. XXXII.

Attentas as innumeraveis disciplinas a que se-appli-

« Quicquid laboris est, in hoc est, ut uxori virum, et viro uxorem diligere concedas. Necesse est deinde, jurare permittas, si amare permiseris. Quod habuisse nos jusjurandum putas? Tu nobis religiosum nomen fuisti. Si mentiremur, illa sibi iratum patrem invocavit, ego socerum. Parce pater, parce socer! non pejeravimus. Ecce objurgator noster, quam effrænato amore fertur! quanquam esse filiam preceris; earum quidem, quod illum ab indulgentia sua avocet. Dî boni! quomodo hic amavit uxorem! amat filiam et abdicat: dolet periclitatam esse, et ab eo abducit, sine quo negat se posse vivere; queritur periculum ejus, qua pœne caruit hic, qui amare caute jubet. Facilius in amore finem impetres, quam modum; tunc hos ponis terminos, ut nihil faciant, nisi considerate; nihil promittant, nisi ut jus facturi; omnia verba ratione et fide ponderent? Senes sic amant. Pauca nosti, pater, crimina; et litigavimus aliquando, et decidimus; et fortasse, quod non putas, pejeravimus. Quid ad patres pertinet, quod amantes jurent? — Si vis credere, nec ad Deos pertinet. Non est quod tibi placeas, uxor, tanquam prima peccaveris; periit aliqua cum viro, periit aliqua pro viro! illas tamen omnis ætas honorabit, omne celebrabit ingenium. Fer, socer, felicitatem tuam; magnum tibi quam parvo constat exemplum! in reliquum diligentiores facti sumus; errorem nostrum confitemur; exciderat jurantibus, esse tertium qui magis amaret; sic, Dî, sit semper! Persevera, socer, recipe filiam! Ego, qui peccavi, pœna dignus sum. Quare uxore necatâ, socero causa sim orbitatis? Discedam e civitate! fugiam! exsulabo! utcumque potero, desiderium misera et crudeli patientia perferam. Morerer, si solus moriturus essem. »

Estas declamações eram exercicios, muitas vezes sobre argumentos imaginarios, a que se-applicavam os mancebos destinados ás profissões do foro e da eloquencia. Um antigo codex, de Pomponio Leto, cujo apographo existe no Vaticano, diz: — Ovidio era muito ingenhoso e declamava admiravelmente; sendo egual no verso e prosa.

Tambem existe, de Cesto, doctissimo contemporaneo de Ovidio, a seguinte versão acerca d'este. Tendo Ovidio, n'uma Declamação, proferido esta sentença: — « Era elle, a um tempo, alimento e damno de si proprio » foi-lhe Alfio Louro á mão, com dizer-lhe: — Amigo! parece-me que estudas muito pelos poetas. Esse conceito assi- « melha-se com os d'aquelle, que tanto tem enchido o nosso seculo de « preceitos amatorios como de conceitos. » Ovidio tinha tambem dito, nas *Metamorphoses:*

Ipse suos artus lacero divellere morsu
Cæpit, et infelix minuendo corpus alebat.

Digitized by Google

cou, não sabemos si, mais que a valentia de sua feracissima imaginação, não deve admirar-se a vastidão de seo saber; era sua intelligencia um estupendo repositorio de sciencias, artes e lettras; um pantheon litterario; si a tradição nol-o não revelasse, bastaria a leitura das poucas obras suas que restam, para demonstrál-o.

Ostenta-se, nos *Fastos*, o astronomo, explicando elegantemente o systema planetar.

N'essa obra, nas *Metamorphoses*, em todas suas producções, maravilha a sua sciencia da lithurgia grega e romana.

Quanto á theologia, tambem superabunda n'esses livros.

Versadissimo nos systemas philosophicos de Empedocles, Heraclito, Pithagoras.

Sabedor de medicina, como mostra em varias partes, especialmente do *Ponto*, e do *Remedio d'Amor* (*); de botanica (sobretudo *De medicamine faciei*); de historia natural (*Halieuticon*) (v); de agricultura (*Remedio de Amor*) *etc.*

(*) Passava, até entre os seos contemporaneos, por distincto medico. Plinio, o Naturalista, nascido ao tempo em que Ovidio fallecia, fala d'elle n'este sentido, attribuindo-lhe até a invenção de medicamentos. Tractando da angina (XXX. 12.) diz que não ha remedio mais prompto do que o *descoberto pelo poeta Ovidio:* Decocção de fel de pato com mel e elaterio (pepino de S. Gregorio), misturado com miolo de coruja e cinza de andorinha — *Anginis felle anserino cum elaterio et melle citissime succurritur; cerebro noctuæ, cinere hirundinis, ex aqua calida poto. Hujus medicinæ auctor est Ovidius poeta.*

(v) Plinio, no seo *Tractado dos Peixes* (XXXII. 54), e seos habitos, aponta grande numero, que Ovidio denominou e descreveu, e que nunca auctor antes d'elle tinha mencionado, accrescentando. —

Digitized by Google

Foi elle emfim um dos derradeiros e primorosos mestres da doiosa lingua (*), que para logo se-foi indo, de foz em fora, começando, pela sua decadencia, a preparar o dia, ja então proximo, em que, sem jamais morrer, que fora impossivel, passaria comtudo a ser lingua morta.

E foram as obras de genio tal, essas que deviam contribuir para a immortalidade do nome romano, que os romanos do seo tempo condemnaram, com seo auctor, á proscripção! Mandaram-se expurgar d'ellas as tres bibliothecas publicas, no seculo de Augusto, e por ordem de Augusto.

É sorte dos Prometheos; quando roubam fogo do céo, acham um *divi filius*, que os-prenda, e lhes-mande roer as entranhas. Em compensação porem da negra ingratidão official, não o-esqueciam os cidadãos. O seo busto adornava muitas moradas. Cavalheiros e damas, até no tempo de seo desterro, traziam a imagem d'elle, laureada a fronte, em custosos anneis.

« Talvez que essas especies pertençam ao Ponto-Euxino, onde, nos ultimos tempos de sua vida, o poeta começou este livro. »

Cuvier, na sua *Historia Natural dos Peixes*, observa quão distincta obra é o *Halieuticon*, onde se-acham os nomes de 53 especies de peixes, então conhecidas.

Confessemos porem que ha criticos modernos que suppõem ser Gracio Falisco o auctor d'esse poema; talvez unicamente por ter este escripto o *Cynegeticon*.

(*) Cifanio diz: « Ovidio não é latino, mas a latinidade em pessoa; não sacerdote das musas, mas o proprio numen d'ellas. Quanto á lingua latina, confessam unanimes os eruditos, que si ella se-afundasse, permanecendo só os escriptos de Ovidio, por esses poderia facilimamente reconstruir-se. »

Digitized by Google

Art. XXXIII.

È Ovidio ingenhosissimo e naturalmente dotado de rara e incrivel facilidade, por quanto aquillo mesmo que o seo talento lhe-suggere, mais artificial e exquisito, com tal simplicidade se-lhe-deslisa sempre, que um leitor qualquer sonhará podêr fazer outro tanto, sem mais recursos que os da natureza. Nunca lhe-faltam, em prodiga abundancia e variedade, os donaires de uma nativa graça; e nem se-julgue que tantas riquezas, elle as-adquirisse, mendigando-as de fora; não mendiga quem bem póde esmolar.

São n'elle essas riquezas em tamanha cópia, que mais vezes vos-sentirêis tentados de podar a demasiada pompa do estylo, que não de junctar-lhe o minimo adôrno.

Com tudo estes dotes, tão decantados, do seo genio, não são, pôsto grandes sejam, o que n'elle por excellencia brilha. Extrahem todos sua formosura e suavidade de um não sei quê sem nome; de um fundo natural, singelo e admiravel, de brandura e urbanidade, que parece ir cada vez a mais, cada vez a melhor; sempre mais viçoso, mais festivo sempre; d'onde resulta que, prescindindo de todos os atavios da dicção e do interêsse dos assumptos, inda lhe-fica um que quer que seja, que deleita, nos-captiva, e insensivelmente, e máo-grado nosso, após a sereia nos-arrasta.

Ovidio não se-tinha aprimorado, com tamanha ambição, em toda a casta de estudos, quer nos das artes, quer nos da moral, com o intuito de grangear os respeitos, ou de impôr, por uma vã loquacidade, como

Digitized by Google

tantos costumam; porem tornou (e é isto o essencial) todas as qualidades raras tão suas, tanto as-tinha sempre á mão, e tão gravadas as-trazia no espirito, ja de natureza optimo, que a candura, a inteireza, a benevolencia, e outras que taes eminentes qualidades, ainda hoje parecem sahir da sua bocca, e inspirar-lhe as palavras que emprega.

Art. XXXIV.

Mas porque não succeda que algum temerario venha, com argucias de má fé, ou alcunhar de negligencia a sua facilidade, ou sua arte de arrebiques — ou para que não calumnie (o que seria mais desleal) as suas virtudes, pondo-lhes pexas, si lh'as-damos por naturaes; pondo-as, da mesma sorte, si dizemos que as-adquiriu pela reflexão e pelo estudo — anticipadamente lhe-respondemos, que no estyllo de Ovidio andam tão emparceiradas diligencia e facilidade, e que as suas riquezas adventicias tão manifestamente se-lhe-derivam dos dotes da alma, que todo o leitor, á primeira vista, julga poder, sem impropriedade, attribuir a cada uma das suas boas qualidades o que é resultado da somma de todas, mas não assim á somma de todas, o que é peculiar a cada uma d'essas qualidades.

Como nas composições de Ovidio não transpira o cuidado e trabalho (que, si n'ellas intraram, foi com maravilhoso disfarce) poderá haver praguento, que, unicamente nascido para esses esforços e tractos, opertenda por isso criminar; mas assim confessará, a

Digitized by Google

seo despeito, que todos os dotes felizes, não exceptuando a elegancia da arte e uma sabia negligencia, foram riquezas do seo inexgotavel thesouro.

A maravilhosa facilidade d'este quasi improvisador faz com que, impaciente de obstaculos, nunca se-demore a contrapesar qual, entre as muitas expressões que a mente lhe-suggere, deva preferir; para elle, tanto em phrase como em imagem, é a melhor, aquella que mais prestes lhe-permitte adejar em seo rapido vôo. (*)

(*) E' frequente a censura de que o poeta não sabia decotar, do tronco da sua idéa, os ramos, esgalhos, renovos e garfos que o-encobrem, lhe-roubam a seiva e o-estragam. Dizem que, quando a imaginação começa a liberalisar-lhe comparações, faz lembrar o verso de Boileau:

Et je m'echappe àpeine à travers les jardins.

Occorre-nos porém o preceito do nosso Filinto (no seo Sonho):

Alem de que não damna á claridade
Um simile de mais, si vem frisando.

Nunca se-censuraram em Virgilio passos taes, que não deixam de ser frequentes; por ex:

Sive inde occultas vires, et pabula terræ
Pinguia concipiunt, sive illis omne per ignem
Excoquitur vitium...
Seu plures calor ille vias...
Seu durat magis... etc.

Assim nos-pinta tambem a furia de Turno:

Ac veluti montis saxum de vertice præceps
Cum ruit avulsum vento, seu turbidus imber
Proluit, aut annis solvit sublapsa vetustas,
Fertur in abruptum magno mons improbus actu,
Exultatque solo, sylvas, armenta, virosque
Involvens secum ——— etc.

Digitized by Google

Cada assumpto e argumento, sôbre que Ovidio se-espraia, determina o *estyllo e o modo*; e pôsto que em nenhuma parte deixe de ser corrente, copioso, variado, apparece com tudo, sempre, quando é mister, aquelle character, que está sollicitando a natureza das cousas de que tracta — ou de esplendor (sendo n'esse genero que ainda mais primou)—ou de brandura. Não ha um disticho, não ha um verso de Ovidio, que não traga a assignatura do seo nome, a marca do contraste.

Note-se porém uma circumstancia importante: os similes de Ovidio são numerosos, mas sempre frisantes, curtos, e deixando alguma impressão na mente; é um luxo calculado, um fasto economico; raro se-arranca a attenção da narração principal; raro se-interrompe a unidade do poema; raro surge a palavra ociosa, rarissimo o disticho parasita.

Todavia não iremos totalmente de encontro á reprehensão de longuras. Quando se-trabalha para a eternidade, deve esse trabalho ser vagaroso: *diu pingo, quia æternitati pingo;* os Du Pradell (os *stantes pede in uno*) assombram ouvidos, mas não duram alem-campa. Não se-illuda quem não for Ovidio com o exemplo de Ovidio. Ha verdade n'aquelles versos da Elegia ás Musas, de F. Dias Gomes:

Ingenho, arte, sciencia, e mais que tudo
Gosto subtil, meditação profunda,
Contra o tempo lhe-tecem firme escudo.

Trabalho e correcção pura e jucunda
Formam tão gloriosos monumentos
N'uma imaginação viva e fecunda,

Que aquelles repentinos movimentos
De lutulenta enchente, ao vulgo grata,
Não são das irmãs nove altos portentos.

Só de nocturnos phosphoros de ingrata
Pallida luz são fatuos resplendores,
Cujo, ser ao não ser, não se-dilata.

Digitized by Google

A suprema elegancia do poeta era accompanhada por outro, egualmente inestimavel, dote (quasi diremos virtude), a *clareza*; ha tantos pontos de contacto entre o character de Ovidio e o dos modernos parisienses, que no genio d'elle devia necessariamente descobrir-se a tendencia para a principal qualidade do idioma que estes usam. Quando se-possue bem o seo assumpto e a sua lingua, a idea se-exprime clara, sem precisão de periphrases nem explicações; mas quando manqueja o pensamento ou o vocabulo, o leitor vê a luz ir-se apagando, o periodo lançar fumo emvez de chamma, e em logar de ser a proposição pintada com as palavras, fica nas palavras afogada; a fórma torna-se verbosa, nada representa, e o leitor, ensurdecido por vaõs sons, escuta um sino que toca, e não uma voz que fala.

E essa palavra, essa idea, essa imagem, apenas evocada por este Aladino, surge instantanea, obediente, escrava. Dirieis aquelles genios, rapidos como o relampago, que, nas maravilhas do Oriente, punham á disposição do dono do annel, ou da lampada, succulentos manjares, deliciosos fructos, vinhos primorosos, ouro, prata, diamantes, rubis, perolas, joyas raras e bellezas fieis.

Ha quem o-censure de superabundancia de mythologias. O mesmo se-póde imputar aos melhores poetas eroticos romanos, mormente áquelles a quem, por isso, e por seo hellenismo, denominavam *doctos*; mas em nenhum foi este sestro tão explicavel. Considerado á luz d'aquella theogonia, ostentou-se Ovidio quasi fundador da religião, supremo sacerdote seo, seo legislador, Moisés da fabula e da mentira; cumpria que suas obras mostrassem, a cada passo, o cunho do grande theologo. Para o-avaliarmos, esque-

Digitized by Google

çamos que nenhum vinculo tal nos-liga, hoje, ao poeta!

Todos os attributos que philosophia, rasão e crença, reconhecem, hoje, no Deus uno, omnipotente, creador, conservador e regulador do universo, scindia-os a mythologia popular em outras tantas divindades especiaes. A essa infinidade de deuses accresciam outros tantos, chefes de patrulha intellectual e moral, inspectores de negocios puramente humanos, fiscaes de affectos e mortaes divinisados.

N'aquella sociedade, auctor e leitores fingiam accreditar em tão absurdas, mas tão pitorescas ficções. Concedamos que esses Genios da Grecia eram extravagantes, loucos, insensatos; mas, para a poesia, vale acaso nossa rasão aquelle scintillante delirar?

Phantasiosas chimeras, ingenhosas falsidades, sympathicas invenções, colorindo a natureza, matizando-a, bordando-a, mergulhando o homem n'um *Pater Ether*, n'um Olympo universal, que o-fazia falar com deuses, sentir, pensar, sempre com divindades, devia elevar a humanidade acima de si mesma; e tão vastos terrenos da imaginação eram desde logo naturaes dominios da poesia. Religião, que, em todos os actos, palavras e sentimentos, se-manifestava, muito não é que, na expressão d'esses sentimentos, palavras e actos, a cada passo se-patenteasse.

Fora absurdo exigir, pois, que o poeta supprimisse as cores appropriadas ao seo quadro, ou se-convencesse de verdades, inda então mal conhecidas. Fora preciso que nascesse alguns seculos mais tarde,

Digitized by Google

para, similhante ao Justo (da ode, do marquez de Paranaguá), caminhar

Co'a planta firme, os olhos sempre fitos
No facho luminoso
Da portentosa Torre, que entre as nuvens
Esconde a excelsa grimpa,
E descobre os sem-fins da Eternidade!

Art. XXXVI.

A'excepção de uma de suas obras, foram todas escriptas na medida elegíaca; e maravilha a consummada habilidade com que, em cada disticho consecutivo, poude sempre, sem apparencia de esforço, completar um sentido inteiro; raras vezes se-precisa passar alem do hexametro e pentametro, para comprehender todo o pensamento do poeta; e não obstante, cada uma de suas poesias, por mais longa que seja, é impeccavel em unidade!

É esse um dos segredos da intraductibilidade de Ovidio, em qualquer idioma que não seja dos mais afinados de romana genealogia; portuguez, hispanhol ou italiano. Poesia tal não se-imita em prosa; e para o verso não se-presta a exigencias taes a construcção mechanica das outras linguas, obrigadas a longas periphrases e paraphrases, ainda assim destructivas da simplicidade e belleza do orígional (*).

(*) Em inglez, por exemplo, as mais eminentes pennas hão tentado esse herculeo trabalho, ficando muito aquem da empreza; todavia

Digitized by Google

Art. XXXVII.

Imitou sem duvida muitos dos que, na litteratura grega, e na propria romana, o-haviam prece-

---

entre os traductores de Ovidio conta-se a pleiada dos primeiros poetas britannicos: Dryden, Addison, Congreve, Rowe, Gay, Ambrosio Phillips, Garth, Croxall, Sewell, Sandys, Clarke, Quarles, Caxton, Peend, Golding, Turbervile, Underdowne, Churchyard, Marlow, Beaumont, Purfoot, Saltonstall, Catlin, Gower, Stapylton, Hall, Jones, Hoy, Radcliffe, King, Fenton, Duke, Oldham, Harte, Pattison, Stirling, Hughes, Prior, Forbes, Jamieson, Fielding, Browne, Pope, Massey, Keene, Barrett, Daintrey, Rogers, Green, Ewen etc.

Em allemão, ha traducções de Ovidio por Albrechten, Raben, Spreng, Schochen, Seyp, Abel, Schmid, Menke, Winklern, Broestedt, Sedlezki, Lindner, Saft, Haymann, Goetzen, Knoll, Kirckhoff, Nassgott, Schlûter, Spalding, Gurlitt, Bûcher, Posselt, Starcke, Rode, Voss, Haymann, Strombeck, Schaber, Becher, Heynemann, Thyme, Overbury, Sherbune, Gower, Jones, Wolferston, Radcliffe, Orger, etc,

Em flamengo e hollandez Mander, Ghistele, Floria, Hooft, Florianus, Cabeliau, Vermander, Westerbæn, Vondel, Havart, Valentyn, Du Ryer, van Haps, &

Em dinamarquez Rose, Falster, Wedel, Fleischer, Bredal, Sahl, Schytt, &

Em polaco Przybylski, &
Em sueco Reenstiernius, Regner &
Em grego Huecio, Trivizano, Utenhovio &
Em russo Blaikow, &

Nada mais copioso que as traducções de Ovidio em francez; haas de Mansion, Verard, St. Gelais, Marot, d'Amboise, Habert, de la Vigne, Colin, la Fontaine, Baif, Le Blanc, Du Bellay, Ste. Marthe, Bonfons, Cotel, Le Loyer, Turquet, Deffrans, Bartas, Ruyr, Gaspard-Bachet, Du Perron, Desportes, De la Brosse, De Lingendes, Hedelin, Colletet, Massac, Renouard, Piard, Percheron, Nasse, Binard, Bachet, Bellefleur, Trippault, Richer, Du Ryer, Marolles, Nicole, Loutaud,

Digitized by Google

dido; porem cem vezes antes tal imitar de Ovidio, que o inventar de muitos alcunhados genios. A avara mão do tempo nos-privou dos meios de comparar, mas ainda para muitos vatés de primeira plana, facil

---

Bourdin, Corneille, Barrin, Benserade, Maucroix, Martinière, Martignac, Bellegarde, Grammont, Montchesnay, Lezeau, Meziriac, Boillot, Blainville, Richer, Kervillars, Tyssot, Beaumarchais, L'Heritier, St. Jorry, Frédéric II, Fontanelle, Saintange, Bayeux, Massilian, St. Amand, Grainville, Poncelin, Marsys, Malfilâtre, Loyserolles, Bouffers, Richerolle, Villenave, Burette, Chiappuyzi, Charpentier, Gros, Héguin de Guerle, Mangeart, Vernadé; dos collaboradores das collecções Panckoucke e Nisard etc. Nota graciosamente um biographo o seguinte: « Admirar-vos-hieis (si esquecesseis ter sido o clero, por « diuturno lapso de tempo, em França, o unico corpo sabio) de que « á egreja devessemos quasi todos os traductores d'este poeta erotico; « um cardial, varios bispos, muitos padres! »(Tambem traduziram Ovidio em portuguez um frade missionario, outro oratoriano, Fr. José do Coração de Jesus e Candido Lusitano.)

Em italiano, são egualmente numerosas as tentativas ovidianas. Anguillara, Maretti, Monticello, Bonsignore, Riessinger, Florencio, Sessa, Bindoni, Pellenegra, Rusconi, Spirito, Figiovanni, Agostini, Dolce, Piccolomini, Cautio, Blado, Pasini, Regiano, Sirena, Serraglio, Turchi, Horologgi, Ingegneri, Morigi, Camilli, Perugino, Venier, Bellausa, Valdera, Pona, Michiele, Langhi, Rodolfino, Bussi, Vernice, Clodio, Tagliazucchi, Regiano, Buzzi, Salandri, Sacchetti, Villa, Pasole, Frassoni, Argelati, Culza, Soranzo, Gallerone, Acanzio, Bondi, Morosini &

Em hispanhol umas ou outras das obras de Ovidio foram vertidas pelo Licenciado Vianna, Sigler, Francisco Alegre, Felipe Mey, Luis Hurtado, Lud. Carillo y Soto-mayor, Seb. de Alvarado y Alvear, Diego Suarez de Figueroa, Antonio Perez, Esteban Pietres, Diego Mexico, J. de Jauregui, Cueva, &

Em portuguez, muitas diligencias preciosas hão sido feitas, não só pelos ja citados Alfeno e Candido Lusitano, por Bocage e Castilho Antonio, mas tambem por Miguel do Couto Guerreiro, Filinto Elysio, e outras menos auctorisadas pennas. (Consta-nos porem que, entre os valiosos ineditos do Sr. Theophilo Ottoni, ha traducções de Ovidio, em verso.)

Digitized by Google

ficou a confrontação. (*) Qual a verdadeira significação de rhapsodista, dada a Homero? Não imitou Virgilio a esse Homero, a Theocrito, Hesiodo? Catullo a Sapho e outros? Phedro, a Esopo? Valerio Flacco a Pindaro? Propercio aos gregos, e ao proprio Horacio? Plagiarios d'essa ordem reconciliam com a imitação. E todavia é evidente que menos poz Ovidio a mira em egualar modelos, que em agradar, por fórmas novas, a um povo, saciado de obras-primas.

Essas imitações (que muito mais numerosas se-revelariam, caso não houvesse o roedor tempo consumido muitas das fontes a que incontestavelmente recorreu) eram usuaes. Não só porém se-deixou Ovidio influenciar pelos grandes escriptores de Grecia e Roma, como pelos solos, que em suas peregrinações calcou.

(*) A raça dos plagiarios é de nobilissima styrpe, pois se-perde na noite dos tempos. E' curioso o que Plinio nos-expõe, no Prefacio á sua Historia Natural:

— « D'esta minha disposição de animo vos-dou documento, no exhibir, logo á testa do meo livro, o nome dos auctores que compulsei. A decencia e dever nos-impõe, ou muito me-engano, proclamar os beneficios que de outros recebemos; mas o caso é que al fizeram a mor parte dos que manuseei. Saibam todos os que o presente virem, que, no concertar os escriptores entre si, vim no conhecimento de que os mais afamados e os modernos transcreviam os antigos ad verbum, sem os-citar; não com o valor de um Virgilio, para rivalisar na mesma arena; não com a singeleza de um Cicero, que—ora no seo livro *da Republica*, se-declara imitador de Platão—ora na *Consolação da morte de sua filha* nos-diz: *Segui Crantor*—ora ter tido em vista Panecio, no livro *dos Officios*, — producções, todavia, bem o-sabeis, que nos-devem quotidianamente andar em mãos, e fixar-se na memoria. Só de alma invejosa e infezado ingenho é proprio preferir ser colhido em furto, a restituir o emprestimo, que, aliás, mais dia, menos dia, ha de ser pago, capital e juro. »

Digitized by Google

A sua viagem a Troya o-incitou a escrever a Gigantomachia, impressionado, como terá ficado, por aquella athmosphera epica. As Metamorphoses e Fastos serão devidos á residencia em Athenas, a sabia, a theogonista, a poetica. Amores, Heroides e Arte revelam aquella Roma, de Augusto, folgasã, namorada, sympathica, franceza dos nossos dias; versos harmoniosos como a musica; imagens risonhas como o céo; arrojos impetuosos como os Etnas; grandeza como a d'esse tempo; mocidade, vida, movimento como o de tão magicas regiões. Nas Tristezas e no Ponto, arrasta-se o metro, frio como esse gêlo, triste como essas plagas, como essa sociedade monotono, pesado como esse céo. Eis como as musas que o-inspiraram, da epopea, da tragedia, do lyrismo, da elegia, vestiram sempre o manto appropriado ás terras onde o destino o-arremessava caprichoso.

Art. XXXVIII.

Si lerdes as *Epistolas*, os *Amores*, as *Metamorphoses*, etc. convencer-vos-heis de que o seo auctor não podia deixar de ser um espirito elegante e amavel. Com quanto elle adapte a tudo seo talento e seo dizer, reconhece-se sempre a mesma penna; a cada cousa dá elle, do seo, tão magna luz, que todas ficam ostentando-se maiores que em realidade são; ainda assim, do meio d'ellas, e maior do que ellas, surge o poeta, que parece, de certo modo, ser quem lhes-communica essas galas de que se-revestem.

Digitized by Google

Art. XXXIX.

Denomina-o Marmontel

Enfant gâté des muses et des grâces,
De leurs trésors brillant dissipateur,
Et des plaisirs savant législateur.

E com effeito, quem tractou nunca, mais mimosa e namoradamente, aquelles elegantes nadas, que dão todo o valor ao commercio com o bello sexo? quem descreveu, com mais amavel leviandade, todos os paradoxos e incertezas do amor? quem mais altiloqua e appropriadamente os assumptos serios? Quem quer que libar os seos mellifluos escriptos, deve para logo reconhecêl-o como poeta inimitavel no seo genero; poeta amante e amado; amado sim, porque a sua alma, formosa e sympathica, transparece em suas obras.

Art. XL.

Por ter em grande parte mudado (oh! si sempre melhorado o não diremos nós) a maneira poetica e a litteratura de nossos dias, em nada diminue o respeito e a veneração pelos seos velhos cultores e mestres nossos. O latim foi-se degenerando, e mais ou menos abastardando, em italiano, francez, hispanhol e portuguez; foram os quatro povos, os que, inscia e providencialmente, vieram derrocando aquelle edificio magnifico, a que os Horacios auguravam eternidades. Os povos, n'estas obras, são como os lichens, os musgos,

Digitized by Google

as hervas e as plantas, que fendem e desconjunctam as cantarias, dão com as abobadas em terra, e sobre magnificencias devastadas estendem mortalha de terra vegetal, coberta de novas plantas, habitada de novos animaes, e séde para novos edificios e cidades. Quando debaixo dos pés o acaso faz surdir alguma ruina do mundo antigo, como ora appareceram (dizem) no Oriente os tumulos de Mithridates e Hippocrates, no acampamento de Soissons vestigios do exercito de Attila, em Arnal (junto a Leiria) um luxuoso pavimento de mosaico romano, esses verdadeiros thesouros guardam-se, zelam-se, como reliquias sacrosanctas do genero humano. Erguem-se, pois — sobre as ruinas das que foram — novas linguas, novas litteraturas, novas cidades, novas leis, novas instituições, novos homens; porem as antiguidades venerandas, as estrellas e os soes, sempre juvenis, teem por condão illuminar, com egual fulgor, todas as edades, todas as regiões.

Si, ainda hoje, o desenterrar uma reliquia romana excita a attenção universal; — si manusearmos um collar, uma medalha, um fragmento de urna, coeva dos senhores da terra, nos-emaranha o ânimo pelas mais aprasiveis phantasias, ? que não será o apanhar ás mãos, ver, palpar, e tractar uma das maiores almas d'esse tempo, recheada de todos os conhecimentos e ideas que então eram, e das saudades do que ja então não era?

A musa de Ovidio, nas suas obras romanas, considerada d'esta distancia, e por olhos costumados a um mundo mais positivo, mais material, mais calculado em formas de decencia, alembra a moça em quem ainda não carregam cuidados de casa, que só cogita

Digitized by Google

enfeites, que não sonha nem crê sinão amores, e que, com os reflexos da sua phantasia, doura, matisa, e embelleza todo o universo ; é grinalda das mais graciosas e perfumadas flores ; é rosicler de perolas custosas ; é collar de outra e melhor Golconda, collar de brilhantes, com raras jaças, exposto aos raios do sol, jaspeado de matizes e veios, deslumbrante de fogos.

Tal o grande homem, que cincoenta gerações unanimes nos-ensinaram a venerar.

FIM DO 4.° VOLUME DOS AMORES,

E 1.° DA GRINALDA OVIDIANA.

Digitized by Google

OS
AMORES,

DE

P. OVIDIO NASÃO.

PARAPHRASEADOS,

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO;

SEGUIDA PELA

GRINALDA OVIDIANA,

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

V

Digitized by Google

Rio de Janeiro. — Typ. de B. X. Pinto de Sousa.

Digitized by Google

A

GRINALDA OVIDIANA,

APPENDICE Á PARAPHRASE DOS

AMORES;

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA,

DO CONSELHO DE S. M. FIDELISSIMA;
FIDALGO CAVALLEIRO DA SUA REAL CASA;
COMMENDADOR DAS ORDENS DE CHRISTO E DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILLA VIÇOSA;
DOCTOR E BACHAREL EM DIREITO, MEDICINA E PHILOSOPHIA, PELAS UNIVERSIDADES DE COIMBRA, PARIZ E ROSTOCK;
PRESIDENTE DA COMMISSÃO DO NACIONAL E REAL ARCHIVO DA TORRE DO TOMBO;
EX-BIBLIOTHECARIO MÓR E EX-DEPUTADO ÁS CÔRTES EM VARIAS LEGISLATURAS;
TENENTE CORONEL;
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA;
MEMBRO DA SOCIEDADE REAL DOS ANTIQUARIOS DO NORTE;
DA ACADEMIA DE HISTORIA DE COPENHAGUE;
DAS SOCIEDADES PHARMACEUTICAS DO NORTE DA ALLEMANHA, DE SALZUFFLEN, E DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO DE PARIZ;
DO CONSERVATORIO REAL E DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO;
DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ NO RIO DE JANEIRO;
DO INSTITUTO HISTORICO DA BAHIA;
DO CONSERVATORIO DA MESMA CIDADE;
E DE OUTRAS SOCIEDADES SABIAS, &.

Tomo 5.°

RIO DE JANEIRO

PUBLICADA EM CASA DO EDITOR — BERNARDO XAVIER PINTO DE SOUSA.

Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

1858.

Digitized by Google

Digitized by Google

GRINALDA OVIDIANA.

§ 2.

(T. 1. p. 26 lin. 17) (Prologo.)

Amores.

Parece que, sendo o amor a unica paixão fundamental e essencial da natureza (e na qual não só se-encontram com a nossa especie todos os outros viventes sensitivos, mas até, de algum modo, os vegetaes), o nome de *amor*, em todos os tempos e logares, deveria exprimir a mesma idea.

Não succede assim. Como o aspecto dos paizes e das vegetações, o *amor* varía de latitude para latitude; como as creações do homem, transforma-se de seculos a seculos ; como os interêsses e os gostos, diversifica em cada individuo, segundo as revoluções da edade, da situação e da fortuna. Si, aos olhos da anatomia e da physiologia, o coração é sempre o mesmo, a sua paixão suprema apresenta, aos olhos do observador philósopho, contradicções, á primeira vista inexplicaveis.

Apressemo'-nos todavia a confessar que, no fundo íntimo d'este sentimento, cuja escalla, desde as raias da

Digitized by Google

indifferença até aos delirios das Phedras, e dos Werthers, é infinita, ha sempre, e universalmente, alguma cousa de fixo, e facilmente reconhecivel. Este *quid*, que serve de centro, e constitue a unidade a todos os modos de ser do amor, é, com franquesa o-digamos, nada mais, e nada menos que uma lei da natureza animal, um instincto providencial mas physico, e tão pouco sublime de si, bem que precioso pelos seos effeitos, que por quasi toda a parte os costumes teem cuidado em o-cobrir com os bordados, e mais ou menos espessos véos da linguagem figurada, ou com as reticencias, e as trevas.

D'onde veiu o vestir? dirêis que, em parte, da necessidade de abrigo, como a vivenda. Mas onde essa necessidade se não sentia, d'onde veiu aos filhos, e filhas das selvas o cinto de pelles, o sendal de plumas, e as folhas? D'onde o pejo que incende as faces, ao proferir, ou escutar uma primeira declaração namorada? D'onde o mysterio com que taes desejos se-resguardam, e mais se-resguardam ainda as suas realisações, e os seos effeitos? D'onde o ter feito a maledicencia, da mera suspeita de intelligencias ternas, o mais amplo, e muitas vezes o mais atroz capitulo das suas accusações? D'onde a veneração para com a virgindade, e o respeito á continencia? São outras tantas provas (e mais fortes e palpaveis se-poderam ainda adduzir) de que o amor é mais terrestre que espiritual.

Reconhecido como necessario e legitimado pelas leis, depois de recebido pelos costumes, as religiões mesmas o-decoraram com as suas fórmulas, e os poetas o-idealisaram. Assim como do metal bruto, ou do marmore grosseiro

Digitized by Google

sahiram imagens para os altares, tambem aqui a arte e o ingenho, dando as maõs á tendencia innata para o ingrandecimento moral, divinisaram a natureza.

Ora isso que todo o amor em si tem de mais verdadeiro e inauferivel, de mais terrestre e mais commummente dissimulado sob apparencias convencionaes, é o que a musa antiga deixava transparecer e ás vezes desnudava inteiramente.

O nome de *amor*, por tanto, nos escriptos de Ovidio, e em geral nos d'esses tempos, tem, e não podia deixar de ter, uma significação mui outra do que entre nós. É indispensavel, para bem avaliarmos estes quadros de outras eras, que nos-colloquemos no seo ponto de vista verdadeiro, que está bem longe de ser o nosso. (*)

(*) Mais de uma vez nos-confiou o distincto professor, Sr. Valentim José da Silveira Lopes, as suas impressões ácêrca d'este livro, e associadamente do seo assumpto e da quadra assombrosa, a cujos productos irá eternamente o bello buscar as suas mais mimosas inspirações. Não resistimos ao desejo de aqui trasladar o que sôbre esta materia nos-escrevia em uma d'essas importantes cartas:

« Ovidio, nascido poeta em uma epocha em que a dissolução e a prostituição (cousa para admirar) caminhavam de braço dado com as lettras, deixou-nos dous modelos—um de pureza e graciosidade, outro do que era a capital do mundo no tempo de Augusto e de Tiberio.

« Que bello triumpho para Christo! Quem hoje ler as obras eroticas de Ovidio, e na sua *Arte de Amar*, nos seos *Amores* e no seo *Remedio de Amor* estudar o que era a mulher romana e o que é a mulher christã, terá necessariamente materia para concluir quanto valeu a civilisação para a familia.

« Ovidio, contemporaneo d'essas grandes aguias, que ainda hoje assuberbam o mundo das lettras—Virgilio, Horacio, Tibullo, Propercio, e mesmo Augusto—, vai para mim, com todas as suas frescuras amorosas, seguramente mais do que o seo quasi coevo Lucre-

Digitized by Google

Ensinou-se-nos, no prologo d'esta obra, o em que differiam principalmente a poesia transacta, e a actual. Accrescentaremos agora, que, em relação ao amor, quatro diversos modos de poesia se-podem extremar, desde os primeiros classicos até aos contemporaneos. O amor dos classicos pagãos era exclusivamente sensual. O amor dos trovadores da edade-média, era mais contemplativo que terrestre. O dos quinhentistas, com quanto romanissimos em tudo o mais, ia-se todo pelas regiões da metaphysica. O dos bardos dos nossos dias combina, com a voluptuosidade do seculo de Augusto, a idealidade dos cantores das cruzadas.

A *mulher*, na falsa civilisação romana, só lem-

---

cio Caro, com o seo poema *De rerum natura*. N'este, o materialismo e o atheismo, defendidos pelas doctrinas de Epicuro, são sem dúvida leituras mais perniciosas do que os voluptuosos cantos do exilado do Ponto. E, comtudo, não mereceu Lucrecio as honras de auctor predilecto de Luiz XIV, o Augusto moderno, que o-deu a ler a seo herdeiro? não era a leitura favorita do grande Frederico? não foi ainda ha pouco offerecido, em lingua nossa, ao Principe que nos-governa? Em summa, os *Amores* não podem ser leitura para todos: não o-devem ser. Mas são leitura para muitos, a quem fôra peccado roubál-a, depois de ter Deus permittido que houvesse um poeta, maior que Ovidio, que, prescindindo do amor das Julias, e dos voluptuosos e lascivos abraços e beijos das cortezãs de Augusto, nos-soube dar um transumpto tão magnifico d'aquelles tempos de vergonhosa memória. Si ha moral que padeça, certamente que não é a de hoje; ja não ha faces que corem por aquelles excessos—e note-se que não foi Ovidio o menos comedido!

« Além de tudo o que deixo dicto, Castilho era indubitavelmente o que nos-devia dar Ovidio, porque só elle tambem merecia ser seo intérprete em lingua de portuguezes. Porisso, parabens caibam a V. por dar á estampa a Paraphrase dos *Amores*. »

Digitized by Google

brava para os prazeres, de que sem ella se não podia gosar; era como á coroa e os perfumes do banquete. A *mulher*, para os poetas cavalleiros, era a fada, que ora se-apertava ao peito, ora se-andava suspirando pelos desterros. Para os lacrymadores perennes dos cancioneiros, era a *mulher* um puro espirito, que só com o espirito puro se-havia de adorar. Hoje a *mulher* é a MULHER; alma e corpo; corpo formoso, e incantador; alma incantadora e delicada. Aspira-se á sua posse real; manifestam-se essas aspirações; mas os obsequios que se-lhe-rendem são discretos e melindrosos. A poesia solicita-a, sim, mas é de joelhos, com os olhos accesos porém baixos, com o peito a arfar de desejos, mas as mãos ambas carregadas de flores.

Creados com esta poesia e cercados d'ella (não é aqui o logar de a-avaliarmos litterariamente) não podêmos ver sem assombro a desinvoltura, então corrente, hoje escandalo, de muitos dos escriptores de Athenas e de Roma. Filhos, irmãos, esposos, pertendentes, paes, e consocios das mulheres do nosso tempo, quasi que nos-offendemos de ver, em documentos authenticos, que este mesmo sexo, de que taes mulheres são a continuação, já vivêra vida tão servil e ignominiosa, que, n'um seculo reputado culto, não só o casamento era raro e o divorcio frequente, mas que o tráfico dos prazeres se-exercia, mais que tolerado, com ostentação; e que tão pouco se-acatavam os melindres feminis, que os poetas, reputados mais sensiveis e amantes, vulgarizavam impunemente, e

Digitized by Google

applaudidos, os seos poemas commemoradores de triumphos sempre faceis, e de seducções, e de perfidias mútuas; e que emfim o que se-assoalhava, para ellas mesmas o-lerem, como os homens, sob o titulo de *Arte de amar*, nada mais era que a arte grosseira de as-enredar, e de as-perder.

Esta capital revolução na litteratura poetica desejámos assignalál-a aqui, por ser esta sem dúvida uma das grandes glórias do christianismo. Com as festas da idolatria, passou a escravidão e a ignominia das mulheres; com as crenças da verdadeira espiritualidade veiu a estima respeitosa que lhes-é devida. Ovidio pôde intitular de *Amores* sua collecção. Naseido cá, as suas poesias, completamente outras, tel-as-hia chamado *Amor*. Este nome delicioso já para os verdadeiros poetas não tem plural.

---

§ 5.

(T. p. 26. lin. 17) (Prologo)

Titulo da obra.

CORINNA, OU AMORES.

Tendo de aventurar opinião diversa da dos biographos de Ovidio, cumpre-nos desinvolver os fundamentos da estranha ousadia: tentál-o-hemos a medo; mas, si errarmos, não faremos sinão junctar mais um á lista de tantos Icaros.

Digitized by Google

Para servir de texto ás nossas ponderações, transcrevamos o que importa, do discurso que precede a versão do Sr. Nisard:

« Catullo, Propercio, Tibullo, e Gallo tinham cantado as suas queridas, sob os pseudonymos de Lycoris, Cynthia, e Nemesis. Ovidio seguiu-lhe o exemplo; celebrou, sob o nome de Corinna, a mulher dos seos amores. Pelo menos, esse nome trazem por titulo codices antigos. (*)

« Quem era, porém, Corinna? Esta questão, que só importa, si a-quizerem trazer para as causas do destêrro do poeta, desvelou, por muito tempo, a curiosidade dos seculos, sem nunca a-satisfazer. E como é que se-havia de penetrar um segredo, que, já no tempo mesmo do auctor, era tão recondito, que os proprios amigos de Ovidio lhe-pediam, por mercê, lh'o-revelasse? e que até houve então damas, que, valendo-se, para se-realçarem a si, da prudencia e reserva do amante de Corinna, se-arrogavam o nome, e com elle a celebridade d'aquella, por todas as partes tão falada, e em público se-davam por assumpto dos cantos do poeta?

(*) É exacto o que assim assevera o Sr. Nisard. Hermolao Barbaro, por ex., sempre que cita versos d'esta obra, diz: « Ovidio, *na sua Corinna...* » Lourenço do Valle, e João Tortellio denominam este livro—*De Corinna* » Desde já, porém, aqui apontaremos o correctivo, que achamos em Domingos Mario:—Alii Corinnam vocant:... verum non de Corinna solum hic loquitur auctor, neque Corinnam solam amavit... Dixit (Eleg. Lib. 3 *De Arte*): « *Teneri properentur amores, dum vaeat.* » Facile igitur nunc constare cuivis poterit, titulum esse *Amores*.

Digitized by Google

« Aquelle mesmo cuidado, com que elle recatava o nome da verdadeira, deu azo a se-inferir que pertenceria á familia dos Cesares. Puzeram a bocca em Livia, mulher do imperador; velha namorada para tão joven galan! Puzeram-n'a em Julia, filha de Tiberio; namorada bem moça para tão edoso servidor! Nem a data, nem passo algum dos *Amores* nos-auctoriza a suppol-o.

« Falou-se em Julia, filha de Augusto; opinião ésta que, sendo consagrada por uma tradição, de que Sidonio Apollinario foi echo, já não é tão inverosimil, dado sejam de si mui futeis as razões em que se-estriba.

« Julia, viuva de Marcello, havia-se casado com Marco Agrippa. Ora, dizem os taes, as elegias de Ovidio mencionam um marido de Corinna, servas, e um eunucho. Uma vez compara-a com Semiramis; outra, para a-instigar a lhe-querer bem, sendo elle um simples cavalleiro romano, cita o exemplo de Calypso, que ardeu de amores por um mortal, como era Ulysses, e o da Nympha Egeria, captivada do justo Numa. Tendo Corinna, para não estragar a formosura, destruido em si o fructo dos amores, seos e de Ovidio, este, indignado, lhe-dirige estas palavras, triumpho e gaudio do commentador:

> No seio de Venus, a Anchises infida,
> Si Eneas morresse... ¿ qual hoje se-gosa,
> Gosára-se a terra da augusta familia,
> Cesarea progenie de Venus, e de Ilia?

Digitized by Google

Tu propria, podendo nascer qual és vinda,
Tão bella, tão linda,
Tu propria não fôras — a ser a mãe tua,
Qual és, impia e crua.

« Emfim (exclamam victoriosos) o quadro que Ovidio apresenta, n'uma das ultimas elegias dos *Amores*, dos costumes dissolutos da sua amada, outro não é que o das prostituições d'aquella Julia, que se-andava em público seguida de bandos de amadores sem vergonha; que no proprio fôro, segundo conta Seneca, ia alardear o espectaculo escandaloso das suas orgias nocturnas, e que, á conta do seo vicioso proceder, foi por Augusto relegada para a ilha deserta, onde se-finou á mingua.

« Que monta, porem, isso? Bem podiam ser todas essas phrases de Ovidio meras hyperboles poeticas, fazenda de que nunca foram escassos os amantes, e que bem se-poderiam accommodar a muita outra mulher, sem terem o sentido occulto, que suppuzeram descobrir-lhes. »

Com a devida venia; affigura-se-nos que o estudo attento d'esta obra de Ovidio, convence de que alguns d'esses pontos duvidosos podem, com alguma segurança, fixar-se. Eis-aqui quatro theses, que nos-parece deverem ser tractadas separadamente:

1.ª — Póde ter sido escolhido por Ovidio o titulo de CORINNA, que se-lê em frente de alguns antigos codices dos AMORES?

Digitized by Google

2.ª — Póde a mulher, de que nos AMORES se-fala, ter pertencido á familia cesarea, encoberta sob o pseudonymo de CORINNA?

3.ª — Existiu realmente uma mulher, que o poeta chrismasse em CORINNA?

4.ª — Si não existiu, qual o seo pensamento, na escolha de tal nome?

Invocâmos benevolencia para a seguinte tentativa de solução d'aquelles quatro programmas:

ART. I.

Póde ter sido escolhido por Ovidio o titulo de CORINNA, *que se-lê em frente de alguns antigos codices dos* AMORES?

Suspeitâmos que NÃO.

Comecemos por lembrar que Ovidio nunca usou de tal pseudonymo sinão n'este poema. Si nos não enganâmos, apenas duas outras vezes, e sempre referindo-se a elle, lhe-cahiu do estylo esse nome: — na *Arte de Amar* (III. 538), quando assevera que muitos se-empenham em saber quem seja, e nas *Tristezas* (IV. X. 60.), quando denuncía ser uma alcunha imaginaria.

Em todas as 49 canções d'este poema, apenas 10 (isto é, um quinto d'ellas) falam de tal nome, a saber:

No Livro I a V, descrevendo a aventura meridiana, — e a XI (que aliás lhe não é dirigida), lem-

Digitized by Google

brando á terceira quando ella lhe-removia as duvidas.

No Livro II a VI ao papagaio — a VIII admirando-se com a aia de que a ama lhe-descobrisse as traições — a XI da viagem — a XII, cantando um triumpho, que a V do L. I mostra ser chronica velha — a XIII contra o abôrto — a XVII, deplorando-lhe o máo genio, e repetindo que outra se-faz passar por Corinna — e a XIX (tambem dirigida a outra) apontando a astuciosa Corinna, como sendo quem lhe-conhecia as baldas, e os meios de o-excitar e exaltál-o.

No Livro III, finalmente, a VII (tambem inspirada por outra), relatando suas valentias com Corinna — e a XII, patenteando que só Corinna lhe-sublimava o ingenho.

Portanto, si alguma mulher existisse com nome de Corinna, só d'ella falaria em 10 canções *nominativamente*; e d'estas mesmas não mais de duas ou tres se-podem dizer dedicadas a ella. Não sendo portanto Corinna a constante, e nem mesmo frequente heroina d'estas poesias, improprio fôra baptizal-as, pondo-lhes um rotulo que lhes não pertence.

Suppõem os que opinam pela conveniencia de tal rubrica, ter Ovidio tributado esta obra á sua amante predilecta, e que, por isso, tanto lhe-cabia bem o nome de *Amores*, assumpto, como o de *Corinna*, mulher em que estes se-impregaram.

Esta asserção cahe, em presença do livro.

Digitized by Google

Não podiam ser enderessadas a uma Corinna, tangivel e real, as canções dirigidas a Cupido, a Ceres, á Aurora, a Macro, a Grecino &.

Nada tinham com os seos amores as poesias sobre a morte de Tibullo, a festa de Juno nos Phaliscos.

Vimos, na graciosa canção VII do Livro II., e outros passos, quanto a tal Corinna era atacada da molestia dos ciumes, o que se não deve perder de vista.

Era possivel que Ovidio dedicasse a Corinna a canção escripta á aia Cypasse, chasqueando do modo como trahíra a propria Corinna?

E, no Livro II, as canções X e a IV denunciando e explicando, que não só uma ou duas, mas centos de beldades lhe-abrazavam o coração?

E a XIX, em que acconselha a outra mulher, que siga as pisadas de Corinna, nas artificiosas fraudes para lhe-reter o affecto?

E a VII do Livro III, narrando a sua vergonha, com outra, e recordando as suas africas com Chie, Pitho, Liba e com a propria Corinna?

Inutil é multiplicar provas, parecendo-nos estas sufficientes para persuadir que nunca tal livro foi consagrado a uma qualquer Corinna, como erradamente se-poz em antigos codices; e que o titulo AMORES, pôsto em amplissimo plural, era com effeito o appropriado; o que authenticamente se-confirma

Digitized by Google

pelos numerosos e expressos testimunhos, que o mesmo Ovidio nos-legou, de ser *Amores* o verdadeiro titulo d'esta obra:

Deve tribus libris, titulus quos signat Amorum.
Art. de am. III. 343.

ART. II.

Póde a mulher, de que nos Amores se-fala, ter pertencido á familia cesarea, encoberta sob o pseudonymo de Corinna?

De fórma nenhuma.

Foi Sidonio Apollinario o primeiro, cremos, que esta opinião desenganadamente aventou:

Nec te carmina per libidinosa
Notum Naso tener, Tomosque missum,
Quondam Cæsareæ nimis puella
Ficto carmine subditum Corinnæ.

Isto é: « Tu, ó terno Nasão, célebre por tuas « poesias eroticas, tu, mandado para Tomos, por teres « sido mais subjeito do que devias á filha de « um Cesar, a quem celebraste, nos teos versos, com « o falso nome de Corinna. »

No logar competente da biographia do nosso poeta, ficou demonstrada a impossibilidade de similhante versão. O *crime* d'elle fôra ter visto, ter tido olhos; fôra passivo, e nada mais activo que a imputação de Apollinario.

Digitized by Google

E' curioso o argumento que se-pertende colher do disticho:

Si Venus Æneam gravida temerasset in alvo,
Cæsaribus tellus orba futura fuit.

da elegia XIV do livro II. Evidentemente o pensamento do poeta não foi ahi comparar a sua amada com as damas da familia cesarea, mas sim lembrar que, sendo as gerações elos consecutivos na cadeia dos tempos, si por meio do abôrto fosse licito a uma mulher quebrar um d'elles, assim se-interromperia larga descendencia; e para essa demonstração remonta o poeta até á reconstrucção da raça humana depois do diluvio, por um *genuit autem* mythologico. O pensamento é por tanto este: Si Thetis houvesse abortado, não teria nascido seo filho Achilles; sem Achilles não tivera havido o incendio de Troya. Si Illia matasse os seos gemeos, não teriam nascido Romulo e Rhemo, nem por tanto haveria Roma. Si Venus houvesse abortado, faltaria um Enéas, origem da geração cesarea. Si, pois, não tivesse existido Roma, nem existirias tu, nem eu.

Tambem não deixa de ser estranho o apontar-se a comparação da canção V entre Corinna e Semiramis, por ser esta rainha! occultando-se que a mesma comparação prosegue logo com Lais, que, longe de pertencer a familia reinante, mais não era que uma loureira, vendendo seos favores a pêzo de ouro, e ouvindo até em resposta de um philósopho, que *por tal quantia, como a por ella pedida, lhe não convinha comprar um arrependimento.*

Digitized by Google

A elegia XIV do III livro das *Tristezas*, é dirigida a um amigo, que andava colligindo os versos de Ovidio; alli lhe-pede que reuna as suas obras, exceptuando apenas a *Arte de amar*, *que tão funesta lhefôra* :

Suscipis exceptis ecquid mea carmina solis
Artibus, artifici quæ nocuere suo !

Ora si fosse certo haver Ovidio incorrido no odio de Cesar por sua paixão com Julia, cognominada Corinna, como se-explicaria a indulgencia pelos *Amores*, onde só, e não na *Arte*, ella é apontada á notoriedade pública ?

Encaremos agora a questão pelas proprias palavras do poeta, na obra que apostillâmos.

Não podia ser de familia imperial o nome da Corinna, a quem o auctor allude em muitas das suas canções.

Mostra-se ao contrário essa mulher de tão baixos sentimentos, e talvez posição, que o auctor a-considerava susceptivel de ser comprada por um e por muitos, não por impulsos de coração, mas pela corrupção de mimos e presentes !

Na VIII canção do livro I, finge o poeta ter ouvido a velha Dypsas falar ao seo bem do modo mais torpe, e aconselhando-a a que não só ella, mas toda a sua familia recebessem muitos amantes na qualidade de contribuintes áquella especie de *thesouro publico*.

Na VIII canção do livro III, falando tambem da sua bella, queixa-se de que só pelo ouro se-deixa ar-

Digitized by Google

rastar; e entre muitos outros trechos analogos, sobresahe a canção X do livro I, toda ella destinada a lamentar a torpeza dos habitos de quasi mendicidade da sua amante, a quem declara que, á força de tanto pedir, lhe-gelára o seo amor. Podia imaginar-se que nada d'isto se-applicasse á ostentosa Julia, ou a Livia, ou á filha de Tiberio?

Mas nem só apparece essa sua amante como facil de ser deslumbrada por tão ignobeis considerações; ha mais: o auctor procura, com razões identicas, convencer o marido, a quem na IV canção do livro III recommenda suprema tolerancia, na certeza de que assim será festejado, terá larga roda, receberá mil convites para jantares e ceias, inchendo-se-lhe a casa de presentes... e não se-limita a acconselhar, pois, na VIII canção do mesmo livro, narra o poeta que, por meio das suas dadivas, não só o porteiro, *mas o marido*, lhe-deixavam o campo livre! Não vêdes vós como tudo isto assenta bem na pessoa de um Imperador?

Parece-nos pois fóra de duvida que não tem pêso algum os argumentos em que pertendem estribar a opinião de que a falada Corinna fosse Livia ou Julia; e nem o podia ter sido.

Art. III

Existiu realmente uma mulher, que o poeta chrismasse em Corinna?

Ja dissemos, e no § 5 demonstraremos, que estas canções pareciam ter sido para ahi lançadas ao acazo, e sem que se-collocassem pela ordem artistica, que po-

Digitized by Google

deria augmentar-lhes o effeito ; porém si assim se não pensar, isso bastará para prova de que a Corinna, ahi cantada, não podia ser uma só, e sempre a mesma mulher.

No primeiro livro apparece a III canção, em que o poeta invoca Venus, para que obtenha da sua bella, ou que o-ame, ou que, pelo menos, se-deixe amar ; são pois ahi os primeiros introitos d'essas relações amorosas, e com bem modestas aspirações.

Porém a canção V revela o drama como chegado ao seo 6.° acto, descrevendo-se, n'um quadro vivissimo, o como, o quando, e o onde.

Na VII já a intimidade é tal que, n'um accesso de raiva, o nosso poeta arranca os cabellos á sua formosa, e sente tentações de a-arrastar, interrar-lhe as unhas nas faces, e dar-lhe outras provas de *palpavel* affecto. E todavia antes (na canção VI) e logo depois (na XI e XII) apparecem exaggeradas as difficuldades de se-falarem, para na XIII se-pintar novamente uma scena similhante á da V. É possivel que tudo isto se-refira á *mesma* pessoa ?

A XIV pinta-nos a pobre mulher já calva, amarrotada, e languidos de chorar aquelles olhos, outr'ora tão vivos... para mais tarde (na canção III do livro III) nos-declarar que, apesar dos seos juramentos trahidos, os numes a não puniram, pois lhe-conservaram como sempre os mesmos longos cabellos e os mesmos olhos brilhantes, como (na II. V) ja nol-os tinha pintado.

Na canção II do livro II parece dar a intender ao guarda-portão haver pela primeira vez visto, na

Digitized by Google

vespera, no portico das Danaides, a bella, que dizem ser a propria, já muito antes tão facilmente dispensadora dos seos obsequios.

N'esse mesmo livro apparece a XII, intoando um verdadeiro hymno de triumpho, por ter emfim alcançado aquillo, que na V do 1.° nos-havia tão charidosamente descripto.

Na II do livro III novo solavanco, si é sempre a mesma Corinna. Apparece o pobre arrastado em muito menor gráu de adiantamento, pois ahi se-apresenta no circo de Roma, fazendo-lhe as primeiras declarações e dando-se por satisfeito com as longinquas esperanças de, em outro tempo e outro logar, obter alguma cousa mais &.

Si pois alguma ordem havia na disposição das canções, é evidente que não póde ser n'este avançar, recuar e alterar de situações, *a mesma mulher* de que se-tractasse.

Porém, deixemos essas provas, visto como a confissão de falta de methodo pode minorar-lhes a importancia ; temos outras irrefragaveis :

Em varias partes, e especialmente na canção II do livro II, falando com o eunucho, e na canção IV do livro III, falando com o proprio marido, é este designado como severo, exigente, brutal, zeloso, em quanto na XIX do livro II, se-queixa ahi de um marido, por ser ao contrario suave e complacente ! *Non potest idem simul esse et non esse.*

Digitized by Google

Nem si-quer é para nós evidente que essas canções se-dirigissem sempre a *mulher casada*, pois mais de uma vez ficam duvidas provenientes de uma redacção, que n'esse caso difficilmente se-explicaria. Emprega Ovidio as expressões *vacuo*, *viduo*, *ou medio toro*, para designar o *dormir solitario*; por exemplo, I. V. 2.

Apposui *medio* membra levanda *toro*.

N'outra parte, para significar o mesmo dormir solitario:

Te deceat *medio* jura dedisse *toro*.

Com egual intenção, na Her. XIX, Leandro a Hero, 158:

Ponuntur *medio* cur mea membra *toro*?

E para tirar toda a duvida de ser esse o valor que sempre dá ás palavras *medio toro*, define-as explicitamente na canção X do Livro II:

Hostibus eveniat viduo dormire cubili,
Et *medio* laxe ponere membra *toro*!

A Corinna de que fala, II. XVII. 24 parece, por tanto, ser solteira, e não a mesma de que tractára em outras canções.

E não deixaria de ser estranho que uma mulher casada tivesse tamanha necessidade de se-fazer abortar, e que nada menos do que em duas canções o poeta se-mostrasse por isso tão afflicto.

Digitized by Google

É de suppor conseguintemente que o verdadeiro titulo, como dissemos, devesse ser genericamente o de *Amores*, sendo esses pequenos quadros dirigidos a diversas mulheres, como além d'aquellas considerações o-provam a canção X do livro II, pintando o poeta amando a duas, — a IV do mesmo livro, amando ao sexo inteiro — a XIX do livro II e VII do livro III, manifestamente indereçadas a outras — a ambição revelada na III do livro I de tornál-a conhecida no mundo inteiro — o pesar enunciado na XII do livro III de que ao contrário ella fosse conhecida — e o termo medio entre esses dous extremos, na XVII do livro II, alardeando das muitas que se-vangloriam de serem Corinna.

Porém o nosso poeta é o proprio que mui positivamente declara ser tudo isso phantastico, e simples fructo de sua imaginação. Falando d'estas poesias, nas *Tristezas*, II. 339:

Ad leve rursus opus, juvenilia carmina, veni,
Et *falso* movi pectus *amore* meum.
Sic ego delicias, et mollia carmina feci,
Strinxerit ut nomen fabula nulla meum.
Nec quisquam est adeo media de plebe maritus,
Ut dubius vitio sit pater ille meo.
Magnaque pars operum *mendax et ficta* meorum
Plus sibi permisit compositore suo.

Nas *Tristezas*:

Moverat ingenium totam cantata per urbem
Nomine non vero dicta Corinna mihi.

É possivel patentear mais claramente que essa Corinna era um nome supposto, e que essas producções eram simplices partos de poetica imaginação?

Digitized by Google

Si isso tudo fôsse uma Corinna, uma mulher unica, teriamos a admirar um ente phenomenal, similhante ao chaos descripto pelo nosso poeta, em que se-misturava o sêcco com o humido, o pesado com o leve o duro com o molle! A tal D. Corinna sería a um tempo — alta e baixa — pródiga e mendiga — zelosa e tolerante — encabellada e calva — rica e pobre — olhos ardentes e mortiços — fiel e devassa — casada e solteira. Não póde ser.

Não havia uma mulher, a quem Ovidio, sob aquelle pseudonymo se-referisse; nem era possivel que, a havê-la, fôsse o seo nome ignorado n'uma cidade, cuja era ornamento o nosso poeta, acêrca do qual cada quirite poderia traçar, sem consulta, um livro *de rebus et gestis*; tão popular e conhecido era.

O nosso sympathico e inspirado Bocage, cujo character e genio tantos pontos de contacto (como n'outra parte mostraremos) parece ter com Ovidio, e que podria sem dúvida escrever outro livro, mui original, dos *amores* do seu tempo, foi menos cauteloso no encobrir dos nomes das suas bellas. Si a si-mesmo se-denominou *incensador de mil deidades*, foi tão modesto no número que só no I. volume das suas rhymas, escriptas antes da edade de 23 annos (e postas de parte innumeraveis jaculatorias, sem nome, nem sobrescripto) apparecem versos (e todos enthusiasticamente apaixonados, mas por egual) dirigidos a Marilias, Gertrurias, Elmiras, Thirsalias, Philis, Marfidas, Floras, Nises, Inalias, Marcias, Enceras, Natercias, Philenas, Ulinas, Armanias, Lemnorias, Anardas, Armias, Lilias, Glauras, Felizas, Crinauras, Isbellas e Ritalias!! Sem dúvida o nosso Ovidio não ficou atraz do poeta portuguez; si nos-

Digitized by Google

legou um só nome, legou-nos os feitos de muitas; e esse mesmo nome, fosse qual fosse a mulher a que se-applicava, não era o d'ella, como aliás o proprio poeta mais de uma vez o-declarou.

Permitta-se-nos aqui lançar incidentemente reflexões, que n'este assumpto nos-teem assaltado. Espantaria que, n'uma sociedade onde o culto do amor era tão amplamente tolerado, não só ficassem dúvidas ácerca das mulheres decantadas, mas tambem os poetas pensassem dever mascarál-as com diversos nomes; porém isto se-deu não só com Ovidio, mas com alguns dos poetas d'esses seculos, como Gallo, Propercio, Catullo e Tibullo. Outro ponto de paridade entre elles, e que tambem custa a explicar, é que esses principes do estro, com quanto mostrassem aprêço pela fidelidade feminil, não parecessem apaixonar-se senão por prostitutas.

Ovidio, n'esta obra, fez qualificar a sua bella do modo mais leviano. Na canção V do Livro II descreve a orgia em que elle a-viu á meza com outro, e os grandes progressos *que fizera sem elle*. No livro III. temos a canção III, designando-a como perjura; a XI mostrando já gasta a sua paciencia, á força de tantos crimes; a XII apresenta-a satisfazendo a uma turba de adoradores. A XIV de tal modo a-pinta impudica, que timbra em tornar o mundo inteiro testimunha dos seos innumeraveis desvarios.

Catullo exprime-se com alguma delicadesa ainda acêrca da sua Lesbia no seo carmen 70 e outros:

Digitized by Google

Diz-me aquella por quem morro
Que me-adora, e a mim só quer;
Que até Jove escusaria
Pedil-a para mulher;
Dil'o, sim, mas em taes dictos
Ninguem faça fundamento;
São phrases que n'agua escreve,
Phrases que fogem no vento.

Porém em alguns outros passos, como no carmen 58, exprime-se ácerca d'aquella a quem adora, de um modo que não tolera traducção:

CARMEN, LVIII.

Cœli, Lesbia nostra, Lesbia illa,
Illa Lesbia, quam Catullus unam
Plus quam se, atque suos amavit omnes,
Nunc in quadriviis et angiportis
Glubit magnanimos Remi nepotes.

A Cynthia de Propercio parece que não valia mais, como resulta de muitos trechos do poeta:

LIV III. ELEG. XX. A CYNTHIA.

Credis eum jam posse tuæ meminisse figuræ,
Vidisti a lecto quem dare vela tuo?

A eleg. XXV do L. II *de Cynthia perfida*:

Tu quoque, qui pleno fastus adsumis amore,
Credule, nulla diu femina pondus habet.

Digitized by Google

E não admirais vós a escolha de nomes taes: Cynthia, Delia, esses homonymos da *casta* Diana?

A Délia e a Nemesis de Tibullo, erão damas de egual porte:

Liv. IV carm. XIV.

Rumor ait nostram crebro peccare puellam;
Nunc ego me surdis auribus esse velim.
Crimina non hæc sunt nostro sine jacta dolore.
Quid miserum torques, rumor acerbe? tace.

Outro tanto poderiamos certamente dizer da Lycoris, de Gallo, si d'este poeta nos-restasse alguma cousa, pois visto está que os poetas d'aquelle tempo não deixavam por mãos alheias os creditos de suas amantes: apedrejavam-n'as, sim, mas antes d'isso tinham a attenção de lhes-pôr uma máscara: Lycoris, Nemesis, Délia, Cynthia, Lesbia, ou Corinna.

Voltando ao assumpto, diremos que, segundo nossa humilde opinião, mais desenvolvida n'outros logares, especialmente § 5, esta obra nunca foi composta para formar um todo unico: é uma reunião de poesias destacadas, escriptas sob várias impressões, ou de realidade ou de phantasia, em differentes tempos, e consagradas verdadeira, ou imaginariamente a diversas mulheres. Algumas d'essas canções foram mesmo manifestamente escriptas como simplices imitações de alheias poesias, ou ensaios litterarios; por exemplo, além de outras perdidas, a XVIII do Livro I, quasi calcada, como veremos no fundo, na fórma, na deducção, nos pormenores,

Digitized by Google

quasi até nas palavras) sobre a V do L. IV de Propercio. Fôra insano pertender sacar illações *pessoaes* de producções, das quaes nem siquer o pensamento, a auctoria pertence ao nosso auctor!

Talvez que ainda possamos descortinar outra mui plausivel explicação d'essa barafunda. Entre os ossos do officio de poeta figura a frequente necessidade de exprimir sem sentir e inflammar-se a frio, por conta de terceiro. Quem ha ahi, com fumaças pegasianas, que não tenha sido cem vezes perseguido com encommenda de jaculatorias a anans Nerinas, em alguma d'essas cançadas fórmas — declaração — retrato — cantata natalicia — epinicio — quadras para lenços — achrostico — endeixas — e restantes semsaborias d'essa laia? Os vates romanos não eram mais felizes. Tibullo escreveu a II elegia do L. III em nome do grego Lygdamo, si ainda não outras do mesmo livro. Algumas peças do IV livro são escriptas para uma mulher, talvez Sulpicia. Outras para um tal Corintho, si não é esse um arcadico pseudonymo do auctor &. Quem nos-diz pois que muitas d'essas canções não sejam obras de charidade para alguns amigos, a quem Ovidio valesse nos apertos, poetisando e nobilitando assim os plebeos sentimentos d'esses adoradores prosaicos? Tudo póde ser.

Um só ponto de contacto ha pois entre todas essas canções: serem todas eroticas; e por isso parentas ja por consanguinidade, ja por affinidade, bom ar de familia as-congrega na casa commum dos *Amores*.

Eram tudo jaculatorias; poesia a várias.., ou talvez a nenhuma: ao ELLA. Corinna era uma versão unica de

Digitized by Google

nomes de muitas mulheres, ou antes um mytho, significando em geral *a mulher amada*.

Como o-revelam as canções, que abrem e fecham os 3 livros, o assumpto é o amor entre os dous sexos ; Corinna a personificação da feminidade.

Ao poeta erotico é preciso uma Corinna qualquer, para que o estro se-lhe-accenda ; para que a musa, cheia de energia e de graça, produza obras duradouras, como diz Marcial (VIII. 73):

Non me Pelignus, nec spernet Mantua vatem,
Si qua Corinna mihi . . . . . erit.

Art. IV.

Si pois não existiu uma Corinna, qual o pensamento do poeta, na escolha de tal pseudonymo?

Houve, na antiguidade, duas admiraveis poetizas, do nome de Corinna. De uma menos se-sabe ; era thespia, e celebrada em antigos monumentos. Mas da outra são mais seguras as tradições.

Nascêra em Tanagria, na Beocia, perto de Thebas (patria de Hesiodo, rival de Homero), filha de Alchelodoro e Poracia, e discipula da inspirada Myrthis, pelos annos de 470 antes de Christo. Escreveu cinco livros de epigrammas e versos lyricos. Taes foram os seos successos, nos jogos da Grecia, que, émula do principe dos lyricos, Pindaro, cinco vezes lhe-arrebatou a palma n'esses lyricos certames.

Digitized by Google

Alguns fragmentos se-conservam ainda d'essas producções; e tendo os tanagrenses pôsto o seo túmulo no sitio mais apparente da cidade, ainda no tempo de Pausanias lhe-reverenciavam o retrato. Diz um escriptor da antiguidade que, « quando se-leem as obras de Corinna, se-pergunta: Como é que ellas foram antepostas ás de Pindaro? e admirando-se o seo retrato, se-pergunta: Como é que ellas o não foram sempre? »

Os poetas contemporaneos de Ovidio exaltavam, a cada passo, a lyra d'essa antiga Corinna. Assim, Propercio (II. 3.) descrevendo a sua Cynthia rival das musas, exclama:

Et sua, quum antiquæ committit scripta Corinnæ,
Carminaque Erinnes non putat æqua suis. (*)

Si Ovidio deu o nome a mulher que existisse, escolheu o de Corinna, porque (como se lê nas canções II. e XIII. de L. II) reunia ella, em gráu supremo, á belleza, os dotes de musica e poetiza.

É porem, mais provavel que essa escolha nascesse do desejo de personificar a feminidade

(*) O mesmo impulso que induziu Ovidio a escolher tal nome para sua heroina phantastica, foi o que levou Mme. de Stael a nacionalisar italiana ess'outra Corinna, que, aos olhos de lord Nelvil, fez coroar no capitolio.

De resto, esse formoso nome de Corinna, ficou, em bocca de poetas, por symbolo. Lembremos aqui, como exemplo, aquelle soneto do nosso Garção:

Digitized by Google

bella, talentosa e poetica. A Corinna thebana havia sido denominada *A Musa lyrica*. É a propria musa lyrica, que Ovidio põe em scena mais de uma vez Corinna significava pois: belleza, amor, poesia erotica.

Ou fôsse Corinna um nome verdadeiro ou fingido; de uma certa dama, ou mytho, em que se-abrangessem diversas; do paço imperial, ou de outra qualquer casa; a poesia, em que vem celebrada, é sempre a mesma poesia. Este vago em que labora o seo objecto, longe de lhe-tirar o incanto, lh'o-redobra pelo contrário.

Fique o *ignotæ Deæ*, que nem por isso deixará de ser altar.

Sujos Brontes estão arregaçados
Batendo o rubro ferro, e retinnindo
Os rijos malhos, vão ao ar subindo
Estellantes coriscos enrolados.

Ao fuzilar dos golpes, pendurados
Apparecem mil elmos reluzindo;
Na forja a labareda está zunindo,
Impellida dos folles engelhados.

Crystallino suor alaga a testa
Do coxo mestre; a calma da officina
A' fresca viração as azas cresta.

Forjavam uma setta colubrina;
Eis entra Amor, e diz-lhes que « não presta,
« A' vista dos bons olhos de Corinna. »

Digitized by Google

§ 4.

(T. 1 p. 37) (Rosto)

Epigramma dos Amores.

Antes de começar este poema, lê-se, em grande número de edições, o seguinte:

EPIGRAMMA
PUBLII OVIDII NASONIS
IN SUOS AMORES.

Qui modo Nasonis fueramus quinque libelli,
Tres sumus: hoc illi prætulit auctor opus.
Ut jam nulla tibi nos sit legisse voluptas,
At levior demtis pœna duobus erit.

O qual póde verter-se d'este modo:

De livros cinco, ha pouco, em tres nos-poz Nasão.
Leitores, da mudança eis-aqui a razão:
Inda que em n'os-correr não encontreis agrado,
Diminuição de dous vos-diminue o enfado.

Nos codices (*) d'onde se-extrahiram as edições,

(*) *Codex* ou *codice* (d'onde depois veiu o termo *codigo*) é palavra nascida de *caudex*, tronco de arvore, porque os antigos escreviam n'umas tabellas, ou canhenhos (de que falaremos na N. I. XI. 97), e chamavam *caudex* várias tabellas reunidas em collecção, ou formando volume. E' n'essa fórma que os seculos nos-conservaram a mór parte dos productos da intelligencia, dos tempos mui anteriores á invenção da imprensa.

Digitized by Google

que correm impressas, apparece pois este epigramma, que parece digno de reparo.

D'este tetrasticho se-infere que o poeta dera, em sua vida (mesmo durante a sua estada em Roma) mais de uma edição d'esta obra — a 1.ª, hoje perdida, em 5 livros — a 2.ª, que existe, em 3.

Attendamos á razão, por elle mesmo apontada para esta mudança — o cançar menos ao leitor, pela suppressão de dous livros. — Mas si a materia de uma e de outra fosse a mesma, constante das mesmas peças, do mesmo número de versos, sería mais que uma puerilidade; seria uma stulticia dizer-nos que assim enfadaria menos!! Pelo contrario, maior número de descanços, intervallando uma obra longa, antes contribuia para allívio; e n'esse caso, seria melhor o conselho de J. B. Rousseau, epigr. II. 12.

Rendons-les courts, en ne les lisant point,

ou o de Marcial, que assim se-dirigia (VI. 65) a Tucca, inimigo dos hexametros e dos epigrammas longos:

Hexametris epigramma facio, suo dicere Tuccam.
— « Tucca! solet fieri; denique, Tucca, licet! »
— « Sed tamen hoc longum est » — « Solet hoc quoque, Tucca, licetque;
« Si breviora probas, disticha sola legas.
« Conveniat nobis, ut fas epigrammata longa
« Sit transire tibi; scribere, Tucca, mihi. »

— Tucca, já sei que em toda a parte bramas,
Porque eu faço em hexametro epigrammas.

Deixa, ó Tucca, esse desdem;
Não m'o-prohibe ninguem.

Digitized by Google

Porque é que isto te-embatuca?
Serei o primeiro, ó Tucca?

— *Que tem que outros o-façam? não duvido;*
Mas tal verso é muitissimo comprido.

— Pois tambem eu não o-louvo;
Só digo que não é novo.
Queres curto? corta á cachó!
Ou lê-lhe os titulos só...

Mas parta-se a contenda, Tucca amigo,
Que eu não quizera ficar mal comtigo:

Tu saltas, a pés unidos,
Os epigrammas compridos;
Porém fazes-me o favor
De m'os-deixares compôr.

Sob pena de considerar Ovidio a todos os seos leitores Tuccas, não é por tanto licito dar a este seo epigramma tão parvoa interpretação. Quando o mesmo Marcial offereceu os seos livros a Rufo (IV. 83), tambem disse que, si a leitura dos dous parecesse longa, se-enrolasse um, porque, assim dividida, se-incurtasse a obra:

Si nimis est legisse duos, tibi charta plicetur
Altera: divisum sic breve fiet opus.

É pois, quanto a nós, quasi evidente que, revendo e refundindo os *Amores*, Ovidio eliminára d'elles tantas elegias que, as conservadas já lhe não davam para mais de 3 volumes ordinarios.

Digitized by Google

Que seria, porém, de todas essas composições eliminadas? Correriam os maos fados da sua Medea, que tanto merecia vir á posteridade, e se-finou n'essa ruim jornada, onde tantos acabam? (*) — Ou intercalar-se-hiam depois, alterados ou não alterados, no poema dos *Fastos*? A supposição não é inverosimil; os pontos de contacto entre os *Fastos* e os *Amores* são numerosos e manifestos; mas, n'esse caso, como ficou aqui, no livro III, a canção XIII, que incontesta-

---

(*) Sabemos, como já fica dito, no § 1 art. XXXI, de innumeras obras que de tão fecundo estro se-perderam, pela incùria dos tempos; por exemplo, eis-aqui algumas que devem ter existido, mas de que nada resta:

Fastos—os seis ultimos livros, si é que deve dar-se essa interpretação ao verso das Tr.: Sex ego Fastorum scripsi, totidemque libellos.

Medea—tragedia, mui recommendada por Quintiliano, Tacito e outros (e provavelmente outras peças de theatro).

Epigrammas—citados pelo grammatico Prisciano, por Marciano e Marcial.

Peixes—opusculo pelo menos começado; talvez diverso do Halieuticon. Plinio ennumera muitos dos que n'essa obra se-acham descriptos.

Phenomenos de Arato—livro de que fala Lactancio e Peralto.

Contra os máos poetas—livro citado por Quintiliano.

Vaticinios—compilados n'um volume, que explicava a sciencia dos augures.

Triumpho de Augusto Cesar—e dos feitos do imperador, em lingua geta. (E não será ainda outro, latino, o poema analogo, de que fala nos Ponticos, III. IV? e talvez ainda outra *Apotheose de Augusto*

Digitized by Google

velmente pertencia aos *Fastos*, e nos *Amores* vem intrusa?

O poema didactico — *De medicamine faciei* — *Os Cosmeticos* — curioso fragmento, que veiu até nós, não poderia ter tido o seo logar n'essa 1.ª edição? Mas pelo proprio auctor, n'outra parte, sabemos, que elle *corrigira versos seos amorosos, queimando-os*. Qualquer que fôsse o desmerito comparativo d'esses versos, de-

---

a mencionada na mesma obra, IV. VI?) Não é impossivel, por dous trechos dos Pontos, que aquelle poema fosse intitulado « De Cœlite novo »

Batalha de Accio—dous livros dedicados a Tiberio Cesar.

Gigantomachia ou *Guerra dos Deuses e dos Gigantes*—poema terminado ou não.

O proprio Ovidio nos-faz saber que, por varias vezes, condemnou ás chammas muitas poesias suas, principalmente por occasião da sua partida para o destêrro : Ipse mea posui mœstus in igne manu. Tr. I. VII.

D'este número foram as proprias Metamorphoses, que elle (por incorrectas!) tambem deu ao fogo, movido por impulso similhante ao de Virgilio; felizmente que havia mais de uma cópia d'aquelle magnifico monumento da antiguidade. No seo exilio Ovidio egual operação fez a muitas outras obras, por não ter quem lh'as-appreciasse :—

Sœpe manus demens studiis irata malignis
Misit in arsuros carmina nostra focos. Tr. IV.

Não accreditam os doctos que do nosso poeta sejam outras obras que se-lhe-attribuem:—*Da velhinha*, aonde se-veem maravilhas sobre as grandes conjuncções dos astros e a religião christã—*Da pulga*—*Da Philomella*—*Do somno*—*Do luco*—*Da aurora*—*Do caracol*—*Dos 4 humores*—*Do jôgo dos latruncules* (especie de xadrez) &c

Digitized by Google

ve-se considerar no mundo litterario esse auto-da-fé como uma desherdação.

§ 5

(T. I p. 35. lin. 10) (Prologo)

A ordem distributiva d'estes poemetos está longe de ser a mais acertada, ou a mais artistica.

Tinha Ovidio por uso compôr livros de suas poesias destacadas, da mesma guisa por que foram colleccionadas as *Excavações Poeticas* do nosso traductor. Assim nos-confessa elle ter praticado com os seos poemas *Das Tristezas* e *Do Ponto*, cujas elegias foi superpondo sem methodo, e segundo o acaso lh'as-fazia cahir debaixo das maõs.

Não foi preciso que outro tanto nos-dissesse dos *Amores*, pois de si-mesmos nol-o estão patenteando; não ha hi nexo, nem razão d'ordem, nem successão chronologica, nem cálculo artistico. Resultou surdirem-nos, a cada passo, contradicções repugnantes, e baldarem-se muitos effeitos de perspectiva litteraria, que aliás sem custo se-obteriam. Não teve Ovidio presente ao espirito o preceito de seo amigo Horacio:

. . . . . lucidus ordo.
Ordinis hæc virtus erit, et Venus (aut ego fallor),
Ut jam nunc dicat, jam nunc debentia dici
Pleraque differat, et præsens in tempus omittat.

Pareceu o illustre traductor mui disposto a estudar este ponto importante, para, dando mais poetica ordem

Digitized by Google

ao livro, lhe-sublimar interêsse ; porem não o-ousou, por considerar que os curiosos ou eruditos que desejassem comparar as paraphrases e o texto latino, se-molestariam dos continuos desencontros (que aliás, por meio de referencias, facilmente se-evitariam) ; e sobretudo por não se-atrever a tocar n'essa arca sancta da antiguidade, por tantos seculos respeitada. Não emendou portanto aquelle desconcêrto distributivo do original, com-quanto essa reforma se-lhe-afigurasse urgentissima.

Talvez seja mais facil, confessemol-o, decretál-a do que levál-a á execução, porque emfim tracta-se de fazer um mosaico de parcellas, que foram talhadas á ventura, e não como os brinquedos, que os francezes chamam *casse-têtes chinois*, os quaes teem relações mutuas, preestabelecidas e rigorosas.

Importava aqui, ou deixar as cousas taes quaes estão, ou coordenál-as, na totalidade e entre si, descobrindo-lhes relações mútuas, chronologicas ou artisticas ; isto é, ou da ordem por que os accontecimentos mais naturalmente se-encadeariam, ou d'aquella em que os diversos quadros melhor se-podem uns aos outros realçar, pela similhança, ou pela contraposição.

Levámos a audacia ao ponto de tentar a solução de tão delicado problema ; perdoar-se-nol'a-ha ; visto que ninguem o-ousára, malui me quam neminem.

Estudando attentamente ésta collecção de poesias, para o fim de as-classificarmos methodicamente, tanto quanto a isso se-prestassem, achâmos que ellas se-compõem ; quanto aos assumptos :

Digitized by Google

1. de elegias, cujo logar foi e deve ficar onde se-acham, no começo e final dos livros.

2.° de outras, que nenhuma ligação natural ostentam com o plano da obra, taes como as sobre a *festa de Juno nos phaliscos — morte de Tibullo — o sonho*— cujo logar seria mais proprio, encorporadas n'outras obras.

3.° do grande numero, descriptivo de amores alheios, ou principalmente do poeta.

Considerada a collecção sob outro aspecto, ainda póde dividir-se em:

1.° Elegias enderessadas a Deuses;
2.° Ditas a homens illustres;
3.° Ditas a mulheres ou relativamente a ellas.

Quanto finalmente á grande maioria de taes canções, tambem mui naturalmente representam tres diversos estados nas relações com as bellas; uma especie de *avant, pendant et après*; ou *hontem, hoje e amanhã*; ou *primavera, estio e outomno*; *a saber*:

1.° Amor;
2.° Posse;
3.° Saciedade.

Éstas gradações, ainda dentro de cada uma das classes, admittem matizes novos; pois são varios os degraus entre as disposições do coração e as relações com as bellas, antes do gôso; varios no júbilo e felicidade da posse; varios entre o cançasso e as queixas d'ellas ou de si-mesmo.

Digitized by Google

Isto pôsto, eis-aqui o plano que mais rasoavel nos-parece para ésta classificação.

Não havendo collocação natural para algumas das canções, dirigidas a Deuses e a varões illustres, é proprio começar por essas, ás quaes compete o logar de honra. Seguir-se-hão os amores, no crescendo artistico, por onde os-conheçamos, desde a mais modesta aspiração progressivamente até á mais aborrida saciedade. Só tal ordem se-interrompe, quando um picante contraste acconselha uma approximação, pois algumas ha, que por essa simples collocação, decuplam de valor, como as cartas de J. J. Rousseau, a favor e *contra* o duello na *Novissima Heloisa*; taes são por exemplo—as canções ao marido intolerante e ao tolerante — a Corinna acerca da aia Cypasse, e á Cypasse — as regras de proceder á mesa e a applicação d'essas regras contra elle &, canções que, succedendo-se, se-mutuam interêsse.

Assim estabelecidas as bases, passemos desde já a desenvolvêl-as, explicando os motivos em que nos-vamos fundando.

Respeitemos a divisão em 3 livros, — já porque está consagrada — já porque esses marcos milliarios tornam mais facil a viagem — já porque 3 são as pintadas graduações do coração — já finalmente porque o principio e final dos livros (excepto n'um só caso) foi por Ovidio preparado intencionalmente para essa divisão. Sendo o total das canções 49, daremos ao L. I. 16, ao II. 16, ao III. 17; e eis-aqui a nova ordem em que trocaremos a antiga:

Digitized by Google

ORD. NOVA.	ORD. ANTIGA.	RAZÃO DE CLASSIFICAÇÃO.
Liv. I. C. I.	L. I. C. I.	Fica no seo logar, porque abre perfeitamente o livro e a obra, formando ao edificio uma fachada e um introito appropriados.
		Seguem-se agora as canções enderessadas a Deuses.
» I » II	» I » II	Entre os Deuses, n'um poema de Amores, deve dar-se a preferencia a *Cupido*.
» I » III	» II » IX	Transporte-se para este logar; já por ser consagrada á mesma divindade, já por haver entre ambas muitas analogias, ao ponto de parecer esta, em parte, continuação da precedente.
» I » IV	» III » X	Cabe a *Ceres* e a esta canção o logar immediato, por ser a mais nobre deusa d'aquellas a que o poeta se-dirigiu, e por se-considerar aqui pelo prisma amatorio.
» I » V	» I » VIII	É ainda a *Aurora* divindade, contemplada n'este logar sob egual aspecto.

Digitized by Google

ORD. NOVA.	ORD. ANTIGA.	RAZÃO DE CLASSIFICAÇÃO
L. I C. VI	L. III C. XIII	Sendo esta peça uma excrescencia em tal obra, mas tractando-se da festa de *Juno*, cabia-lhe a posição no logar dos deuses, mas depois das outras canções, por não se referir ao assumpto do poema.
		Venhamos ora ás canções dirigidas a homens illustres.
» I » VII	» III » IX	Á memoria de Tibullo.
» I » VIII	» II » XVIII	A Macro.
» I « IX	» I » IX	A Attico.
		Começam agora as canções á mulheres, ou acerca d'ellas.
	PERIODO DA ASPIRAÇÃO.	
» I » X	» III » II	Encontra a bella, no circo; mas não alcança d'ella uma palavra.
» I « XI	» II » II	Declara têl-a visto, na vespera, no Portico das Danaides; mas ja parece mais esperançado, pois pede ao escravo protecção.

Digitized by Google

ORD. NOVA.	ORD. ANTIGA.	RAZÃO DE CLASSIFICAÇÃO.
L. I C. XII	L. I C. VI	Primeiro bilhete, que dirije á formosa, expondo-lhe os titulos que n'elle concorrem para que o-ame.
» I » XIII	» III » VI	Já a-visita; imprecações ao rio, porque a não deixa ir ver (Classificâmos assim, pelas conveniencias de formar de tudo um corpo, mas suspeitâmos que essa canção fôsse dirigida á mulher).
» I » XIV	» II » VI	Já sabe bem dos gostos da bella, e chora a perda do seo papagaio.
» I » XV	» II » XV	Manda-lhe mimos. Na remessa do annel já lhe-pinta porém o que lhe-aconteceria si uma metempsycose de nova especie o-houvesse n'elle transformado.
» I » XVI	» I » XV	Fecha perfeitamente o Livro.
		—
» II » I	» II » I	Começa por onde deve.
» II » II	» III » V	O sonho, que é destinado a pintar ciumes.

Digitized by Google

ORD. NOVA.	ORD. ANTIGA.	RAZÃO DE CLASSIFICAÇÃO.
L. II C. III	L. I C. XI	Manda-lhe carta pela medianeira Nappe, pedindo que lhe-dê licença de a-ir ver, ou que lhe-responda.
» II » IV	» I » XII	Desespera com essa terceira, por não trazer resposta.
» II » V	» II » XVI	Saudades d'ella, e pedido de que volte, quanto antes, por terra.
» II » VI	» II » V	Saudades antecipadas e pedido de que volte, quanto antes, por mar.
» II » VII	» I » VI	Impetra um porteiro casado para que o-deixe intrar a deshoras.
« II » VIII	» II » III	Impetra, para o mesmo, um porteiro eunucho e já ahi diz que ella e elle desejam essa conferencia.
» II » IX	» III » III	Pede á formosa que não jure falso; que tenha dó dos seos olhos; que o-receba no leito.
» II » X	» II » XVII	Implora que o-accolha, e que lhe-dicte leis, mas do *toro*.

Digitized by Google

ORD. NOVA.	ORD. ANTIGA.	RAZÃO DE CLASSIFICAÇÃO.
PERIODO DA POSSE DESENGANADA.		
L. II C. XI	L. II C. XII	Venci! Corinna repousou no meo seio!
» II » XII	» II » VII	Tem ella ciumes de sua aia, dos quaes elle se-justifica.
» II » XIII	» II » VIII	Justifica-se, com a aia, d'aquella justificação.
» II » XIV	» II » X	Depois de assim nos-provar praticamente, que gostava das duas, demonstra a Grecino a possibilidade de lançar duas ancoras ao navio, para não garrar.
» II » XV	» II » IV	Desde que mostrou possivel passar do amor de uma ao de duas, prova que de duas bem se-passa a mil.
» II » XVI	» I » V	Foi unicamente para o 2° livro que Ovidio não fez um final adequado. Si pois aqui collocámos esta, foi por descrever a absoluta intimidade e facilidade das relações; por fixar bem a situação do céo ainda desnublado; e sobre tudo por ser a mais admiravel na versão.

Digitized by Google

ORD. NOVA.	ORD. ANTIGA.	RAZÃO DE CLASSIFICAÇÃO
PERIODO DE CENSURAS E CANÇASSO.		
L. III C. I	L. III C. I	Rompe magistralmente.
» III » II	» I » VII	Não dá a nós os motivos, não, mas já dá á bella pancadas.
» III » III	» I » IV	Insina-lhe como á ceia deve portar-se, em presença do marido. N'esta altura a posse é tão ampla que até ameaça romper com elle. Outra sería a collocação d'esta, si o seo contheúdo e o da immediata não devessem ser logo contrariados pelo da que se-lhes-segue.
» III » IV	» I » VIII	Esta imitação de Propercio, que formaria um natural incidente da *Arte de amar*, põe na bocca da Dipsas todos os conselhos de uma mulher perdida.
» III » V	» II » V	N'essa descripção da ceia, que presenceou, mostra a discipula ter approveitado, em supremo gráu, as licções das duas precedentes canções.

Digitized by Google

ORD. NOVA.	ORD. ANTIGA.	RAZÃO DE CLASSIFICAÇÃO
L. III C. VI	L. III C. VII	Ja se-revela o cançasso ao ponto de ficar frio, juncto á que tanto amára.
» III » VII	» II » XIII	Contra a amada, porque se-fizera abortar.
» III » VIII	» II » XIV	O mesmo assumpto.
» III » IX	» III » IV	Zangando-se com o marido, porque é zeloso.
» III » X	» II » XIX	Zangando-se com o marido, porque não é zeloso; e porque assim nenhum prazer tem com sua mulher.
» III » XI	» II » XIX	Ralha com a amante, bradando-lhe que no leito faça o que lhe-parecer, mas que não seja tão devassa.
» III » XII	» I » XIV	Nota os defeitos d'ella; queixa-se-lhe da calva.
» III » XIII	» I » X.	Mostra-se desillusionado, farto; a bella dá-se a outros.
» III » XIV	» III » VIII	Não só se-dá, mas vende-se; e prefere a elle, que só ama, outro, que tambem dá.

Digitized by Google

ORD. NOVA.	ORD. ANTIGA.	RAZÃO DE CLASSIFICAÇÃO.
L. III C. XV	L. III C. XI	Dormiu ja á porta d'ella para a-espiar; viu de lá sahir os amantes; exprobra a depravada.
» III » XVI	» III » XII	Lamenta-se porque, si agora ella é conhecida, e si a todos se-vende, foi elle quem o-facilitou, pintando-a, nos seos versos, ao mundo, outra, e melhor do que era.
» III » XVII	» III » XV	Conclue, perfeitamente, o livro e a obra.

Eis-aqui pois, segundo a nossa proposta, o modo como devem colleccionar-se, ou ler-se estas canções, em relação á sua antiga collocação.

LIVRO I.

1.ª— I. 1 — 2.ª I. 2 — 3.ª II. 9 — 4.ª III. 10 — 5.ª I. 13
6.ª — III. 13 — 7.ª III. 9 — 8.ª II. 18 — 9.ª I. 9 — 10.ª III. 2
11.ª — II. 2 — 12.ª I. 6 — 13.ª III. 6 — 14.ª II. 6 — 15.ª II. 15
16.ª — I. 15.

LIVRO II.

1.ª — II. 1 — 2.ª III. 5 — 3.ª I. 11 — 4.ª I. 12 — 5.ª II. 16
6.ª — II. 11 — 7.ª I. 6 — 8.ª II. 3 — 9.ª III. 3 — 10.ª II. 17
11.ª — II. 12 — 12.ª II. 7 — 13.ª II. 8 — 14.ª II. 10 — 15.ª II. 4
16.ª — I. 5.

LIVRO III.

1.ª — III. 1. — 2.ª I. 7 — 3.ª I. 4 — 4.ª I. 8 — 5.ª II. 5
6.ª — III. 7 — 7.ª II. 13 — 8.ª II. 14 — 9.ª III. 4 — 10.ª II. 19
11.ª — III. 14 — 12.ª I. 14 — 13.ª I. 10 — 14.ª III. 8 — 15.ª III. 11
16.ª — III. 12 — 17.ª III. 15.

Digitized by Google

§ 6.

(T. I p. 27. lin. 1) (Prologo)

A Senhora Possolo.

(AS SEGUINTES LINHAS SÃO DE CASTILHO ANTONIO)

« Que muitos e quão formosos talentos se não esperdiçam por estas nossas terras e por todo esse mundo!

« Nascêra a Sra. D. Francisca de Paula Possolo da Costa copiosamente fadada para figurar com lustre entre as poetisas; falsearam-lhe a educação litteraria; desajudou-a, por essa vereda espinhosa e florìda, a sorte, grande zombadora da naturesa, e o que de tão peregrino ingenho nos-ficou apenas serve para podêrmos rastrear, com magua, o que n'ella perderam as lettras patrias.

« Já tarde a affeição, quasi devota, de seo esposo lhe-proporcionou leitura a contento, tracto com poetas e eruditos, ocios e prazeres de solidões campestres e inspirativas; o talento creador estava irremediavelmente arcadisado.

« Foi por esses tempos que principiei a conhecêl-a, e que em sua casa convivi com o amavel poeta, a quem esta obra com tanta rasão vai dedicada.

Digitized by Google

« Sobre a vida e os escriptos da Sra. Possolo não ha porque me-diffunda ; assaz escrevi sobre ambas essas couzas na Noticia que precede a sua traducção posthuma da *Plularidade dos mundos*, de Fontenelle ; recordo-o, porque algum dia poderá servir isso á alguem como apontamentos para a historia litteraria de Portugal.

« Continuarão ainda por muito tempo a desapproveitar-se os talentos feminis ? »

A versão das *Conversações sobre a pluralidade dos mundos, por Fontenelle*, sahiu precedida de uma formosa *Noticia acerca da Sra. D. Francisca de Paula Possolo da Costa*, que sentimos não poder, por sua extensão (132 paginas) trasladar para aqui. Alguns trechos d'essa biographia porem daremos, em honra d'esse complexo de virtudes, e modêlo de talento feminil.

« N'esta famosa cidade de Lisboa, sabido e costumado berço de ingenhos, ainda que tambem sabido e costumado sepulchro e inferno d'elles, nasceu, no dia 4 de outubro de 1733, a Srª. D. Francisca de Paula Possolo. Foram seos paes o Sr. Nicoláo Possolo e a Sra. D. Maria do Carmo Corrêa de Magalhães. Boa estréa lhe foi, para as virtudes de que havia de sahir tão ornada, o abrir logo os olhos em casa tão abastada de tal fazenda.

« Entre paes e parentes, de quem para logo introu a ser delicias, achou todos os exemplos d'aquellas qualidades massiças do bom Portugal velho, que tão raras correm já, por entre as garridices modernas, como o ouro e diamantes. O recato, a palavra, a

Digitized by Google

probidade, união intima com os de casa, lealdade inteira com os amigos, benignidade com os estranhos, afêrro á religião como a herança, e á boa fama como a posse immemorial; estes eram os pergaminhos de sua familia, não fidalga nem plebêa, mas com razão contente de si e estimada dos que por uso ou fama a-conheciam.

. . . . . .

« Quaes fôssem as suas primeiras tentativas métricas, ninguem o-soube nunca; ao acordar nasciam juncto do travesseiro; escondidas no seio viviam um dia sobre o coração que as-brotára; ao despir cahiam para expirar nas chammas, e deixar em herança o mesmo fado ás que infallivelmente havia de trazer o dia novo. Aos quatorze annos desabroxou o seo primeiro soneto. N'este e nos seguintes seos versos, conhece-se, á mistura com a indole peculiar do ingenho da auctora, o não sei que do espirito de Camões; são flôres que, sem desdizerem da planta que as-brotou, das visinhas flôres que as-fecundaram, contrahiram todavia parentesco.

. . . . . .

« Sabido em casa o nascimento do soneto, e presumida talvez por elle a predestinação litteraria da auctora, franqueou-se-lhe uma pouca mais licença para a leitura de livros patrios, como quer que o acaso os-presentasse, ou os-rastreasse o instincto d'aquella tenra e curiosa alumna de si-mesma; mas não lhe-procuraram guia ou ao menos roteiro; e com quanto

Digitized by Google

das estranhas linguas lhe-dessem a aprender a franceza, e com tão boa mestra como foi a nomeada Mm^a^. Cunha, collaboradora da grammatica de La Rue, pouco uso lhe-deram por então de livros francezes para solido aproveitamento; tão pouco chamaram ao seo commercio pessoas que, por mera charidade poetica, sinão por interêsse de arte, a-animassem na carreira. Solitaria a-começára, solitaria a-proseguia, como quasi solitaria a-devia de findar: á natureza e á sua diligencia haviam de pertencer unicamente quantas palmas grangeasse.

« Os cinco annos, que decorreram até aos dezenove de sua edade, foram ferteis em poesia facil, que ella desperdiçava por quantos objectos lhe-appareciam, mormente, como bem é de cuidar, pelas formosuras do campo e da primavera. Era um cantar gracioso e sem ambição de que o-ouvissem, nem os échos; um cantar por gôsto e por cantar; como de andorinha nova, que revôa por entre quantas folhas d'arvore de longe avistou da janellinha do seo ninho; mas si a andorinha é da primavera, a primavera é do amor; sahe-se de sob as azas maternas para avoejar e cantar pelos ares largos e serenos, visitar e festejar todas as formosuras da creação, inspirar e expirar por todos os poros mocidade, que são os feitiços do mundo e uns quasi claros antegostos de bemaventurança; porém ao sahir, logo alli ou pouco adiante, por baixo das folhas verdes, jaz escondido o laço onde toda a liberdade vai parar, toda a alegria converter-se em penas, já crueis e já suaves, toda a amplidão do futuro resumir-se n'um desejo.

. . . . . .

Digitized by Google

« Sem renunciar os gostos de sua mui longa infancia e os objectos de seos primeiros cantos, a sua lyra foi de novo afinada na solidão; os seos sons se-tornaram mais graves e doces, a sua voz mais profunda e inspirada. Onde introu nunca o amor que a melancholia o não accompanhasse? Ainda o mais ditoso, si é amor fino e verdadeiro, se-delicía nas tristezas; si o presente lh'as-nega, estuda saudades; si lhe ellas fallecem, fantasia receios; desespera-se, em quanto não alcança; depois de obter, sobresaltam-n'o os perigos, e de quantos se-lhe-affiguram possiveis, de todos padece.

. . . . . .

Amou a nossa Francilia, como bem era razão que amasse quem tão tarde começava, que já por estes remissos disse Ovidio que o amor os-obrigava pelo capital, e juros de sua dívida; amou como quem só tinha de amar uma vez para sempre; amou como mulher, perfeitamente mulher, que tanto val dizer mocidade de dezenove estios, com muita virtude e muito ingenho; e com tudo os copiosos versos que offereceu aos seos amores, de nenhum modo se-estremam d'entre as infindas collecções do mesmo genero.

. . . . . .

« Por mim o-digo e o-sinto, que mais me-toca a simples palavra amor, ou um longe de desejo n'uma bella musa, do que trinta d'estes Apollos barbados, fabricantes empreiteiros de sonetaria apaixonada, de fado, natureza, tristeza, desgraçado—destino, amargura, pura, ferino,—formoza, amorozo, extremozo, ri-

Digitized by Google

goroza—salgueiro, flores, ribeiro,—rigores, lizongeiro, amores.

« De dous annos, que duraram os seos, antes do casamento com o Sr. João Baptista Angelo da Costa, nada achâmos, no que escreveu, por onde possâmos historiar; representam-se amores como todos os amores, com os seos fluxos e refluxos de esperanças e desesperações, de ancias de viver e de ancias de acabar, em tudo finalmente como todos.

. . . . . .

« N'este prazo, uma enfermidade cruel a-veiu colher, cruel e cruellissima, porque, ~~onde~~ poupa a vida, raras vezes perdoa a formosura. Da fragoa das bexigas sahiu com tudo não só viva, sinão tambem com as mesmas graças com que n'ella intrára; e sinão mais amavel, certamente muito mais querida de quantos corações em volta do seo leito haviam já palpitado com presentimentos de morte.

« Aos 16 de abril de 1813 se-apertou finalmente o desejado laço, com grande contentamento de ambas as familias e dos amigos, que assaz, em tão longo noviciado, se-haviam provado a todos os olhos, como boas estreas de bençam para o novo casal, as virtudes dos dous amantes, a finesa do seo querer, a conformidade de suas indoles, e o cabal de sua mutua vocação. E não sahiram vãos os auspicios.

. . . . . .

« N'esta casa se-via; que sendo os donos d'ella a providencia terrestre de quantos a-buscavam, das por-

Digitized by Google

tas a dentro não falleciam outros prazeres e divertimentos. Tracto e desvello de jardim, que o-tinham mui fresco e rico todo o anno das mais curiosas e peregrinas flôres; ajunctamentos numerosos de parentes e amigos; musica de quasi todos os dias; dança muitas vezes; e por derradeiro, um formoso e bem proporcionado theatro, onde a miude se-representavam dramas e comedias, já traducção, já invenção da nossa mesma poetisa. Duas nos-ficaram das originaes, de que, por se não terem ainda vulgarisado pela estampa, correrá por conta nossa o dar alguma noticia: intitula-se uma *Ricardo ou a força do destino*, a outra o *Duque de Cleves*. Em que annos as-escrevesse não achâmos apontamento: nem nos-consta si de alguma novella estrangeira tiraria alguma d'ellas; como n'este genero de escrever muitas vezes se-costuma.

. . . . . .

« No seo theatro representava a nossa poetisa, com grande e devido applauso de quantos a-viam. Que assim era ella natural em todos os seos geitos e movimentos, expressiva nos gestos sem emphase, e no declamar energica sem artificios; prendas mui raras então, e mui raras hoje em comicos professos e de largos annos, quanto mais em quem nunca pizára tablado. Agradava a novidade; tornava-se preceito o exemplo pela auctoridade da pessoa. Todas as mais damas e sujeitos da companhia, que em geral se-compunha de parentes seos, procuravam imitál-a. Sahiam os dramas bem, isto é, sahiam taes quaes eram, não desfigurados, nem contrafeitos, nem parodiados,

Digitized by Google

nem arrebicados, nem possessos. Representações perfeitas não, que não podia ser; porém muito menos affastadas de normaes, do que tantas outras, que, por paginas de jornaes e cartazes de esquinas, com esse titulo se-pavoneiam, não sem muito riso de estrangeiros e encolhida vergonha dos naturaes, que ainda aconservam.

. . . . . .

« Outra prova do bom juizo e gôsto de sua dona era, em meo parecer, que sendo, como ainda hoje é, costume geralmente recebido, que, n'este genero de divertimentos particulares, não figurem sinão homens, não só representava ella, mas fazia representar aquellas de suas parentas e amigas, em quem sentia mais habilidade; e não havia n'isto inconveniencia, que tanta era a virtude das por tal mão escolhidas, o juizo dos com quem lidavam, as relações que entre todos havia, a probidade hereditaria da casa, e a vigilancia dos donos d'ellas. Por este modo, sem offensa dos bons costumes, nem quebra na fama, se-evitava o mais semsabor de todos os semsabores inventos, que ao mundo tem vindo, o mais desnatural, o mais absurdo e insoffrivel, que é o das damas-machas. « Outras não temos, nem podêmos ter, nem devemos ter, » acudirão por si os theatrinhos; bom remedio, fechae-vos e desfazei-vos, já que não podeis representar. Symfonias desafinadas, dizia Horacio, máos perfumes, e máos doces não são cousas que em um lauto banquete se-hajam de consentir; e porque? . . . . . *poterat duci quia cena sine istis*, porque são luxo de que se-póde prescindir.

Digitized by Google

Em Lisboa, e debaixo dos mesmos tectos, tão lembradas testimunhas de contentamentos, levou os primeiros annos depois da morte de seo marido, em mais que apêrto de clausura, cerrada comsigo em seo aposento, como em templo ou túmulo, cercada de reliquias e memorias do ausente companheiro de sua mocidade; não querendo ver, nem ser vista; não pedindo, nem soffrendo novas de fóra; nem consentindo em visitas, que lhe-interrompessem as do esposo, salvo nas de sua mãe e de alguns outros íntimos parentes, que por dó ou por interêsse, que n'ella tinham, e junctamente por aprenderem cada vez melhor a admirál-a, algumas vezes intravam, como a furto, a vêl-a e ouvil-a. Do livro interior do coração humano, nos dias das paixões tempestuosas da mocidade, disse eu, pouco ha, ser grande fortuna que não podessem olhos de fóra chegar a lel-o. ¡ Mas que livro para ser lido, estudado e citado o que, fiel e punctualmente contivesse a chrónica do como tal espirito e em taes circumstancias empregou, incheu e talvez infeitiçou tantas e tão largas horas de solidão! Mas, quem só nos-podia dar esse livro, jaz agora debaixo da terra. O mais que d'elle nos-ficou foram alguns fragmentos soltos, em paginas de poesia. Bom número d'estas foram epistolas, que lá me iam ter á minha serra, com a refutação prática das especulativas consolações, e confôrtos, que eu de lá, tambem, em versos lhe-enviava.

Mas outras epistolas compunha ella, n'essa mesma épocha, as quaes, com serem de mais arrojada poesia, e novidade, quanto ao genero, muito melhor do

Digitized by Google

que todas minhas defezas, lhe-conciliariam as boas vontades, provando a sinceridade, profundeza e constancia de suas penas. São estas epistolas, onze em número, escriptas ao esposo, a quem, ainda depois de perdido, reputava por seo. ¿ Não reconheceis bem ahi a mulher poetisa e amante? Si a vós tivesseis visto, a travez da porta do seo quarto, cautelosamente fechado a todos, como esconderijo de amores defesos e sequiosos, carregada de preto, cabellos soltos, rosto pallido e descarnado, olhos scintillantes de fé e amor, physionomia enlevada e absorta, a alma fóra do mundo, e a mão correndo como de seo proprio movimento com a penna por sôbre o papel; si tivesseis presenciado o seo successivo mudar de cores, de postura, de gestos, de expressão; si, no alternar-se das suas lagrymas, surrisos e serenidade, houvesseis traduzido as differentes regiões íntimas, que o seo espirito ia atravessando; si houvesseis visto muitas vezes cahir-lhe dos dedos a penna desanimada de alcançar o pensamento; e a encetada carta continuar-se mentalmente, larga, rica e legivel, sem ser escripta; fico-vos eu, que vos-arredarieis d'alli, como de um logar de mysterios, tão mysterios para a vista como para o discurso, onde tudo que passava era fóra do natural conhecido, rêtas e devassadas as barreiras entre a vida e a morte; e resumidas no concavo fundo do espelho magico da alma as variedades dos tempos, as differenças e extremos das affeições, a devoção e a paixão, a terra com todos os seos gostos, o templo com todas as suas cerimonias conjugaes e funebres, a sepultura com todo o seo enigma negro e luminoso, e o céo, reflexo de todas as formosuras do orbe, em número e grandesa infinitamente augmentadas.

Digitized by Google

Até aqui o seo character moral; do seo litterario, só diremos em resumo, que mais fizera por ella a natureza, do que fez a arte; e de toda a arte que recebeu, ella propria foi a sua mestra; amou sempre apaixonadamente a leitura, e a-frequentou; porém mais como recreio, ou consôlo, do que estudo; e a todas antepoz sempre a dos poetas. Era dotada de uma memoria prompta, e perseverante, que empolgava no vôo todos os formosos pensamentos, phrases, e versos e, como falcão bom apegador, acudia sempre muito a ponto a lh'os-trazer. A sua conversação era facil, clara, ornada, judiciosa; muitas vezes de dúvida e consulta, nenhuma de oraculo, nunca de capêllo e borla, e sempre instructiva; sempre medida pelos intendimentos e gostos dos com quem praticava; era um donoso e contínuo transformar-se; com a infancia, infante; com a puericia, leve e voluvel; com a adolescencia, alegre, ou amorosa; madura com a madureza; com a velhice, pausada, reflexiva e profunda; o seo amor proprio, si o tinha, sabìa, como ninguem, hospedar e agasalhar aos alheios, despedil-os mais pagos e contentes de si mesmos, do que d'ella; n'isto só parecia cifrar-se todo o seo. É a conversação uma sciencia difficultosissima, que participa de muitas sciencias, ou de todas; que nem se-ensina, nem se-aprende; que tem mais visos de inspiração, que de industria; e cujo dom é por ventura ainda mais raro, que o rarissimo de bem escrever; e este dom, esta prenda, esta sciencia, a-possuia ella no summo gráu, accrescentando o merito do bem-dizer, com a felicidade de uma voz clara, melodiosa, variada, e que por si mesma se-matisava, e temperava mui ao natural com as côres das idéas,

Digitized by Google

que representava, com o calor dos affectos, que exprimia; por este modo as melhores e, podemos dizer, as inimitaveis de suas obras foram as que não escreveu, nem podia escrever.

D'ella nos-ficaram impressos, e manuscriptos, originaes, e traducções. Apontaremos titulos, não faremos commentarios: Um volume de poesias, publicado em pequeno numero de exemplares, e gratuitamente distribuido por pessoas de sua amizade, com o titulo de — *Francilia, Pastora do Tejo* — oitavo, 218 paginas: Inédita, existe dobrada ou triplicada quantia de versos, seos, arcadicos no genero como estes; Duas novellas uma das quaes sahiu á luz em 1819, e se-diz *Henriqueta de Orleans*; As duas comedias, de que acima falámos, &. São as suas traducções impressas: — *A Corinna ou Italia de Mm.ª de Staël* — com annotações. — *Carta do Conde de las Cases, dirigida, da ilha de Sancta Helena, ao principe Luciano Bonaparte*, e *Pluralidade dos Mundos de Fontenelle*. — Em todas estas obras ha clareza, e facilidade; extraordinaria riqueza de linguagem, não; mas (e não é já esse um pequeno merito) muito menos ignorancia d'elle, do que hoje por ahi mostram, e quasi ufardeiam os traduzidores, contrabandistas, ou bufurinheiros litterarios, de pregão sonoro, e arquêta bem abarrotada de ninharias, e peçonhas. »

Digitized by Google

§ 7

(T. 1 p. 37) (Rosto)

Visconde da Pedra Branca.

(ESTA NOTA E' DE CASTILHO ANTONIO.)

« A's razões que tive, e no prologo apontei, para dedicar a minha obra *á memoria do Visconde da Pedra Branca*, accresce a consideração do verdadeiro merito, que n'elle incontro, como poeta. Os que o-leram, estarão concordes comigo; para os que ainda o não conhecerem, daremos aqui amostras da sua musa; cabendo notar que, entre as muitas excellencias invejaveis, de que se-compunham a sua indole e o seo character, uma das mais raras foi o ter-se conservado moço em espirito e coração até a última velhice, si ja por ventura os annos, que para os mais attenuam e antecipam de longe o frio do sepulchro, lhe não traziam a elle redobramento de affecto e vivacidade. Escolhemos a poesia intitulada *O amor*, e as anacreonticas, *Beija-flor*, e *Beijo*, por serem assumptos que bem se-ligam com o espirito d'esta obra: »

AMOR.

Qual em roda do sol os astros gyram,
Das paixões o cortêjo amor circumda;
Amor é só amor; não se-divide;
Fóco de sensações, d'elle é que partem
De sentimentos os diversos raios;

Digitized by Google

Amor é sempre o mesmo; o que varía,
São seos modos de amar, são seos caprichos.
Qual a religião, que Deus adora,
E cuja essencia cultos mil não mudam,
Em si reune amor amores todos.
Sem amor um desgosto fóra o mundo;
Amor cria, sustenta, anima, enleva!
A causa indaga das acções sublimes,
E a gloria te-dirá: que a Amor perguntes.
De Amor as leis a natureza regem;
Amam as feras nos bosques,
Amam as aves no ar,
Nas aguas amam os peixes,
As plantas sabem amar.
Nascem do mesmo principio,
Aspiram todos o bem;
São nas fórmas differentes,
Mas do mesmo tronco vem.

O BEJO.

Não ha, quem dizer-me possa,
Qual o sabor de teos bejos;
Si houvesse, a inveja matára
Meos freneticos desejos.

E si um bejo de Marilia
Já me-fez esmorecer,
Como provarei teo bejo,
Sem que me-sinta morrer?

Mas si teo bejo é gustoso,
Como certifica amor,
Expire a vida no bejo,
Deixando n'alma o sabor.

Digitized by Google

Nunca te-pedi um bejo;
Pedido, que gôsto tem?
Do amor o que não é dado,
É frio; não sabe bem.

O coração leve aos olhos
A expressão do desejo;
Os labios aos labios levem
Toda a delicia do bejo.

É n'essa muda linguagem
De intelligencia amorosa,
Que de amor vive escondida
A parte mais saborosa.

Esconder o que mais quero,
Fôra enganar mesmo a mim;
Si eu te-pedir bejo occulto,
Nunca me-digas que sim.

O bejo, dado escondido,
Desacredita a que o-dá;
E si é doce ao que recebe,
É uma doçura má.

Si o bejo é signal de paz,
Como póde ser de amor?
Amar é viver em guerra,
Entre delirios e dôr.

O que podér, em teos labios,
O bejo saborear,
Contra amor, e a sorte pecca,
Si a mais quizer aspirar.

O bejo, dado escondido,
Toma do crime a feição;

Digitized by Google

Póde fartar o desejo,
Mas não farta o coração.

Bejo, que deixa remorso,
É veneno em taça d'ouro;
É na pureza de amor
Deixar cahir um desdouro.

Amor é franco; e si affecta
Gostar do mysterioso,
São diaphanos mysterios
Velando o mais deleitoso.

Não são disfarces de Venus,
Nem seo modo incantador,
O que ao puro amor contenta;
É a delicia de amor.

Consulta teo coração!
Si elle póde amar assim,
Sou todo teo.... Si não póde,
Não queiras nada de mim.

O BEIJA-FLOR.

Um beija-flôr namorava
Fresca, viçosa bonina,
Que pôz a mão do descuido
No cabello d'Euphrosina.

Nas azas, que desdobrava,
D'Iris luzia o matiz,
A que os vôos buliçosos
Davam côres mais subtis.

Na macia mão a face
Euphrosina reclinava;

Digitized by Google

Olhos immoveis, abstracta,
Parecia que sonhava.
Pelo virgineo semblante
Meigo surriso corria,
Que indiscreto publicava
O que dentro d'alma havia.
O passarinho beijava
Ora os labios, ora a flôr,
E na demora dos bejos
Eu julgava do sabor.
Um languido movimento
O passarinho assustou,
E a bocca beijando a susto
Mais uma vez, revoou.
Curtos assim são na vida
Doces instantes de amor;
Por um momento de gôsto
Dão tantos!... tantos! de dôr!!!!

---

§ 8.

(T. I p 37.) (Rosto da versão)

Amores de Ovidio; versão.

Art. I

Intrâmos finalmente na admiravel versão do formoso livro. Sería talvez logar de submetter um juiso

Digitized by Google

critico sobre a obra do romano; não o-tentaremos; apenas poucas palavras aqui se-arriscarão.

E' ella uma das mais mimosas e appreciadas do seculo de Augusto. Sparciano (*In Ælio Vero*, cap. IV) affirma que sempre Elio Vero tinha o poema dos *Amores* de Ovidio á cabeceira do seo leito; e em verdade que, no genero erotico, raras producções a musa latina lhe-poderá antepôr.

Quasi direis que este livro constitue, com a *Arte de Amar*, um todo unico. Ha nos Amores mais delicadeza, mais mimo, mais poesia; mas a paridade entre as duas obras é tal que ambas parecem variações dos mesmos themas; e assim como trechos da *Arte* melhor caberiam nos Amores, assim trechos dos *Amores* (como I. IV.) achariam na *Arte* mais appropriado logar, si é que esta aspirava aos foros de grammatica do amoroso idioma, d'essa lingua franca, universal.

A versificação dos *Amores* é geralmente irreprehensivel; talvez um tanto monotona, mas culpa é essa, não do auctor, sim da fórma metrica, em seo tempo adoptada. Talvez tambem que a lingua falada offerecesse contrastes e effeitos, hoje perdidos, e que artisticamente completassem e embelesassem o pensamento; não nos-é dado appreciál-o.

O auctor, excepto no final do 2º livro, incravou todas as peças dos tres em canções adaptadas, começando e acabando cada livro com uma elegia perfeitamente escolhida.

Digitized by Google

De quasi todas estas canções se-póde dizer que ellas realisaram o preceito do bom soneto, fechando com chave de ouro; raras deixam de findar com um gracioso ou profundo epigramma, que resume a idéa da canção.

Si não fôsse a, para nós incómmoda, superabundancia de reminiscencias mythologicas e historicas, em composição de sentimento, devorar-se-hia tal obra seguidamente, sem respirar.

Um ponto ha que n'esses versos nos-revolta; é o modo como o sexo ahi é tractado, comquanto Ovidio seja talvez o mais cortez, o mais respeitoso, o mais francez dos poetas do seo genero e do seo tempo. A mulher ainda então se-ressentia d'aquella philosophia brutal, que até punha em dúvida si ella devia considerar-se como pertencendo á mesma especie do homem! Permitta-se-nos repetir o que diz Cantu, na sua *Historia Universal*; para que falarmos diversamente, quando tão bem o não fariamos?

Os romanos casavam sem amor, e seo amor foi sempre indelicado. Amor, na lingua delles, quer dizer: libertinagem. Dion (L. XI. 4) diz que Nero *comia, embriagava-se, amava*. Tinham elles este brutal anexim: *Sem Ceres e Baccho, o frio ataca Venus*. Dizia o censor Metello Numidico: « *Houvesse a natureza sido menos madrasta, dando-nos a vida sem precisão de mulher, e ver-nos-hiamos livres de bem importuna companhia!* » Accrescentava mais, que o casamento devia considerar-se como o sacrificio de um praser particular a um dever público. (*Aulo-Gellio. I*).

Digitized by Google

As mulheres, por tal guisa tractadas, tão pouco se não recommendam por sua moralidade. Por uma Cornelia, veneranda mãe dos Gracchos, que somente da pecha de ambiciosa póde ser censurada; por uma Octavia, excellente irmã de Augusto, e mãe de Antonio, ostenta-nos a historia uma Servilia, mulher de Lucullo, expulsa por suas devassidões; uma filha de Silla, casada com Milão, e por este surprehendida com o historiador Sallustio, que é condemnado a uma pesada mulcta e a ser fustigado. Catão repudia sua primeira mulher, por indigna; cede outra para inriquecer. Suspeita-se que Tulliola, filha de Cicero, tem relações criminosas com seo proprio pae. Mucia, mulher de Pompeo, irmã dos dous Metellos, perde todo o pudor. Saxia, enamorada do seo genro, faz-lhe repudiar sua filha e vive com elle como sua mulher, depois de ter chegado até o parricidio. A irmã de Clodio presta-se, ainda creança, ás incestuosas caricias do irmão, casa com Metello, e conserva com Celio, a quem empresta dinheiro, relações vergonhosas; temendo que este a-invenene, cita-o perante a justiça, e ahi semencionam publicamente as infamias d'ella, e os banhos que ella mandava preparar em seos jardins, afim de melhor escolher entre a numerosa juventude que ahi concorresse! Marco Antonio conduz em triumpho, no seo carro, a prostituta Cytherida, sahida dos prostibulos de Roma. Fulvia, filha d'esse Flaco, cujos crimes mancharam a causa dos Gracchos, cançada de vulgares amores, quer governar a quem governa; desposa Clodio, tão feio como arrogante e perverso, e dá-lhe a mão para empolgar suas riquezas; quando este é assassinado, casa com Curião, faustoso dissoluto, a

Digitized by Google

quem Cirero chamava *a Curiãosinha, o assiduo perturbador da tranquillidade pública*; inviuva d'aquelle, e passa a ser mulher, conselheira e ministra das crueldades de Marco Antonio; assiste ao supplicio de trezentos officiaes que em sua tenda manda matar, e lança-se sobre a cabeça insanguentada de Cicero; em presença d'ella, em casa de Gemello, personagem tribunicio, dá-se uma ceia ao consul Metello e aos tribunos, na qual se-espojam em todas as infamias do mais ignobil lupanar, chegando o moço patricio Saturnino a prostituir-se alli!

Dos poetas eroticos facilmente se-sacaria a historia da arte do praser, em que eram mestras as bellesas romanas (V^e. Boltiger, *Sabina ou a manhã de uma dama romana*, Leipsick, 1806, allemão). De noite, punham no rosto, para lhe-conservarem a frescura, uma cataplasma de migas de pão insopado em leite de egua; as escravas, incumbidas dos pormenores do toucador, passavam horas esquecidas a caiar e pintar o rosto da senhora, e a suavisarem-lhe a pelle; punham-lhe os dentes que faltavam; tingiam-lhe de vermelho ou preto as sobrancelhas e os cabellos, segundo a moda; adaptavam-lhe uma cabelleira ou crescente de alem-Rheno, tirada da cabeça de uma mulher sicambra. Occupa-se uma escrava a incaracolar os anneis dos cabellos, outra a perfumál-os, a terceira a adornál-os com flores ou com os longos alfinetes; mas pobres d'ellas, si a senhora, mirando-se ao espelho de prata polida, acha que dissimularam mal os seos defeitos, ou não fizeram sobresahir bastante as suas bellesas! não só a fidalga as-arranha e morde, mas tem á mão

Digitized by Google

um comprido alfinete, com que espicaça o seio nu da escrava inhabil; ás vezes mesmo ordena ao escravo incumbido dos castigos (*lorarius*) que suspenda pelos cabellos a culpada, e a-fustigue até a senhora, infurecida, dizer: Basta!

Emfim, eisahi a janota romana penteada, untada e apommada; tem as unhas cortadas; acaba de lavar no leite as mãos e de limpál-as aos cabellos louros de um escravo moço; traja o vestido de matrona, de fazenda de lan branca, bordada de franjas de ouro e de purpura. Tem, é verdade, tunicas de variadas cores, mas guarda-as para as suas excurções nocturnas, quando se-lhe-mette em cabeça vagar pelas ruas de Roma, para que os rapazes a-tomem por uma liberta ou mulher da vida airada. Cobrem-n'a de perolas e pedras preciosas, despojos das rainhas estrangeiras; o que faz dizer que só uma mulher traz sobre si um patrimonio. Cada um dos dedos (excepto o do meio) vai carregado de anneis, que variam segundo a estação, com pedras gravadas pelos mais célebres artistas (Tudo isto talvez mercado ao preço da honra). Embrulha-se emfim no seo manto, e lá sahe, levada n'uma liteira por 8 robustos escravos, que ella mesma escolheu no mercado; dous andarilhos a-precedem correndo; duas escravas moças vão ao seo lado, levando para-soes de cauda de pavão; e no encalço dous rapazes com coxins.

Assim vai para alguma conferencia amorosa; ou a casa de uma amiga para fazer-lhe uma visita maligna; ou ao circo, para assistir aos combates dos

Digitized by Google

gladiadores; alli, com aquella mão, cujas suaves caricias Catullo e Propercio cantam, fará friamente signal ao vencedor, que degole o vencido derribado. Virá depois a hora das lubricas ceias, onde essa mulher sabe, a occultas, crear secretos gosos, em quanto seo marido, connivente com o negociante hispanhol, comprador generoso de sua infamia, calcula o ouro promettido a uma tolerancia silenciosa. . . . . Como, com mulheres taes, poderiam conservar-se, queridos e respeitados, os laços de familia?

Por isso, nada era mais commum que o divórcio, pelas mais leves causas. Esterilidade; rixas de uma madrasta com a nora; impudicicia; eram os motivos mais frequentes; mas Paulo Emilio poz fora a sua mulher, sem allegar outra razão sinão que estava farto d'ella. C. Sulpicio Gallo fez o mesmo, por ter a sua sahido com a cabeça descoberta. Q. Antistio Veter, por a sua ter conversado em segredo com uma liberta, de classe baixa. P. Sempronio, por ella ter ido aos jogos sem elle saber. Cicero repudiou Terencia, no fim de 36 annos, por precisar novo dote para pagar dividas, e Publia, por parecer regosijar-se com a morte de Tulliola. Terencia casou successivamente com quatro maridos, Tulliola com tres, e o ultimo, Dolabella, repudiou-a, estando ella gravida. Bruto, o virtuoso Bruto, expulsou Claudia, para desposar Porcia; e Cicero, a quem elle consultou, aconselhou-lhe que se-apressasse, para pôr termo ás tagarellices, mostrando que não obrava assim por moda, mas afim de se-unir á filha do severo Catão. Conta Plinio que um famoso comilão esteve em pontos de repudiar a mulher, por

Digitized by Google

lhe-ter intrado na cava, estando menstruada, o que podia azedar os vinhos. Plutarcho fala de C. Titinio de Minturno, que desposou a impudica Fania, com a tenção de a-expellir depois por máo comportamento, ficando-lhe com o dote; especulação reproduzida por muitos imitadores. As mais das vezes até era uma separação concorde, ou sem motivo, ou por haver já outros empenhos tomados. Cesar teve tres mulheres, Augusto quatro; cinco ou seis os outros membros de sua familia. Certas mulheres, diz Seneca, contavam os annos pelos maridos e já não pelos consules.

Si nos-causa espanto vermos os athenienses conduzirem seos filhos e mulheres a apprender o *bom tom* na morada de Aspasia, menos não deve assombrar-nos observar que as matronas romanas protegiam as meretrizes, e conservavam juncto a si, sob o mesmo tecto, as que lhes-corrompiam maridos e filhos. « *Estas matronas* (brada uma mulher perdida em certa comedia de Plauto) *querem que nós precisemos d'ellas*; *si a ellas nos-chegâmos, logo nos-arrependemos*; *em pûblico, são todas mel para nós*; *apenas virâmos costas, aqui d'el rei que somos libertas.* »

Basta. Este quadro da romana de Augusto, tão outra da sua avó Sabina, prova que a mulher d'essa sociedade, despresada e despresivel, menos fonte que ludibrio da raça humana, não fim mas instrumento, despojada de toda essa aureola de pudor e grandeza, que o christianismo lhe-restituiu, auctorisava, em vez de um culto respeitoso e sincero, desattenções e menos-preço; e que si se-lhe arremessavam flores, eram malme-queres e não amores-perfeitos; eram espinhos sem

Digitized by Google

rosas e não rosas sem espinhos. N'essa epocha tudo era *grande*; os vicios como as virtudes.

Si d'isto vos-convencerdes, acharêis que Ovidio não merece a geral imputação com que o-opprimem; ha muitas vezes nas suas palavras uma suavidade, uma cortezia, um perfume, que alembra o sentimento christão; mas si, mais frequentemente, revela desestima ao sexo, culpa é essa, não sua, mas da sociedade e do tempo em que surgiu.

ART. II.

Algumas palavras, quanto á Paraphrase, que vai ler-se, porquanto este se-nos-affigura o logar mais proprio para aventurarmos algumas observações especiaes sôbre a versão que ora começa.

As litteraturas, geraes e particulares, como toda a creação, teem suas phases de desinvolvimento, seos periodos de crescimento, suas crises de estagnação ou abatimento, que se não devem confundir com a morte; esses temporaes são, não certamente a suppressão, mas modificações de existencia.

Quando, nas modernas litteraturas, tendencia, corrupção ou exemplo hão deformado ou depravado o gôsto, o especifico contra essa infermidade moral tem sido sempre o remontar ás fontes do bello. Todos os povos tacitamente assim o-intenderam, por uma especie de catholicismo litterario, uma universal religião do passado.

Digitized by Google

Sem dúvida que essas fontes, dos tempos conhecidos, são o Oriente, o Egypto, a Grecia; mas para a litteratura actual, de tudo isso nos-foi Roma intérprete. Suas armas, suas conquistas, sua civilisação, seo idioma levaram a toda a parte os progressos já então conseguidos pelo homem, em qualquer ponto da redondeza; davam-lhe e recebiam-lhe luz os povos avassallados; esse grande corpo social alimentava-se, como humano corpo, de uma circulação intellectual, em que as arterias romanas diffundiam o sangue, que, acarretado ao grande coração pelas veias estrangeiras, alli se-elaborava, para vivificar o universo; de seos eternos tropheos não é certamente esse o menos esplendido.

Toda a casta de opulencias se-centralisaram pois em Roma, ou porque indigenas fossem, ou porque se-lhes-conferisse direito de cidade. Eis a rasão do pasmo que se-apodera das turbas, quando, cançadas dos vertiginosos desvarios das litteraturas acrobaticas, e voltando aos modelos antigos, vão n'elles achar o que não procuravam, em paga do tempo que haviam malbaratado em procurar o que não achavam.

Maravilham-se de desinterrar tanta novidade da antiguidade. Então recupera o gôsto seos perdidos foros! Como Talma, como Rachel, como Ristori, volta o espirito humano ao antigo; ao porte majestoso, á dicção pura, á paixão sobre-humana, á natureza nobilitada, ao genero de perfeição que recorda as linhas da estatuaria, ao sublime do bello.

Um periodo atravessâmos, em que a humanidade, unanime, presta a esses tempos felizes esta homena-

Digitized by Google

gem retrospectiva. O espirito de reacção, que tende a abrir outro leito á torrente, que o seculo passado, por apertadissima, tornára devastadora, restabelece os grandes e eternos principios sobre que a sociedade só póde assentar; já o throno retomou posse de seos degraus e seo docel, a justiça de seos pesos e conchas, o altar da sua pedra e do seo calix. Nas lettras, essa restauração pacifica, com ser mais morosa, nem por isso é menos segura.

Transplantar pois para a nossa lingua, em tão appropriada epocha, as riquezas do latim, é prestar ás lettras incommensuravel serviço; é proporcionar modelos e guias, é excitar emulações, é estender horizontes, é robustecer uma litteratura cançada e transviada. Nobre e difficil empenho é esse, de que a actual paraphrase nos-dá brilhante exemplo.

Nobre e difficil sim, para quem applica a taes assumptos sciencia e consciencia. Sem profundarmos a renhida questão do merito relativo das composições originaes ou traducções, já alhures dissemos que—transportar as riquezas de um idioma para outro, mui diverso de indole e constituição; — apoderar-se, em grau egual, dos mais reconditos segredos de duas linguas, sabendo dissecar as mais tenues fibras de ambas; — incorporar na propria a intelligencia alheia, e d'ahi observar a materia de identico modo; — conhecer como se-foge da fidelidade infiel, que, prendendo-se ao vocabulo litteral, olvida ser a idéa, neja a palavra, que se-traduz; — vedar a si mesmo o impulso natural de desinvolver e incarar o pensamento de um modo

Digitized by Google

peculiar; — luctar com athleta de estylo; — rivalisar com victorias do ingenho; — ornar phrase estranha de vestes e cores nacionaes, tão conchegadas e proprias, que os mais atilados olhos se-enganem; — são meritos relevantes, que podem derramar tanta gloria como producções originaes de subido quilate.

Mal hajam os que, em nossas terras, hão vilipendiado o mister de traductor com a ignobil especulação, que intulha os prelos de chamadas versões (que nem chegam a ser as *caixas opticas* do Garção) em que a palavra franceza vem, salva a desinencia, achar-se no seo torrão; em que a locução franceza pasma de ver-se daguerreotypada, sem uma inversão, um traço, que a-inculque portugueza. É assim que o opprobrio de traductores taes recahe na importante arte de bem traduzir; que se-dá rasão ao proverbio italiano: *traduttore, traditore*; que finalmente se-necessita ânimo para imitar os Francos Barretos, os Ericeiras, os Ribeiros dos Santos, os Filintos, os Bocages &.

Da mór parte das versões — umas entre-mostram, sim, o original, mas em pedaços, como fragmentos de quebrado espelho — outras simelham-se-lhe como um simio a um homem, um tregeito a um surriso, um satyro a uma graça. Talvez o pensamento musical seja o mesmo, mas aqui executado na lyra, alem na marimba do selvagem.

Não, não é d'essas versões que falâmos, mas sim dos trabalhos no genero d'este, pois em verdade só a soberanos é dado conceder carta de naturalisação. Transportar o pensamento, com todo seo mimo e brilho

Digitized by Google

e fôrça, atravez do papel vegetal da intelligencia, de um para outro idioma, sem que se-distinga qual o copiado; pintar a idéa em transparencia, só genios o-podem tentar. Mas com Ovidio sóbe de ponto a difficuldade. Castilho Antonio soube ser fiel ao primor de estylo, ao modo, *ao geito* (si é licito empregar a palavra); soube reproduzir aquella maravilhosa mistura de elegancia e familiaridade, sem o escolho da baixesa, nem excesso de subtilezas; e mais de uma vez poude exclamar, como Nero:

Si abraço o meo rival, é para suffocál-o.

Largo espaço nos-tomaria o dissertarmos aqui, exemplificando, das qualidades e bellezas d'esta versificação, do merito da traducção, das similhantes tentativas feitas por outros em estranhas terras e nossas, dos typos variados da fórma metrica, da opulencia e variedade da rhyma, da travação das consoantes, do jôgo das vogaes, do colorido da phrase, da onomatopea de innumeraveis passos, do metastasiano de muitas arias, da harmonia entre as dimensões do verso e o assumpto, da abstenção de sinalefas e sancadilhas, da arte com que ainda se-velaram muitos trechos descompostos, da profunda intelligencia do poema vertido e melhorado, da consciencia de tal trabalho, da coragem de sacrificar anteriores versões excellentes mas que não satisfaziam completamente o traductor, do estudo da lingua, do emprêgo dos agudos e esdruxulos, do cheio e harmonioso do verso, dos milagres realisados no *Decubito de Corinna* e outras canções, e de mil outras circumstancias que entram no dominio da critica litteraria, e a que não vemos rasão para que uma al-

Digitized by Google

cunhada *modestia* de irmão deva furtar-se. Vedam-nol-o porém as largas dimensões, com que outras materias teriam de ficar prejudicadas.

Uma advertencia cumpre aqui submetter, não talvez inutil. Das canções que vão ier-se, umas são traduzidas com fidelidade, outras livremente, outras copiosamente paraphrascadas (*Non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed* GENUS *omnium verborum,* VIMQUE *servari. Non enim ea me* ANNUMERARE *lectori putavi opportere, sed tamquam* APPENDERE. Cic. de opt. gen. Orat. 5). Não inventariaremos; aquelles a quem isso póde importar, lá o-verão; e as rasões tambem dos desvios, onde os-houve, attingil'as-hão, sem nenhum custo.

Estas versões, imitações, paraphrases, e variações dos Amores pertencem a tres prasos mui distinctos: umas são *antiquissimas*, e datam dos tempos em que Castilho Antonio era estudante em Coimbra;— outras *antigas*, nasceram na Castanheira do Vouga, e correm de 1830 a 1833; — outras emfim improvisou-as, para completar a collecção, durante a sua breve estada no Rio de Janeiro.

É o tempo em todos, e em tudo, grande causador de mudanças. Os bons observadores reconhecerão, ao primeiro vibrar de olhos, as metamorphoses por que foi passando a *maneira poetica* do primoroso escriptor, e os progressos que o tempo lhe-veiu trazendo no estylo, na dicção, na concisão, no metro, na rhyma e nas fórmas. Adscrever cada uma das canções, n'uma nota especial, áquelle dos tres prasos a que ella per-

Digitized by Google

tencia, fôra a nossa primeira intenção; mas reflectindo, achámos que valia mais infeixar aqui todas essas indicações, que, separadas, offereceriam menos interêsse litterario, e induziriam, pelas repetições, em muito desperdicio de palavras.

São pois do primeiro praso, *antiquissimas*, no Liv. 1.° a 2.° 3.° 6.° 7.° 9.° 13.° 15.° — no Liv. II a 4.ª 10.ª 11.° 15° — no Liv. III a 3.° 10.°

São do segundo praso, ou *antigas*, no Liv. 1.° a 1.° 4,° 8.° 10.° 11.° 12.° 14.° — no Liv. II a 1.° 2.° 3.° 6.° 7.° 8.° 9.° 12.° 16.° 17.° — no Liv. III a 1.° 4.° 6.° 9.° 11.°

São do praso terceiro, e *hodiernas*, no Liv. 1.° a 5.ª — no Liv. II a 5.ª 13.ª 14.ª 18.ª 19ª — no Liv. III a 2.ª 5ª 7.ª 8ª 12.ª 13ª 14.ª 15.ª

Art. III.

Finalmente, para com mais interêsse concluirmos este §, aqui trancreveremos as linhas com que o nosso poeta precedeu, no excellente Semanario, de Lisboa, intitulado *Archivo Pittoresco*, as quatro canções d'esta obra, que alli deu por amostra:

« Todos sabem. . . . . *todos sabem* é a fórmula usual, quasi sempre errada e aqui erradissima; corrijo pois: *sabiam* os versados nas lettras classicas, em quanto os-houve, que os amores poeticos dos pagãos differiam consideravelmente dos amores poeticos dos modernos, ficando a vantagem e melhoria da nossa parte. Lá, predominava a sensualidade, que facil-

Digitized by Google

mente degenerava em grosseria; cá, predomina o espírito (que tambem, verdade seja, é subjeito a sua degenerações); lá, a mulher ainda não tinha subido, por beneficio da civilisação, mais que um gráu para aquem de escravo, e dous para cima de fêmea.

« O poeta portanto, epilogando em si, para que a posteridade o-ficasse conhecendo, o homem do seo tempo, andava pela cidae, á caça de formosuras faceis e fugitivas, como hoje um senhor monteia corças e gamos nas suas tapadas. As Graças eram filhas de Venus, como o proprio Amor, chamado então, sem disfarce, *Cupido* ou *Cubiça*! Um affecto não aspirava a durar para além da vida; commummente nem de uma estação da mesma vida elle passava! A mocidade o-via nascer e acabar, como a primavera as violetas:

. . . . *apti lusibus anni.*

« E mesmo, assim como, de involta com as violetas, um cardume de outras flores alegra e perfuma a primavera, os annos verdes de cada um não se-restringiam escrupulosos a um só galanteio; a existencia era um festim, e festim apressado, que, á porta do triclineo, se-entrevia sempre a morte, como incitamento para o gôso. *Fugaces anni*, *brevis hora*, era o estribilho d'aquellas lyras. Para as grinaldas, quantas mais rosas; para os brindes, quantas mais taças; para os amores, quantas mais formosas. As rosas, despidas dos seos aculeos; os vinhos, trazidos aos labios por mãos serviçaes, antes de os-pedir a sêde; as raparigas, sem mais rigores que os indispensaveis para irritar desejos; e quando não, é escutar os canticos, que de lá, do fundo d'aquellas Athenas

Digitized by Google

e Romas, estão ainda hoje resoando nos echos das nossas cidades, já mais adultas e menos frivolas! Que effeito nos-produzem cá, n'esta distancia de dous mil annos? o que faria um descante saturnal passando ao longe pela praça, e reflectindo-se, amortecido, na meditativa abobada de um templo ou de um palacio. Estranho contraste! São Necropoles as que parecem alegrar-se, e povoações viventes ao sol as que devaneiam e reflectem.

« Si exceptuarmos a Andromacha e a Penelope do Homero, alguma scena de Sophocles, o inspirado 4.° livro da Eneida, o episodio de Ceyx e Alcione das Metamorphoses, um pouco de Tibullo, e quasi todo o Propercio (quanto a nós, o unico apaixonado amante de toda a antiguidade); si exceptuarmos estes, ou poucos mais, que rasgam como relampagos, a profunda noite do materialismo polytheista, o amor, não indigno de se-offerecer e de se-acceitar, o amor fino e idealisado, o amor dos Lamartines, e Hugos, não era ainda conhecido nem futurado; tinha de nascer muito mais tarde; primeiro havia de vir, como veiu, a reacção, proporcional, e por isso, extrema, o salto da sensualidade para a espiritualidade, eschola nebulosa e triste, verdadeira edade média das lettras, em que é difficil reconhecer a sensualidade natural, atravez do mysticismo.

« Da poesia erotica e terrestre dos Anacreontes e Saphos, dos Horacios e Catullos, e da poesia metaphysica, beatifica e insipida, dos Petrarchas e dos Camões, se-fundiu a poesia amorosa do nosso tempo, que indubitavelmente é transição para alguma outra avantajada.

Digitized by Google

Em tudo e sempre o melhoramento, o progresso para o paraizo terreal do futuro! Ora: é mesmo para comprovar, por mais um exemplo, esta contínua evolução da humanidade, de estado para estado, de melhor para melhor, verdade summamente consolativa, e tão efficaz para crear brios e fôrças, que nós nos-comprouvemos em passar, da lingua morta dos antigos dominadores da terra, para o idioma que nós hoje falâmos, e que tambem algum dia será fossil, quando civilisações novas nos-chamarem barbaros, o monumento mais notavel das devassidões da antiga Italia, sob o falso titulo de *Amores*; edificado pelo proprio mestre da *arte de amar* de então, isto é, da arte de gosar e seduzir. É um escripto, mesmo pela sua immoralidade, precioso, considerado moralmente. É um documento historico; e a historia tem, pelo menos, e sem dúvida, este merito: que nos-convence da lei da perfectibilidade, e por tanto nos-accende desejos de perfeição, que nunca de todo são perdidos.

« Com o mesmo intuito, com que nos-abalançámos á difficuldade lyrica, e façanha moral, de verter ainda que paraphrasticamente, os *Amores de Ovidio*, nos-decidimos a offerecer, no presente e nos seguintes números d'esta publicação, cuja indole deve ser litteraria e philosophica, recreativa e social ao mesmo tempo, algumas amostras do nosso inedito.

« Na escolha, não consultámos o merecimento comparativo, por parte da poesia ou do estylo; preferimos o que, por menos desenvolto, nos-pareceu mais facilmente recebivel.

Digitized by Google

« A íntegra da obra, si algum dia sahir á luz, não será em jornal, mas em livro, com todas as necessarias cautelas e advertencias, para que se-resguarde das mãos a que não pertence. A natureza dos periodicos é outra: a sua publicidade prorompe, incoercivel, para toda a parte; phyltra por todas as camadas do povo; apparecem a todos os olhos; cahem em todas as mãos; entram por todos os ouvidos; actuam, mais ou menos, em todas as almas. Cada cousa no seo lugar; no que lhe-é proprio, nenhuma deixa de servir. »

FIM DO 5.º VOLUME DOS AMORES,

E 2.º DA GRINALDA OVIDIANA.

Digitized by Google

OS
AMORES,

DE

P. OVIDIO NASÃO.

PARAPHRASE

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO;

SEGUIDA PELA

GRINALDA OVIDIANA,

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

VI

Digitized by Google

Rio de Janeiro. — Typ. de B. X. Pinto de Sousa.

Digitized by Google

A

GRINALDA OVIDIANA,

APPENDICE Á PARAPHRASE DOS

AMORES;

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA,

DO CONSELHO DE S. M. FIDELISSIMA;
FIDALGO CAVALLEIRO DA SUA REAL CASA;
COMMENDADOR DAS ORDENS DE CHRISTO E DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILLA VIÇOSA;
DOCTOR E BACHAREL EM DIREITO, MEDICINA E PHILOSOPHIA, PELAS UNIVERSIDADES DE COIMBRA, PARIZ E ROSTOCK;
PRESIDENTE DA COMMISSÃO DO NACIONAL E REAL ARCHIVO DA TORRE DO TOMBO;
EX-BIBLIOTHECARIO MÓR E EX-DEPUTADO ÁS CÔRTES EM VARIAS LEGISLATURAS;
TENENTE CORONEL;
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA;
MEMBRO DA SOCIEDADE REAL DOS ANTIQUARIOS DO NORTE;
DA ACADEMIA DE HISTORIA DE COPENHAGUE;
DAS SOCIEDADES PHARMACEUTICAS DO NORTE DA ALLEMANHA, DE SALZUFFLEN, E DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO DE PARIZ;
DO CONSERVATORIO REAL E DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO;
DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ NO RIO DE JANEIRO;
DO INSTITUTO HISTORICO DA BAHIA;
DO CONSERVATORIO DA MESMA CIDADE;
E DE OUTRAS SOCIEDADES SABIAS, &.

Tomo 6.°

RIO DE JANEIRO

PUBLICADA EM CASA DO EDITOR — BERNARDO XAVIER PINTO DE SOUSA

Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

1858.

Digitized by Google

Digitized by Google

GRINALDA OVIDIANA.

§ 9.

(T. I. p. 41.) (I. I. Titulo.)

Metamorphose da trombeta em lyra.

N'esta canção, quiz o nosso poeta, quando fala das suas emprezas de poesia heroica, alludir á *Gigantomachia*, poema que tinha começado, ao qual outra vez allude no Livro II, canções I e XVIII, e que estava fadado a não vir á posteridade, para nos-ficar, em logar d'elle, o do hyperbolico, tumido e monotono Claudiano; monumento da decadencia, tanto da latinidade como do gôsto.

N'esta canção, especie de preambulo aos *Amores*, temos, em estylo nobre, o que, em estylo chão e gracioso, escreveu Xavier de Maistre: a lucta do espirito com a materia, *eu e a besta*.

Massillon, n'um sermão, havia descripto egualmente o eterno conflicto, que se-dão, dentro em cada um de nós, o *homem bom* e o *máo*, quando Luiz, o Grande, exclamou: « *Esses dous homens tambem os eu conheço* ».

Digitized by Google

Conhecemol-os todos; e por desgraça é o mal, é a besta, é a materia, quem mais vezes leva debaixo o seo adversario; aqui foi assim; foi a sensualidade a que triumphou; mas si a moral se-póde queixar, a poesia de certo o não fará.

Assistamos, como em pequeno circo, a uma competencia de gigantes. Vejamos como, *na mesma arena*, se-houveram com Ovidio o moderno Dirceo (*) e o velho Anacreonte. Comecemos pela lyra XI, de Dirceo (**).

Não toques, minha Musa, não, não toques
Na sonorosa lyra,
Que ás almas como a minha, namoradas,
Doces canções inspira.
Assopra no clarim, que, apenas sôa,
Enche de assombro a terra!
N'aquelle a cujo som cantou Homero,
Cantou Virgilio a guerra.
Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as Graças, de que fórma
Cupido o seo thesouro;
Vivos olhos, e faces cor de rosa,
Com crespos fios de ouro;

(*) Facil seria converter em honra d'este o multa Dircœum leva aura cycnum, de Hor. (lib. 4 od. 2)

(**) Que Thomaz Antonio Gonzaga, o portuense cantor da brasileira Marilia, lia e estudava Anacreonte, como um modêlo que é de eterna imitação, das suas proprias lyras se-collige; quando não, é ler a lyra 31 — confrontar as imitações da ode 2 na lyra 24 — da ode 40 na lyra 20 — da ode 3 na lyra 12 &.

Digitized by Google

Meos olhos só vêm cedros e loureiros;
Vêm carvalhos, e palmas;
Vêm os ramos honrosos, que distinguem
As vencedoras almas.
Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Cantemos o heroe, que já no berço
As serpes despedaça;
Que fere os Cacos, que destronca as hydras
Mais os leões, que abraça.
Cantemos, si isto é pouco, a dura guerra
Dos Titães, e Typheos,
Que arrancam as montanhas, e atrevidos
Levam armas aos céos.
Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Anima pois, ó Musa, o instrumento,
Que a voz tambem levanto...
Porém tu déste muito acima o ponto...
Dirceo não sóbe tanto.
Abaixa, minha Musa, o tom, que ergueste;
Eu já, eu já te-sigo.
Mas, ah! vou a dizer Heroes e Guerra,
E só Marilia digo.
Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Só posso seguir-te,
Cantando de Amor.

Feres as chordas de ouro? Ah! sim, agora
Meo canto já se-afina;
E a humana voz parece que, ao som d'ellas,
Se-faz tambem divina.

Digitized by Google

O mesmo, que cercou de muro a Thebas,
Não canta assim tão terno;
Nem póde competir comigo aquelle,
Que desce ao negro inferno.
Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Só posso seguir-te,
Cantando de Amor.

Mal repito Marilia, as doces aves
Mostram signaes de espanto;
Erguem os collos, voltam as cabeças,
Param o ledo canto;
Move-se o tronco, o vento se-suspende;
Pasma o gado, e não come...
Quanto podem meos versos! Quanto póde
Só de Marilia o nome!
Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Só posso seguir-te,
Cantando de Amor.

Dissemos que esta canção de Ovidio era, em parte, imitação de uma ode de Anacreonte, ou por ella inspirada.

Durante a sua estada no Rio de Janeiro, o nosso traductor de Ovidio commetteu a muito mais ardua empreza de dar carta de naturalisação ao Velho de Téos; as muitas tentativas analogas tinham todas ficado frustradas; o poetico symbolo da graça, da singeleza, da juvenilidade, do mimo, parecia intraductivel. Não foi assim; Anacreonte resurgiu portuguez.

Daremos n'esta Grinalda, e nos logares appropriados, quasi toda essa admiravel versão, cujo estylo tão raros modelos tinha no nosso idioma. Não tanto das

Digitized by Google

chamadas anacreonticas, como de outras producções, poderiamos arrancar trechos, que esta fórma de poesia acceitasse; por ex. do dithyrambo, de Curvo Semedo:

Oh! não vês, Delia mimosa,
Apinhados,
Pelo friso da taça formosa,
Em tumulto os amores damninhos,
Debruçados,
Dando sorvos, piscando os olhinhos?
Olha! alguns que, embriagados,
Com semblante furibundo,
Dentro olhando a propria imagem,
Querem dar-lhe, e despenhados,
Precipitam-se no fundo;
Do marulho e da voragem
Os mais ficam salpicados,
E as cabeças sacudindo,
Dos parceiros se-estão rindo.

São porém rarissimos estes e outros passos do genero verdadeiramente anacreontico.

Cremos que os leitores nos-agradecerão que façamos preceder a primeira peça, que da dicta versão de Anacreonte vamos dar, do artigo litterario que na *Revista Peninsular* publicou, ha pouco, o Sr. Luiz Philippe Leite, quando n'aquelle importante repositorio appareceram alguns specimens d'esta obra. É do theor seguinte:

« O que o inexcedivel traductor pensa do seo modêlo e do seo trabalho, melhor se-avaliará com palavras suas que pela crítica alheia. Elle, que viveu

Digitized by Google

com o seo poeta, que se-identificou em espirito com esse espirito sempre vivo, sempre festejado, sempre original a despeito de tantos seculos, de tantas revoluções litterarias, em que se-teem reflectido as mil revoluções sociaes que succederam á sua era; elle, o traductor portuguez, nos-revelará, com muito mais proveito para a historia da arte, o que a penna inexperta incompletamente esboçaria em pallidas reflecções.

« No ardor do trabalho, enviando as primicias d'elle a um amigo, cuja erudição e fanatismo pelas lettras o-tornavam digno de taes confidencias, lhe-escrevia Castilho a carta de que tivemos copia e d'onde extractámos os trechos, que se-vão ler.

« Era um verdadeiro mimo de poeta a outro, cuja devoção pela litteratura grega, não descontinuada desde a primeira juventude, lhe-dá o primeiro logar como hellenista entre os nossos eruditos. O Sr. Antonio José Viale, ouvimos ter cotejado a obra, verso por verso, original e versão. O Anacreonte portuguez, na sua opinião, não ficou vencido pelo lyrico de Téos; n'algumas passagens, até a elegancia da traducção sobreleva os primores da ode primitiva! Não sei de juiz mais competente para sentenciar n'este pleito.

« Ouçamos o que, em septembro de 1855, dizia de Anacreonte o intérprete de taes bellezas, ao sabio apreciador d'aquella saudosa litteratura, com que á sua musa castigada tambem se-tem medido vantajosamente:

« — Si os ocios campestres, e de certo mui litterarios de V. Ex.ª, consentem uma diversão, e permittem um trabalho, para V. Ex.ª facillimo, porém de si tedioso e obscuro, sollicito a attenção e favor de V. Ex.ª, não para o seo Anacreonte, que esse com V. Ex.ª está como de casa, mas para o meo, que veiu de longe, e por caminhos desviados, naturalisar-se portuguez, e

Digitized by Google

n'esta peregrinação e n'estas cançadas diligencias bem póde ter perdido as graças e meritos que originariamente o-recommendavam.

« Elle conta, para bem se-lograr do seo empenho, e ficar sendo, de uma vez, nosso conterraneo, conta, muito ao certo, com o grande valedor, que eu, desde todo o principio, lhe-promettêra, e sem o qual nunca me-haveria incarregado da sua pertenção; conta com V. Ex.ª

« V. Ex.ª conhece a sua philosophia; dos cabellos brancos, e mesmo da falta d'elles, pouco se-lhe-dá. Não se-escandalisa de que o-chamem velho; mas o que não quer, é apparecer semsabor ou desamavel. A sua ambição é naturalisar-se portuguez, sem deixar de ser o grego que tem sido, delicias de todo o mundo. Deseja-se ouvir, cantado aos pianos, pelas nossas patricias, mas por modo que nos pianos se-lhe-figure entre-ouvir as lyras, e, nas vozes d'estas formosuras, as das suas corynthicas e athenienses.

« . . . . . Non est mortale quod optas, dizia Apollo a Phaetonte. Oxalá que V. Ex.ª nos não diga outro tanto. A empreza é difficil, difficillima, bem o-sei; mas si V. Ex.ª nos-estende a mão, havemos de nos-sahir d'ella sem deshonra.

« Ahi vão pois algumas das odes, poucas por ora, e muito de industria poucas, afim de que a censura de V. Ex.ª se-possa ir exercendo com mais individuação e severidade. As outras irão indo tambem, a pouco e pouco, até ao fim.

« Representam-se-me estas odes como flores peregrinas e melindrosas, creadas ao sol da Attica, no solo dos deuses e dos prodigios, das bellas mulheres e das bellas artes. Si se-tractasse de ornar com ellas uma festa passageira, de qualquer modo infeixadas viriam bem; mas querem-se transplantadas, que não murchem, ao menos que não estranhem e esmoreçam ex-

Digitized by Google

cessivamente, e por isso é de certo mui conveniente, e até indispensavel, que se-tomem a uma e uma, e a cada uma se-consagre tanto desvelo, como si fôsse unica.

« Quanto á maneira da traducção, seria superfluo dizer eu aqui a V Ex.ª o que ella mesma lhe-ha de declarar: isto é, que procurei ser tão fiel, quanto o-comportava a elegancia e a vernaculidade; dotes estes que eu tive e tenho ainda agora por preferiveis aos de uma minuciosa e excessiva ponctualidade. Não procurei dar por conta periodos, versos, orações e palavras do poeta; porque essa probidade arithmetico-grammatical me-teria forçosamente deixado infiel intérprete das graças e delicadezas, que são o fundo, a fórma, a essencia, os accidentes e o tudo dos poetas como Anacreonte. . . . . si como Anacreonte houve jámais outro poeta.

« Cada odesinha d'estas, passa por diante do espirito como uma borboleta subtil, brilhante, doida, negaceando e sumindo-se; vê-se que é uma linda creatura, um capricho do ar, uma phantasia da luz, uma poesia da primavera, uma flor volante e inclassificavel, uma cousa que se-cubiça e a que se-tem inveja, sem se-saber porque. Si a-caçarmos, si a-espalmarmos sobre um quadro, inteira, mas immovel, adeus borboleta! contar-lhe-hemos os pés, descrever-lhe-hemos as dimensões, os recortes e as pintas das azas, copiaremos tudo isso á nossa vontade, mas a final só teremos uma defuncta. A idéa de uma borboleta viva, só outra borboleta viva a-póde dar; embora a dissecção do naturalista fleugmatico mostre, entre as duas, uma ou muitas differenças.

« Foi assim que eu intendi para mim a cousa; si a-intendi mal, mal está a traducção, e de certo não tem cura; si a-intendi bem, poderá ainda estar mal, mas entregue a V. Ex.ª ha de sahir emendada, correcta, perfeita. Uma das rasões, e por ventura a principal, porque eu desejo que este livro sáia á luz

Digitized by Google

digno do seo original e do seo revisor, é porque assim póde ser mais lido e gustado; e, si o-fôr, exercer algum saudavel influxo n'essa plebe de fabricantes de prosa e verso, de que andàmos inçados, e que todos ou quasi todos fogem a quatro pés da simplicidade e verdade da natureza. É já mais que tempo de se-retroceder do gongorismo á la moda para o bello classico; de substituir aos andores com imagens de roca, as eternas estatuas do Phidias, e ás ascenções litterarias em balão sem rumo, os passeios estudiosos e o cantar nativos dos poetas a quem os milhares de annos confirmam e augmentam a fama, em logar de lh'a-destruir. Pena tenho eu de não ser muito maior a auctoridade do meo nome, e muito mais efficaz a seducção do meo exemplo. Si o-fosse, não me-limitaria ao nosso Anacreonte; invocaria todas as musas immortaes da Grecia: Sapho, Moscho, Bion, Theocrito, Hesiodo, Alceu, os tragicos, tudo viria, em esquadrão cerrado, lidar em reconquistar-nos do poder dos barbaros.

« V. Ex.ª é que o-póde, e eu lhe-supplicaria, si o-ousasse, que, ainda antes do seo Homero, nos-revestisse d'essa deliciosa versificação e opulenta rhyma, que V. Ex.ª tão magistralmente senhoreia, algum ou alguns d'estes modelos para eterno estudo.

« Mas, voltando ao meo primeiro assumpto: a esta rasão de amor patrio applicado ás lettras, accresce outra, para eu desejar á minha versão toda a possivel nitidez, e é têl-a eu dedicado a S. M. o Imperador do Brasil; principe que aviventa o seo já copiosissimo saber com um juiso e um gôsto litterario dos mais seguros.

« Perdoe-me V. Ex.ª a extensão d'esta carta, o ter n'ella tocado tanta cousa que V. Ex.ª melhor sabe do que eu, e o distrahil-o dos seos estudos e escriptos, do que ainda eu deveria pedir perdão a todo o público. — »

Digitized by Google

« Depois d'esta carta, que para a obra completa sería formoso prologo, devemo-nos abster de demorar com a nossa pobre prosa a leitura de tão harmoniosos versos

« Haviamos lançado ao papel as primeiras linhas para um estudo litterario, antes de havermos á mão esta missiva; démos porém outra extensão ao nosso trabalho, que só deverá começar n'outro número da REVISTA. »

Já é tempo de transcrevermos a primeira Anacreontica, cujo pensamento se-associa ao d'esta canção:

De Atridas os feitos, de Cadmo os louvores
Tentei celebrar;
E a lyra rebelde só cantos de amores
Me-quiz intoar.

Impuz-lhe outras cordas... Trabalho perdido!
A lyra troquei;
Aos feitos de Alcides a nova convido...
E *Amor*, lhe-escutei!

Adeus, grandes homens! Buscae n'outra lyra
O vosso louvor!
A minha não sabe; não póde; suspira
Só cantos de amor.

Esta mimosissima ode, que tão appropriadamente capitaneia o festivo batalhão, tem sido imitada por todos os lyricos. Ovidio paga o seo tributo, não só aqui, mas n'outros logares; por ex:

Cum Thebæ, cum Troja forent, cum Cœsaris acta;
Ingenium movit sola Corinna meum.

Digitized by Google

Nos Am. (II. I.)

— Heroum clara valete
Nomina: non apta est gratia vestra mihi.

O seo contemporaneo Horacio (II. 12):

Nolis longa feræ bella Numantiæ,
Nec dirum Hannibalem, nec sieulum mare,
Pæno purpureum sanguine, mollibus
Aptari citharæ modis.

Bion, de Smyrna, egualmente imitou esta ode, no fim do 1.° idyllio:

Si algum heroe magnanimo
Na lyra vou cantar,
Ou si algum Deus benefico
Me-lembra de exaltar,
Tristonho, frio e languido,
Desmaia o estro rudo;
Expira a voz nos labios;
Paro, cançado e mudo;
Porém si a Amor ou Lycidas,
Consagro a lyra e o plectro;
Corre em rapidos canticos
Festivo e ardente o metro.

Digitized by Google

§ 10

(T. 1. p. 41) (I.I. 3.)

A' grandeza do assumpto alçar meos versos.
Metro. Disticho. Pés. Elegia.

(ESTA NOTA FOI ESCRIPTA POR CASTILHO ANTONIO.)

Aqui, e em varios outros logares paralellos, foi-me fôrça evitar o texto original, substituindo-lhe cousa que, em portuguez, désse sentido.

A versificação latina pode-se em geral extremar em hexametros, dystichos, e lyricos; sendo dos lyricos grandissima a variedade, e a indole de algumas das suas especies muito bem characterisada.

Si consultarmos o legislador da poesia romana, acharemos que os assumptos hereicos e epicos tinham sido mettidos por Homero na posse indisputavel dos hexametros;

Res gestæ regumque ducumque et tristia bella
Quo scribi possent numero monstravit Homerus,

posse em que Virgilio os-confirmou, e que todos os epicos romanos lhes-mantiveram. Os *distichos* eram periodos eguaes e absolutos, encerrados cada um em dous versos, um *hexametro* ou de seis pés, outro *pentametro* ou de cinco, sommando ao todo onze pés. A

Digitized by Google

estes metros, assim consociados, vinha o nome de *elegiacos*, de serem elles, essencialmente, consagrados á elegia.

Que era porém a elegia romana? O mesmo Horacio nol-o explicou; a princípio fôra só poesia de queixumes; depois abrangeu, conjunctamente com os assumptos tristes, os festivaes:

Versibus impariter junctis quærimonia primum
Post etiam inclusa est voti sententia compos.

A este segundo periodo da elegia pertencem Propercio, Tibullo, e Ovidio. Ora Ovidio, que não perdia lanço de subtilisar, e brincar ingenhosamente, algumas vezes se-permittiu fazêl-o até com os proprios versos que estava escrevendo; assim no introito ao Liv. III nos-pinta a Musa elegiaca, manquejando de um pé:

Venit odoratos elegeia nexa capillos;
Et, puto, pes illi longior alter erat;

e n'esta introducção ao 1.° Liv. nos-diz:

Par erat inferior versus; *risisse Cupido*
Dicitur atque unum surripuisse pedem (*)

Digamol-o francamente, o brinco era de máo gôsto; e continha, alem da falsidade poetica, falsidade metrica tambem, porque a deducção de um pé, ao hexametro, não deixa um pentametro certo, assim como

(*) Vide a Nota II 17.

Digitized by Google

a addição de um pé ao pentametro, não constitue um hexametro :— doze são inquestionavelmente eguaes a doze como numero, mas n'este caso nunca o-seriam como qualidade. Ha entretanto traductores, e commentadores, que se-extasiam sobre esta futilidade quasi ridicula, e forcejam para nos-obrigar a adorál-a.

Intérprete mais consciencioso, e amigo mais discreto de um poeta que tanto o-merece, não duvidei trocar abertamente o nome de *elegias*, que entre os modernos havia revertido para a sua primitiva significação de lagrymas, no muito mais generico de *canções*, como ja no prologo expliquei; e o que o Auctor arguciava, sobre os seos distichos, converti-o no que ficava mui bem dizer-se das fórmas lyricas por mim adoptadas, e que, si fôsse mister, ainda com o mesmo Horacio se-abonariam; pois diz, falando da lyrica em geral:

Musa dedit fidibus divos, puerosque deorum,
Et pugilem victorem, et equium certamina primum,
Et juvenum curas et libera vina referre.

Digitized by Google

§ 11

(T. 1. p. 41) (I.I. 6.)

Cupido.

—

Cupido é propriamente, em linguagem romana, (d'onde o termo vem) o Deus do desejo; *Héros* lhe-chamavam os gregos; nós, *Amor* hoje em dia.

Não vão ainda muito longe os annos, de minguada memoria litteraria, em que os Cupidos (que ás vezes o individuosinho multiplicava-se) representavam um papel obrigado em todas as poesias de galanteio, e até, não raro, nas de paixão. E' mythologia que não póde já resuscitar, não só pelo total e merecido descredito em que veiu a cahir, mas principalmente porque a personificação dos desejos fóra da pessoa que os-sentia, é tão palpavelmente absurda, como a das graças idealisadas por fóra da graciosa, e ainda mesmo a dos risos, pois andam como cousa adventicia nos labios e faces de quem ri.

Não obstante, como o Cupido figura frequentemente n'estas e nas mais poesias da antiga eschola, pareceu-nos conveniente resumir n'esta nota para os leitores mal-versados nas fabulas, o que ácerca de tal personagem importa se-conheça para a intelligencia de varios trechos.

Digitized by Google

Quanto á filiação do Amor vai tal discordancia pelos poetas, que se-representa filho de paes incognitos!

Uns attribuem-lhe a origem ao Deus Céo e á Deusa Terra, ou a Urano e Illythia; outros a Mercurio e Venus; outros a Venus e Marte; outros a Zephyro e Iris; outros a Venus e Vulcano; outros a Jupiter e sua filha Venus, d'onde a elle lhe-ficou o nome de *pae-avô, pater-avus.* Ha muitas outras variantes, nos poetas antiquissimos, com diversas arvores genealogicas; mas limitando-nos só á do nosso Cupido, as dúvidas parecem recahir mais sobre o pae qué sobre a mãe. A maior parte dá essas honras a Venus, no que parece haver sua rasão.

Por não affectarmos originalidades sobre-posse, onde ellas viriam sem merito, comecemos transcrevendo algumas das linhas que á cerca d'esta divindade escreve um sabio mythologo allemão, e fique desde já assentado que, em notas d'esta ordem, assim procederemos sempre que convier.

Representam os poetas eroticos ao Amor, menino formoso ás maravilhas; narram d'elle um sem conto de estratagemas e travessuras, pregando peças não só aos homens sinão aos Deuses, sem perdoar nem siquer á mãe. Em rasão de se-insinuar nos corações por caminhos incobertos, dizem tambem os poetas que se lhe não sabe dos paes, e levam a ousadia ao ponto de asseverar que não teve sinão mãe. Exerce o seo senhorio por céos, terras, mares, e nem o inferno se-lhe-exempta; doma leões e tigres; arrebata a Jupiter o

Digitized by Google

raio, a clava a Hercules, servindo-lhe os proprios monstros marinhos para joguete.

Amor, invicto amor! potente domas
E pousas no surrir da ingenua virgem!
Tens imperio no mar, teml-o nas choças;
Nenhum dos immortaes, nenhum dos homens
A teos farpões escapa!

(Soph.)

E' cruel; folga com atormentar os amantes, e em fazendo correr lagrymas, regosija-se. Não ha que fiar n'elle, nem quando chora, nem quando a a, nem quando protesta, nem quando beja, porque não escogita sinão em atraiçoar. Anda armado de facho e frechas que não só ferem, mas teem as pontas, umas ervadas, outras ungidas de mel, accesas no fogo ou temperadas de fel. Com o facho póde incendiar até o coração do Deus do sol. Pintam-n'o sempre alado, que nada é mais fugaz que as paixões que inspira; as azas são côr d'ouro. Representam-n'o frequentemente com os olhos vendados.

As mais das vezes anda com a mãe; e com elle accompanham Joco (que os nossos poetas levam ao plural, com o nome de Jocos, ou jogos) e Pothos e Hymeros (que são os desejos), Baccho e Tyche (a fortuna), (Pitho a persuasão), as Graças e as Musas. Tambem não é raro apparecer o Amor com muitos irmãos seos, pequenos, formosos, travessos, e em tudo como elle. Os nossos vates, que Deus haja, conheciam-n'os tanto, que muitas vezes os-faziam ora trepar pelos cabellos das raparigas como marinheiros pela ensarcia, ou es-

Digitized by Google

conder-se como mongesinhos pelas covinhas da face, no seio... ou onde mais conta lhes-fazia. Estes dizem que são filhos das Nymphas, ou creados de ovos, que nascem do ninho de Cupido, curioso ninho tão graciosamente descripto por Anacreonte, na ode 33 (*)

Nos gymnasios da Grecia havia a imagem do Amor com a de Mercurio; por toda a parte logrou veneração. Em Thespia celebravam, de cinco em cinco annos, em honra sua, jogos ou festas, chamadas Etorias ou

---

(*) Gentil andorinha,
Que vens annualmente,
Na bella estação,
Tecer-me visinha
O ninho innocente
Da tua affeição;

E a annuncios de inverno,
Temendo sentil-o,
Lá vais, a cantar,
Refúgio mais terno
Pedir ao teo Nilo,
De Memphis gosar!

Vem cá, passarinho!
Amor n'este peito
Não faz nunca assim!
È ninho, e mais ninho;
Um ido, outro feito;
Renova-os sem fim:

Ver um Cupidinho
Como abre as azitas
Tentando avoejar!
Este, inda no ovinho;
Est'outro, as casquitas
Já quasi a largar!

De bicos abertos,
Nenhum dos mofinos
Se cala jámais!
Os já mais espertos,
Aos mais pequeninos
Mantém como paes;

Depois, os mais novos,
Apenas creados,
Produzem tambem;
De todos vem ovos;
Dos ovos, dobrados
Amores provém.

São taes seos clamores,
Que ás vezes abalos
De raiva me-dão;
Mas tantos amores....
Como hei de eu lançál-os
Do meo coração?!

Digitized by Google

Erotides. Na Lacedemonia e nas ilhas de Creta e Samos, chamavam a essas festas Eleutherias. Adoravam-n'o tambem em Parion do Hellesponto, em Athenas, onde tinha altar, á intrada da Academia; em Megara, onde a estatua lhe-pousava ao pé da de Venus, á ilharga das de Himeros, e Pothos; em Elis, conjunctamente com as Graças; em Egiria, em Leuctra &; mas d'entre os nomes que mais communs lhe-ficaram como invocação, em memoria dos logares onde obteve cultos célebres, são o de Cyprio, Idalio, Acidalio, Paphio, Amatuntio, Gnidio, e ainda por ventura algum outro que nos não occorre. A flôr que em particular se-lhe-consagra é a rosa; e a planta que lhe-enastra os cabellos, a murtha. A murtha e a rosa pertencem egualmente a Venus.

Havemos de forcejar por apertar e reduzir sempre ao minimo as notas pertencentes a mythologia; mas o *Amor* e os *Amores*, que eram os protogonistas de todo este longo, desconnexo e contradictorio drama, e lhe-serviam de titulo, não podiam deixar de ser um pouco mais characterisados.

Digitized by Google

§ 12.

(T. I. p. 41.) (I. I. 10.)

Poz-me nas mãos a lyra.

(E' AINDA O PRINCIPIO D'ESTA NOTA DE CASTILHO ANTONIO)

« Era a lyra, entre os gregos e os seos discipulos e imitadores romanos, a equivalente do piano moderno: o instrumento, de que se-accompanhava o canto, e em que as damas prendadas tocavam nas sociedades. Forremo-nos á historia da sua invenção (*) e successivos

(*) Si o illustre paraphrasta quiz forrar-se a essa historia, outro tanto não faremos nós, pois lhe-achâmos muito chiste. Aqui daremos aos vates uma noticia... talvez nova, á fôrça de velha. Basta dizer que, sendo a lyra o mais antigo dos instrumentos, tracta-se de nada menos que da invenção d'essa fonte das harmonias, d'essa mestra antiguidade, capaz de eclipsar o proprio camapé, decantado por Bocage e Bressane. Achâmos summa graça ao modo, como Apollodoro ensinou á posteridade essa invenção... não, esse descobrimento. Silencio, espiritos fortes! Não ha hi rasão para descrença, quando tantos outros pontos de identica verosimilhança passam consagrados nos authenticos e irrefragaveis fastos da historia. Eis como o tal Sr. Apollodoro narra a cousa:

« Depois que o Nilo, espraiado por toda a terra do Egypto, se-havia estreitado outra vez nos seos naturaes limites, depositou na praia uma infinidade de animaes mortos, entre os quaes uma tartaruga, cuja carne o sol seccou e estragou, não lhe-deixando dentro da concha sinão nervos e cartilagens; estes, assim seccos, duros, contrahidos, tornaram-se sonoros. Acconteceu que Mercurio andasse um dia a vadiar pelas margens do Nilo, e topasse com o pé na tartaruga; e ficou para logo tão inthusiasmado com o som produzido

Digitized by Google

aperfeiçoamentos. Digamos só que o termo de *lyra* vai aqui tomado como symbolo de *poesia lyrica*, isto é, poesia d'aquella, que, por sua natureza ligeira, curteza de periodos, e graça de metros, é sempre, e em toda a parte, a mais cantavel e a que mais se-vulgarisa.

« Declaro que, no lyricar, como fiz, as elegias de Ovidio, levei em mira mais de um alvo. Desejei provar, a faladores superficiaes, que a lingua portugueza póde

---

pela tal topada, que lhe-suggeriu, sem mais tirte nem guarte, a idéa de uma lyra, que depois construiu em fórma de tartaruga, incordoando-a com os nervos seccos de animaes mortos. »

Pulsar a lyra significava pois poetar.

Quando a intelligencia, inspirada pelos grandes movimentos da alma, que produz o heroismo ou a gloria, a natureza ou a admiração, a patria ou o amor, traduzia em palavras essas excitações sublimes, achavam os antigos fria, languida, defectiva a phrase, por mais nobilitada que embora fôsse pela escolha, pela propriedade, pela arte posta ao serviço do inthusiasmo. A idéa poetica chegou muitas vezes a accumular quatro condições: a 1.ª verbo appropriado: a 2.ª harmonia do metro; 3.ª melodia do canto, ainda sublimada pelos sons de um instrumento; 4.ª pantomima e saltação.

A *saltação* (si é licito usar a palavra, pois *dansa* significa outra cousa) adaptava os movimentos, as attitudes, os gestos, ao objecto da poesia. O nosso Ovidio compoz frequentemente poemas, que foram dançados (ou saltados) pelo povo, ou em presença do povo, nos espectaculos publicos, representações com que o proprio Cesar muitas vezes se-deleitou. O mesmo poema era pois metrificado, recitado, cantado e pantomimado; eis como, na falta da omnipotente imprensa, os livros privilegiados conquistavam rapidamente uma popularidade espantosa, que não raro se-profundava por camadas sociaes, hoje mais estranhas ao culto do bello.

Bem o-diz Ovidio, foi um Deus, que lhe-poz nas mãos a lyra, essa origem de todos os seos desgostos e praseres, de todas as suas perseguições e glorias, de todos seos infernos e céos, essa sua implacavel inimiga e amiga fidelissima.

Digitized by Google

competir com as melhores, em toda a especie de recursos, sendo susceptivel de muito mais e melhores effeitos do que commummente se-produzem. Procurei fazêl-a correr estadio, e sem vergonha, com a italiana; e desejei provocar o talento dos nossos compositores musicos para producçôcs nacionaes, portuguezas e brasileiras, no que muito iria á sua gloria.

« Todas as nações teem sua musica propria; a

Sim; a despeito das borrascas da vida, bem hajam as lettras, a instrucção, o estudo! Quando o exilado, o velho, o alquebrado, gemia, no Ponto, em doloridos versos, do mal que os versos lhe-haviam feito, bradava assim mesmo (Tr. VI. I.): « A minha querida musa me-ac-« companhou, quando para estes sitios vim; só ella se não arreceia « nem de traições, nem da espada thracia, nem do mar, nem dos « ventos, nem da barbarie. Ella é o allivio dos meos males. Estes ver-« sos não são perfeitos, bem o-sei, mas faço-os para me-distrahir; « canto-os, como canta o escravo cavando, o forçado remando &. » Faz lembrar aquelle formoso trecho de Cicero, na *Oração afavor do poeta Archias*, amplificado por Delille, na *Imaginação.*

Com effeito, as bellas-artes não são só uteis para os seos admiradores; para seos cultores o-são. É essa a unica riqueza que se nos não póde arrebatar; a que resiste á tyrannia dos homens e da sorte; a que zomba do infortunio, e por toda a parte nos-accompanha; é essa a leal consoladora em nossas tribulações, a irmã de charidade á cabeceira de todas as nossas dôres.

Desde que um natural eximio e opulento se-aperfeiçoa ainda com o estudo, sóbe o homem, em proveito de si-mesmo e da sociedade, a supremas alturas; mas quando mesmo só se-incarassem as lettras pelo lado do deleite, não ha hi outro mais nobre na naturcza humana. Os outros nem são de todos os tempos, nem de todas as edades, nem de todos os logares; as lettras alimentam a adolescencia, amenisam a velhice; sobredouram os dias prosperos, prestam refúgio e allivio nos adversos; deliciam no gabinete, dão relêvo juncto aos homens; comnosco pernoitam, peregrinam, herborisam, viajam, fortalecem, ensinam e melhoram.

Digitized by Google

mesma Dinamarca, com o seo idioma ingasgado e por acabar, tem opera e que se-applaude; porque nos-continuarão a dizer eternamente que o nosso falar não é, nem póde ser, musical? Em muitos passos d'este livro creio ter demonstrado o contrário; si houver contribuido para se-acabar o preconceito, si emfim, por estas e outras similhantes tentativas (ousando-as alguem) nascer emfim, *ou renascer* cousa, que se-possa chamar *canto portuguez*, gloriar-me-hei com rasão d'estas minhas ja antigas diligencias.

« Não é de hoje que eu as-faço. A haver crítica litteraria, em nossas terras, ja ellas me-haveriam sido levadas em alguma conta. As *Estreas Poetico-Musicaes, para a anno de* 1853, nada obtiveram e alguma cousa mereciam, no meio da nossa memoranda esterilidade. Não admira; esses cantos eram serios, e anhelavam para o futuro.

« Agora vão estes, com que talvez se-intenderão melhor os almotacés das reputações; e após estes irá a traducção de Anacreonte. Será tudo isto fomentar um cadaver? póde ser. »

Digitized by Google

§ 15

(T 1 p. 42) (I.I. 16.)

Venus.

Não nos-mettamos pelos labyrinthos mythologicos, á busca das diversas Venus, phantasiadas pelos poetas. Digamos, quanto basta da Venus conhecida de Ovidio, e de quem elle nos-fala tantas vezes, afim de a-reconhecermos quando a-incontrarmos. Assim, dos mais de cem nomes, dados por outros a esta Deusa, só apontaremos aqui os mais usados, que são — Mãe de amor, das Graças, dos Praseres e dos Risos — Erycina — Acidalia — Idalia — Amathuntia — Gnidia — Paphia — Amathusia.

Nasceu da espuma do mar, orvalhado do sangue de Saturno; teve amantes e filhos sem conta; foi esposa de Vulcano; mãe de Enéas, e por isso protectora dos troyanos, e dos romanos, seos descendentes, e origem, por Iulo, ou Julio, seo neto, filho de Eneas, da familia Cesarea, com quem os lisonjeiros do seculo de Augusto folgavam de a-aparentar. (V. a Nota I. II. 127.)

Pinta-se mais vezes semi-nua que vestida, e algumas tambem nua de todo. O seo sceptro é de myrtho; a sua coroa de myrtho e rosas; no cinto bordado (*césto*, V. a Nota I.I. 18) andam-lhe os encantos e os prestigios; Amores e Graças compõem-lhe a côrte; atravessa os ares em carro puchado por pombas, e os ma-

Digitized by Google

res tirada por Tritões e Delphins; domina no céo, nas ondas, na terra e nos infernos; é a alma e o encanto de toda a natureza.

Um dos mais bellos trechos da latinidade anterior a Virgilio, é a invocação do poema da *Natureza das cousas*, de Lucrecio; fiâmos que, n'este logar, o leitor nos-agradecerá a transcripção d'esses formosos versos; poderiamos lançar mão das versões de Antonio Ribeiro dos Santos ou de José Duarte Machado Ferraz; appresentaremos porém a do Dr. Lima Leitão:

Mimosa Venus, Mãe da Eneide Roma,
Praser de homens e numes! Tu alentas
Os astros, que dos céos no ambito gyram,
As ferteis terras, o naval oceano.
Por ti, todo o animal recebe a vida!
Logo ao nascer, na luz do sol attenta....
Assim que assomas, diva bemfazeja,
Traja o céo galas, foge o vento e as nuvens.
Odoras habil cria a terra flores,
Ri-se o mar, e pacato o vasto olympo
De purissima luz enche o universo.
Mal que, risonha, a primavera brilha,
E, livre, voa o zephyro fecundo,
Os habitantes do ar, na alma sentindo
A gustosa influição de teo imperio,
Tua vinda descantam, grande diva!
Retoiça ovante a grei no ameno prado,
E a nado corta arrebatados rios.
A serie dos viventes, inlevada
Nos teos encantos, nas delicias tuas,
Onde a-diriges, avida te-segue.
No largo mar, nos empinados montes,
Nos torvos rios, nos virentes campos,
No opaco bosque, habitação das aves,
Todos os corações, por ti, se-accendem
Do doce amor na irresistivel flamma.

Digitized by Google

Assim, á geração praser unindo,
Geraes desejos institues d'ella.
Da natureza assentas-te no throno.
Sem ti, nada recebe a luz dos astros,
Nada tem perfeição, nada se-estima.
Por isso, ó Deusa, vem! fulge em meo canto,
Que a natureza explanará dos entes!
Ao Memmio nosso o-sagro, a quem te-approuve
De teos mais nobres dons ornál-o sempre.
Vês quão merece; empenha-te, Acidalia!
Tem jus varão tão grande a canto eterno.

No entanto, faze que pacato durma
Na terra e mar o horror da insana guerra.
Só tu tens o poder de, em paz tranquilla,
Dar praser aos mortaes; que o grão Mavorte,
Deus que as batalhas a seo gôsto rege,
Nos braços teos se-lança e prêso fica;
Punge-o de intenso amor ferida eterna.
O collo magestoso então inclina;
Sôbre teo peito reclinando a face,
Pasmado embebe em ti, ó Deusa, os olhos,
Que em extases de amor avidos pascem,
Em quanto aos labios teos a alma lhe-pende.
Quando, ó diva suave, o-apertas todo,
Desfallecido em teos sagrados membros,
Com doce persuasão lhe-ameiga as iras
Alcança o bem da paz e adita Roma!

O que o leitor ignorará é que talvez Venus seja sua tetravó, pois si é certo quanto em lettra redonda se-lê, vereis, na *Miscellanea* de Miguel Leitão d'Andrade, Dial. XVII, as proesas que essa deusa, em fórma de fada, fez na Lusitania, quando rival da princeza Peralta. Infurecida com os gabos dados a outras, em detrimento da sua gloria, converteu o gigante Zacor n'um rio, arrogante e verdenegro, como elle, e que hoje

Digitized by Google

se denomina Zenzere ; os Petronios transformou-os em dous montes, que são os Pedrogãos; e após outras metamorphoses, assim se-exprime o historiador :

« Outro caminho levaram Docinia e Agilia, donzellas da princeza, as quaes, indo como desatinadas (emfim como moças), buscando onde achariam sua senhora, e remédio a tamanha desaventura, fugindo da tormenta, e alcançadas de Venus, alli banhadas em lagrymas de pura dôr e tristeza de ver tal estrago, no mesmo logar as-converteu em fontes, ambas junctas, que ainda choram a mesma desventura com muita tristeza, e por isso lhe-chamam *As Mestas*, que na lingua d'aquelle tempo queria dizer *As Tristes* ; e porque iam com desaccôrdo, desgrenhadas, mal compostas e meio despidas, alli d'essa mesma maneira se-veem ainda hoje. »

Ja se-viu uma cousa assim? que indiabrada não era, a tal Venus?

---

§ 14

(T. 1. p. 42) (I.I. 17.)

Suas armas á Deusa guerreira.

Pallas ou *Minerva*, a Deusa da guerra. Como tal, representa-se armada de capacete, peito d'armas, lança, e égide (escudo com a cabeça da górgona Me-

Digitized by Google

dusa, cuja carranca, entre comas serpentinas, petrificava o inimigo).

A mesma deusa, por uma approximação extravagante, ao mesmo tempo que accendia as furias marciaes, presidia aos lavores pacificos das mulheres, e ás lidas dos artifices; era por tanto destruidora, e creadora: na primeira qualidade, tinha mais geralmente o nome de Pallas, e na segunda o de Minerva.

Mais extravagante que este amalgama, só a idea da sua origem: Minerva ou Pallas tinha nascido, já adulta e armada, da cabeça de Jupiter!

Os gregos tambem tiveram o seo Voltaire; chamava-se Luciano. É admiravel a espirituosa audacia com que aquelle zombeteiro philosopho chasqueava impunemente dos mais sagrados objectos do seo culto; os seos *Dialogos dos Deuses* são das cousas mais graciosas que nos-legou a antiguidade, mormente si os-reportarmos ao tempo em que, e á sociedade para que eram escriptos. Tentemos dar uma amostra do espirito, da lettra e das fórmas de uma d'essas composições; é o *Dialogo entre Jupiter e Vulcano*, por occasião do nascimento de Pallas:

Vulc. Dize, Jupiter, que ordenas?
Ha por cá nova aventura?
A' minha machada mestra
Dei eu tal amoladura,
Que vem capaz de, co'um golpe,
Rachar a pedra mais dura.

Digitized by Google

Jup. Muito bem, Vulcano amigo;
Farás pois o que te digo:
Quero (antes que eu intonteça)
Que me-partas a cabeça.

Vulc. Deixemo-nos de chalaça!
Dize! o que queres que eu faça?

Jup. Que me-raches o toutiço.
Si não acabas com isso,
Aqui está quem já te-fez
O que te-faz outra vez.
Avia! é serio; não minto...
Mas cautela, ao desfechar!
No miolo a dôr que eu sinto
É capaz de m'o-estourar.

Vulc. Eu sei lá disso? errarei;
A machada está tão fina!
Correr-te o sangue farei;
Nem á moda de Lucina
Partejar-te saberei.

Jup. Sei eu; não tenhas cuidado;
Brande, Vulcano, o machado!

Vulc. Si nada te-persuade,
Faça-se a tua vontade!
(*Descarrega o machado*)
Tá tá tá!
Que temos lá?
Oh! que muchacha!
Que moça macha!

Digitized by Google

E o mais ratão
É o murrião....
Que guedelhudo,
Que carrancudo,
Que narigudo,
Que horrendo escudo!

Tens, Jupiter, razão em furia tal,
Que tinhas na cabeça um grande mal.
Tens, Jupiter, razão em furia tal;
Que tinhas na cabeça um arsenal.
Como é que a tua mioleira encerra
Objecto tão estranho!
Uma virgem, e viva, e armada em guerra,
E então d'este tamanho!
É uma bola como essa
Arraial e não cabeça.
Olha a moça como salta,
Como ás armas se-arremeça;
Viste quem tal elmo traga?
E assim a lança despeça?
Ou quem n'aquelles furores
Tão asinha se-embraveça?.....
Mas esta não 'stá má! em quanto eu falo d'ella,
Cresceu a rapariga, e eil-a madura e bella.
O' Jupiter! em paga,
Agora te-requeiro
Que cedas para esposa
A moça ao teo parteiro.

Jup. Creio-o, Vulcano, impossivel;
Diz que virgem quer ficar...

Digitized by Google

Cá por mim, fique ou não fique,
Eu não lh'o-heide estorvar.

Vulc. Sim? pois digo-te eu que a-quero,
É o resto por minha conta;
Nas minhas unhas depressa
Eu t'a-emendo e fica prompta.

Jup. Pois vá lá, bem que supponha
Que debalde te-incommodes;
Isso em ti é manha velha
De tentar o que não podes.

---

§ 15

(T. 1. p. 42) (I.I. 18.)

Césto.

Os versos de Ovidio são:

Quid! si præripiat flavæ Venus arma Minervæ
Ventilet accensas flava Minerva faces!

Qual foi o imitador, elle, ou Propercio escrevendo (IV. III. 60):

Hanc Venus, ut vivat, ventilat ipsa facem?

Digitized by Google

Césto, Cinto, ou *Cingidouro* de Venus (Vide § 13).

O poeta approxima, com rasão, para tornar a disparidade mais frisante, a idea do *césto voluptuoso*, á de Minerva *virgem*, e de castidade irreprehensivel.

Era o césto uma charpa, um cinto, uma banda, destinada a rodear a parte inferior do corpo.

A *zona virginea* (Cat. LXVII. 14) era uma cintura, que punham ás noivas romanas, para dar aos maridos o divertimento de a-desatar; eram esses céstos o symbolo, e como a defesa do pudor da noiva.

Entre as Deusas porém, é o césto attributo exclusivo de Venus. Esse cinto mysterioso, séde dos mais poderosos feitiços de tal Deusa, dos desejos, das graças, dos attractivos, dos encantos seductores, chama-o Apuleio boldrié, talabarte, bandoleira de Venus; era o seo escudo; era a sua arma irresistivel. Luciano, nos seos Dialogos dos Deuses, diz que, no juiso de Páris, ordenou-se a Venus que sacasse a cintura, com medo de que ella lhe-servisse para seduzir o seo juiz. Essa petrina, esse mysterioso ornato tinha a virtude de tornar amavel quem o-vestia, fazendo ressuscitar extinctos fogos:

Da alva petrina chammas lhe-sahiam,

diz Camões, Lus. II. 36.

Juno pediu-a, emprestada, a Venus, e sahiu-se bem da experiencia, como succedia á propria Venus, a qual, quando queria que Marte lhe-obedecesse, com o césto o-cingia.

Digitized by Google

Homero, Iliad. XIV. 215, appresenta a sua admiravel descripção. Confessemos porém que Ménage conheceu uma madama, que levava as lampadas a Venus:

Elle avait en ses yeux, en sa voix, en son geste,
Plus de charmes divers que Vénus dans son ceste;

isto é:

Tinha ella, na voz, no olhar, no gesto,
Mais feitiços que a Venus em seo césto.

Em Evora, appareceu uma inscripção, mencionando um césto, offertado á *Venus-Mãe*, pelas damas da cidade (*Mon. Lus.* IV. 378).

DIVO. JULIO.
LIB. JUL. EBORÆ.
OB. ILLUS. IMMUN. ET. MEM.
LIBERALITATEM.
EX. D. DD.
CUJUS. DEDICATIONE.
VENERI. GENETRICI.
CESTUM. MATRONÆ.
DONUM. TULERUNT.

Digitized by Google

§ 16

(T. I. p. 42.) (I, I. 19. (

Loura Ceres nos bosques reinasse.

Outra contraposição acertada. Os bosques pertencem a Diana, deusa das caçadas, e montarias; os campos, e chãos a Ceres, protectora das messes, e em geral da agricultura. O theatro, onde Diana figura, recorda pois o estado silvestre, e, quando menos, o pastoril; em quanto, nos dominios de Ceres, o espirito gosa já do espectaculo da agricultura, princípio da verdadeira sociedade e civilisação. Assim Virgilio, no introito á *Encida*, referindo-se á poesia pastoril, que primeiro escrevêra, e aos preceitos que depois déra nas *Georgicas* aos lavradores, disse: *Sahindo das selvas, obriguei os campos convisinhos a saciarem a avidez de seos colonos.*

Ácêrca de Ceres, por agora basta; lá se-dirá mais, em tempo e logar proprio, que é a canção X do Liv. III.

Digitized by Google

§ 17

(T. 1. p. 42.) (I.I. 21.)

Fosse ás messes Diana imperar.

É a antithese da idea já explicada na nota precedente; mas o pensamento, appresentado por dous lados, é sempre o mesmo. Ceres não póde ser Diana, Diana não póde ser Ceres; o viver venatorio e nómada, exclue a possibilidade da vida assente e commoda dos camponezes, como o tracto d'estes repulsa a barbarie primitiva. (V. a nota I. XIII. 85)

Quatro mimosos versos de Camões narram um dos successos notaveis, que de Diana se-contam:

> Si a-vira o caçador, que o vulto humano
> Perdeu, vendo Diana na agua clara,
> Nunca os famintos galgos o-mataram,
> Que primeiro desejos o-acabaram.

Allude a Acteon, que, andando á caça, e avistando Diana a banhar-se, com as suas nymphas, se-approximou; a Deusa, punindo-o da temeridade, atirou-lhe uma mancheia de agua, que o-transformou em veado, o qual foi para logo perseguido e devorado pelos seos proprios mastins.

Digitized by Google

Na *Salà do novo braço*, do Vaticano, ha uma das mais formosas estatuas da antiguidade, *Diana a caçadôra*, de marmore de Paros; representa a Deusa, ameaçando com sua frecha a Hercules, quando este já quasi ia lançar mão da corça de Ceryneo, de aureas pontas e bronzeos pés.

§ 18

(T. 1. p. 42.) (I.I. 22.)

Deve intonso, pacifico Apollo.

Divindade grega e romana, cujo culto era dos mais geraes e solemnes; filho de Jupiter e Latona. As suas attribuições são diversissimas. É elle quem alumia as terras, em coche puchado a quatro; elle o que preside ao côro das Musas, e com ellas inspira os poetas e os artistas; elle o vaticinador dos futuros, e o que, no oraculo de Delphos, respondia a toda a especie de consultas; elle o grande sabedor das virtudes dos simplices, e não menos que seo filho, Esculapio, Deus da medicina; elle (e não deixa de ser bocagianamente epigrammatica a approximação) o devastador da especie humana pelas pestes, e outras calamidades, que resultam de seos tiros; elle finalmente Deus dos pastores, por tambem o-ter sido das manadas de Admete.

Digitized by Google

Representa-se nu, ou só coberto de chlamide; cabello dourado, e comprido; coroa radiosa na cabeça; rosto juvenil e formoso, ás vezes com a lyra, ás vezes com carcaz e arco.

Invoca-se sob diversos nomes, tomados, já de logares onde o-adoravam, já de várias circumstancias da sua vida, já de suas qualidades e attributos; d'estes nomes os mais vulgares, e os que mais se-incontram por esta obra, são Delio, Delphico, Cynthio, Patarêo, Pithoa, Latonio, Phebo, &.

---

§ 19

(T. 1. p. 42.) (I.I. 24.)

Saberia na mão de Mavorte.

Mavorte, Marte ou Gradivo, são, d'entre outros, os nomes mais correntes do Deus da Guerra.

Si Minerva nasceu do cerebro de Jupiter, e não teve mãe, Marte nasceu de Juno, e não teve pae; a sua geração foi devida á virtude de uma flor ou raiz, a que Juno recorreu, por conselho de Flora, para tomar a sua desforra, e mostrar ao marido, que, si elle não necessitava d'ella para ter filhos, tambem ella por isso não precisava d'elle.

Digitized by Google

Marte amou, alem de muitas outras Deusas e Nymphas, a Venus. Vulcano, o coxo ferreiro, esposo d'ella, presentido do que ia entre os dous, armou, em roda do leito em que repousavam, uma rede metallica tão subtil que se não inxergava, e tão ingenhosa que, em lhe-cahindo pêso, se-fechasse; n'esta rede foi apanhado o par feliz, que, por mais que fez, se não poude desinlear da armadilha. Vulcano, todo triumphante, abriu então as portas, e começou a chamar por todos os Deuses, que viessem ver.

Pinta-se Marte armado de ponto em branco, e ás vezes em coche de guerra, com dous ou quatro cavallos (biga ou quadriga).

---

§ 20

(T. 1. p. 42) (I.I. 30.)

A Castalia, o Parnaso, e Cyrrha e Tempe.

O *Parnaso*, era o mais alto monte na Phocide, dividido em dous cumes principaes, d'onde lhe-vinha o nome de bipartido; um chamado *Niso* e consagrado a Baccho; o outro denominado *Cyrrha*, e habitação predilecta de Apollo e das Musas. A fonte *Castalia* ficava n'uma das encostas do Parnaso, e inspirava com as suas aguas o estro poetico. O valle e flo-

Digitized by Google

resta de *Tempe* era na Thessalia, e circumdado dos montes Olympo, Ossa e Pelion, atravessado pelo rio Penêo; logar dedicado a Apollo; o mais formoso da Grecia; o mais cantado pelos poetas; e onde os Deuses se-compraziam em passear.

É formoso aquelle epigramma de Marcial (XII. 3) (*)

Vel si malueris, prima gradiere Suburra;
Atria sunt illic consulis alta mei.
Laurigeros habitat facundus Stella Penates,
Clarus Hyanteæ Stella sititor aquæ.

(*) De que terra era este grande poeta, Marcial? Dizem-n'o hispanhol, nascido na cidade de Bilbilis, que suspeitam ser no Aragão, perto de Calatayud; ¿ mas convém essa situação (no confluente do Xilão e do Xiloca) ao que o proprio Marcial escreve, n'este mesmo epigramma, quando diz que elle é das plagas que banha o Tejo aurifero, poderosa terra, onde tambem repousam as cinzas de seos avós?

Auriferi de gente Tagi.....
Dat patrios Manes quæ mihi terra potens.

E será certo que o Bilbilis seja a saragossana Baubola? Não fazemos questão de gabinete; mas dar-se-hia o caso que Marcial fosse dos lusitanos?

O que não padece dúvida é que esse poeta nascêra na nossa peninsula, pois as margens do Tejo, do Ebro e Guadalquivir, tanto honraram as musas latinas como as do Tibre e do Pó! Ao lado de Terencio, Horacio, Virgilio, Propercio e Ovidio, podêmos ostentar os nossos Columella, Quintiliano, Marcial, Seneca, o christão Prudencio, Trajano (o melhor dos imperadores) e tantos outros. Verdade seja que, para bajular rivalidades, deveriamos talvez calar-nos sobre as glorias dos artabros e cantabros, celtiberos ou turdulos, visto como, muitos seculos antes que Hispanha e Portugal fossem reinos independentes, já apparecem provas do reciproco ciume, que tanto tempo se-

Digitized by Google

Fons ibi Castalius vitreo torrente superbit,
Unde novem dominas sœpe bibisse ferunt (**)

---

§ 21

(T. I. p. 42.) (I. I. 35.)

Ei-lo acode a afrouxar-me e a destruil-o.

Já aqui vão começando os exemplos da formosa liberdade com que o traductor, segundo conveniencias

---

prolongou. Por exemplo, no epigramma de Seneca á sua cidade natal, Cordova, denominando salteador! ao valente guerreiro lusitano, se-lamenta de que elle tivesse ido abalar as muralhas d'essa cidade, e cravar as lanças nas suas portas:

... Lusitanus quateret quum mœnia latro,
Figeret et portas lancea torta tuas.

Expliquem-se lá estes tradicionaes antagonismos nacionaes! felizmente que os odios se-vão afogando nos progressos da civilisação.

(**) Estas fontes apollineas eram maravilhosas; umas faziam poetar, outras delirar (que ás vezes a differença não é grande). Veja-se, por exemplo, a 13.ª ode de Anacreonte:

Quando Atys effeminado
Vagava, de amor perdido,
Diz que andava delirante,
Lá nos montes, incessante,
Por Cybelle a vozear.

Diz que na ilha de Claros,
Quem da fatidica veia,
Sacra a Apollo, as aguas bebe,
Tanta furia em si concebe
Que anda sem tino a bradar.

Digitized by Google

íntimas, ora se-escravisa ás mais duras condições do rhytmo e rhyma, ora d'ellas se-desprende. N'esses dez versos, os oito foram soltos e os dous ultimos rhymados.

Com effeito, ver-se-ha que, nas paraphrases mais perfeitas, o poeta misturou os metros e lançou as rhymas, apparentemente ao acaso, isto é, em correspondencia irregular, mas obedecendo a uma razão, a uma lei íntima de gôsto; lei que, as mais das vezes, se não formúla, razão que se não define. Aberrações d'esta ordem desorientam aos profanos. . . . talvez que até os-escandalisem; mas quem nasceu artista, farejalhes o porquê; o ouvido e o sentimento agradecem

---

Pois tambem eu (mas banhado
Em suavissimas essencias,
E ebrio de vinho e de bejos)
Cyphro todos meos desejos
No de sempre delirar!

Isso lhe-accontecia frequentemente; e era mister desconhecer o proprio estado, quando ainda formava taes votos, na ode 13:

Brindar voto aos numes todos,
E beber, sem resfolgar,
Pois desejo delirar!
Alcmeon delirou furias,
E Oreste furias tambem. . . .
Que muito que assim delire
Quem matou a propria mãe!
Eu, que nunca espalhei sangue
Rubro vinho vou tragar;
Quero, quero delirar.
Co'o carcaz e arco d'Iphito,
Rompe Alcides em furor,
Raiva Ajax, e o escudo invicto
Pulsa co'a espada de Heitor.

È visto quão sarcastica usava correr a veia de Anacreonte; e como ora aqui falâmoa do bipartido monte, perguntâmos si não seria com tenção epigrammatica, que o poeta proclamou desbancar á cigarra aos cantores do Parnaso? Sinão, veja-se a ode 43:

Digitized by Google

essa confusão graciosa, e comprehende-se a final observação de Boileau:

É d'arte effeito essa desordem bella.

---

§ 22

(T. 1. p. 42.) (I.I. 36.)

Amor! Amor! lhe disse; é vã tua fadiga.
Alexandrinos.

Desde os bisyllabos até os dodecasyllabos (ou alexandrinos) ha n'esta verdadeira Arte Poetica numerosos exemplos; porém é a estes ultimos que o illus-

---

Feliz cigarra, invejo-te!
Pousada lá nos pincaros
D'estas folhudas arvores,
Que bem que te-has de estar!

Gôtta de orvalho minima
Te-sobra de Castalia;
Que do Parnaso aos canticos
Desbanca o teo cantar.

Quanto nos dias placidos
Os campos tem de flórido,
De ameno, de fructifero,
Dominas! tudo é teo!

A amiga és tu do agricola;
Para ninguem malefica;
Por um arauto musico
O estio te-elegeu.

Estimam-te as Piérides. *
Ama-te o nume delphico; **
D'elle te-veiu em dadiva
Esse primor de voz.

Da terra ó filha ingenua!
A todos tão sympathica!
Exempta dos descommodos
Que pesam sobre nós!

Toda fervor poetico!
Em hymnos sempre extaticos
Soltando de continuo
Delicias musicaes!

Leve, subtil corpusculo!
Quasi incorporeo espirito!...
Dás-me ares, minha aligera,
Dos entes immortaes.

* As Musas.
** Apollo.

Digitized by Google

tre traductor se-tem, nas suas recentes producções, com mais esmero applicado; por tão auctorisado exemplo e tão repetido conselho, já não é raro ver o emprêgo do alexandrino em algumas das mais distinctas lyras modernas.

A primeira vez que Castilho Antonio discorreu sobre este assumpto, para o público, foi nas *Excavações Poeticas*, exprimindo-se assim, na advertencia, que precede o apologo *Os Macacos*:

« O verso alexandrino, que é entre os francezes o mais commum, talvez pela propria idiosincrasia da lingua, que, si hoje vai opulenta de poesia, nunca ha-de deixar de ser mesquinha para a musica e para o rhythmo; — o verso alexandrino foi sempre, e é ainda hoje, quasi desconhecido nos lavores dos poetas de Portugal, Castella e Italia—onde só um ou outro curioso o-cultiva por exhibição, como planta forasteira. — Ora como a variedade seja, em cousas de arte e luxo, condição muito principal, era claro que, si ás duas medidas vulgares do hendecassylabo e do octossylabo, que são todo o nosso haver heroico e lyrico, se-podessem ajunctar, não só o alexandrino, mas quaesquer outras combinações métricas, em o-diligenciar se-faria boa obra, e boa avença se-levaria em o-conseguir; de mais a mais, que assim ficava o escriptor mais sortido de tinctas de melodia, para acertar, pelo natural, com as côres do seo pensamento. Esta tentativa foi a que eu fiz na minha traducção dos Amores de Ovidio, e em outros opusculos de dias ociosos, em que me-dava mais cuidado o tamanho e geito da fôrma, em que havia de vasar uma ária, do que hoje me-dão muitas questões, que alvorotam botequins e parlamentos,

Pauperum tabernas regumque turres.

« O verso alexandrino foi o que me-pareceu, a princípio, mais rebelde! e foi por isso mesmo o contra

Digitized by Google

que empreguei maiores empenhos. Cheguei, cuido eu, á domesticál-o; a ponto não só de levar, com boa cara, quanta carga se-lhe-podesse deitar, mas até de subjeitar-se a grilhões, e phantasias, com que, em França, sem absoluta necessidade, o-opprimiram.

« Este apologo dos Macacos é amostra d'isso mesmo: as rimas graves e agudas (femeas e machas, como os francezes, não sei porquê, as-appellidam) aqui vão, regular e constantemente, alternadas, sem que nunca duas diversas graves, ou duas diversas agudas se-achem junctas. A partição e pausa forte de cada hemistychio são sempre observadas.

« Tanto escrupulo não acconselharia eu aos que tivessem pouco tempo para perder; mas o adoptar o metro e servir-se d'elle rasgadamente, sim e muito que sim: — 1.° pela razão, que já toquei, da maior variedade, no que vai muito para os recursos de quem escreve e para o regalo de quem o-lê ou ouve: — 2.° porque quanto maior é o ambito do verso, mais farto pode ser o pensamento, ou o affecto que nos elle apresente de uma vez, o que nenhum poeta, que saiba da cousa, negará ser de uma grande vantagem para os effeitos. Por ultimo, não imagine alguem que eu apresento, nem esta, nem outra qualquer de minhas trovas, como exemplar de cousa alguma: foram quasi todas ellas passatempos meos, e já agora não transcenderão de meros passatempos para os leitores. »

Eis-ahi a opinião do mestre. Como porem sua tolerancia nos-permittisse discrepar, onde a consciencia se nos não dava por plenamente satisfeita, submettemos-lhe (na correspondencia litteraria que, para instrucção de quem isto escreve, cultivâmos) as nossas idéas sobre este assumpto.

Dissemos que, pelos ponderosos motivos, de mais avantajadas ensanchas, maior variedade de metro, e

Digitized by Google

superior majestade do dodecasyllabo, achavamos dever o seo uso ser mui recommendado; porem que as pausas, as cesuras, as partições deviam deixar-se ao liberrimo arbitrio do versejador; e que, em lingua portugueza, era inadmissivel a peia da alternativa dos graves e agudos. Assim, descobrimos no alexandrino todas as vantajens indicadas, sem os graves inconvenientes, que, aliás, o-tornariam verso de aristocracia tal, que raras posses lhe-attingiriam. Para darmos um specimen do modo como intendiamos o uso do alexandrino, afim de que podesse vulgarisar-se, fizemos, a medo, algumas experiencias de traducções do intraductivel Catullo, em verso de 12 syllabas, mas de rhyma livre, e partindo-se, ou percutindo tonicamente, ora na 6.ª, ora na 7.ª, ora na 8.ª syllaba. Na analyse, que d'estas poesias nos-foi feita, com a franqueza e superioridade do irmão e do mestre, se-lê, entre outras cousas:

« O alexandrino é com effeito o rei dos versos. Alem de todas as rasões, que, para o-recommendar, tenho allegado, ha ainda esta: que se-accommoda tão adequadamente aos assumptos grandiosos e altiloquos, como aos lyricos e mimosissimos: — aos primeiros, por que tem grandeza, até na extensão (é o metro mais comprido); — aos segundos, por que, dividindo-se indispensavelmente em dous, lyricos, eguaes e muito suaves, póde pleitear graças com qualquer outro metro. Olha porém como, em tudo, é ferrenho, rude e prejudicial o ramerrão; o verso alexandrino quasi que ainda não é cultivado. Muitos poetas fogem-lhe; dizem que o-acham difficillimo, e alguns pas-

Digitized by Google

sam a mais, dizem que não é harmonioso! Estranheza do descostume. Lembra-me o donato de Mafra, que, ao ouvir, pela primeira vez, os carrilhões, disse a El-Rei D. João V. que « Sim senhor, tocavam bem ; « mas lá como o campanario da sua terra, em Tras- « os-Montes !... » Estou convencido de que o alexandrino hade arraigar-se, e obter geralmente a primazia, em que andava empossado o decasyllabo. Estimo muito ver proselytos..... Cuidado porém na medição do alexandrino, que, em quanto se não anda calhado n'elle, póde errar-se com muita facilidade. É elle errado, toda a vez que se não póde compartir em dous versos de seis syllabas, graves ou agudos, e que, reunidos os dous, o todo não dê um verso de doze syllabas, grave ou agudo tambem etc. »

Confessâmos que, approvando muito a introducção rasgada do dodecasyllabo na poesia portugueza, quizeramos que a lei lhe não impuzesse, nem a necessidade fatal de partil-o em 2 hexasyllabos, nem da pausa forte em cada hemistychio, nem da alternativa de machos e femeas. Eis nossas principaes rasões :

Com aquellas condições, a harmonia que se-lhe-attribue, é menos do proprio verso, do que emprestada pelo hexasyllabo. Si necessariamente o dodecasyllabo se-hade dividir em dous hexasyllabos, com todas suas exigencias, cessou a vantagem proclamada; não é um verso, são dous; dous mui conhecidos e usados. É tão completamente uma questão de olhos e não de ouvidos (e sobre metro é o ouvido que legisla) que, si a imprensa reproduzir uma peça alexandrina com a disposição typographica dos hexasyllabos, e si essa

Digitized by Google

peça for lida *por quem saiba ler*, o ouvinte não saberá responder em que medida foi escripta. D'esse modo, o alexandrino póde tanto denominar-se *um* verso, como si *um* verso se-chamasse a um dysticho ou a uma oitava. Tão grave inconveniente desapparecerá, admittido que seja o direito de variar pausas no dodecasylbabo, como se-permitte nos outros metros, uma vez que tenham as syllabas exigidas; por exemplo:

No transporte mais vehemente
Antecipada exgotámos.

Introu por fim a correr.
Como a neve se-costuma.

Restaurál-o o tempo deve.
Após a estação de neve.

Como este, que de um verso a casa occupa:
Misericordiosissimamente,
Que se-cantou, por fecho de um soneto,
Impresso n'umas festas muito régias.

Ha em algum d'esses versos uniformidade no percutir dos sons e scindir das palavras? Não; não ha ahi pulsação ou descanço da voz em syllabas dominantes e emphaticas; porque razão só o alexandrino será exceptuado? Si, por exemplo, se-admittirem como certos estes dous dodecasyllabos:

O' passarinho lindo, do meo bem amores,
Tu que da gentil Lesbia gosas mil favores,

então sim, poderemos dizer que o alexandrino tem foros de verso especial, porque ahi estão as 12 syllabas, mas

Digitized by Google

indivisiveis, a não ser em 7 e 5; onde ha indivisibilidade é que ha unidade; mas si a divisão por partes eguaes é condição *sine qua non*, não existe alexandrino. Ha mais: aquella regra de divisão obrigaria, mil vezes, para dividir os 12 em dous 6, a contar, nas mesmas palavras, as syllabas de um modo para darem 12, e apocopadas de outro, para darem 6!

Mais arduo é ainda o preceito de alternar forçosamente os agudos e graves. E por que se-prohibiriam os esdruxulos, tão ricos de harmonia em suas combinações? não os-usam francezes, por que não teem palavra, de accento na ante-penultima. Affigura-se-nos que, com tão cruel firman, se-decretaria a pena de morte do alexandrino em portuguez. Quer-se forçosamente uma parelha grave, outra aguda; ora o portuguez (afora os infinitos) tem 19 palavras graves e esdruxulas contra uma aguda, e essas mesmas agudas são de desinencias mui limitadas. Pertender pois estabelecer pé de egualdade entre dous elementos tão deseguaes, faz lembrar os *Tractados de Commercio e Navegação* entre a Inglaterra e os Estadinhos que não teem navegação nem commercio, mas que ficam muito satisfeitos quando leem que as concessões entre os dous paizes são reciprocas e eguaes. Ao menos, com a admissão dos esdruxulos em auxilio dos agudos, contra os graves, diminuiria o horrivel desequilibrio; mas isso mesmo nos-parece pouco, e, para que o metro se-popularise, achâmos que não devem coarctar-se os vôos do poeta; não o-mantear como ao Sancho Pança; deve um Theseo dar cabo d'esse leito procrustiano; tanto mais quanto, em lingua portugueza, o ouvido instinctivamente

Digitized by Google

pouco agradece o barbaro exfôrço, para o qual é mister que a intelligencia friamente lhe-aponte.

Com aquellas duras condições, mal pensâmos que o alexandrino se-vulgarise—por ser realmente difficil— porque não é uma entidade metrica, um verso uno — porque não augmenta o número das fórmas metricas — porque não dá mais ensanchas que dous hexasyllabos — porque não é muito usado — por ser questão de olhos e não de ouvidos—por estabelecer, escusadamente, uma distribuição de pausas, que não parece da índole da nossa poesia — porque o constante martelar no mesmo logar do tympano o-arromba —porque o ostracismo dos esdruxulos empobrece a versificação de um de seos legitimos valores — porque o portuguez não tem agudos sufficientes etc.

Entre as ponderações com que nosso irmão repelliu estas, ha um simile gracioso, e cuja fôrça não escurecemos; diz elle:

« Quando tu bebes, com boa sede, um copo de agua, de uma assentada, e mettes, sem respirar, meia canada no estomago, não sente o teo paladar maior praser do que si bebesse, da mesma agua, um quartilho primeiro, e o resto depois de um intervallo? Todos sentem isso; pois ahi tens o que vai de dous versos de 6 syllabas a um só de 12. Isto para mim é de primeira intuição; sel-o-ha para ti, quando reflectires mais attento, e advertires em que, n'estas cousas de gôsto delicado, nem tudo se-raciocina; que fica muita cousa a um senso íntimo; e que o *não sei*

Digitized by Google

que, o proverbial *não sei que* representa, em todas as artes, um importantissimo papel. »

Ignorâmos quem tem rasão. Ainda quando a nossa these vencesse, sería este um dos casos do: *Victrix causa Diis placuit, sed victa Catoni.* Todavia supponios estar todos de accôrdo no acconselhar dos majestosos alexandrinos; mas por isso mesmo é que os-quizeramos soltos de peias dispensaveis.

Os inglezes não consideram impreterivel, para que o verso esteja certo, a divisão nos dous hemistichios eguaes; eis como se-exprime a *Cyclopedia Britannica*: « Por via de regra, deve, como no francez, « ser divisivel em dous hemistichios; mas, sendo mais « livre a fórma da nossa poesia, frequentemente se- « viola essa regra ». Porque rasão não violaremos nós egualmente uma regra despotica, e que nenhuma condição de harmonia impõe?

Um dos nossos mais possantes athletas litterarios, n'uma carta escripta em maio de 1836, e publicada com o 1.º canto da *Paquita*, no 2.º volume da *Revista Peninsular*, fundibúla o alexandrino com insolita violencia, como se-vai ver:

« A *Paquita* é um protesto contra a poesia « franceza que nos-invadiu, e que, privada das har- « monias metricas, até nos-lança na caricatura de « outra caricatura, na imitação bastarda do seo mono- « tono rhythmo, saguão litterario para onde mais de « uma vez, n'esta epocha de corrupção em tudo, ainda « os melhores poetas atiram composições bellissimas no

Digitized by Google

« sentir e no pensamento; saguão que é o paraiso dos « poetastros e as delicias das nossas eruditas *blue-* « *stockings*. »

É para sentir que esta excommunhão baixe de tão auctorisada voz; porém mal comprehendemos como se-encabece o uso do dodecasyllabo em questão de nacionalidade! si um cordão sanitario houvesse de repellir todas as innovações, só por vindas do estrangeiro, ver-nos-hiamos condemnados a perpétua immobilidade.

E todavia, nem mesmo essa circumstancia se-dá, pois tal verso ja foi usado em antigo portuguez. O baptismo, com que é conhecido por um nome especial, *alexandrino*, terá talvez origem franceza, si é que o primeiro uso de tal verso, em francez, se-deveu ao poeta Alexandre, de Pariz, que, no seculo XIII, traduziu do latim, em dodecasyllabos, um poema sobre Alexandre Magno; mas na França mesmo, decahiu tal metro até o tempo de Francisco I, isto é, mui adiantadamente no seculo XVI.

E serão acaso os dodecasyllabos de invenção franceza? e o que era no latim, o jambico puro:

Mari—a vir—go ma—ximum—decus—Poli?

é um puro dodecasyllabo (que todavia scinde apalavra, no fim do 3.° pé).

A questão não é pois de nacionalidades, mas de poesia; esta só tem a ganhar com o uso frequente do dodecasyllabo. .... mas emancipado de aristotelicas unidades.

Digitized by Google

§ 23

(T. 1. p. 42.) (l. l. — 37)

Não tenho que pintar nos curtos versos teos.

Allude ás dimensões dos versos eroticos, para os quaes a fórma lyrica (por mais curtos e melodiosos) é preferida.

---

§ 24

(T. 1. p. 42.) (l. l. — 38.)

Não tenho Adonis lindo.

Ovidio diz:

Nec mihi materia est numeris levioribus apta,
Aut puer, aut longas comta puella comas.

É a pederastia uma paixão desordenada, criminoso amor de um homem por um mancebo, vicio infame, e geralmente reprovado pela moral, natureza e razão; é um dos lamentaveis exemplos do gráu de abjecção, a que o homem póde deixar-se arrastar quando, avassalado por gostos vís e impetuosos, fructos ordinarios de podridão do espirito, já não encontra, na pureza do coração e no amor

Digitized by Google

da virtude, barreira sufficiente contra a mais torpe immoralidade.

É muito para notar o como, entre os poetas antigos, não só se-alludia á infanda bruteza da pederastia, desacato indesculpavel ao culto do amor, mas escriptores, aliás, e por mil titulos, estimaveis, pregoavam, de si proprios, essas vergonhas! os exemplos do uso de uma e outra Venus para aqui podiam ser multiplicados ao infinito.

Ha (ainda hoje não são raras) essas aberrações da natureza; mas graças á delicadeza creada pelo christianismo e ao verniz de decencia imposto pela civilisação, ninguem blasona já miserias, que outr'ora tinham logares especiaes onde se-praticavam, denominados *libidinum consistorium*, e até a Deuses se-imputava o culto da *Venus avéssa*. Para melhor appreciarmos esta, entre tantas outras melhorias da nossa edade, ouçamos um dos homens de mais gôsto, e uma das mulheres mais amantes da nação mais poetica da antiguidade, Anacreonte e Sapho.

Para tornar a cousa mais picante, havemos de ver, antes do retrato que Anacreonte faz do seo Bathyllo, o que nos-desenha de uma rapariga; não foi, como se-vai ver, sem industria, que o auctor os-collocou um ao pé do outro (Versão de Castilho Antonio, como o-são todas as mais de Anacreonte, n'esta Grinalda):

Digitized by Google

ODE 28.

Vá lá, meo pintor de fama,
Primoroso meo pintor!
Rei (que assim chamar-te pódes)
D'ess'arte, que lá em Rhodes
Tem ganho tanto explendor.
Vá! Retrata a minha Dama!
Pouco importa o longe estar;
Como ella é, posso eu dizêl-o.
Negro, macio cabello
Põe-lhe em primeiro logar.
Olha! si a cera o-consente,
Faze-o tambem rescender;
Quaes duas brilhantes ondas,
Por sobre as faces redondas
Da eburnea fronte a pender.
Separar inteiramente
Não convem, nem confundir
Os arquinhos dos sobr'olhos;
Negro cilio, erguidos olhos,
Alma tímida a exprimir;
Olhos! como os de Minerva
No azulado seo volver;
Como da mãe dos Cupidos,
Levemente humedecidos
De ternura e de prazer.
A' face, ao nariz conserva
O encarnado e fresco alvor;
Não ha tincta assim mimosa;
Mixtura o lyrio co'a rosa
E tens-lhe acertado a côr.

Digitized by Google

Pinta os labios, e escondida
Entre elles a persuasão;
Da boquinha o geito imite
Fazer aos beijos convite
Co'o suave (da expressão.
A' barba que a amor incita,
Ao collo, que em candidez
Vence alabastros e neve,
Um enxame vago e leve
De graças convem que dês.
Uma veste purpurina
Lhe-lança agora a final;
Mas dispõe-lh'a por tal arte
Que deixe sonhar-se em parte
O seo corpo divinal.
Concluiste.... Obra divina!
Concluiste.... É ella! é ella!
(Quero-te amigo abraçar)
« Minha amada!.... oh! como és bella!
« Fala-me! deves falar! »

ODE 29.

Pinta-me agora Bathyllo,
Bathyllo, o meo predilecto,
Como t'o-vou figurar;
Cabello á nascença preto,
Nas fontes ja de outro estylo,
Que lembre o esplendor solar.
No alto as madeixas
Em nó comprimidas,
Depois esparzidas
Em livre ondular.

Digitized by Google

A' joven fronte macia,
Pura como o orvalho puro,
Dêm c'roa de perfeição,
Sobr'olhos de azul escuro,
Do escuro azul que se-havia
Tomar, pintando um dragão.
Os olhos bem negros
Inculquem firmeza;
Serena lhaneza
Lhe-adoce a expressão.

Vê si, em seo olhar, exprimes
Duas cousas que em mixtura
Sabe elle só reunir:
De Venus meiga brandura,
De Marte assomos sublimes.....
A repulsar e a attrahir,
Por modo que, ao vêl-o,
Esp'rança e receio
No fundo do seio
Se-deva sentir.

Por suas faces rosadas
Derrama, egual á de um pomo,
Alva penugem subtil;
Mas summo tento, em ver como
Nos-dás a côr bem córada
Do seo pudor juvenil!
Seos labios tão finos,
E tão convincentes,
Duvido os-presentes,
Pintor meo gentil!

Digitized by Google

Em summa, si te-é possivel,
Faze que seja falante
A cera d'este painel,
Fronte bem larga e elegante,
Pescoço eburneo e flexivel,
De Adonis cópia fiel.
No peito e mãos lindas
Sem medo figure-o
Um joven Mercurio
Teo sabio pincel.

Nas coxas Pollux valente;
E no ventre arredondado
Um donoso Bassarêo.
Sobre as coxas, encantado,
Thesouro de um fogo ardente
Mostre, mostre, amigo meo. . .,
Vir ja despontando
A férvida edade,
Que a paphia deidade
Ao gôso elegeu.

Mas a tua arte é ciosa;
As costas do meo Bathyllo
Não m'as-pintará talvez;
E é pena, que em tudo aquillo
De que n'elle a vista gosa
Nada egual ás costas vês.
Dos pés graciosos
Que posso eu contar-te?
Esmera tua arte,
Fazendo-lhe os pés.

Digitized by Google

Que heide eu dar por tal pintura?
Todo o ouro do Pactolo
Tanta valia não tem.
D'aquella estatua de Apollo,
Portento de formosura,
Faze, Bathyllo, o meo bem,
E Apollo, si em Samos
Quizeres fingil-o,
Do proprio Bathyllo
Copia-o tambem.

Ainda aqui serão lidas com propriedade as odes 9, 17, 18 e 22 do lubrico velho:

ODE 9.ª

— D'onde vens tu, pombinha,
Minha hóspeda celeste?
De que paiz trouxeste
O cheiro seductor,
Que em nós de ti derramas,
Dos céos qual desce ás ramas
Orvalho creador?
Dize, avesinha linda,
Si, embaixatriz, és vinda
Novas trazer de amor?

— Pois vais ouvil-o.
De Anacreonte
Ao seo Bathyllo
Mandada sou;
Porque o conheças
Signaes te-dou.
Bathyllo é moço,
Que faz de amores
Muito destrôço
N oscorações;
Rei ou tyranno
Das affeições.

Digitized by Google

Fui predilecta
De Cytheréa;
Ao seo poeta
Ella me-deu,
Quando este um canto
Lhe-offereceu.

Sou d'elle agora
Serva e correio;
Vou-me n'esta hora,
E á pressa vou
Dar esta carta
Que me-entregou.

Fez-me promessa
Que, em eu voltando,
Logo me cessa
A escravidão;
Mas eu deixál-o!
Juro que não.

Como! liberta
Por valle e monte,
Buscando, incerta,
Silvestres grãos,
Eu, que o não furto
Das suas mãos!

Que em sua taça
Bico o meo vinho,
Depois, com graça,
Entro a dançar,
E na cabeça
Lhe-vou pousar!

E em vindo o somno
Logo na lyra
Do nosso dono
Me-empoleirei;
E durmo a noite,
Que nem um rei!

Adeus, amigo!
Ja de sobejo
Palrei comtigo.
Corro onde vim. . .
Nem uma gralha
Palrava assim.

ODE 17.

Nem Vulcano, á tua vista,
Mestre artista,
Póde a palma requerer.

Digitized by Google

Toma prata! uma obra quero,
Cujo esmero
Vença a quanto póde haver.

Não são armas, peitos, malhas
(De batalhas
Não me-importa e nada sei).
D'esta prata se-me-faça
Uma taça
Funda, amplissima e de lei.

Não lhe-esculpas, no contorno,
Por adôrno,
Céos, nem gruppos sideraes;
Pois que importa a Anacreonte
O Orionte,
O Boieiro, e outros eguaes?

Antes cêrco de parreiras,
E ligeiras,
Por sob ellas me-porás;
As Bacchantes vindimando,
Lindo bando,
Folgasão, gentil, loquaz.

N'um lagar, co'o Deus de Nachos,
Pisem cachos,
Em porfia de embriaguez,
Meo Bathyllo, o meo querido,
E Cupido....
E estes de ouro, todos tres.

Digitized by Google

ODE 18.

O' portentoso artista! outro vaso de esmero
Me-hasde agora lavrar.
Gravada n'elle quero
A estação que dá vida,
A flórida estação, de rosas bem cingida.

Faze-me, d'esta prata, um vaso em que se-possa,
Por gôsto, demorar
Co'a mente a vista nossa;
Em roda lhe não ponhas
Sacrificios de horror, ou fabulas medonhas.

Grava-lhe antes Evan, progenie do alto Jove;
Dá-lhe por digno par
Cypria, que nos-promove
Ancias de terno gôso,
Ella e elle cantando a hymineo jubiloso.

Adiante lhe-põe, mas sem arco, os amores
E as graças a folgar,
Á sombra dos verdores
De um parreiral que ria,
Recurvado ao pendor da uva lusidia.

No mesmo abrigo emfim, quero que representes
A' scena a completar,
Muitos moços contentes,
Saltando ao som da lyra
De Phebo que em galhofa almas canções inspira.

Digitized by Google

ODE 22.

Meo Bathyllo! o bem que estamos
N'esta sombra deleitosa!
Como esta arvore é viçosa!
Como alastra os floreos ramos,
Que aura embala a suspirar!

Ouve a fonte, que murmura
Não distante d'este abrigo!
Com tal céo, com tal verdura,
Com tal paz, com tal amigo,
Quanto é doce o repousar!

Agora, para exemplo identico em outro sexo, vejamos a explosão de ternura, que Sapho dirige á sua amada:

Ventura, que eguala aos Deuses,
Em meo conceito, disfructa
Quem, juncto de ti sentada,
As doces falas te-escuta,
Gosa teo mago surrir.

Quando imagino em tal gôsto
E' minha alma um labyrintho;
Expira-me a voz nos labios;
Nas veias um fogo sinto;
Sinto os ouvidos zunir.

Gelado suor me-inunda;
O corpo se-me-arripia;
Fogem-me as côres do rosto,
Como ao vir da quadra fria
Entra a folha a desmaiar.

Digitized by Google

Respiro a custo, e já cuido
Que se-esvahe a doce vida!
Arrisquemo-nos a tudo....
Contra uma angustia insoffrida
Tudo se-deve tentar.

Como o delicado Catullo se-apossava tão surrateiramente d'esta obrinha de Sapho, sem levar por isso apodos de plagiario, nem os-merecer, que assaz provava, n'outros versos, a sua originalidade! Aquella pequena ode sua porém deve ter sido do seo primeiro periodo de poetar, quando só com a musa grega se-inspirava. Transcrevamol-a, para os que ainda podem e estimam ler bom latim :

CARMEN LI.

AD LESBIAM.

Ille mihi par esse Deo videtur,
Ille, si fas est, superare Divos,
Qui sedens adversus identidem te
Spectat et audit

Dulce ridentem, misero quod omnes
Eripit sensus mihi; nam simul te,
Lesbia, adspexi, nihil est super mí
. . . . . .

Lingua sed torpet.... tenuis sub artus
Flamma dimanat.... sonitu suopte
Tintinant aures.... gemina teguntur
Lumina nocte.

Digitized by Google

Otium, Catulle, tibi molestum est;
Otio exultas, nimiumque gestis;
Otium et reges prius, et beatas
Perdidit urbes. (*)

O mesmo Catullo faz confissão tambem de pederastia, como Anacreonte e Sapho, no seo carmen XCVIII:

Ad Juventium.

Surripui tibi, dum ludis, mellite Juventi,
Suaviolum dulci dulcius ambrosia.
Verum id non impune tuli; namque amplius horam
Suffixum in summa me memini esse cruce;
Dum tibi me purgo, nec possum fletibus ullis
Tantillum vestræ demere sævitiæ.
Nam simul id factum est, multis diluta labella
Guttis abstersisti omnibus articulis;
Ne quidquam nostro contractum ex ore maneret,
Tanquam commictæ spurca saliva lupæ.
Præterea infesto miserum me tradere amori
Non cessasti, omnique excruciare modo;
Ut mi ex ambrosio mutatum jam foret illud
Suaviolum tristi tristius helleboro.
Quam quoniam pœnam misero proponis amori,
Non unquam posthac basia surripiam.

Tibullo desaforadamente escreveu o seo carm. III do L. IV. *Parce meo juveni*, e outros.

(*) Confessâmos que nunca podémos comprehender aqui estes quatro versos; são uma excrescencia; uma observação tão impropria do assumpto, tão mal trazida, tão diversa no espirito, e nada d'isto apparecendo no original paraphraseado, que suspeitâmos ter andado êrro de copia, nos primeiros apographos, que terão unido a este carme versos que pertencessem a outro.

Digitized by Google

Nada d'isto admira, quando o proprio castissimo Virgilio escreveu a sua 2.ª egloga, que, para ser encantadora e deliciosa, só lhe-faltava substituir o nome de Alexis por qualquer nome de mulher. Finalmente a hediondez de tal vício, repitamol-o, encontrava nos costumes d'esses tempos muito mais facil indulgencia. Todos conhecem o

. , . faciles nymphæ risere sacello

do mesmo Virgilio.

Ovidio, com todo o seo fervor de loucuras amorosas, nunca deu nos excessos da pederastia; por isso com praser lhe-ouvimos declarar na Arte:

Odi concubitus qui non utrumque resolvunt.
Hoc est cur pueri tangor amore minus,

sendo claro que o—*tangor minus*—está exprimindo—*non tangor*. O desprêso, que tal monstruosidade lhe-inspirava, transparece na metamorphose d'Iphis em rapaz. (Met. Liv. IX. 9), na canção VIII do L. I. etc.

---

§ 25

(T. 1. p. 42.) (I.I. 38.)

ou linda rapariga. . . .

« RAPARIGA! *rapariga*! Sancto breve da marca! que palavra tão plebéa! »

Digitized by Google

Sim?! Ora que tem, senhores acoimadores, que dizer de *rapariga*, para a-prohibirem aos poetas? quanto a nós, não só é palavra decente (não obstante o tomar-se, em algumas partes de Portugal, como termo de pouco mais ou menos, e no Brasil se-atirar ás escravas), sinão que a-temos por muito graciosa e euphonica. Não sabemos vocabulo nosso, dando o sentido que traz, muitas vezes, nas poesias namoradas dos latinos, o diminutivo *puella*. Chamarem pobre á lingua (que o não é), e depois quererem proscrever d'ella, sem nenhuma rasão, termos necessarios, formosos e gentis, é contradicção que se não absolve.

Aqui nos-cahe a talho de fouce, com mover prática sobre um ponto importante na arte de escrever, apurar certas contas com uns taes malsins litterarios, de papo têso, lexicographos de prostibulos e oraculos de pasmatorios.

Tivemos (para satisfazer urgentes instancias de amigos) de improvisar para a scena producções, em verso homeometrico, trabalho levissimo para quem lhe-despresa, pesadissimo para quem lhe-respeita as condições. Os imparciaes fizeram justiça e favor; os espiritos damninhos, certa casta de cupim bipede, que (*si parva licet componere magnis*) babuja e corroe, sem escolha, Iliadas e Pedreidas,

plus enclins à blâmer que savants à bien faire,

fulminaram anathema contra numerosos passos de um d'esses dramas, porque seos pudicos e aristocraticos tympanos se-escandalisavam *com phrases e termos obscenos e triviaes*.

Digitized by Google

Intendamo-nos. Bem póde ser que os frequentadores, os jubilados e decanos de lupanares da infima relé, falando um idioma, de que ainda nos não presentearam com o vocabulario, torturem essas phrases, tão commum como innocentemente usadas, para lhes-attribuirem sentido bestial; é de crer que, para se-intenderem entre si, empreguem uma gerigonça como os salteadores, uma giria como os galés; mas, *em portuguez*, ainda nenhuns *Mysterios de Pariz* nol-a ensinaram; e em quanto esses sacerdotes do peior Isis nos não revelarem seos arcanos, iremos, os profanos, falando, sem malicia, a lingua de nossos paes. É realmente um lamentavel symptoma de corrupção no espirito o puchar sempre pelas orelhas das palavras e das phrases, para as-arrastar do seo campo natural para o da indecencia e lascivia! São capazes de vasar um glossario inteiro dentro do seo cadinho pequenino e sujo.

Agora, quanto ás phrases vulgares, populares, ordinarias, communs, triviaes, usuaes, corriqueiras, plebéas (o que tudo póde ainda ter uma significação muitissimo *decente*), sim, as empregaremos, sempre que o-demandarem os assumptos, as situações, ou as figuras, em cuja bôcca as-puzermos. Digamos nosso sentimento, quanto a este ponto importante da arte de escrever.

Resulta o estylo da escolha no colligir e dispor os vocabulos, conforme as leis da harmonia, pelo que respeita á elevação, á simplicidade, á natureza do objecto; é elle a maneira, o tom, o colorido, que reina em uma obra, ou qualquer parte d'ella. As principaes distincções do estylo dependem da diversi-

Digitized by Google

dade dos assumptos. O mesmo modo de expressão sería tão improprio em occasiões differentes, como o mesmo trajo em pessoas de varias hierarchias, em diversas estações do anno ou latitudes do globo.

O estylo philosophico pede precisão e raciocinio, rejeitando ornatos e figuras rhetoricas. A primeira condição da conversação familiar, da carta, da fabula, é ser pura, clara, facil, simples, natural. O estylo sublime quer nobreza sustentada, dignidade, magestade; sentimentos sempre elevados, phrase sonora, altiloqua. No estylo pathetico importa falar, não á cabeça mas ao coração. O dialogo da sociedade aristocratica deve ser delicado, gracioso, fino, elegante. O estylo do homem de imaginação rico e brilhante. O da epopéa elevado e pomposo, como o sublime. O da satyra forte, energico, vehemente, incisivo. O da historia correcto, varonil, nervoso. O da maxima apertado, conciso, laconico. O pastoril florído, singelo, como infantil. O dos contos brincalhão, attractivo. O da sciencia severo, didactico. O dos tumulos lapidar. O do interior, familiar; e ahi se-subdivide o familiar em alto e baixo, analogamente á sociedade, que se-compõe de familias fidalgas e plebéas.

Tão ridiculo fôra fazer falar uma serva linguagem de rainha, como rainha de serva. E tanto essas duas anomalias, como empregar para uma oração funebre o estylo bucolico; para uma farça o dogmatico; o didactico para a satyra; para a historia o dythirambico; ou o burlesco para a epopéa! Diz Voltaire: *Le style des lettres de Balzac n'aurait pas été mauvais*

Digitized by Google

pour des oraisons funèbres ; et nous avons quelques morceaux de physique dans le goût du poème épique et de l'ode. — Um logar para cada cousa, e cada cousa no seo logar.

Houve quem censurasse Petronio de egual *defeito*; no que lhe-tomou a mão o grande Ménage, dizendo que esta baixeza e trivialidade de expressões, que por vezes parecem deslustrar o estylo do auctor do Satyricon, *são a obra-prima da arte*; elle nunca as-collocava sinão em bôcca de servos, de povo, ou de libertinos. De Guerle accrescenta: « A par d'essa « linguagem, quando accommodada ás personagens, « observae com que elegancia Petronio faz falar a « gente fina ; este merito é tão precioso, quanto é « raro ».

Perguntava Massillon: « *Fostes vós prendado com alma de outra especie que a dos homens vulgares?* » Não; mas com outra especie de educação; *et inde.* Querermos exprimir as cousas de um modo diverso do commum de pensar e falar, ja Cicero nos-disse que era o maximo defeito do estylo: *In dicendo vitium vel maximum esse, a vulgari genere orationis, atque a consuetudine communis sensus abhorrere* » mas Quintiliano, citando esse trecho, e oppondo-o aos papos têsos do seo tempo, bradava logo: « *Queiram VV. SS.as desculpar, que o tal Cicero era um barbaro, um ignorantão* ».

Diz Horacio aos Pisões (versão de Candido Lusitano):

Muito deve attender-se si quem fala
É numen ou heroe — prudente velho

Digitized by Google

Ou fogoso mancebo — auctorisada
Matrona ou fama amante — vagabundo
Negociante ou cultor de pobre campo —
Si é natural de Colchos ou da Assyria —
Si em Argos ou si em Thebas foi creado...
Um personagem novo, o seo character
Nunca hade desmentir.

E (como inspirando o conselho d'esse mestre) veja-se em Terencio a differença de estylo, que vai entre Davo e Simo, entre Nausistrata e Sofronia, matronas, e as donzellas amantes. Em Aristophanes, no côro da comedia *A Paz*, se-verá como fala um rustico; no *Philoctetes*, de Sophocles, como se-exprime um mercador. No *Orestes* de Euripides, a linguagem de um phrygio. Como Corneille, Racine, Maffei fazem falar a edade juvenil!

É fugir de estylo secco, diffuso, atrapalhado, languido, obscuro, affectado... *ou improprio.*

O tudo é saber buscar para o objecto esse estylo adaptado, natural, conchegado com o seo assumpto, harmonico, complemento phonico da idéa; é isso que Pascal resume n'esta formosa phrase: *Quand on voit ce style naturel, on est tout étonné et ravi.* »

Este estylo *natural* é o que vai colher a natureza em flagrante; é o que pede emprestada ao soldado a phrase militar, ao vate a poetica, ao nauta a maritima, ao sabio a technica, ao rei a elevada, *a trivial ao popular.*

E' o que Bernardes, com tanto chiste pondera, na *Carta a D. Gonçalo Coutinho:*

Digitized by Google

Aquella é mais formosa e rica musa,
Que sempre, nas figuras e palavras,
Conforme ao seo sujeito, e uso usa.
Está tão mal a um pastor de cabras
Tractar de astrologia e medicina...
Como a um grande rei de gado e lavras.

Não se-dê porém a nossas palavras mais elasticidade do que ellas comportam. Costumam os methodistas d'estas cousas, depois de designar as classes, dividir a popular em 3 ordens — obscena — immunda — baixa; cada uma d'ellas subdividida ainda em mil escaninhos de generos, especies e variedades.

As phrases torpes ou immundas sejam anathematisadas, proscriptas, tostadas em auto-de-fé; porém nunca as restantes palavras populares, que são o cortejo natural dos populares assumptos. (*)

Os nossos primeiros mestres da lingua têm sempre adoptado certas phrases e palavras vulgares (que os taes censores proscrevem por baixas) quando — assumpto —situação—ou personagem as-sollicitam. Siga-se o pre-

(*) Que sería da chamada sabedoria das nações, os adagios, proverbios e rifões, si triumphasse a eschola do sapato e meia, tanto na choupana como no palacio? Adeus, vós, tantos, tão racionaes, tão confortaveis amigos de nossos avós! Eis-aqui amostra dos milheiros, que soffreriam pena de garrote:

— Ao madeiro sahe a acha,
Pois de tal acha tal racha.
— Mais val uma aguilhoada que 2 arres.
— Albarde-se o burro á vontade do seo domno.
— Aqui torce etc.
— Asno morto etc.

Digitized by Google

ceito de quantos intendem da materia, preceito que Bocage, na sua *Satyra contra Elmiro*, tão elegantemente formulou:

> Co'a materia convem casar o estylo.
> Levante-se a expressão, si é grande a idéa;
> Si a idéa é negra, a locução negreje;
> E, tenue sendo, se-attenue a phrase.

. . . . . isto é, si derem licença certos beleguins de palavras, quadrilheiros de phrases, aguazis de imagens, e galfarros de locuções, peiores que todos os *censeurs pointilleux*, de que fala Boileau; peiores sim, por que lhes-falta aquelle sexto sentido, chamado gôsto, que sabe, quando as regras especulativas são impotentes, discriminar, em cada caso, onde do abuso se-separa o uso legítimo. Ouçamos um dos mais competentes juizes, o Sr. Herculano, descrevendo-nos taes censuras e taes censores (nas suas *Lendas e Narrativas*); oh! quanto se não escandalisarão aquelles palacianos ouvidos com tantas *palavras baixas*, estylo, todavia, unico appropriado aos heroes, n'essas epopéas decantados! Lêde:

— Musica com baba e latim com barba.
— Quando os porcos bailam adivinham chuva.
— Palavras não enchem barriga.
— Si não bebe na taberna, folga n'ella.
— Homem grande, besta de páo.
— Os males dos meos burricos me-fizeram alveitar.
— Depressa se-apanha o rato que só conhece um buraco.
— O uso do cachimbo faz a bocca torta.

& & & Tudo isso gyra, na bocca do povo, conservando-se de geração em geração; e mentir-se-hia á naturalidade, roubando-se-lhe esses dizeres, que fazem parte de seo millenario patrimonio.

Digitized by Google

« Muito mais que ha ahi *uns quidams*, cujo officio é esmiuçar, anatomizar, e criticar os escriptos alheios, e que lhes-fazem os mais crueis e desalmados processos-verbaes que é possivel imaginar, não lhes-escapando periodo nem linha, ponto nem vírgula. Crítica *rosnada* pelos cantos é a d'estes, similhante ao *bisbilhotar da cuzinheira* com a criada da vizinha, á janella do *saguão*, sôbre os *talhos* que a ama deu ao *presunto*, ou sobre o mais ou menos *acogulado* da medida dos *feijões fradinhos*. E' por isso que a taes críticas chamo eu verbaes; verbaes, porque seos auctores d'ahi não podem passar. Coitados! escreveriam vinte heresias, si copiassem o padre-nosso. São os *alcaiotes* dos *lapsus linguæ*, os *mexeriqueiros* dos actos de memória. No vento e com o vento compõem: vivem de epigrammas *agudos como tranca*; morrem sem deixar vestigio. *Litteratos a barbas enxutas*, eruditos lendo ainda porbaixo, passam nas trevas como a coruja; mas, bem como a coruja roçando as azas, que salpicou na alampada, pela alva toalha do altar, a-deixa ennodoada, assim a pagina pura, afagada de tanto amor do artista, estudada com tão sincera consciencia, lá recebe, na tertulia de *parvos*, a dedada torpe e *sebenta de um chapadissimo tolo*. »

E aqui vem a ponto uma historieta que nos-conta, o bom Filinto:

« Um padre, muito docto, da *censoria*, riscou, no manuscripto do *Telemaco*, traduzido por Manoel de Sousa, a palavra —orelhas— como baixa e deshonrada; mas o capitão, que sabia mais portuguez que todo o tribunal, lhe-perguntou: — « Que é o que S. Pedro cortou a Malcho, em certa noite de agarração? » — e o meo censorio ficou como um patinho. — « A *orelha* (lhe-retrucou o Sousa) é membro e soffre córte; e o ouvido é sentido, que não ha hi facalhão de frade que o-decepe. »

Provavelmente com ataques de nervos dos taes orates, do Sr. Herculano, e dos modernos fradalhões sem

Digitized by Google

hábito, do Filinto, hão todos os nossos bons escriptores, de todos os tempos e generos, usado as taes palavras, que os magnatas, infanções e ricos-homens litterarios denominam *baixas*. Vejamos, por desfastio, meia duzia entre meio milhão de exemplos, tomados de optimas pennas, em consecutivos seculos.

Camões, no 4.° acto do seo *Filodemo*:

Eu sou o mesmo que o amor
Me-quebra pelo espinhaço
. . . . . .
E mais para namorado
Não sou ora tão *madraço*:

SOLINA.

E tu já *fazes coprinhas*?
Ainda tu *trovarás*?

VILARDO.

Quem, eu? *Por éstas barbinhas*,
Que si vós virdes as minhas,
Que digaes que *não são más*.
Esse é o amor que em vós ha,
Pezar de *minha mãe torta*?

Saltemos já a Diniz, porque se nos não diga serem exemplos aquelles de nossa mãe torta. Eis como se-exprime, no acto 3.° do *Falso heroismo*:

Eu tambem, meo fidalgo, que amo e estimo
A paz, mais o socêgo, e que não quero
Por amor d'éstas suas travessuras
A' dependura pôr-me, ou que me-mandem

Digitized by Google

A Cabo-Verde *a pentear bugios*,
. . . . . .
De sua companhia me-despeço.

Poderia aqui transcrever-se o *Hyssope* inteiro ; mas, eliminando os exemplos que proscrevemos, (immundos ou obscenos,) eis-aqui alguns outros para os quaes se não ergueria por certo a ponte levadiça dos muito illustres e infançonos solares :

Sai de casa,
E, por baixo da calma com que *assava*
Syrio, ladrando, a sequiosa terra,
Aos capuchos, *de trote*, se-encaminha.

Lembra-me a mim que, sendo inda estudante,
Do bacharel Trapaça, e Peralvilho
De Cordova, a história portentosa
Ouvi ler (por signal que, por ouvil-a,
Na classe *pespeguei valentes gazios*).

Um pouco se-calou; e, em alvo pondo,
Como quem pensa em cousas máis profundas,
Os turvos olhos, prega um grande escarro,
Com que assustou os circumstantes todos.

O padre-mestre, vendo-se obrigado
A recontar de Ulysses os trabalhos,
Para o tempo ganhar de recordál-os,
Ronca, *escarra*, da manga o *pardo lenço*
Sacca, nas empalmadas mãos o-tende,
Em ambas subpesado, o-leva á *penca*,
Com'strondo se-assoa, e dobrado o-colhe ;

Digitized by Google

D'esturro então sorvida uma pitada,
O hábito sacode; aos *sobacos*
Alça o cordão, arrocha-o na casola,
E *de papo* ao deão assim responde:
Sancto breve da marca! » (aqui exclama
O *farfante deão*, de temor cheio), etc.

Excommungue-se Miguel do Couto Guerreiro, porque na sua satyra — *As visitas das Senhoras* — escreveu:

... E eu, em pé, aturando-lhe a matraca;
Parece-me que é isto estar á estaca!
... Que as mais, quando se-vai olhar por ellas,
Acham-se estataladas nas janellas.
... Vê si tens as mãos limpas; não lhe-botes
Os gadanhos, de modo que o-amarrotes.

Condemne-se á fogueira Paulo José de Mello, porque, n'uma *Epistola* se-exprimiu assim:

Eis-nos ja rodeados de *garotos*
Que, á porfia, *ornejantes creaturas*,
Impingir-nos queriam, mui *lampeiros*.
Aqui os-*cotovêllo*, alli *empurro*,
Té que da *rapazia gralhadora*
De todo livre, os passos enderéço
A' pousada de um *jarra de seis centos*...

— « Joaquina, o meo leque; *apre co'a sorna!*
Não achas! *forte peste!* eu vou buscál-o. »

Tal o *burri-montante*, *socio bando*,
Mais depressa que o *demo esfrega um ôlho*,
No sítio do folguedo se-apresenta.

Digitized by Google

Mas emfim taes *chalaças* nos-disseram,
Desinvolveram *pieguices* tantas
Que nós, mais distrahidos da *massada*,
Na liça das *graçolas* nos-mettemos.
E.... Mas *chiton*, senhora Dona Clio!
Attenda que o doctor é *chocalheiro*;
Embetesgue no bucho o seo segrêdo,
Aliás tem de vêl-o assoalhado.

Boa *laia de musa*! Eil-a ja *moita*,
E eu *moita* com ella. Adeus, meo rico!

E o ja citado Filinto? E o Tolentino? E o Bocage? E o P. Macedo? Mas venhamos a um grande escriptor recem-finado. Entreguemos Garrett aos fidalgos linguisticos, para que o-apedrejem:

Corre, amigo, que o *lombo acostellado*,
Coroado de batatas,
Ja lá veje do *espêto retorcido*
Fazendo-me *negaças*.
. . . . . .
Accude e corre, amigo,
Antes que nol-o *pesquem lambareiros*.

Foi bom tempo esse tempo de *namôro*:
Muitas ja me-roubou horas e dias,
E da amiga *pachorra* á *gorda pança*,
Me-cerceou bom naco.
Acabou-se: n'um *cercle* o mais luzido
Passeio agora os olhos indiff'rentes;
Qual *arrotando*, *espreguiçando os braços*,
Bocejando amiude,

Digitized by Google

Inda *sabendo a bocca a ferros velhos*,
No outro dia de longa *comezana*,
Mui disputado *toast*, em lauta mesa
Fastiento attentára.

Sim, amigo, esta *corja* odiosa e barbara,
Oppressora da lusa liberdade,
Esta *canalha* de Albion suberbo
Aqui fixou seo throno,
. . . . . .
Dá-nos em trôco os sestros,
Dá-nos as manhas, os costumes feros,
As ridiculas modas, emfim tudo
Quanto não é o amor de certa cousa,
Que a bonzos, nayres *fede*.

E eu, rapaz maldicto,
Eu co'a *barriga empanzinada* d'agua
Com estas sopas magras!

Á saude bebei (antes por alma)
Do pobre irmão charissimo
Que *chucha* ca de longe *pelos dedos*.

Tambem eu fui *patau*, tambem as Marcias,
As Annalias, Armias,
Me-deram que fazer, me-*atarantaram*
Nos meos tempos de amante.

Quasi nos-invergonhâmos das dimensões que démos á demonstração de um axioma. Acconselhemos porém aos escriptores, a quem similhantes críticas incommodarem, que tenham bem presente aquelle evangelho de La Bruyère: — Il n'y a point d'ouvrage si

Digitized by Google

accompli, qui ne fondît tout entier au milieu de la critique, si son auteur voulait en croire tous les *censeurs*, qui ôtent chacun l'endroit qui leur plaît le moins ». —

Concluamos com alguns versos da deliciosa satyra do Garção — *O Poeta* — a quem aferidores dos termos de nossa lingua apertavam com egual sapato; vibrou-a, por lhe-constar tambem que certos zoilos lhe-tinham censurado alguns termos, tachando-os de *baixos:*

. . . . . .
. , ... Circumspectos,
Embicando no *varra* e mais no *alcaide*,
Pôe as mãos na cabeça. Clamam que odes
Nunca viram com termos tão rasteiros,
Pensamentos, que foram condemnados
Nos rusticos escolios de Lucilio!
Quizera retractar-me! e te-prometto
De abjurar o estylo que seguia.
Buscarei novas phrases, novos termos;
A lingua falarei de Palainhos.
. . . . . .
Vae, e por mim o oraculo consulta!
Pergunta si tambem o Venusino,
Clara estrella polar, o velho Horacio
Errou na opinião d'esses Cujaccios,
Quando chamou, sem pejo, dentro em Roma,
Ante a face de Augusto, em suas odes,
Garridos espadões a mil eunuchos;
Ao bom Afio chamou *vil usurario*;
A Mevio *fedorento*; *mastim* a outro;
Bruxa a Canidia; si varou em terra

Digitized by Google

Seo baixel alteroso, quando disse
De um máo liberto, prodigo e soberbo:
Que fôra do verdugo co'o azurrague
Nas costas fustigado, até incharem
Ao gritador porteiro as cordoveias
Do vermelho pescoço, que suava.
. . . . . .
Ora, Calfurnio, vae-te! em paz me-deixa,
Que nem me-lembro já de taes doctores!
Qual o grande rafeiro, que, seguindo
O domno vai, sem reparar nos fracos
Insolentes cachorros da cidade,
Que ora lhe-ladram, ora lh'es-assulam,
Mal lhes-volta o fucinho arreganhado,
E o liso agudo dente, que branqueja,
Qual a fouce da morte os-intimida.
Justo porém será que tu lhes-digas
☞ Que varra cada qual sua testada;
Que assaz borbulhas tem para coçar-se!

Com a devida venia pois aos hodiernos escolios rusticos de Lucilios anões, esforcem-se os cultores da lingua por não perder palavras, locuções, phrases, que uma stulta philaucia condemna como *baixas* e *indecentes*, sem mais razão do que: *magistri dixerunt*. Use-se a expressão *rapariga*, no sentido *puella*; porque *moça*, *menina*, *mocinha* (não menos que os obsoletos termos *muchacha*, *rapaza*,) exprimem idéa menos precisa que a d'aquelle vocabulo, eminentemente nacional. *Et sic de cæteris.*

Digitized by Google

§ 26

(T. 1. p. 42.) (1. 1.—40.)

Ouvindo o meo queixume, abre em silencio a aljava.

Recordar-se-hia aqui o nosso poeta da Ode 8.ª do seo e nosso Anacreonte? Talvez. Em todo o caso vale bem a pena de o-ouvirmos; nenhum dos dous perde na confrontação:

A noite passada,
A' hora em que a Ursa
Mais perto discursa
Da mão do Boieiro;
E o somno profundo
No gremio fagueiro
Por todo esse mundo
Restaura os mortaes;
Em meia era a noite;
O exemplo dos mais
No leito eu seguia;
Sereno dormia ....
A' porta imprevisto
Cupido me-bate!
A' pressa me-visto;
Redobra o rebate;
Acudo a correr.
« Sou eu,— *diz de fóra,*—
« Não tens que temer;
« Sou um pequenino
« Que vaga, a tal hora,
« Molhado e sem tino,
« Perdido no escuro,
« Pois lua não ha! »
Ouvil-o gemendo
De magua me-corta;
A lampada accendo,
Franqueio-lhe a porta...
Em casa me-está!
Descubro em verdade
(Mentido não tinha)
Gentil creancinha
Com arco e carcaz.
Remecho nas brazas
Da minha lareira;
Restauro a fogueira;

Digitized by Google

As mãos, que são gêlo,
Lhe-aqueço nas minhas,
Lhe-espremo o cabello,
Lhe-enxugo as azinhas,
Já frio não faz.
« — Vejamos si a chuva
(Dizia e surria)
« A corda do arco
« Me não damnaria! »
Levanta-o do chão,
Recurva-o, dispara
No meo coração;
A frecha que o-vara
Parece um tavão.
Eu, dores damnadas,
E o doido ás risadas,
De gôsto a pular!
— « Meo caro hospedeiro
(Me-diz prazenteiro)
« Agora é folgar;
« Permitte me-ausente;
« Meo arco está são....
« Quem fica doente
« É teo coração! »

---

§ 27

(T. 1. p. 42.) (I. 1. — 41)

D'entre mil settas d'ouro a mais aguda extrahe.

As frechas, de que andava recheado o carcaz ou aljava do amor, eram de duas diversas naturezas, segundo nos-ensina o proprio Ovidio, nas *Metamorphoses*:

Extrahe da plena aljava duas settas,
Diversas no lavor, no effeito oppostas;
Esta amores produz, aquella os-bane;
A primeira, fulgente, é de ouro e aguda;
Baça e romba a segunda é chumbo inerte;
Com esta fere o Deus o seio á nympha
Co'a outra a Apollo os intimos do peito;
Eil-o ama, eil-a de amante odeia o nome.

Digitized by Google

Haveria maliciosa intenção em se-fazer do ouro um incentivo do bem-querer? N'este sentido se-queixou Ovidio muitas vezes, e tambem o nosso Tolentino escreveu:

Os olhos, que eu chamo sóes,
Mestres de attractivas tretas,
Tem só ouro por pharoes;
Alli forja amor mil settas,
Que levam na ponta anzoes.

Por esta parte vai tudo corrente; mas por que motivo seriam de chumbo as frechas para a desaffeição?

Seja como for, vejamos como o nosso Diniz nos-conta, n'uma de suas anacreonticas, a mesma travessura que o Deus-traquinas lhe-armou:

De seguir, no alto monte,
Fatigado, as bravas feras,
Uma fonte
(Que toldavam verdes heras,
E bordava o fresco prado
De junquilhos,
De violas e tomilhos)
A buscar baixo apressado,
Por matar a sêde ardente
Em a frígida corrente. . . .
Quando Amor (que repousava
De Nigella no regaço)
Despertava
Co'o rumor que, ao passar, faço;
Ergue o rosto; e ao ver que eu era
Quem, buscando
Da fontinha o cristal brando,
Sua dôce paz lhe-altera,
Toma o arco, que, deitado

Digitized by Google

Entre a relva tinha ao lado;
Uma setta, cuja ponta
Era de ouro o mais brilhante,
N'elle aponta.
Vôa o raio penetrante,
E veloz me-passa o peito;
O tyranno,
A ferida vendo, ufano,
Com um riso contrafeito;
« Olha (diz), pastor grosseiro,
« Si é Amor destro frecheiro! »
E voltando-se a Nigella,
D'esta sorte continua:
« Nympha bella!
« A conquista será tua.
« A' tua ira, aos teos rigores
« Novo emprêgo
« N'este louco hoje te-entrego.
« Morra emvão por ti de amores!
« Soffra e cale o seo aggravo,
« Pois t'o-entrego como escravo ».
Ai de mim! que a deshumana
Tomou bem esta doctrina,
Pois, tyranna,
O meo mal, minha ruina
Só deseja, só pertende.
Improperios,
Crueldades, vituperios,
O servil-a só me-rende;
E de tão injusta sorte
Só livrar-me póde a morte.

— —

Digitized by Google

§ 28

(T. 1. p. 43.) (I.I. 63.)

Nas tranças idalya murta.

De murta eram as coroas da musa Erato e dos poetas elegiacos. Lança a murta uns raminhos, guarnecidos de folhinhas lusidias, sempre verdes, brandas, odoriferas, e *emparelhadas*, rasão porque foi esta planta dedicada a Venus. Diz Plinio (XV. 36) que havia murta, no logar que Roma occupa, em tempo da sua fundação; por quanto querendo romanos e sabinos combater (por causa do rapto das sabinas), depuzeram as armas, e purificaram-se com ramos de murta, no logar em que se-acham as estatuas de Venus Cluacina. As elegías eram de duas qualidades —alegres e plangentes; refere-se a estas Camões, quando na elegia 7, diz:

O ter, a par de vós, murta que é dor,

sobre o que pondera Manoel de Faria ser um genero de murta essa cujas folhas são furadas, como si tiveram tido feridas, e que n'estas se-representam as frechas do amor.

Digitized by Google

§ 29

(T. 1. p. 43.) (I.I. 64.)

Inglorio plectro na mão.

——

O plectro, que ás vezes se-toma impropriamente por lyra, e que (por figura de dicção) tambem tem significado *poesia lyrica*, é verdadeiramente a peça de marfim, metal, ou outra materia, com que se-percutiam as cordas; n'este sentido é sempre tomado por Castilho Antonio.

——

§ 30

(T. 1. p. 43.) (I.I. 66.)

Cantemos a escravidão.

——

Como o nosso Dircêo se-lê sempre com praser, transcrevamos, ora que esta 1.ª canção é finda, uma de suas lyras — n.º 8 — que alguns longes de similhança tem com esta.

Eu sou, gentil Marilia, eu sou captivo;
Porém não me-venceu a mão armada
De ferro, e de furor;

Digitized by Google

Uma alma, sobre todas elevada,
Não cede a outra fôrça, que não seja
A tenra mão de amor.

Arrastem pois os outros, muito embora
Cadeias, nas bigornas trabalhadas
Com pesados martellos;
Com duros ferros não, com fios d'ouro,
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
Que são os teos cabellos,

Occulto nos teos meigos vivos olhos
Cupido a tudo faz tyranna guerra;
Sacode a setta ardente;
E sendo despedida cá da terra,
As nuvens rompe, chega ao alto Empyreo,
E chega ainda quente.

As abelhas, nas azas suspendidas,
Tiram Marilia os succos saborosos
Das orvalhadas flôres;
Pendentes de seos beiços graciosos
O mel não chupam, chupam ambrosias
Nunca fartos amores.

O vento, quando parte em largas fitas
As folhas que meneia com brandura —
A fonte cristalina,
Que sôbre as pedras cahe de immensa altura —
Não fórma um som tão doce como fórma
A tua voz divina.

Em tôrno dos teos peitos, que palpitam
Exhalam mil suspiros desvelados
Enxames de desejos...
Si encontram os teos olhos descuidados,
Por mais que se atropellem, vôam, chegam,
E dão furtivos bejos.

Digitized by Google

O cysne, quando corta o manso lago,
Erguendo as brancas azas, e o pescoço;
A nau, que ao longe passa,
Quando o vento lhe-ufana o panno grosso,
O teo garbo não tem, minha Marilia,
Não tem a tua graça.

Estimem pois as mais a liberdade,
Eu préso o captiveiro! Sim; nem chamo
A mão de amor impía.
Honro a virtude, e aos teos dotes amo.
Tambem o grande Achilles veste a saia,
Tambem Alcides fia.

FIM DO 6.º VOLUME DOS AMORES,

E 3.º DA GRINALDA OVIDIANA.

Digitized by Google

OS
AMORES,
DE
P. OVIDIO NASÃO.

PARAPHRASE

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO;

SEGUIDA PELA

GRINALDA OVIDIANA,

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

VII

Digitized by Google

Rio de Janeiro. — Typ. de B. X. Pinto de Sousa.

Digitized by Google

A

GRINALDA OVIDIANA,

APPENDICE Á PARAPHRASE DOS

AMORES;

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA,

DO CONSELHO DE S. M. FIDELISSIMA;
FIDALGO CAVALLEIRO DA SUA REAL CASA;
COMMENDADOR DAS ORDENS DE CHRISTO E DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILLA VIÇOSA;
DOCTOR E BACHAREL EM DIREITO, MEDICINA E PHILOSOPHIA, PELAS UNIVERSIDADES DE COIMBRA, PARIZ E ROSTOCK;
PRESIDENTE DA COMMISSÃO DO NACIONAL E REAL ARCHIVO DA TORRE DO TOMBO;
EX-BIBLIOTHECARIO MÓR E EX-DEPUTADO ÁS CÔRTES EM VARIAS LEGISLATURAS;
TENENTE CORONEL;
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA;
MEMBRO DA SOCIEDADE REAL DOS ANTIQUARIOS DO NORTE;
DA ACADEMIA DE HISTORIA DE COPENHAGUE;
DAS SOCIEDADES PHARMACEUTICAS DO NORTE DA ALLEMANHA, DE SALZUFFLEN, E DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO DE PARIZ;
DO CONSERVATORIO REAL E DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO;
DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ NO RIO DE JANEIRO;
DO INSTITUTO HISTORICO DA BAHIA;
DO CONSERVATORIO DA MESMA CIDADE;
E DE OUTRAS SOCIEDADES SABIAS, &.

Tomo 3.º

RIO DE JANEIRO

PUBLICADA EM CASA DO EDITOR — BERNARDO XAVIER PINTO DE SOUSA

Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

1858.

Digitized by Google

Digitized by Google

GRINALDA OVIDIANA.

§ 31

(T. 1. p. 45) (I.II.— TITULO.)

Cupido triumphante.

Uma lei, que raras vezes um traductor ou annotador se-atreve a infringir, é a que manda defender e louvar, em tudo e por tudo, o seo original. Por muito sensata que esta lei pareça (por que, logo que estes defeitos passaram á nossa versão, se-tornam de alguma sorte nossos), temos entretanto para nós, que o mais digno culto, que podêmos tributar a um grande genio, consiste em lhe-fazer perfeita justiça. Si não lhe-havemos de tirar o que é seo, tambem lhe não havemos de dar o que lhe não pertence.

Homero fez de Tidêo um heroe, mas não dissimulou a mesquinhez da sua estatura. Horacio punha a Homero na primeira linha poetica, mas confessando que elle durmitava. E os amadores sinceros de Horacio poderão achar-lhe, no seo mesmo codigo do Parnaso, um defeito de poesia, qual é a falta de ordem, defeito que, si nos não enganâmos, é o menos raro em grandes poetas latinos (ainda que Ovidio, geralmente falando,

Digitized by Google

deduzia e ligava melhor os seos pensamentos, do que o-faziam bons poetas d'aquelle tempo).

Depois de termos visto, na primeira canção, que o amor destruiu os projectos epicos do nosso poeta, e que não só lhe-ordenou cantar objectos eroticos, mas até o-tornou propriamente assumpto dos seos cantos, ferindo-o com uma setta, e inspirando-lhe uma paixão, nada parece mais fóra de proposito do que vermos agora este mesmo homem, que já deixámos coroado de murta, ebrio de amor, e decidido a não cantar mais do que amor, vermol-o, dizemos, perguntar, com toda a seriedade, si as vigilias, que o-incommodam, serão effeito de algum amor, que elle tenha, sem saber! Não póde haver contradicção mais manifesta. E'verdade que logo abaixo diz que não ha dúvida ser amor o que elle sente, e que as settas se-lhe-pregaram no coração; mas então, si, desde a primeira canção, tem o coração assettiado; si um amor cruel lhe-senhoreia e alvoroça o peito, por que diz, no princípio d'esta, que não sabe si ama?! Não procuremos conciliar o inconciliavel. Val mais pensar que este ingenho, prodigiosamente fecundo, era dotado d'aquella inconstancia e falta de reflexão, que é muitas vezes o contrapeso dos maiores talentos; que, todo dominado pelo objecto actual, não tinha vagar nem vontade de se-lembrar de qualquer outra cousa.

Confirma aliás esta circumstancia o nosso pensamento. E' antes provavel que Ovidio houvesse composto, em diversos tempos e com diversas tenções, quasi todas estas canções, e que por fim se-lembrasse de as-comprehender n'uma só obra, como desenvolvemos em outros logares d'esta *Grinalda*.

Digitized by Google

Mas, deixando esta questão, e voltando ao nosso proposito, dizemos que ao defeito palpavel, que n'esta peça acabâmos de notar, accresce outro, tanto mais grave quanto não resulta da approximação d'este a outro poema, mas reside todo n'elle mesmo; e é nada menos que absoluta carencia de objecto.

E todavia, tal é o condão do genio, que, não obstante tão grave defeito, esta peça se-lê com summo prazer. Representa ella a omnipotencia do amor, da mulher, d'esse Ella, que tanto tem vibrado nos modernos alaúdes. Pouco ha que o Brasil perdeu dous estros, que se-revelavam portentosos, Azevedo e Junqueira Freire, arrebatados, aos 20 annos de edade, ou talvez antes devorados prematuramente por essa chamma abrasadora, que se-denomina: o genio. Aos mesmos 20 annos, succumbia, n'um duelo, o francez Doval, quando o futuro se-lhe-abria brilhante e carregado de palmas litterarias. D'essa magica penna sahíra uma admiravel peça poetica, a qual transcreveremos, porque merece ser appreciada por quem ler esta 2.ª canção, afim de confrontar-se, como outro poeta moderno tractou assumpto que, si não é exactamente identico, tem com elle a mais estreita relação.

Une femme!! jamais une bouche de femme
N'a soufflé sur mon front, ne m'a baisé d'amour!
Jamais je n'ai senti, sous deux lèvres de flamme,
Mes deux yeux se fermer et s'ouvrir tour-à-tour!
Et jamais un bras nu, jamais deux mains croisées,
Comme un double lien autour de moi passées,
N'ont attiré mon corps vers un bien inconnu!
Jamais un œil de femme au mien n'a répondu!

Digitized by Google

Une femme!! une femme!! oh! qui pourra me dire
Si jamais une femme, avec son doux sourire,
Avec son sein qui bat et qui fait palpiter,
Avec sa douce voix, qu'il est doux d'écoûter,
Si jamais une femme, aimable et prévenante,
Amie aux mauvais jours, aux jours heureux amante,
Si cet ange du ciel un jour me chérira?
Si sa main à ma main quelquefois répondra?
Je suis jeune et pourtant la gaîté m'est ravie,
Et pourtant sans plaisir je dépense la vie!
Et souvent, quand pour moi les heures de la nuit
S'écoulent, sans sommeil, sans songes et sans bruit,
Il passe dans mon cœur de brulantes pensées,
D'invincibles désirs, des fougues insensées.
Je ne respire plus; c'est alors que ma voix
Murmure un nom tout bas; c'est alors que je vois
M'apparaître à demi, jeune, voluptueuse,
Sur ma couche penchée, une femme amoureuse!
Une image de femme! une femme!! Oh! pourquoi,
Quand mes bras étendus vont l'attirer vers moi,
Fuit-elle tout à coup, ainsi qu'une ombre vaine?
Sur sa trace parfois la passion m'entraîne . . . .
Je m'élance . . . . j'appelle . . . . Un silence profond!
A' l'ombre où je m'égare, à l'air qui m'environne,
Au sommeil qui me fuit, au lit que j'abandonne,
Je demande une femme . . . . et rien ne me répond!
Ah! rien autour de moi! Comme arraché d'un songe,
Je m'arrête soudain; je m'étonne, je songe
Que je suis seul, tout seul! et pourtant j'ai vingt ans!
Tout seul, et mon cœur brûle! O toi, que j'ai rêvée,
Femme à mes longs baisers si souvent enlevée,
Ne viendras-tu jamais? Viens, oh! viens, je t'attends!

Falámos acima de um valente astro, apagado ao despontar; o bahiano Junqueira Freire não imitava a estrella Vesper, por elle decantada, e de quem Lebrun dizia:

Digitized by Google

Vesper s'avance, il va répandre
Cette clarté mobile et tendre
Qui semble caresser les yeux;

não; essa existencia ephemera, consagrada a uma lucta desegual com a humanidade, consumiu-se fogosa, febricitante, desesperada, delirante; desde a infancia condemnado aos rigores do cenobita, comprehendeu, melhor que ninguem, o que era o acordar do coração, vagamente attrahido para regiões incognitas, encantadas, edenicas, mas que lhe-eram defesas. Eis como o monge tractou tão delicado objecto, pondo em scena um ente... ainda mais infeliz, a freira, que, por seo sexo, ainda por mais profundo abysmo se-vê arrancada ao mundo, ao grão theatro da natureza e de Deus. O assumpto é identico; e nem sabemos a qual dos jovens poetas, francez ou brasileiro, na delicadeza do pensamento, cabe a palma. Leia-se:

Eu, joven freira, bem triste chóro,
Aqui cosida co'a cruz de Deus;
Aqui sosinha, ninguem não sabe
Dos meos desejos, dos males meos.

Qual no deserto se-praz a rôla,
Cuidam que a freira seja feliz,
E a pobre freira, dentro da cella,
Ninguem não sabe que se-maldiz.

Em quanto a vida não se-desdobra,
E apenas rompe, rosco botão,
A freira insonte prateia de astros,
Povôa de anjos sua soidão.

Digitized by Google

Uma palavra que ella profere
É sempre um ente que ella creou;
Uma florsinha, que colhe acaso,
É uma amiga que ella incontrou.

Conversa á noite co'a estrella vésper,
Ama o opaco de seo clarão,
E sente chammas que julga dôres,
E o peito aperta co'a nivea mão.

Ella não sabe que a estrella vésper
Influe nas almas intenso ardor;
Que, não sem causa, no tempo antigo,
A estrella vésper chamou-se — Amor.

A estrella vésper produz nas virgens
Estranho incendio, volcão fatal;
Quer seja freira — do Christo filha,
Quer seja antiga pagan vestal.

A estrella vésper.... Fugi, meninas,
Fugi dos raios do seo candor!
A estrella vésper influe volúpia,
A estrella vésper chama-se — Amor.

E a casta freira, co'a mão na face,
Por longas horas demora alli,
E os tredos raios da estrella vésper
Ella, innocente, recebe em si.

E quando o sino tocou matina,
Ella tremeu do seo fragor;
E a pobre moça—da vez primeira—
Das rezas quasi sentia horror.

E os olhos d'ella ficaram meigos,
Como quem soffre doce pesar;
Não mais pulavam, delphins nas ondas,
E mal podiam brando oscillar.

Digitized by Google

E os labios d'ella—cravina ha pouco—
Não mais vestiam carminea côr;
E só nas faces lhe-assomam rosas,
Mas não são rosas de almo pudor.

Então a freira em vão se-abraça,
Em vão se-cose co'a cruz de Deus;
Então a freira procura em tudo
A causa, o allívio dos males seos.

Mas ella o-sabe. Não é o Christo,
De que ella espera algum signal;
O Christo deu-nos remido o mundo,
E o bem que ha n'elle supéra o mal.

O mundo, o mundo... eu, freira afflicta,
Eu vejo o mundo... como é gentil!
Ah! eu preciso d'essa palavra,
Que arrasta os homens aos mil e aos mil!

Palavra immensa, divina e sancta,
Que inspira aos homens tanto labor!
Palavra fertil, fecunda e grande,
Mysterio, influxo, talvez, de amor!

Porém as velhas, que me-acconselham,
E que se-dizem cheias de Deus,
Clamam,—não cessam,—clamam que o mundo
É todo cheio de vãos atheus.

Mas ah! quem sente chammas no peito,
Por uma bella palavra só;
Quem á porfia corre por ella,
Rompendo globos de grosso pó;

Quem verte prantos na mão do pobre,
Que a Deus e á sorte reproches dá;
Quem trava o braço de outrem, que passa,
Temendo o abysmo, que vê mais lá;

Digitized by Google

Quem toma ao seio mulher, que firme
No seio d'elle deixa o pudor;
Quem, entre beijos, lhe-ensina aos labios
Caudaes palavras de aureo licor....

Ah! não, não póde—como ellas dizem—
Ser insensivel, ser vão atheu.
O atheu não sente, não verte prantos;
O amor não entra no peito seo.

O mundo, o mundo... eu freira afflicta,
Eu vejo o mundo.... como é gentil!
Não, não lhe-enxergo aberto o abysmo:
Tu mentes, mentes, alma senil!

Sim, velhas sanctas, velhas ufanas,
Que vos-dizeis cheias de Deus,
Não! este mundo que Deus remiu
Não é composto de vãos atheus.

O mundo, o mundo... eu, freira afflicta,
Eu vejo o mundo... como é gentil!
Mas eu fechada na esteril cella
Existo prêsa n'um ocio vil!

Aos mornos raios da estrella vésper
Minha innocencia toda perdi;
Inteiras noites de acerba scisma
Eu, nescia amante, passei alli.

A estrella vésper tem certos raios
Que, traiçoeiros, voltam p'ra là;
Fugi, meninas, da estrella vésper,
Temei dos gostos que ella vos-dá.

Ha certos raios da estrella vésper
Que são vampyros de argentea côr;
De nossos labios—com vitreos bèijos—
Extrahem, sugam todo o rubor.

Digitized by Google

Aos mornos raios da estrella vésper
Minha innocencia toda perdi;
Mas a innocencia, que sai da infancia,
Ai! não se-perde somente alli!

A estrella vésper, amphora sólta,
Boia de prata em mar de annil,
Clama incançavel—Amae, donzellas!—
E as fibras lavra flamma subtil.

Então lá dentro da afflicta virgem
Salta um desejo, ferve um pesar,
Tenta um allívio, acha uma angústia,
Lympha em brazido, volcão no mar.

Mas a innocencia que a moça immola
No altar sagrado de um peito egual,
Mata o desejo, fórma o remanso,
Offerta um gôso sempre real.

Quando a virginea côr se-esvaece,
Murcho o carminec, roseo botão,
A estrella vésper que fez o estrago,
A estrella vésper não basta, não.

O mundo, o mundo... eu freira afflicta,
Eu vejo o mundo... como é gentil!
Não, não lhe-enxergo aberto o abysmo,
Não lhe-deparo vulcões aos mil.

O mundo, o mundo... só n'elle eu posso
Achar a parte a quem faltei;
Eu devo, eu devo pagar ao homem
Esse pedaço que lhe-arranquei.

Seo coração—nobre fragmento—
Sente um vasio, que hade doer;
Mesmo sua alma geme incompleta,
Quasi roubei-lhe todo o seo ser.

Digitized by Google

O paranympho—anjo o mais bello,—
Anjo das nupcias, feito por Deus,
Por Deus guiado, conduz as virgens
Para os pedaços que são mais seos.

Leva-me, ó anjo,—que é tempo—eu quero
Achar a parte a quem faltei;
Eu devo, eu devo pagar ao homem
Esse pedaço que lhe-arranquei.

Ao mundo, ao mundo!.. leva-me, ó anjo,
Abre estas azas! vou sobre ti!
Interno impulso me-diz, meo anjo,
Que não vás longe,—que basta alli.

Minha sanguinea côr se-esvaece,
Perdi as rosas de almo pudor;
A estrella vésper—com vitreos bejos—
Sugou-me aos labios todo o rubor.

Leva-me, ó anjo! Tenho no peito
Que me-trasborda—vasta porção;
A estrella vésper que fez o estrago,
Nem cruz, nem claustros, não bastam, não.

---

§ 32

(T. 1. p. 45.) (I. II. — 6.)

Que longa noite, oh! Deuses

O que se-verteu aqui, foi:

Lassaque versati corporis ossa dolent,

Digitized by Google

verso similhante ao das *Tristezas* III 26:

Fessaque jactati corporis ossa dolent.

Uma observação curiosa é que de ninguem é Ovidio mais plagiario que de si mesmo; n'esta estranha qualidade, um grande genio moderno o-accompanha, Rossini! quando, nas mais formosas operas d'esse principe da harmonia, ouvimos reproduzir o echo de cantos, tão nossos conhecidos, julgâmos estar lendo versos de Ovidio.

É este pensamento, de Ovidio, exactamente identico tambem ao de Propercio (XI. XIII. 60):

. . . . quoties desertus amaras
Explevi noctes, fractus utroque toro.

---

§ 33

(T. 1.° p. 46.) **(I.II.—17.)**

As settas me-vararam.

Já no § 26 lemos a terceira ode de Anacreonte, que este logar recorda; vejamos ainda a quadragesima, que nos-infórma do estado em que fica um misero, cujas intranhas são varadas pelos taes farpões do amor:

Digitized by Google

Amor um dia
Rosas colhia;
Não attentava
Que uma occultava
O leve insecto
Que suga o mel.

Trepida zune
A abelha, e pune
Co'o vivo espinho
O alvo dedinho
D'esse indiscreto,
Com dor cruel.

Amor, gritando,
Parte chorando;
Vôa ao materno
Regaço terno,
E alça, mesquinho,
Querella tal:

— « O'mãe, soccorro!
« Vale-me! eu morro!....
« Vê! vê! que dores!
« N'aquellas flores
« Um dragãosinho
« Me-fez o mal;

« Fera mui brava,
« Mas que voava
« Co'umas azinhas
« Como estas minhas;
« Abelha a-chama
« O lavrador. »

— « Si uma abelhita
« Tal dor te-excita, » —
Diz Venus: — « pensa
« Que dor intensa
« Dão a quem ama
« Farpões de amor. »

---

§ 34

(T. 1. p. 47.) (I.II. 49.)

E livremente os punhos,
Cupido aos ferros dou.

Certamente que nunca houve mais voluntaria escravidão que a de Ovidio a Amor; ainda que lhe-dessem

Digitized by Google

carta de alforria, saberia rejeitál-a; é o pensamento da trigesima ode de Anacreonte:

Ao Deus dos amores
As musas um dia
Com laços de flores
Lograram prender.

Soberba era a prêsa,
Velál-a cumpria.
Por guarda a bellesa
Lhe-foram trazer

Entre ancias immensas
Procura-o Cyprina; (*)
Dá mil recompensas
A quem lh'o-trouxer.

A Amor dá regalo
Prisão tão divina;
Escusam soltál-o;
Ser livre não quer.

---

§ 35

(T. 1. p. 47.) (I. II. 56.)

De myrtho cinge a fronte.

Aqui principia um bello quadro, que é a ingenhosa paraphrase do triumpho romano. Tendo-se presente no espirito o em que elle consistía, melhor se-appreciará a emblematica pintura.

O *Triumpho*, que alguns hoje confundem com *victoria*, era a celebração solemne da victoria. — As victorias pequenas não tinham triumpho; ás grandes decretava-se *ovação*, que era um triumpho pequeno; só as de mais larga importancia logravam o triumpho,

(*) Venus, sua mãe.

Digitized by Google

propriamente dicto. Regressando a Roma o general victorioso, fazia alto com a sua gente fóra da cidade, depunha o bastão do commando, e enviava ao senado a relação do bom succedimento da sua campanha, com a declaração de ter deixado mortos não menos de cinco mil inimigos, pelo que tudo, requeria para si o triumpho; os senadores, confirmada por testimunhas a verdade do allegado, decretavam-n'o; o povo, reunido em comicios, confirmava o decreto. Designado o dia para a cerimonia, ia todo o corpo senatorio receber á porta da cidade chamada *triumphal*, o merecedor de tamanha honra. Na colla do senado seguiam, Roma a dentro, os despojos e preciosidades tomadas aos inimigos, tudo trazido ostentosamente por soldados moços; as estatuas de prata, ouro, marfim e cera, andores e pendões, representando, em vulto ou em pintura, as cidades e rios que se-tinham accrescentado á republica (e com os seos nomes escriptos em lettras grandes) e amostras dos animaes, e plantas raras d'essas partes. O general vinha n'um carro, alto e redondo, de marfim dourado, puchado por quatro cavallos; e triumphos houve em que, no logar de cavallos, o-tiravam principes e reis captivos, carregados de cadeias de prata e ouro, e com as cabeças rapadas, em signal de servidão; n'outras eram tigres, leões, ou elephantes; o triumphador levava coroa de louro, ramo da mesma arvore em punho, toga bordada, manto de purpura recamado de palmas de ouro, e as faces, para maior lustre, carminadas. Apoz elle, seguiam os seos lictores e o seo exército, tambem laureado, com vozerias e cantares. Transitava a procissão pelas ruas principaes de Roma, sob arcos de flores e louro, caminho do Capilolio,

Digitized by Google

por entre os vivas do povo (os *Io, triumphe* !) ao som de estrondosa musica festival, e no meio de chuveiros de flores, derramadas por as mãos das donas e donzellas. La, no templo de Jupiter, se-victimavam os touros, que tambem tinham vindo no prestito, ingrinaldados de flores e com as pontas douradas. Banquete lauto e profuso rematava a solemnidade.

Para cortar os vôos á vaidade, que tudo aquillo poderia crear no general, ia-lhe, juncto ao carro, um pregoeiro, recordando-lhe, a brados, de tempo em tempo —*que se-lembrasse de que era mortal*— e terminada a festa, o que ha pouco fôra alvo dos olhos, obsequios e invejas de toda a cidade, (a primeira cidade do mundo), recolhia-se, como simples cidadão, accompanhado de musica para a casa (*domus triumphalis*) que o senado lhe-concedia. Depois de morto, queimava-se o corpo do triumphador, como os outros, porém traziam-se-lhe as cinzas e os ossos, para na cidade se-sepultarem ; e erigiam-se-lhe estatuas triumphaes.

---

§ 36

(T. 1. p. 48.) (I.II. 72.)

Irei mostrando a f'rida.

Um dos mais mimosos, não menos que energicos, poetas da formosa litteratura allemã, Goethe (que tanto

Digitized by Google

mereceria ser trasladado, mas directamente, do original, para o nosso idioma) nos-mostra, n'uma de suas curtas poesias, como elle pensa a sua ferida de amor. Eis como, junctamente com o Sr. Francisco José Rodrigues, vertemos estas linhas:

Ai! onde o tempo saudoso,
De minhas primeiras dôres?
Quem dera um dia entre os dias
De meos primeiros amores!

A sós renovando queixas,
Pensando a propria ferida,
Correm dias, passam annos...
Chóro a ventura perdida.

Ai! quadra fugaz, mimosa,
De tão perfumadas flores!
Oh! dá-me um dia, uma hora
De meos primeiros amores!

---

§ 37

(T. 1. p. 48) (I.II. 76.)

Co'as mãos atraz ligadas.

Nos triumphos iam, n'essa attitude, a pé, os chefes vencidos. E' o *manibus in terga retortis*. Tambem Horacio, II. I.:

Digitized by Google

Trahitur manibus regum fortuna retortis :

E III. IV. :

Vide ego civium
Retorta tergo brachia libero.

---

§ 38

(T. 1. p. 48.) (I.II. 77.)

Irá, captiva, a grave
Rasão, ja sem valor.

MENS BONA *ducetur manibus post terga retortis*, e não é pequeno o triumpho, pois, no L.º VI dos Fastos, vemos que tambem a *Rasão* tinha um culto (*Mens quoque numen habet*).

Em epocha proxima aos nossos dias, famosa pela infamia e pelo ridiculo, ressuscitou essa *Deusa da Rasão*! Foi nomeada por decreto!

Robespierre, dous mezes antes da sua morte, da sua Tarpeia, proclamava, do seo Capitolio, o *Ente supremo*, e estabelecia as festas que a republica havia de renovar, durante toda a eternidade... de 34 dias. Com effeito, a famosa *Deusa da Rasão* foi victoriada por todas as ruas de Pariz, na pessoa de uma vil prostituta, meio nua.

Digitized by Google

Fôra curioso o improviso, com que Robespierre conduziu os parisienses, das Tulherias ao campo de Marte, á pomposa festa do Ente Supremo; ei-lo:

« Francezes! republicanos! alfim raiou o dia glorioso, que ao Ente Supremo consagra o povo francez! Jamais o mundo, que elle creou, offereceu ao seo auctor espectaculo tão digno de seos olhos. Esse, que víra imperar na terra tyrannia, crime, impostura, vê n'este momento uma nação inteira, a braços com todos os oppressores do genero humano, suspender o curso de seos heroicos trabalhos, para elevar graças, pensamentos e votos ao grão-Ser, que lhe-ha dado missão de os-emprehender e fôrça de executál-os!

« Não creou elle os reis para que devorassem a especie humana; nem creou padres, para nos-jungirem, como animaes vis, ao carro dos reis, e darmos ao mundo exemplo de baixeza, orgulho, perfidia, avareza, e mentira; não! mas creou o universo para publicar o seo poder, e os homens para se-ajudarem, se-amarem reciprocamente, e, pelo caminho da virtude, chegarem á felicidade.

« E' elle quem semeia o remorso no seio do oppressor triumphante; o socêgo e a dignidade no coração do innocente opprimido. Elle quem fórça o justo a odiar o máo, e o máo a respeitar o justo. Elle quem adorna de pudor a fronte da belleza, por que ainda se-embelleze; quem de alegria e ternura faz palpitar as intranhas maternas; quem banha de delicioso pranto os olhos do filho, cingido ao peito de sua mãe; quem impõe silencio ás mais ternas e imperiosas paixões ante o sublime amor da patria; quem diffundiu por toda a natureza galas, encantos, riqueza e majestade. Quanto existe bom, é obra sua; o mal provém do homem depravado, que opprime ou deixa opprimir seos similhantes.

« Ligára o auctor da natureza a todos os mortaes por uma cadeia immensa de ventura e de amor; pereçam os tyrannos que a-ousaram espedaçar!

Digitized by Google

« Ser dos seres! Não são preces injustas que temos a elevar-te. Tu conheces as creaturas, de tuas mãos sahidas; tão pouco escapam a teos olhos suas precisões como seos mais reconditos pensamentos. O odio da hypocrisia e dos tyrannos arde em nossos corações, a la par do amor da justiça e da patria. O nosso sangue corre a jorros pela causa da humanidade. Eis nossos rogos; eis nossos sacrificios; eis o culto que te-offertâmos! »

Essas caricaturas de divindades reproduziam-se frequentemente n'aquelles ominosos dias. Pouco antes, tendo a Convenção Nacional decretado acabar com os padres, introu na sala uma procissão, com musica, e trazendo uma linda muchacha, vestida com os arreios da Liberdade, n'um andor ingrinaldado de festões; e para logo, o convencionista Chaumette de bradar: —« Sus, no-
« bre povo! Ja de nossas festas se-desterraram inanima-
« dos idolos. Eis uma obra-prima da natureza, digna de
« rememorar-nos a liberdade. Inflamme nossos corações
« sua sagrada imagem! Prorompa um só grito: Abai-
« xo altares, padres, e qualquer Deus, que não
« seja o da natureza! Nós, magistrados seos, que só
« reconhecemos o templo da verdade e o das leis, que-
« remos que a egreja da *chamada* Nossa Senhora se-
« converta n'um templo consagrado á Rasão e á Ver-
« dade. »

Eis ahi como resurgiram taes Deusas *da Rasão*! não eram *inanimados idolos*, não. Eram ao contrario animados por todas as especies de espirito.

———

Digitized by Google

§ 39

(T. 1. p. 48.) **(I.II. 84.)**

Viva o triumpho, viva.

O verso ovidiano:

Vulgus, Io, magna voce, Triumphe! canet!

é evidentemente inspirado pelo pentametro de Tibullo II. V. 118:

Miles, Io, magna voce, Triumphe! canet!

---

§ 40

(T. 1. p. 49.) **(I.II. 96.)**

Olympo.

O Olympo era, propria e primitivamente, um monte da Thessalia, na Grecia, e de toda a Grecia o mais alteroso, dado se não remonte mais de mil pés. Já anteriormente a Homero, havia, ás abas do Olympo, escholas de cantores e musicos. Suppuzeram-n'o habitado de divindades; e, por ser aquella a maior altura que na terra viam, facilmente a-phantasiaram em contacto com

Digitized by Google

o céo. D'aqui o nome de Olympo, tomado posteriormente como synonimo do céo, residencia dos Deuses superiores, que de lá presenceiam o que vai pela superficie das terras e dos mares. No sentido do céo é pois tomado aqui.

---

§ 41

(T. 1. p. 49.) (1.11.—100.)

Espargirá de rosas.

Já dissemos, no § 35, falando do *triumpho*, que as damas lançavam flôres ao triumphador. É isso o que Venus aqui faz a seo filho; mas todas as flôres de Venus se-reduzem a rosas, porque a rosa é a flôr predilecta d'esta deusa. Ouçamos alguns poetas; no mesmo sentido poderiamos ouvir duzentos outros. Capitaneie Sapho o roseo bando:

Si uma imperante ás flôres multicôres
Precisa fôsse, Jupiter a-tinha;
A rosa eleita, d'entre as várias flôres,
Fôra a raínha;

Ella, das terras o mais grato ornato,
Das flôres o ôlho, a gloria da verdura,
Do prado o esmalte, dôce ao cheiro e ao tacto,
Formosa e pura.

Digitized by Google

Do seio seo, amor se-exhala, e fala;
Chama por Venus e a-retem por gôsto,
Tudo são graças, tudo riso e gala
No seo composto.

De seo botão, com que doçura pura
Rompe, sürrindo ao zephyro, amorosa!
— « Vem, vem bejar-me; tua sou —murmura—
« Vem! sou a rosa! »

Siga-se agora Anacreontę, para vermos como elle tracta essa rainha das flôres (ode 5.ª):

Misturemos com Baccho a rosa dos amores;
As rosas são bellas;
Grinaldas bem frescas, tecidas só d'ellas,
Nos-cinjam, nos-ornem, fieis bębedores,
O rir e o folgar.

O' minha cara rosa, ó rainha das flôres
Que traz primavera!
Delícia dos numes! és tu que em Cythera,
Na dança das graças, ao Deus dos amores
Costumas toucar.

Já, já, todo um rosal! vai hoje grande festa;
Grinalda queremos
Tão farta de rosas, que não revelemos
Aos outros dançantes a calva da testa,
Pois vamos dançar!

Dançar (ai que prazer!) de Bacho em torno ao templo
Com moça, desvelos

Digitized by Google

De quantos a-avistam; peitinhos tão bellos
Que os olhos me-indoidam, si em dança os-contemplo
Co'a domna a pular!

Ainda cem vezes Anacreonte foi inspirado pela mimosa flôr. Ouçamol-o mais uma:

Primavera graciosa,
Volve a nós engrinaldada!
Vou cantar na lyra a rosa
Delicada;
Cantemos ambos
A minha amada.

D'entre os flóridos cardumes
Rosa é halito de numes;
Aos mortaes rosa fascina;
Predomina;
Diadema ás graças
Brinco a Erycina.

Chara a todos nossos mythos,
É das musas festejada;
D'entre espinhos infinitos
Quanto agrada
Ir-mos furtál-a
Terna e córada!

Quem n'a-traz diz que é ventura
Na amôrosa mão retêl-a,
E entre os dedos com brandura
Revolvêl-a;
Meiga alvorada
Não n'o-é como ella.

Digitized by Google

Praz a rosa ao que tem siso;
Faz a gloria de uma festa!
N'um banquete infeita o riso;
A amor presta;
Bacchicas pompas
Que são sem esta?

Roseos tem a Aurora os dedos;
Braços roseos a Napéa;
Nos poeticos segredos,
Sempre a Déa
Faces de rosa
Foi Cytheréa.

Mal nenhum resiste á rosa;
Rosa as campas guarda, infeita;
Rosa é velha e inda se-gosa;
Não se-injeita,
Que ainda é, no aroma,
Joven, perfeita.

Vou contar-lhe o nascimento.
Já do mar, que azul se-ria,
Tinha o salso espumeo argento
Pôsto ao dia
Venus, que espumas
Inda escorria;

Já da fronte omnipotente
Pallas férvida sahíra:
Divindade armipotente,
Sempre em ira,
Que estragos, mortes,
Fogo respira;

Digitized by Google

Quando a terra, em competencia
De prodigios tão falados,
Fez brotar, por excellencia,
De seos prados,
A rosa cheia
De mil agrados.

Porque a rosa fôsse rosa,
Quanto rosa ser podia,
Cada nume á já formosa,
A' porfia,
Dentro em seo nectar
Banhava e ria.

Eis a origem dos primores
Com que a rosa na campina,
Em seo throno de rigores
É divina;
E assim lhe-querem
Baccho e Cyprina.

Admirámos dous antigos; vejamos agora dous, modernos e nossos. O primeiro seja Elpino Nonacriense:

A rosa é das flôres
A flôr e rainha:
Tu, rosa, serás
Somente a flôr minha.

De rosas seo arco
Amor só adorna;
E Venus com rosas
Mais bella se-torna.

Digitized by Google

De rosas se-touca
A candida aurora,
E as nuvens de rosas
Com seos raios córa.

O zephyro brando
As rosas festeja,
E entre ellas lascivo,
Voando, as-bafeja.

As graças, as musas,
As rosas só amam;
De rosas as tranças
E as roupas recamam.

De rosas c'roado,
E a cythara minha,
A ti cantarei,
Das flores rainha!

A ti cantarei,
O' bella flôr minha;
Pois és das mais flores
A flôr e rainha!

Fechemos ainda com uma anacreontica de Bocage:

Tu, flôr de Venus,
Córada rosa,
Leda, fragrante,
Pura, mimosa,
Tu, que invergonhas
As outras flôres,
Tens menos graça
Que os meos amores.
Tanto ao diurno
Sol coruscante
Cede a nocturna
Lua inconstante,
Quanto a Marilia,
Té na pureza,
Tu, que és o mimo
Da natureza.
O buliçoso,
Candido Amor.
Poz-lhe nas faces
Mais viva côr.
Tu tens agudos
Crueis espinhos;
Ella suaves
Brandos carinhos.

Digitized by Google

Tu não percebes
Ternos desejos;
Emvão Favonio
Te-dá mil bejos;
Marilia bella
Sente, respira,
Meos doces versos
Ouve . . . e suspira.
A mãe das flores,
A Primavera,
Fica vaidosa
Quando te-gera;
Porém Marilia,
No mago riso
Traz as delicias
Do paraiso.
Amor que diga
Qual é mais bella,
Qual é mais pura,
Si tu ou ella.
Que diga Venus...
Ella ahi vem...
Ai! enganei-me,
Que é o meo bem.

---

§ 42

(T. 1. p. 49.) (I.II. 114.)

Que em torno a vivo incéndio
Tudo arde em seos ardores.

O marselhez Petronio Arbitro, nomeado por Claudio Nero *Elegantiarum arbiter*, (Intendente dos divertimentos e festejos do paço imperial), e a quem denominam arbitro, tanto da malicia como da elegancia, *non minus nequitiæ quam elegantiæ arbiter*, compoz um epigramma, muitas vezes traduzido em diversas linguas, e ainda mais vezes citado, cujo pensamento recorda o de seo predecessor Ovidio, n'este passo. A idéa é falsa como Judas, mas tão graciosamente expressa, que não desvale a pena de se-ler:

Digitized by Google

Me nive candenti petit modo Julia. Rebar
Igne carere nivem, nix tamen ignis erat.
Quid nive frigidius? nostrum tamen urere pectus
Nix potuit manibus, Julia, missa tuis.
Quis locus insidiis dabitur mihi tutus amoris,
Frigore concreta si latet ignis aqua?
Julia, sed potes et nostras exstinguere flamas,
Non nive, non glacie, sed potes igne pari!

Clemente Marot imitou, não menos graciosamente esta bagatella:

Anne, par jeu, me jetta de la neige,
Que je cuidais froide certainement:
Mais c'était feu, l'expérience en ai-je,
Car embrasé je fus soudainement.
Puisque le feu loge certainement
Dedans la neige, oú trouverai-je place
Pour n'ardre point? Anne, ta seule grace
Esteindre peut le feu que je sens bien,
Non point par eau, par neige, ne par glace,
Mais par sentir un feu pareil au mien.

Vejamos modo de, *sive bene sive male*, imitar tambem aquillo, no nosso idioma:

Um dia, Julia
De neve um globo
Me-arremessou,
E eu, tão estolido,
Rindo do braço
Que me-acertou!

Recebo-o intrepido,
Porque ouvi sempre
Que a neve é fria..,
Porém, ai misero!
Aquella neve
Em chamma ardia.

Sim; enganaram-me!
Frio de neve,
Não tem sentido.
Das mãos si a barbara
A neve sólta,
Fica um brasido.

Digitized by Google

No peito, a subitas,
Senti lavrar-me
Ardente fragua.
Raro espectaculo!
Ver tão unidos
O fogo e a agua!

Ai! que este incendio,
Julia formosa,
Ser-me-ha mortal.
Oh! vem! apaga-m'o,
Sem agua ou neve...,
Com fogo egual!

---

§ 43

(T. 1. p. 50.) (I.II. 117.)

Baccho, depois que havia
O Ganges subjugado.

Art. I.

D'entre as baralhadas variantes, que nos mithographos se-deparam, acerca das ascendencias, dos feitos, manhas e attributos de Baccho, tomaremos a mais usual, e d'ella só quanto baste para a intelligencia d'este e d'outros passos da nossa obra.

É Baccho filho de Semelo, princeza thebana, e de Jupiter; conquistou a India, celebrando essa victoria o primeiro triumpho que no mundo houve, d'onde vem representarem-n'o ás vezes em carro tirado por tigres; diffundiu, por toda a Grecia e pelo Oriente,

Digitized by Google

a cultura da vinha e a arte de fabricar o vinho; é valente e folgazão, amigo dos seos devotos, despiedoso para com os que o-despresam; pintam-n'o, umas vezes adulto, vestido, e coroado de heras, e armado de thyrso, ou lança inramada de parras; outras, menino e nú, montado, já n'um jumento, já n'um tonel, com grinalda das mesmas parras; n'uma das mãos um copo e na outra um cacho. Não é raro ornarem-lhe a cabeça de duas pontas, como crescente de lua.

Já dissemos que um dos cumes do Parnaso, Nisa, era vivenda sua; alli se-deliciava elle, folgando com as suas sacerdotizas e as nymphas; as graças são tambem, segundo varios mythographos, parte da sua comitiva, assim como os risos e os amores. Tudo isto se-explica: o vinho moderado póde dispôr para o estro poetico e para amar; nada mais frequente, nos poetas antigos, que a ingenua confissão, que por si mesmos fazem, de que, bebendo, activam os seos desejos amorosos. Anacreonte não canta sinão o amor e o vinho; para prova aqui daremos 4 curtas, mas delicadas, odes do bom velho; são as que teem os numeros 21, 26, 27 e 48:

ODE 21.

Oh! inchei, bellas damas, inchei!
Lançae mais! em bastando, eu direi.
Bebi muito, e inda a sede me-abrasa;
Guapas damas, inchei pela rasa!
Da cabeça ao calor murcha está
Esta c'roa, trançae-me outra já!

Digitized by Google

Não podêrem, nem vinho nem flores
Acalmar-me este fogo de amores!...

Não ha dor em tanto excesso,
Que resista ao bom Lyeo;
Em bebendo, egualo a Cresso;
Canto ufano; o mundo é meo;

Coroa de heras me-imponho,
Vou-me á cama, e jaso em paz;
Em negocios nunca sonho;
Sonho só no que me-apraz.

Vós, si é esse o vosso gôsto,
Para as guerras vos-armae;
Eu cá, bebo; e viva o mosto!
Rapazinho, inchei-me, andae!

Isto sim, que dá confôrto!
Estirar por estirar,
Antes ebrio do que morto,
E deixar os mais falar!

Inda bem não me-é cá dentro
De Jove o filho, Lyeo,
Já meo gaudio não concentro,
Já em mim sinto outro eu,
Já com elle entro a dançar.

Mas pensais que eu me-limite
Só nas glorias do beber?
Cantos, musica, Aphrodite,
São tambem o meo praser;
Sempre e sempre hei de bailar.

O nume, que aos moços redobra vigor,
Que os-torna mais vivos nas guerras do amor,
Mais prestes na dança, mais ledos á mesa,
Thiomeo, ja lá baixa co'a doce riqueza
D'aquelle seo phlytro que aos pobres mortaes
Dissipa os cuidados! O bem, que aguardais,
O nectar, ó socios, já lá se-adivinha
Nos carceres verdes da turgida vinha.
Por ora, está preso; mas cachos em flor
Já dão ante-gostos do mago licor.
Oh! quando crescidos, maduros, córados,
Lustrosos, fragrantes, os-virmos cortados
Co'os verdes sarmentos para ir ao lagar...
De que alma saude não se-ha de gosar!

Digitized by Google

Ai! quadra das quadras! outomno festivo!
Não tardes! não tardes! em ti é que eu vivo.
Chegando as vendimas, parecem nascer
Nos corpos as fôrças, na mente o praser.

Ovidio não deixa, uma ou outra vez, de misturar o vinho com o amor, a exemplo dos outros elegiacos romanos; testimunha o que diz na elegia VI. do Livro X.

Comigo pois o amor trago,
E o terno calor que aos peitos
Moderado Baccho accende.

ART. II.

N'outros passos da nossa obra, apparece o mesmo Deus inspirador da tragedia, o que sem explicação nem se-entende nem se-adivinha. Foi a tragedia, na sua origem, grosseiro genero de poesia, estreado nas festas gregas de Baccho, denominadas dythirambicas: dialogos rusticos e satyricos, recitados ao povo, de cima de carros, por borraxões, com as caras pintalgadas de bôrras de vinho. Falando das tentativas tragicas de Thespis, temos na poetica de Horacio:

Ignotum tragicæ genus invenisse Camenæ
Dicitur, et plaustris vexisse poemata Thespis,
Quæ canerent, agerentque peruncti fecibus ora,

que o nosso amigo D. Gastão assim verteu:

É voz que fôra de Tragedia ignota
Thespis o inventor; que os vinhateiros,

Digitized by Google

Com a lia do vinho mascarados
Os contrafeitos rostos, sobre carros
Com musica e acções representavam.

Parece porém que já a scena de Thespis era innovação, pois a tragedia, na sua origem, fôra um simples côro, que cantava hymnos em honra de Baccho. Thespis introduziu a personagem com o côro. Eschyllo adoptou duas personagens, vestindo-as decentemente e calçando-as de cothurno. Sophocles elevou o número a tres, e todas as tragedias gregas o-imitaram, e ainda Horacio parece fazer d'esse número uma lei fundamental!

Já nada tinha de bacchico a tragedia, antes era subida a maximo explendor pelos gregos e mesmo por Ovidio, e ainda Baccho se-havia pela divindade que a-inspirava. Despedindo-se dos amores, para ir colher palmas n'esse theatro, eis o que o nosso poeta diz na ultima canção:

Já Liêo, cingida a frente
De um crescente,
Verde thyrso agita audaz;
Ampla arena de mais fama
Por mim chama;
Palma tragica me-apraz!

Da barbarie primitiva da tragedia ainda incontrâmos numerosas, inclassificaveis e imperdoaveis imitações nos poetas arcadicos, sob o titulo de dythirambos, genero felizmente perdido hoje, e no qual tão somnolenta gloria adquiriu Elpino Nonacriense, Antonio Diniz da Cruz, o poeta do Hysope, e o condemnador de Dircêo.

Digitized by Google

Além de algumas dezenas de nomes, por que se-designa Baccho, é bom marcar estes, de que a presente paraphrase se-serve: — *Lyêo*, *Bromeo*, *Nysio Binascido*, *Bassareo*, *Thyoneo*, *Libro*, *etc.*

---

§ 44.

(T. 1. p. 50.) (I.II. 124.)

Venceste! as settas poupa!

É da natureza das cousas, que todos os poetas eroticos se-reconheçam e proclamem vencidos, em seos combates com o Deus do Amor. Vejamos como, n'este sentido, se-exprime o grão patriarcha, Anacreonte:

ODE 14ª.

Sim, oh! Sim, amar ja quero!
Bem m'o-propunha Cupido;
E eu, nescio, eu, louco perdido,
Seos convites a esquivar!
Leva do arco e da aljava,
Á' guerra me-desafia;
Achilles, em bisarria,
Não me-podéra egualar.
Ja peito d'armas revisto;
Ja entro em campo galhardo,
Brandindo na dextra um dardo,
E na sinistra um broquel.
Ei-lo frechas e mais frechas
Me-arroja, com mão certeira;
E eu, carreira e mais carreira,
Sempre a fugir do cruel.
Mal vio séo carcaz vasio,
E que inda me não feríra,
Elle proprio, ardendo em ira,
Se-me-arroja qual farpão.
A'quelle tiro, desmaio,
Pois veiu a mim, tão direito,
Que, atravessando-me o peito,
Se-intranhou no coração.
Ja não quero mais escudos;
Capitular é prudencia;
Que approveita a resistencia
A quem destruido é já?
É provocar males novos;
E até de delirio passa
Defender, por fóra, a praça,
Si dentro o inimigo está.

Digitized by Google

Outra epopéa de derrotas nos-canta o mesmo Anacreante na

ODE 16.

Tu celebras as guerras thebanas;
Outro canta as batalhas troyanas;
Eu só posso das minhas derrotas
A historia narrar.

Nem peões, nem cavallos, nem frotas,
Me-hão vencido; outro exército o-ha feito;
Que dos olhos as frechas a um peito
Desfere a matar.

E realmente, como havia de sahir vencedor, quem levava para a peleja a convicção saturada de que ia ser derrotado? Veja-se ainda a

ODE 44.

Sonhei que andava, alígero,
Por campos a correr;
De chumbo amor calçado,
Traz mim todo açodado
Lidava em me-colhêr...

Colheu-me. Que prognosticos
Estes serão? . . . ja sei:
Rompi mil outras redes,
Mas d'esta em que me-vêdes
Jamais me-soltarei.

Digitized by Google

§ 45

(T. 1. p. 50.) (I.II. 127.)

.... Cesar!
Vós sois no sangue unidos.

O proprio Julio Cesar incetou a sua brilhante carreira da eloquencia, proferindo a oração funebre de sua tia Julia, mulher de Mario, e de Cornelia, filha de Cinna, sua segunda mulher. No seo primeiro discurso, fez, por tabella, a sua propria apotheose. Alli deu a conhecer seos antepassados, fazendo-os descender do rei Anco-Mario e de Venus, mãe de Enéas. » Assim, bradava elle, acharêis na minha familia a sanctidade dos reis, que são os senhores do mundo, e a majestade dos Deuses, que são os senhores dos reis. »

Já a nota 10 deu rasão do parentesco entre a familia Cesarea e Venus; d'ahi se-seguia infallivelmente o parentesco tambem da familia Cesarea com o Amor. Virgilio dissera na Eneida:

Nascetur pulchra Trojanus origine Cœsar
. . . . . .
Julius a magno dimissum nomen IULO..

Era uma arvore genealogica á moda de muitas outras.

Digitized by Google

A origem troyana era dos romanos blasonada como gloria, principalissima, da sua nação. Lucrecio, invocando a Venus, no trecho já citado, §, 13 cantava

Æneadum genitrix hominum divomque voluptas,
Alma Venus . . . . . .

A idéa mesma de transferir a metropole para o proprio sítio onde Troya existíra, foi por vezes suscitada, e de uma d'essas tentativas, ou quando menos lembranças, nasceu uma das bellas odes de Horacio.

Com estas presumpções de fidalguias troyanas, e aquellas vanglorias da casa imperial, pouco admira que os poetas não perdessem lanço de fazer o mesmo que Ovidio, no passo que annotâmos (*). Ovidio era, de

(*) Poetas com a alma de Catullo, para invectivar, e cobrir de ridiculo soberanos omnipotentes, são muito raros. O homem é a mesma miseravel creatura, em todos os tempos e logares. O ferreo Tertulliano, no seo assombroso *Apologetico*, comparando as qualidades dos pagãos e dos *christãos*, ou sectarios de Christo, apontando audazmente exemplos aos seos perseguidores, exclama: — « Aristoteles tão torpemente adula Alexandre para governál-o, como Platão se-vende a Dionysio, por obra e graça do estomago. »

Marcial, o universal fundibalario dos vicios, baixezas e manhas do seo tempo, é poeta de causticos para o povo e de lambedores para os Cesares; mas o porquê de similhantes hymnos tem o cynismo de nol-o revelar; é porque estes pródiga, (mas ainda não sufficientemente) o-esmolavam! todos os hydropicos são assim. Lá se-lê, no liv. IV, o epigr. 27, dirigido a Augusto:

Sœpe meos laudare soles, Auguste, libellos.
Invidus ecce negat; non minus ergo soles.
Quid, quod honorato non sola voce dedisti,
Non alius poterat quæ dare dona mihi?
Ecce iterum nigros corrodit lividus ungues.
Da, Cæsar, tanto tu magis, ut doleat!

que dá, pouco mais ou menos, isto:

Digitized by Google

seo natural, lisonjeiro; e esse vicio refinou-se n'elle depois, com o infortunio e com o destêrro, até o ponto de vileza indesculpavel.

---

§ 46

(T. 1. p. 52.) (I. III. 25.)

Equestre ascendente.
Cavalleiro.

Ovidio, esse que, ja como poeta, ja como republicano, ja como incensador cumulativo de fidalgas e

---

Com louvores immortaes
Costumas honrar-me, Augusto!
¿ Não vês que é cravar punhaes
N'aquelle invejoso injusto?...
Ui! gabas-me ainda mais!

A ti, numen tutelar,
Devo ouro, palacios, rendas;
Só tu sabes premiar!
Anda! os teos dons não suspendas,
Em que pez áquelle alvar!

Olha! vê que dores sente!
Deram ao pobre quebranto;
Sibila como serpente....
Vinga-te! e dá p'ra cá tanto,
Meo Cesar, que elle arrebente!

Quem era esse Propercio, que, na pessoa de Augusto, impetrava a Venus a conservação da sua raça?

Ipsa tuam serva prolem, Venus! hoc sit in ævum,
Cernis ab Ænea quod superesse caput!

Digitized by Google

de servas, ja como blasonador de egualdades, julgáreis tão despido de prosapias, era um chapado aristocrata, que, no tempo da revolução franceza, tivera adornado o lampião. Não perde elle ensejo, em suas obras, de alardear, como aqui, a sua fidalguia, e, muitas vezes, opportuna e importunamente.

Assim nos *Fastos* (II. 127), exclama: Nós, os cavalleiros, te-proclamâmos pae da patria.

Na canção ultima *d'este poema*, se-jacta de não dever, como tantos, esse grau aos vaivens e acasos das guerras civis. Tem o homem rasão; o nascimento não é

Pois bem; esse abençoador do — *Deus Cesar* — é o filho de Aurelio, cavalleiro romano, degollado, por ordem de Augusto, sôbre o altar de Julio Cesar!

Revolta o ler, á testa das *Georgicas*, que Augusto é um dos deuses maximos; e que ainda se não sabe ao certo que logar elle se-dignará occupar, algum dia, nos céos: si reinará nos ares, si será o protector das cidades, ou si acceitará o imperio dos mares:

An deus immensi venias maris, ac tua nautæ
Numina sola colant, tibi serviat ultima Thule.

Mais sensato e mais gracioso é o Ariosto, quando, no seo admiravel canto XXXV, diz:

Non fú si santo nè benigno Augusto,
Come la tuba di Virgilio suona;
L'aver avuto in poesia buon gusto,
La proscrizione iniqua gli perdona etc.

que Voltaire imitou assim:

Tyran de son pays, et scélérat habile,
Il mit Pérouse en cendre et Rome dans les fers;
Mais il avait du goût, il se connut en vers...
Auguste au rang des dieux est placé par Virgile!

Digitized by Google

acaso; depende, ora de nossa escolha, ora dos nossos bonitos olhos.

No *Pont.* (IV. VIII. 17) basofía de que, desde a origem da sua familia, seos numerosos avós tinham todos sido cavalleiros.

Nas *Trist.* (IV. X) repete que pertence á ordem dos cavalleiros, não por simples favor da fortuna, mas a titulo de herdeiro de uma antiga raça.

No *Pont.* (IV. IX) compraz-se em dizer a Grecino que si elle, no seo consulado, estivesse em Roma, em quanto o augusto accompanhamento de senadores o-escoltasse, elle, como cavalleiro, precederia o consul.

Seja como licção de alta moralidade politica, ou como confirmação do que, na biographia de Ovidio, expendemos, a proposito nos parece pôr sob os olhos dos leitores as reflexões de Cesar Cantu, na sua *Historia Universal*, acerca dos taes descendentes dos Deuses, na qualidade de incensados, e dos taes vates, na qualidade de incensadores.

Appreciava Augusto quanto podem os tyrannos approveitar com escriptores, cuja penna e consciencia vaga á mercê do vento da fortuna; por isso viu gustoso Mecenas favorecer as litterarias estrellas, que então fulguravam. Para desarmar a historia, assoldadou as musas. Horacio, que pelejára sob o commando de Bruto, foi a princípio acolhido com frieza por Mecenas; adquiridas porém que as suas boas graças foram, teve de corrigir-se dos accessos de inthusiasmo republicano, com que exaltava as virtudes antigas, ou a indomavel coragem de Catão. Chegou ao ponto de ridiculisar-se a si-mesmo, por ter, na jornada de Philippes, atirado fóra o escudo. Mas a Augusto não bastava que em certos pontos se-calasse; queria vêl-o adulador. Virgilio teve de empregar a musa campestre e as suas Georgicas, em distrahir os espiritos das perturbações civis, e dispôl-os para o socêgo da vida agrícola; e depois recebeu o encargo de associar os destinos de Roma aos da familia Julia, e de esquadri-

Digitized by Google

Nas *Trist.* (II. 542) nota a Cesar, que, quando fôra censor, o-deixára passar como cavalleiro irreprehensivel.

No *mesmo livro* (114) escreve: — Com quanto opulenta não seja a minha casa, é preclara por seos ascendentes, e nem a outra alguma cedo em nobreza a palma.

Basta de trancripções. Nem Montmorencys, nem Sousas, Mascarenhas ou Vasconcellos fariam mais cabedal das suas linhagens do que o republicano erotico poeta.

---

nhar, ao jan-ninguem que se-sentava n'um throno, antepassados entre os deuses e os heroes troyanos.

Todos esses favoritos das musas repetiam, unisonos, ao povo, que a sua salvação andava ligada á de Augusto; que só elle havia tido arte de incadear o demonio da guerra civil; que a elle só, era dado remediar, pouco a pouco, os passados desastres.

Os favores de Augusto (tão imitado por muitos outros *protectores de lettras*) são d'este preço; mas como Napoleão, desconfia dos ideologos. Si a cabeça de Cicero é necessaria á sua ambição, aos sicarios a-entrega. Si Ovidio o-offende, bane-o, sem que súpplicas ou cantos mitiguem seo decreto. Tibullo, por que não sabe adular, deixa-o no olvido. Cornelio Gallo é desterrado por ter proferido discursos atrevidos; matam-n'o e prohibe-se a Virgilio que faça publicamente o seo elogio. Queimam-se os escriptos de Labieno, o qual é reduzido a deixar-se morrer de fome. Timagene, de Alexandria, que havia escolhido para seo historiographo, desagrada-lhe, por ter ousado um dicto picante, e recebe ordem de nunca mais comparecer ante o principe, o que lhe-faz arremeçar ás chammas o que da historia contemporanea havia traçado, para emprehender, com mais segurança, a vida de Alexandre Magno.

Digitized by Google

§ 47

(T. 1. p. 52) (I.III. 38.)

E Baccho gentil:

Para comprehendermos, recordemo-nos de que Baccho é invocado como Deus da Tragedia; a isso aqui allude.

---

§ 48

(T. 1. p. 53.) (I.III. 44.)

Costumes sem mácula.

É frequente esta vangloria de Ovidio; lá nos *Ponticos*, repete (II. VII. 49):

Vita prior vitio caret, et sine labe peracta.

Os analogos trechos d'esta canção, em que o poeta incarece a *pureza* do seo viver, a sua *verdade*, e o seo *pudor*, são summamente curiosos, si se-comparam com o que se-lhe-encontra em cada pagina d'esta mesma obra. Os amantes em geral (não só os poetas) são, quasi sempre, nos seos programmas, para a rapariga

Digitized by Google

de quem dependem, o mesmo que os candidatos politicos para os eleitores. A amostra costuma ser melhor que a peça. —Mas si o nosso poeta, aqui, Tartufo amoroso por sua conveniencia, se-jacta de tão veridico, n'outras horas, de mais sinceridade, confessa o diametralmente opposto; que o-diga o final da canção XII do Liv. III:

Vós que sabieis,
Credula gente,
O quanto mente
Qualquer cantor,
E o quanto eu mesmo
Vos-fabulei,
Vós me-devieis
Ter por suspeito,
Quando, co'o peito
Ebrio de amor,
Tão graciosa
Vol-a pintei!

Até aqui, quanto á *sinceridade*; pelo que toca á *fidelidade*, haja vista a canção XIV do Liv. II, em que diz a Grecino que está namorado de duas, e á IV do mesmo livro, em que declara que o-está de todas as mulheres de Roma e seo termo, rematando assim:

Quantas emfim na cidade
Hajam (ou não!) amador,
A todas, TODAS, abrange
A ambição do meo amor!

De resto, si aqui se-pavoneia da sua irreprehensibilidade, lá está a IV. do Liv. II, escripta em diversa maré:

Eu não desculpo defeitos,
Que a natureza me-deu.
Tem cada qual o seo genio,
Como eu tenho o genio meo.

Digitized by Google

Tudo isto é summamente gracioso, e faz lembrar mil declarações, egualmente contradictorias, do nosso ovidiano Bocage, que (para divisa sua,) bem fez em ter-se appropriado aquelle famoso madrigal:

Eu tinha promettido á minha amada
Constancia até morrer; esta promessa
Foi na folha de um álamo gravada;
Mas quebrou-se depressa;
Ergueu-se um pé de vento....
Adeus folha! e com ella o juramento! (*)

(*) Não foi certamente casual a predilecção, que Bocage mostrava por Ovidio; provinha ella das notaveis paridades, entre ambos, no nascimento, nas glorias, nos revezes, no destino, nas qualidades, nos defeitos, nas manhas. Alem do que acabâmos de ponderar, confronte-se:

Ovidio nascêra em Sulmona—Bocage em Setubal: terras de provincia, da Italia e de Portugal, d'esses dous bellos paizes, de céo essencialmente poetico, sitos ambos entre trinta e tantos e quarenta e tantos graus de latitude norte; e falando ambos formoso idioma.

Ambos viram a luz n'essa classe média, de todas a mais favoravel ao desenvolvimento do genio; ambos filhos de cavalheiros.

Cada um d'elles foi por seo pae contrariado na vocação para as musas, o que, bem observada a natureza humana, devia produzir, como produziu, o opposto effeito.

Bocage diz de si:

Que já na infancia consultava Phebo.

Reproduz o mesmo pensamento no soneto:

Das fachas infantis despido apenas,

alardeando ainda n'outra parte:

Vate nasci; fui vate, inda na quadra
Em que o vêllo viril macio e tenro
Simelha o mimo da virginea face.

Digitized by Google

§ 49

(T. 1. p. 53) (I.III. 59.)

Das parcas me-der.

Na mais antiga mythologia, tinha-se uma só parca; depois foram duas; afinal chegaram a tres: Cloto, La-

---

Outrotanto, e quasi por analoga imagem, nos-expõe o sulmonense:

Carmina cum primum populo juvenilia dedi
Barba resecta mihi bisve semelve fuit.

Ambos pois ainda nas fachas poetaram.

Transportaram ambos sua residencia a cidades importantes, — Roma, Lisboa — onde viveram sempre no seio dos *praseres*, *socios seos e seos tyrannos*, e das dissipações, rodeados de amigos numerosos e mais numerosos admiradores, cujos elogios eram bastantes para saciar a mais avida ambição de gloria.

Ambos foram desterrados para longes terras; Ovidio para as bandas da Scythia, Bocage para a India.

Eram ambos magros, de estatura meã, trigueiros, e até Bocage era tambem Nasão, segundo se-lê no seo verso:

Nariz, alto no meio, e não pequeno.

Sabe-se que Ovidio foi sepultado no Oriente, mas não se-conserva seo tumulo; Bocage foi interrado na egreja das Mercês, em Lisboa, porem seos restos estão egualmente perdidos.

A lingua sábia, para os romanos, era o grego, de que Ovidio foi ardente imitador; a lingua sábia para os portuguezes era o latim, cujas riquezas Bocage frequentemente transportou para o seo idioma.

Os assumptos que mais vibrações acharam em ambas as lyras, foram os religiosos e os eroticos. Attento estudo revela, na maneira de ambos, tendencias, fórmas, estylos analogos.

Digitized by Google

cheses, Atropos, filhas da noite e do Erebo, segundo a opinião mais geral; divindades poderosas, respeitadas, e consultadas até por Jupiter; eram, propriamente falando, as depositarias do fado; como taes presidiam aos destinos dos imperios, e do universo, e em particular ao de cada individuo; esta ultima, entre os poetas modernos, é a sua unica attribuição. A triade das parcas determina a sorte de cada homem: uma põe-lhe a vida (na] fórma de estriga,) em uma roca, no momento do nascer, e d'alli lhe-vai puxando o estame;

Ovidio era, como Bocage, improvisador por natureza, e incapaz de emendar. Nas suas cartas do Ponto (III. IX) diz elle:

« Não sou eu pae indulgente para todos meos filhos. Pergun-
« tarás: — Então visto conheceres os defeitos dos teos versos, porque
« os não emendas? — Meo amigo; uma cousa é sentir a molestia,
« outra é remediál-a; doer é para qualquer, mas curar só quem sabe.
« Lá me-vem gana ás vezes de trocar uma palavra, mas a paciencia
« faz-me pirraça ao gôsto. Confesso que a tal aborrecida tarefa de cor-
« rigir me-acabrunha. Quem está compondo, inflamma-se na sua
« obra; não sente *trabalho*, porque, á proporção que o poema cresce,
« vai o inthusiasmo refervendo. Porem emendar! é isso cousa tanto
« mais ardua, quanto maior que Aristarcho era o sublime Homero.
« Com o gêlo das cançadas minucias, o animo se-deprime, e faz lem-
« brar o cavalleiro, que aperta o freio do ginete fogoso. » E n'outra parte (I.V.): » Muitas vezes, ao reler, invergonho-me do que tracei,
« por que ahi vejo muita cousa que eu mesmo reconheço intoleravel,
« e todavia não emendo, por que tal lida é para mim muito mais afa-
« nosa que a de escrever. »

Esse era egualmente o costume de Bocage; a maxima parte de suas producções eram improvisos, que, depois de arremessados, não tinha mais fôrças para limar; e entretanto era Bocage docil aos conselhos da amizade sincera, ainda n'isso imitando o romano, que nos revela esse seo hábito. Assim (Pont. IV.IIX)

Sœpe ego correxi sub te censore libellos,

sabemos que Tuticano lhe-emendava as obras, honra que a outros,

Digitized by Google

outra inrola-o no fuso, emquanto deve durar a existencia; a terceira, chegado o momento de se-dever finar, corta-o. A côr e a materia do fio varía, segundo tem de ser a fortuna de cada um; para os felizes, é de seda branca ou escarlate; para os desgraçados escura e de lã ou linho.

Segundo aquellas crenças, apenas concluida a obra das hediondas mulheres, lá ia o cadaver para o seo eterno jazigo.

---

concedeu, prática esta consentanea sim com o verdadeiro ingenho, que nem de a-publicar se-peja, mas só aviltante aos olhos dos litterarios charlatães.

Toda a questão, para Bocage, era agradar ao *claro auditorio seo*. Outrotanto de si dizia Ovidio (Remed. Amor).

Dummodo sic placeam, dum todo canter in orbe,
Quod volet, impugnent unus et alter opus.

Em ambos se-dá incontestavelmente o defeito, por vezes, de uma certa prolixidade de palavras, de repetições ou echos, que não raro prejudicam a linguagem do affecto, á qual deve ser precisa, energica, breve. No nosso *Juiso Critico sobre Bocage* (tomos 23 a 26 da nossa *Livraria Classica*) demonstrámos esse sestro do auctor portuguez; outrotanto succede com Ovidio. Na sua comparação do labyrintho (Met):

Non secus at liquidus Phrygiis Mœandros in arvis
Ludit, et ambiguo lapsu refluitque, fluitque;
Et nunc ad fontes, nunc ad mare versus apertum
Incertas exercet aquas.

N'outra parte:

Inachi, quo properas? Eadem sequerisque, fugisque;
Tu tibi dux comiti, tu comes ipsa duci.

São frequentes, em ambos, os pormenores longos e quiçá fastidiosos.

Notámos em Bocage a mania de empregar, sem gôsto, os *trocadilhos*, a que hoje chamam *jogos de palavras*:

Digitized by Google

As bases da mythologia, tanto quanto apagadas tradições nos-permittem entrevêl-as, assentaram sempre em successos, muito humanos, muito regulares, muito naturaes. A um gran cemiterio, sito no Tartaro, davam intrada varias portas, entre as quaes sobresahiam as do Cocyto e Lethes, e se-pagava ao barqueiro, que conduzia o esquife uma moeda taxada; d'ahi se-originaram as fabulas, depois consagradas:

« Esses campos venturosos, que aos Justos fallecidos attribuem por morada, nada mais são, litteralmente

---

Em forjar aos mortaes, mortaes pesares,

e similhantes applicações tristes do espirito. O mesmo se-dava com Ovidio; ouçamos Quintiliano (Inst. Or. IX.— III) « Ha quem se-sirva das « mesmas palavras, brincando com as suas várias significações; mas « tudo isso é tão frio (até para brinquedo), que me-admira como haja « quem reduzisse taes futilidades a preceitos; por isso ahi vai exem- « plo, não para se-imitar, mas para ser evitado; é de Ovidio:

« Cur ego non dicam, Furia, te furiam? »

Ora como esses são frequentes os trocadilhos:

In precio precium nunc est.
Cedere jussit aquam, jussa recessit aqua (*)

Este genero de locuções, e as repetições, e as antitheses, tão caras a Bocage, são vulgares em Ovidio:

(*) Estes equivocos, jogos de palavras, trocadilhos, ambiguidades, inversão, troca-baldroca, barganha de palavras (ou como se-queira exprimir em vernaculo o termo *calembourg*) é de pessimo, mas velhissimo uso.

Petronio, o zombeteiro mór, fustigou tambem essa prática de máo gôsto, no seo Satyricon, cap. 36, quando trouxeram á mesa de Trimalchião o famoso repositorio, que, aberto, patenteava, entre outras maravilhas, uma lebre com azas, figurando o Pegaso:

« Atirámo-nos todos, como gato a bofe, e Trimalchião não fazia « sinão rir e gritar: — TRINCHA!

Digitized by Google

intendidos, que as formosas terras chãs, que se-estendem em de redor de Memphis, repartidos em campos e lagoas, acobertadas de lotos estas, e aquelles de searas. Nem sem razão disseram, que lá pousavam os mortos, por quanto alli fenecem os funeraes dos egypcios, quando, atravessado o Nilo, e o lago Acherusio, vão, n'essa campina, sepultar os finados. E ora as cerimonias, que ainda hoje estão em praxe no Egypto, condizem com quanto contam do Tartaro os gregos. Lá tendes a barca, que os cadaveres transporta. Lá se-paga

---

— Speque timor dubia, spesque timore cadit.
— Quæ bos ex homine est, ex bove facta, dea.
— Semibovemque virum, semivirumque bovem.
— Egelidum boream, egelidumque notum.
— Omnia pontus erat, deerant quoque littora ponto.
— Sæpe pater dixit: Generum mihi filia debes;
Sæpe pater dixit: debes mihi nata Nepotes.
— Et superesse videt de tot modo millibus unum,
Et superesse videt de tot modo millibus unam.
— Quam bene Caune, tuo poteram nurus esse parenti,
Quam bene Caune, meo poteras gener esse parenti.

Por não crescer esta nota, ommittimos aqui cem passos analogos em Bocage, que na obra ja mencionada se-podem ver.

Parte d'estes defeitos dependia da consciencia, que Bocage tinha da força e abundancia do seo genio, consciencia de que Ovidio egual-

---

« Avança logo o trinchante, e põe-se, ao compasso da musica, « a gesticular e retalhar as viandas, que nem cocheiro correndo na « arena e cantando ao som do orgão.

« E Trimalchião repetindo sempre com voz suavissima — TRINCHA, TRINCHA! —

« Logo imaginei que n'aquella repetição de palavra devia andar « finura incoberta, e perguntei ao meo visinho ¿ que significava « aquillo? E elle, ja costumado a estes brinquedos, respondeu-me:

« Não vê aquelle escravo que está cortando a carne? Chama-se « *Trincha*. Por isso, todas as vezes que o Trimalchião diz: *Trin-* « *cha*, com a mesma palavra chama e manda. »

Digitized by Google

o obolo ao barqueiro, Charon (em lingua egypcia lêde: *barqueiro*). Lá o templo de Hecate, a Tenebrosa, situada nas fauces do Tartaro. Lá as portas de Cocyto e Lethes, assentadas em quicios de bronze; ainda outras portas, como as da justiça *capite minus* (*desfalcada da cabeça*) e tambem as da verdade. » (Diod. l. 5).

Que temos nós que nos-admirar de assim vermos introduzidos nas crenças, transformados, poetisados, ou os mais currentes negocios da vida, ou ainda as mais

---

mente padecia, como se-vê do Remedio de Amor v. 390 e outras partes.

Até no uso repetidissimo de algumas palavras, uso que o vulgo denomina *bordão*, houve similhança entre ambos! Observámos ja quanto eram em Bocage frequentes, entre outros, os *alto*, *claro*. — Pois o mesmo se dá com Ovidio!

ALTO só n'esta obra dos Amores, se-applica a — alveus (III. VI. 86) — cothurnus (III. I. 63) — dextera (III. III. 30) — humus (III. VIII. 36) — nox (III. V. 46) — silvæ (III. IX. 23: X. 35; XIII. 19) — undæ (III. VI. 69) — cœlum (II. XI. 55) — ex alto (II. IV. 16) — freta (II. X. 14) — mœnia (III. XIII. 34) — in alta (II. IX. 32) — alte (I. XII. 6) &c

Nas *Metamorphoses* applica a palavra ALTO a — adsensus — æther æstus — collis — currus — fons — ignis — lectus — nidus — pontus — ebur — pulvis! — scopulus — sol — sopor — spiritus — tumillus — gradus — lactis — montes — postes — rami — rogi — scopuli — aqua — arbor — arena — dextera — domus — fenestra — humus — lema — mens — mensa — nix — nobilitas — nox — platanus — puppis — quercus — quies — regia — sagitta e innumeraveis outros passos, n'esta e em todas as obras de Ovidio. O mesmo succede com a palavra CLARO, o que não documentâmos, esperando ser cridos sem isso.

Passemos sobre muitas outras paridades, pois ahi fica patenteado quanto baste, para remontar a Ovidio o tronco genealogico do seo parente portuguez.

Digitized by Google

absurdas cerimonias? Hontem! não curava alporcas um toque de mãos dos reis da Inglaterra? No seo navio *Bucentauro*, não sulcava o doge de Veneza o Adriatico para desposar o macho Oceano!

---

§ 50

(T. 1. p. 54.) **(1.III.72.)**

.... a que em bella
Novilha se-fez

Io.

Eis como o proprio Ovidio relata a transformação em novilha de Io, a filha do rio Inacho:

Nas fundas lapas Inacho escondido
Alteia com seo pranto as aguas suas:
Io, a filha gentil, perdida chora.
. . . . . .
Volver do patrio rio a-víra Jove
. . . . . .
Já de Lerna as pastagens, e os frondosos
Arvoredos lircêos Io passára.
Eis, em nevuas o Deus sumindo a terra,
Lhe-prende os passos ... e o pudor lhe-usurpa.
Juno, os olhos entanto aos campos volve,
E estranha, em claro dia, haver tal nevua!
. . . . . .

Digitized by Google

Olha em torno de si; não vê o esposo;
E suspeitosa, pol-o haver colhido,
Ja vezes cento, em amorosos furtos,
Não o-achando nos céos: « Ou eu me-engano,
Ou lá me-aggravam » diz. E deslisada
Da etherea habitação, parou na terra,
Onde o sombrio horror desfez n'um ponto...
Mas o consorte presentiu-lhe a vinda,
E em candida novilha, por cautela,
De Inacho a prole transformado havia,
Que, depois de novilha, inda é formosa.

Depois seguiu-se inquerito de Juno, a dadiva da novilha por Jupiter, a guarda que lhe-poz na pessoa do centi-oculoso Argos, e o libertar da nympha por Mercurio, que adormeceu e matou o perigoso guarda: não é para aqui esse desenvolvimento. Leia-se o canto 1.º das *Metamorphoses*.

---

§ 51

(T. 1. p. 54.) **(I.III. 76.)**

Em cysne mudado.
Leda.

Jupiter, mudado em cysne, e gosando, sob essa fórma elegante, dos amores da princeza Leda, é um voluptuoso assumpto, que a poesia e a pintura teem duzentas vezes reproduzido. Um dos mais deliciosos

Digitized by Google

quadros, que hoje existem na galeria íntima do palacio Rospigliosi, em Roma, painel cheio de graça e de amor, onde se-banham mulheres dignas de ser amadas por um Deus, é a *Leda, do Correggio*. Feliz (diz um escriptor) quem poude converter-se em cysne para brincar, ás margens do Eurotas, com tal mulher de Tyndaro! Quanta voluptuosidade n'essa imagem do pudor! e que magia de execução fez viver, palpitar, agitar-se essas carnes delicadas, essas adoraveis nudezes, a que o pintor, tão namorado como Jupiter, liberalisou as mais suaves caricias do seo pincel! Do proprio Correggio é esta a obra-prima; a *Antiope*, do Louvre, não tem mais encantos; a *Danae*, do palacio Borghese, não offerece linhas tão formosas, e não é possivel achar tão encantada paizagem, a não ser nas obras de Claudio Lorrain.

Eis o modo espirituoso como De Guerle, no seo poema *Dos Cysnes*, narra esta travessura de Jove:

Tout-á coup (pourrez-vous le croire?
En extase je suis encor!)
Sans bruit fendant les airs sur un nuage d'or,
Jupiter paraît dans sa gloire;
Et voilà le maître des dieux,
Le roi des cygnes et des hommes,
Qui, pour mieux plaire à deux beaux yeux,
Se fait cygne...—Quoi, cygne! ainsi que nous le sommes?
— Oui, comme nous, beau cygne, au chant mélodieux,
Au plumage d'albâtre.. Amour, tels sont tes jeux!

O certo é que, passado o tempo rasoavel, deu Leda á luz dous ovos; de um dos quaes nasceu Castor e

Digitized by Google

Pollux, do outro Clytemnestra e Hellena. O primeiro ôvo, de que sahiram dous immortaes, pertencia (valha a verdade) ao divino amante, que fez a figura de cysne; o outro ao marido da mesma Leda, que n'esta hypothese, fazia figura de pato.

---

§ 52

(T. 1. p. 54.) **(I.III. 79.)**

A que sobre o dorso
Do touro fallaz...

Europa

O caso da princeza Europa, raptada por Jupiter, demudado em touro, póde-se ler na traducção das *Metamorphoses*. Anacreonte, na ode 35.ª, o-celebra assim:

O guapo touro que vemos,
É, sem duvida nenhuma,
O senhor dos céos supremos,
Que transnada a salsa espuma.
Olha a tyria, moça linda!
Como a-leva! é Jove amante.
Pelo mar não vi ainda
Outro touro, e tão flammante!

Digitized by Google

Entra porém, bem cabido, aqu o riquissimo idyllio de Moscho, egualmente vertido por Castilho Antonio, durante a sua estada n'esta côrte do Rio de Janeiro:

Sonhára um dia Europa um sonho incantador,
Todo influxo da mãe das Graças e do Amor.
Era a noite no termo, em que, esperando a aurora,
Mais doce reina o somno; hora, aprasivel hora,
Em que o vigor exhausto aos membros se-refaz;
Hora, em que, estranho ao mundo, o espirito se-apraz
Nas meigas illusões dos sonhos, que, fagueiros,
Contra o costume seo, nos-falam verdadeiros.
No andar superior do palacio real,
A agenoria princeza, em leito virginal,
Europa, dorme ainda. Em sonhos está vendo
Travarem-se por ella, ás mãos de Marte horrendo,
Duas partes do mundo: Asia, d'além; de cá,
O patrio continente em que ella propria está.
Tem uma e outra a fórma, a face, feminina;
Mas esta, conterranea; aquella, peregrina;
A primeira, por filha a-reivendica: — « O ser,
« Quem, sinão eu, lhe-ha dado? aqui foi seo crescer;
« Foi aqui seo florir... » —Da outra os fortes braços
A-cingem entretanto; e ella áquelles abraços
Não resiste; ir-se-deixa. — « Europa é minha! » —diz
A soberba estrangeira — « o fado assim o-quiz;
« O oraculo m'a-dá. » — Em seo convulso leito
N'isto a donzella acorda, alvorotado o peito!
Surge trémula! o sonho, o que via, e ainda vê...
Não crê ser illusão; ser um annúncio crê.
Senta-se, e longo espaço immovel se-conserva,
Que os dous vultos rivaes presentes inda observa!
Sólta por fim a voz: — « Que nume aqui me-traz
« Estas visões!? —exclama— « e quando, em tanta paz,
« Descanço adormecida ¿ a que vem, tão violento,
« Um sonho, um sonho assim, turbar meo pensamento?
« Quem era essa estrangeira? essa mulher... que eu vi?!
« Que subita affeição por ella não senti!

Digitized by Google

« E ella, com que ternura ao peito me-apertava !
« Como era maternal o olhar que em mim fitava !
« Tornem-me os immortaes propício o sonho meo. » —

Levanta-se; a buscar suas socias correu;
Socias suas na edade, egualmente donzellas,
Dignas do seo amor, illustres, meigas, bellas;
Côro que a-segue sempre, e quando aos campos sai,
E quando as danças tece, e quando ao banho vai
No fresco, umbroso Anauro, ou quando finalmente
Boninas vão colhêr no prado florescente.
De Europa ouvindo a voz, todas correndo vêm;
Cada qual já na mão o seo cestinho tem,
Em que ha-de arrecadar das flores a colheita.
A turba folgasan, parte; lá vai direita
Aos chãos onde tem d'uso ir mais vezes brincar,
Por ser entre rosaes, e ouvir-se aos pés o mar.

O cêsto da princeza era na arte prodigio:
Feitura, e rico don do sabio fabro anfigio
A Lybe, quando Amor a Neptuno a-junctou.
A' bella Thelephaça, apoz, Libe o-doou;
Eram do mesmo sangue; e Thelephaça o-dera
A' sua filha Europa. A industria não espera
Ter gloria egual jámais: do artista a mão subtil
Primorosos n'esse ouro uníra assombros mil:
Lá, se-via esculpida, em fórma de novilha,
Já sem nada de nympha, Io, de Inacho a filha;
Viam-se os ageis pés as ondas retalhar;
Nadava; azul escuro era o cariz do mar;
E dous homens, de lá, da costa, em pé nas fragas,
A admirar que uma vacca assim fendesse as vagas.
Depois, estava Jove; a dextra do immortal
Via-se, mimos toda, afagar o animal;
D'esse aspecto illusor, logo apoz, desvestil-o;
E Io, outra vez mulher, co'o Deus ao rez do Nilo.
Da septemflua corrente eram prata os caudaes;
De bronze a vacca; de ouro o rei dos immortaes.
Tal por dentro o lavor. Com o fim do estranho caso
Se-arraiava por fóra o ambito do vaso:

Digitized by Google

Via-se lá Mercurio; o eterno velador,
Argos, lhe-estava juncto; o astuto embahidor
Decepa-lhe a cerviz; o sangue purpureja,
Em pavão se-converte; o pavão se-espaneja,
Alardeando ao sol seo fulgido matiz;
Da nobre cauda aberta alça as plumas gentis,
Como vela de barco a resvalar nas ondas.
D'estas plumas a curva é que veste as redondas
Bordas do cesto rico, obra do Lemnio deus,
E don de Thelephaça á filha, amores seos.

Mal se-viram á sôlta em seos dilectos prados,
Lançaram-se a folgar. Cada qual seos cuidados,
Entre mil flores, punha em procurar a flor
Mais de sua affeição: dos narcisos o olor
Praz a uma; outra, quer o jacintho; a violeta,
É d'esta; o serpol d'essa. A terra se-atapeta
Co'o flóreo desbarate. Além, se-lucta; quer
Cada uma apanhar primeira o bem-me-quer.

Por outra parte Europa andava emtanto ás rosas,
Co'um grupo de ficis, formosa entre as formosas,
Qual de Paphos a Deusa entre as Graças louçans.

Oh brincos da innocencia! oh doces horas vans!
Cedo lhe-ides fugir. Das flores a colheita
Está por pouco; o cinto, o cinto, que se-estreita
Na virginea cintura, em breve o-soltará.
Jove a-divisa, pasma, adora-a, d'ella é já;
Pois o idalio farpão, que ri da omnipotencia,
Mal n'ella os olhos poz, com subita violencia
Partiu! chegou! rompeu! lhe-abrasa o coração.

Medroso da consorte, e ardendo em ambição
De render a princeza, occulta a divindade.
Some, em tourina fórma, a eterna majestade.
Não era um touro, não, como esses que observais
Nas leziras pastando, ou presos nos curraes,
Ou que vão arrastando os carros gemedores,
Ou revolvem co'a relha a gleba aos lavradores;
Todo amarello-escuro, a fronte só lhe-tem
Redonda malha argentea; azul, que a nascer vem,

Digitized by Google

É dos olhos a luz, accesos de ternura;
Duas pontas eguaes c'roam-lhe a catadura,
Imitantes no airoso á lua em seo crescer.
N'este aspecto fallaz sumido o ethereo ser,
Introu Jove no prado. As tímidas donzellas
Não fogem do animal, que se-aproxima d'ellas;
Aproximam-se d'elle; e folgam de o-tocar.
Na fragrancia que exhala, embalsama-se o ar!
Todo o vergel do prado é menos rescendente!

Apenas chega ao pé da princeza innocente,
Pára; lambe-lhe as mãos, os pés, o collo; faz
Quantas caricias póde. A fronte, não minaz,
Tambem ella lhe-affaga; o-limpa d'alva espuma;
Limpo, o-contempla; o-beija, uma vez, e mais de uma.
Então, o-ouve mugir! um suave mugir!
Tão suave! tão bom!... que lhe-parece ouvir
De uma flauta migdonea os sons melodiosos!

Dobra o touro ante Europa os joelhos nervosos;
Incara-a prasenteiro; e incurvando a cerviz,
Lhe-offerta o largo dorso. — « Avisinhae-vos » diz
Europa ao lindo rancho — « é vir, é vir sem medo!
« Bem vêdes quanto é manso, e como poisa quedo!
« Vinde! e n'elle comigo, ó socias, vos-sentae.
« Que festa vamos ter! Deitado, reparae,
« Para todas dá campo o lado seo macio;
« Sentemo-nos; será como ir sobre um navio;
« Não ha p'rigo nenhum, nenhum! não é feroz
« Como os outros; discorre; oh! si tivesse voz,
« Como foi dada á gente, e soubesse exprimir-se!... »

Diz; senta-se no touro, esbelta, audaz, a rir-se;
Iam seguir-lhe o exemplo; o touro, que, feliz,
Já tem quanto anhelou... parte; os ares subtis
Rasga, vôa, é na praia. Em balde a afflicta dama,
Para traz revirada, as caras socias chama;
Os braços lhes-estende; e lh'os-estende em vão!
Nem já podem ouvil-a. O roubador então,
No mar comsigo dá. Nada como um golphinho;
Afasta-se da terra; o liquido caminho

Digitized by Google

Às plantas não lhe-molha; e o turbulento mar
Vê-se ante elle, de humilde, as ondas aplanar.
As baleias, em torno ao grão senhor dos numes,
Retoiçam de alvorôço! os delphins em cardumes,
Mergulham té o abysmo, e, doidos de prazer,
Do immenso plaino á flor tornam a apparecer!
As filhas de Nereo, das humidas moradas
Sahem todas; e vêm, sôbre monstros sentadas,
Desfilar na presença ao árbitro dos céos;
E Neptuno, que exulta entre horror de escarcéos,
Esse, o proprio Neptuno, honrando o irmão celeste,
Lhe-espelha todo o mar; d'alegre azul lh'o-veste;
De planicie em planicie elle mesmo o-conduz!
Rodeiam-n'o os Tritões, que surdiram á luz
Das cavernas sem fim que habitam no profundo;
E no torcido busio, em cantico jucundo,
Fazem troar ao longe o carme nupcial
Ao par que ora transpõe seo lustroso cristal!

No entanto Europa, vai no touro omnipotente!
N'um dos cornos segura uma das mãos tremente...
A outra, a cada instante a abaixar, a compor
A veste purpurina, abrigo do pudor;
Leve abrigo! que o vento ás vezes, quando passa,
Lhe-ondula, e, mal-cortez, não raro lhe-arregaça!
E tanto a-abaixa, e tanto, (ingenua timidez!)
Que a barra á flor do mar se-molha alguma vez.
Infuna-se o amplo véo sobre os hombros da bella;
Subleva-a, como barco arfa com plena vella.

Ai! do paiz natal, ai! quanto longe está!
Costas, onde o mar bate, esvahiram-se já!
Nem siquer já descobre o pincaro de um monte!
Mar, sem fim, sob os pés! céo, sem fim, sobre a fronte!
Olhando em torno.. exclama: «Onde vamos? quem és,
« Divino touro?! oh tu, que sob os duros pés
« Calcas sem medo o pego?! As naus o oceano açoitam;
« Mas á planicie undosa os touros não se-affoitam!
« Aguas doces á sede incôntral-as aqui?
« Onde vês um só pasto? occulto acaso em ti

Digitized by Google

« Vai um deus? mas então... si és deus.. como se-explica
« Praticares acções que nunca um deus pratica?!
« Não vão delfins á terra; ao mar touros não vem;
« Tu... pòr terra, ou por mar, corres, si te-convem;
« São-te remos os pés; talvez teo peso grave,
« Si o quizesses alçar, cortára os céos como ave!
« Ai! misera! deixei os paços de meo pae!
« De um touro me-fiei, que levando-me vai.
« Tão-perdida, tão só, por este horrivel ermo
« De aguas! aqui! além! mais longe! aguas sem termo!
« Mas tu, Neptuno! oh tu, que das ondas és rei,
« Presta-me o teo favor! quem me-leva não sei;
« Mas descubrir espero o deus que me-incaminha;
« Que certo, um deus protege esta viagem minha. » —
Calou-se; e vozes taes o touro lhe-volveu:
— « Virgem! não hajas medo; anima-te; sou eu;
« Sou Jupiter. Meo ser, si lhe-apraz transformar-se,
« Transforma-se; tomei por ti este disfarce,
« E n'elle vou cortando esta immensa extensão.
« Vê quanto póde amor por ti n'um coração!
« Mais um momento... e Creta, afortunada estancia,
« A terra que mais amo, ilha da minha infancia,
« Vai dar-te emfim repouso. Alli, os hymeneos
« Teceremos; alli, de egregios filhos meos,
« Que todos reinarão, serás mãe. » —
Seguiu mudo.
Era immensa a promessa; o fado cumpriu tudo.
Já Creta se-descobre. Aportam. O animal
Desapparece; é Jove. O cinto virginal
Deslaça á casta Europa. O leito do noivado
Pelas Horas gentis lhes-fôra preparado.
A donzella foi mãe; e ao terno Jove seo
Com filhos de alta fama o nome ingrandeceu.

———

Digitized by Google

§ 55

(T. 1. p. 54.) (I.III. 91.)

Da morte zombar.
Immortalidade dos poetas.

E cousa decidida; o *genus irritabile vatum* não campa por modestia. Admiradores, trombetas, arautos de si mesmos, dão-se ao incómmodo de construir por suas mãos o altar, collocarem-se n'elle por seos pés, e depois voltarem para baixo, com o thuribulo na mão, a incensarem o logar que haviam occupado! Ovidio a cada passo se-canonisa, e se-grimpa em alturas taes, que dão vertigens; por exemplo:

(Trist. III. III.) Depois de pedir á mulher que recolha á patria as suas cinzas, e grave na urna os versos que lhe-envia, brada: « Para epitaphio, basta! Maior e mais duradouro monumento ahi fica em meos livros; lego a elles o cuidado de afiançar a seo auctor a eternidade. » No mesmo livro (canç. VII.): « Que importa, si despiedado gladio me-extinguir os dias? morrerei sim, mas a fama me-sobreviverá; e em quanto a filha de Marte, Roma victoriosa, avistar, de seos cumes, o orbe subjugado, ler-me-hão! » Aqui ainda foi modesta a profecia, pois continúa a ser lido, depois de vencida a invencivel.

Conclue a sua obra das Metamorphoses com o seguinte epilogo: — « Impuz alfim a cupula a um

Digitized by Google

monumento, que nem ferro ou fogo, nem o roedor tempo, nem a propria ira de Jupiter poderá destruir! Raie quando lhe-approuver o dia que tem jus sobre o meo corpo; mas a melhor parte de mim, perenne subirá comigo aos astros, e indelevel ficará meo nome. Lerão meos versos quantos povos a victoria subjugar á majestade romana; e por todos os seculos, si presagios de vates não mentem, pela fama viverei! »

(Am. III. XVII.): — « Dirá o viandante; Como podeste, ó pequena Sulmona, produzir tamanho poeta? » N'esta obra repete esta idéa, em muitos logares (II. XVII. 85)

A famosa elegia X do L. IV das Trist. é dirigida á posteridade, com o fim de a-instruir da sua biographia; grande e singular pensamento foi esse (imitado por Macedo, na dedicatoria do Oriente) de escrever, no meio dos maiores infortunios, uma epistola aos vindouros, legando-lhes, como um thesouro, as suas memorias; é uma sublime reacção do genio; desacatado pelo presente, vinga-se no futuro!

Ja se-vê quanto Ovidio se-insoberbecia do seo genio, o que fez Quintiliano notar (Inst. Or. X. I.): « Ovidio é erotico nas proprias poesias heroicas, e demasiado cheio de si; comtudo merece frequentemente louvores. »

Desculpemol-o porem. Era imitar os gregos, e esses adoeciam de egual vaidade.

Ja vimos que Anacreonte, não deixando o seo credito por mãos alheias, nos-informa de que a propria

Digitized by Google

Venus lhe-comprava, por bom preço, os hymnos que lhe-dirigia.

Da decima musa, Sapho, quasi nada nos-resta; mas, n'esses informes fragmentos, um basta para nos-revelar a idea que de si mesma formava. E' o segundo dos 5 que existem; dizem que o-dirigiu a uma rival, vaidosa da sua formosura e riqueza, arrogante mas analphabeta. Tentemos d'isso uma palida imitação:

Quando o teo corpo miserrimo
A hora extrema tocar;
Mal a inexoravel Atropos
Teo negro fio cortar;
O olvido, mais do que o tumulo,
Hade teo nome apagar.

Suas aguas a Castalia
Nunca para ti verteu,
Nem as rosas olympiacas
Tua rude mão colheu;
Da terra tu nunca, ó rustica,
Te-elevaste aos céos, como eu.

Plutão, no seo reino lugubre,
O teo logar marcou já;
Esse teo phantasma incognito
Ao fundo despejará;
Entre ignobeis sombras infimas
Tua sombra vagará.

Mas de Sapho o nome esplendido,
Das musas pelo favor,
De Sapho, a cantora altivola,

Digitized by Google

Sacerdotisa do Amor,
Hade, entre glorias e canticos,
A eternidade transpor.

Porém esta fatuidade attica já, no tempo de Ovîdio, formava parte da natureza dos poetas latinos.

Lucrecio inceta assim o 4.° livro do seo poema —Da natureza das cousas:

Hoje das musas lavro os invios campos,
Que nunca por alguem trilhados foram.
Apraz-me ir, e beber a fontes virgens;
Colhêr me-apraz desconhecidas flores,
E c'rôa insigne entretecer com ellas,
Que me-circumde a fronte assuberbada,
Qual nunca as musas a ninguem urdissem.

« Virgilio começa o 3.° Livro das Georgicas: . . . . « —Tentar quero tambem a via por onde me-exaltarei da terra, e voarei victorioso de bocca em bocca. Serei eu o primeiro que & ».

Horacio, na ode 1: — « Dos deuses me-approxima a corôa de heras, que adorna a fronte dos vates ». Na derradeira ode do L. 3.° brada, como Ovidio: — Erigi monumento mais duradouro que os bronzes, mais alto que as reaes pyramides; nem roedora chuva, nem impotente aquilão, nem serie innumeravel de annos, nem fuga do tempo, o-poderá destruir. Não morrerei inteiro, que a melhor parte de mim zombará da Parca. No porvir crescerá ainda a minha gloria, em quanto com a virgem silenciosa ascender o pontifice os degráus do capitolio. Dir-se-ha, lá onde corre

Digitized by Google

o impetuoso Aufido, ou nos aridos campos em que Dauno reinou sobre rusticos povos, dir-se-ha que, da minha humildade me-remontei a principe do metro eolio, por mim transportado á Italia. Ensoberbece-te, ó Melpomene, e cinge-me a coma de virentes laureis! »

Phedro, no prologo do L. III: — « A posteridade achará, por certo, n'estes versos, com que se-deleitar... Afasta-te d'ahi, inveja! Debalde gemerias com a gloria brilhante que os seculos me-reservam. »

É commum esta consciencia de superioridade nos homens grandes. Veja-se o que Thiers diz de Mirabeau, á hora da morte. O mesmo acconteceu com André Chenier, cujo genio, por muitos lados, se-assimilhava com o de Ovidio (Consulte-se, a este respeito, o *Diccionario Historico*).

Os poetas da nossa lingua herdaram aquella greco-romana immodestia; alguns apontaremos:

Camões, que de si mesmo diz que a sua

> ..... lyra *sonorosa*
> Será mais *afamada* que ditosa,

exclama alhures:

> Emquanto apascentar o largo polo
> As estrellas, e o sol der lume ao mundo,
> Onde quer que eu viver, com fama e gloria,
> Viverão teos louvores em memoria.

Bocage diz:

> Adejae versos meos.....
> Pousae na eternidade, em tôrno a Jove!

Digitized by Google

Além de outros trechos similhantes (na *Satyra a Elmiro*, e em outras producções) deixou-nos o seguinte soneto, feito proximo á morte:

Ave da morte, que, piando agouros,
Tinges meos ares de funereo lucto!
Ave da morte (que em teos ais a-escuto!)
Meos dias murcharás, mas não meos louros!
Doou-me Phebo aos seculos vindouros;
Deponho a flor da vida e guardo o fructo;
Pagando em vil materia um vão tributo,
Retenho a posse de immortaes thesouros.
Nome no tempo e ser na eternidade!
Que fado! O' ponto escuro, assoma embora.!
Dê-me o piedoso adeus commum saudade;
E rindo-me na campa os dons de Flora,
Mais do que elles, a-adorne esta verdade:
—Lysia cantava Elmano, e Lysia o-chora.—

Promessa de immortalidade, pela poesia, identica á que Ovidio faz, n'esse trecho da canção, á sua amada, faz á sua Dircêo na

LYRA XXXI.

Minha Marilia,
Si tens belleza,
Da Natureza
É um favor.
Mas si aos vindouros
Teo nome passa,
É só por graça
Do Deus de amor,
Que tanto inflamma
A mente, o peito
Do teo Pastor.

Em vão se-viram
Perlas mimosas,
Jasmins, e rosas
No rosto teo.
Em vão terias
Essas estrellas,
E as tranças bellas,
Que o céo te-deu;
Si em doce verso
Não-as cantasse
O bom Dircêo.

Digitized by Google

O voraz tempo
Ligeiro corre;
Com elle morre
A perfeição.
Essa, que o Egypto
Sábia modera,
De Marco impera
No coração;
Mas já Octavio
Não sente a fôrça
Do seo grilhão.

Nenhum dos Vates,
Em teo conceito,
Nutriu no peito
Nescia paixão?
Todas aquellas,
Que vês cantadas
Foram dotadas
De perfeição?
Foram queridas;
Porém formosas
Talvez que não.

Ah! vem, ó Bella,
E o teo querido,
Ao Deus Cupido
Louvores dar;
Pois faz que todos,
Com egual sorte,
Do tempo, e morte
Possam zombar;
Tu por formosa,
E elle, Marilia,
Por te-cantar.

Porém que importa
Não valha nada
Seres cantada
Do teo Dircêo?
Tu tens, Marilia,
Cantor celeste;
O meo Glauceste
A voz ergueu;
Irá teo nome
Aos fins da terra,
E ao mesmo céo.

Mas ai! Marilia,
Que de um amante
Por mais que cante,
Gloria não vem!
Amor se-pinta
Menino, e cego;
No doce emprêgo
Do caro bem
Não vê defeitos,
E augmenta quantas
Bellezas tem.

Quando, nas azas
Do leve vento,
Ao firmamento
Teo nome for,
Mostrando Jove
Graça extremosa,
Mudando a esposa
De inveja a côr,
De todos hade,
Voltando o rosto,
Surrir-se Amor.

Digitized by Google

Ah ! não se-manche
Teo brando peito
Do vil defeito
Da ingratidão ;
Os versos beja,
Gentil pastora,
A penna adora,
Respeita a mão,
A mão discreta,
Que te-segura
A duração.

Fique pois intendido que os poetas illustres (e muitos poderiamos citar, da 4.ª plana, com aspirações eguaes) julgam todos evitar a Libitina; assim pensando, melhor fariam em o não proclamar, pois, como diz Macedo, no Oriente:

Descrever seos brasões a estranhos toca,
Que é suspeito o louvor na propria bocca ;

porém aquelles senhores leem pelo breviario de Thomaz, que no seo *Ensaio sobre os elogios*: « Este amolecimento de character, que denominam urbanidade, e que tanto receia ferir o amor proprio, isto é a fraqueza incerta e van, era então menos commum ; menos se-aspirava a parecer modesto que a ser grande. Permitta alguma vez a fraqueza á força conhecer-se a si mesma, e consintamos, si possivel nos-é, termos homens grandes, mesmo por preço tal. »

Assim se-obterão os grandes cantos, proveniente dos grandes feitos, e os grandes feitos provenientes dos grandes cantos, como no-lo pinta Francisco

Digitized by Google

Dias, na sua estimavel elegia, intitulada *As Musas*, com alguns versos da qual bem fecharemos este §:

Claras acções, nome inclito e notorio,
Arcos, estatuas, porticos, tropheos,
Tudo consome o tempo transitorio.
. . . . . .
Só vós, filhas eternas da Memoria,
Musas, divinas Musas gloriosas,
Do tempo alcançais inclita victoria;
Vós, do abysmo das sombras tenebrosas,
Das voragens do negro esquecimento
Tirais as obras raras e famosas.
Por mais e mais que se-erga o pensamento
Para fazer acções esclarecidas,
E com fama subir ao claro assento,
Sem vós, Nymphas, de Jove procedidas,
Serão no esquecimento sepultadas
As fadigas mais nobres e subidas.
Lá vai fendendo as ondas levantadas
Do athlantico oceano o invicto Gama,
Apesar das tormentas irritadas;
La vai Cabral, vai Castro, que se-inflamma
Em commetter acções de fôrça extrema,
Que merece o louvor da illustre fama. . .
Ja voltam com victoria alta e suprema,
Notícia dando d'outros novos mundos,
Assumpto digno d'immortal poema;
Mas si, com vossos canticos jucundos
Lhes não dais nome eterno, jazerão
Nos abysmos lethargicos profundos.
Vós, contra a furiosa inundação
Do diluvio dos tempos, sois reparo,
Com as obras de altissima invenção;
E, por mais que combata o tempo avaro
Contra as virtudes dos sublimes peitos,
Vós lhe-dais fama egregia e nome claro.

Digitized by Google

Vós sois as que inspirais altos conceitos
A's nobres phantasias, que ao céo voam
Longe do vulgo, involto em vis defeitos.
Em todo o mundo eternamente soam
Vossos prodigios, vossa illustre gloria,
Com que os gentís talentos se-coroam.

§ 54

(T. 1. p. 55) (I.IV. TITULO.)

Precauções para uma ceia.

ART. I.

Attentamente lida esta canção, de toda ella resumbra uma proveitosa licção moral: — aos maridos, para que lhes-fiquem patentes os laços a que a sua boa fé anda subjeita — ás mulheres, para que avaliem o menospreço em que são tidas pelos proprios que de sua credulidade abusam — á sociedade inteira, para que abra olhos sobre os males que resultam para ella, pela desordem da familia, da demasiada leviandade das relações. Onde, porém, se-descobre o pensamento moral, em eminente grau, é na confrontação entre esta canção e a V. do L. II. Por essa ingenhosa contraposição, revelou o poeta aos proprios seductores e lentes de enganos e ardis amatorios, que não é raro virar-se o feitiço contra o feiticeiro, e aproveitarem-se as instrucções e os preceitos contra o instructor e o mestre; d'onde cumpre concluir que, até por interêsse proprio, convem não perder de vista, nas relações com o sexo, as maximas eternas da gravidade e do decoro.

Digitized by Google

Art. II.

Venhamos ora aos pormenores historicos, necessarios para bem se-comprehender esta canção:

O nome de *ceia*, quando se-fala de romanos, póde facilmente induzir em êrro aos pouco versados nos costumes d'aquelles tempos. Não admira. A capriehosa rainha do mundo, a moda, para não deixar cousa alguma quieta, transforma até as refeições, com serem ellas base essencial do viver physico; transforma-as de edade a edade, e de logar a logar; transforma-as na qualidade, nas horas, na duração, nos accessorios, no espirito, para que assim o-digamos, e na denominação. O *almôço*, ao romper da alva, — o *jantar*, ao meio dia — a *ceia*, ao sol posto, ou pouco depois, — eram, ainda não ha muitos annos, a usança portugueza por excellencia, só variada pela intercalação da *merenda*, onde a-faziam. Em povoações ruraes e serranas, ainda é uso; nas cidades, as mesmas tres refeições teem-se ido tornando progressivamente mais tardias, até o ponto de já quasi coincidir na hora o almôço com o que era jantar, e o jantar com o que fôra ceia; o *launch* (repasto intermedio do almôço ao jantar,) é de mui recente data; a substituição das ceias por mais leve collação veiu com o cholera-morbus. Trazemos isto, que muito mais extenso podéra ser, para diminuir estranhezas em quem observar as differenças da mesa romana á portugueza contemporanea; si nem todos nós ainda comprehendemos, á justa, os termos, por ora mal assentes, de *almôço ajantarado*, *copo d'agua*, *piquenique*, *ceia volante*, *almôço dansante*, *refresco*, *collação*, etc. que muito nos não ageitemos com os nomes, horas,

Digitized by Google

e modos das comidas, no tempo dos Cesares? Não queremos fazer aqui praça a erudições, que todos podem ter, em o-desejando; tocaremos, á carreira, o que faz ao nosso proposito.

Os romanos tambem tiveram tres comidas, *jentaculum*, *prandium* e *cœna*. A ceia, que era a refeição mais substancial, e correspondia ao jantar de hoje, servia-se pela tarde, sobrando d'ella ás vezes uma hora de sol para passeio, mas estendendo-se, não raro, a convivencia pelo serão fóra, e até alta noite (*). Nos tempos mais sobrios e austeros da republica, co-

---

(*) Entre os velhos gregos, si tudo em Anacreonte não é poesia, eram ainda mais turbulentas as taes mesas. Diz-nos elle, na ode 42, que nas mesas grosseiras eram communs os ralhos e as rixas, tão contrários ao seo genio:

Pois Baccho ama os jogos, seos córos eu amo.
Ao pé de convivas, de buço a apontar,
Da lyra suave meos versos derramo.
Inda acho mais doce na fronte inlaçar
Mimosos jacinthos, e entre alvas donzellas,
Bem puras, bem lindas, correr e brincar.
Invejas.... que invejas! .. que tenho eu com ellas?
Que roam nos outros, si querem roer.
Más linguas detesto, jamais gostei d'ellas.
Das mesas grosseiras não posso soffrer
Os ralhos e as rixas; não quero que a ira
Dê mate ás delicias que gera o beber.
Dansando com moças ao rhythmo da lyra,
Ranchinho, em que as graças apontam em flor,
Ao pêso da vida metade se-tira;
O resto é ja leve; supporto-o sem dor.

Os brodios pois com que Anacreonte se-intendia eram os descriptos em muitas de suas odes, especialmente na 6.ª e 39.ª, que aqui vamos dar:

Digitized by Google

miam, sentados em bancos, em mesas sem especie alguma de fausto; com a superabundancia das riquezas e do luxo, originadas das conquistas, e com o luxo por imitação importado dos orientaes, foi subindo, de ponto em ponto, o apparato, a folgança e a duração dos banquetes. A bancas de madeira da terra succederam mesas primorosas de madeiras ricas, de marfim, embutidas em mosaico, douradas, assentes sobre animaes esculpidos; os bancos modestos cederam a vez a camilhas, estofadas, acobertadas de purpura e bordados, com seos coxins fofos para recôsto; cada mesa tinha por 3, dos seos 4 lados, outras tantas camilhas, de-

---

ODE 6.ª

Á mesa, convivas! na fronte mil rosas,
Nas boccas mil risos, nos seios o amor!
Mocinha ligeira, que é flor de formosas,
Dansando, meneie, nas mãos graciosas,
Thyrso de heras tremedor;
Regulando os passos
Com que leve gyra,
Aos certos compassos,
Dictados da lyra.
Mocinho entretanto, de coma a undular,
Macia, fragrante, de bojo cheiroso,
Derrame dos labios cantar voluptuoso.
O louro Cupido virá jubiloso,
Com Lycêo e Cypria, honrar
O nume, que aos brodios preside e pôe regra,
E em annos serodios me-activa e me-alegra.

ODE 39.ª

Quando vinho bebo, raia-se-me o peito;
Converso co'as musas.
Quando bebo vinho, conselhos ingeito,

Digitized by Google

vendo cada uma d'ellas (para não se-reputar *sordido* o festim) não conter mais de 3 convivas—o 1.° conviva de cada camilha, com a metade superior do corpo recostado na sua alfombra, juncto á cabeceira da mesma camilha, tinha, para baixo de si, o 2.°, identicamente pousado em sua almofada propria; abaixo do 2.° se-collocava uniformemente o último, por modo que todos os rostos ficavam voltados á comida, as cabeças diante dos peitos ou estomagos, o braço direito da parte de cima e livre; os pés estendidos para traz; pelo 4.° lado estava a mesa livre, para commodidade do serviço e do trinchar: a propria mesa era muitas vezes arras-

---

E ás auras confusas cuidado e pesar
Atiro, que os-sumam, por longe, no mar.
Suave delirio me-trava do siso;
Rescendem-me flores;

Corôo-me, danço, canções improviso
Aos bons bebedores, que sabem viver
No brando regaço do facil praser.
Depois de bebido, de essencias me-inundo;
E assim perfumado,

Aperto em meos braços, comigo confundo
Corpinho encantado de moça, que vem
Ás festas de Venus comigo tambem.
Depois de esgotada, com toda a franqueza,
A taça espaçosa,

Alegro os amigos, conversa-se á mesa,
Das horas se-gosa; que emtorno de mim,
Havendo bons vinhos, é tudo um festim.
Negócio, sem risco, só este concebo,
Só este que eu faço;

Aqui tudo é lucro, pois lucro o que bebo;
No rapido espaço da vida mortal,
Só isto se-colhe, só isto é que val.

Digitized by Google

tada para fóra, depois de descarregada de uma coberta, e substituida por segunda mesa, ja carregada de coberta nova; donde vinham o chamarem 1.ª e 2.ª mesa e sobremesa. A refeição, de 3 partes principaes secompunha—a primeira de comidas leves, e de natureza propria para abrirem o appetite; a 2.ª da parte solida e substancial (carnes e peixes principalmente); a ultima de fructos e guludices. Os commensaes banhavam-se, perfumavam-se, vestiam-se e calçavam-se, da guarda-roupa do seo hospedeiro, e coroavam-se de flores ou verduras (*) antes de se-irem reclinar á mesa; alli nomeavam ou tiravam á sorte quem havia

(*) Atheneo conta (liv. XV) que antes de servir a fruta, setraziam, para cada conviva, corôas e perfumes; os gregos tinham uns machinismos para descer isso do tecto. Narra o poeta Alexis que nos banquetes voavam pombas, ensopadas em essencias, que assim choviam sobre as mesas. As coroas ordinarias dos festins eram de flores ou myrtho; mas as do festim de Trimalchião para os hospedes eram de ouro.

Quanto á magnificencia a que attingiram as mesas romanas, nem imaginál-a podêmos hoje. Ha nas *Noites Atticas* de Aulo Gellio, um § (VII. 16) curioso, apesar de muito inferior ás assombrosas narrações, que a antiguidade nos-deixou. Diz elle:

— « Varrão, na satyra *sobre os alimentos*, descreveu, com tanto conhecimento como graça, as exquisitas delicias dos jantares e das iguarias: em versos jambicos, expoz e incluiu a mór parte dos tributos que terra, mar e ares pagam aos comilões. Val a pena ler-se; os generos porém, nomes e domicilios de toda essa papança superlativa, objecto de tão profundas investigações, mas tambem do látego de Varrão, são, si bem me-lembro: o pavão que se-vai buscar a Samos, francolins á Phrygia, grous a Mélos, cabritos a Ambracia, atum á Chalcedonia, murêa á Tartenia, bacalhau a Pessinonte, ostras a Tarento, salmeiras a Chios, estorjões a Rhodes, sargos á Cilicia, nozes a Thasos, tamaras ao Egypto e bolotas á Hispanha. Esta industriosa diligencia porém da gula devoradora, este offegante estudo

Digitized by Google

de ser o rei do festim; (*) durante elle conversava-se, faziam-se brindes, galanteava-se; em casas mais sérias, como na de Plinio velho, lia-se; ou como na de Cicero disputavam-se philosophias; em pousadas de opulentos, tocava-se, cantava-se, gladiava-se, representavam-se farças, para multiplicar delicias aos commensaes; o luxo e custo de alguns cenaculos, ou casas de comer, assombraria aos mais intrepidos e dissipadores gastronomos de hoje em dia. Havia salas de festins, com taes machinismos, que os serviços se-mudavam, ora gyrando as paredes sobre si, ora baixando os tectos. Seneca, ep. 91: Suetonio, na *Vida de Nero* deixaram curiosas descripções.

---

de combinações de ingredientes desusados, esta esfaimada ambição de regalos e gulusinas, mais detestavel ainda nos-parecerá, recordando-nos d'aquelles versos de Euripides, tão citados pelo philosopho Chrysippo, contra essas irritações de paladares embotados:

Basta bem pouco á humana creatura:
Uns dons de Ceres e uma limpha pura.
Liberal aos mortaes, essa riqueza
Põe-n'a ao pé d'elles madre natureza. . .
E insaciaveis rasgam terras, mares,
A conquistar veneficos manjares!

(*) Antigamente, , diz Plutarcho, creava-se um chefe, um legislador, um *rei da mesa*, nos jantares mais serios; ou se-elegia ou se-tirava á sorte. Horacio prefere o dado (od. 7. l. 2. e 4 do l. 1) Plauto não admitte acasos; as personagens, que elle introduz, escolhem senhores e senhoras: *do hanc tibi florentem florenti, tu sic eris dictatrix nobis*, diz um, ao pôr uma corôa na cabeça de uma rapariga. E n'outro logar: *strategum te facio huic convivio*. O tal rei legislava sobre o que se-havia de praticar; quem devia beber, fazer discursos, cantar ou outra cousa; Cicero diz que Verres, despresador de todas as leis romanas, obedecia pontualmente ás leis da mesa. Horacio, Marcial, Luciano e outros falam muita vez dos reis da mesa, nas saturnaes.

Digitized by Google

§ 55

(T. 1. p. 55.) **(I.IV. 10.)**

Que Hippodamia, a candida, accendesse.

Os Lápithas eram um povo silvestre da antiga Thessalia. No casamento do seo rei Pirithoo com Hippodamia, convidados ao banquete os visinhos Centauros (homens da cinta para cima, e da cinta para baixo cavallos), levantou-se, entre estes e os da terra, uma tão grave pendencia, que para logo degenerou em tumulto e guerra. A formosura das mulheres, que se-achavam á mesa, e nomeadamente a da noiva, segundo Ovidio, foi a causa principal.

---

§ 56

(T. 1. p. 56.) **(I.IV. 25.)**

Argos.

Symbolo da vigilancia. Tinha a cabeça coroada de cem olhos, que durmiam alternativamente 50 de cada vez. Foi a Argos, que Juno commetteu Io, transformada em vacca, para lh'a-guardar (Vide § 50). Mercurio o-degolou, lhe-furtou a prêsa, para a-restituir a Jupiter. Juno,

Digitized by Google

magoada d'aquelle tragico fim do seo guardador, tirou-lhe os olhos para os-ingastar na cauda da sua ave, o pavão. Pode-se ler tudo isso, mais circumstanciadamente, na traducção das Metamorphoses Liv. I.

---

§ 57

(T. 1. p. 56.) (I.IV. 38.)

E co'o vinho intornado, e co'os dedos

Não deixa de ter graça o ver resilir a frecha contra o que a-disparou. Aqui o poeta desvela-se em ensinar á sua amada o como hade lograr o marido á mesa ; na elegia V. do liv. II, desespera-se porque a mesma (ou outra) poz as suas licções em obra contra elle, e em proveito de um rival.

Quanto ao uso de telegraphar disfarçadamente com os dedos (como na conversação com os surdos-mudos se-pratica) não foi Ovidio que o-inventou, ou pelo menos não foi de Ovidio só. Tibullo diz :

Illa viro coram nutus conferre loquaces
Blandaque compositis abdere verba notis.

e n'outro logar :

Non te decipiat nutu, digitoque liquorem
Ne trahat, et mensæ ducat in orbe notas.

Digitized by Google

Ovidio representa tambem Páris e Helena usando esta linguagem muda, sob os olhos de Menelão (Her. XVII. 81):

Ah! quoties digitis, quoties ego tecta notavi
Signa supercilio pœne loquente dari,

versos imitados dos de Propercio (III. VI, 25):

Tecta superciliis si quando verba remittis,
Aut tua cum digitis scripta silenda notas.

---

§ 58

(T. 1. p. 57.) (I. IV. 48.)

Pela mão de uma orelha a pender.

Valha-nos Deus com as aristocracias das palavras! « *Orelha*, em verso! » exclamarão alguns melindrosos. Que remedio, si ella não tem outro nome, como bem notou o capitão Sousa (pag. 256)! — Mas por que razão *orelha* será termo baixo, e olhos não? nariz sim (*) e não bocca? cotovello sim, e pulso não? perna sim, e joelho não?... barriga e ventre sim, e peito não? — Podiam-se fazer

(*) Si houvessemos obtido venia do auctor, aqui transcreveriamos uma linda peça, inserta no *Jornal do Commercio do Rio*, em 20 de septembro de 1858, sobre o uso poetico da palavra *nariz*, em que seo auctor, o Sr. B. Guimarães, revela dotes de peregrino ingenho.

Digitized by Google

trinta perguntas como estas, e a resposta havia de ser difficil, pois terras ha, como a Grã-Bretanha, onde até a *camisa é indecente.*

Mas pondo isto de parte, e vindo ao nosso trecho, ¿ que relação haveria, si por ventura havia alguma, entre o pendurar da mão da ponta da orelha, e a idéa de reprehensão? Sería manifestar, d'aquelle modo, desejo de puchar as orelhas? não : fôra mui grosseiro acto, nem cabia em poesia o suppôl-o, nem, e muito menos, o attribuil-o, mesmo por pensamentos, a uma dama delicada. — A explicação parece ser outra. Lê-se em Apuleio — *Burro Aureo* (*) liv. 6° — « Mal que Venus a-viu trazida e appresentada perante si, soltou uma estrondosa gargalhada, como costumam as pessoas agastadissimas, e, abanando a cabeça, e *coçando a orelha, etc.* » Plinio diz que o avesso da orelha direita é consagrado á deusa Nemesis, e que alli levâmos o dedo annular, depois de o-termos chegado á bocca, quando queremos alcançar, dos deuses irritados, o nosso perdão. N'outra parte, nos-faz saber que ha na orelha um logar para a memoria, sendo esse o motivo porque n'ella tocâmos, quando queremos certificar alguma cousa.

Quem tiver vagar, misture e mande.... si apurar alguma cousa que sirva.

(*) Possuimos, já hoje, em lingua portugueza, esta obra notavel como novella, e muitas vezes como estylo ; a traducção é devida á penna esmerada de um illustre latinista, o barão.... que a-imprimiu sem nome (o que nos-força a respeitar o incognito), e a-repartiu pelos litteratos da sua familiaridade.

Digitized by Google

§ 59

(T. I. p. 57.) (I.IV. 56.)

Aos que rogam fazêl-o no altar.

———•

Quando o romano orava, fazia-o de todo o coração, com um véo pelo rosto, para que nenhuma *face inimiga* o-fôsse perturbar na religiosa attenção de que havia mister. Em pé, diante do altar, *impunha n'elle as mãos*, como que abraçando-o, e ás vezes cingia' com ellas as plantas mesmo da divindade, que implorava; a palavra *implorare* vem de *plorare*, chorar, e *adorare* de *as*-beijar; de chôro e beijos iam muitas vezes misturadas aquellas súpplicas. O *altar* e a *ara* não se-devem confundir: — o *altar* era a especie de mesa, em que estava a *imagem* — a *ara* era de pedra, propria para em cima se-accender o lume dos sacrificios; as vìctimas immolavam-se diante da ara, e sobre as aras se-queimavam, todas ou parte, segundo os ritos. O sacrificio, em que a vìctima se-consumia, era propriamente *holocausto*.

Os que oravam, collocavam pois as mãos no altar, já como abraçando-o, já significando com essa acção a sinceridade das suas disposições, da mesma fórma que o-praticavam (como aliás se-usa ainda) os que prestavam juramento, sendo em signal de que juravam achar-se de ânimo convicto e reverente, quando assim imploravam a divindade.

Digitized by Google

§ 60

(T. 1 .p .57.) (I.IV. 65.)

Novo Tantalo amoroso.

Está Tantalo no inferno, para toda a eternidade, talvez por ter revelado o segredo dos Deuses, de que estava sabedor, segredo que lhes-apanhára, certo dia que jantára com elles. O seo supplício consiste em estar com a agua pela barba, n'uma corrente, sem poder abaixar-se para beber;—devorado de fome, com uma ou mais arvores, que por cima lhe-pendem, avergadas de fruta, e que, em indo para lhe-lançar a mão, se-levantam até ás nuvens.

§ 61

T. 1. p. 57.) (I. IV. 67.)

Onde os labios teos puzeste.

Conta, a este proposito, Caio Fortunato, que certa dama, namorada, tinha tres amantes; um dia, que se-banqueteavam todos quatro, bejou ella o 1.°, deu o resto do seo copo ao 2.°, e poz uma grinalda

Digitized by Google

ao 3.°. Pergunta: *Qual obteve maior prova de amor?* A' pergunta responde Mr. de Guerle, que ao 2.°; e dá como razão, que o coroar é um signal de estima ou de amizade pura; beijar sim, dá a intender ternura; mas dar a um amante os restos do copo, isso é que se não faz, onde não ha affecto bem cordial. Tem por si esta opinião ao mestre mesmo da *Arte de Amar*, o qual diz, liv. I. v. 575.

Fac primus rapias illius tacta labellis
Pocula; quaque bibet parte puella, bibas.

---

§ 62

(T. 1 p. 57) (I. IV. 69)

Beberei nectar celeste.

Os deuses comiam e bebiam: comiam *ambrósia* (de que os nossos poetas fizeram ambrosía, para evitar o equivoco), e bebiam *nectar*, liquido espirituoso, doce, vermelho como o succo da vinha, e com a propriedade tambem de alegrar. De que fossem fabricados o nectar e a ambrosía não nos-consta. A's vezes se-tem tomado ambrosía pelo nectar e o nectar pela ambrosía.

Digitized by Google

§ 63

(T. 1 p. 58) (I, IV. 83)

Hymeneo.

Deus do casamento; toma-se pelo casamento mesmo.

§ 64

(T. 1 p. 58) (I. IV. 94)

Isto é meo.

Oscula si dederis, fiam manifestus amator,
Et dicam: « Mea sunt » injiciamque manus.

È imitação de Tibullo I. IX.

Tunc aliis demens oscula ferre mea?

§ 65

(T. 1 p. 59) (I. IV. 129)

Toda a taça do praser.

(ESTA NOTA E' DE CASTILHO ANTONIO.)

« Ovidio tinha:

Sæpe mihi, dominæque meæ properata voluptas
Veste sub injecta dulce peregit opus.

Digitized by Google

« Dilui estes dous versos nos treze d'este periodo, não tanto para desinvolver bem lyricamente a arieta, como para enunciar menos grosseiramente o pensamento. Eliminál-o completamente desdizia do systema que invariavel hei seguido no traduzir classicos. No prologo ás *Metamorphoses*, ponderei os meos porquês: apontei-os ainda no dos *Amores*. Corroborarei a minha fraca auctoridade, transcrevendo agora o que diz de Guerle, na *introducção* á sua versão de Catullo (auctor muito mais livre que o nosso). De Guerle explana muito mais as suas considerações, no prologo á *Arte de Amar*:

« Nous ne pouvons toutefois passer sous silence l'estimable travail de M. Noel, qui ne laisserait rien à désirer, si, par un scrupule, qui lui fait honneur, mais que nous ne saurions partager, il ne s'était crû obligé de déguiser les passages licencieux de Catulle, au point de les rendre souvent méconaissables. Nous avons fait ailleurs notre profession de foi à cet égard. Il faut, selon nous, ou rendre un auteur tel qu'il est, avec ses qualités et ses défauts, ou renoncer à le traduire, et surtout ne pas imiter la fausse délicatesse de Pézay qui, dans son élégante, mais infidèle, version de Catulle, change sans cesse Juventius en Juventia, Aufilenus en Aufilena, et donne à un romain sans pudeur l'air et le ton galant d'un marquis du temps de la régence. »

« Mas voltando ao assumpto da nota, peço se-compare o que eu puz *em verso* com o que puzeram *em boa prosa* (do francez, que é lingua universal) dous traductores estimados. Poncelin traduziu assim este passo: « Souvent ma maîtresse et moi avons pris en-

Digitized by Google

« semble, à la hâte, les plus doux plaisirs, sous sa « jupe. » Mangeart diz d'esta versão: « Cette version « nous a paru froide, lourde et surtout triviale, pour « ne rien dire de plus. Avons-nous été plus heu- « reux? » e traduz assim: « Bien souvent, ma maî- « tresse et moi, nous avons su, d'un doigt léger, trou- « ver, sous nos vêtements, le foyer des plus doux « plaisirs!! »

« O que é importante advertir é que os criticos de França nem blasfemam de Poncelin, nem de Mangeart, nem de Nisard, que verte assim:— « Que de fois « ma maîtresse et moi, nous avons su trouver, sous nos « vêtements, un hâtif et doux plaisir! » nem de algum outro dos traductores, que expuzeram nu o pensamento, por nós velado, o melhor que soubemos. »

---

§ 66

(T. 1. p. 60) (I.IV. 139.)

De ir carregando a furto, e sem que o-sinta.

Parece que era frequente, entre as romanas casadas, carregar a mão no copo dos maridos, até os-pôrem bem compostos (*bene compositos*), isto é, rolando e roncando sob a mesa, como dignos filhos da altiva

Digitized by Google

Albião. Para que fim? Diz-nol-o Ovidio, na canção I. IX:

No amor tambem, quantas vezes
Vós, desejos destemidos,
Encontrais victoria e prêsa...
No somno de bons maridos!

E ja o mesmo revelava Hor. III. VI.

Mox juniores quærit adulteros
Inter mariti vina; neque eligit,
Cui donet impermissa raptim
Gaudia luminibus remotis.

---

§ 67

(T. 1 p. 67) (I. IV. 162)

Duro e avaro portão inimigo
Me-ouvirá toda a noite queixar.

As portas das raparigas faziam grande papel na poesia namorada, e o rondar, como ainda hoje, por ventura, se-faz, a porta da sua dama, durante a noite, era já então em uso. Não é só por este e varios outros trechos dos Amores de Ovidio, que o-dizemos, v. g. as canç. XIX liv. II v. 53, liv . III c. XI v. 25. Os outros elegiacos nol-o-provam com

Digitized by Google

egual evidencia. A's portas se-queixavam os amantes dos rigores e infidelidades de suas damas; ás portas penduravam grinaldas e escriptos; contra as portas blasphemavam quando se não abriam; contra ellas vomitavam imprecações, chegando a ameaçál-as de lhes-pôr fogo, mais ás casas. Hoje a policia não permittiria tal especie de elegias; nem cuidâmos que, em presença de um bico de gas, se-concebesse siquer a idéa de o-ousar.

Já se-vê que foi um progresso, que não prestou para nada, porquanto muito melhor que os modernos estavam esses antigos; que, a não ser em noites de luminarias, transitavam ás escuras, a menos que não levassem diante de si alguns moços (*pueros*) com archotes, costume esse, de que Propercio nos-dá noticia. Com o clima da Italia e com o da Grecia, nada mais natural que estas vigilias amorosas; os descantes devem mesmo datar d'esses tempos. A poesia contribuia, tambem, com o seo contingente para esses obsequios. Com a grinalda de flores, que o namorado trazia na cabeça, muitas vezes deixava no limiar as suas súpplicas ou o seo queixume em verso. Ver as canções I e XI do liv. III., VI do liv. I, etc., onde Ovidio pagou o seo tributo á moda do tempo. Não teem os modernos poetas imitado estas manias? os marquezes e os maridos de Molière não eram ridiculos? os medicos d'elle e do Bocage não eram assassinos? não faziam esses escriptores, até n'isso, eschola? A eschola das *portas* é d'aquelle periodo romano; conservam-se muitas poesias analogas a esta, taes como em Tibullo a 11ª do liv. I, em Propercio a XVI do liv. I, etc.

Ouçamos, em Catullo, o curioso dialogo de uma porta com o poeta; é livre e liberrimo, (apesar de ainda o-

Digitized by Google

termos velado), mas sabido está já para quem exclusivamente escrevemos; pela sua mesma excentricidade, esta bagatella dará, aos que não possuem exacta idéa d'este singular poeta, e do desregramento litterario do seo tempo, uma noção muito approximada da verdade, e mais um argumento para agradecermos á Providencia o ter-nos feito nascer no meio d'esta civilisação.

COLLOQUIO ENTRE CATULLO E A PORTA DE CERTA TONANTE.

CATULLO.

Porta, grata ao charo esposo,
Grata ao seo progenitor,
Salve! Jove, que é bondoso,
Te-medre co'o seo favor!

Quando occupava este predio
O jarreta Gago, ouvi
Que a seos fogos um remédio,
E de truz, lhe-introu por ti.

Tornou a dama a ligar-se,
Mal que o velho se-estendeu;
E inda então, diz que, ao disfarce,
Déste a amor o auxilio teo.

Estas ballelas do povo
Serão palavras no ar?
Tiveste um velho e outro novo?
Vamos! franqueza e contar!

Digitized by Google

PORTA.

Por Cecilio t'o-protesto
(Que é o meo domno actual);
Isso dil-o o povo infesto,
Porém eu nunca fiz tal.

Ninguem, nem tanto como isto,
De me-provar é capaz.
Das más linguas no resisto
A *porta* é quem tudo faz.

Em se-achando tratantada
(E seja ella onde for)
« A porta, a porta é culpada! »
É logo o geral clamor!

CATULLO.

Não me-convence o que trovas;
Custa pouco o dizer *não*;
Precisas dar boas provas,
Si aspiras a absolvição.

PORTA.

Provas! ninguem n'as-exige,
Nem lhes-importa si as-ha.

CATULLO.

Pois bem! a mim as-dirige!
Peço-as eu; venham de lá!

Digitized by Google

PORTA.

Bem ; da esposa a virgindade,
Que arrotam se-me-entregou,
É primeira falsidade ;
Era virgem como eu sou.

Não ; lá essa não se-gaba
De a-ter o noivo em seo rol ;
Pobre moço, um betarraba
Da Sicilia, murcha ao sol !

Por não ser completo o lôgro
(Em que ás leis e á honra pez)
Com a nora ouço que o sogro
Papel de marido fez....

Não direi si por violencia
De incestuosa paixão,
Si por ver tal impotencia
Dar-lhe mate á geração;

Viesse d'onde viesse,
Intendeu que era um dever
Dar-se á virgem com que houvesse
De livrar-se emfim de o-ser.

CATULLO.

Maravilhas de piedade
Me-narras da flor dos paes !
A' sua posteridade
Fazer sacrificios taes !

Digitized by Google

PORTA.

Pois ja o assombro te-avexa! !
Aos pés do outeiro cycnêo,
Brexa tens; pois corre Brexa,
Que te-dirá mais do que eu;

Brexa, bem sabes, aquella
Que á minha Verona é mãe;
Brexa, a cidade onde o Mela,
O barrento rio vem.

De um Posthumio, e dos amores
De um Cornelio te-dirão
Taes casinhos! taes horrores!
Que mais que adulterio são.

Sendo eu porta, e aqui tão firme
Do meo domno ao limiar,
Alguem pasmará de ouvir-me
Tantas chronicas resar.

— « Tu, que não falas com gente,
« Que a um poste pregada estás,
« Que a fechar e a abrir sómente
« Aos que vem ou vão te-dás....

Certo é; mas vem as terceiras;
Coxixam co'a dama aqui;
Ouço e sei-lhe as maroteiras;
Que admira? si eu lh'as-ouvi?

Mesmo os nomes que te eu disse
Escutei-lhe eu. Não cuidou

Digitized by Google

Que eu falasse, nem que ouvisse,
E ouvia e falando estou.

D'outro ainda eu sei por ella....
E podia-o nomear;
Mas sobrancelha amarella
Não é bom vêl-a increspar....

E elle lá vem, o escalado!
Ja réo no foro uma vez
Por um parto, á unha armado,
De uma supposta prenhez!

---

§ 68

(T. 1 p. 61) **(I. IV. 188.)**

Chama a Estyge.

Estyge. Rio, que dá nove gyros em roda dos infernos:

E a estige, que, correndo pelo meio,
Nove vezes os-cerca, aperta, opprime.

(LEONEL DA COSTA, *Georg. de Virg.*)

e cuja veneração é tão tremenda, que é por elle que os deuses juram. O Deus que, jurando por este rio, faltasse, era privado, cem annos, da ambrosia e da divindade. Virg. En. 6:

Digitized by Google

Cocyti stagna alta vides, stygiamque paludem
Dii cujus jurare timent, et fallere numen ;

por isso Gabriel Pereira de Castro, na *Ulyssea*, oit. 47, faz pedir :

Que te-prometta pela estyge escura
Restituir aos teos a fórma antiga.

Atravessar o rio ou lago estygio era a suprema difficuldade. Por isso se-lê, na *Malaca conquistada*, X. 58 :

Ou manda-me que o lago estygio passe !

Eis como um classico o-define :

Deriva-se do grego *styn*, que responde a *tristeza*, e de *stygein*, que val o mesmo que *ter odio*, *aborrecer* &. e não ha cousa mais triste nem mais aborrecivel que a estyge, que não só é um dos 4 rios do inferno, mas tambem se-toma pelo mesmo inferno.

Deu motivo para esta fabula uma fonte de Arcadia, provincia do Peloponeso ; nascia esta fonte da lagôa phenea, ao pé do monte Nonacris, e chamava-se *styx* ; eram as aguas d'esta fonte tão frias, que matavam de repente aos que bebiam d'ellas e tão corrosivas, que gastavam o ferro, o cobre ; e todos os vasos em que as-mettiam, estalavam e rebentavam, excepto os vasos de unha de mula ! Da má qualidade d'estas aguas tomaram os poetas motivo, para fingirem que a estyge era um rio do inferno, que apparecia na terra, perto do logar, d'onde brotava esta fonte.

FIM DO 7.° VOLUME DOS AMORES,

E 4.° DA GRINALDA OVIDIANA.

Digitized by Google

OS
AMORES,
DE
P. OVIDIO NASÃO,

PARAPHRASE

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO;

SEGUIDA PELA

GRINALDA OVIDIANA,

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO,

VIII

Digitized by Google

Rio de Janeiro. — Typ. B. X. Pinto de Sousa.

Digitized by Google

A

GRINALDA OVIDIANA,

APPENDICE Á PARAPHRASE DOS

AMORES;

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA,

DO CONSELHO DE S. M. FIDELISSIMA;
FIDALGO CAVALLEIRO DA SUA REAL CASA;
COMMENDADOR DAS ORDENS DE CHRISTO E DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILLA VIÇOSA;
DOCTOR E BACHAREL EM DIREITO, MEDICINA E PHILOSOPHIA, PELAS UNIVERSIDADES DE COIMBRA, PARIZ E ROSTOCK;
PRESIDENTE DA COMMISSÃO DO NACIONAL E REAL ARCHIVO DA TORRE DO TOMBO;
EX-BIBLIOTHECARIO MÓR E EX-DEPUTADO ÁS CÔRTES EM VARIAS LEGISLATURAS;
TENENTE CORONEL;
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA;
MEMBRO DA SOCIEDADE REAL DOS ANTIQUARIOS DO NORTE;
DA ACADEMIA DE HISTORIA DE COPENHAGUE;
DAS SOCIEDADES PHARMACEUTICAS DO NORTE DA ALLEMANHA, DE SALZUFFLEN, E DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO DE PARIZ;
DO CONSERVATORIO REAL E DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO;
DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ NO RIO DE JANEIRO;
DO INSTITUTO HISTORICO DA BAHIA;
DO CONSERVATORIO DA MESMA CIDADE;
E DE OUTRAS SOCIEDADES SABIAS, &.

Tomo 8.º

RIO DE JANEIRO

PUBLICADA EM CASA DO EDITOR — BERNARDO XAVIER PINTO DE SOUSA

Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

1858.

Digitized by Google

Digitized by Google

GRINALDA OVIDIANA.

§ 69

(T. 1. p. 63.) (I. V. TITULO)

Aventura meridiana.

Art. I.

Como avaliaremos esta peça, em relação aos costumes? Si é formosa, como estatua, confessâmos tambem que, como estatua, está sobejamente despida ; mas para a-condemnarem, hão de primeiro derrubar dos seos pedestaes eternos, e fazer pedaços, todas as Venus do cinzel antigo e moderno. Si a arte, quando n'ella se-incarna o bello, é uma consagração ; si as desnudezes de nymphas e athletas, emboscadas, como a Galathea de Virgilio, por entre as tentadoras espessuras dos jardins, não afugentam a pessoa alguma de os-passear ¿ porque razão a mesmissima cousa, que se-tolera e se-festeja, representada, em fórmas ainda mais intelligiveis, pela esculptura, e pela pintura, se-reprovaria, se-proscreveria, quando modelada em fugitivos sons por outra das artes, pela arte summa, a poesia? Não acha a imaginação, dentro em cada vestido uma nudez? Não lhe-exagerará muitas vezes as

Digitized by Google

perfeições, por isso mesmo que estão veladas? Nas phrases amorosas não está sempre, implícito e palpitante, um pensamento de sensualidade? Não é a palavra *amor*, segundo a expressão da famosa M.me de St. Edme, o manto mais decente com que a mais indecente cousa se-recata? Não disse o nosso bom velho, de cabelleira, desembargador, e arcade, Elpino Nonacriense, que os ornatos e as sedas mais inredavam os mortaes em desejos do que as fórmas mais despidas? E não serão pelo menos eguaes as cubiças, que n'um peito inflammavel accenderá uma formosa bem trajada, áquell'outras que a selvagem, sem sendal nem plumas, faz nascer no homem da natureza, seo companheiro nas florestas? Todas estas perguntas, bem averiguadas, contém, sinão a justificação, pelo menos a desculpa d'esta pagã tão á fresca, em dia e hora de tanta calma. Ovidio pinta e narra, mas não aconselha á imitação; pelo contrário, as duas com quem elle compara esta Corinna, que tão sem ceremonia o-vai visitar ao quarto, assaz inculcam a conta em que elle proprio a-tinha: quem são as que por ella lhe-lembram? — Semiramis, que, a despeito de seo genio, inxovalhava um throno — e Lais, uma das mais perdidas mulheres da perdidissima antiguidade.

Diremos porém, com De Guerle, que, onde a moral do poeta parece relaxada, geralmente o antidoto se-acha ao lado do veneno, e de ordinario fica a serpente esmagada debaixo das flores. E póde procurar-se a austeridade monacal na obra de um homem mundano? Os mais livres trechos de Ovidio deixarão de escandalisar os homens rasoaveis, que os-lerem nas mesmas disposições que o sabio Justo-Lipsio empregava: — « Nuda illa nequitia nihil offendor; joci me delectant; urbanitas rapit; cœtera, nec

Digitized by Google

in animo, nec in moribus meis, magis labem relinquunt, quam olim in flumine vestigium cymba. » Nossa severidade se-approximaria um pouco do ridiculo, visto como graves concilios se-tornaram officiosos defensores d'estas classicas obras. O proprio concilio de Trento, na regra VIII do *Indice dos livros prohibidos*, se-exprime assim: « Ethnicorum veterum libri, qui res lascivas seu obscenas tractant, narrant aut docent, propter sermonis elegantiam et proprietatem, *viris ad legendum*, *non pueris ad interpretandum*, permittuntur. »

Seremos nós mais sanctos que os sanctos? Petrarca, á missa, ia adorar Laura. Em meio das controversias theologicas, Theodoro de Bèze interrompia a sua traducção dos psalmos, para cantar a sua Sunamita; os seos *Canticos* ninguem os-lê; mas os seos *Bejos*, todos os-sabem de cór.

Quem se-revoltar contra tal poesia, queime todos os livros de versos, em nosso proprio idioma. Queime, entre mil, o Camões, com o seo canto IX, no espectaculo de cuja valente descripção elle diz que:

Melhor é exp'rimentál-o que julgál-o,
Mas julgue-o quem não póde exp'rimentál-o!

e a *Ulyssèa*, de G. P. de Castro, quando nos-expõe os passatempos de Ulysses:

Em seos braços Calypso as horas passa,
Que da prisão suave se-contenta;

e José Bonifacio de Andrada, pelo modo como nos-pinta a *creação da mulher*:

Digitized by Google

As altas tetas
De marfim puro
Ah! são mais rijas
Que crystal duro!
Carne mimosa,
Que a vista inleva,
Onde o desejo
Em vão se-ceva....

Ao vêl-a, o homem
Pasma, estremece;
Quer abraçál-a,
Corre, inlanguece.

e Francisco Manoel, quando, em vez de resar no breviario, exora, na sua *ode a Venus*, nos seguintes termos:

Dá-me que eu possa, em teo disfarce illuso,
Beber dos labios seos o amante riso,
E ás pudibundas rosas de seo rosto
Chegar a accesa face.

Dá a meos famintos braços, que lhe-cinjam
O eburneo collo, voluptuoso golpham,
Onde acerbos ondeiam separados
Os não-tocados pomos.

E Bocage? E Diniz? E Semedo? E José Anastacio da Cunha? E Borges de Barros? E Tolentino? E Xavier de Mattos? E Paulino Cabral? E Manoel Mathias? E Garrett, com a sua *Branca* e *Retrato de Venus?* E tudo, e todos e sempre? Quando as carochas estiverem pintadas para tantos san-benitos, entregaremos o nosso Ovidio ao mesmo braço secular.

ART. II.

Esta canção de Ovidio (comquanto mais formosa) foi certamente inspirada pelas el. XI e XII do 2.° liv. de Pro-

Digitized by Google

percio, a quem até talvez Ovidio as-ouvisse recitar, visto como, denominando incendios os versos de tal poeta, nos-revela a frequencia com que os-ouvíra (Trist.IV el.X. 45):

Sœpe suos solitus recitare Propertius ignes.

Art III.

Não conhecemos, em lingua portugueza, arrôjo lyrico mais audacioso do que esta versão, nem de mais feliz exito coroado. O leitor intelligente haverá comprehendido as difficuldades que foi mister vencer para apresentar uma traducção fidellissima, nas mais exigentes condições da rhyma, do rythmo e do travamento. A historia desta composição (por emquanto sem egual no nosso idioma, em luxo e esplendor metrico) merece conservada.

Acabavamos de ler ao poeta a versão que, ha muitos annos, fizera d'esta canção, em simplices quadras de septe syllabas, apenas com duas pobres rhymas cada quadra. Eis como era essa velha traducção:

Reinava importuna calma;
Ao meio chegára o dia,
Quando á busca de repouso
Sôbre o leito me-estendia.

A janella meia aberta,
A outra meia cerrada,
Dava a luz que haver costuma
Em selva antiga e fechada,

Luz egual á que enche os ares
Quando Phebo ao mar desceu,
Ou quando nem já é noite,
Nem inda a aurora nasceu!

Digitized by Google

(Esta luz convém ás Bellas,
Que tremem de pejo e medo;
N'ella a timida vergonha
Julga achar fiel segrêdo.)

Eis Corinna me-apparece;
Traz sôlto o simples vestido;
Cobre-lhe os hombros de neve
Negro cabello esparzido.

Tal subia ao brando thoro
De Nino a esposa guerreira,
Ou Lais, por cujos incantos
Suspirava a Grecia inteira.

Procuro arrancar-lhe a veste,
Que bem pouco me-incubria;
Quer defender-se e guardál-a,
Quer desviar-me e porfia;

Como quem vencer não busca
Todavia combateu....
Venci mais por sua entrega
Do que por combate meo.

Apenas ante meos olhos
Appareceu toda nua,
¡Que amavel, que sem defeitos
Não era a belleza sua!

Que bellos hombros! que braços
Os que eu vi, e os que eu toquei!
Que bem torneados seios,
Que em minhas mãos apertei!

Abaixo do liso peito,
Que ventre tão bem formado!

Digitized by Google

Juvenil, airosa coxa,
Elegante, airoso lado!

Porque aponto, uma por uma,
Si graças só vejo n'ella?
Ardo; Corinna está nua,
E nu me-abraço com ella.

Quem ha que não saiba o resto?
Cançámos.... durmimos.... Basta!
O céo me-envie a miudo
Meios dias d'esta casta!

Nada eguala o descontentamento, que no poeta transluziu, queixando-se de desalinho e pobreza em tal versão de uma das canções de Ovidio mais mimosas, em simplicidade e perfeição, d'onde corria ao traductor o dever de decuplar esforços no esmero. Para o-aplacar, relêmos-lhe a traducção que d'esta mesma peça nos-deixou Filinto Elysio (Ed. de 1819 tom. V), e que é do theor seguinte:

Partia o dia em meio o sol calmoso;
Reclino o corpo a descançar no leito,
Mal-aberta a janella e mal-cerrada;
Qual crepusculo deixa, ao despedir-se,
Phebo, ou foge a noite, á vista da Alva;
Luz, que convém ás moças vergonhosas.
Eis vem Corinna, em mal-cingidas roupas,
(Sólta a madeixa e niveo peito occulta)
Qual Semiramis (diz-se) ao leito fôra,
Gentil; e fôra Lais, de muitos dama.
Dispo-lhe a roupa, (que empécia pouco,
De rara!) e ella pugnava por cubrir-se,
Mas, como quem não quer vencer, pugnava.
Mal 'steve ante meos olhos toda nua,
Não lhe-vi um sinão no corpo todo.

Digitized by Google

Quaes vi, quaes os-palpei, hombros e braços!
Quaes mamminhas tão guapas de empalmál-as!
Quão liso o ventre desce do alto peito!
Que cintura, e infantis, roliças coxas?
Que mais direi! mimoso é quanto hei visto,
E toda co'o meu corpo a-cingi nua.
Que ha mais que ouvir? Cançámos, descançámos;
Corram-me a fio taes os meios dias. (*)

Serenado após esta leitura, resolveu nosso irmão tentar um trabalho novo, e (como expiação) tão rico de fórma, quanto possivel fôsse, sem todavia incorrer em infidelidade. Sendo esta uma das ultimas canções que dictou, e achando-se exhaustas todas as combinações metricas,

---

(*) Melhor versão nos-parece est'outra, de auctor desconhecido:

Era a estação calmosa, e meio dia,
Quando eu na molle cama me-estendia.
Na mão tinha a cabeça recostada,
E a janella defronte mal-cerrada.

Intrava tanta luz pela abertura
Como ha entre o sol-pôsto, e noite escura,
Ou qual baixa, n'um bosque emmaranhado,
Raio de luz, por troncos mil coado.

Convém esse crepusculo ás que o pejo
As faces tinge, ao receber um bejo,
Pois sempre quer um véo ao seo disfarce
O virgineo pudor, para occultar-se.

Mais que nunca, belleza peregrina
Surde-me, oh céos! de subito Corinna!
A propria Lais eclipsaria ainda,
Nem era Semiramide tão linda.

Cahiam-lhe em anneis fartos cabellos
No alabastrino collo e hombros bellos;
Da tunica atravez bem se-entrevia
Com que se-enlouquecesse a phantasia.

Corpo adoravel, porte airoso e nobre
Ao meo soffrego ardor a roupa incobre,

Digitized by Google

propoz-nos que lhe-indicassemos uma nova. Nós, sabedores de que, para tal genio, nem prosa nem verso portuguez conhece impossiveis, pedimos-lhe que tentasse uma versão — em quartetos, de versos alternados, de 12 e 6 syllabas — rhymando o 1.º verso com a 2.ª syllaba do 2.º — o 2.º com o 4.º — o 3.º em echo com a 2.ª syllaba do 4.º — finalmente alternando a rhyma, ora grave, ora aguda.

A resposta de tão brutal exigencia foi um surriso, e a declaração de que a lingua se não prestava a condições tão duras. Após uma lucta, concordou em que (por nos-comprazer, e convencer-nos) tentaria um só quarteto; sahíu

---

Thesouro que adivinho em seo relêvo....
Não; a tunica audaz deixar não devo.

Luctou.... mas que serviu tão crua lida?
Ella mesma ajudou-me a ser vencida.
Impotentes são sempre fôrça ou arte
Contra dous corações de uma só parte.

Despida e nua, oh céos, um só defeito
Não vi, não vi em corpo tão perfeito;
Descrever primor tal muito se-engana
Si imagina poder palavra humana.

Que torneados hombros, e que braços
Só feitos para languidos abraços!
Que seio tão formoso! que cintura!
Oh! que rosadas carnes! oh que alvura!

Ousado o inimigo assim me-investe:
Mas triumphei n'este luctar celeste.
Prouvesse aos céos, mil dias á porfia
Me-dessem cada um tal meio-dia!

Sentimos não ter podido vencer a modestia do Sr. Theophilo Benedicto Ottoni, a que nos-consentisse publicar uma sua versão d'esta elegia.

Digitized by Google

tal qual o-publicámos. Segunda campanha produziu o segundo; mas para o terceiro ja não foram de mister artificios; e a obra-prima de perfeição poetica surgiu. (*)

---

§ 70

(T. 1. p. 63) (I. V. 1.)

Intenso meio dia.

Não tome algum pichoso por defeito essa repetição da palavra *meio* no primeiro e terceiro verso; é uma reminiscencia do proprio original:

Æstus erat, *mediamque* dies exegerat horam;
Adposui *medio* membra levanda toro.

(*) Eis de que modo julga esta canção um bom ingenho, o Sr. J. M. Velho da Silva, de Macahé, n'uma carta, que aliás não era feita para a imprensa:

« Esta versão do *Corinnæ concubitus* é um verdadoiro primor rhythmico, um mimo de graças, um prodigio de correcção; finalmente é, em harmonia e doçura, uma melodia de Bellini, artistica e soberanamente instrumentada. Si o Sulmonense podesse erguer-se da terra do exilio e atravessar os seculos, viria abraçar com effusão o seo assombroso intérprete, e saudando-o lhe-diria: « Fui filho predilecto das musas; percorri todo o vasto stadio das concepções, desde os — *Tristes* — aos *Amores* —; das — *Metamorphoses* — ás — *Sentenças* —; desde os mais

Digitized by Google

§ 71

(T. 1 p. 63) (I. V. 9)

Penumbra voluptuosa.

O mimoso verso:

Aut ubi nox abiit nec tamen orta dies,

foi assim imitado por Lafontaine, liv. X. fab. 15:

. . . soit lorsque la lumière
Précipite ses traits dans l'humide séjour;
Soit lorsque le soleil rentre dans sa carrière,
Et que, n'étant plus nuit, il n'est pas encor jour.

---

abstractos devaneios de poeta que sonha, até á impassibilidade marmorea de um Ulpiano, codificando leis para reger o mundo. Vesti (continuaria a sombra) a pretexta, e o angusticlavio luxuoso do palacio; vim depois fraternisar nas ruas de Roma, e sentar-me no banquete das Messalinas; trajei a mais depurada gala da sociedade escolhida do povo-rei, e finalmente cobriram-me com a tunica de proscripto, deram-me um bordão de peregrino, e fizeram-me caminhar para terras do destêrro; porém, no meio do luxo que ostentei, nunca pela mente me-passára vir a trajar vestes tão recamadas de ouro, com broches de tão custosas gemmas e florões de matizes de tão elegante e raro lavor. Agradeço-vos pois essa immensa riqueza, que me-foi por vós reservada, ao cabo de tantos seculos; gloria a vós! »

Digitized by Google

§ 72

(T. 1. p. 64.) (I.V. 17.)

Tunica.

Tunica era, no vestuario romano, propriamente, a camisa. A das mulheres era mais larga e comprida que a dos homens, e tinha mangas; na cintura apertava-se. Significa pois isto, portuguezmente falando, que, no tal meio dia de verão, Corinna introu no quarto do poeta, em camisa, desapertada, sem nada mais por cima de si, que as madeixas sôltas.

Os romanos traziam ordinariamente duas tunicas, e ás vezes mais; a exterior é que era a verdadeira *tunica*; a de baixo chamava-se *subucula* ou *interula* nos homens, e *indusio* nas mulheres; esta camisa, a princípio, foi de lan, e só nos ultimos tempos de linho (*)

(*) È assaz curioso o que Aulo-Gellio escreveu sobre este assumpto, nas suas *Noites Atticas* (VII. 12):

« Em Roma e em todo o Lacio, era outr'ora indecoroso usàr um homem de tunicas, que cobrissem ante-braço, metacarpo e dedos; vestuario comprido e amplo, só a mulheres estava bem, para esconderem braços e pernas a curiosos. Os romanos, a princípio, não usavam tunicas, mas só togas; depois trouxeram umas tunicasinhas apertadas, que não passavam do hombro. O virtuoso e sabio Scipião Africano, venerando essas antiguidades, reprehendeu o maricas Sulpicio Gallo, entre outras cousas, por usar tunicas que lhe-tapavam as mãos todas; eis suas palavras:

Digitized by Google

Talvez fôsse logar proprio este, si as dimensões nol-o permittissem, de intrar em pormenores sôbre o vestuario romano: o principal era a *toga*, como entre os gregos o *pallio*; o das mulheres *estola*; as togas, amplissimos mantos, sem pregas, que envolviam o corpo, da cabeça até os pés, tinham signaes distinctivos, segundo o predicamento dos cidadãos (o povo usava uns saccos, de couro ou lan, chamados *pénulas*). Por cima da tunica trazia-se um cinto, para sahir á rua; as pessoas voluptuosas apertavam menos os cintos que as outras, de fórma que a tunica andava mais laxa, o que era signal de molicie e se-levava a mal; por isto censuravam a Mecenas. Não ousâmos dar mais extensão a este objecto, mormente porque a obra não necessita de mais minucias.

— « Que pensarêis de um homem, que, tódos os dias, se-penteia, uncta e emboneca ao espelho, que rapa as sobrancelhas e etc, que, ainda mocinho, se-deitou no triclinio, com tunica que lhe-cobria os dedos? beberrão e sodomita? duvidarêis de que fará o que costuma praticar a infima canalha? — »

« Virgilio tambem censura taes tunicas, como effeminadas e vergonhosas:

Et tunicæ, inquit, manicas, et habent redimicula mitræ.

« Emfim quando Ennio denomina os carthaginezes *juventude incamisada*, não é certamente para dizer-lhe uma fineza. »

Digitized by Google

§ 73

(T. 1. p. 64.) (I. V. 21.)

Semiramis.

Trogo-Pompeo, ou Justino, attribue a Nino, rei dos assyrios, a primeira guerra de conquista (liv. . cap. 1.), e eis como se-exprime acerca de seo filho Ninias, que lhe-sobreviveu:

— « Não ousando Semiramis confiar o imperio a um tenro infante, e nem tão pouco regêl-o, á face de tantas e tão várias nações, que mal supportavam jugo de homem, quanto mais de uma mulher, fingiu-se ser ella o filho de Nino, e o mancebo a viuva. Facilitava o engano serem ambos de *mediocre estatura*, voz egualmente delgada, mui parecidos nas feições. Cobre Semiramis o seo corpo com véos, a cabeça com uma tiara; e porque o público não suspeite algum mysterio, manda que todos usem trajo egual, e assim foi que se-tornou geral este vestuario.

« Tal, a princípio, mentindo ao seo sexo, foi tida pelo adolescente; e para logo começou de operar grandes cousas, até que, conscia de haver subjugado a inveja, revelou ao povo o seo proprio estratagema.

« Não lhe-custou isso o throno; antes lhe-grangeou a admiração, porque tal mulher superára, em valor, não só o seo sexo mas ao nosso.

« Foi ella quem fundou Babylonia, e se-illustrou por mil preclaras acções; mas por último, quando já

Digitized by Google

tinha reinado 42 annos, devorada de um amor incestuoso por seo filho, este a-assassinou. » —

Não é pois pela grandeza physica, pela estatura, (êrro este assaz commum) que Ovidio estabelece a comparação, visto que a rainha de Babylonia era baixa (como baixos eram Cesar e Augusto e Napoleão e tantos heroes); era porque essa mulher, *portentosa libidine celebris*, como afiança um auctor, levou a lascivia á derradeira meta do desenvergonhamento; e tanto deve ser essa a intelligencia d'este trecho, que a companheira que, na comparação, lhe-dá, é a famosa Lais, de que vamos falar.

§ 74

(T. 1 p. 64) (I. V. 23)

Lais.

Duas foram as Lais, e muitas vezes as-tomam uma pela outra; ambas ganharam nomeada grande, no rol das loureiras da boa Grecia; nasceu a primeira em Icara, na Sicilia, cêrca do anno 420 antes de Jesus Christo, e foi levada captiva, aos septe annos de sua idade, na frota de Nicias para a Grecia. Seo senhor a-consagrou a Venus, e libertando-a, estabeleceu-se ella em Corintho, onde por excessivos preços vendia os seos favores, visto ser das sacerdotisas da deusa a mais formosa. A omnipotencia do seo espirito, graça e beldade, comprova-se pela quantia de principes, artistas, oradores e

Digitized by Google

philosophos, que vinham offertar-lhe seo ouro. Foi ella a causa de se-dizer: *a Corintho não vai quem quer*.- Como os corinthios se-inriquecessem com a affluencia de estrangeiros que attrahia á cidade, erigiram-lhe, morta ella, um magnifico tumulo, cuja descripção Pausanias conservou. E todavia não foi em Corintho que falleceu: achando-se em Thessalia, ahi, as mulheres, ao tempo em que offertava um sacrificio a Venus, de puro zelosas pelo seo amor com um mancebo, ás pedradas a-mataram. A outra Lais, que viveu 50 annos depois, era filha da companheira d'Alcibiades, Timandra. Aulo-Gellio (I. 8) conta a seguinte aventura: « Demosthenes dirigiu-se um dia, ás escondidas, a casa de Lais, a pedir-lhe os seos favores, ao que ella respondeu, exigindo o pagamento de dez mil drachmas, ou um talento, que corresponde a dez mil dinheiros da nossa moeda (e a 30 contos em boas notas brasileiras)! Assombrado da enormidade do pedido, e enojado da petulancia da pedinte, volta-lhe as costas, exclamando: Não compro o arrepender-me por tanto dinheiro » ainda que a phrase em grego é mais graciosa. » (*)

(*) No *Affonso Africano*, de Quevedo, quando o poeta descreve o principe D. João nos jardins incantados, ha esta bonita oitava, confirmativa dos males que ao mundo tem causado a mulher:

A Corintho levae o pensamento,
Onde o nome de Lais bem se-conhece,
Cuidado singular, commum tormento
De quem tanta belleza olhar merece!
O mais altivo e nobre intendimento
A liberdade d'alma lhe-offerece!
Demosthenes o-diga, em lettras claro,
Não de desejos, mas do preço avaro.

Digitized by Google

Aristippo, Platão e até Diogenes foram do número dos adoradores de Lais. È a Platão que se-attribue a linda inscripção do espelho que Lais, ja intrada em annos, consagrou a Venus (Brunck t. 1. p. 170). Dizia a meretriz á sempre bella deusa de Gnido, ao offertar-lhe esse espelho:

Gnidia! a vós talvez não minta!
Sempre bella, eu vol-o dou!
Que este espelho me não pinta,
Nem qual era, nem qual sou.

Não se-perca do pensamento, para comprehender a existencia social das Lais e das Phrynes, que toda a mythologia hellenica, a propria philosophia, preconisavam a idolatria da fórma e da belleza; e que o amor, a voluptuosidade, tinha na Grecia dogmas, e um culto, de que a loureira era a um tempo pontifice e deusa.

---

§ 75

(T. 1. p. 65.) (I.V. 51.)

Meios dias como esse.

È exactamente o mesmo voto que Propercio:

Quod mihi si secum tales concedere noctes
Illa velit, vitæ longus et annus erit;
Si dabit hæc multas, fiam immortalis in illis.

Digitized by Google

§ 76

(T. 1. p. 67.) (I. VI. TITULO.)

Escravos.

Esta canção é dirigida a um escravo, que o poeta tracta com o último desprêso. Entre os traços physionomicos da famosa sociedade romana é a escravidão dos mais assombrosos. (*)

Ao lado da suprema dignidade do homem, a infima degradação da humanidade! Augusto *chorou*! por que viu um dia mal vestido um CIDADÃO, um d'esses palmers-

---

(*) Os escravos eram de duas origens: — ou tomados na guerra, d'onde nascia a escravidão, a que se-chamava *mancipia* (quasi *manu capti*) — ou nascidos de paes e mães escravos, ou das mães somente. Servio Tullio, 6.° rei de Roma (que fôra escravo) admittiu os escravos ao número de cidadãos, no que padeceu grandes opposições dos patricios, mas venceu; essa lei facultava aos senhores libertar os escravos, aggregando-os á classe dos cidadãos, para o que bastava inscrever o nome d'elles no livro público (chamado *do censo*, o mesmo que, pela lei de policia, se-mandou fazer em Portugal, no anno de 1760), tendo esta sido, entre os romanos, a primeira fórma de conceder liberdade. A segunda erá pela vara, ou *vindictâ*, methodo introduzido, um anno depois da expulsão dos reis, por P. Valerio Publicola, o qual quiz recompensar um escravo, por descobrir a conspiração dos senhores moços romanos afavor dos Tarquinios; o pretor dava uma pancadinha com a vara na cabeça do escravo, fazia-lhe dar umas voltas, e elle ficava livre:

> Vindicta postquam meus a prætore recessi
> Cur mihi non liceat, jussit quocumque voluntas.
> (Pers. Sat. V. v. 88)

O 3.° modo era por testamento. Diz Cicero: *Si neque censu,*

Digitized by Google

tonianos inglezes da antiguidade, *romanos rerum dominos gentemque togatam*! Ao lado d'esse maltrapilho homem, era o homem escravo um ente impessoal, sem cabeça. Quereis imaginar de que fórma a sociedade intendia poder tractar esse animal doméstico? Lêde na sat. VI. 210, de Juvenal, de que maneira a mulher romana responde a quem pertende cohibir um pouco a tyrannia com que ella, por um capricho, manda supplicar o escravo:

« Pone crucem servo! »— « Meruit quo crimine servus
Supplicium? Quis testis adest? quis detulit? Audi:
Nulla satis de vita hominis cunctatio longa est »
—« O demens! ita servus homo est? Nihil fecerit; esto.
Sic volo, sic jubeo: stat pro ratione voluntas » (*)

---

neque vindictâ, neque testamento liber; os assim forros, eram denominados *liberti* ou *libertini*, termo a que se-ligava o nome do patrono, v. gr. *libertus Cæsaris*. Os proprios escravos, em reconhecimento do beneficio da liberdade, punham os nomes e sobrenomes do senhor, v. gr. M. Tullius Tiro etc.

Ainda que os escravos se-tornassem cidadãos romanos, não eram admittidos, como os nascidos livres, *ingenuos*, entre os cavalheiros, e muito menos no senado; apenas ficavam associados aos privilegios da turba. Ápio Claudio os-introduziu na censura; mas a desordem, causada por esta confusão nas assembléas, foi reprimida por Q. Fabio Rullo, por cujo serviço mereceu o sobrenome de Maximo, que as suas victorias lhe não tinham grangeado. Apesar de várias confirmações d'esta politica, Sempronio Graccho foi obrigado a encerrar todos os libertos na tribu esquilina, acção com que, ao dizer de Cicero (Orat. I. 38) salvou a republica. No serviço militar eram egualmente menos estimados, motivo de servirem no mar, o mais das vezes.

(*) Eis-aqui uma versão, sobre cujas condições se não deve ser exigente, confrontando-se as dimensões dos versos latinos e portuguezes:

Digitized by Google

Ora esta *propriedade*, estes *animaes*, estes *cousas*, sem representação na vida civil, estes entes, que depois de espremidos, tracteados por seos senhores, podiam impunemente ser destruidos, nem siquer pertenciam a uma raça, naturalmente inferior á dos arbitros de seos destinos. O homem era uma mercadoria; o crédor vendia o devedor; os innumeraveis filhos ingeitados eram escravos do primeiro que os-recolhia; outros vendiam-se a si mesmos; a guerra e a conquista produ-

---

— « Crucifica-me esse escravo! »
— « Que fez? quem viu? que rasão?
Para dar cabo de um homem
Não são boas pressas, não. »

— « O' demente! escravo é homem?
Não fez nada? póde ser;
Mas praz-me; sou eu quem manda,
A rasão é o meo QUERER. »

Não ficâmos grandemente inthusiasmado com esta versão, mas sempre a-preferimos ao sermão metrico de Camillo Silvestri:

— « Ola! tosto si ponga in croce il servo!
Se il marito dirá: — « Per qual delitto
Merita il servo in croce esser confitto?
Chi é testimonio? chi fu el querelante?
Deh! senti! abbi riguardo,
Che quando di dar morte á un uom si tratta,
Non si va mai col passo troppo tardo. » —
Ella peró non cede o si ristratta,
Anzi, con gran orgoglio,
— « O' pazzo! — gli soggiunge —
Con nome d'uomo un servo vil tu chiami?!
Nulla commesso egli abbia; io cosí voglio.
Cosí commando; ove raggion non giunge,
Arrivi il mio voler. Che di piú brami? »
Amen!

Digitized by Google

ziam o maior número; piratas, especuladores, negreiros d'aquelles brancos, obstruiam os mercados com a sua fazenda.

E essa *fazenda* era o phrygio lascivo, a milesiana graciosa, ou o pedreiro, ou o musico, ou o guarda-portão, ou o poeta, ou o bobo, ou o astronomo, ou o historiador, ou o barbeiro, ou o médico. Si accreditarmos Plinio (VI. 40), subiam ás vezes essas compras a preços fabulosos. Scauro, de Pisaura, comprou o grammatico Daphno por 50 contos de reis (hodierna moeda brasilica.) O comico Roscio ganhava annualmente 35 contos, ja quasi metade de um tenor de hoje. C. Lutorio Prisco comprou Pezonte, eunucho de Sejano, por tres mil e seiscentos contos, si não anda êrro do copista do manuscripto nos algarismos.

Que importa que taes grilhões fôssem ás vezes dourados, si esse dourado em nada approveitava ao desditoso escravo? O direito do senhor era pleno. Antonio e Cleopatra experimentavam n'elles os venenos. Pollião mandou atirar um de pasto aos peixes, por lhe-ter partido um vaso; é verdade que foi reprehendido por Augusto... que fez pendurar na verga de seo navio um, que lhe-tinha comido uma codorniz. Entre os divertimentos usuaes, á mesa, figurava o de ordenarem atrozes combates entre os escravos, cujo sangue rebentava sôbre os folgasões convivas. Em quanto fortes, intelligentes ou bellos, davam-se-lhes os emprêgos appropriados, e sempre vis; velhos ou incuraveis, atiravam-se para a ilha de Esculapio, no Tibre, onde á mingua se-finavam. Um senatus-consulto (Silaniano) decretava que todos fôssem mortos, si *um d'elles* matasse um unico cidadão! Esta hydrophobia

Digitized by Google

de sangue, esta *hemophobia*, só um dia no anno admittia interrupção, na órgia das saturnaes.

E era tão numerosa a miseranda classe, que em cada casa grande havia um emprêgo particular de *nomenclador*, que tinha obrigação de decorar os nomes dos escravos. Cada corpo de officio tinha seos chefes, chamados *decuriões*, com bastantes artistas e artifices na sua decuria; isto é, sob sua direcção. Essas decurias eram mais ou menos honrosas, segundo a profissão ou emprêgo, e por isso se-promovia um escravo, em recompensa do merito, para decuria superior, ou se-lhe-dava baixa, por castigo, para outra inferior. Havia tres especies de servos: *atrienses*, criados graves que serviam no palacio; *viatores* ou *cursores*, andarilhos ou galopins; os menos estimados eram os lacaios, *villici*.

Crasso só pedreiros tinha 500; e entre os documentos curiosos da antiguidade, resta o testamento de Claudio Isidoro, queixando-se de que suas numerosas perdas, nas guerras civis, o-tinham empobrecido ao ponto de só lhe-deixarem 4156 escravos, 5600 juntas de bois, 25000 cabeças de gado miudo, e 600 milhões de sestercios (uma miseria de cêrca de 3700 contos de reis).

Tamanha oppressão, e tão contrária á natureza, produziu por vezes os seos logicos effeitos: reacções e desastrosas guerras. Os limites porem, que não devemos ultrapassar, nos-vedam dizer mais. (*)

(*) Este curioso assumpto ha sido frequentemente tractado. Recommendâmos o *Lexicon das antiguidades*, de Pitisco; o trabalho do seo predecessor Grævio; a *Profissão de fé* do *XVIII seculo*, por Eug. Pelletan (livro maravilhoso de saber, de philosophia e de eloquencia) etc.

Digitized by Google

§ 77

(T. 1 p. 67) (I. VI. 1)

Tu que á porta.

Era mui geral o uso dos porteiros, ou guarda-portões, á intrada das casas, e talvez mesmo de empregados similhantes em certas portas interiores das residencias dos opulentos. Tinham varios nomes: janitores, ostiarios, claustrituos, cubicullarios. Aulo Gellio (XII. 10) diz que se denominava claustrituo o homem que presidia ás fechaduras. Cic. 5. Verr. c. 1: Hunc vestri janitores, hunc cubicullarii diligunt. —Ordinariamente escolhiam-se para este emprèço os mais invilecidos dos escravos.

Seneca, no seo *Tractado da Ira* (L. 3 c. 37), zombando das cousas despresiveis, que muitas vezes provocam a nossa colera, mostra que esses porteiros eram pelos romanos considerados como tudo quanto havia mais abjecto:

— « Viste o teo amigo exasperado contra o porteiro de um letrado de má-morte, ou de um ricaço, por o não ter deixado intrar! e tu mesmo tomaste as dores por elle! Zangar-se um homem contra um cão de coleira! Isso, deixa-se ladrar bastante, atira-se-lhe um osso para o amansar, afasta-se a gente, e ri. »

Columella (Pref.), comparando a nobreza da vida dos campos com as vilezas a que obriga a das cidades, e percorrendo as varias posições, exclama: — « Acaso

Digitized by Google

será mais honesta a interesseira importunidade de um cliente, circumrondando as portas de um poderoso? será grande ventura passar muitas vezes noites inteiras diante de ingratas casas, repellido por um tranca-portas agrilhoado? »

Suetonio (in Dom. 17), descrevendo o assassinio de Domiciano por Estevam, fala de um dos conjurados, Saturio, que era o decurião dos cubicullarios. Este mesmo auctor porém (De claris Rhet.) diz: « Affirma-se que L. Votacilio Piluto não só fôra servo, mas até, *á moda antiga*, ostiario, preso á cadeia » Faz isto crer que este costume, ainda existente no tempo de Ovidio, ja estava perdido cem annos depois.

---

§ 78

(T. 1. p. 67) (I. VI. 17.)

Magro, leve e destemido.

Mais de uma vez Ovidio concorre para que formemos idea do seo physico. Quanto á sua magreza, não só aqui nol-a revela. Em II. X. 16 se-lê:

...Sem ser furnido colosso...
...Sob apparencias mesquinho...

Curiosa cousa é ver quantos dos poetas d'esse tempo eram franzinos ou pequeninos. De si nos-diz Propercio

Digitized by Google

ser muito baixo e de pessima saude... mas que, em compensação, a sua Cynthia era de majestosa estatura, bella mão, louros cabellos. Um facto galante, é que Philetas de Cos, poeta elegiaco, e que serviu de modêlo ao cantor de Mevania, era tambem baixissimo, e tão magrizelo, diz um biographo, que chumbava os sapatos, quando ventava forte (Quem sabe si foi do Philetas que nós, os portuguezes, tomámos a moda?).

§ 79

(T. 1. p. 68.) (I. VI. 20.)

Ensina a transpor vigias.

A mesma idea graciosamente se-reprodnz na canç. IX:

Atravez de espertos guardas
De mil vigias « *Romper* »
Eis o dever de um soldado,
Do pobre amante o dever.

§ 80

(T. 1. p. 68.) (I. VI. 42.)

Ja sei de noite girar.

Prop. liv. III, el. XIV V. 5:

Quid faciam? obductis committam mene tenebris,
Ut timeam *audaces* in mea membra manus.

Digitized by Google

§ 81

(T. 1. p. 69) (I. VI. 76.)

De que os servos nunca passam.

——

Os escravos só bebiam agua. V.ª ad Petron. cap. LXXI, o qual faz dizer a Trimalchião que os seos escravos hãode cedo beber a agua livre.

——

§ 82

(T. 1. p. 71.) (I.VI. 111.)

Moderado Baccho accende.

——

Era o vinho um assumpto delicado e poetico para os antigos. Não faltavam, de certo, borrachos grosseiros em Athenas e Roma; o beber porém, para as pessoas de apuro no viver, tinha sua idealidade; era uma especie de systhema; e até mythos e usanças religiosas lheconciliavam sua veneração. O deus das vinhas era um filho de Jupiter, um triumphador, e ao mesmo tempo um deus menino e folgasão; —na sua comitiva figuravam bellas moças, as bacchantes; — Sileno era o prototypo da velhice amavel; — a musica e as danças animavam as festas de Baccho, e d'entre ellas nasceu a tragedia,

Digitized by Google

com que tanto se-ufanava a Grecia; — libações de vinho figuravam em quasi todas as ceremonias sagradas; — as crateras ou cangirões, depósito do vinho nos banquetes, e os copos dos commensaes, eram ricos e muitas vezes esculpidos por artistas insignes; — o beber nos festins tinha suas pragmaticas; — ao porem-se á mesa, nomeava-se ou tirava-se á sorte, quem havia de ser o rei do vinho, a quem todos os bebedores obedecessem; — os commensaes perfumavam-se e coroavam-se de flores; — finalmente, para evitar, quanto possivel os excessos, o vinho era destemperado com agua pura; de tudo isso resultava que os poetas folgavam de o-cantar, e o-cantavam sem desdouro. A embriaguez, que os nossos arcades cantavam em eternos dithyrambos (*eternos*, só pela extensão) é uma degeneração notavel da poesia bacchica d'aquellas eras; os dithyrambos, de Diniz da Cruz e seos co-religionarios, são um genero bastardo, em que debalde se-procuraria nem vislumbre da graça de Anacreonte e Horacio, quando entoavam, entre os seos commensaes, as folganças do beber; estes dithyrambos estão para as odes bacchicas, finas e de lei, como o alambicado e delambido madrigal para as simplezes namoradas dos mesmos dous auctores.

A voluptuosidade do amor e a do vinho harmonisavam-se portanto perfeitamente; e é n'este ponto de vista que nos-devemos collocar para comprehendermos a declaração, que o nosso poeta espontaneamente faz, como o-faziam outros muitos seos contemporaneos, de vir espiritualisado, procurar o colloquio da sua Bella. É assim, ou peior, que tambem Propercio (I. VI.) se-dirige á sua, com passos tremulos de vinho:

Digitized by Google

Ebria quem multo traherem vestigia Baccho.

Anacreonte proclama, a cada passo, Baccho como o primeiro valído das musas. Si (como diz Horacio) accreditarmos o velho Cratino, (o poeta comico grego): *Nulla placere diu, nec vivere carmina possunt, quæ scribuntur aquæ potoribus,* sendo esse o motivo porque nós, que não bebemos vinho, renunciâmos o poetar. Ha, no 1.° livro da *Anthologia*, um epigramma, que assim começa:

Sem o sumo, que a vinha só cria,
È o metro uma semsaboria!
Contraría!
Enfastia!
Tresvaría!
Angustía!
Arripía!
Vate, que só bebe agua! faz poesia
Frouxa, sem sal, dessaborosa e fria.

Aristophanes, na sua comedia — *Paz* — diz que quando os Lacedemonios vieram pôr o cêrco a Athenas, Cratino morreu de afflicção, por ver um ôdre romper-se e ir-se-lhe o vinho. Horacio exprime-se, como Anacreonte, na ja citada ode 39:

—Tristitiam et metus
Tradam protervis in mare Creticum
Portare ventis —

Não se julgue entretanto que Ovidio era dado, com excesso, ás bebidas espirituosas; apenas raras vezes e com moderação, parece ter ultrapassado os regulares

Digitized by Google

limites. No L. 1°. da Arte declara elle que a mesa e o vinho devem apenas causar alegria. No Remedio de amor, diz que o vinho dispõe bem, mas em quantidade moderada, aliás, anniquilla as faculdades do espirito; e na última epistola do L. I. dos Pont. diz que, nunca bebia sinão quasi agua: *Scis mihi quam solæ pœne bibantur aquæ.*

Era pois antipoda de Anacreonte, que defendia, mui chistosamente, que nada no universo fôra creado sinão para beber (ode 19.ª):

A terra, bebe a chuva. A planta suga a terra.
O mar ingole o rio. O sol absorve o mar;
E a lua absorve o esplendor solar...
Pois, si eu bebo tambem, porque me-fazem guerra!!

O certo porem é que nem os poetas da christandade, nem os philosophos (de todos os tempos) teem o sumo da vinha como digna musa inspiradora; ao contrário. Os lacedemonios faziam ver aos seos filhos um escravo bem ebrio, afim de lhes-inspirar, por aquelle torpe e degradante espectaculo, aversão á embriaguez. Ismael Sophi, primeiro rei da Persia, tão valente na guerra como destro na paz, inebriava os embaixadores, para lhes-colhêr as instrucções secretas. Montesquieu, nas *Cartas Persanas*, ataca o princípio dos poetas greco-romanos: « Dizem que o vinho se-toma como remédio da tristeza! Não ha peior cousa do que as condições, tiradas da necessidade do mal, da inutilidade dos remedios, da fatalidade do destino, da ordem da Providencia e da desgraça da condição humana! Beber vinho para expellir tristezas é querer curar um mal com outro cem vezes peior. »

Digitized by Google

Portanto fiquemos n'isto. Todos estes excitantes: os vinhos, os licores espirituosos, os caffés, as cantharidas, os hatchiz, são venenos da constituição humana; e o abuso de taes provocadores dentro em pouco embota e exanime imaginação e intelligencia.

---

§ 83

(T. 1. p. 71.) (I. VI. 112.)

Trago esta c'roa a cingir-me

A cabeça, como parte culminante e importantissima do nosso composto, foi, quasi geralmente e sempre, adornada e ennobrecida. Divisas de imperio, de sacerdocio, de milicia e de triumpho, para a cabeça se-inventaram principalmente. As imagens mesmas dos entes sobrenaturaes foram cingidas, ja de ramos, ja de flores, ja de aureolas. Por imitação, por tradição vaga, ou por instincto, ainda hoje aldeans e serranos se-ingrinaldam; os voluptuarios da mesa, da convivencia e da poesia não podiam esquecer-se de um deleite tão facil e tão gracioso. Ataviavam-se na Grecia de capellas de flores; em Roma fez-se o mesmo; as provas pullulam de todas as poesias de uma e outra nação. No seo inthusiasmo para com essas filhas da primavera, que assim lhes-realçavam as delicias, os regalões tinham para si que muitas flores possuiam a

Digitized by Google

secreta virtude de preservarem a cabeça contra os fumos do vinho, que, pelo menos, defendida assim, não trepava lá tão facilmente. A furia de laurear emfim era tal que até caveiras coroadas se-levavam para os festins, com o sensual intuito de estarem prégando mudamente a necessidade de se-approveitar em praseres a existencia, que tão depressa se-nos-escôa (V.ª a Nota 111); era um singular *memento* aquelle; mas harmonisava com a religião. Nas odes de Anacreonte e de Horacio, a morte e o tumulo apparecem sempre, como contraste e exhortação, no meio das scenas mais ridentes; a poesia christã não deixou de herdar um pouco estas mesmas tendencias, de envolta com as mythologias e com a linguagem consagrada.

Assim como as capellas, os perfumes tinham grande consummo n'essas eras: de oleos aromaticos se-ungiam, ao sahir dos banhos; em fragrancias se-empapavam, ao reclinarem-se ás mesas. De alguma d'ellas, em dia de festa, tinha sahido o nosso poeta, quando, assim coroado, embalsamado, e animado com as libações, vinha procurar os seos amores.

---

§ 84

(T. 1. p. 72.) (I.VI. 157.)

Si ainda, ó Boreas, te-lembras.

Eis como Bocage narra o rapto de Orithya por Boreas, na sua traducção de trechos do L. VI das *Metamorphoses*:

Digitized by Google

O afamado Erichthêo regía Athenas
(Heroe na rectidão e heroe no esfôrço).
Quatro filhos houvera e quatro filhas.
Em duas florescia egual belleza.
Foi Procris, uma d'ellas, esposada
Por Céphalo, de Eólo egregio sangue ;
A outra, inda donzella, era Orithya.

Arde em seos olhos o Estrymonio Boreas...
Arde ha muito, e do pae ha muito a-espera,
Brando rogo antepondo a dura fôrça ;
Mas, vendo as preces vans, lesada a gloria,
Hórrido co'a braveza, a que anda affeito,
Crua, espantosa, natural ao vento,
E da rasão munido, assim declama :

—« Porque ? porque depuz, insano, as armas,
« Fereza, robustez, e voz terrivel,
« Usando o rogo, que a meo ser não quadra ?
« Só me-convém, me-é propria a fôrça, a ira!
« Com ellas arrebato as altas nuvens,
« Com ellas em montanhas ergo os mares,
« Torço os carvalhos, indureço as neves,
« A redonda saraiva arrójo á terra ;
« E si os bravos irmãos nos céos incontro
« (Que vós, ó vastos céos, vós sois meos campos),
« Com tanta audacia, tanta furia lucto,
« Que nosso embate horrendo atrôa o polo,
« E d'entre a cerração rebenta o raio.
« Si o grão seio investigo á curva terra,
« Si ás íntimas cavernas metto os hombros,
« Turbam-se os manes, estremece o mundo.
« D'est'arte me-cumpria haver a esposa.
« Devia usar da fôrça, emvez das preces ;
« Não rogar Erichthêo, mas constrangêl-o ! »

Isto, ou mais, Boreas diz. As azas bate,
E abana as terras, e revolve as ondas.
Pelos cumes altissimos dos serros
Manto pulverulento o deus arrasta ;

Digitized by Google

Varre o chão, e, escondido em nevua grossa,
A timida Orithya involve, abraça
Co'as fulvas pennas, e remonta o vôo.
Em quanto adeja rapido com ella,
As flammas agitadas mais se-ateiam,
E na aerea carreira impetuosa
O activo roubador se não reprime,
Até que pousa nos sithonios muros.
Alli a Actéa, singular princeza,
Esposa foi do aligero tyranno,
E mãe dos gemeos inclitos, que abriram
Não vistos mares no baixel primeiro.

---

§ 85

(T. 1 p. 73) (I. VI. 172.)

Co'o facho, que trago acceso.

O dysticho latino resa assim:

Aut ego jam ferroque ignique paratior ipse,
Quem face sustineo, tecta superba petam.

Segundo a versão, o poeta ameaça queimar a casa, com o archote, que *traz acceso*. Não ha duvidar que geralmente assim se-interpreta este passo. O Padre Pellegrino Salandri exprime-se d'esta arte:

Digitized by Google

.... apri tu dunque quella porta,
O ch'io, piu pronto, e col ferro, e col foco,
Che la fiaccola accesa meco porto
Impetuosamente contro questi
Tetti superbi etc.

Ousâmos porem suspeitar que este não fôsse o pensamento de Ovidio, pois daria um absurdo. Não sepõe um namorado, horas esquecidas,... com úm archote na mão.... *para ninguem o-ver*! Si era secreta essa expedição nocturna, cumpre buscar mais plausivel explicação; poderia achar-se n'uma enallage, um arbitrario presente por um futuro, — *o facho que heide empunhar* — emvez do — *que empunho* —. Mas ha ainda outra interpretação, talvez mais segura. O *fax* dos latinos não significava forçosamente *facho*, *archote acceso*, mas tambem *archote não acceso*: *Fustis incisus est compositus* AD LUMEN FACIENDUM. (*) Talvez que a idéa fôsse pois: — « Eu, com o fogo que se-acha contido (apenas se-accender) no brandão que empunho etc. » Devemos todavia confessar que o nosso mestre, o profundo latinista, auctor da Paraphase, rejeitou esta glosa, considerando « mais natural e provavel o texto, que na poesia se-lê; violenta e desnecessaria a enallage do presente pelo futuro, estando logo no mesmo periodo outro futuro, bem expresso, a desmentil-o. »

(*) Os archotes dos antigos eram diversos dos nossos; faziam-se de páos, seccos ao fogo ou ao sol, ordinariamente de pinho, mas Plinio diz que no seo tempo se-usava carvalho, olmo e aveleira; fala-se, no septimo livro da Eneida de um archote de pinho. Outros fachos se-traziam, tubos cylindricos ou conicos, cheios de combustiveis.

Digitized by Google

Venhamos ora ao assumpto dos usos romanos. Visto não haver illuminação pública, nada mais natural do que andar, de noite, com archotes, sendo de crer que só se-accendessem, concluidas que fôssem as excursões furtivas. Todavia os poetas eroticos decantam esse uso das corôas e dos fachos nas expedições amatorias; parece mesmo que os devassos costumavam, nas suas correições nocturnas, suspender corôas à porta da loureira, que os-havia accolhido, ou, quando repellidos, deixar-lhe ao limiar o archote feito pedaços. Entre as muitas canções romanas, dirigidas *ás portas*, distingue-se a XVI do L. 1. de Propercio, onde se-nota:

Et mihi non desunt turpes pendere corollæ
Semper, et exclusi signa jacere faces.

---

§ 86

(T. 1 p. 74) (I. VI. 217)

Adeus umbraes insensiveis.

Esta praga ás portas era mui commum entre os poetas eroticos d'aquellas quadras. (*) Ouçamos Mi-

(*) Tib. I. el. II. 7.

Janua difficilis domini, te verberat imber,
Te Jovis imperio fulmina missa petant!

Digitized by Google

rabeau: « Estas imprecações dos amantes da antiguidade, são despropositadas; e todavia explicam-se no seo systhema de mythologia, porque havia um deus, que ás portas presidía, Jano, que Ovidio nomeia, nos *Fastos*, porteiro dos céos. Nas festas, coroavam-se as portas com grinaldas, folhagens e arvores inteiras, que solemnemente se-plantavam á porta; nos luctos, era um cypreste. As portas dos romanos eram guardadas por um cão de fila, cujo retrato se-pintava na parede do cubiculo do porteiro, ou mesmo na frente da casa, pondo-se por cima da pintura um lettreiro: « *livra do cachorro* ! » Um uso que póde dar idéa da crueldade com que os romanos tractavam os servos, é que os proprios porteiros jaziam acorrentados com grilhões aos pés, no atrio, á intrada da casa, á sua vigilancia confiada. Ahi, n'uma cellasita de escravos, deitado no chão, com um enorme sabujo, seo collega, vigiavam de dia e parte da noite. Estes porteiros tinham como insignia de suas funcções, e de alguma fórma como attributo, uma vara, que traziam geralmente na mão, e com que inxotavam o povo. »

Ora que concluimos, com esta canção, as digressões sobre portas e porteiros romanos, repetiremos que, n'este assumpto, como em outros, foi para os eroticos latinos que Rabelais inventou os seos carneiros de Panurgio; e que em um dando um tiro, fazia-se egual fogo em toda a linha. Porque uma idéa agradou, poz-se á la moda, e eis toda a orchestra poetica tocando variações interminaveis sobre o sympathico thema. Por imitação, todos adumeram a mesma ordem de ideas, os mesmos factos, as mesmas imagens, e as mesmas circums-

Digitized by Google

tancias, do mesmo modo que todos invocam esta ou aquella musa, ou espirito-sancto inspirador, no princípio dos poemas. Tibullo invectiva a porta de Delia, por sua inexorabilidade; de fatalidade egual se-queixou Horacio, Propercio, Ovidio, e a magna comitante caterva. Contagio é esse que ainda hoje, *more pecudum*, accommette os vates; de tempo a tempo, assoma uma idéa, desinvolve-se n'uma praga, acaba n'uma mania. Quantos se-hão queixado (sinão da tyrannia *das portas*) da tyrannia das suas bellas, que nada teem, coitadinhas, de tyrannas, só porque Petrarca, com egual rasão, procedeu com a sua Laura? Mal sonhavam os fundadores das *cinturas de vespa*, dos *ceos de anil*, e dos vários ingredientes *de cristal* (para rhymarem *co'o meo velho Portugal*) que estavam fundando uma interminavel dynastia, cuja pesada lista civil pagâmos nós, os leitores. Não antevia Anacreonte, quando compunha a sua mimosissima ode 20.ª, que ella havia de ter a sorte das ovas de certo peixe, que produz, de um só bojo, 30 milhões de entes similhantes; si eu fôra rei, dera-te o sceptro; si eu fôra padre, dera-te a corôa; si eu fôra passarôlo, cantaria para ti; si eu fôra aragem, brincaria com os teos cabellos; si eu fôra baleia, daria as barbas para o teo balão etc. etc.» (V.ª a N. II. XV. Tit.) A imitação, fonte aliás dos bellos effeitos, tambem transforma o optimo em pessimo, o delicioso em causticante, o sublime em ridiculo, as rosadas côres da saude no vómito negro da febre-amarella.

Uma cousa é a pallidez do Porcio Latrão, outra a dos cuminhos dos seos discipulos (*); quando virdes cer-

(*) Conta Plinio (XX. 57.) uma instructiva anecdota: Porcio Latrão, mestre do nosso Ovidio (§ 1. art. X), e sapientissimo na eloquencia,

Digitized by Google

tos cançados arremedos de inspirados arrojos, bradae, sem receio: *é cuminho, é cuminho!*

Em materia de *portas*, alem dos *cuminhos* romanos de lei, ha uma quantidade de macaqueamentos latinos. Ha um, assaz curioso, do honrado Francisco Zanotti, cuja elegia seria digna, em verdade, de Tibullo, si tão tibulliana não fôsse. Em francez ha 600 copias, mais ou menos concertadas com o original, e firmadas afinal com o nome dos escrivães Parny, Bertin, Chaulieu &. Vejamos, como amostra, para concluir, o *cuminho* de Passerat:

L'humide nuit, nourrice des amours,
A jà parfait la moitiè de son cours;
L'oiseau cresté déjà le jour salue,
Et je demeure encore emmy la rue,
Devant un huis inhumain étendu,
J'ai trop longtemps mon bonheur attendu;
Gonds et verrous, et toi, porte fermée,
Permettez-moi de voir ma bien-aimée!
Porte, m'amie, hélas! souvienne-toi
De mon service et de ma ferme foi!
De maintes fleurs j'ai la place semée
Pour t'honorer, et je t'ai parfumée
De bonne odeur; j'ai baisé ton loquet,
Y attachant tous les soirs un bouquet,
Quand humblement te faisais ma prière,
Afin d'avoir secours en ma misère;

---

tornára-se de uma pallidez sepulchral, á fôrça de estudos e vigilias; os discipulos d'elle, ambicionando n'isto (e provavelmente só n'isto) imitál-o, devoravam cuminhos, por lhes-supporem a virtude de empallidecer: « *Verumtamen omne palorem bibentibus gignit; ita certe ferunt Porcii Latronis, clari inter magistros dicendi, adsectatores, similitudinem coloris studiis contracti imitatos!* »

Digitized by Google

J'ai repassé cent et cent fois le jour
Par devant toi, pour te faire la cour ;
Tu as oui le matin des aubades,
Lais, virelais, et chansons et ballades ;
J'ai tremblotté, j'ai martelé des dents
Au cœur d'hiver, pensant entrer dedans.
Témoins en sont les astres et la lune
Qui ont souvent pitié de ma fortune.
Huis envieux, qui caches les beautés,
Si sur ton seuil j'ai rompu mes côtés,
Fais-moi ce bien que céans je demeure
Tant seulement quelque demi quart d'heure !
Ois comme il pleut, ton guichet soit ouvert
Au pauvre amant, pour le mettre à couvert.
Porte cruelle, et quasi aussi dure
Que celle-là pour qui la mort j'endure,
Tu fais la sourde, et je perds mes propos...
Va, ton marteau ne te laisse en repos !
Toujours sur toi vienne souffler la brise,
Tombe la grêle et la foudre te brise !
Autre peinture on ne lise en tes ais
Que des gibets et cornus marmousets ;
Les chiens passants y fassent leur ordure ;
Toujours sois-tu sujette à toute injure !

Sot que je suis ! qu'est-ce que je maudis ?
Pardonne-moi, porte, je m'en dédis.
Je n'en puis mais ; si je t'ai dit outrage,
Ce n'est pas moi ; c'est l'amoureuse rage
Qui contraint l'homme, insensé, furieux,
De blasphémer la puissance des dieux.
Faisons la paix ! porte, je te pardonne,
Pardonne-moi, et ouvre-toi, mignonne.
Si tu ne veux, atteinte de pitié,
T'ouvrir du tout, ouvre-toi à moitié,
Ou deux fois moins ; je trouverais passage ;
Amour m'a fait si maigre à cet usage.
Je ne crains point d'être vu ni surpris ;

Digitized by Google

Amour rusé m'a ses ruses appris.
A tout le moins que ma voix trouve place
Par quelque fente et petite crevasse,
Tant qu'elle puisse à ma dame venir,
Pour de mes maux lui faire souvenir.
Ha ! j'ai espoir de meilleure aventure !
On vient à l'huis, on touche à la serrure....
Je suis trompé.... l'huis, ainsi que devant,
Demeure clos! C'était le bruit du vent,
Qui, avec lui, ce bel espoir emporte.
Adieu, l'espoir ! et au diable la porte !

Et nous en disons autant :
Adieu l'article ! et au diable la porte !

---

§ 87

(T. 1. p. 75.) (I. VII. TITULO.)

Pancadas.

Desagrada o assumpto d'esta canção ; o arrependimento póde fazer perdoar, mas não sanctifica o delicto. Um homem, um cavalheiro, um romano do grande seculo, o grão-mestre de amores, o delicado e urbanissimo.... arrancando os cabellos e ferindo as faces de uma formosa !

Contra uma dama, ó peito carniceiro,
Fero vos-amostrais e cavalleiro ! !

Digitized by Google

É excesso indecoroso, selvajaria brutal, merecedora de muito mais pesado castigo, do que aquelle a que o poeta se-offerece ; dar *pancadinhas* de amor, passe, mas moêl-a com *pancadas* !

Bem diz Tibullo (I. X.):

Ah! lapis est ferrumque, suam quicunque puellam
Verberat ; e cœlo deripit ille deos.
Sed manibus qui sœvus erit, scutumque sudemque
Is gerat, et miti sit procul a Venere.

Outro tanto bradou Bertin (Eleg. V. 3.):

.... Dieux immortels, tonnez !
Quiconque a pu frapper la maîtresse qu'il aime,
Un jour, n'en doutez pas, à vos yeux étonnés,
Sur vos autels détruits vous détruira lui-même.

Propercio, menos indelicado (II. V.), falou, sim, para desafôgo da sua colera, de vestidos rasgados. unhas cravadas, e cabellos arrancados ; mas foi para lhe protestar que, por mais que ella fizesse, nunca a excessos taes se-arrastaria (*) :

Não temas, ingrata,
Que eu rasgue essas vestes,
Que encobrem, ó perfida,
Encantos celestes!

Não temas que as portas
Que me-ousas fechar,
Da ira no cúmulo,
T'as-tente arrombar ;

(*) Nec tibi perjuro scindam de corpore vestem,
Nec mea prœclusas fregerit ira fores ;
Nec tibi connexos iratus carpere crines,
Nec duris ausim lœdere pollicibus.
Rusticus hæc aliquis tam turpia prœlia quœret
Cujus non hederæ circuiere caput.

Digitized by Google

Que as unhas te-crave,
Sanhudo te-espanque,
Que a coma aromatica
Insano te-arranque.

Taes furias de raiva
Selvagem, villoa,
Só cabem a um rustico
Que a hera não c'roa!

Mas o certo é que, apesar de ter a cabeça *cingida de corôa*, o nosso Ovidio foi tal *rustico*; não tem vergonha?

....Embainhemos porem as nossas críticas. Não era possivel que esta canção assentasse sobre factos reaes; o demonio não é tão feio como o-pintam; confessa-se o poeta de um crime imaginario; são inoffensivas phantasias; pancadas olympiacas. Como Tibullo, Propercio e outros falaram de desancar as amantes, intendeu o homem que não lhes-devia ficar atraz, e, sem ter jamais dado uma surra em corpo, deu uma surra... em verso!

---

§ 88

(T. 1. p. 76.) (I. VII. 17.)

Ajax.

Filho de Télamon, rei de Salamina, capitaneou a esquadra, que da patria se-enviou, na conjuração da Grecia contra Troya. Era de extraordinarias fôrças; colossal e quasi invulneravel. O seo escudo é afamado,

Digitized by Google

por ser composto de 7 grossas pelles de touro, com forros de chumbo por entre ellas:

.....Dominus clipei septemplicis Ajax.

Disputou com Ulysses a herança das armas de Achilles. A eloquencia de Ulysses prevaleceu á valentia de Ajax; este, perdido o pleito, inlouqueceu furioso e se-lançou a destruir os gados que o exército dos sitiantes tinha reunido para sua mantença. Tornado em si, e reconhecendo que o seo desatino o-tornára alvo do escarneo geral, matou-se, com a espada que Heitor lhe-dera, após o combate singular que entre elles houve. (E' o assumpto de uma tragedia de Sophocles). Erigiram-lhe templos, e a sua fama foi das maiores.

Contam que os ossos de Ajax foram descobertos, por se-lhe-ter arrombado o tumulo, com uma invasão do visinho mar; eram estes de grandeza descommunal; o imperador de Roma, Adriano, em cujo tempo occorreu o descobrimento, ordenou que os-tornassem a interrar.

---

§ 89

(T. 1. p. 76) (1. VII. 21.)

Orestes.

Filho de Clitemnestra e Agamemnon, rei.

Tendo Agamemnon sido morto por sua esposa e Egistho, para este lhe-usurpar o throno, Orestes, ainda

Digitized by Google

creança, foi salvo por uma de suas irmãs, e creado occultamente. Adulto ja, e quando ninguem sabía que elle era vivo, recebe, do oraculo de Apollo, ordem de vingar a morte paterna. Pylades, seo amigo, e inseparavel, o-accompanha. Egistho, o regicida, e Clitemnestra, a conjugicida, morrem ás mãos de Orestes. Cumpriu uma ordem dos Deuses, mas os remorsos o-atormentam; perde a rasão; perseguem-n'o as furias infernaes; briga com ellas. A sua causa foi julgada no areopago de Athenas; os votos sahem empatados; Palas ou Minerva desempata, absolvendo (D'aqui vem chamar-se *voto de Minerva*, nos tribunaes modernos, o que desempata a favor do reo).

Meneláo, antes de partir para a guerra de Troya, tinha promettido a mão de sua filha Hermione a Orestes. A 8.ª Heroide d'Ovidio é d'aquella a este.

---

§ 90

(T. 1. p. 76.) (1. VII. 32.)

Atalanta.

Haverá duas, uma arcadica, outra beocia? Parece ser aquella, filha de Jasião. Louca pelo exercicio da caça, passava n'elle os dias. Pertendeu conservar sua virgindade; mas obrigando-a seo pae a escolher esposo, poz como condição o perseguir, armada, os seos per-

Digitized by Google

tendentes até um alvo, para dar a morte ao que surprehendesse, ou a mão ao que vencesse na carreira. Milanion não receou a sorte de tantos que o-haviam precedido, e Venus lhe-deu uns pomos de ouro, que o pertendente ia lançando no caminho; Atalanta se-ia abaixando para os-levantar, e Milanion a-venceu e desposou. Parece que Ovidio confundiu as duas Atalantas, si o-são, visto falar de feras menalias.

Plinio (35. 6) dizendo que em templos de Ardéa havia pinturas mais antigas que Roma, as quaes se-conservavam admiraveis de frescura, apesar de não protegidas por tecto, accrescenta que em Lanuvio se-admiravam uma Atalanta e uma Helena, pintadas na parede pelo mesmo pintor, perto uma da outra, as quaes estavam perfeitas, apesar de ter o templo cahido em ruinas; que o imperador Caligula quiz transportál-as, mas não poude.

---

§ 91

(T. 1 p. 76) (I. VII. 37.40)

Ariadne. Theseo.

Ariadne era filha de Minos e Pasiphae; Theseo, decimo rei de Athenas, filho de Egeo e Ethra, cuja infancia e mocidade foi cheia de aventuras, em que desenvolveu sobre-humano valor. Sua mãe houvera, de um touro branco, um filho, meio homem, meio touro, para o qual Dédalo construiu o labyrintho de Creta. Nutria-se o Mino-

Digitized by Google

tauro de carne humana. Os athenienses, para se-libertarem de uma peste, enviada pôr Jupiter, receberam do oraculo ordem de mandar regularmente a Minos 7 mancebos e 7 virgens, para pasto do monstro (era quasi como o nosso tributo das cem donzellas); iam pagar as páreas, pela terceira vez, quando Theseo se-offereceu para o-matar. Apenas o heroe chegára a Creta, Ariadne se-apaixona por elle; dá-lhe um novelo de fio, ensinando-lhe com elle a sahir do labyrintho; d'essa fórma Theseo mata o Minotauro, e volta á luz. Depois d'estas façanhas, Theseo roubou Ariadne, mas, fôsse qual fôsse o motivo, desamparou-a em Naxos.

A 10.ª Heroide d'Ovidio (depois respondida por Aulo Sabino) é de Ariadne a Theseo, queixando-se d'este abandono. O certo porém é que a dôr intensa, profunda, lancinante, eterna, lá se-foi amansando, e por fim de contas, chorou com um olho e riu com o outro, fazendo-se sacerdotiza de Baccho, e, ás duas por tres, casando-se com elle (*).

(*) E por isso uma das figuras de um dithyrambo de Domingos Maximiano Torres se-exprime assim:

Damon! Leneo inda não apparece?
Dá-me outro copo d'aquelle que imita
A accesa côr de Ariadna formosa,
Quando passou de amargura infinita
(Mais que nenhuma mortal venturosa),
Dos braços invenciveis
Que mil monstros terriveis
Votaram a Sumano,
Ao nosso soberano
O crin-aureo Lyeo;
E em tal gôso e doçura
A sua alma ingolphava,
Que, attonita e extatica,
A ventura fantastica
Da irmã não invejava,
E até se-deslembrava
Do perfido Theseo.

Digitized by Google

§ 92

(T. 1. p. 76) (l. VII. 42.)

Em ter enastrada a coma,
Se-viu Cassandra affrontar.

———

Enastrada a coma: *Vittatis capillis.* VITTA era uma facha, que enastrava os cabellos emtorno da cabeça, e por onde as matronas se-distinguiam das virgens. Tambem usavam *vittas* (de que talvez nós sacassemos a palavra *fitas*) os sacerdotes, os poetas, e se-punham nas estatuas dos deuses, nas victimas, &c.

Cassandra ou *Alexandra*, filha de Priamo e Hecuba, formosa como Venus. Enamorado d'ella, Apollo lhe-offereceu o dom da prophecia, si ella consentisse em ser d'elle; exigindo paga adiantada, para logo adquiriu a qualidade prophetica, mas roeu a corda; Apollo vingou-se, fazendo que nunca os seos vaticinios fôssem accreditados; tal foi o do incendio de Troya, que ella predisse em vão. Procurou Cassandra, por occasião do saque da cidade, asylar-se no templo de Minerva, porem penetrando Ajax n'elle, arrancou-a á estatua da Deusa, com que se-abraçava, e violentou-a; d'onde proveiu o odio de Minerva aos gregos. Coube Cassandra depois a Agamemnon, que a-levou para Mycenas, onde foi assassinada por Clytemnestra, ao prophetisar, horrorisada, o homicidio que ia tentar-se.

Digitized by Google

Este passo faz lembrar o admiravel trecho da Eneida, liv. XII v. 403 :

Ecce trahebatur passis Priameia virgo
Crinibus a templo Cassandra, adytisque Minervæ,
Ad cœlum tendens ardentia lumina frustra ;
Lumina ! nam teneras arcebant vincula palmas.

---

§ 93

(T. 1 p. 78) (l. VII. 78)

Diomedes.

Um dos mais brilhantes vultos homericos. Levando 80 naus ao cerco de Troya, nenhum heroe, a não ser Achilles, o-excedeu em façanhas. Coberto da sua pelle de leão, e armado com a couraça forjada por Vulcano, pelejou contra os Deuses principaes, porque tambem tinha Minerva por si. No duello contra Heitor, foi precisa a intervenção de Jupiter e Apollo, para salvar o heroe troyano. Luctando com Eneas, Venus, mãe d'este, se-precipitou para involver seo filho n'uma nuvem e occultál-o assim aos tremendos golpes do inimigo, quando Diomedes feriu a propria Deusa na mão, obrigando-a a sahir do campo de batalha. A esta tradição homerica Ovidio allude aqui. (Vide Liv. V da *Iliada*.)

Digitized by Google

§ 94

(T. 1. p. 78.) **(I. VII. 105.)**

De terno dente mostrar.

Não investigaremos si se-usam ainda hoje estes signaes de affecto, ferrando, com amoroso transporte, o dente no bem-amado.

O que só diremos é que, si ainda se-pratica, já se não canta; outros foros terá, mas os poeticos perdeu-os. N'outras canções, e nomeadamente L. 1. VIII v. 136, L. 3. XIV. v. 79, nos-tornam a apparecer as mordeduras! Prova, aliás, era essa, frequentissima, de adoração, si devem ser cridos os poetas eroticos. Em Horacio lemos:

... sive puer furens
Impressit memorem dente labris notam.

Catullo, carm. 8:

Quem basiabis? quoi labella mordebis?

Plauto:

Teneris labellis molles morsiunculæ.

Propercio 1. IV. V. v. 39.

Semper habe morsus circum tua colla recentes
Litibus alternis quos putet esse datos.

Tibullo, I. VI.

Digitized by Google

Tum succos herbasque dedi, queis livor abiret,
Quem facit impresso mutua dente Venus.

I. VIII.

Et dare anhelanti pugnantibus humida linguis
Oscula, et in collo figere dente notas.

emfim toda a romana galeria erotica parecia damnada ; e já não é para admirar que poetas, que tantas dentadas feravam nas bellas, fossem tambem por ellas, ás vezes, trazidos entre dentes.

---

§ 95

(T. 1 p. 79) (I. VII. 129.)

Qual estatua que de Páreo
Niveo marmore sahiu.

A ilha de Paros era uma das Cyclades, patria providencial dos maximos esculptores da antiguidade, Phidias e Praxiteles. O seo marmore é o mais formoso e da mais alta antiguidade. N'essa ilha se-gravaram os famosos fastos de pedra, denominados *marmores de Arundel* ou *de Paros*. De taes marmores usaram os mais habeis estatuarios. São d'elle a Venus de Medicis (Roma), a Diana caçadora do Louvre), etc.

Digitized by Google

§ 96

(T. 1. p. 80.) (I. VII. 137.)

Zephyro.

Os antigos apenas contavam quatro ventos; e Homero (Od. v. 295) só nomeia esses para os quatro pontos cardiaes; mas depois multiplicou-se esta dynastia com o subsolano ou apheliosa; vulturno ou euro; austro ou noto; africo ou libs; favonio ou zephyro; corus ou argestes; septentrião ou aparctias; aquilão ou boreas. Houve mais o thrascias, o cœcias, o phœnicias, o libonoto, o mesen, e o euronoto, sem contar uma caterva de ventinhos endemicos, para uso de cada localidade, como os pirajás da Bahia, e os monomocaios de Moçambique.

Quanto ao zephyro (em grego, e favonio em latim) era o vento amoroso, que soprava do occaso da primavera, nas poeticas regiões hellenicas. D'ahi veiu que na mythologia latina, esse *pae das auras* era um genio bemfeitor, coroado de flores, com azas de borboleta, resvalando pelos ares, com cestinho na mão cheio de lindas flores da primavera. (*)

(*) Como Aulo-Gellio se-leia sempre com prazer, e aqui venha a talho de fouce, daremos o art. XXII do L. II, das suas *Noites Atticas*, que sobre o assumpto nos-dá curiosas noções:

« — A' mesa de Favorino, quando se-estava em intimidade, era costume lerem-se poesias antigas de algum lyrico, ou historia, já da lin-

Digitized by Google

§ 97

(T. 1. p. 80.) (I.VII. 140)

Se-increspa a face do mar.

La Fontaine, na fabula *Le chêne et le roseau* :

— Le moindre vent qui d'aventure
Fait rider la face de l'eau.

— A brisa que vai brincando
E inruga o espelho das aguas.

---

gua grega, já da latina. Um dia, apparecendo, n'um verso latino, o *vento iápice*, perguntámos nós, que vento era este, d'onde soprava, e a etymologia de tão duro vocabulo ? bem assim lhe-rogámos nos-ensinasse os nomes e as regiões dos outros ventos, visto ser cousa tão pouco assente.

« Então Favorino discursou assim : — Assaz sabido é serem quatro os limites e as regiões do céo : oriente, occidente, meio-dia e septentrião ; moveis e varios são os dous primeiros ; fixos e permanentes o septentrião e meio-dia. Nem sempre nasce o sol do mesmo logar ; por isso se-chama o oriente *equinoccial*, quando o sol corre no circulo, que os gregos denominam *isemerino ; solsticial* ou *brumal*, nos solsticios de estio ou de inverno. Tambem se não põe sempre no mesmo sítio ; da mesma fórma é o occaso equinoccial, solsticial ou brumal. Portanto o vento que, na primavera, vem do oriente (isto é, o equinoccial) chama-se *Euro*, que os etymologistas dizem vir dos termos gregos *eous reon*, *do lado da aurora ;* os gregos tambem o-appellidam *apeliota*, e os marinheiros romanos *subsolano*. Chama-se, em grego, *boreas*, e em latim *aquilão*, o vento que sopra do oriente solsticial do estio ; talvez que boreas venha de *bcés*, violento e sonoro. Chega o terceiro vento do oriente, no solsticio de inverno ; é o

Digitized by Google

porquês de tudo isto. Com os profanos todas as explicações seriam por demais.

ART. II.

Quanto ás horrorosas immoralidades em que a *abelha-mestra* procura iniciar a sua ouvinte, o excesso mesmo d'ellas torna-as inoffensivas. A vehemencia que o poeta emprega contra a oradora, o que nos-conta do seo viver, e o que evidentemente se-conclue do seo character, pelas suas proprias palavras, apresentam, quanto a nós, para todo o juizo sisudo e despido de tartufias, como moral e recommendavel este poemeto, que demais tem o interêsse de uma curiosa pintura de costumes de uma sociedade e de um seculo, não indifferentes aos estudiosos e aos philosophos.

ART. III.

Em Propercio se-depara tractado o mesmo assumpto (IV. V.) com a energia characteristica d'aquelle grande poeta e com um final que nos-parece mui superior. Para que se-possam comparar os estylos e as maneiras peculiares de ambos os escriptores, e reconhecer o que Ovidio tomou de Propercio, lançaremos aqui a rapida traducção que fizemos da sua elegia a Acanthys.

Não só da confrontação d'estas canções entre si, mas de outras muitas, no todo ou parte, no pensamento, na phrase, no verso, condemnarieis Ovidio como plagiario de Propercio. Suspeitâmos porém que outra versão possa bem dar-se a tão estranhas similhanças. Os *grammaticos* do tempo de Augusto reconheciam duas especies de litteratura, que denominavam *indigena* e *exotica* — estylo claro e obscuro —poesia nacional, e imitada do estrangeiro.

Digitized by Google

Tibullo era *poeta natural* e Propercio *poeta exotico*, por causa de suas frequentes imitações dos elegiacos gregos. Para esta segunda tendiam os romanos educados em Athenas.

Ora, tendo nós numerosas provas da facilidade com que estes davam por producções suas, não só imitações mas traducções do grego, bem póde ser que estas peças onde se-encontra quasi identidade, sejam trasladadas de original commum, hoje perdido.

De Propercio e Ovidio parece haver colhido Régnier a sua satyra XIII; Molière tambem na scena 6ª do acto 2º da *Ecole des femmes* rabuscou da mesma ceifa.

Eis-aqui a versão de Propercio:

Cubram-te a cova espinhos! Tua sombra
Curta em perpétua sede atroz supplício,
Corretora venal! Longe das cinzas
Te-errem os manes! Vingador Cerbero
Com ladridos famelicos atterre
Os torpes ossos teos!

Mestra volvêras
O mesmo casto Hippolitho em lascivo!
Aos thalamos fieis ave de agouro,
Penelope, adestrada em tua eschola,
Surda á fama do esposo, acceitaria
A Antinoo vil.

Si lhe-approuvesse, ao iman
O ferro fugiria; ave fagueira
Far-se-hia de seo ninho impia madrasta;
Si ervas Collinas ajunctasse em fossa,
Torrentes ao que é firme arrasariam;

Digitized by Google

§ 98

(T. 1. p. 81) (l. VII. FINAL).

Não era possivel achar, a um assumpto pouco sympathico, mais gracioso desenlace; e aqui se-confirma (como, aliás, em quasi todas as canções) o que ponderámos, como um dos principaes meritos d'este poema, fechar todas as suas peças com chave de ouro. Na canção, que deixâmos apostillada, ha, além d'isto, por segunda vez (vide canç. II), uma chistosa parodia do triumpho romano, em applicação amorosa.

---

vulturno dos romanos, a que os gregos dão um nome composto, *euronoto*, por nascer entre o noto e o euro. Esses tres ventos são os orientaes: *aquilão, vulturno, euro;* o euro está no meio. Ha tres oppostos e contrarios, occidentaes: *Cauro*, o *argestes* dos gregos, venta contra o aquilão; o *favonio*, em grego *zephyro*, contra o euro; o *africo, lips* dos gregos, contra o vulturno. Já se-vê que estas duas regiões celestes teem, entre ambas, seis ventos adversos. O meio-dia, como é invariavel, tem só um vento meridional, o *austro, noto* em grego, sempre accompanhado de nuvens e chuva (porque a palavra *notis* significa humidade). Pela mesma razão tem o septentrião só um; directamente opposto ao austro, alcunha-se em latim, *septentrionario*, em grego *aparktias* (vindo da ursa.)

« Em vez d'estes oito ventos, alguns os-reduzem a quatro, e apadrinham-se com Homero, que disse:

O Euro, e o bravo Noto, o Boreas frio, e o Zephyro,
As nuvens expulsando, o pelago revolvem.

« Tambem, por outro lado, ha quem dos tres faça doze, inserindo quatro intermediarios nas regiões septentrionaes e meridionaes, á imitação do que accontece com os outros.

Digitized by Google

§ 99

(T. 1. p. 83) (l. VIII. TITULO.)

Imprecações contra uma velha.

ART. I.

Fiel ao seo programma de maxima variedade, quiz o poeta portuguez dar tambem uma peça, toda em verso branco ou sôlto. Esta, pela sua natureza, não só o-admittia; tornava-o conveniente, talvez até necessario. A naturalidade, que é sempre um dever, era-o aqui mais apertadamente. O tom metrico, o estylo, a phrase, são aqui de duas maneiras bem distinctas — de mais nobreza e elegancia, no princípio e no fim, quando fala o poeta mesmo — a prosopopéa da velha vai achegada á familiaridade da comedia. Os versados na arte facilmente alcançarão os

---

« Ha, além d'isto, ventos com denominações especiaes, inventadas pelos habitantes, ja pelos nomes dos logares onde habitam, ja por outras causas. Por exemplo, os nossos gaulezes cognominam *circio* a fortissima ventania que da sua terra sopra, creio que pelos seos impetos e turbilhões. Os apulios dão o seo mesmo nome, *iápice*, ao vento que reina dos confins da sua Iapygia; estou que seja o cauro, visto vir do occidente, e parecer opposto ao euro; lá diz Virgilio que, após a derrota naval de Cleopatra, foi o iápice o vento que a-impellia para o Egypto. Tambem ha um vento, *cécias*, que Aristoteles affirma que, emvez de sacudir as nuvens, as-chama a si, d'onde nasceu o rifão: — *Aquelle attrahe os males, como o cécias chama as nuvens.* — Ainda outros ha, como o *atábulo* de Horacio, o *etesio*, o *pródromo*, que, em certos tempos do anno, quando rebenta a canicula, espiram de uma e outra parte do céo. »

Digitized by Google

« Ora que a mocidade te-floreja,
« E não aponta a ruga, é ter juiso,
« E approveitar o tempo ; *hoje* és formosa,
« Mas lá vem o *amanhã*, que talvez furte
« A primeira folhinha á flôr incauta.
« Em Pesto vi rosaes, que promettiam
« Ao cheiro e aos olhos duradouro enlêvo,
« E n'uma só manhã, soprando o Noto,
« Requeimavam-se, e adeus fragrancia e cores. — »

Emquanto assim Acanthys aturdia
A' minha pobre amada, eu, sem ser visto,
Atravez de suas pelles transparentes
Lhe-estava, a um e um, contando os ossos.

. . . . . .

Ai, Venus soberana ! uma pombinha
De lindo rosicler ja te-prometto
Por teo sacro favor ; sob os teos fogos
Degolada será !

Vi-lhe eu, co'a tosse,
O collo encarquilhado intumecer-se ;
Sahir-lhe pelos dentes infrestados
Os escarros do sangue, e o podre arranco
Molhar-lhe a herdada esteira em que jazia.
A hedionda choça co'o fogão gelado
Estremeceu de horror.

Ha para exequias
O furtado listão da grenha escassa,
A touca velha, desbotada, immunda,
E a cadella, em meo mal, tão pressentida
Que, indo eu furtivamente a abrir a porta,
Dera fé e trahiu-me.

Digitized by Google

Por moimento,
Alcoviteira vil! boião te-ponham
Velho e quebrado: pese-lhe por cima
Esteril sombra de figueira brava!
Amante, que passar por tal sepulchro,
Apedreje-o, sem dó; e a par co'as pedras
Sob atras maldicções lhe-affunda os ossos!

---

§ 100

(T. 1. p. 83) (l. VIII. 4.)

Sorvedouro de vinho a chama o vulgo.

A primeira versão fôra assim:
Vós, que não conheceis tartarea velha,
Vil corretora de venaes caricias,
Meos versos escutae! Seo nome é *Dipsas*;
ou { Perenne embriaguez lhe-ha dado o nome.
{ Do infame officio lhe-provém seo nome.

Nada d'isto porém, em lingua portugueza, dava bom sentido.

Nos pseudonymos, que Ovidio escolhe, ha sempre uma graciosa allusão; ja vimos com que intenção elle elegeu para a sua bella o nome de Corinna; com appropriadas intenções, como adiante veremos, designou certas mulheres com os nomes de Pytho, Chie, etc. O mesmo se-dá aqui. Quiz fazer da velha, conselheira de perdição, uma bebada, e então procurou um termo que, por analogia, désse a mesma idea, que daria em portuguez a pa-

Digitized by Google

Leis impozera á lua, infeitiçando-a;
Transformara-se em lobo a uivar nas trevas.
De cegar a solicitos maridos
Foi na astucia capaz; por malfazer-me
A's pobres gralhas palpebras co'as unhas
Arrancou; fez consultas de meo sangue
A's estriges, tomando o de egua prenhe
Prolifico liquor; no arduo empenho
De anniquilar ternuras, enfeitava
Com doces expressões os maleficios;
E pelas sendas asperas da culpa
Incobridoras flôres disparzia:

« — Si queres, Doroxania! as opulencias
« Que do Oriente vem; si te-captivam
« A purpura sidonea; as telas cóas;
« Um vistoso tapiz pulverulento,
« Que se-inculque ás recamaras furtado
« De el-rei Attalo; os vasos que se-importam
« Da egypcia Thebas, a vender em Roma;
« Múrrinas loiças; mil delicias... tudo;
« Ri da lealdade! jura falso! mente!
« E do lesivo pejo ás leis te-exime!
« Até de homem fingir dá lucro ás vezes.
« Pretextos sempre á mão! Noite addiada,
« Dobramento de affecto.
« Pois si um parvo
« Cahir em maltractar-te! optima cousa!
« Não ha lagar como um fazer de pazes;
« E então mesmo, depois de promettido,
« N'um abraço carête, o que te-pede,
« Torna a burlál-o; dize que não podes,
« Que em festa d'Isis não se-faz tal cousa.

Digitized by Google

« Iole venha, a súbitas, lembrar-te]
« Que são idos de abril ; e Amycle, em tanto,
« Por outra parte, a occultas, lhe-martele
« Que nos idos de maio é que nasceste.
« ¿ Vêl-o estar com ar súpplice, sentado ?
« Ergue-te á pressa, e escreve.... o que te-lembre ;
« ¿Cahe na esparrela e treme ? está seguro.
« Em roda do pescoço as mordeduras
« Te-andem sempre fresquinhas, por que veja
« Que tens rixas de amor. Nunca me-sigas
« Exemplos de Medéa, a sem-vergonha,
« Que, esquecida de si, rogou primeira....
« Quero-me antes com Thais; isso é que é femea !
« Ver como, nas comedias de Menandro,
« A meca logra aos servos mais ladinos !
« O genio do rapaz com que estiveres
« Estuda-o, que é mui bom tomar-lhe os moldes ;
« Si anda sempre a cantar, canta com elle ;
« Doidejae bem, na musica, vós ambos !
« Para os que dão, porteiro sempre alerta !
« Mãos vasias, que batam muito embora !
« Durma e deixe quieta a fechadura !
« — Soldado, mal-geitoso para amores,
« — Calejado maritimo, que aventes,
« Trazerem chelpa, agradem-te por fôrça !
« — E até mesmo o estrangeiro, que ja trouxe
« Ao pescoço o seo rotulo de escravo
« E co'os mais *pés-de-gis* correu na praça.
« — Olhe-se ao ouro ; quem n'o-dá, que importa ?
« Versos ! palavras são ; si t'os-trouxerem,
« Sem bom vestido cóo a accompanhál-os,
« Não é lyra metallica ; não ouves.

Digitized by Google

lavra *Borrachona!* Foi portanto buscar ao grego a voz *Dipsas*, por significar o verbo *dipsao*, *ter sede*, o que muito bem concorda com o que, no princípio da canção, o poeta diz a respeito d'ella, e com o que, no fim da mesma canção, lhe-impreca, como summo castigo, *sêde eterna*. A Acanthys, de Propercio, tinha em tudo as mesmas manhas da Dipsas, como ja se-viu.

Ha tambem uma planta, que Plinio (XXVII. 47) chama *dipsacos;* é o *chardon à foulon* ou *à bonnetier* dos francezes, e o nosso *cardo-penteador*; que só vegeta na humidade.

Dipsas é egualmente o nome de um reptil, (aspide ou vibora) que, ainda no meio da agua, não póde apagar a sêde. No L. IX da Pharsalia, quando Lucano pinta o grande Catão, bebendo na Lybia uma agua, que se-suppunha envenenada pelas serpentes, diz que ás margens d'esses regatos se-arrasta a aspide fria, e que, no meio d'essas ondas, não póde a dipsas saciar-se (v. 610):

Stabant in margine siccæ
Aspides; in mediis sitiebant dipsades undis.

No v. 718 canta a *torrida dipsas;* e no v. 738, pintando o porta-estandarte Aulo, mordido por uma dipsas, descreve os effeitos terriveis d'esse veneno, entre os quaes uma sêde horrenda:

Poscebat aquas sitiens in corde venenum;

a sêde o devora; rasga as veias para beber o sangue; e affirma que a reputação da dipsas é ainda inferior aos seos meritos.

E' portanto obvio que não existiu mulher com tal nome, o qual, á moda ovidiana, foi habilmente inventado

Digitized by Google

para symbolisar as virtudes da heroina, venenosa e insaciavel. Eis-ahi a razão porque o traductor, reconhecendo que o leitor portuguez não comprehenderia em que o nome *Dipsas* significaria *perenne embriaguez*, preferiu designál-a como *Sorvedouro de vinho*.

---

§ 101

(T. 1. p. 83) (l. VIII. 7.)

Intende a fundo os magicos segredos.

Art. I.

Em todas as edades, e em todos os logares, a credulidade humana se-tem subjeitado a quantas especulações a impostura interesseira ha d'ella exigido.

A medicina, a astrologia, as religiões, isto é, os tres *eus*:— o *eu*, que pertende gosar saude perpétua — o *eu*, que aspira a antecipar futuros na terra — o *eu*, que julga conquistar eternidades, — taes as tres fontes d'essas crenças, que invadiram, sob as mais estranhas e disparatadas fórmas, todas as regiões da redondeza. Zoroastros são de hontem, comparados com Apuscoros e Zaratos, da Media, Marmaros da Babylonia, e tantos outros; Protheos, Sereias, Circes, da Odyssea, remontam a tempos immemoriaes.

A magia empregava todos os objectos creados; agua, ar, estrellas, fogo, espheras, fachos, e colloquios com as sombras e os infernos, de que os modernos Home, espiritos

Digitized by Google

percucientes (*)e mediums, não são mais que reflexo pallido. Nada d'isso é novo. Plinio nos-conta (30. 6) que o grammatico Apião, que elle conheceu, evocára sombras para interrogar Homero sobre a sua patria, seos parentes, etc.

Seria interminavel apontar os meios de que se-serviam os magos, brancos ou negros. Assim, submettiam elles as potencias superiores, genios e demonios; evocavam-n'os ou conjuravam-n'os; com seo auxilio alcançavam as adivinhações, predicções, encantamentos, evocações, apparições, transformações, curas instantaneas, molestias mortaes, sentimentos irresistiveis de amor ou odio, sortes, máos olhados, etc.; invertiam o curso dos astros, forçando-os a baixar á terra; n'uma palavra, todo o impossivel era dominio seo.

Ainda hoje Portugal e Brasil estão cheios de feiticeiras, lupis-homens, bruxas e mulheres de virtude. Não admira que o povo creia, quando ainda hontem um Ricardo I prohibia os judeos de presenciarem a sua coroação, para lhe não lançarem feitiços (sendo queimados centos d'elles por essa occasião), e quando um Napoleão consultava a Lenormand, e se-impressionava, estudando as variações da sua estrella.

(*) Não sem surpreza descobrimos, lendo o assombroso Tertulliano (Apol.), que ja no tempo de Christo eram frequentes os taes mediums, os evocadores de defuntos e espiritos, e bem assim que tambem então as mesas gyravam e adivinhavam! Eis suas notabilissimas palavras:

Porro si et Magi phantasmata edunt, et jam defunctorum inclamant animas; si pueros in eloquium oraculi elidunt; si multa circulatoriis prœstigiis ludunt; si et somnia immittunt, habentes semel invitatorum angelorum et dœmonum assistentem sibi potestatem, per quos et capræ et *mensæ* divinare consueverunt.

Digitized by Google

Todavia as crenças d'essas antiguidades iam muito mais longe. Aulo-Gellio (IX. IV), entre mil, nos-conserva várias; por exemplo:

— Os scythas são anthropophagos; ha lá homens, com um só ôlho, como os cyclopes; uma raça de homens vôa com os pés para traz. Ha familias na Africa, que deitam sortes e infeitiçam com palavras; basta que um d'esses louve bella arvore, messe fecunda, linda creança, formoso cavallo, rebanho gordo, para tudo isso morrer incontinenti; ha pessoas cujo olhar, fixo e irritado, mata; essas teem 4 meninas de olhos. Nas montanhas da India, ha lupis-homens, que ladram e caçam passaros e animaes selvagens. No extremo oriente, os monocolos só teem uma perna e correm como vento. Ha homens sem cabeça (*isso tambem por cá, e até sem pés tambem*), e com os olhos nos hombros; nos confins da India, homens plumosos, que se-sustentam do cheiro das flores, perto dos pygmeos, com dous pés e quarto de altura.» — Segue-se uma descripção dos her-maphroditas etc.

Natural era pois que, em tempos menos illustrados, fossem ainda mais numerosas as superstições, mormente n'uma religião em que divindades ou entes sobrenaturaes accompanhavam o homem em todos os seos actos, mesmo nos mais repugnantes, presidindo a todas as partes da casa, da cidade, do campo, a cada dia, hora, funcção, affecto, logar, accontecimento. Por isso, diz um auctor, tropeçar no limiar; entornar sal; o pio ou a vista de certas aves; o encontro de uma serpente; e até um nome sinistro pronunciado, os-aterrava como funesto agouro; unctavam a porta da rua, para preservar as noivas de maleficios; á entrada das casas, inscreviam palavras felizes, ou ensina-

Digitized by Google

vam pegas e papagaios a proferil-as; prendiam mochos ás portas; pregavam nas cimalhas pregos, arrancados aos sepulchros, ou obscenos Priapos para esconjurarem, dos jardins, ladrões e máos-olhados. O proprio governo condescendia com estas crenças: mudava o nome de algumas terras, como Malevente em Benevente; prohibia certos actos em dias nefastos; começavam sempre os leilões pelo *lago lucrino*, por ser de bom agouro; dando-se um ataque epileptico, em acto de comicios, no campo marcio, espaçavam-se estes logo para outro dia, d'onde vem á epilepsia o nome, que ainda conserva, de *morbus comitialis*; e o grave Catão discutia seriamente a questão: — si um espirro involuntario era motivo para se-annullarem as assembléas. O divo Augusto, quando trovejava, ia-se esconder n'um subterraneo, embrulhado n'uma pelle de phoca; tinha por bom signal, quando, no momento de partir, cahia uma chuvinha miuda; mas amofinava-se, si, por distracção, commettia o sacrilegio de calçar primeiro o pé esquerdo!

Art. II.

Os livros dos prosadores e poetas estão pois cheios de práticas da magia.

A egloga VIII das *Bucolicas*, de Virgilio, o pedaço mais vivo e mais bello da antiguidade, na opinião de Racine (ao que assevera Longepierre), mimosissima imitação de Theocrito, appresenta, na sua segunda metade, na fala de Alphesibeo, uma serie dos feitiços e esconjuros, que restituiam aos desertados lares, e ao amor que se-resfriára, o objecto de adoração constante. Desculpe-se a seguinte tentativa de versão:

Digitized by Google

Hæc Damon; vos, quæ responderit Alphesibœus,
Dicite, Pierides ! Non omnia possumus omnes.

ALPHESIBOEUS.

Effer aquam, et molli cinge hæc altaria vitta ;
Verbenasque adole pinguis et mascula thura.
Conjugis ut magicis sanos avertere sacris
Experiar sensus. Nihil hic nisi carmina desunt.
Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnin.

Carmina vel cœlo possunt deducere Lunam ;
Carminibus Circe socios mutavit Ulixi ;
Frigidus in pratis cantando rumpitur anguis.
Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnin.

Terna tibi hæc primum triplici diversa colore
Licia circumdo, terque hæc altaria circum
Effigiem duco ; numero Deus impare gaudet.
Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnin.

Necte tribus nodis ternos, Amarylli, colores ;
Necte, Amarylli, modo ; et, Veneris, dic, vincula necto.
Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnin .

Limus ut hic durescit, et hæc ut cera liquescit
Uno eodemque igni ; sic nostro Daphnis amore.
Sparge molam, et fragilis incende bitumine lauros.
Daphnis me malus urit ; ego hanc in Daphnide laurum.
Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnin.

Digitized by Google

Cantou Damão. De Alphesibeo as vozes,
Musas, dizei! Nem todos podem tudo.

ALPHESIBEO.

Traze agua e cinge o altar de brandas fitas!
O pingue urgebão e o incenso queima!
Com magos sacrificios despertemos
Os sentidos do amante; o canto o-póde.
Traze, ó meo canto, da cidade a Daphnis!

Com versos, pode vir á terra a lua;
Circe, os socios de Ulysses, transformál-os;
A fria serpe rebentar nos prados.
Traze, ó meo canto, da cidade a Daphnis!

De triples cores tua imagem cinjo
Com faxas tres; tres vezes giro as aras;
Pois que o numero impar apraz aos deuses.
Traze, ó meo canto, da cidade a Daphnis!

A facha tricolor ata, Amaryllis!
Ata-a e diz: « De Venus ato os laços! »
Traze, ó meo canto, da cidade a Daphnis!

Funde-se a cera, a argila se-indurece
Com fogo egual; tal seja amor em Daphnis!
Queima os louros com pêz! verte a farinha!
Daphnis me-abrasa! o máo! no louro o-abraso.
Traze, ó meo canto, da cidade a Daphnis!

Digitized by Google

Talis amor Daphnin, qualis, quum fessa juvencum
Per nemora atque altos quærendo bucula lucos
Propter aquæ rivum viridi procumbit in ulva,
Perdita, nec seræ meminit decedere nocti ;
Talis amor teneat, nec sit mihi cura mederi.
Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnin.

Has olim exuvias mihi perfidus ille reliquit,
Pignora cara sui ; quæ nunc ego, limine in ipso,
Terra, tibi mando. Debent hæc pignora Daphnin.
Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnin.

Has herbas, atque hæc Ponto mihi lecta venena,
Ipse dedit Mœris. Nascuntur plurima Ponto.
His ego sæpe lupum fieri, et se condere silvis
Mœrim, sæpe animas imis excire sepulcris,
Atque satas, alio vidi traducere messis.
Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnin.

Fer cineres, Amarylli, foras, rivoque fluenti
Transque caput jace ; nec respexeris ; his ego Daphnin
Adgrediar ; nihil ille deos, nil carmina, curat.
Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnin.

Adspice! corripuit tremulis altaria flammis
Sponte sua, dum ferre moror, cinis ipse ! Bonum sit !
Nescio quid certe est ; et Hylax in limine latrat.
Credimus? an, qui amant, ipsi sibi somnia fingunt?
Parcite, ab urbe venit, jam parcite, carmina, Daphnis.

Digitized by Google

Lassa a novilha de buscar seo touro
Por invios bosques, e de monte em monte,
Ja perdida, e do aprisco deslembrada,
Juncto do arroio, sobre a relva cahe....
Tal, que eu só cure, em Daphnis o amor seja!
Traze, ó meo canto, da cidade a Daphnis!

Dadivas, que esse perfido me-dera,
Caros pinhores seos, toma-os, ó Terra,
São fiadores que o meo Daphnis volta.
Traze, ó meo canto, da cidade a Daphnis!

Estas hervas, venenos, que no Ponto
Tão bastos crescem, deu-me o proprio Meris.
Vi-o eu com ellas transmutar-se em lobo,
Sumir-se em selvas, evocar defunctos,
E as messes transplantar de um campo ao outro.
Traze, ó meo canto, da cidade a Daphnis!

Por cima da cabeça, deita ao rio
As cinzas, sem olhar; vencerei Daphnis....
Elle! ai! dos Deuses e dos cantos zomba....
Traze, ó meo canto, da cidade a Daphnis.

Olha... a cinza, por si, emquanto eu tardo,
Lambeu o altar co'a chamma. Bom agouro!
Será certo?... Oh... ouviste?... Hylax ladrando....
Serão sonhos de amor? ah não! exulto!
Cessa, ó meo canto, cessa! eis o meo Daphnis!

Digitized by Google

Na satyra VIII do L. I, em que Priapo refere as feiticarias de Canidia e Sagana, lê-se (versão Seabra):

... Ver passear n'este assoalhado outeiro,
Onde os tristes somente, ha pouco, viam
Agro informe, coberto de alvos ossos.
Meo afan, e maior cuidado, agora
Não são ladrões, ou feras avesadas
A vexar estes sitios, mas aquellas
Que, com seos versos e peçonhas turbam
Os humanos espiritos. Não posso
Dar cabo d'ellas, ou fazer que deixem
De aqui vir recolher mirrados ossos
E maleficas plantas, mal que a lua
Vaga descobre a sua argentea face.
Eu mesmo vi Canidia — sôlta a grenha,
Nus os pés, sobraçada a negra toga,
Com a velha Sagana errar uivando.
Dava-lhe a pallidez hediondo aspecto.
Entram a esgravatar o chão co'as unhas;
Rasgam co'os dentes negra cordeirinha.
Derramam sôbre a cova o quente sangue,
Para que alli os manes attrahidos
Aos nefandos conjuros lhes-respondam.
Traziam dous bonecos, um de cera,
E outro de lan, que, mais avantajado,
Castigar o inferior ameaçava;
Estava humilde e súpplice o de cera,
Como quem, com servis e duros tractos,
Mui brevemente perecer temia;
Por Hecate! uma brada; a outra invoca

Digitized by Google

A feroce *Tysiphone*; do Averno
As cadellas e horrificas serpentes
Víras então vagar; vermelha a lua,
Por tal não ver co'os tumulos se-esconde.

. . . . . .

Para que direi tudo? O como as sombras
Com Sagana, alternadas, praticando,
Soltam agudo lúgubre alarido?
Como a furto no chão de lobo a barba
E o dente de manchada cobra escondem?
De que sorte pegou na cerea imagem
Mais vivo lume? e de que horror me-incheram,
Não sem vingança, os brados e feitiços
D'aquellas bruxas? pois que, abrindo as nalgas,
O tronco me-estalou, bem como estala
Disparada bexiga. Eil-as em fuga
Para a cidade, e não sem grande riso
E grande zombaria, cahir víras
Os dentes a Canidia, e á vil Sagana
A levantada cabelleira, as hervas,
E dos braços os vinculos do encanto.

O mesmo Horacio celebra as artes d'essas duas bruxas nos Epod. V. e XVII.

Um dos mais citados trechos da *Pharsalia*, de Lucano (obra de que o nosso finado irmão Augusto Frederico fizera uma excellente versão, hoje perdida), é, no livro VI, a descripção da bruxa Erichthôa, e das suas companheiras, na Thessalia. Tentemos dal-o, em vulgar:

Digitized by Google

Thessala quin etiam tellus herbasque nocentes
Rupibus ingenuit, sensuraque saxa canentes
Arcanum ferale Magos. Ibi plurima surgunt
Vim factura Deis; et terris hospita Colchis
Legit in Hæmoniis, quas non advexerat, herbas.
Impia tot populis, tot surdas gentibus aures
Cœlicolum diræ convertunt carmina gentis.
Una per ætherios exit vox illa recessus,
Verbaque ad invitum perfert cogentia numen,
Quod non cura poli, cœlique volubilis umquam
Avocat. Infandum tetigit quum sidera murmur,
Tunc Babylon Persea licet, secretaque Memphis
Omne vetustorum solvat penetrale Magorum:
Abducit Superos alienis Thessalis aris.
Carmine Thessalidum dura in præcordia fluxit
Non fatis adductus amor; flammisque severi
Illicitis arsere senes. Nec noxia tantum
Pocula proficiunt, aut quum turgentia succo
Frontis amaturæ subducunt pignora fetæ:
Mens, hausti nulla sanie polluta veneni,
Excantata perit. Quos non concordia mixti
Alligat ulla tori, blandæque potentia formæ,
Traxerunt torti magica vertigine fili.
Cessavere vices rerum; dilataque longa
Hæsit nocte dies: legi non paruit æther,
Torpuit et præceps, audito carmine, mundus;
Axibus et rapidis impulsos Jupiter urgens
Miratur non ire polos. Nunc omnia complent
Imbribus, et calido producunt nubila Phœbo;
Et tonat ignaro cœlum Jove: vocibus isdem
Humentes late nebulas, nimbosque solutis
Excussere comis. Ventis cessantibus, æquor
Intumuit; rursus vetitum sentire procellas

Digitized by Google

Nutre a Thessalia, em seos horrendos flancos,
Mil simples venenosos ; da magia
Os proprios montes os arcanos sabem.
Nascem plantas ahi que aos deuses forçam ;
E a barbara Medéa á hemonia terra
Hervas foi descobrir, em Colcho ignotas!
Dos deuses o ouvido, a nós tão surdo,
Tornál-o attento as feiticeiras sabem.
Só d'ellas rompe a voz ethereos paços,
E invito ao nume essas palavras chegam.
Sem que do polo, nem do céo voluvel
O-distraia o cuidado. Quando aos astros
Ascende o infando thessalonio grito
Nem poderia Babylonia ou Memphis,
Inda ostentando os penetraes dos magos,
Fazer-se ouvir aos deuses, que as-desertam.

Ao canto das Thessalides, de chofre,
De amor se-abranda o coração mais duro ;
Arde o peito senil com chamma illícita.
Não produz só tão torpes maleficios
Funesta beberage ou o hippomane ;
A mente, sem que o toxico a-pollua,
Co'as palavras, fallece. Aos que não liga
Tóro de amor, belleza, ou sympathia,
O mago fio attrahe, e os-encadeia.

Da natureza a ordem se-interverte ;
Sem fim, no dia, a noite se-prolonga ;
Rebella-se o ether contra as leis eternas ;
Immovel cede, ao esconjuro, o mundo.
Jove, que á esphera imprime o gyro rapido,
Pasma que os eixos parem ; toda a terra
De agua se-inunda ; o sol as nuvens cerram ;
Ronca o trovão.... e Jupiter o-ignora !
Co'o mesmo carme, e desatando as tranças,
Expelle a maga, ao longe, a nevua e as chuvas :
Calam-se os ventos ; intumesce o oceano ;
Ira-se o noto ; o mar lhe-espreita as furias;

Digitized by Google

Conticuit, turbante Noto: puppimque ferentes
In ventum tumuere sinus. De rupe pependit
Abscissa fixus torrens; amnisque cucurrit
Non qua pronus erat. Nilum non extulit æstas;
Mæander direxit aquas; Rhodanumque morantem
Præcipitavit Arar. Submisso vertice montes
Explicuere jugum; nubes suspexit Olympus:
Solibus et nullis Scythicæ, quum bruma rigeret,
Dimaduere nives. Impulsam sidere Tethyn
Reppulit Hæmonidum, defenso litore, carmen.
Terra quoque immoti concussit ponderis axem,
Et medium vergens nisu titubavit in orbem:
Tantæ molis onus percussum voce recessit,
Perspectumque dedit circumlabentis Olympi.
Omne potens animal leti, genitumque nocere,
Et pavet Hæmonias, et mortibus instruit artes.
Has avidæ tigres, et nobilis ira leonum
Ore fovent blando: gelidos his explicat orbes,
Inque pruinoso coluber distenditur arvo.
Viperei coeunt, abrupto corpore, nodi;
Humanoque cadit serpens adflata veneno.
Quis labor hic Superis, cantus herbasque sequendi,
Spernendique timor? cujus commercia pacti
Obstrictos habuere Deos? parere necesse est,
An juvat? ignota tantum pietate merentur?
An tacitis valuere minis? hoc juris in omnes
Est illis Superos? an habent hæc carmina certum
Imperiosa Deum, qui mundum cogere, quidquid
Cogitur ipse, potest? Illis et sidera primum
Præcipiti deducta polo; Phœbeque serena
Non aliter, diris verborum obsessa venenis,
Palluit, et nigris terrenisque ignibus arsit,
Quam si fraterna prohiberet imagine tellus,

Digitized by Google

Das naus os flancos contra as vagas gemem.
Torrente, que espumava, alem, suspende ;
Contra o declive, alem remonta o rio ;
Não trasborda, em verão, o Nilo ; e as aguas
Em recta linha á foz leva o Meandro ;
Impelle o Sona ao Rhodano remisso;
Baixam seos cumes á planicie os montes;
Não calca o Olympo as nuvens; lá se-fundem,
Sem sol, do inverno ao pino, as scythias neves.
A negra invocação repelle as ondas,
E deixa a sêcco a praia ; o axe da terra
Abala a mole immovel, e no espaço
O orbe vergando, titubeia e pende,
E impellido a tal voz, esvai-se o globo,
Patenteando o circumfuso Olympo.

Todo o animal malefico e homicida
Treme da Hemonia, e é-lhe instrumento horrendo!
O leão iracundo, o avido tigre
Lambem-lhe as mãos ; as gelidas escamas
Alarga a cobra, e roja-se no gêlo ;
Vipereas juntas, arrancadas, soldam-se,
E um bafo humano as serpes anniquilla.

D'onde virá que os deuses se-arreceiem
De hervas e cantos, e ind'assim lhes-fujam ?
Que pacto os-liga ? é força que obedeçam ?
E' dó ? serão secretas ameaças ?
Exercem seo podêr nos deuses todos,
Ou só n'algum, que o mundo violente
Como o-forçam a elle?

O indubitavel
E' que os astros dos céos a maga arranca ;
Serena Phebe, oppressa por taes vozes,
Empallidece, e frouxa luz derrama ;
Dirás que a terra veda a amiga imagem,

Digitized by Google

Insereretque suas flammis cœlestibus umbras:
Et patitur tantos cantu depressa labores,
Donec supposítas propior despumet in herbas.
Hos scelerum ritus, hæc diræ carmina gentis
Effera damnarat nimiæ pietatis Erichtho,
Inque novos ritus pollutam duxerat artem.
Illi namque nefas urbis submittere tecto
Aut laribus ferale caput; desertaque busta
Incolit, et tumulos expulsis obtinet umbris,
Grata Deis Erebi. Cœtus audire silentum,
Nosse domos Stygias, arcanaque Ditis operti,
Non Superi, non vita vetat. Tenet ora profanæ
Fœda situ macies, cœloque ignota sereno.
Terribilis Stygio facies pallore gravatur,
Impexis onerata comis. Si nimbus, et atræ
Sidera subducunt nubes, tunc Thessala nudis
Egreditur bustis, nocturnaque fulgura captat.
Semina fecundæ segetis calcata perussit,
Et non lethiferas spirando perdidit auras.
Nec Superos orat, nec cantu supplice numen
Auxiliare vocat, nec fibras illa litantes
Novit: funereas aris imponere flammas
Gaudet, et accenso rapuit quæ tura sepulcro.
Omne nefas Superi prima jam voce precantis
Concedunt, carmenque timent audire secundum.
Viventes animas et adhuc sua membra regentes,
Infodit busto; fatis debentibus annos
Mors invita subit: perversa funera pompa
Rettulit a tumulis; fugere cadavera lectum.
Fumantes juvenum cineres, ardentiaque ossa
E mediis rapit ipsa rogis, ipsamque, parentes
Quam tenuere, facem; nigroque volantia fumo
Feralis fragmenta tori, vestesque fluentes

Digitized by Google

E os ethereos clarões co'a sombra apaga;
E assim labora, até que se-resolva
Perto a espumar as sutopostas hervas.

E inda esses carmes, esses impios ritos
Eram virtude, aos olhos de Erichthoa,
Que inda mais inquinou a arte maldicta!

Essa nunca em cidades, nem nas casas,
Mostra a feral cabeça; a bruxa habita
Vacuo moimento, d'onde expulsa as sombras;
Cara aos numes do averno, escuta os manes,
Sabe a estygie, e Plutão diz-lhe mysterios.
Que importa ser mortal? permitte-o o Fado.

Na face magra e horrenda, nunca um atomo
Luziu da côr do dia; as hirtas grenhas
Fronte de estygia pallidez lhe-cobrem.
Vem temporal? a nevua encobre os astros?
Sahe de sepulchro nu, sorve os coriscos;
Definha a loura messe aos pés calcada,
Empeçonha-se o ar, que a infame expira.
Nem ora aos deuses, nem invoca numes,
Expiatorias fibras não conhece.
Nas aras pôr as funerareas tochas,
Queimar incenso aos tumulos roubado,
A' thessalia Erichthoa apraz só isso.

Mal abre a bocca, os Deuses lhe-concedem
Quanta nequicia quer; tremem de cuvil-a
Mandar segunda vez; arroja á campa
Almas bem vivas, que inda os membros regem,
E a que o Fado annos longos promettêra.
Trocando os ritos funebres, dos tumulos
Evoca.... e os corpos dos seos leitos fogem.
Pilha á foguéira os ossos abrasados,
Dos moços rouba as fumegantes cinzas,
E a propria tocha, que seos paes em unham.
Tóro feral infumaçados restos

Digitized by Google

Colligit in cineres, et olentes membra favillas.
Ast ubi servantur saxis, quibus intimus humor
Ducitur, et tracta durescunt tabe medullæ
Corpora; tunc omnes avide desævit in artus,
Immergitque manus oculis; gaudetque gelatos
Effodisse orbes; et siccæ pallida rodit
Excrementa manus: laqueum, nodosque nocentes
Ore suo rupit; pendentia corpora carpsit,
Abrasitque cruces; percussaque viscera nimbis
Vulsit, et incoctas admisso sole medullas.
Insertum manibus chalybem, nigramque per artus
Stillantis tabi saniem, virusque coactum
Sustulit, et, nervo morsus retinente, pependit.
Et quodcumque jacet nuda tellure cadaver,
Ante feras, volucresque sedet; nec carpere membra
Vult ferro, manibusque suis, morsusque luporum
Exspectat, siccis raptura e faucibus artus.
Nec cessant a cæde manus, si sanguine vivo
Est opus, erumpat jugulo qui primus aperto.
Nec refugit cædes, vivum si sacra cruorem,
Extaque funereæ poscunt trepidantia mensæ:
Vulnere sic ventris, non qua Natura vocabat,
Extrahitur partus, calidis ponendus in aris.
Et quoties sævis opus est, ac fortibus umbris,
Ipsa facit manes: hominum mors omnis in usu est.
Illa genæ florem primævo corpore vulsit,
Illa comam læva morienti abscidit ephebo.
Sæpe etiam caris, cognato in funere, dira
Thessalis incubuit membris; atque oscula fingens,
Truncavitque caput, compressaque dentibus ora
Laxavit; siccoque hærentem gutture linguam
Præmordens, gelidis infudit murmura labris,
Arcanumque nefas Stygias mandavit ad umbras.

Digitized by Google

Lhe-dá, e a veste ja desfeita em cinzas,
E os braseiros, de odor de sangue humano.

Mas si na pedra o corpo se-conserva,
Vasado o humor, duras contrahidas visceras,
Avida então lhe-explora os membros todos ;
Nos olhos crava as mãos ; geladas orbitas
Arranca, roe-lhe as roxas seccas unhas ;
Co'os dentes rompe as cordas do inforcado,
Morde o pendente corpo, e roe-lhe a forca ;
Rasga intranhas das chuvas açoitadas ;
Quando as-calcina o sol, chupa as medullas.
Tira os pregos das mãos, e a sanie negra
Sorve e o virus coalhado em carne viva....
Resiste o nervo? pendurada fica.

Todo o cadaver nu, que em terra jaza,
Antes de aves e feras, lhe-pertence ;
N'elle se-assenta ; o ferro o não decepa,
Nem mãos! Aguarda que o-esmordacem lobos,
Para arrancar-lh'o ás esfaimadas fauces.

Não a-embarga a matança, si precisa
Sangue inda quente, a rebentar da chaga,
Ou si a oblação quer membros palpitantes;
Rasga um ventre, e da fenda extrahe o feto
Para ir depôl-o nas combustas aras.

Si são mister sombras terriveis, fortes,
Fal-as ; dos homens toda a morte é boa ;
Do mancebo, inda em flor, saca a penugem ;
Do ephebo, co'a sinistra, corta a coma.
Não raro, de um parente nas exequias,
Lança-se ao corpo caro, entra a beijál-o,
Trunca a cerviz, co'os dentes lhe-abre a bocca,
A lingua prêsa ao palladar lhe-morde,
Cospe-lhe vozes nos gelados labios ;
Recado infame a stygias sombras manda.

Digitized by Google

Hercules no Eta é uma tragedia, de Seneca, cuja eis o argumento:

Dejanira, indignada de se-ver sacrificada a Iola, manda a Hercules uma tunica, ensopada no sangue do centauro Nesso, que fôra traspassado pelo mesmo Hercules, com uma frecha impregnada no veneno da hydra. Suppunha ella, como lhe-affirmára Nesso, ao morrer, que seria aquillo um phyltro irresistivel para recuperar o perdido amor; mas Hercules, vestindo a tunica, morre, nos mores tormentos, e Dejanira mata-se. Ha, n'esta peça, uma figura interessante, a ama de Dejanira, velha e sabia bruxa (porque será que as *bruxas* são sempre *amas?*); no 2.º acto, nota-se o seguinte dialogo:

DEJANIRA.

A mim! sua mulher! atraiçoar-me!
Por quem? por uma escrava!... Basta! morra!

AMA.

Ja nem restos de amor te-inspira Alcides?

DEJANIRA.

Crês isso, desgraçada? Oh! tu não sabes
O que amor seja, extremo, delirante,
Mas de tudo capaz.

AMA.

Bem; os maridos
Tornam co'as artes magicas e encantos.
Sei fazer, flores dar no inverno ás plantas,
O raio suspender; revolvo o oceano
Sem uma aragem, e de chofre o-amanso.
Quero eu? rebenta, em terra sêcca, a fonte;
Movem-se pedras, portas se-escancaram,
Surgem as sombras, ganham voz os manes;

Digitized by Google

E ladra e uiva o infernal molosso;
Mar, terra, e o céo, e o tártaro me-servem.
Dou sol á noite em meio, e a noite ao dia.
Da natureza as leis meos carmes trocam.
Alcides voltará, que eu posso tanto....

DEJANIRA.

Como hão de as plantas da Thessalia ou Ponto
Profugo tal colhêr? podem teos versos
Baixar a lua do estrellado assento,
Dar messes no verão, reter nos ares
Raio acceso, ou mostrar astros ao dia.
Cede tudo, elle não!

AMA.

Amor o-vence.

Basta, basta; não nos-deixemos arrastar pelo attractivo do assumpto. Teriamos muito que transcrever de Homero, Virgilio (4º L. da Eneida), Theocrito, Propercio, Tibullo, Horacio, Lucano, Ovidio, Claudiano, Silio Italico, Valerio Flacco, Nemesiano, Petronio, Apuleio, e cem outros, que descreveram ou o poder ou as ceremonias magicas; mas fôrça é confessar que são tudo geralmente variações dos themas que ja ahi deixâmos estampados. Si as dimensões nol-o permittissem, indicariamos os feitiços do Norte, como Shakspeare os-pinta, nas bruxas de Macbeth; achariamos um viveiro inexhaurivel em todos os romances de Walter Scott; Duarte Barbosa nos-descreveria as bruxas da India etc.; mas é ja tempo de amainar velas e arrear bandeira.

Digitized by Google

§ 102

(T. 1. p. 83) (l. VIII. 8.)

Os versos canta da feroz Medea.

Uma das mais afamadas magas da antiguidade. Enamorada de Jasão, a quem facilitou meios de conquistar o velocino, desposou o amante. Por meio de uma astucia atroz, fez Pelias morrer Tendo Jasão tido filhos de Glauce, degolou-os a todos, e vingou-se da rival, praticando mil outros actos barbaros. Os seos sortilegios eram geralmente accompanhados de palavras e versos magicos. Foi ella quem ensinou os conjuros contra serpentes, d'onde lhe veiu o nome de Angustia.

A 12ma Heroide de Ovidio é de Medea a Jasão. Pelo temor de enfado, aqui ommittimos alguns formosos passos da tragedia de Seneca, intitulada *Medéa* (especialmente desde o verso 675), em que se descreve a omnipotencia dos encantos da maga. Com o mesmo titulo, compoz Bocage uma de suas mais bellas cantatas, que assim começa:

Ja de Colchos a fera ardente Maga
Horridos versos murmurado havia;
Ao som de atroz conjuro e negra praga
Ja tinha amortecido a luz do dia;
Ja co'a fôrça do encanto,
Os implacaveis monstros subjugára
Na feia habitação do eterno pranto,
E á voz terribil, ao potente acêno
A triforme carranca emfim curvára

Digitized by Google

Do rei das sombras a feroz consorte.
Embebidas n'um férvido veneno
As roupas nupciaes, brilhante ornato,
Em que ia disfarçada, alegre, a Morte,
Instrumentos da raiva e do ciume,
Punindo a vil traição do esposo ingrato,
O invisibil per arte aereo lume
Pouco a pouco ateavam
Nas lizas carnes da real donzella,
E a preferida, a bella,
Miseranda rival desesperavam.
Descendente do sol, do deus fogoso,
Tu, zelosa, frenetica Medéa,
Foste colhêr ao carro luminoso
Tenue, fatal, porção da luz phebea;
Talhaste fulvo annel da ignea trança,
E d'elle urdiste asperrima vingança.

---

§ 105

(T. 1. p. 83) (l. VIII. 10.)

Sabe a virtude á gramma.

Entre os sortilegios e encantos occupam as hervas o primeiro logar, mormente colhidas, a horas mortas, ou ao despontar da lua, sobre terra de finados; e por isso põe o poeta em relêvo as virtudes da gramma.

O *ethiopis* ou *merois*, lançado aos rios ou lagos, seccava-os; o simples contacto d'esta planta escancarava todas as portas. Atirando o *achemenis* a um exercito, isso

Digitized by Google

bastava para dispersar os batalhões e afugentar os soldados. Davam os reis persas *latace* aos seos enviados, para que achassem por toda a parte abundancia de quanto precisassem. O *moly* e o *cestros* (que é a *betonica*) tinham grandes virtudes, como ainda hoje accreditam os italianos, que teem este rifão: *Tu hai piu virtu che non ne ha la betonica.*

---

§ 104

(T. 1. p. 83) (I. VIII. 10.)

.. ao rhombo em gyro.

Não sabemos si, entre os numerosos, complicados e esquipaticos utensis de que se-valem as chamadas *mulheres de virtude*, adivinhonas, feiticeiras (ou como melhor se-possam chamar) dos nossos dias, ha alguma cousa, que represente ainda o *rhombo* das suas predecessoras, gregas e romanas. — Consistia este, segundo se-póde com verosimilhança conjecturar, n'uma especie de pião ou carapeta, que se-atirava, involvido n'uma trança de correias delgadinhas, cujas cores tambem eram significativas, e que, conforme o seo gyrar, agourava, em bem ou em mal, a pessoa á conta de quem se-lançava. O novello, o baralho e os dados, fazem talvez, ao presente, as vezes do rhombo. O gyrar d'aquelle páo ou metal para a esquerda devia ser ruim, e pelo contrario para a direita. Quando a saga ou feiticeira pertendia desfazer o effeito, impetrado por um

Digitized by Google

lanço de rhombo, não tinha mais que lançál-o na direcção opposta. Poderiamos trazer para aqui cardumes de citações faceis, dos poetas de outr'ora, acerca d'este instrumento magico, mas decididamente não val a pena.

Vejamos unicamente o que do rhombo diz Marcial (IX. 30), no epitaphio á caduca Filena:

Depois que tu viste o inverno,
Como Nestor, vezes mil,
Filena, do teo covil,
Lá te-arrastam para o inferno.

O' bruxa! não te-consumas!
Tens com quem fazer parelha!,
Que inda é tres mezes mais velha
A tal sybilla de Cumas.

Cala essa bocca! oh, que prenda!
Que é voz tal que a não perturba
Nem de Serapis a turba,
Nem mil escravos á venda,

Nem o tropel, do demonio,
Dos rapazelhos de eschola,
Nem lhe-cobriria a parola
Bando de grous do Strymonio.

Ja não ha quem prostitua
De virgem branda o suspiro;
Co'o thessalio RHOMBO em giro,
¿ Quem ha hi que evoque a lua?

Ja todo o povo, sem susto,
Contente, este brado eleve:
« Seja-te a terra tão leve,
« Que os cães te-roam sem custo! »

Digitized by Google

§ 105

(T. 1 p. 83) (l. VIII. 11)

Ao virus seminal de egua ciosa.

A expressão technica, com que designavam o liquido distillado por egua prenhe ou ciosa, era hippomane. Prop. IV. 5. 18.

Hippomanes, fætæ semina legit aquæ.

Tibullo (II. 4. 58) corrobora esta crença:

Quidquid habet Circe, quidquid Medea veneni,
Quidquid et herbarum Thessala terra gerit,
Et quod, ubi indomitis gregibus Venus afflat amores,
Hippomanes cupidæ stillat ab inguine equæ.

Suppunham tambem os antigos ser o hippomane uma caruncula ou excrescencia carnosa, que os potros traziam na cabeça ao nascer, poderoso aphrodysiaco. Vem de dous termos gregos, *ippos* cavallo, e *mainomao* infurecer-se.

Virgilio (En. 4. 515) descreve a pyra que Dido fizera preparar para si, e accrescenta que, ao nascer da lua, cortára, com enea fouce, hervas que despontavam, espremendo-lhes os succos negros e impuro leite; junctára-lhe o hippomane, arrancado da fronte do corcel recem-nado:

Quæritur et nascentis equi de fronte revolsus,
Et matri præreptus amor.

Digitized by Google

Nas Georgicas (3. 280) diz que as eguas distillam dos seos flancos o hippomane, veneno lento, que frequentemente guardam as madrastas crueis, para misturarem com hervas impuras e infernaes palavras.

Plinio (8. 66) diz que os poldros nascem com o hippomane, substancia que entra na composição dos phyltros amorosos; preta, collocada na fronte, e da grossura de um figo; que a egua o-devora e só depois deixa o poldro mamar: diz mais (28. 49) ser tal a fôrça do hippomane nos maleficios, que, lançado na fundição de uma figura de bronze, que represente uma egua olympia, excita o mais furibundo cio nos cavallos que se-lhe-chegam!

Hoje a sciencia dá ideas mais sans. Buffon, Hist Nat tom. IV, 214 e 329.

---

§ 106

(T. 1. p. 83.) (I. VIII. 17.)

Suspeito que nas trevas esvoaça,
Perdida a antiga fórma.

A descripção que o mesmo Ovidio nos-dá das estryges nos *Fastos* L. VI v. 131, dá a intender ser essa ave (provavelmente a lamia dos gregos) o mesmo que a nossa *coruja*, e a palavra francesa *effraie* ou *fresaie*. No logar indicado, a-descreve Ovidio assim: — São uns

Digitized by Google

passaros vorazes, não d'aquelles que, á mesa de Phineias, lhe-arrancavam a comida da bôcca, mas d'essa raça ; cabeça grande, olhos fixos, bico adunco, pennas brancas, unhas em garra. Voam de noite, em cata de creanças sem ama ; atiram-lhes o corpo fóra dos berços, e despedaçam-n'o; espicaçam com o bico as visceras tenras e nutrem-se de sangue ; chamam-lhes *estryges*, pela *estridente* bulha, com que, de noite, esvoaçam. Não se-sabe si ellas nascem já passaros, ou si são bruxas, transformadas por feitiços. »

Os ovos e as intranhas do bicho eram um heroico ingrediente dos phyltros. Seneca, diz, na *Medéa* : que a maga misturava carne de aves immundas, coração de sapo, e intranhas, em vida arrancadas á rouca estryge. Horacio conta que Canidia, desgrenhada, e com a cabeça ouriçada de víboras, preparava, no fogo magico, uma composição de raizes de cipreste e figueira, desenterradas de cemiterio, ovos e pennas de nocturna estryge, empapados em sangue de sapo, hervas da Thessalia e Hispanha, e ossos arrancados ás guelas de uma cadella em jejum.

Em todos os paizes se-tem perpetuado esta tradição. O libretto do *Trovador* começa logo por uma similhante descripção. Roberto Southey, n'uma das suas balladas, faz assim falar a *Feiticeira de Berkeley*:

I have suck'd the breath of sleeping babes.
The fiends have been my slaves;
I have 'nointed myself with infant's fat,
And feasted on rifled graves.

Apuleio, no *Burro Aureo*, l. 1., fala amplamente d'estas bruxas, chamando-as gulosas de carne humana.

Digitized by Google

As leis salicas ordenam que « si uma feiticeira comer um homem, tem de pagar 200 escudos! » sendo por isso que outr'ora com tanto cuidado se-guardavam os corpos.

E' notavel como as superstições populares são vivazes e multiplicativas! Assim como pois os antigos haviam attribuido á coruja uma especie de dom divinatorio para mortes e grandes adversidades, e por isso reputavam de ruim agouro a sua apparição; assim como, por uma ampliação de credulidade, suppunham não serem aquellas, meras aves como as outras, mas transformações de velhas malfazejas, que, sob esse aspecto, iam chuchar o sangue das creanças e dos animaes, assim entre as mulheres, as creanças, os rusticos e muita outra gente leiga das nossas cidades, e principalmente dos nossos campos, ainda hoje, as bruxas e as estryges teem entre si ou grandissima similhança ou identidade. Quanto ao modo como as tristes das velhas, feias e antipathicas, diffamadas com a alcunha de bruxas, se-metamorphoseiam; os contractos que para isso teem com o diabo; as palavras que dizem; as cerimonias que fazem; os ingredientes com quo se-unctam; o páo em que montam, para sahirem pela janella ou pela chaminé; a hora (commummente a da meia noite); as conjuncções sideraes da partida; o logar dos seos conciliabulos (ora á beira de um charco, ora n'uma encrusilhada, ora n'um cemiterio); quanto emfim ao modo de chuparem as creanças, ou furtál-as; infesarem os gados; empecerem aos partos, aos noivados, aos infermos, aos convalescentes e aos viandantes nocturnos, corre copiosissima variedade entre os parvos, (convindo fazer aqui, como especie de parenthesis, uma triste declaração, a saber, que alguns

Digitized by Google

espiritos, não leigos, e até ingenhos de bons quilates, não são totalmente estranhos a estas ridiculas, e nem sempre inoffensivas, vanidades). A nossa excellente e respeitavel amiga, Sra. D. Maria Peregrina de Souza, nossa collaboradora no *Iris* e na *Revista Universal Lisbonense*, compilou, com summa curiosidade, e deixou, para a futura historia popular do nosso tempo, um alentado número d'estas e quejandas credelrices, na provincia do Minho, em que nasceu, e a que a sua penna inexhaurivel, graciosa e delicada, se-consagra de predilecção: d'esses curiosos artigos alguns se-podem ler na *Revista*, mas sabemos ser muito maior o número dos ineditos.

Nos versos, que estamos annotando, não vem expresso o nome de *estryge*, como vem na canção XII d'este livro, mas, pelo que deixâmos transcripto dos *Fastos*, facilmente se-subintende.

---

§ 107

(T. 1. p. 84.) (I. VIII. 38.)

Propitio não te foi de Marte o signo.

O mez de *março* tomava o nome de *Marte*, a quem era consagrado, como manifestamente se-collhe do introito do L. 3.° dos Fastos. Reduzido o pensamento a prosa, diz simplesmente que o mez de março lhe-foi in-

Digitized by Google

productivo, e que o de abril, até por ser mez de Venus, ja lhe-vem com melhores auspicios de ganancia. Vemos commentadores estafarem-se, e distillarem-se todos em argucias, para provarem que Marte (e por consequencia o signo, que no zodiaco corresponde ao seo mez) eram fataes para os amores. Ovidio não o-disse, nem provavelmente em tal pensou; registrou só o facto de ter sido esteril aquelle mez. « Porem Marte, ajunctam elles, é o Deus da destruição »..... « e o amante de Venus » lhes-respondemos nós. Para um poeta, e do genero de Ovidio, esta segunda idea ainda prevalecia á primeira. Não são ja tão poucas as superstições, que dos romanos sabemos, que devamos phantasiar novas, para lh'as-imputarmos.

---

§ 108

(T. 1 p. 84.) **(I. VIII. 46.)**

Si elle te não comprasse, ir tu mercál-o.

D'onde se-colhe que não só homens tomavam moças por sua conta, mas que, ás vezes, eram elles tomados e pagos por ellas:

Affeiçoada ao rosto bello e tenro,
Deseja de comprar-te para genro.

Digitized by Google

§ 109

(T. 1 p. 85) (I. VIII. 55.)

Talvez de Tácio as rusticas sabinas.

Tácio, rei da Sabinia, Estado florescente, quando Roma era ainda em seos principios. Os fundadores de Roma, tendo homens em abundancia, para o que muito contribuiam o asylo que ahi encontravam os foragidos de todas as partes da Italia, careciam entretanto de mulheres; pelo que, dizimados todos os dias pelas pequenas guerras que faziam, com o intuito de se-dilatarem, anteviam ja, em futuro proximo, a sua propria anniquillação. Um estratagema de Romulo surtiu, a ponto, o remédio desejado: manda apregoar, pelas visinhanças, festas e jogos solemnes, que em Roma se-hãode fazer; os sabinos acodem com mulheres e filhas; no meio do espectaculo, Romulo dá o signal á sua gente, ja prevenida; as sabinas são roubadas; os paes e maridos, não lhes-podendo valer, retiram-se, meditando desaffrontar-se, e reivindicar as prêsas; o exercito sabino e o romano estão emfim em presença, vai travar-se o combate, quando as sabinas, ja romanisadas, algumas d'ellas ja mães, se-arremeçam entre os dous campos, e os-conciliam. Nos historiadores (e nomeadamente em Tito Livio), nos poetas (e especialmente em Ovidio) se-póde ver este magnifico painel, provavelmente mais poetico do que historico.

Com razão, ou sem ella, as sabinas antigas passavam no dizer dos romanos, por mulheres de grande severidade no viver, e a isso allude o nosso auctor hastantes vezes. (Vid. a nota I. X. 100).

Digitized by Google

§ 110

(T. 1. p. 85) (l. VIII. 65.)

Penelope.

Typo da castidade e fidelidade conjugal. Icario, seo pae, deu-a em casamento a Ulysses, de quem teve Telemaco. Partindo seo marido com a frota grega para Troya, ficou em Ithaca, onde, faltando durante 3 lustros noticias de seo marido, a sua belleza deu causa a que muitos pertendentes a-instassem por que a elles se-unisse. Receosa de os-repellir abertamente, declarou-lhes que ia trabalhar n'um veo, e que, concluido elle, se-decidiria. Viam-n'a todo o dia assidua ao seo trabalho, esperando, por isso, ver proximo o aprasado momento; porém a astuciosa dama desmanchava de noite a obra diurna, até que, descoberta a fraude, no fim de 3 annos, pela traição de uma aia, se-viu obrigada a terminar o eterno veo. Então chegou Ulysses, desde vinte annos ausente, disfarçado em mendigo, e depois que ella o-conheceu, após numerosas provas da identidade, este lhe-rogou que-declarasse aos pertendentes que primeiro dobrassem o arco, por elle outr'ora recebido de Iphito, arco que nunca lhe-servia nos combates; a isto, allude aqui a Dipsas, sendo desnecessario recordar, quanto, e quão intencionalmente, este argumento d'ella é capcioso.

A primeira das Heroides d'Ovidio é de Penelope a Ulysses.

Digitized by Google

§ 111

(T. 1. p. 85) (I. VIII. 70.)

Corre a vida, e se-esvai, sem que a-presintam.

Approveitemos, á pressa, e abundantemente, estes poucos dias, que temos de vida: é o pensamento fundamental da poesia anacreontica. Poderiamos comprovál-o com a reproducção de todos os versos do seo fundador, mas contentar-nos-hemos com quatro d'essas odes de Anacreonte:

ODE 15.

Deixar lá Gyges, o rei sardo;
Nunca a tyrannos invejei.
Thesouros! eu nem os-aguardo,
Nem os-pedi, nem pedirei.

O que eu só quero é bons aromas
Por estas barbas esparzir;
Rosas tecer nas raras comas,
E não pensar no que hade vir.

O que hade vir... quem n'o-adivinha?
Faz bello dia; approveitar!
A taça inchei, que eu encho a minha;
Ao bom Lyêo convem libar.

Batendo na porta a doença,
Sai pela janella o prazer:
« — Venho cassar tua licença —
(Diz ella); acabou-se o beber! »

Digitized by Google

ODE 24.

Nasci mortal; agra ou macia, a estrada
Levál-a ao cabo é lei:
Vejc a porção que andei;
A que me-espera... em nevua é sepultada.

Cuidados insanos,
Enxame voraz,
Deixae-me estes annos
Volverem-se em paz.

Si ao tumulo opaco
Por fôrça me-heide ir,
Comtigo, meo Baccho,
Dançar quero e rir.

ODE 25.

Quando bebo, dormem-me
Os ruins cuidados.
Eu pensar sollícito
Em carpir meos fados?!
Qual é d'isso o prestimo?
Pois (ou queira ou não)
Heide, entre os cadaveres
Ter o meo quinhão.

Quando a vida rapida
Me abre dous caminhos,
Trocarei o flórido
Por calcar espinhos?
Reine Baccho! empinem-se
Vasos redobrados!
Quando bebo, dormem-me
Os ruins cuidados.

ODE 41.

Rosto alegre e beber, beber vinho e cantar
O bom do nosso Baccho, inventor do dansar,
O amigo das canções, n'um côro prasenteiro,
De Venus o mimoso, o socio ao Deus frecheiro!
Si a embriaguez vem d'elle, ufanos confessae
Que ha, das graças no rol, uma de que elle é pae.
Onde elle introu, desfez-se o pesar e a tristeza.
Quando uns mocinhos vejo, em flor de gentileza,
Virem trazer-me, cheia, a taça, em que me-ri
Mixto co'a pura lympha o nectar de rubi,
Co'os ventos voar deixo os sombrios pesares;
Si hãode dar temporal, dem-n'o por esses ares.
Toca a afogar no vinho o enxame zunidor

Digitized by Google

Dos cuidados ruins; quem póde int'rêsse pôr
Em lhes-servir de pasto? o bem ou mal remoto
E' a todos occulto, e o fim da vida ignoto.
Quero beber, bailar, fragrancias rescender,
E com moças louçans tripudiar de prazer.
Rale-se quem quizer; bebamos nós contentes;
Cante-se gloria a Baccho, o bemfeitor das gentes!

Por isso Macedonio, n'um epigramma, do 1° livro da *Anthologia*, exclama:

E' tão curto da vida o horizonte!
Fóra o cuidado, e viva Anacreonte!

O mesmo diz Rufino, em a mesma obra, liv. VII epig. 143.

Esta philosophia poetica chegou a penetrar nos usos sociaes. Eis o que nos-faz saber Herodoto (L. II):

« Nos banquetes, que os magnatas se-dão, trazem ao redor da salla um ataúde, com uma figura de madeira, tão bem esculpida, e tão bem pintada, que assimilha um cadaver. Um após outro, a-mostram aos convidados, dizendo:— « Ponde os olhos n'este homem, com quem vos-tendes de parecer, quando fordes mortos. Bebei no emtanto e diverti-vos! »

Em Roma fazia-se o mesmo. Petronio, no seo *Satyricon* (c. 26), diz que a casa de jantar de Trimalchião era ornada de um relogio, juncto ao qual um escravo o-estava sempre advertindo, com uma trombeta, que o tempo e a vida iam correndo; e depois (c. 34) narrando as singularidades do festim ajuncta:— « E eramos todos nós ainda boqui-abertos com tamanhas magnificencias, quando um escravo depoz na mesa um cadaver de prata, tão bem

Digitized by Google

fabricado, que as articulações e vertebras se-moviam em todos os sentidos; depois que o captivo lhe-moveu as molas, umas poucas de vezes, fazendo-lhe tomar várias attitudes, declamou Trimalchião:

Para aquillo é que um homem se-atormenta?
Quão curto e fragil é da vida o fio!
Todos somos como esse. Aquenta! aquenta!
Que breve chegará da morte o frio.

Todos os poetas eroticos romanos compartiram esta opinião, prégando egual doctrina:

Ovid. (Am. I. XI. 15) Dum loquor, hora fugit.
Pers. (Sat. V) Vive memor lethi, fugit hora.
Sen. (Ep. 123) Fluunt dies et irreparabilis vitæ decurrit.
Hor. (I. II.) Dum loquimur, fugerit invida ætas.
Marc. (I. XVI) Non est, crede mihi, sapienti dicere: Vivam!
Sera nimis vita est crastina; vive hodie!

Entre os mil eroticos francezes, do mesmo sentimento, citaremos Parny:

Un jour, il faudra nous courber
Sous la faux du temps qui nous presse;
Mais jouissons dans la jeunesse,
Et dérobons à la vieillesse
Tout ce qu'on peut lui dérober.

Os nossos poetas, apezar de christãos, tambem n'isto teem sempre sido greco-romanos. Ferreira, na *ode á primavera*:

A vida foge, como ao sol a sombra;
Quem podér, viva, emquanto uma hora tarda.

Garção:

Digitized by Google

Reluzindo, na mesa, os cristaes limpos,
Nos-pedem que bebamos, que brindemos.
Ora bebamos, Lydia; deixa aos astros
O govêrno dos orbes,
Não queiras, triste, penetrar a densa
Caliginosa nevua do futuro;
Não percas um instante de teos dias;
Olha que o tempo vôa!
Voam com elle nossas esperanças,
Castellos sôbre nuvens levantados!

---

§ 112

(T. 1. p. 86) (l. VIII. 87.)

Tem por maiar que Homero a quem dá muito.

Quasi sempre os poetas (emquanto não fugiram para o mundo das idealidades, onde se não come) viviam a queixar-se das escassezes e injustiças da fortuna. Innumeraveis são os que, inculcando-se ás suas amadas, e procurando ser recebidos *só pela prenda*, e não o-conseguindo, se-derramam em invectivas contra o máo gosto d'ellas, em diatribes contra os ricos, em imprecações á sorte, a quem elles apertaram ainda mais a venda dos olhos, e em escusadas saudades de uma *edade de ouro*, phantasiada por elles mesmos. Não era necessario ser muito lido para se-amontoarem aqui mui curiosos documentos d'esta verdade; mas n'esta parte ler um é ler todos.

Digitized by Google

Quanto ao pensamento do auctor, no que toca á preferencia que as bellas dão ás louras sobre os louros, mais appropriadamente do que n'este logar o-annotaremos (III. V II). Quanto porém ao desprêso d'este tal, chamado, maldicto ouro, ouçamos Anacreonte, em duas odes:

ODE 23.

Si o ouro de Pluto
Nos-desse mais vida,
Junctar montes de ouro
Tomára por lida;

E em vendo que a morte
Me-vinha apanhar,
Dar-lhe-hia metade,
Por me ella deixar.

Porém si a existencia
Não vem por tal preço,
Que val o ter ouro?
Ja não n'o-appeteço.

Porque hei de eu ralar-me
Com prantos, com ais?
Por mais que façamos,
Nascemos mortaes.

A mil opulencias,
Inlêvo de avaros,
Prefiro os bons vinhos,
Amigos bem caros,

E aquellas doçuras
Que ás vezes tambem,
Nos braços mimosos,
Me-offerta o meo bem.

ODE 46.

O não-amar é custoso;
Custoso é tambem o amar;
Porém custo redobrado
E' amar... e o objecto amado
Não podêrmos alcançar.

Nos amores, hoje em dia,
Nobrezas não tem valor;
Virtude a ninguem conquista;
O que attrahe, que prende a vista
E' só do ouro o esplendor.

Digitized by Google

Mal-haja o que ha dado ao ouro,
Primeiro a sua affeição!
D'esse impio metal o brilho
Inimisa o pae co'o filho,
Separa o irmão do irmão,

Gera guerras e homicidios....
Mas de tudo o mais atroz
E' que aos pobres amadores
D'elle nasçam tantas dôres....
Ai tristes, tristes de nós!

O nosso Tolentino levou a vida a queixar-se da indigencia:

Entre a faixa da pobreza
Meos tristes paes me-involveram,

e desde esse dia nefasto até á morte, por todas as formas, poetisou a miseria e nobilitou a mendicidade, apesar de viver em excellente roda, ser mui considerado, e nunca ter sentido faltas. Como porém não ha quem com mais graça diga as cousas, ouçamol-o:

Homero, o divino Homero,
Honra de antigas edades,
Por cujos inuteis ossos
Brigaram sete cidades,

Doces versos recitando,
Pela Grecia discorria;
Tinha os thesouros de Apollo,
E esmola aos homens pedia;

Mas si de auctores antigos
Tens tido pouco exercicio,
Eu te-aponto um bem moderno,
E até do teo mesmo officio;

Digitized by Google

Foi este o famoso Quita,
A quem triste fado ordena
Que a fome lhe-traga o pentem
E da mão lhe-tire a penna;

Emquanto na suja banca
Pobre tarefa tecia,
Seo espirito sublime
Sôbre o Parnaso se-erguia;

Cosendo sôbre o joelho,
Em dura, falsa caveira,
A sua alma conversava
Com Bernardes e Ferreira;

Mil vezes travêssas musas
Da baixa obra o-desviam,
E mostrando-lhe o tincteiro,
Pós e banha lhe-escondiam.

E n'outra parte:

A occupação de poeta
E' nobre por natureza;
Mas todo o officio tem ossos,
E os d'elles são a pobreza.

Os dentes do bom Camões
Sejam fieis testimunhas;
Muitas vezes esfaimados
Não acharam sinão unhas;

Depois que seos frios olhos
Se-fecharam no hospital,
Logo as filhas da memoria
Lhe-ergueram busto immortal;

De que serve honra tardia?
Bem sei que o rifão vem torto,
Mas faz lembrar a cevada
Que se-deu ao asno morto.

Digitized by Google

Os culpados são os poetas, da moda de se-accusar Portugal pela indigencia dos seos genios. Facil é de comprehender que a opulencia não seja geralmente partilha do genio; mas os Homeros, os Miltons, os Lamartines e os Cervantes, são de outras patrias que a de Camões (cuja pobreza Tolentino nos-lança em rosto), e pois que estes dous nomes nos-cahem da penna, diremos que ja outros notaram as singulares similhanças de fortuna, que se-deram entre Cervantes e Camões, *si parva licet componere magnis;* os poetas pobres não teem patente de invenção de Portugal.

Camões foi fidalgo, soldado, poeta e pobre; tudo isso Cervantes foi.

Camões de ameno e festivo genio; outro tanto Cervantes.

Camões peregrinou por varias terras e perdeu um ôlho na guerra. Cervantes peregrinou por varias terras e perdeu a mão esquerda, na batalha de Lepanto.

Camões escreveu poesias, quando prêso; Cervantes escreveu, no carcere, a historia de D. Quixote.

Camões vivia das esmolas do seo Jáo e da sua obscura bemfeitora; Cervantes, ainda que alguns bens tinha, recebia soccorros dos amigos.

Camões obteve d'el-rei D. Sebastião uma pensão tão modica, que não o-impediu de morrer no hospital; Cervantes recebia outras do arcebispo de Toledo e do conde de Lemos, que obstaram a lá morrer.

Camões era de estatura meã, nariz grande, graciosamente elevado no meio (signal de ingenho), olhos vivos,

Digitized by Google

cabello ruivo, cor branca; Cervantes não era alto nem baixo, cor viva, cabello castanho, barba e bigodes ruivos, olhos alegres, nariz curvo.

Camões, pouco antes de morrer, escreveu alguns versos; Cervantes, depois de recebida a extrema-unecção, escreveu a dedicatoria de Pérsiles.

Camões foi interrado, com muita pobreza e sem inscripção sepulchral, no convento das freiras de S. Anna em Lisboa; Cervantes foi-o, com triste apparato e sem epitaphio, no convento das freiras trinitarias de Madrid.

---

§ 113

(T. 1. p. 86) (I. VIII. 91.)

Soffreu do gesso o presupposto opprobrio.

Tibullo (II. III. 62) queixando-se egualmente da avareza da sua Nemesis, que se-vende a quem melhor paga, faz saber que o amante do dia é um ex-escravo de pé gisado:

... Regnum ipse tenet, quem sœpe coegit
Barbara gypsatos ferre catasta pedes.

Propercio (IV. V. 52.) diz:

Cretati medio quum saluere foro.

Allude tudo isto á prática estabeleeida de gisarem os pés dos escravos postos á venda, no meio do Foro, afim

Digitized by Google

de que, correndo e saltando melhor, os compradores reconhecessem a sua agilidade.

Lê-se em Plinio (35. 58.) : « Uma greda ha, chamada argentaria, por dar brilho á prata. E ha ainda outra, de vilissimo valor, que os nossos antepassados usavam para traçar no circo a linha de victoria, e marcar os pés dos escravos, vindos do ultra-mar para vender. D'este numero foram Publio, creador da scena mimica ; Manilio Antiocho, creador da astronomia ; Staberio Eros, creador da grammatica, todos 3 vindos no mesmo navio..... O gesso é a marca com que se-almagram esses rebanhos á venda, e o opprobrio da fortuna insolente.... Pouco tem faltado para serem mandados com as fachas laureadas para os logares d'onde haviam vindo com os pés gizados ! »

---

§ 114

(T. 1 p. 86) (I. VIII. 93.)

As estatuas de cera em longas filas.

Assim como hoje se-archivam com desvelo arvores genealogicas e pergaminhos nobiliarios, que vão de paes a filhos, perpetuando nobrezas ou vaidades, com muito desvelo tambem curavam os romanos illustres (a princípio só os patricios, e depois os plebeos admittidos ás dignidades curues) de ir inthesourando, em imagens de cera, os retratos

Digitized by Google

de familias, que mais tarde tambem foram de madeira, marmore ou bronze.

Tinham-se estes, em nichos, no atrio ou introito da vivenda, infileirados chronologicamente, *longo ordine*, ligados entre si com grinaldas ; e nos funeraes da familia se-levavam, adiante do corpo, até o logar da queima, d'onde, finda a cerimonia, se-retraziam para a sua estação habitual. Foi tambem lembrado d'este costume romano, que o instituidor da casa portugueza do Bulhaco, incorporada na dos Ex^mos^. Condes da Cunha, determinou, para a perpetuidade da sua descendencia, que todo o que intrasse á administração do morgado, mandaria pôr o seo retrato á seguida do dos seos maiores, ficando tudo incabeçado no mesmo morgado, como até o presente se-tem seguido sem interrupção.

Eis o que diz Polybio : — Morrendo um romano, de distincção, transportam-n'o, nos funeraes, em grande pompa, ao foro, e collocam-n'o perto dos Rostros, ordinariamente em pé, para toda a multidão poder vêl-o ; raro deitado. Todo o povo o-circumda, e, si deixa um filho grande, esse(ou aliás um membro da familia)sóbe á tribuna das arengas, onde celebra as virtudes e boas acções do defuncto ; assim se-converte em público o luto particular. Sepultado o cadaver, e preenchidos os deveres religiosos, colloca-se a imagem do morto no sitio mais ostensivo da casa ; consiste esta n'uma caraça muito parecida, com a fórma das feições e a côr natural. Quando fallece pessoa importante da familia, essas caraças accompanham o prestito, levadas por homens, cuja altura e todo o exterior alembram o mais possivel os defunctos, revestindo-se, alem d'isso, da pretexta, si representam consul ou pretor, da toga de purpura, si

Digitized by Google

foi censor, e da auri-palmada toga, si foi triumphador. Avançam depois, montados em carros, precedidos dos lictores e das mais insignias das respectivas magistraturas. Chegando ao pé dos Rostros, assentam-se todos em cadeiras de marfim. Quem não se-sentiria exaltado, ao vêr reunidas todas essas imagens, porque assim digamos, vivas e animadas, de homens, que por merito se-illustraram? De mais, é costume que o orador, depois de falar do morto, recorde a gloria e as façanhas de todos os mortos, cujas imagens o-rodeiam, começando pelo mais antigo; e por este elogio, assim reproduzido, a gloria dos grandes cidadãos se-perpetua, transmittindo-se, de edade em edade, a memoria dos bemfeitores dos homens, á posteridade. »

Vitruvio, no seo *Tractado de architectura*, dando as regras dos atrios, e dos quartos de estudo, diz que a altura das imagens com os seos ornamentos, deve estar em proporção com a largura das galerias!

Plinio (XXXV. 2): « Não ommittamos aqui uma idéa moderna; dedicam-se hoje, nas bibliothecas, em ouro, prata, ou ao menos bronze, não só os bustos dos heroes, cuja voz immortal retumba n'estes logares, mas até bustos imaginarios. Homero é frequente nas galerias. Creio que este uso foi estabelecido em Roma por Asinio Pollião, o primeiro que, ao abrir uma bibliotheca, fez dos genios propriedade pública. »

Juvenal, na satyra VIII, flagellando a vaidade do homens sem merito, que se-pavoneiam da onerosa nobreza de seos antepassados, dirige-lhes, entre outras perguntas: — « Que significam essas imagens de tantos guerreiros illustres, si tu passas a noite a jogar, em face do vencedor

Digitized by Google

de Numancio, e a madrugada a durmir, á hora em que esses heroes marchavam contra o inimigo, á testa dos esquadrões? »

O sentido porém, em que Cvidio aqui fala das imagens, é o mesmo que empregou Propercio (I. V. 23)

Nec tibi nobilitas poterit succurrere amanti;
Nescit amor priscis cedere imaginibus.

---

§ 115

(T. 1 p. 86.) (I. VIII. 97.)

Responde: « *Vá ganhál-o* »,

Em obsequio aos costumes, duplicou aqui o traductor o veo.

---

§ 116

(T. 1 p. 86) (I. VIII. 105)

Dor de cabeça agora...

E tomem-se lá com poetas, pelo menos pagãos! Aqui as dores de cabeça, acconselhadas pela velha, como pre-

Digitized by Google

texto para recusa, são, ja se-vê, condemnadas, como tudo quanto ella ensina: na canção XIX do L. II, acconselha elle proprio o mesmissimo, como bom meio para lhe-atiçarem o amor! O pensamento de Ovidio é similhante ao epigramma de Marcial (IV. 38)

A minha Julia querida
Leva uma hora antes que ceda;
Custa a dar-se por batida;
Faz-se de manto de seda;

Diz que amor e ovos molles
São em tudo taes e quaes;
Que devem tomar-se aos goles
E cançam sendo de mais.

De ovos e amor pouco intendo;
Só sei que odeio a fadiga;
E que amores de remendo
Não valem nem uma figa.

---

§ 117

(T. 1 p. 86.) (I. VIII. 106.)

De pretexto á recusa os cultos d'Isis.

Isis foi divindade de origem egypcia, adoptada na Grecia, e de lá trasladada para o culto romano. Para aqui basta, que os dias anteriores á sua solemnidade, assim como tambem as vesperas das festas de Ceres, divindades que teem tanto de commum, que até se-reputam essencial-

Digitized by Google

mente uma só, as moças suas devotas deviam-se abster severamente de contacto viril. Não falta quem supponha que essa privação sería para accender mais a sêde dos prazeres, a que depois se-largava redea, porque os sacrificios d'Isis, que eram tambem arcanos, como os de Ceres, chegaram a ser em Roma afamados pela sua devassidão. Merece muito ler-se a elegia de Propercio II. 33, sobre as festas d'Isis; apparecem alli queixas similhantes ás que sôbre o mesmo assumpto o nosso poeta faz em outras partes.

---

§ 118

(T. 1. p. 87) (I. VIII. 122.)

A serva.

As servas, nas poesias, e sobretudo no theatro dos antigos, representavam, com muita propriedade, o papel de confidentes, e ladinas intermediarias. Molière, que se-appropriou, com muita felicidade, grande número das producções dramaticas de Aristophanes, Plauto, Terencio etc. transplantou egualmente os servos gregos e romanos para a scena moderna, na pessoa dos Scapins, *et reliqui*; é para nós duvidoso si, n'esse ponto da imitação, foi o grão comico bem inspirado. O que era, por mil titulos, uma verdade, n'aquell'outra sociedade, tornára-se uma ridicula mentira, na sociedade em que elle vivia, como na em que vivemos. Ha muito que os amantes se-revoltaram contra o mono-

Digitized by Google

polio do espirito e dos recursos dos seos criados, e que este commercio se-faz directamente (e sem corretagem) de productor a consumidor.

---

§ 119

(T. 1. p. 87) (l. VIII. 131.)

Um bolo festival.

Os presentes ás que faziam annos eram contribuição forçada para os seos arrojados. O dia natalicio era festividade domestica, na qual figurava um bolo, como em Portugal o arroz-doce. Em França não faltam casas, onde, talvez por tradição conservada da dominação romana, apparece á mesa, n'esses dias, uma especie de pão de ló grande (*gâteau de Savoie*), com tantas velinhas de cera de pivete, quanto é o numero dos annos que se-festeja: pena é que todas estas práticas, alegres e innocentes, que tanto attrahem para o interior doméstico, e tanto concorrem, sem o-parecer, para apertar intimidades, se-vão perdendo, de anno para anno.

Mas voltando ao bolo romano, outra vez nos-fala d'elle Ovidio, na Arte de Amar L. 1 v. 429.

> Quid, quasi natali quum poscit munera libo,
> Et quoties opus est, nascitur illa sibi?

Na elegia, que deixâmos traduzida de Propercio, alludiu-se ao mesmo.

Digitized by Google

Accontecendo haver na casa mais de um anniversario no mesmo dia, havia mais de um bolo: assim, em casa dos paes do nosso poeta, onde se-festejava o nascimento d'elle e de seo irmão mais velho, vindos á luz em dia identico de dous annos successivos, os bolos eram dous, como elle mesmo nos-conta na eleg. 10 do L. 4° das Tristezas:

Lucifer amborum natalibus adfuit idem:
Una celebrata est per duo liba dies.

Da confeição do bolo deixaram-nos Varrão, e Catão (LXXV) a receita: constava de farinha, queijo, mel, azeite e ovo, tudo amassado, e cosido a fogo brando; devia assimilhar-se ás nossas boroas doces do natal, que Deus sabe si não serão tambem antigualha, filiada d'essas eras; e que *natalicio* mais digno de festejos? Quanto ao nome de *libo*, que davam ao bolo, pela sua conformidade com o verbo *libare*, estava ja per si indicando, o que quer que fôsse de religiosidade.

---

§ 120

(T. 1. p. 87) (I. VIII. 131.)

Teos annos.

Era costume em Roma mandar o amante presentes á bella, no dia do seo anniversario. Prop. IV. 5. 36. Ovid. Arte de amar I. 429 etc. As moças disfructadoras, e que

Digitized by Google

jinham muitos amantes, para multiplicar o número dos presentes, exigiam libo muitas vezes ao anno, para cada supplicante a sua vez; não se-infira porem d'aqui que augmentassem a edade que davam ao manifesto; pelo contrário, quantos mais annos fizessem no anno, menos annos haviam de appresentar na somma: hoje é-se muito modesto, não se recua, pára-se.

Este uso porem era generico; homens e mulheres punham os seos conhecimentos em contribuição forçada, a pretexto de *prenda de annos*. E' mui gracioso o epigramma (VIII. 64) de Marcial a Clyto, que tinha a tal manha de fazer annos, um dia sim, outro não:

Para mimos obter (ja te-inxerguei o plano),
Meo Clyto! vezes dez, fazes annos por anno.
O teo anniversario ahi trazes sempre á balha,
E a festa raro mez te-passa pela malha.
Embora a face tua eu veja, meo farçola,
Lisa como o calhau que o mar á praia rola,
Mostres bem negra e arcada a farta sobrancelha,
Da cor da sasonada amora essa guedelha...
Indo a edade a contar, temo ficar maluco;
Eu provo que és rapaz, tu juras que és caduco.
Tantos dias nataes, como conta o impostor,
Não se-gabam de ter Priamo nem Nestor.
Toma vergonha emfim! basta de zombaria!
Que és capaz de ajunctar um seculo n'um dia!
Vê lá! si, para o anno, a conta se-te-guinda,
Nas ruas gritarei... que nem nasceste ainda!

Digitized by Google

§ 121

(T. 1. p. 88.) (I. VIII. 144.)

Comtigo á rua, que nomeiam sacra.

Era uma especie de Chiado, ou rua do Ouvidor romana, onde se-achavam; expostas á venda, em sumptuosas lojas, as maravilhas da natureza e arte, trazidas, como tributo, a Roma, pelo universo inteiro. Começava no amphitheatro, e acabava no colyseo, sendo n'ella o Templo da Paz e a Praça de Cesar.

Publio Victor nos-diz que ella demorava, na 4ª região, denominada Templo da Paz, na qual, entre a indicação de outros monumentos célebres, notâmos a dos templos de Remo e de Venus, a praça de Vulcano, onde se-admirava o famoso *lotus*, que Romulo plantára, e que dous dias no anno apparecia inundado de sangue; ficava tambem ahi o colosso de 200 1|2 pés, com um resplendor na cabeça, de 7 raios, cada um de 22 1|2 pés; sendo n'esse logar tambem o solar dos Ciceros (D'esta rua fala o grande orador, na sua *Oração pro Planc.*).

Na 1ª ep. do L. 111 das Tristezas, pintando Ovidio o caminho que seos versos, chegando a Roma, e guiados por uma alma bemfazeja, transpuzeram, começa exclamando «Eis o foro de Cesar, e a via sacra, *que de seo destino toma o nome*: »

Hæc est a Sacris quæ via nomen habet;

Digitized by Google

designação que lhe-foi dada, sendo esse o logar onde Romulo e Tacio fizeram o seo tractado, e o caminho por onde se-transportavam os objectos sagrados, do Capitolio aos augures. Era pois um dos passeios *do tom*. Horacio nos-diz que tinha por costume passear na rua Sacra. (1 sat. 9): Ibam forte via sacra, sicut meus est mos.

Mas sobretudo pelas mulheres da vida-airada é que a via sacra era especialmente frequentada: Propercio (II. 22) dando as suas razões de preferencia pelas mulheres faceis, exclama: « Quanto mais não vale essa liberta, que passeia com o vestido entre-aberto, sem receio de espiões? que gasta a calçada da *rua-sacra*, e que nunca faz de piegas com quem se-lhe dirige? »

Eis como um auctor se-exprime:—A *via-sacra* convertia-se, de noite, no campo das vistas do luxo, da lascivia e do orgulho. Era curioso ver então ahi quanto se-tornára numeroso e brilhante esse exército de meretrizes em voga, que occupavam Roma como cidade conquistada, subjugando mais captivos e víctimas que tinham feito os gaulezes de Brenno. Vinham todos os dias disputar primazias em seducção, nos trajos, na insolencia, em meio das matronas, que eclipsavam, com seos encantos e ornamentos.

Umas vezes mandavam-se conduzir por vigorosos abyssinios, em liteiras descobertas, onde iam indolentemente reclinadas, semi-nuas, com um espelho argenteo na mão, carregados de pulseiras os braços, os dedos de anneis, vergada a cabeça ao pêso dos brincos, do nimbo e das agulhas de ouro; a seos lados, escravas lindas iam refrescando-as com grandes leques, de pennas de pavão; diante e atraz das liteiras, eunuchos, creanças, tocadores de

Digitized by Google

flauta, anões, bôbos etc. Outras vezes, sentadas ou de pé em carros leves, dirigiam ellas mesmas os frisões voando, procurando umas passar ás outras. Ora montavam preciosos corceis, guiados com destreza e audacia, ou bellas mulas hispanholas, que um negro levava á déstra. As menos ricas, menos ambiciosas ou turbulentas, iam a pé, elegantemente trajadas de lan ou seda, primorosamente penteadas, com os cabellos formando pastas, ou diademas, louros ou dourados, entrelaçados com perolas e joias. Estas iam brincando com bolas de cristal ou ambar, para conservarem frescas e alvas as mãos; aquellas levavam ombrellas, espelhos, leques, quando os escravos lh'os não conduziam; mas cada uma tinha comsigo ao menos uma criada, indispensavel emissaria.

---

§ 122

(T. 1. p. 88.) (I. VIII. 151.)

Disfarça-lhe o veneno em mel suave.

Lucrecio, de Natura rerum, liv. I v. 935:

Sed veluti pueris absinthia tetra medentes
Quum dare conantur, prius oras pocula circum
Contingunt mellis dulci flavoque liquore,
Ut puerorum ætas improvida ludificetur
Labrorum tenus, interea perpotet amarum
Absinthi calicem deceptaque non capiatur,
Sed potius tali facto recreata valescat.

assim traduzido por Lima Leitão:

Digitized by Google

Qual medico sagaz, que amargo absintho
Propina ás crianças quando o-exige a doença,
Dá-lo mel doce co'o licor dourado
Pelo redondo marginal do copo,
Afim que ellas improvidas se-illudam
Pela doçura, que parou nos labios,
Emquanto sem suspeita o absintho engolem,
A agradavel traição devendo a vida.

Pongerville:

Pour présenter l'absinthe à ce débile enfant,
Sur les bords de la coupe, ainsi ta main savante
Verse d'un miel doré la liqueur décevante;
Et du puissant breuvage ignorant l'âpreté,
Heureux dans son erreur, l'enfant boit la santé.

Tasso imitou isto assim:

Cosi all'egro fanciul porgiamo aspersi
Di suave licor gli orli del vaso:
Succhi amari ingannato intanto ei beve;
E dall'inganno suo vita riceve.

---

§ 125

(T. 1. p. 88) (I. VIII. 166)

Aos ossos meos desejarás descanço.

E' uma parodia da fórmula tumular que se-usava; S. T. T. L. (*Sit tibi terra levis*), com a qual se-afastavam os feitiços, visto como certas fascinações faziam a terra

Digitized by Google

pesada aos manes, retendo assim e opprimindo essas almas. Era, sim, indispensavel, interrar os defunctos, porque alíás esses pobres finados teriam de vagar, um seculo, ao longo dos rios do inferno, sem podêrem passar aos campos-elysios:

Hæc omnis quam cernis inops inhumataque turba est.

E' pois communissimo, nos poetas pagãos, alludir-se esta leveza da terra. Juvenal (VII. 205):

Dî, maiorum umbris tenuem et sine pondere terram,
Spirantesque crocos, et in urna perpetuum ver...

N'essa religião, e n'esses usos, comprehendemos perfeitamente o sentido da fórmula; mas não assim na religião christã, que desprende a alma do seo carcere, apenas o anjo da morte descarrega a sua espada; ainda que o nosso cadaver seja esmagado pelo Ossa, Pelion e Olympo superpostos, não são estes capazes de ahi nos-reter os manes, que ascenderam muito antes a outras regiões; que significam pois os poetas, as inscripções tumulares, os oradores religiosos, e até alguns hymnos christãos com o seo — *A terra te-seja leve* — ? Parece-nos isto diffundir um certo aroma pagão:

Passant! ne trouble point maintenant mon repos!
Et toi, terre, à jamais, soit légère à mes os!

O que ahi não vai! *Terra leve* a quem não sente pesos! *Repouso perturbado* a quem nem siquer ahi está! E até mesmo o *Passant!* é pagão, e parece que por nada d'isto teem dado os ornamentadores de cemiterios christãos.

Digitized by Google

Entre os romanos, sim, era costume depositarem-se os cadaveres em sepulchros, alinhados á borda das estradas, por exemplo, na via flaminea. Quem *passava* pois, indo á cidade ou vindo d'ella, o *viator*, *caminhante*, tinha de atravessar essas alas de mortos; e bem podia portanto Marcial dizer (VI. 28):

Qui flês talia, nil fleas, *viator*!

mas os nossos cemiterios, christãos, não são estradas por onde se-caminhe, e nada ha mais ridiculo do que mentir a quem lá vai de proposito, chamando-o *caminhante*, em vez de *visitante*.

N'esta materia de cadaveres e ossos somos pagãos até os ossos. Não ha maganão que os epitaphios não arvorem n'um modêlo de virtudes! Isto então é manha grega; sobre os tumulos, cippos, columnas ou columbarios, inscreviam o nome do morto, com o epitheto *bom homem*! *boa mulher*! d'onde até lhes-veiu o adagio *kreston poiein*, *fazer bom*, que significava o mesmo que *fazer morrer*, porque homem morto sabido estava que ficava excellente.

E basta de defunctos!

(T. 1 p. 88) (l. VIII. 161)

§ 124

E sêde eterna.

Para apreciar a fôrça da imprecação, não esqueça ser a velha Dipsas conhecida pelo nome de *sorvedouro de vinho*.

Digitized by Google

Tibullo, n'uma elegia mui similhante a esta (I. V.) dirige tambem as mais violentas maldicções contra a infame alcoviteira, que dos seos braços, de poeta pobre, lhe-arrancára a inconstante Delia, para a-depositar nos de um brutal e estupido ricaço (é sabido que, para os poetas, todos os ricaços são tolos e selvagens). Eis-aqui alguns d'esses versos:

Si hoje os mimos lhe-gosa o estupido, o idiota,
Foi por obra de vil, torpissima alcayota.
Possas, bruxa! só carne em podridão roer!
Para apagar-te a sede, em fel taça incher!
Manes voem-te em tôrno, a darem-te quebranto!
Só faça no teo teto a stryge ouvir seo canto.
Acharás, ao pungir da fome o aguilhão,
Ossos e hervas ruins, que os lobos deixarão.
Nos beccos corerrás, andrajosa, ullulando,
Acoçada de cães por esfaimado bando.
Oh! sim! promette-o um Deus! promette-o o Deus de amor;
Que elle sabe punir o perfido e o traidor.

FIM DO VIII VOLUME DOS AMORES,

E 5.° DA GRINALDA OVIDIANA.

Digitized by Google

Digitized by Google

OS
AMORES,
DE
P. OVIDIO NASÃO.

PARAPHRASE

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO;

SEGUIDA PELA

GRINALDA OVIDIANA,

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

IX

Digitized by Google

Rio de Janeiro. — Typ. de B. X. Pinto de Sousa.

Digitized by Google

A

GRINALDA OVIDIANA,

APPENDICE Á PARAPHRASE DOS

AMORES;

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA.

DO CONSELHO DE S. M. FIDELISSIMA;
FIDALGO CAVALLEIRO DA SUA REAL CASA;
COMMENDADOR DAS ORDENS DE CHRISTO E DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILLA VIÇOSA;
DOCTOR E BACHAREL EM DIREITO, MEDICINA E PHILOSOPHIA, PELAS UNIVERSIDADES DE COIMBRA, PARIZ E ROSTOCK;
PRESIDENTE DA COMMISSÃO DO NACIONAL E REAL ARCHIVO DA TORRE DO TOMBO;
EX-BIBLIOTHECARIO MÓR E EX-DEPUTADO ÁS CÔRTES EM VARIAS LEGISLATURAS;
TENENTE CORONEL;
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA;
MEMBRO DA SOCIEDADE REAL DOS ANTIQUARIOS DO NORTE;
DA ACADEMIA DE HISTORIA DE COPENHAGUE;
DAS SOCIEDADES PHARMACEUTICAS DO NORTE DA ALLEMANHA, DE SALZUFFLEN, E DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO DE PARIZ;
DO CONSERVATORIO REAL E DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO;
DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ NO RIO DE JANEIRO;
DO INSTITUTO HISTORICO DA BAHIA;
DO CONSERVATORIO DA MESMA CIDADE;
E DE OUTRAS SOCIEDADES SABIAS, &.

Tomo 9.º

RIO DE JANEIRO

PUBLICADA EM CASA DO EDITOR — BERNARDO XAVIER PINTO DE SOUSA

Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

1858.

Digitized by Google

Digitized by Google

GRINALDA OVIDIANA.

§ 125

(T. 1 p. 89.) (I. IX. 8.)

Velho amante o não é menos.

Esta canção foi felizmente imitada por Metastasio, na que começa:

Ogni amante puó dirsi guerriero;
Che diversa da quella di Marte
Non é molto la scuola di Amor.

O pensamento porem, que, no verso aqui annotado, começa a desinvolver-se, de que os velhos devem deixar o logar aos mancebos nas amorosas lides, tem sido mui commum opinião... dos poetas moços. Tibullo, carm. I.

Jam subrepet iners ætas; nec amare decebit,
Dicere, nec cano blanditias capite.

Malherbe exprimiu-se, como Ovidio:

Mars est comme l'Amour: ses travaux et ses peines
Veulent des jeunes gens.

Digitized by Google

A these contrária tambem tem sido defendida, talvez com mais talento que efficacia. Guarini:

O Corisca mia cara,
D'anima Linco e non di forze sonò;
E'n questo vecchio tronco
E piú che fosse mai ver de il desio.

Marcial, no epigr. 70 do L. VI, appresenta ao seo amigo Marciano o velho Cotta como modelo de rapazes:

Cotta ja conta, amigo Marciano,
Sessenta e dous verões, si não me-engano;
E é sujeito de tanta valentia,
Que nunca foi com febre á cama um dia;
Aos rapazes tafues e ás raparigas,
A Alconte, a Dasio, a Symmacho faz figas.
Pobre saldo a favor se-nos-liquida,
Si formos a abater da nossa vida
Angustias, dores, febres e outras danças;
Não somos velhos tal, somos creanças.
Annos junctar nem é *viver* siquer,
Alegria e saude é que é *viver*!

Ha uma elegante imitação d'esta peça por Bonnard:

Dans le cours d'une vie entière
S'il fallait ne compter que les heureux instants,
A' quoi se réduirait la plus longue carrière?
On nous croit des vieillards; nous so ames des enfants.
Qu'est-ce, en effet, que des jours languissants,
Flétris par la douleur et par la maladie?
Longtemps souffrir, est-ce vivre long-temps?
Ce n'est pas le nombre des ans,
C'est le plaisir qui fait la vie.

Digitized by Google

Si a regra pois é verdadeira, muito ha quem aspire a classificar-se nas excepções. O capitão mór d'esta Bicha é o velho de Theios, a quem a natureza dava o privilegio, que a algumas arvores outorga, *semper virides*. Vejamos, em 4 odes, como Anacreonte toma a sua velhice:

ODE 11.

Dizem-me as moças, rindo:
« — Meo pobre Anacreonte!
« Devéras que estás velho!
« Vae ver, vae ver no espelho
« A calva d'essa fronte! »

Si é calva ou não é calva,
Não sei, nem tal me-importa;
Sei que o prazer e amar,
Si tenho a morte á porta,
Mais devo approveitar.

ODE 34.

Fugis de minhas cans[?]
Fugis-me, por viçosas?
Volvei, volvei, louçans!
Nas c'roas mais formosas
Se-inlaçam, como irmans,
A flor do lyrio, as rosas.

ODE 38.

Sou velho, sou velho! Quem fala de edade?
Os moços que apostem comígo a beber;
Quereis que dancemos? com toda a vontade;
E até vossas danças me-obrigo a reger.
Andae! não preciso de arrimo ou bordão;
Vereis como salto co'um odre na mão.

Digitized by Google

Si ha hi quem deseje medir-se comigo,
Que saia a terreiro, que prestes me-tem.
Rapaz, dá-me as armas! um copo de amigo,
Um copo do tincto, que sabe tão bem.
Ao velho Sileno não cedo em feição;
Dançar tambem posso de copo na mão.

ODE 47.

Um velho alegre me-apraz,
E apraz-me um rapaz bailando.
Das cans a côr pouco faz;
Velho, que baila cantando,
Parece velho, e é rapaz.

Como aqui não cahiria espontaneamente a admiravel satyra do Tolentino:

Emvão te quero fugir,
Fatal velhice!

Faltam-nos ensanchas.

---

§ 126

(T. 1 p. 91) (I. IX. 45.)

O thracio Rheso.

Rhesio, filho d'Eionêo, rei da Thracia, tinha uns cavallos, brancos como a neve, e rapidos como o vento, dos quaes pendia a salvação de Troya, pois bebendo elles agua

Digitized by Google

do Xantho, não succumbia a cidade. Rheso voava pois ao soccorro de Priamo, quando Ulysses e Diomedes o-degolaram, e lhe-roubaram os corceis, matando a toda a valente comitiva. Póde ver-se, na Iliada, liv. X v. 313-476, esta admiravel descripção. Ovidio allude ao mesmo na 1.ª Heroide v. 39.

Rettulit et ferro Rhesumque Dolonaque cœsos;
Utque sit hic somno proditus; ille, dolo.

---

§ 127

(T. 1 p. 91.) (I. IX. 69.)

Roubou-se a Achilles a escrava.

O filho de Peleo e Thetis foi o primeiro heroe do cêrco de Troya.

Chryseida, filha de um sacerdote d'Apollo, tendo, no saque de Thebe, cahido a Agamemnon, seo pae obteve do Deus enviar a peste aos gregos, e Achilles, para alcançar as pazes com Apollo, faz com que a captiva seja posta em liberdade, promettendo a Agamemnon uma indemnisação, no saque de Troya. Este, para vingar-se, rouba-lhe a sua querida escrava Briseida, e ja o heroe ia traspassar o rei dos reis com a sua espada, quando Minerva, precipitando-se do Olympo, arrebata Achilles pelos cabellos, e o-induz emfim a ceder Briseida, mas jurando que não tomará mais parte nos combates. (A 3ª Heroide de Ovidio é interessada, n'esta occasião, pela formosa captiva ao seo senhor).

Digitized by Google

Dez annos ficou longe do campo das batalhas, e tantos foram então os revezes dos tyrios, que Patroclo se-decidiu a vestir-se com a armadura de seo amigo Achilles, ganhando então victorias, até ser morto por Heitor. Sabendo Achilles isto, volta para vingar o amigo, vence os troyanos, e Heitor, cujo corpo, prêso pelos pés ao seo carro, 3 vezes arrasta á roda da cidade. Afinal é morto por uma frechada no calcanhar. Sua mãe, ao nascer, o-mergulhára na estyge, ficando-lhe assim o corpo invulneravel, excepto o calcanhar por onde ella o-segurava. Morto Achilles, Ajax e Ulysses lhe-salvaram o corpo das mãos do inimigo, e sua mãe declarou que daria as preciosas armas do heroe ao salvador do seo cadaver; os dous as-disputaram e Ulysses as-obteve.

Os nossos classicos, Vieira, Vasconcellos etc., adoptando uma locução popular e graciosa (hoje, não sabemos porque, desempregada), denominavam *achilles* os argumentos irrespondiveis; o que no idioma gallici-parla ora chamam — *o seo forte* — dizia-se antes — *o seo achilles.* — Porque não hade esta phrase resurgir?

---

§ 128

(T. 1 p. 92) (I. IX. 74.)

Voa ás armas bravo Heitor.

Heitor era filho de Priamo e Hecuba, e o segundo dos heroicos vultos homericos. Havia o oraculo vaticinado

Digitized by Google

que, emquanto elle vivesse, o imperio de Priamo resistiria aos ataques dos gregos, e por isso 31 dos mais valentes inimigos morreram ás suas mãos, pertendendo derrubál-o. Mas afinal a sua sorte acha-se ja indicada na nota sobre Achilles. O amor conjugal que unia Heitor a Andromaca ficou como typo; era um sentimento, mutuamente partilhado, cheio de uma fidelidade e resignação, que mais parece pertencer ao christianismo; nada mais admiravel que a scena dos adeuses na Iliada, VI. 394 e seguintes. (*)

(*) Todo esse 6°. canto se-acha admiravelmente vertido em elegantes versos portuguezes pelo nosso collega e sabio amigo, o Sr. conselheiro Viale, e não resistimos ao desejo de transcrever aqui um trecho, onde apparece incravado um dos mais mimosos incidentes d'aquelle monumental poema.

Eis-aqui, desde o fim da 1ª. resposta de Heitor a sua mulher:

.... « E alguem talvez dirá, vendo o teo pranto:
— « Eis a esposa de Heitor, que, entre as phalanges
— « Dos teucros d'Ilio outr'ora defensores,
— « A todos no valor levava a palma! »
« Isto ouvindo, infeliz, dôr mais profunda
« Teo peito hade ferir; que a saudade
« Em ti se-avivará do amado esposo,
« Que podéra findar teo captiveiro!
« Mas antes cubra a terra o meo cadaver
« Do que prêsa eu te-saiba em mãos dos grêgos;
« Do que firam teos ais os meos ouvidos! »
Tendo falado assim, as mãos estende
Heitor ao filho seo para afagál-o;
O infante volta o rosto, e se-conchega
Ao seio da ama, e grita espavorido,
Do pae temendo o marcial aspecto,
As éneas armas, e as equinas cristas,
Que do alto do elmo horridamente nutam.
Dos paes nos labios, repentino, assoma,
Em lance tão cruel, um doce riso.
Heitor subito tira o elmo luzente,
Sobre a terra o-depõe; o seo querido
Filho beija; nos braços com carinho
Brandamente o-meneia, e estas ferventes
Preces dirige a Jove, e aos outros numes, etc.

Digitized by Google

§ 129

(T. 1. p. 92) (I. IX. 77.)

Agamemnon, flor dos chefes.

Era rei de Micenas, e um dos mais poderosos imperantes da Grecia. Helena, mulher de seo irmão Menelao, rei da Macedonia, havia sido raptada por Páris, filho de Priamo, rei de Troya. Todos os Estados da Grecia se-reuniram para vingar tamanha affronta e retomar a formosa prêsa. Agamemnon foi nomeado commandante geral da esquadra e exército, sob o titulo de rei dos reis. De Aulide, na Beocia, se-abalou, depois de 2 annos de preparativos, a frota composta de 1200 navios. Troya resiste 19 annos ao cêrco; o ultimo anno d'este cêrco é o assumpto do grande poema de Homero. Os combates entre sitiadores e sitiados são frequentes e terriveis; por uma e outra parte ha heroes de vulto e immensas posses, e divindades protectoras; por Troya a divindade principal é Venus, e o principal campião Heitor; pelos gregos, Juno e Minerva, e seos principaes heroes Agamemnon e Achilles. Agamemnon fizera ao bom succedimento da causa da Grecia o maior sacrificio que de um pae se-podia exigir: consentira em ser immolada sua filha Iphygenia, para se-conciliarem bons ventos á armada. Tomada a cidade inimiga, cabe-lhe no despôjo, entre outras captivas, Cassandra, filha de Priamo. O senhor torna-se captivo da captiva. Restituido á sua côrte, é morto n'um banquete por Egistho, com annuencia para isso de sua propria mulher, que nunca lhe-podéra perdoar o sacrificio da filha: Cassandra cahe víc-

Digitized by Google

lima dos ciumes da mesma Clytemnestra. O como a morte de Agamemnon foi vingada, a nota sobre Orestes o-refere.

---

§ 130

(T. 1. p. 92) (I. IX. 87.)

Que sombra caseira e cama.

Esta especie de indolencia, que Ovidio de si confessa, é defeito muito proprio de poeta, e de poeta voluptuario. Em muitos passos das suas obras, o-vemos fazer consistir a felicidade, em estar á sombra, deitado na sua cama, e lendo ou scismando. Nas *Tristezas* (I. 38) nada lhe-lembrava tanto como a sua antiga cama romana:

Nec, consuete, meum, lectule, corpus habet.

Era napolitano; devia comprehender *o dolce far niente*, que então se-diria *otia tuta*; pertencia ao *genus ignavum, quod lecto gaudet et umbra*, da 7ª satyra de Juvenal. Os gostos de Anacreonte, de Horacio, de Tibullo, de Lafontaine, de Chaulieu, e mesmo de Ducis, deviam ser n'esta parte muito similhantes. Parece pois que Ovidio, durante a sua prosperidade, tivera por costume cercar-se da amenidade dos seos jardins, para compor seos amenissimos versos, e resupinar-se em seo leito, para se-entregar todo, escrevendo, á voluptuosidade da sua imaginação. Eis como Anacreonte descreve gôso identico; esse ocio brando, só entrecortado de praseres:

Digitized by Google

ODE 4.

Em cama de murta e lodam
Reclinado em ocio brando,
Ir as horas incurtando
Praz-me em doces libações.
Prêsa em listão de papyro
Ao hombro a tunica lassa,
O proprio amor me-enche a taça
De um nectar que dá canções.

Giram, fogem, qual de um coche
Roda leve, os dias nossos;
Do que foi, só restam ossos
Que o sepulchro em pó desfaz.
Insensato, porque esparzes
Sobre um marmore os aromas?
Porque, ó louco, aflux não tomas
Libações, que á terra dás?

Gasta em mim, que iada estou vivo,
As essencias voluptuosas;
Ingrinalda-me de rosas;
O meo bem me-vai chamar.
Antes de ir, lá sob a terra
A's choréas dos finados,
Os sollicitos cuidados
Quero, Amor, afugentar.

Voltando porem ao assumpto, diremos que o reg alão Ovidio, com ser mestre de amores, e bom appreciador do socêgo e ocio, em nada se-assimilhou aos *dandys* do seo tempo, que tambem lá os-havia; no que consistisse o *petimetrismo* romano, Marcial nol-o expõe, em um dos seos afamados epigrammas, o 63 do L. III, que figura o seguinte dialogo entre o poeta e o casquilho Cótilo:

Digitized by Google

MARCIAL.

E's um janota, meo Cótilo;
Muita gente isso te-nota;
Todos o-affirmam; mas dize-me:
Que é lá isso, de janota?

CÓTILO.

Janota é um moço aromatico,
Que as guedelhas unta e frisa;
Que cheira sempre a cosmeticos
E outros cheiros d'esta guisa;

Faz co'os braços coreographicos
Bichancros, caranguejolas;
Escreve ás moças epistolas;
Canta modas hispanholas;

Pássa o tempo em doces práticas,
Co'as mulheres atrevido,
E a cada uma, bem recondito,
Diz um segredo ao ouvido;

Co'o favor das amanteticas
Faz um grande espalhafato;
Fica vermelho e colerico
Si lhe-amarrotam o fato;

Sabe dos machos e femeas
A chronica escandalosa;
Frequenta o circo e as tertulias
E traz tudo em polvorosa.

MARCIAL.

Que me-contas! fico extatico.
E si isso não é chacota,
Não ha cousa, não, meo Cótilo,
Mais nojenta que um janota.

Digitized by Google

Explica-se, facilmente, nos poetas, esta tendencia para o ocio e meditação, de que Ovidio se-nos-confessa ; e o livro da solidão de Zimmermann põe as razões d'isto muito claras. O poeta necessita de ter experimentado um pouco de tudo, de ter recebido do mundo as grandes e duradouras impressões; mas para compor é-lhe mister sequestrar-se de todas as distracções; e o unico refugio é o recanto doméstico, em que nada o-estranha nem perturba! Mesmo que tenha de pintar o campo, os encantos da noite, as magnificencias do mar, ou qualquer acto exterior, é ainda entre as suas 4 paredes bem caladas, no meio dos livros, dos papeis, do arranjo ou desarranjo do seo costume, que elle será mais bem succedido nos seos quadros, compondo-os dos elementos que dentro em si inthesourára, talvez sem o-saber. E' assim que o poeta bucolico allemão, Kleist, quando se ia-de passeio para amenidades campestres, tinha por uso dizer que se-ia á caça poetica das imagens; e do grande Gessner sabemos, por M^me^ de Genlis, que nada desdizia mais dos Daphnis e das Chloes, e dos sitios encantadores, tão bem desenhados e coloridos nos seos poemas, do que elle e sua mulher, e a sua casa e quintal; elle embrulhado n'um capote a fumar o seo cachimbo, ella, obesa, de touca e a fazer meia, no meio de um casarão, ao rez de um quintal, onde só couves, para quem esperava flores, derrotavam despiedosamente todas as illusões de idyllio. Assim *o estylo é o homem* é um dos mais tremendos despropositos que se-tem escripto.

Digitized by Google

§ 131

(T. 1. p. 93) (I. X. 1.)

Qual vagueava airosa Amymone sem par.

Uma das 50 filhas de Dânao. Havendo, em Argos, sua patria, uma grande sêcca, obra de Neptuno irritado, e indo Amymone com outras, por ordem de seo pae, buscar longe agua, foi no caminho salteada por um satyro, de quem o mesmo Neptuno a-livrou, gosando-se d'ella, como recompensa.

---

§ 132

(T. 1 p. 93) (I. X. 6.)

... *A grega decantada.*

Do Eurotas, em nau phrygia, a Pergamo levada.

Helena, mulher de Menelao, famigerada pela sua formosura. (*)

(*) Esta Helena accumulou os *trinta pontos*, que os antigos exigiam para uma perfeita formosura physica.

Francisco Cornigero, n'uma notavel poesia, nos-conservou esta ennumeração minuciosa; mas é escripta n'um latim tão cerrado, que não ousâmos traduzil-o, com receio de o não intendermos bem; eis-aqui:

Digitized by Google

Eurotas, rio de Lacedemonia, patria d'ella.

Nau phrygia, nau troyana; a embarcação em que Páris levou Helena.

Pergamo, o mesmo que Troya.

As Heroides, 16 e 17 de Ovidio, são de Páris a Helena e de Helena a Páris.

---

§ 133

(T. 1. p. 95) (I. X. 50.)

Infames desgraçadas.

O commércio da sensualidade tinha, em Roma e outras cidades da antiga Italia, suas pragmaticas consuetudinarias, e até legaes: tolerava-se a prostituição, mas ainda que não faltassem na religião arestos, que parece-

---

Triginta hæc habeat, quæ vult formosa videri,
Femina; sic Helenam fama fuisse refert.
— Alba tria et totidem nigra, et tria rubra puellæ;
Tres habeat longas res, totidemque breves;
Tres crassas, totidem graciles; tria stricta, tot ampla;
Sint itidem huic formæ sint quoque parva tria.
— Alba cutis, nivei dentes, albique capilli (1).
— Nigri oculi, cunnus, nigra supercilia.
— Labra, genæ atque ungues rubri. — Sit corpore longo,
Et longi crines; sit quoque longa manus.
— Sintque breves, dentes, auris, pes. — Pectora lata,
Et clunes; distent ipsa supercilia.
— Cunnus et os strictum, stringunt ubi cingula, stricta.
— Sint coxæ, et culus, vulvaque turgidula.
— Subtiles digiti, crines et labra puellis.
— Parvus sit nasus, parva mamilla, caput.

Digitized by Google

riam sanctificál-a, a jurisprudencia, talvez n'esta parte mais sisuda que ella, não deixava de stygmatisar com infamia tanto as mulheres que a-exerciam, como as pessoas que as-ajudavam n'esse tráfego. *Leno* ou *Lena* se-chamava o homem ou a mulher que tinha um estabelecimento de moças venaes. Estes collegios em Roma eram, uns fóra dos muros antigos da cidade, outros nos arrabaldes, por entre os tumulos (singular approximação!): ás moradoras dos primeiros chamavam-se por isso *Summœnianas*; ás dos segundos *Bustuarias*. Os edificios eram accommodados á sua destinação; distribuidos em corredores com cellas; por cima da porta de cada cella estava o nome, verdadeiro ou supposto, da mulher a quem pertencia, e a taxa do seo preço. A que pertendia intrar para o officio ia-se inscrever no registro da auctoridade policial. Levavam o dia sentadas á porta (d'onde lhes-vinha o nome de *sellariae*, *prosedae*, *prostibula*), provocando com o seo traje libidinoso, e de certo tambem as palavras, a quem passava. O vaguear pelas ruas da cidade só lhes-era permittido depois da nona hora do dia, em razão de já então se-haverem recolhido á casa as damas de bom viver, do que vinha áquellas infelizes o nome de *nonarias*.

Dubois desce, n'este assumpto, a curiosos pormenores; como se-segue. Flora, a famosa rameira, lega bens immensos á cidade de Roma, sob condição de se-estabelecerem jogos publicos, em honra d'ella; após alguma hesitação do senado, acceita-se-lhe a liberalidade e executa-se o testamento á lettra (*Lactancio* I. 20). Essas célebres festas eram na primavera. As damas da vida airada, inteiramente nuas, percorriam as ruas, precedidas de trombetas, desfazendo-se todas em dictos obscenos, e nas mais lascivas attitudes. Disputavam o prémio da carreira, do

Digitized by Google

salto, da dansa, e combatiam com homens, tão vestidos como ellas, á moda dos gladiadores (*Rosin. Antiq. rom.* XI. 191, V. 364). Procuraram depois ennobrecer taes jogos, fazendo passar a instituidora d'elles pela deusa das flores (Ovid. *Fastos* l. V.) Foi cada vez a peior. Catão Censor, assistindo a esse espectaculo, e notando que a sua presença cohibia, retirou-se em meio dos applausos da multidão (Val. Max. II. VII. I). Avaliem-se, por esta instituição, os costumes de Roma, nos ultimos tempos da republica.

Não era só nos jogos de Flora, que as filhas de Jerusalem representavam um papel; os romanos usavam fazêl-as figurar em scena (Tit. Liv. L. II). Intravam nas representações do rapto das Sabinas, prostituindo-se no fim d'ellas; por isso varios escriptores da antiguidade tomam por synonimo: theatro ou prostibulo. Tertuliano chega a dizer que um arauto annunciava, em voz alta, e com um catalogo de todos os encantos secretos, os nomes das taes damas, sua morada e preço das visitas. Era um cardume d'ellas tal, que, afora os logares que ellas occupavam no interior das sallas de theatro, inchiam a scena e o proscenio, para ficarem mais em vista dos espectadores. O povo obrigava ás vezes as prostitutas, que pantomimavam, a mostrarem-se nuas em scena, e darem-se aos movimentos desordenados da mais lasciva licença, não parando sinão depois de saciados os espectadores; ainda então tudo era simulado; mas Heliogaballo (segundo Lampridio) forçou os taes mimos a praticar realmente nos theatros verdadeiros adulterios.

A theogonia, em climas favoraveis aos jogos da imaginação, e em povos de extrema sensibilidade, prestava-se,

Digitized by Google

com maravilhosa fecundidade, a todas as paixões. Venus presidia ao praser; fieis ao seo culto, celebraram as meretrizes de Roma festas em honra d'ella, a quem offereciam incenso, murta, rosas, pedindo-lhe a belleza e o favor do povo, e a arte de agradar e seduzir (Court de Gébelin, *Mundo primitivo*, IV. 385). Dirigiam, mais particularmente, suas homenagens a Marsyas, Hermes, Pertunda, Volupia, que se-representava na attitude de uma moça, calcando aos pés a virtude. Com a fronte cingida de flores pallidas, e como para imitar os gladiadores (que, obtida a liberdade, suspendiam as armas no templo de Hercules) depositavam ellas nos lubricos altares tantas coroas, quantos actos de incontinencia tinham, na noite, repetido. Ao pé da estatua de Marsyas, Julia, filha de Augusto (achando pouco ter-se até prostituido na tribuna dos discursos, onde seo pae fizera publicar as mais severas leis contra o adulterio) ia entregar-se á infima plebe (Plinio XXI. 2. Justo Lipsio, *Antiq. lect.* III. 493). Pouco admiram estas devoções, pensando nos mysterios da Boa Deusa, que as damas romanas celebravam, e cujo quadro Juvenal traçou, com aquella tremenda energia de expressões e imagens, que não pertence sinão ao sublime satyrico.

Os sitios onde as rameiras exerciam seo vil mister eram ordinariamente em bairros retirados, em ruas afastadas, perto dos muros da cidade, aos arredores do circo, dos theatros, do stadio. Algumas d'ellas eram empregadas nos banhos publicos e nas tabernas.

O intendente dos praseres da côrte de Nero, Petronio, deixou-nos uma descripção miuda do interior d'essas moradas. Dividiam-se n'uma multidão de corredores, onde se-passava entre duas ordens de cellas, cheias de

Digitized by Google

actores de ambos os sexos, todos em completa nudez; sibias velhas iam sollicitar os homens, empregando todos os meios imaginaveis. Quando se-formava um novo estabelecimento, punha-se á porta um signal, uma lanterna ou uma panella. Os quartos ou cellas eram de ordinario construidos sob a terra, e abobadados, *fornix*; d'onde vem a palavra, que, em lingua latina e na nossa, exprime o commercio illicito dos dous sexos; é n'essas espeluncas estreitas, insalubres, infumaçadas, cuja mobilia toda consistia, o mais das vezes, n'uma reles esteira, com um cobertor esburacado, que Messalina ia entregar-se aos excessos da mais infame luxuria; depois de ter escolhido os complices de sua lubricidade, a principio entre homens de elevada condição, e descendo depois a pretores, a histriões, e ás ultimas classes do povo, a imperatriz, approveitando-se do somno do imbecil Claudio, deslisava-se do leito do marido, cobria os cabellos pretos com uma cabelleira loura (attributo da torpeza), e embrulhando-se n'uma mantilha, accompanhada de uma escrava, penetrava no receptaculo da prostituição; alli, alcunhando-se Lycisca, despia-se toda, contínha o seio em redes de ouro, e provocava com as suas caricias quantos se-lhe-appresentavam, entregando a seos ignobeis transportes os flancos, que tinham trazido Octavia e Britannico:

.... Adhuc ardens rigidæ tentigine vulvæ,
Et lassata viris, necdum satiata recessit (Juv. VI. 129).

As mulheres públicas distinguiam-se pelo vestuario; a tunica d'ellas, como a dos homens, só descia aos joelhos; a toga, passado certo tempo, era seo distinctivo, aberta por diante, a ponto de serem indistinctamente chamadas

Digitized by Google

meretrizes ou *togatae mulieres*; os sapatos eram vermelhos, durante certo periodo. Usavam sempre cabelleiras louras; traziam na cabeça uma mitra, menos cortada que a dos nossos prelados, e tambem com dous berimbotes, que ellas puchavam para as faces.

O assumpto era para largas dissertações, mas basta o que deixâmos tocado.

---

§ 154

(T. 1. p. 95) (I. X. 57.)

Do chefe vil.

Essas infelizes eram geralmente escravas de um avaro, que se-denominava *leno*, e que traficava com tão infame commércio. Parece porem que havia uma taxa legal, como se-deprehende de Plauto (Trinum. act. 4 sc. 2).

Quæ adversum legem accepisti a plurimis pecuniam.

Esse nome *lena* vinha do grego klaina, capote; e talvez d'ahi tirassemos a nossa locução de *capa de velhacos*. Os italianos ainda parece que hoje teem d'isso, sob o nome de rufiões. Os taes *ruffiani* estão á porta das estalagens, dos theatros e das egrejas! repetindo a quantos passam o estribilho: *Volete, signori, una bella ragazza?*

Digitized by Google

§ 135

(T. 1 p. 95) (I. X. 63.)

Não passeis em bruteza alem dos brutos.

No verso latino: Turpe erit ingenium mitius esse feris, que Marcial roubou, no seo livro dos espectaculos, XII:

Qui jubet ingenium mitius esse feris.

---

§ 136

(T. 1 p. 96.) (I. X. 77.)

Ou de abjecto orador, que a tristes reos se-vende.

Art. I.

Em numerosos passos d'esta, e outras obras, manifesta Ovidio os seos sentimentos a respeito de tudo quanto se-refere á carreira do foro. A antipathia d'este ameno poeta, para com a jurisprudencia, é provada pela sua vida e depoimentos expressos das suas obras, especialmente da elegia X do L. IV. das Tristezas.

N'este mesmo poema (I. XV. 7) se-revolta elle contra o *cahos impertinente das verbosas leis*; ahi leva o insulto

Digitized by Google

á profissão, ao ponto de empregar expressões, com que nivella o advogado e a meretriz: aquelle *ingratum forum*, aquelle *prostituisse*, revelam uma intenção altamente injuriosa; equipara o causidico á rameira, que, recebida a paga de seos serviços, esquece instantaneamente aquelle, para quem toda se-desatára em testimunhos de interêsse.

Esta aversão ao estudo das leis, tem-se notado, não menos, em outros grandes poetas. Poderam citar-se centenares de nomes para o-provar; jurisconsultos poetas é que são rarissimos. O principal motivo, talvez vol-o deixe entrever o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, n'um dos seos epigrammas:

Vós perguntais as razões
Porque tenho, noite e dia,
Sobre a mesa, em companhia,
As pandectas e o Camões?

E' (si vós o não sabeis)
Que a leitura do poeta
E' correctivo e dieta,
Depois de ter lido as leis.

Não menos antipathisa o illustre paraphrasta de Ovidio com a jurisprudencia, que o seo modêlo. E é facil de comprehender que esses dous polos sejam o positivo e negativo da pilha intellectual. O poeta vive no bello, na imaginação, na natureza, no increado, na harmonia, no ethereo; o legulego repatana-se na inspecção do crime, da razão, da arte, do positivo, do fundo, da materia. São applicações ambas mui uteis, mas que se não casam; ou quando casadas se-divorciam, por incompatibilidade de humores.

Digitized by Google

ART. II.

Quando os negocios publicos eram tractados perante o Senado e o Povo, ou os pleitos particulares perante os competentes Juizes, havia oradores que accusavam e defendiam, persuadiam e dissuadiam, e este Instituto, commum ás republicas grega e romana, produziu, n'aquellas, Demosthenes, Eschines, Lysias e outros, e n'esta Cicero. Não nos-sobra espaço para desinvolvermos o modo como se-verificavam essas lides forenses, e só accrescentaremos algumas palavras sôbre a actualidade d'esse *Foro* memorando, onde principalmente se-deram as giganteas campanhas da palavra.

ART. III.

O homem de intelligencia e instrucção, que almeja por aperfeiçoar coração e espirito, e adquirir os dotes d'aquelle

Qui mores hominum multorum vidit et urbes,

põe, antes de tudo, a mira das suas viagens na eterna Roma; e d'essa Roma, antes de tudo tambem, n'aquelle terreno, curto e immenso, n'aquelle diamante sem extensão mas de inestimavel valor, n'aquella viva pagina morta do frontispicio do grão livro da moderna civilisação, que se-denomina O FORO.

A *Roma*, do Sr. Armengaud, é uma das mais esplendidas narrações dos monumentos da gran cidade, e n'elle poderão os que não houverem de visitar esses logares, travar com elles conhecimento, taes quaes nol-os vão transmittindo os tempos.

Digitized by Google

Foi sempre o *Foro* o logar mais célebre de Roma, não só pela belleza dos edificios que o-circumdavam, mas por ter sido theatro dos maiores successos da vida e historia dos romanos.

Ahi eram as assembleas do senado e do povo, as eleições, os tribunaes. Sob esses porticos, retumbára a eloquencia de Cicero; alli se-elevava **a tribuna,** onde os Gracchos proferiam seos varonis discursos. **Hoje... o Foro** é um espaço deserto; só n'elle cresce a herva, e vejeta alguma esguedelhada arvore; chamam-lhe *campo vaccino*, por servir de feira de bois! Quem ora o-contempla em sua magestosa desolação, comprime, a custo, as ideas que o espirito lhe-redemoinha. O Foro, sito ás faldas dos montes Capitolino e Palatino, é limitado por uma cintura de monumentos antigos, que as invasões dos barbaros, e o volver dos tempos tem ido destruindo, sem haverem ainda completado a sua obra sacrilega. Não ha scena, que inspire mais sublime melancholia. Collocando-nos ao pé do *Capitolio*, juncto do *Arco de Septimo Severo*, deixando ao tergo o *Templo de Jove Tonitruante*, vemos elevarem-se, á nossa direita, as oito columnas de granito oriental do *Templo da Concordia*; adiante, um pouco mais longe, lá surge, isolada, a *columna de Phocas*; depois as admiraveis ruinas do *Templo de Jupiter Stator* (que os sabios hoje chamam o *Grecostasis*); depois o *arco de Tito*, e o *de Constantino*. A' esquerda eleva-se a *Basilica de Paulo Emilio*, agora *egreja de S. Adrião*; o *templo de Antonino e de Faustina*, e a *Basilica de Constantino*. Em frente, admiram-se os restos do *Templo de Venus e de Remo*, e mais longe o *Colyseo*, que não deixa de ser parte do Foro, visto terminar-lhe maravilhosamente a vista, para o prazer

Digitized by Google

da alma e dos olhos. Si, ao contrario, se-entra no Foro, vindo do Colyseo, o espectaculo inverso é egualmente bello, sendo o capitolio, que se-eleva acima do Arco de Septimo Severo e do Templo de Jove Tonitruante, que vai coroar a perspectiva. Por isso nunca os olhos se-cançam nem saciam, ou considerem o Foro no estado de miseria grandiosa em que jaz, ou nos-transportem, como ao auctor dos *Martyres*, a esses tempos, de que elle diz: « E eu não « podia despegar olhos do movimento de um povo com- « posto de todos os povos da terra, e da marcha d'essas « tropas romanas, gaulezas, germanicas, gregas, africanas, « cada uma diversamente armada e vestida. Perpassava « ante mim o velho Sabino com suas alparcas de casca « de bétula, por perto de um senador coberto de purpura; « a liteira de um consular era impedida pelo carro de « uma cortezan; os possantes bois do Clitumno puxavam « a antiga carroça do Volsco; o trem de caça de um ca- « valleiro romano pejava a via sacra; corriam padres « a incensar os seos deuses, e rhetoricos a abrir suas « escholas. »

---

§ 137

(T. 1. p. 96) (I. X. 100)

Todo o ouro quiz ganhar dos esquadrões sabinos.

Tarpeia, filha de Tarpeio, *sacra virgo*, vestal, contractou com Tacio a venda da cidadella de Roma, que seo pae defendia, e os sabinos atacavam. Quando estes penetraram na praça, interraram a traidora sob as suas

Digitized by Google

armas; diz Tito Livio (L. II.) (*) que os sabinos usavam trazer, no braço esquerdo e na mão, pulseiras de ouro e anneis de pedras valiosas; e como Tarpeia tinha exigido que lhe-dessem o que traziam no braço esquerdo, em vez dos anneis cubriram-n'a com milheiros de pesados escudos. Em Propercio se-póde lêr, elegantemente relatado, o caso (si caso foi, e não uma das mil ficções da historia romana, dos primeiros tempos) a que Ovidio se-reporta n'este passo, e nas Metamorphoses (XIV, v. 778)

---

§ 138

(T. 1. p. 97) (I. X. 104)

A Erifile seduz de aureo collar o brilho.

Erifile, pela sua arte, sabía que seo marido morreria na guerra de Thebas, si lá fôsse; mas por um collar, que Venus havia dado a Hermione, fez que o marido partisse; chama-lhe Homero « *a mulher infa-*

(*) Eis-aqui a descripção de Tito Livio: « Commandava Spurio Tarpeio a cidadella de Roma. Tacio, com ouro, lhe-corrompeu a filha, virgem (não diz Livio, como Ovidio, que fôsse *sacra* ou *vestal*), para introduzir na cidadella os sabinos armados; por acaso sahíra fora dos muros, em busca de agua para os sacrificios, e para logo os introduzidos a-traspassaram com as armas, ou fôsse para persuadir que a cidadella houvesse sido tomada á fôrça, ou que a traição não tem jus a fidelidade. Accrescentam á historia, que, trazendo os sabinos, no braço esquerdo, pesadas pulseiras de ouro, e nos dedos anneis com preciosas pedras, tinham ajustado dar-lhe o que nas mãos esquerdas tivessem; por isso, em vez das aureas dadivas, a-esmagáram sob os escudos. »

Digitized by Google

me, que por uma tetéa atraiçoa o esposo! » Amphiaráo, antes de morrer, recommendou ao filho Alcmeon que o-vingasse, quando chegasse á edade viril; ordem que Alcmeon cumpriu, matando sua propria mãe.

---

§ 159

(T. 1. p. 97) (I. X. 111)

De fructos vos-fartae d'Alcinoo no pomar.

Alcinoo era o rei de Corcyro, hoje Corfú, uma das Jonias, ilha que devia uma de suas principaes celebridades á magnificencia dos jardins d'aquelle monarcha, a qual vem pitorescamente descripta na Odys. l. VII. v. 112. Nunca alli as arvores estavam sem fructos, e os fructos eram os mais succulentos do universo; a unica estação era a primavera.

Os principaes jardins, que a antiguidade admirou, foram os das Hesperides, dos reis Adonis e Alcinoo, e os jardins suspensos, obra de Semiramis ou Cyro, rei da Assyria. 'Estes eram das 7 maravilhas, que geralmente se-suppõe serem: 1.° os jardins suspensos e as muralhas de Babylonia; 2.° as pyramides do Egypto; 3.° o pharol de Alexandria; 4.° o colosso de Rhodes; 5.° o Jupiter Olympio de Phydias; 6.° o templo de Diana, em Epheso; 7.° o sepulchro de Mausolo.

Digitized by Google

§ 140

(T. 1. p. 97) (I. X. FINAL.)

Eis-aqui outro final graciosissimo, como todos, mas revelador do que sería, no tracto com o sexo, este homem, que hoje se-denominaria, em phrase vulgar, matão, ou maganão de bom gôsto. Filinto, n'uma ode a um amigo, desinvolve o pensamento d'esta canção; vejamos alguns de seos versos:

No tempo antigo as damas das novellas
Eram de ouro, de perlas, de alabastro,
Todas rubis e rosas e açucena....
Hoje são de osso e carne.

Eram meigas, fieis, eram cortezes
A's prendas, ao valor, ao bom ensino;
Hoje, ariscas a tudo, só se-ameigam
Com redondos dobrões.

A valentia, a robustez, a fôrça
(Caro presente de almas cabelludas)
Pouco a pouco afrouxou; perdeu-se a barba
Co'o rapar dos barbeiros.

Roldão, que os Mandricardos, Rodomontes,
Vestidos de armas finas, alanhava,
Que infiava dez homens n'uma lança,
Hoje traria roca.

Dom Quixote, que, outr'ora, destemido,
Investia descommunaes gigantes,
Malandrinos follões, azenhas de agua,
Hoje fôra um Maricas.

Digitized by Google

§ 141

(T. 1. p. 99) (I. XI. 5)

Seo toucador confia a minha amada.

Portanto, duas palavras sobre o penteado romano, e sobre o mister das aias e servas cabelleireiras.

Da empresa, monumental, de arranjar os cabellos de uma romana, não podia dar conta uma só escrava. Dividia-se pois essa obra trabalhosa por uma multidão de artifices e artistas; e si Boileau (sat. X) lamenta

> ... qu'une main savante, avec tant d'artifice,
> Bâtit de ses cheveux l'élégant édifice,

que faria, si houvesse nascido na Roma de Augusto? Quando a dama se-transportava ao seo toucador, seguia-a um exército: começava a *ciniflonia* a aquecer o *calamistro* (ferro de frisar); entretanto havia principiado a *cosmeta* a alisar os cabellos, que encrespava com o *calamistro* ja quente. Finda esta parte da operação, intrava em scena a *pseca*, a quem competia applicar os oleos e as pommadas. A *libraria* avançava depois, com o seo pente ou separador (*discerniculum*), e tendo reconhecido que o cabello estava assaz domesticado e flexivel, passava a tarefa á mestra-artista, que era a *ornatriz*, essa que sabiamente dispunha as madeixas, enfeitando-as com flores, fitas ou pedras, empoando-as, elevando-as a muitos andares, e formando,

Digitized by Google

com as tranças, diademas, vasos e castellos no ar. Para o serviço d'estas, estava o toucador cheio de agulhas, de diversas especies:

Agulhas divisorias (*discriminales*) eram grandes, metallicas ou eburneas, para separar os cabellos em duas partes, sôbre a fronte; este penteado distinguia as damas das donzellas, que puxavam os cabellos, atando-os no alto da cabeça, ou prendendo-os atraz com uma agulha, sem cahirem sobre as faces nem orelhas.

Agulhas comantes (*crinales*) eram as da cabeça, e serviam para reter os cabellos entrançados (ainda hoje as camponezas napolitanas trazem agulhas argenteas, de 8 pollegadas).

Estas agulhas eram aureas, argenteas, eneas, eburneas e até de cana! Uma das maiores, em forma de aguilhão, estava sempre ao alcance da dama, para com ella espicaçar, segundo seos caprichos, a serva, que, para essa facilidade, trabalhava meio-nua.

A mór parte d'estes usos tinham vindo da Grecia, pois aquella Athenas estava para aquella Roma, em materia de modas, como o actual Pariz para as nossas Romas-mirins. Emquanto penteavam a dama, si ella estava de máo humor, aguilhoava a serva; si de bom, cantava modinhas gregas.

Os romanos usavam cabelleiras, que chamavam *galericulos* e *galeros*, e trabalhavam n'isto com tanta delicadeza, que não se conheciam, como a de Othão (segundo Suetonio, 13. 3). Não só se-usavam para supprir falta de

Digitized by Google

cabellos, mas tambem para se-disfarçarem, como Calligula e Messalina; ainda esta obra de mascarar as damas pertencia ás ornatrizes.

Nappe, que Ovidio aqui celebra, era uma d'aquellas, superiores ao commum das escravas.

A melhor satyra de Juvenal é a 6ª, em que, para dissuadir um amigo do casamento, lhe-faz uma hedionda pintura dos vicios das mulheres. Temos para nós que, nem nos peiores tempos da republica, a mulher desceu tão baixo, que a lamentavel excepção se-convertesse em regra; e que esse mimo da natureza, essa obra-prima da creação fôsse, em epocha alguma, o ente, que Juvenal nos-pinta, abjecto, torpe, impudico, caprichoso, prodigo, suberbo, despotico, impostor, ciumento, infiel, intemperante, supersticioso, invenenador, traidor e odioso. Não; isso é a amplificação do poeta satyrico; do pintor que, para invocar attenções, carrega as côres da sua palheta; é a exageração, essa rhetorica dos espiritos fracos, essa logica dos espiritos falsos; e todavia não é raro ir estudar-se a sociedade romana pelo *historiador* Juvenal! N'este sentido, só póde servir a consulta para recolher a base dos usos, descontadas as exaltações. Vejamos pois como Juvenal nos-fala da dama romana em relação ás suas aias e cabelleireiras:

Vejamos; val a pena; ¿ em que se-occupa
A dama, o dia inteiro? Si o marido
De noite as costas volta... ai da *libraria*!
Dispa a *cosmeta* a tunica; o liburnio
Chuche, que veiu tarde; e pague as favas
Do somno do senhor! Paulada têsa!
Co'a ferula e o chicote escorra o sangue!

Digitized by Google

Ha tal que aluga um bom carrasco ao anno.
Alli se-açoita; aqui pinta-se o rosto,
Ouve-se a amiga, palra-se de modas;
Vão dando... e ella a reler, reler nas folhas;
Vão dando... até que o algoz se-cança, e a bella,
Ja instruida, berra: « Vá-se infame! »
Casa, qual a dos siculos tyrannos!
Pois ¿ si é mister sahir-se mais janota?
Si nos passeios publicos a-esperam,
E antes no templo de Isis-alcayote?
A pobre *pseca*, seio nu, nus hombros,
Esguedelhada, trémula, a-penteia.
— « Olhem, que caracol! » — Cai a vergasta;
Na moça pune do cabello o crime.
— « Que fez a *pseca*? A serva não tem culpa
De que hoje estejas co'um nariz de imbirra » —
Outra penteia e inrola-lhe os cabellos.
Venha agora ao concelho essa matrona
Que ja subiu do pente á roca; é d'ella
Primeiro o voto; após vão sendo ouvidas
Por edades e arte; julgarieis
Tractar-se de honra, ou fama, ou gloria, ou vida;
Tal a ambição de parecerem bellas!
Da cabeça o edificio em tantas ordens,
Em tantas divisões se-exalça e perde,
Que, vista em frente, Andromacha a-pensáreis,
Por detraz é menor; quem diz que é ella?

Digitized by Google

§ 142

(T. 1 p. 101) (I. XI. 55.)

Feições e olhares
Mentir não sabem.

Talvez Bocage tivesse este passo presente ao espirito, quando compoz aquella sua mimosa anacreontica:

Poupando votos
A' loira Isbella,
Si amor falasse
Nos olhos d'ella,

De almos praseres
Me-pousaria
Candido inxame
Na phantasia.

Outros, que as almas
Tambem têm prêsas,
Se-regosijam
De ouvir finezas...

Eu antes quero
Muda expressão;
Os labios mentem,
Os olhos não!

---

§ 143

(T. 1 p. 101.) (I. XI. 62. 77.)

Cêra da pagina. Tabellas.

Tinham os romanos dous generos de escripta, quanto á materia e modo — os volumes e as tabellas.—

Digitized by Google

Os volumes eram teias de pelle branca e talvez de alguma outra substancia, pegadas por uma das extremidades estreitas a um rôlo de madeira, em que se-involvia, d'onde lhes-vinha o nome de *volume*. Inrolada a teia, aparada, pintada e brunida pôr uma e outra *fronte*, ficavam resahindo as duas *pontas* do cylindro de páo, as quaes ás vezes eram de marfim e lavradas; e estas pontas chamavam-se *cornua*; na fronte do rôlo escrevia-se o titulo da obra, que n'elle se-continha, transversalmente traçado com tincta preta, e póde ser que de outras côres: ao passo que se-ia desenrolando, se-ïa lendo; concluida a leitura, tornava-se a inrolar; atava-se com suas correias e se-punha na bibliotheca, deitado, com o rotulo para fora. (*)

As tabellas eram laminas de madeira (faya, buxo, ou qualquer outra), delgadinhas e planas, cobertas de cera, que podia ser de côr. N'estas laminas se-escrevia, gra-

---

(*) Dos volumes muitos se-teem achado, em estado de carvão ou quasi cinza, nas excavações de Pompeia; das tabellas não podia chegar-nos amostra.

Pode-se ler sobre a materia a elegia de Ovidio, no destêrro, *Parvae nec invideo*, alem de outros muitos passos dos poetas e prosadores.

Catullo (carme 22), zombando de um Suffeno, que se-mettia a versejador, diz que não se-contentava com escrevêr seos versos em palimpsesto, como de uso, mas em papel imperial, com capas novas, novos cylindros, correias vermelhas, paginas bem pautadas, e tudo bem brunido com a pedra-pômes:

nec sit, ut fit, in palimpsesto
Relata: chartæ regiæ, novi libri,
Novi umbilici, lora rubra, membrana
Directa plumbo, et pumice omnia æqua ta.

Digitized by Google

vando a cera com um ponteiro agudo, chamado *estylo*, que, sendo espalmado na outra extremidade, servia tambem para apagar as lettras, e se-rescrever; por modo que a mesma tabella podia servir para muito tempo. Em tabellas se-lançavam, não só assentamentos publicos e officiaes (d'onde se-originaram os nomes de tabellarios e tabelliães), mas poesias, roes, cartas de negocio ou de amores, etc. (Era prova de affecto responder á amada na mesma tabella). Quando as tabellas se-haviam de enviar como missivas, involviam-se em pano de linho; este se-fechava com uma cera temperada, que fazia as vezes do nosso lacre; sellava-se, o que podia ser com a chapa lavrada do annel. A's vezes eram muitas as taboinhas, prêsas umas ás outras com uma correia, atravessada na parte esquerda. Por isso se-chamavam estas carteiras *dypticas* e *polypticas*; as communs eram de madeira, porem havia-as de marfim, de ebano, de prata etc.

Era tudo isso bem imperfeito, sem dúvida, em proporção dos assombrosos progressos do espirito humano em tal assumpto. O que espanta é que, com tão deficientes meios, ja a arte da tachygraphia fôsse vulgar, como muitos documentos nol-o attestam, e entre outros aquelle tão citado epigramma 208 do L. XIV de Marcial:

Bem depressa tens falado,
E inda a mão é mais veloz;
Ja tem a dextra findado...
Quando ainda vibra a voz.

Diz Cantu que é sabido terem perecido muitas obras dos antigos, no tempo em que o papyro encareceu, por não poder mais sahir do Egypto; o que fez que ras-

Digitized by Google

passem os manuscriptos, para substituir por outras as lettras primitivas. Este deploravel processo attribue-se de ordinario aos frades. Todavia, em uma carta de Cicero, se-vê que isto usava praticar-se já no seo tempo (Ad Fam. XII. 18)..: *non enim puto te meas epistolas delere, ut deponas tuas.* Estas epistolas nos-dão tambem a prova do pouco respeito que havia pelo segrêdo das cartas, e da extrema difficuldade em descubrir a lettra de cada um; era esse um dos motivos da frequencia dos testamentos falsos, como se-vê no codigo de Justiniano.

Visto que falâmos de tabellas e volumes, é o logar de tractarmos dos livreiros. Este commércio passava por 4 mãos: 1.° *o librario*, copista incumbido de transcrever, por conta do *bibliopola*, os manuscriptos, multiplicando as cópias; 2.° *o bibliopola* comprava e vendia obras velhas e novas; 3.° *o librariolo*, entre o librario e o bibliopego, dispunha ou ornava as livrarias, intervinha na fábrica ou na contextura do livro material, sendo um pouco acima do encadernador: 4.° *o bibliopego*, encadernador, *librorum concinnator, compactor*; 5.° *glutinador*, que collava as folhas do papyro umas ás outras, para formarem volume. A loja do bibliopola chamava-se *taberna libraria* ou *libraria*; os armazens de livros *apothecas*; a rua e bairro dos livreiros *argilète*; as fabricas de papel *officinas chartarias*; os armazens onde se-vendia, *tabernas chartarias*; a mão de papel, composta de 20 folhas, chamava-se *scapo*.

Digitized by Google

§ 144

(T. 1 p. 102) (I. XI. 76. 78.)

Pendurar a tabella, cinjida do laurel.

Pendurar a tabella. Allude ao costume romano, dos que se-salvavam de um naufragio suspenderem *tabellas votivas*, pintando as suas desgraças, e as promessas a que se-haviam obrigado, no templo do deus que, em sua afflicção, tinham invocado, assim como usavam os doentes curados (Tib. I. 1.) Apul:

Votum in alicujus statuae femore assignasti.
Et quam votiva testantur fana tabella
Plurima. (Juv. XII. 27)
Et posita et meritae multa tabella deae. (*Fast.* III.)Ov.

Este costume transferiu-se aos christãos, sob a mesma denominação de *votos*, ou *ex-votos*, que são ás vezes de metaes preciosos, mas geralmente de cera ou em paineis. N. Sr^a. da Rocha, de Lisboa, é talvez a imagem mais rica em offertas similhantes, pois até teve um quadro onde por baixo de uma cama de doente se-lia: — « Milagre que fez a Senhora ao pedreiro Manoel José, que, tendo cahido de um primeiro andar, não quebrou sinão uma perna, podendo quebrar ambas! — »

Do merecido assaz laurel victorioso. Graciosa allusão a outro costume romano. O general, que alcançava uma victoria, mandava aos consules o boletim d'ella em *tabellas laureadas* (por serem circumdadas de louros).

Digitized by Google

§ 145

(T. 1 p. 102) (I. XI. 79)

Escreverci por baixo.

Este disticho parece-nos apocrypho, por não se-casar com a maneira de Ovidio. A chave de ouro d'esta elegia ficava ne precedente, com que portanto devia concluir. Depois de pendurada a tabella, nada podia escrever n'ella; a imagem mimosa finda com a suspensão da carteira na estatua de Venus; a mesma tabella com o seo *Vem!* valia mais que todas as inscripções; este disticho pois, sem dar idéa nova, esfria, e parece-nos postiço.

---

§ 146

(T. 1 p. 103) (I. XII. TITULO.

Indeferimento.

Tinha Castilho Antonio traduzido esta canção, ha mais de 30 annos, em quadras de pobre rhyma; por isso a-retraduziu, annos depois, em alexandrinos, como se-leu. Si alguem quizer comparar as differenças, aqui vai a 1ª:

Digitized by Google

Chorae os meos infortunios,
Pois voltam á minha mão
As desgraçadas tabellas
E me-dizem que *hoje não* !

Ha nos agouros seo pêso;
E Nappe, quando sahiu,
No degrau da minha porta
A leve planta feriu.

Ah ! quando outra vez sahires
Pelo portão desgraçado,
De erguer mais o pé te-lembra !
Caminha com mais cuidado !

Ide-vos, funebres tábuas,
Tão duras ao triste amante !
Vae-te, ó cêra, em cujas lettras
Se-me-nega um doce instante.

Tu por corsegas abelhas
Supponho fôste formada ;
Tu guardaste o mel infame
Da cicuta invenenada ;

Qual si em minio te-insopasse
Toda eras tincta em rubor ;
Tua côr era do sangue
A propria funesta côr.

Jazei no meio da rua,
Tábuas vis, em vil desprêso !
Os leves carros vos-pisem !
Das rodas vos-quebre o pêso !

Heide provar que em mil crimes
As duras mãos profanou
O que do nativo tronco
Para tal fim vos-cortou ;

D'aquelle tronco algum triste
Em laço cruel pendeu ;
Aquelle tronco a verdugos
As cruzes funestas deu.

Digitized by Google

Torpe asylo os torpes môchos
Em sua cópa incontraram;
As corujas e os abutres
Alli seos ovos chocaram.

E a tão agouradas tábuas
Fiei, louco, os meos amores!
N'ellas á minha deidade
Pedia meigos favores!!

Mais proprio emprêgo vos-fôra,
Si, n'um processo fatal,
Citasseis o réo convulso
Ante o rigido fiscal;

Entre os róes de torpe avaro
Terieis melhor logar;
Vós co'as diarias despezas
Vós o-farieis chorar.

Que imprecação fazer posso
Que á minha colera baste?
O bolor vos-cubra a cêra;
O vil caruncho vos-gaste!

---

§ 147

(T. 1. p. 103) (I. XII. 2.)

Não!

Com ser monosyllabo bem curto, um *não*, quando se-espera um *sim*, é cousa dura de ingolir. Um dos curiosos trechos do nosso ingenhosissimo Vieira é este:

Terrivel palavra é um *Non*! Não tem direito nem avesso; por qualquer lado que o-tomeis, sempre soa e

Digitized by Google

diz o mesmo; lêde-o, do principio para o fim, ou do fim para o principio, sempre é: *Non*! Quando a vara de Moysés se-converteu n'aquella serpente tão feroz, que fugia d'ella, porque o não mordesse, disse-lhe Deus que a tomasse ao revez, e logo perdeu a figura, a ferocidade e a-peçonha; o *non* não é assim; por qualquer parte que o-tomeis, sempre é serpente, sempre morde, sempre fere, sempre leva o veneno comsigo. Mata a esperança, que é o último remedio, que deixou a natureza a todos os males. Não ha correctivo que o-modere, nem arte que o-abrande, nem lisonja que o-adoce. Por mais que confeiteis um *Não*, sempre amarga; por mais que o-infeiteis, sempre é feio; por mais que o-doureis, sempre é de ferro. Em nenhuma solfa o-podeis pôr, que não seja mal-soante, aspero e duro. Quereis saber qual é a dureza de um *Não*? A mais dura cousa, que tem a vida, é chegar a pedir, e depois de chegar a pedir, ouvir um *Não*. Vêde o que será? A lingua hebraica, que é a que falou Adão, e a que mais naturalmente significa e declara a essencia das cousas, chama ao negar o que se-pede; *invergonhar a face*. Assim disse Bersabé a Salamão: — « Trago-vos, Senhor, uma petição; « não me-invergonheis a face! » — E porque se-chama: *invergonhar a face* negar o que se-pede? Porque, dizer *Não* a quem pede, é dar-lhe uma bofetada com a lingua; tão dura, tão aspera, tão injuriosa palavra é um *Não*. Para a necessidade, dura; para a honra, affrontosa; e para o merecimento, insoffrivel.

Digitized by Google

§ 148

(T. 1. p. 103) (I. XII. 3.)

Logo Nappe, ao sahir, topou no limiar.

Este agouro era, entre os antigos, considerado como da pessima especie. De tudo, como ja dissemos, § 101, sacavam elles presagios: aterrava-os um estremecimento, um espirro, o incontro de um homem contrafeito, de um lobo, de uma raposa, de uma serpente etc. Diz Valerio Maximo (I. 5) que o consul Petilio morrêra, na guerra da Liguria, porque, n'uma exhortação aos soldados, proferíra a palavra *Letum* (que em latim é morte) nome de uma montanha que elle sitiava! Mas tudo isso nada significava, em comparação com uma *topada*; essa calamidade era, para os mais sabios e destemidos, de arripiar. O mesmo Valerio Maximo (I. 4) expõe, com a maior seriedade, que « Tiberio Graccho, tendo topado tão violentamente que deslocára um dedo do pé, *commettêra a imprudencia* de despresar o presagio, e logo após fallecêra desgraçadamente. Tibullo (I. 3):

O quoties ingressus iter, mihi tristia dixi
Offensum in porta signa dedisse pedem.

Ainda este prejuiso se-conserva em muitos logares, assim como o outro, egualmente romano, de *intrar com o pé direito*; isso era de tão máo agouro, em Roma, que, nos palacios dos grandes, havia escravos, incumbidos de

Digitized by Google

fazer observar esse dever a quem intrava; a isto allude o *Satiricon* (cap. XXX): *Exclamavit unus ex pueris*: DEXTRO PEDE!

---

§ 149

(T. 1. p. 103) (I. XII. 9.)

Cêra infame.

Inscreviam-se certos nomes, como signal de infamia, em tabuas, que ordinariamente eram de cêra. Assim se-fez aos Cerites, povo toscano, em castigo de uma revolta. *Caerite cera digni*, diz Hor. Ep. I. 6.

---

§ 150

(T. 1 p. 103.) (I. XII. 11.)

Vivido rubor.

Na precedente canção, disse Ovidio que as taes tabellas eram de madeira de bôrdo:

at nuper vili fuistis acer.

Um dos generos d'essa madeira é vermelho, como diz Plinio I. 16: Tertium genus Zygiam rubentem fissili ligno, cortice livido et scabro.

Digitized by Google

§ 151

(T. 1 p. 104) (I. XII. 18.)

E cruzes ao verdugo e laço ao desgraçado.

Differença: *Cruzes* para a morte legal; *Laço* para o suicidio. Chama Cicero ao supplicio da cruz crueliſſimo e teterrimo (in Verr. V. 64).

§ 152

(T. 1. p. 104) (I. XII. 25.)

Ou servir para roes de sordido usurario.

Propercio III. XXII. 20:

Me miserum, his aliquis rationem scribit avarus,
Et ponit duras inter Ephemeridas.

E aqui Ovidio:

Inter ephemeridas melius tabulasque jacerent,
In quibus absumtas fleret avarus opes.

Não é para dar que scismar este communismo dos dous elegiacos?

Digitized by Google

§ 153

(T. 1. p. 104) (l. XII. 28.)

Que onde, ha duplicidade, a fé mal tem logar.

——

Duplicidade, doblez ou dobrez, val tanto como engano ou deslealdade, no tracto ou nas palavras. È n'este sentido que Virgilio chama aos tyrios bi-lingues, isto é, povos de lingua doble. O tirar, de serem physicamente duas as tabellas, inducção para as-dever dar por *dobles* no moral, é joguete de palavra de máo gosto; muito mais quando o poeta se-nos-representa tão agastado.

Todavia, não ha negar que esta ogerisa aos numeros pares era geral, e tanto que até aos deuses a-attribuiam, como Virgilio nos-diz, na já citada egloga 7.ª Esta cruzada contra a *duplicidade dos numeros* não era só dos poetas e dos deuses, mas tambem dos proprios philosophos! Querendo Pythagoras explicar a origem das cousas, designou os numeros intellectuaes, isto é, percebidos pelo espirito, como os archetypos dos objectos reaes. Como todos os numeros se-resolvem na unidade, admittia elle, para primeiro princípio, a unidade absoluta e invariavel, que denominava *monada* (espirito, Deus, rasão etc., visto não ter outro princípio de existencia sinão a si mesma, e ser a origem de toda a producção). A monada, absolutamente tomada, encerra em seo seio a materia, produl-a, e nasce a *dyada* (NUMERO PAR, *divisivel*, IMPERFEITO, E PRINCIPIO DE TODAS AS

Digitized by Google

imperfeições). Uma representa o principio activo, e outra o passivo. O primeiro effeito da união de ambos é a *triada*, numero mysterioso nas doctrinas orientaes, primeiro impar que tenha potencia mathematica, e que, multiplicado por si mesmo, dá 9. A primeira de todas as potencias mathematicas é o 4, 2 multiplicado por si mesmo; faz a tetrada, numero perfeitissimo, por que representa a vis geradora, d'onde todas as combinações provém &, &, &. (Lamentâmos não comprehender uma monada em todas estas pythagoricas doctrinas, sinão... que *tinha uma casa com um bico*, como o Manoel Mendes, isto é, que *o numero par é imperfeito e principio de todas as imperfeições*). Ora estando a rasão tão clara como se-vê, admirâmo-nos de que Plinio (XXVIII 5) pergunte! « Porque será, accreditarmos que os impares para tudo teem mais virtudes? » Ora essa é boa! Quem ha ahi que o-ignore? È por ser o princípio passivo, sem vis geradora, e porque os limites circumscriptos da orbita terraquea alimentam os angulos equatoriaes do microcosmo.

Macrobio (*in somn. Scip.* I. 6.) lá diz que o par é femea, e o impar macho: *Impar numerus mas est, par femina vocatur; item arithmetici imparem patris et parem matris appellatione venerantur.* O numero impar é symbolo de concordia, como indivisivel; o par, que se-divide, é symbolo da divisão; o impar consagra-se ás divindades celestes, o par ás infernaes. Vitruvio (III. 3) ordena que se-construam os degraus dos templos em numero impar, afim de que o pé direito, subindo primeiro, entre tambem primeiro. Tudo começa por um, princípio simples, sem composição de partes, imagem da immortalidade. Diz Averroes que os antigos tinham em grande recommendação

Digitized by Google

a proporção dupla, como a que juncta o céo á terra, laço das substancias espirituaes e do corpo. E' verdade que ja n'aquelles tempos appareciam *espiritos fortes*, que tinham a audacia de considerar estas cousas como supersticiosas. Por exemplo: Censorino, *Do dia natal*, diz que Numa compoz os annos de 355 dias, apesar da lua não completar sinão 354, pela crença *supersticiosa*, que considerava o numero impar como perfeito e mais feliz — ea superstitione quâ impar numerus plenus et magis faustus habebatur. —

Ja que estamos no capitulo das crenças relativas a numeros, traslademos alguma cousa mais.

Falámos de *um* e *dous*. O numero *tres* é o resumo da natureza, reunindo principio, meio e fim. Na ja citada egloga de Virgilio vimos quantas *tres cousas* se-deviam praticar. Segundo os ritos hebraicos de Leão de Modena, o livro da lei, em certos dias solemnes, é lido por tres pessoas, e, n'esses dias, devem-se fazer tres comidas; mas, nos dias de jejum, só se-come depois de ter visto no céo tres estrellas ao menos; louva-se Deus tres vezes ao dia, e no mesmo dia inclinam-se tres vezes, á triple elevação do livro da lei. Chaldeos e egypcíacos affirmavam que os attributos da divindade se-reduziam a tres: *poder*, *intelligencia*, *amor*; distinguiam tres mundos: *terrestre*, *aereo*, *intellectual*; tres principaes propriedades: *figura*, *luz*, *movimento*.

Outros optaram pelo n.° 4, que encerra as 3 consonancias, base de toda a harmonia; o *diatessaron*, intervallo de 3 a 4; o *diapente*, de 2 a 3; o *diapason*, de 2 a 4. Pythagoras jurava pelo n.° 4, origem do curso eterno da natureza.

Digitized by Google

Hippocrates jurava pelo n. 5, symbolo da saude.

O numero 6 tem por si os seis dias da creação.

Pallas tomou o septenario por signal da virgindade; e Theodoro de Samothracia prova a excellencia d'esse numero, por ter Jupiter passado os septe dias, depois de nascido, a rir continuamente. Essa a razão que Hippocrates dá para que as pessoas, nascidas com 7 mezes, vivam, e não as de 8; opinião seguida por Galeno, e pela maioria dos medicos, e que ainda conta adeptos.

Quer Macrobio que o octenario seja symbolo da justiça.

Alguns preferiram o 9, por ser o primeiro quadrado, produzido pelo primeiro impar, e por ter a honra de ser consagrado ás musas:

Qui musas amat impares,
Ternos ter cyathos attonitus petet. (*Hor.*)

Os deuses, trazidos a Roma, da terra dos sabinos, chamavam-se *Novemsiles*, por serem 9. Os funeraes duravam 9 dias; no ultimo dia da novena, fazia-se o sacrificio *novemdiale*. Na festa das *Lemuraes*, lançava o paterfamilias para traz da cabeça favas pretas 9 vezes, e batendo n'um vaso de bronze, repetia 9 vezes: *Para fóra, manes paternos!*

Como as opiniões são uma mistura de verdades e erros, junctemos algumas observações sérias ás superstições e fabulas relativas ás propriedades numericas.

Notou Fontenelle uma extravagancia do n.° 9; todos os seos multiplos (ao infinito) dão sempre 9, quando se-

Digitized by Google

faz uma addição dos numeros expressos pelas figuras, de que estes multiplos se-compõem (Vide exemplos nas *Noticias da republica das lettras*, sept. 1685 art. II). Ha mais: trocando a ordem dos algarismos, acharêis sempre 9 ou seos multiplos. De Mairan descobriu outra propriedade singular: mudando a ordem dos algarismos, que exprimem qualquer número, *v. g.*, dos que exprimem 21 (o que fará 12), dos que exprimem 52 (fará 25) acha-se sempre ser a differença 9 ou multiplo. Subsiste a propriedade, ainda que se-tomem maiores numeros, susceptiveis portanto de muito maior quantidade de mudanças, na ordem dos algarismos, e subsiste em todas essas mudanças. Esta propriedade reproduz-se entre quaesquer potencias, isto é, a differença dos quadrados ou cubos é sempre 9 ou seo multiplo.

O numero 10 encerra todas as vantagens da unidade, dos n.os 2, 3 e 4, de que é composto. Sustentam os seos partidarios ser a sua excellencia a razão porque, após elle, se-recomeça a contar pela unidade.

O 40 é mysterioso, pela relação com os 40 annos, que os israelitas passaram no deserto; com os 40 dias e 40 n ites de contínua chuva, durante o diluvio, e com os 40 dias de jejum de Nosso Senhor.

O imperador Julião, mandando cem figos a Serapião, faz o elogio do numero centenar, por se-compor de dez dezenas, que contém todas as especies de perfeições; o que prova com o escudo de Jupiter, feito de cem couros, segundo Homero; com as cem mãos de Bryarêo; com as cem cabeças de Typheo; com as cem cidades de Creta; com as cem portas de Thebas, e com muitas outras *sem-*

Digitized by Google

saborias, que estabelecem uma relação assaz estrambotica com um presente de cem figos.

---

§ 154

(T. 1 p. 104) (I. XII. 30.)

Bolor vos-cubra a cêra.

Tão desorientado estava o nosso poeta, com a má resposta que lhe-veiu, e tão pouco punha por obra o que nos versos dizia, que depois de termos julgado vêl-o arremessar á rua as tabellas, para serem calcadas pelos pés e rodas que passassem, conclue imprecando-lhes bolor e caruncho!! Ha porem summa graça, n'este mesmo desconchavo.

---

§ 155

(T. 1 p. 105.) (I. XIII. TITULO.)

A aurora.

Irmã d'Helios (o sol) e de Selene (a lua). Todos os dias, arrebatada no seo carro pelos rapidos ginetes, sóbe do oceano, e accompanhando seo irmão o dia inteiro, só á noite se-descança. A aurora teve varios amantes mortaes.

Digitized by Google

Enamorada da formosura d'Orionte, roubou-o, irritando assim os deuses, ao ponto que Diana lhe-matou o arrastado, ás frechadas. De Tithão, cuja immortalidade alcançou, teve dous filhos, Memnon (Vide § 156) e Emathion; para Memnon, negro e ethyopio (que a Odyssea denomina o mais formoso dos guerreiros), pediu sua mãe a Vulcano que lhe-forjasse as armas; porem não evitaram estas ser morto por Achilles; e a Aurora, na sua desesperação, implorou aos Deuses que o-tornassem immortal, pagando-lhe ainda hoje um diario tributo de lagrymas, que formam o orvalho. Falam os poetas das aves memnonides, nascidas das cinzas do filho da Aurora, as quaes aves, em certos dias do anno, iam limpar o seo moimento, e aspergil'o com agua do Esepo, que levavam nas azas. Quanto a Tithão, tinha a Aurora esquecido impetrar-lhe a juventude perpétua, junctamente com a immortalidade; e por isso, segundo o hymno homerico, o pobre immortal vive n'uma immortal decrepitude, si é que não o-transformaram em cigarra, como algumas versões o-pertendem. A Aurora teve, de Astreo, Boreas, Zephyro, Noto, Heosphoros (ou estrella da manhã) e os mais astros. O lindo Cephalo, filho de Mercurio e Creusa, foi tambem roubado pela Aurora, que o-levou para a Syria, e teve d'elle Phaetonte.

Humildemente confessâmos que nunca sentimos grande propensão para gosar das delicias da roubadora do Orionte; mas admirâmos a exaltação com que tem inspirado oradores, poetas e pintores. Vejamos de cada-um uma amostra. Eis como Vieira a-descreve n'um sermão:

— « A aurora é o riso do céo; a alegria dos campos; a respiração das flores; a harmonia das aves; a vida e

Digitized by Google

alento do mundo. Começa a sahir e a crescer o sol; eis o gesto agradavel do mundo, e a composição da mesma natureza, toda mudada. O céo incende-se; os campos seccam-se; as flores murcham-se; as aves emmudecem; os animaes buscam as covas, os homens as sombras. E si Deus não cortára a carreira ao sol, com a interposição da noite, fervêra e abrasara-se a terra; arderam-se as plantas; seccaram-se os rios; sumiram-se as fontes; e foram verdadeiros, e não fabulosos, os incendios de Phaetonte. »

Curvo Semedo, n'um de seos dithyrambos, se-exprime assim:

Quando a taça me-dás, Celia querida,
Não é mais engraçada
Que tu a linda aurora,
De luzes coroada,
No rútilo oriente.
Da fulgida carroça apavonada
Os frisões auri-rôxos,
Co'o flagello de rosas castigados,
Não teem mais graça.

Admira-se, no tecto da primeira sala da Galeria Rospigliosi, em Roma, uma das mais primorosas pinturas, *A Aurora*, de Guido. Compõe-se o quadro de tres partes: A *alva*, a *aurora*, a *manhã*. A *alva* é um Cupido alado, que occupa o ponto mais elevado do tecto, e leva um facho, brilhante como a estrella do seo nome. E'a *aurora* uma mulher, elegantemente velada, mas cujo veo um zephyro levanta, sahindo do seio das nuvens derramando flores. O deus do

Digitized by Google

dia é um Apollo, que, um tanto inclinado sobre os fogosos corceis, que lhe-pucham o carro, os-guia e modera, como si a terra, que ao longe se-divisa, tivesse de receber gradativamente os raios do sol. A' roda do carro, marcham, dando a mão umas ás outras, as Horas, filhas de Jupiter, mulheres mui parecidas, como a irmans convem, segundo disse o poeta.

---

§ 156

(T. 1 p. 105) (l. XIII. 7.)

Envie cada anno a Memnon.

Esta fabula vem narrada nas *Metamorphoses* XIII. 578, e pouco accrescentaremos ao que deixamos dito no § 155.

No *Polyhistor*, de Solino (cap. X 41) lê-se: — Perto de Ilio ha outro sepulchro, o de Memnon, para o qual eternamente voam em bandos, vindos da Ethiopia, uns passaros, chamados *ilienses memnonios*. Cremucio affirma que esses bandos regressam, de 5 em 5 annos, á Ethiopia, seja d'onde for, para voarem á roda do palacio de Memnon.

Plinio (X. XXXVII) transcreve, quasi litteralmente, as palavras de Solino (si é que este viveu antes), só com a differença de relatar que as aves memnonidas davam um combate á roda do tumulo.

Digitized by Google

O famoso *colosso de Memnon* ainda não está totalmente destruido; era uma estatua, de trabalho grosseiro; gravaram-lhe, nas pernas, em latim e grego, os nomes dos homens e mulheres célebres, vindos de paizes remotos, para escutar os sons, que ella produzia, quando aquecida, aos primeiros raios do sol.

---

§ 157

(T. 1. p. 106) (l. XIII. 22.)

Observa o nauta as estrellas.

Nem gregos, nem romanos, fizeram grandes progressos na navegação, porque não tinham navios dignos de tal nome, nem pharóes, nem conhecimentos astronomicos, nem mappas, nem bussola, nem vapor, nem os mil recursos com que os modernos lançaram sôbre o oceano essas pontes, que ligam entre si todas as terras. Regulavam-se, no mar, pela inspecção do sol, de dia; e das estrellas (*) de noite, especialmente a ursa do Norte ou helice, o que os-punha em grandes embaraços, quando o mar se-encapellava, obscurecendo-se o céo; e os-impedia conseguintemente de emprehender longas viagens,

---

(*) No bello trecho da *Pharsalia* (VIII. 170) em que apparece o dialogo entre Pompeo e o piloto, ha pormenores curiosos sôbre a direcção dos navios, regulada pelos astros. Tambem na *Eneida* (III. 505), Eneas descreve as observações de Palinuro. Por não alongar, ommittimos mais desenvolvimentos.

Digitized by Google

e ainda mais de tentar novos descobrimentos, por mares desconhecidos, servindo só para guiar os pilotos a vista das costas ou das ilhas conhecidas, pois não se-abalançavam alem da cabotagem. Tambem levavam a bordo passaros, para os-largarem, quando preciso, e regularem-se pela direcção de seo vôo. Usavam, sim, ancoras e sonda; mas, perseguidos por máo tempo, fugiam para terra, encalhavam. Não navegavam no inverno, sendo taes, geralmente, os navios, que, durante os mezes máos, eram puchados para a praia. O impulso, na mór parte, era dado pelo braço do homem; e por isso os navios se-denominavam biremes, triremes, quadriremes, segundo o numero dos remadores; estes collocavam-se em fileiras, uns por cima dos outros, e mal se-comprehende como se-remava nos navios de 4, 5, 7, e 9! fileiras superpostas; é de crer que n'esta asserção ande ignorancia do verdadeiro methodo que elles seguiam.

---

§ 158

(T. 1. p. 106.) (l. XIII. 36.)

De um bruto mestre ao castigo.

(ESTA NOTA È DE CASTILHO ANTONIO).

Não é este o unico passo de auctor antigo, com que se-poderia provar, para o nobiliario dos systhemas barbaros de ensino primario, a sua antiguidade. Em toda

Digitized by Google

a parte, o rigor, quasi feroz, foi empregado para supprir a amenidade e fôrça attractiva, que o absurdo e ruindade dos methodos de ensino não podiam ter. Não quiz perder o lanço de ponderar isto aqui, porque é uma verdade christã, social, humanitaria, e de grandissima influencia, que muito em bem se-hade sentir, quando aquelles a quem toca esta parte maxima da administração pública houverem acabado de a-intender. Por minha parte ja tenho feito quanto humana, e, para comigo, até deshumanamente, era possivel, para a redempção, depois de tantos mil annos, de uma parte numerosa do povo, que é ao mesmo tempo de todo elle a mais interessante pelas suas graças, pela sua innocencia, pela sua fraqueza, pela sua omnimoda e absoluta dependencia. Creei, plantei, defendi, e estou ainda defendendo contra selvagens, o ensino amigo da razão, amigo da memoria, amigo da vontade, amigo da saude, e como tal amicissimo de todos os estudos ulteriores. Essa obra, de modesta apparencia, é o meo *poema* de predilecção; dizem-n'o ja hoje alguns; dil'o-hão todos para o futuro. Ovidio augurava-se a immortalidade, pelas suas *Metamorphoses*, pelos seos *Amores*, por tudo quanto sahiu da sua penna; merecia-a; tem-n'a. O *methodo portuguez* é a minha *Arte de amar e de ser amado*; é os meos *Amores*; é os meos *Fastos*; é finalmente as minhas grandes *Metamorphoses* das trevas em luz, da edade ferrea na edade verdadeiramente aurea da vida, do tyranno em mestre, do mestre em pae, do pae em semi-deus.

¿ Poderá alguem dar-me a explicação (que não seja muito triste e muito pouco honrosa para a natureza humana) por onde eu acabe de intender o seguinte pheno-

Digitized by Google

meno, que me-desatina? Em quanto só me -apascentei de vaidades poeticas; em quanto só cultivei o meo jardimsinho no Parnaso, e inramilhetei flores para quem asquizesse, cercaram-me, por toda a parte, as benevolencias. Desde que,

Egressus silvis vicina coegi,
Ut quamvis avido parerent arva colono,

desde que produzi cousa de tomo e de substancia, de toda a parte se-levantaram, contra ella e contra mim, os odios e as perseguições! Deram-lhe assumpto para os livros dos *Tristes* e do *Ponto*, que ainda me-faltavam na collecção.

Tudo isto podia ser de pouco momento para olhos de fóra, mas para mim, claro está que importava muito. Valia a pena de parar e reflectir; parei e reflecti! tinha sepultado a musa viva e sã, e não sem cruas reluctancias da sua parte; onde comprehendi a angustia de Abrahão sacrificando o filho, por ordem de Deus, e as caladas penas de Bruto, condemnando o seo ao supplício pelo amor da patria. Sôbre a sepultura da pobre vestal interrada, tinha pôsto (e para se-nutrir da sua mesma substancia) a arvore da sciencia, com seo inxêrto da da vida; e por estes annos, cançados até agora, mais não fiz que amparál-a, tractál-a e defendêl-a. Alguma luz e um pouco de calor (que são boas bençãos) fizeram-lhe crear raizes; segundo as mostras, ja não tem de seccar; sem me-tirar de ao pé d'ella, que me-dá sombra amoravel, e sem a-desamparar... ás sevicias dos damninhos, ja posso portanto feriar-me um pouco, e revocar ao dia aquelles meos *amores velhos*, que não esquecem nunca:

Digitized by Google

patule recubans sub tegmine fagi
Silvestrem tenui musam meditabor avena.

Revivo para os versos, ia eu dizer; renasço ou nasço, vem mais proprio, ja que os que não intendiam, nem julgavam possivel o meo sacrificio, por me não verem presente, me-tinham riscado do rol dos vivos; volvo a tomar o meo pôsto, por entre os meos camaradas, que se não mostraram comigo tão generosos como com Ajax o-foram os seos: lá, fallecido elle, deixaram o seo pôsto em claro nas fileiras, intendendo que, ainda finado, continuaria a ajudál-os; cá as fileiras unem-se logo e esquece tudo. Comecemos pois outra vez a milicia! Deus louvado que, a desinterrada me-reapparece tão activa, tão viçosa e tão fiel como nunca; alguns lhe-darão por isso os parabens, outros não; ella de tudo se-contenta.

---

§ 159

(T. 1. p. 106.) (l. XIII. 39.)

Que vai por uma palavra.

O crédor perguntava ao fiador: *Respondes?* e o fiador lhe-tornava: *Respondo.* Desde então ficava este ligado como o primitivo devedor, fiador e principal pagador; e eis-ahi como de uma só palavra lhe-podia resultar ruina. N'esse sentido, diz Hor. Ep. 2. 2. *Hic sponsum vocat*; « aquelle me-pede para seo fiador. »

Digitized by Google

§ 160

(T. 1. p. 107.) (I. XIII. 54.)

A Deusa de umbroso veo.

A Noite era tambem, na mythologia, uma divindade, que figuravam alada, coberta de um veo, rodeada de astros, e levada n'um carro de 2 cavallos; pertence ao mundo primitivo, como filha do Cahos, mãe do Ether e da Aurora.

---

§ 161

(T. 1. p. 107) (I. XIII. 71)

Mais vergonhosa anecdota.

Esta locução repete-se frequentemente em Ovidio:

Notior in cœlo fabula nulla fuit (Am. IX. 40).
Fabula non cœlo turpior ulla foret (Am. XIII. 36).
Fabula narratur toto notissima cœlo (Art. d'Am. II. 561).
Hæc fuit in toto notissima fabula cœlo (Met. IV. 189).

Digitized by Google

§ 162

(T. 1. p. 108.) (l. XIII. 86.)

Que somnos a lua deu.

Diana tem diversos mythos, mas reduzindo-os ao que importa para intelligencia do nosso auctor, n'estes e outros passos, diremos o seguinte. Como divindade caçadora, tinha um cortejo de 60 nymphas, e seo carro era puxado por corças. Como deusa da lua, preside ás praticas mysteriosas e magicas. O caçador Endymião durmia no monte Latmo, quando a deusa que enamorada o contemplava, baixou á terra para imprimir-lhe um beijo: n'aquelles suaves somnos permaneceu o formoso mancebo, porque a casta Diana desejava sem perigo contemplál-o amorosa, até que elle se-tornou o proprio symbolo do somno.

Na linda *Cantata á Noite* de Maximiano Torres, lê-se:

Vivem inda os amores,
Inda susurra o virginal segredo
Lá no Latmio rochedo;
Alta noite, accolhendo
No seio cavernoso
Da grande Cynthia o numen venerando,
Que ao acaso entregando
O govêrno do carro luminoso,
Dentro de véo nubloso,
Sôbre os hombros dos zephyros baixava,

Digitized by Google

Endymião buscando,
Que entre ovelhas lanigeras jazia,
E, nos braços do amado pegureiro,
Do Olympo, e de si-mesma se-esquecia.

---

§ 163

(T. 1. p. 108) (l. XIII. 90.)

Tanto vêr-te aborrecia,
Que reuniu duas noites.

Alcmene, de que o nosso poeta fala longamente no liv. 9.º das Metamorphoses, foi tambem amante de Jupiter, que a-enganou, tomando a apparencia de seo marido Amphytrião. Quanto á costura, que Jupiter fez, de duas noites n'uma, é ver os dous Amphytriões de Camões. Por isso Sosia achava a tal noite, *en longueur sans pareille* !

Segue logo um mimosissimo final.

---

§ 164

(T. 1. p. 108.) (l. XIV. TITULO.)

Os cabellos perdidos.

Os antigos ligavam maxima importancia á perfeição dos cabellos; almejavam, sim, por todos os outros dotes

Digitized by Google

da formosa, porem, mais que em todos, se-enleavam, quando d'ella se-podia dizer, como Maximiano Torres:

Os subtis ondeantes
Seos cabellos divinos,
Aureo esmalte do collo,
Sem ceder aos de Apollo,
Só Amor no alto Olympo
Os-podia fiar.

No graciosissimo romance do *Satyricon* (cap. CIX), põe-se Eumolpo, entre dous vinhos, a chasquear dos carecas e dos tinhosos, e depois improvisa, em bellos versos latinos, esta canção:

Que é feito do teo cabello,
Que, tão bello, te-adornou?
Na primavera o inverno
Frio eterno te-soprou?

Ja sobre a fronte escalvada
Quasi nada vai ficar;
Arbusto que a folha verde
Toda pérde, á neve e ao ar.

Dos dons que primeiro offertas
Nos-libertas (que licções!)
Sorte adversa! um teo thesouro
Ser desdouro um dia impões!

Onde essa coma
Que sobre o collo
Te-invejariam
Baccho e Apollo?

Digitized by Google

Coitado! esconde
Essas estrigas!
Nem mais te-mettas
Co'as raparigas!

E' bom. Si Atropos
For-te atacar,
Não acha fio
P'ra te-cortar.

---

§ 165

(T. 1 p. 109) (l. XIV. 2.)

Em tingir os teos cabellos.

E' uma increpação, similhante á que faz Propercio á sua Cynthia (II. XIV. 25).

Não bastava aos antigos pentear, encaracolar, frisar, entrançar e tecer os cabellos; tambem os-empoavam, salpicavam, tingiam. Diz Salino que, d'estes pós, os mais estimados eram os de ouro, por junctarem á côr favorita dos cabellos o merito da opulencia. Na ode de Anacreonte (pag. 247) se-vê que Bathyllo tingia assim os seos cabellos. O imperador Commodo (Lamprid. XXXVIII) trazia o cabello tincto e salpicado de limalha de ouro. Várias das receitas, usadas para este fim, nos-foram ensinadas por Plinio — ja para tingir de preto ou louro (XXVI. 93) — ja para epilatorios ou fazer crescer (XXVIII. 34).

Digitized by Google

De tudo isto se-colhe que este hábito era frequente; com quanto o principal intuito das romanas e italianas, de cabello preto, fosse imitar a côr das tranças das louras e encantadoras escravas, conquistadas na Belgica, na Bretanha etc., e que tanto vinham captivar tambem os romanos, fixando assim novas modas, é todavia certo que a manha de tingir era muito anterior ao conhecimento de taes povos; diz Catão: « As nossas antepassadas embebiam em cinza os cabellos, para os-fazerem ruivos (*rutilus*)! » Chamava-se *cinza* uma preparação, um cosmetico, e *cinerarios* os que a-arranjavam.

Ha, em Tertulliano, uma valente imprecação contra similhantes usos feminis, que mereceria aqui transcripta, si o espaço nol-o consentisse.

E' d'aquella fórma que a romana imitava a mulher, descripta por Camões:

A calva, de ornamento mentiroso,
Cobre adoptiva rede de cabello,
Fingindo edade verde na madura,
Por beneficio da arte e da pintura.

Seneca, no seo admiravel *Tractado da estreiteza da vida*, traz um capitulo (XII), que nos-dá idea do extremo cuidado, que os proprios homens applicavam aos seos cabellos; como pintura de costumes é curioso; eil-o:

— « Que! chamarás ociosos, esses que passam, horas esquecidas, no barbeiro, a escanhoar-se, a discutir sobre cada cabellinho que de noite lhes-cresceu, a reedificar

Digitized by Google

o penteado cahido, ou a puxar, d'aqui e d'acolá, para a testa as farripas? como se-exasperam, quando o barbeiro, julgando rapar um homem, foi um pouquito mais descuidado! como se-inraivecem, si lhe-cortam um pedacito da juba, si uns cabellitos ficaram mais compridos, si não cahem todos em aneis bem graciosos! Qual d'esses meos senhores não quereria antes ver perturbada a republica do que a gaforina? qual não é mais sollícito do penteado que da saude? que não prefira ser mais frisadinho a mais virtuoso? Chamas tu ociosos homens tão occupados entre o pente e o espelho? »

Apuleio, no seo *Burro de Ouro* (l. II), traz um pomposo elogio do cabello, por occasião do exame que Lucio passou á sua Fotis: leamos, na versão do Barão de ***: — « Dizendo isto, olhou para mim e riu-se; comtudo eu não me-retirei d'alli, sem que, primeiro, investigasse curiosamente toda a sua figura. Mas para que falo das outras cousas, quando o meo unico cuidado foi sempre examinar cuidadosamente em público a cabeça e o cabello, e depois gosar d'elles em casa? Esta minha opinião é fundada na razão, certa e averiguada, de que esta é a principal parte do corpo. Tem uma posição conspicua, e é a primeira que se-appresenta á nossa vista; e o que, nos mais membros, faz a côr alegre de um bello vestido, na cabeça o-faz o nativo esplendor do cabello. Muitas, que querem mostrar seos attractivos e graças, despem seos vestidos, despojam-se de suas roupas, mais certas de agradarem pela rosada côr da sua pelle do que pela dourada côr de seos vestidos. Mas, o que é nefando dizer-se (nem d'isto se-dê jamais tão terrivel exemplo), si despojares a cabeça de uma linda e bellissima mulher de seo cabello, despoarás tambem seo rosto de sua natural belleza; ainda

Digitized by Google

que ella cahisse do céo, fôsse gerada do mar, ainda que fôsse, digo, a mesma Venus, cercada de todo o côro das Graças, accompanhada de todo o povo dos Amores, e cingida do seo cinto; ainda que ella fôsse fragrante de cheiros, e gottejasse balsamo, si se-appresentasse calva não poderia agradar ao seo Vulcano! Que direi, quando o cabello é de uma côr agradavel, e resplendece com brilhante luz, e vividamente fulgura contra os raios do sol; ou quando mais placidamente esplende e varia o aspecto com graça differente? Umas vezes, qual ouro scintillante, se-desvanece no leve assombreado de mel; outras imita, na côr negra do corvo, as flores azuladas do collo das pombas. Ou quando ungido com as gottas da Arabia, e separado com os delgados dentes do agudo pente, e atado detraz da cabeça, se-appresenta aos olhos do amante, e reflecte n'elle, como n'um espelho, a sua imagem com maior graça? Que direi quando, espesso de abundante prole, se-reune no alto da cabeça, ou estendido se-dilata pelas costas em longas tranças? Finalmente é tanta a-dignidade do cabello, que ainda que uma mulher se-ostente ornada de ouro, vestidos, pedras preciosas, e todos mais ornatos, si o seo cabello não for elegantemente disposto, ninguem a-poderá julgar ornada. Mas á minha Fotis dava nova graça, não o ornato trabalhoso, mas o ornato sem artificio; porque seo abundante cabello, brandamente cahido e pendente sôbre o pescoço, e depois distribuido pelo collo, repousa suavemente sôbre a borda increspada do vestido, e depois, reunidos na extremidade, eram atados em um nó no alto da cabeça. Eu não pude supportar, por mais tempo, o tormento de tão excessiva voluptuosidade; mas, inclinando-me sôbre ella, lhe-dei aquelle suavis-

Digitized by Google

simo beijo, n'aquella parte em que o cabello subia ao mais alto da cabeça. »

Horacio, Ovidio e todos falam, a cada passo, de cabellos ungidos &.

Este amor, este respeito aos cabellos, transmittiu-se a todos os povos e logares. Na *Historia de Paris* se-lê que se-jurava outr'ora sôbre os cabellos, como hoje pela honra. È sabido o valor dos pellos da barba de D. João de Castro. No Otaiti, segundo várias viagens, e na India, segundo Duarte Barbosa, os homens infeitam a cabeça com tanto cuidado, como as mulheres na Europa.

---

§ 166

(T. 1 p. 109) (I. XIV. 14.)

O fusco Seres não fia.

Sericoth, em hebraico, é seda; d'essa palavra tomaram os gregos a sua *Serica*, para designar a região d'onde primeiro veiu a seda (si é que o-era a lanugem que então se-cardava), e *Seres* aos habitantes d'ella; referiam-se, ao que parece á Ethyopia Oriental, o que explica a expressão *fusco* applicada a esses povos, em todo o caso confinantes com a Scythia.

A seda chegou a ser trabalhada com uma perfeição, que nem podêmos comprehender; foi invenção de

Digitized by Google

uma modista cóa (da ilha de Cos), chamada *Madame* Pamphila, por quanto, segundo pondera Plinio, não havemos de frustrar esta sujeita da gloria de ter achado o segredo maravilhoso de inventar uma roupa que deixa ver a mulher nua! Varrão chamava estes vestidos *de vidro*, e Publio Syro denominava-os, mais agradavelmente: *uma nuvem de linho, vento tecido.* Esta fazenda era de uma seda tenuissima, que se-tingia em purpura, antes de a-empregar, por que depois de tecida, não tinha corpo para supportar a tinctura. A principio só as meretrizes trouxeram taes roupas; depois todas as mulheres. — « Vêdes (diz Seneca) essas roupas transparentes, si roupas se-podem chamar isso que nem cobre o corpo, nem defende o pudor? Poderá quem astraz jurar que não esteja nua? Mandam vir essas fazendas de uma terra, onde nunca se-commercion, para ter direito de mostrar em público, o que as mulheres, no seo leito, não mostram aos amantes sinão com alguma reserva. »

---

§ 167

(T. 1 p. 110.) (I. XIV. 20.)

Arachne.

È esta uma das formosas metamorphoses, descriptas por Ovidio. Tendo a filha de Idmon, orgulhosa por sua perfeição na arte de tecer, desafiado a pro-

Digitized by Google

pria Minerva, e para logo representado na tela os amores dos Deuses, Minerva despedaçou a obra; e Arachne, desesperada, inforcou-se; porem a deusa restituiu-lhe a vida, transformando-a em aranha.

---

§ 168

(T. 1. p. 111.) (I. XIV. 56.)

Bacchante innocente,
De Rhodope filha.

Bacchantes foram os homens e mulheres, que seguiram Baccho, em sua expedição á India, armados de thyrsos e cantando-lhe as victorias. Deu-se depois este nome aos homens e mulheres, que celebravam as bacchanaes. Os mysterios de Baccho foram principalmente confiados ás mulheres; e nas antigas bacchanaes atticas, eram 14. Nos tempos menos remotos, corriam as bacchantes, de noite, pelas ruas, meio nuas, só cobertas de pelle de tigre ou onça, levemente prêsa sôbre as cadeiras com cintos de pampano ou hera. Outras, sôltas as madeixas, vagavam, com thyrsos ou archotes, gritando, dando urros espantosos, e bradando: *Evohé, Bassaréo! Evoé, grão Lyéo!* Com taes berros se-misturava o alarido dos tambores, adufes, pandeiros, clarins, e dos guisos e campainhas cosidas no seo vestido. Os homens, disfarçados em satyros e faunos, seguiam as bacchantes,

Digitized by Google

uns a pé, outros em burro, levando atraz bodes engrinaldados, para os-immolar a Baccho. Quando ellas não estavam só com sua pelle de fera, traziam a *bassaris*, ou tunica de cauda, e um vestido franjado, *crocoton*, feito de seda e transparente como o nosso filó ou escomilha.

Em geral confundem-se os dous periodos historicos das bacchantes. Ao simples nome d'ellas, inflamma-se a imaginação dos artistas; suppõem que nunca podem exprimir com sufficiente fôrça o furor e a embriaguez d'aquellas mulheres, perdidas de luxuria e de vinho; e dão aos rostos d'ellas feições tão forçadas como ás attitudes do corpo. Winkelmann ensina que essas caricaturas são contrárias á idéa da alegria, que os antigos nos monumentos exprimiam; esta nunca era estrepitosa, mas sim a exoressão simples e suave do contentamento e serenidade da alma; no rosto de uma bacchante não deve brilhar senão aurora de voluptuosidade.

N'estas circumstancias, poderá causar estranheza o epitheto de *innocente*, applicado a *bacchante*; mas é que, n'isto, vai grande diversidade nos auctores, ou provenha isso do diverso modo de ver, ou dos diversos tempos e logares a que se-reportavam. Diz Noel, no *Diccionario mythologico*:

— « Dado que virgens, casadas e viuvas, concorressem, sem discrime, ás festas de Baccho, parece todavia que as verdadeiras bacchantes eram virgens; e só essas levavam thyrsos, com grita e ululados. Traz ellas iam as matronas, em ar de procissão, para as sacras cerimonias, e a cantarem hymnos. De Euripides colhêmos

Digitized by Google

que as bacchantes sabiam manter sua pudicicia, a despeito da desenvoltura, que, furiosa, as-assenhoreava; e, a botes de thyrso, se-defendiam do homem, que punha intento em lhes-fazer fôrça. Fala Nonno das bacchantes, dando-nol-as por donzellas, em pontos de sua castidade tão melindrosas, que, para que, entre o durmir, as não tomassem desprecatadas, com uma serpe, á laia de cinto, se-apertavam; e na Anthologia vem que as bacchantes Eurynome e Porphyria, querendo casar, primeiro se-despediram do officio. De outro sentido é Juvenal e Lycophronte, que ás mulheres dissolutas põem apódo de bacchantes &. »

Eis-ahi a explicação do verso — *Bacchante innocente* — Nada mais facil do que trocar a palavra *innocente* em *fremente*, ou *fervente* ou *furente*; mas a comparação perdia boa parte da sua graça.

Quanto a *Rhodope*, é um elevado monte da Thracia, que se-estende até o mar euxino.

---

§ 169

(T. 1. p. 111) (I. XIV. 63.)

De um satyro audaz.

A mythologia creou, sob o nome de satyros, uma especie de ourangotangos falantes, comitiva de Baccho; tem cabellos crisados, nariz achatado, orelhas ponte-agudas,

Digitized by Google

cauda longa, pernas e pés de bode. Nas festas de Baccho, appareciam empunhando copos e thyrsos; tocavam flauta e pandeiro; ebrios e mandriões, perseguiam e aterravam as nymphas, ou se-misturavam, risonhos e folgasões, mas sempre hediondos, nos brincos e dansas d'ellas.

§ 170

(T. 1. p. 112.) **(I. XIV. 96.)**

Qual se pinta a que gotteja.

Venus, sahindo das ondas, e espremendo as tranças, é um dos objectos que a esculptura tem tractado com mais fortuna. São frequentissimos os logares parallelos dos *Amores* com a *Arte de amar*; tambem alli se-nos-pinta Venus nua sahindo do mar, e espremendo os cabellos que lhe-escorrem (III. 223):

Nuda Venus madidas exprimit imbre comas.

§ 171

(T. 1. p. 113.) **(I. XIV. 118.)**

Compradas tranças te-venham.

T. Rangon, principal do collegio de Berlim, diz no seo L. de Capillamentis, c. 1 n. 11. — *Co-*

Digitized by Google

mam apposititiam primo feminis usitatam fuisse colligo, deinde pravo exemplo quoque viris.— Mas as suas provas não são concludentes, diz Thiers.— E pelo contrario Clearco, discipulo de Aristoteles, diz em Atheno, (Liv. 12 *Dipnosoph.*) que os Iapigios (e não as mulheres dos Iapigios) que são hoje os Apulhezes, tendo-se abandonado a todos os luxos e mollezas, foram os primeiros que asusaram. *Primi faciem attriverunt, capiti galericulum et fictitiam comam adaptaverunt.* Os theologos de Luvaina, que traduziram em francez a Vulgata, acharam cabelleiras n'esta passagem de Isaias c. 3 v. 17. *Decalvabit dominus verticem filiarum Sion et dominus crinem earum nudabit;* que traduziram assim: — O Senhor descabellará a cabeça das filhas de Sião, e o Senhor descobrirá as suas cabelleiras.

Ovidio L. 3 de Art :

Femina procedit densissima crinibus emptis
Proque suis alios efficit œre suos.

Propercio, contemporaneo de Ovidio, faz grandes imprecações contra as moças que as-usam L. 5. Eleg. 13 ad Cynth.

Illi sub terris fiant mala multa puellæ
Quæ mentita suas vestit inepta comas.

Petronio, n'uma parte do seo Satyricon, faz menção de uma cabelleira de mulher. Dá elle indifferentemente ás cabelleiras os nomes de *capillamentum* e *corymbion*, ainda que propriamente falando *capillamentum* é cabelleira de homem, e *corymbion* de mulher, como diz expressamente Turnebo L. 4. *Adversar.* c. 9.

Digitized by Google

Marcial fala das cabelleiras allemãs no mesmo sentido que Ovidio, e especialisa o sabão de que se-serviam para lhes-dar um louro dourado e inflammado L. 14. Ep. 26.

Cattica Teutonicos etc.

A côr loira encantava tanto ao imperador Varo, que, para conservál-a nos seos cabellos, os-regava com ouro potavel, como refere Julio Capitolino, *In Vero Imper.* sub fin.

Marcial diz a Lesbia que lhe-envia uma cabelleira do norte ou allemã, para a-convencer de que os cabellos que ella tem são ainda mais loiros e inflammados que os d'aquella cabelleira. L. 5. Ep. 69.

Arctoa de gente comam tibi Lesbia misi
Ut scires quanto sit tua flava magis.

Marcial faz menção da cabelleira de uma tal Fabulla L. 6. Ep. 12, a quem dirige muitos dos seos epigrammas, e dos cabellos postiços de Lelia L. 12. Ep. 23.

Elio Lampridio refere do infame Imperador Commodo, que trazia sempre uma cabelleira empoada com raspas de ouro. *In Commod. Imp. post med.*

Tertulliano tambem menciona as cabelleiras das mulheres do seu tempo; L. de cultu femin. c. 7; e S. Gregorio de Nazianzo fala em cabelleiras e cabellos frisados das mulheres, elogiando sua irmã, Santa Gorgonia, por não deshonrar a sua cabeça veneravel com taes desfarces. *Non illam aurum ornabat.... non coma retorta et supposititia, quo venerandum caput fraude sua ignominia afficeret. Orat. de laudib. Gorgon.*

Digitized by Google

§ 172

(T. 1. p. 117.) (I. XV. TITULO.)

Immortalidade do poeta.

ART. I.

E' esta canção o desinvolvimento do ponto, que ja deixamos tractado no § 53. Começa, repellindo as ignavas accusações dos que não são capazes de appreciar o alcance do dom phebêo; e no *crescendo* de sua indignação, vai desnudando a opinião, que de si mesmo fórma, até rematar por este orgulhoso epiphonema:

Assim pois, quando entregue ás chammas seja,
Tornado em cinza o véo da humanidade,
Ovante vivirei, sem que me-veja
Em risco de perder a eternidade!

Não era certamente contra as producções de tal vate, que jamais se-abalançaria a fouce do *Esquecimento*, que Maximiano Torres pintou em bons versos. Depois de descrever a gruta d'onde o Lethes

Em somnolentas roucas bolhas brota, continúa assim:

Qual serpe vem de rôjo;
E' toda, immensa bocca, immenso bojo;
De contínuo devora
Honras, grandezas, titulos faustosos,

Digitized by Google

Sceptros, tiaras, feitos gloriosos,
Que emtorno o impio tempo lhe-rebanha ;
E só ao seo furor os fados negam
Quanto as da Aonia íngreme montanha
Tutelares gentis ao canto entregam.
Ja para nós dirige o veloz curso
O monstro detestando,
Pelas inchadas ventas exhalando
Espesso o crespo fumo que o ar inlucta.
Eis da garganta bruta,
Fazendo emmudecer de susto ao vento,
Rompe a toante voz, o mundo atrôa:
« — Eu sou, mortaes, o torpe *Esquecimento*,
« Filho da tenebrosa Eternidade,
« Que, co'esquadrão dos hymnos que revôa
« Emtorno ás vossas lyras,
« Desejo apascentar as minhas iras. »

Que sorte lhes-insta !
Que trance apertado !
Ja tenho gelado
O sangue de horror.
Que magua ! que pena !
Como tal ordena
Do Fado o furor !

Ordena-o, sim, mas não para os heroes da milicia litteraria, que estão sempre seguros de transpor os seculos.

Ainda em risco de repetição, embrecharemos aqui novamente ponderações, que n'este logar teem mui especial cabimento.

Digitized by Google

Ovidio, como verdadeiro genio, não podia deixar de ouvir ao longe o seo nome na posteridade, dom prophetico dos talentos privilegiados, que muita vez terá servido para os-preservar de succumbirem á esterilisadora desanimação, causada pelos odios dos invejosos, indifferença dos nescios, e phantasias da fortuna. Este pressentimento da gloria, que o-havia de tornar immortal, formulado por elle em termos que, no seo tempo, deviam parecer pouco modestos, infraqueceu-se, annuviou-se, nos seos ultimos annos; então, que mais util, que mais necessario se-lhe-tornava, para reagir contra os incommodos e desgostos, que por último o-levaram de vencida e o-destruiram.

Mais um facto a provar a theoria das compensações! A última porção da existencia do poeta está para a primeira como a noite para o dia, como uma antithese horrivel em que os pensadores, abrindo os livros das *Tristezas* ou do *Ponto*, não poderão abster-se de muito graves reflexões sôbre os destinos humanos.

Mas recuemos d'esses dias de lucto para os primeiros, que produziram as *Metamorphoses*, e estes *Amores*, a que elle auspiciava fados tão esplendidos. Ovidio foi realmente, emquanto lhe não cahiu o raio, segundo a sua propria expressão, o filho mimoso da sorte, que se-empenhára em o-fazer um grande poeta. Surgiu com as disposições mais felizes — nasceu na Italia, um dos mais bellos torrões, e cuja temperatura é essencialmente poetica — a sua lingua era das mais formosas que tem existido, e tal que, ainda depois de não falada, nos-encanta;— floresceu na epocha em que esse idioma havia attingido o apice da perfeição, e antes de resvalado para a decadencia — escreveu no reinado mais célebre das lettras, precedido ja de grandes es-

Digitized by Google

criptores, e contemporaneo de escriptores egualmente grandes — pertenceu áquella classe média, que a experiencia mostra ser a mais favoravel para o bom emprêgo do talento — teve até a fortuna de ser contrariado pelo pae, na sua tendencia para a poesia, o que, si bem se-observa a natureza humana, devia produzir o effeito contrário:

Vidi ego jactatas mota face crescere flammas —

viajou; poliu-se em Athenas; conviveu, como amigo, com os talentos-principes da sua edade — presenciou dias de inspirativa gloria, na republica — viu o seo retrato popular, trazido nos anneis, cingido de corôa poetica, os seos poemas dansados nos theatros, cantados pelas formosas — habitava finalmente na capital do mundo, onde as opulencias e delicias affluiam de toda a parte — e para nada lhe-falecer, morando ao pé d'aquelle capitolio dos triumphadores, possuia fora de Roma terreno seo, onde ia rusticar e retemperar a musa, quantas vezes lhe-aprazia.

Art. II.

Esta canção tem um interêsse que sempre nos-merece o vermos como um grande homem julga os seos pares: é o poeta avaliando poetas. A ordem porque estes se-acham collocados não é talvez a mais perfeita, pois nem os-distribue segundo o genero dos seos escriptos, nem segundo o methodo absoluto, nem mesmo chronologicamente. De todos elles diremos quanto baste em respectivas notas especiaes. Aqui só observaremos que, a respeito de muitos, o poeta vai buscar, em circumstancias mesmo dos seos poemas, as imagens ou comparações com que lhes-vaticina a celebridade. Por isso, falando de Homero, aponta o Ida, cadeia de montanhas da Troada, por elle decantada, cujas florestas,

Digitized by Google

attrahindo as nuvens, davam nascimento a quantidade de torrentes e rios famosos, simoente, granico, esepo, escamandro; aponta a ilha de Tenedos, por ser lá que os gregos esconderam a frota, quando fingiram abandonar o cêrco de Troya. Similhante é o plano do poeta em relação aos outros, que menciona, como em seo logar o-veremos.

Por último, lembraremos que esta importante canção, apezar de ser um tanto estranha ao assumpto do poema, fórma todavia um rico fecho ao livro.

---

§ 173

(T. 1. p. 117.) (I. XV. 13.)

Homero.

O poeta de Meonia, o pae, o typo, o mytho da poesia, o divino. Embora Ovidio lhe-fixe Smyrna por patria, septe cidades entre si disputavam tamanha honra. Até ha quem duvide si jamais existiu um homem com tal nome, ou si a Odyssea e a Iliada são poemas de auctores varios, e cantados pelos rhapsodistas, que assim reunissem n'um só corpo trechos diversos (opinião que aliás nos-parece pouco sustentavel). Ja na nota precedente indicámos a razão porque, para designação de Homero, procurou Ovidio montanhas e rios decantados por elle.

Digitized by Google

§ 174

(T. 1, p. 118) (I. XV. 16)

Ascréo.

Hesiodo, assim chamado, por ser natural de Ascréa, na Beocia. Ovidio o-collocava quasi a par de Homero (Art. de Am. L. 2-4.)

Prœferar Ascrœ o Mœonioque seni.

Não é Quintiliano da mesma opínião, pois que o-julga assim (Inst. X. I): « — Hesiodo raramente se-eleva, e a maior parte do seo poema é uma nomenclatura ; todavia lá tem algumas sentenças uteis, e uma certa singeleza no dizer e compor ; dão-lhe a palma no genero médio. »

Hesiodo compoz, alem de muitas obras perdidas, um poema didactico, intitulado *Obras e Dias*, *Theogonia e Escudo de Hercules*, que Lefranc traduziu, começando assim :

Filles du dieu puissant qui régit l'univers,
Muses! que sa grandeur soit l'âme de nos vers!
C'est par lui seul que l'homme est tout ce qu'il doit être,
Obscur, illustre, libre, ou dépendant d'un maître.

Como parte grande do poema de Hesiodo é consagrada á agricultura, invoca Ovidio, no seo elogio, vinhas, messes e fouces.

Digitized by Google

§ 175

(T. 1. p. 118.) (I. XV. 20.)

Filho de Batto.

Callimacho, que floresceu no Egypto, na 125ª olympiada, amigo de Ptolomeo Philadelphico, para quem se não realisou a profecia, pois quasi todas as suas poesias se-perderam, restando apenas alguns hymnos, muito inferiores á reputação que a antiguidade lhe-concedêra. Não consta que escrevesse sinão epigrammas, elegias e hymnos gregos.

Ser apontado este cyrenense como filho de Batto, nas poesias, provém de um seo epitafio, ao pae, cuja traducção é:

> Quisquis adis tumulum me noveris esse, viator!
> Callimachi natum Callimachique patrem;
> Sic ambos noris...

Apesar de um tal qual desdem que Ovidio aqui revela, Callimacho foi considerado por Quintiliano (Inst. X.) como o principe da elegia grega, ficando Philetas em segunda plana. Propercio confessa que os-imitou:

> Callimachi manes, et Coi sacra Philetæ,
> In vestrum quæso me sinite ire nemus:

d'onde lhe-proveiu denominar-se elle o Callimacho romano.

Digitized by Google

Tambem Catullo o-estudava muito; e escrevia a Ortalo:

Sed tamem in tantis mœroribus Ortale mitto
Hæc expressa tibi carmina Battiadæ.

---

§ 176

(T. 1. p. 118) (I. XV. 22.)

Cothurno sophocleo.

O *cothurno* era um calçado, que usavam os actores tragicos, para parecerem mais altos e representarem melhor o seo papel de heroes; a palavra cothurno, de per si, basta para indicar a tragedia; diz Regnard:

... Pour faire en tout genre admirer notre esprit,
Nous chaussons maintenant le cothurne tragique..

Portanto a locução *cothurno Sophocleo* mostra que foi na tragedia que Sophocles primou. Com effeito, lê-se em Quintiliano: — « Quem mais illustrou a tragedia foram Sophocles e Euripides, e muito se-discute qual dos dous mais longe lançasse a barra. »

Digitized by Google

§ 177

(T. 1. p. 118.) (I. XV. 24.)

O docto Arato.

Arato, da Cilicia, compoz um poema *Dos Phenomenos*, a pedido do rei de Macedonia, Antigono, de que poucos fragmentos existem, vertidos por Cicero em versos latinos. Tambem foi traduzido por Ovidio e Rufo Festo Avieno. Como este poema didactico tractasse principalmente de astronomia, assim se-explica a relação que Ovidio lembra entre Arato, e o sol e lua.

---

§ 178

(T. 1. p. 118.) (I. XV. 27.)

Menandro.

Nasceu na aldeia de Cephisia, no Attico; em o anno 342 antes de J. C. Fez 109 peças, de que só restam fragmentos; mas assim como Virgilio, na Eneida, fundiu a Iliada e a Odyssea, e Molière, no seo theatro, o de Plauto e Terencio, assim este Terencio procedeu para com as peças de Menandro. Eis o que d'este diz Quintiliano:

— « Menandro, attentamente lido, si não me-engano, basta para exemplificar quantos preceitos ensinâmos; tanta é n'elle a cópia de invenção, e faculdade de elocução;

Digitized by Google

tanto a todas as cousas, pessoas e affectos se-accommoda. Nem me-parecem ir errados, os que attribuem a Menandro os discursos, que se-publicaram sob o nome de *Charisio*; quanto a mim, é mormente em suas comedias que se-revela o orador; os *Arbitros*, a *Herdeira*, os *Locrios* pintam admiravelmente o que se-passa no foro; a *Psophodea*, o *Nomothete*, o *Hypobolimeo* são obras-primas de eloquencia. Julgo até que aos oradores presta um serviço maior, porque elles teem, segundo a natureza das controversias, de fazer figurar muitas personagens: paes, filhos, soldados, rusticos, ricos, pobres, colericos, supplicantes, brandos asperos... tudo o poeta admiravelmente reproduz; por isso eclypsou Menandro a todos os poetas comicos. »

Quando Ovidio allude á velha sagaz, ao servo astuto, á amante impura, e ao pae tyranno, appresenta as principaes figuras da comedia grega.

No *Museo Pio-Clementino*, do Vaticano, admira-se uma soberba estatua de Menandro, fazendo symetria á de Posidippe. Imberbe, de tunica e manto grego, está Menandro sentado, encostado ás costas de uma cadeira de degrau, e sobre um coxim. « Elle passava, impregnado de perfumes, livre de movimentos e com a roupa laxa... raro, os theatros lhe-coroavam as peças. » Tem ar de se não importar com a opinião do povo atheniense. A sua elegante attitude, e as roupas artificiosamente abandonadas, revelam a facilidade dos seos costumes e a negligencia estudada do seo vestuario. O esculptor supprimiu as pupillas, para salvar o poeta do defeito, que entretanto o não privava de ver os ridiculos de Athenas; era vesgo.

Afogou-se, de 52 annos, no Pyreo, onde ia banhar-se.

Digitized by Google

§ 179

(T. 1. p. 118.) (I. XV. 28.)

Ennio, o inculto meonide romano.

E' curioso como Diniz, confundindo Ennio com Callimacho, de quem Ovidio dissera: que, si é pobre no ingenho, é rico em arte, escreveu:

E o poeta gentil do antigo Lacio,
Ennio famoso,
Rude na arte, no ingenho poderoso;

mas como esta poesia é *dithyrambo*, estas confusões estão em ordem.

Quanto á sua *antiguidade*, effectivamente é tal que Quintiliano se-exprime assim: — « Sintamos por Ennio impulsos de adoração pela vetustez, como se-sentem, penetrando nos bosques sagrados, cujos grandes e antigos carvalhos infundem menos agrado que respeito. » Isto explica a palavra *inculto*, que Ovidio aqui applica a Ennio. Não é porém Horacio da mesma opinião, pois ao contrário affirma (Od. IV.) que nem mesmo a perfida Carthago, reduzida a cinzas, proclama, com mais esplendor que a musa de Ennio, os louvores do heroe, que mereceu junctar ao seo nome o da Africa subjugada:

Clarius indicant
Laudes, quam Calabræ Pierides

Digitized by Google

Ennio accreditava na metempsychose, e transfiguração dos corpos. Estacio (L. II. Silv. VII. 75):

Cedet musa rudis ferocis Enni,
Et docti furor arduus Lucreti,
Et qui corpora prima transfigurat.

Deus sabe si esta persuasão não era o daguerreotypo do orgulho d'este calabrez? Elle ousava chamar-se a si mesmo *Homero latino* (ou como aqui se-lê *meonide romano*)!

Ennius, et sapiens, et fortis, et alter Homerus,
Ut critici dicunt, leviter curare videtur,
Quo promissa cadunt et somnia Pythagorea.

Este *sapiens*, *fortis* e *Homerus*, refere-se ás charlatanicas declarações do energico, mas incorrecto auctor do poema: *Annaes da republica romana*, o qual affirmava lembrar-se muito bem de ter sido um sabio em Pythagoras, um guerreiro em Euphorbio, e ter em si a alma de Homero!

---

§ 180

(T. 1. p. 118.) **(I. XV. 29.)**

Accio, audaz na expressão de fogo cheia.

Viveu 180 annos antes de J. C. Contemporaneo de Pacuvio. Protegido de Decimo Bruto. Traduzíra o Philoc-

Digitized by Google

teto, e outras peças de Sophocles. D'elle restam poucos fragmentos, que recolheram Roberto Estevam, e Egger, nas suas *Reliquiae* (1843).

---

§ 181

(T. 1 p. 118.) (I. XV. 32.)

Varrão, a nau primeira, e o Velocino.

P. Terencio Varrão, da Galia Narboneza, compoz varias obras e traduziu 4 livros dos Argonautas d'Apollonio de Rhodes, ao que Ovidio allude, n'esta referencia.

Quintiliano diz que, traductor, e por isso intérprete de trabalho alheio, não é todavia despresivel, comquanto pouco enriqueça a faculdade de dizer.

---

§ 182

(T. 1 p. 118) (I. XV. 34.)

Do sublime Lucrecio.

Tito Lucrecio Caro, poeta romano, nascido 95 annos antes de J. C., contemporaneo e amigo de Cicero, Attico e Catullo. Estudou com o grego Zenon a philosophia de Epicuro e reduziu a um poema, em 6 livros, intitulado

Digitized by Google

De Rerum natura, poema que possuimos, trasladado a verso portuguez pelo finado Dr. Antonio José de Lima Leitão. (*) D'este poema se-diz, haver sido composto em intervallos lucidos, porque Lucrecio, segundo narram as biographias, sendo casado com uma mulher em extremo zelosa, tomou certo phyltro, que esta lhe-deu, no intuito de segurar o seo amor, com o que perdeu a razão, effeito mui commum dos suppostos phyltros amatorios, e de que na ilha de S. Miguel se-referem e apontam muitos e terriveis exemplos.

E' galante notar como acerca de cada auctor, Ovidio lhe-dirigia uma phrase, que recordasse as suas obras. Aqui por exemplo:

Exitio terras cum dabit una dies

é phrase de Lucrecio mesmo (V. 93):

Principio, maria ac terras, cœlumque tuere:
Horum naturam triplicem, tria corpora, Memmi,
Tres species tam dissimiles, tria talia texta,
Una dies dabit exitio.

Diz Quintiliano, que Macro e Lucrecio devem ler-se, mas não para ensinarem a phrase, isto é, o corpo da eloquencia; sendo cada um d'elles, no seo assumpto, elegante mas um rasteiro, outro escuro.

(*) No poema *De rerum natura*, ja que vem a pello, diremos que ha um trecho *De re venerea*, incomparavelmente mais livre que tudo quanto em Ovidio se-nos-depara; e que o nosso amigo verteu com religiosa fidelidade, e publicou; mais ainda que obscenidade; aquelles 6 livros são o mais cru tractado de impiedade.

Digitized by Google

§ 183

(T. 1. p. 118.) (I. XV. 37.)

Tityro, as messes, e a troyana empresa

Tityro são as Bucolicas — *As messes*, as Georgicas.— *A troyana empresa*, a Eneida.

De Virgilio, formava Ovidio o mais elevado conceito, como se-deprehende de numerosos passos:

Mantua Virgilio gaudet!

Todo o objecto da 4ª Heroide (de Dido a Eneas) é tirado da Eneida: da mesma sorte, n'um dos ultimos livros das Metamorphoses, faz como um summario d'aquelle poema.

Na *Arte de Amar* L. 3. v. 337.

Et profugum AEnean, altæ primordia Romæ,
Quo nullum Latio clarius exstat opus.

De si diz Ovidio, que fez tanto para a elegia como Virgilio para a epopéa. De resto, bons auctores junctaram os dous nomes. Marc. III. 38.

Insanis: omnes gelidis quicumque lacernis
Sunt tibi Nasones Virgiliosque vide.

Scaligero (*Prolegom. Manil.*) Hoc ut non mediocre vitium est in nitido scriptore, ita puri sunt ab hac labe (nimia ea-

Digitized by Google

rundem vocum iteratione) principes poetæ, Virgilius et Ovidius.

Uma das mais formosas e sentidas producções da antiguidade é a od. 3ª do L. 1 de Horacio, ao seo amigo Virgilio, que elle chamava (como Ovidio ao irmão) parte de si mesmo.

Eis a opinião de Quintiliano: — Assim como, na litteratura grega, não podiamos começar por outro sinão Homero, assim, na nossa, fôra impossivel não começar por Virgilio, de todos os epicos gregos e latinos, indubitavelmente, o mais proximo d'aquelle. Recordo-me das palavras que, sendo eu rapaz, ouvi a Afro Domicio; perguntando-lhe eu quem reputava mais proximo de Homero, respondeu: — « *E' Virgilio o segundo, porém mais chegado ao primeiro que ao terceiro* » — e bofé que, si é fôrça cedermos áquella natureza immortal e celeste, ha n'este mais emenda e cuidado; e si nas qualidades eminentes somos vencidos, talvez com a perfeição o-compensemos. »

§ 184

(T. 1. p. 118.) **(I. XV. 38.)**

Roma, capital da redondeza.

A cousa que um romano podia menos comprehender, era que a cidade eterna podesse jamais perecer. Todos os sentimentos, ideas, moral e sciencia dos conquistadores do

Digitized by Google

mundo, fundavam-se n'essa *promessa de eternidade*; e todavia os symptomas, que se-iam diariamente multiplicando, eram ja funestos para a nacionalidade romana; o imperio, triste consequencia das guerras civis, datava uma era nova e fatal, em que Roma se-ia encravando n'um abysmo; ja isso era motivo de odio contra o governo de um só. situação que os vicios dos máos principes tornou intoleravel. Depois vieram, no interior, as desordens do imperio, no exterior os movimentos dos barbaros, e finalmente, pela corrupção, a decadencia e morte.

---

§ 185

(T. 1. p. 118.) **(I. XV. 41.)**

Tibullo.

Intimo amigo de Ovidio, como este o declara (Fr. 4. 10)

... nec avara Tibullo
Tempus amicitiæ fata dedere meæ,

e o-confirmou muitas vezes, especialmente na canç. IX do L. III, dedicada á morte d'elle.

Existem de Tibullo 4 livros de elegias. Quintiliano (X. I.) o-colloca á testa d'este genero, em que todavia considera primarem os latinos sobre os gregos!

Morreu em 735. A ep. 4 L. 1 Hor. é a Tibullo. Alli vemos que era rico, bello, honrado e talentoso; de que

Digitized by Google

lhe-serviu? opulencia, formosura, probidade e genio, não o-salvaram de morrer, aos 21 annos de edade!

Velleio Paterculo, comparando os dous (II. 36) diz: « Tibullus et Naso perfectissimi in forma operis sui. »

Joaquim Camerario, nos *Elementos de Rhetorica*, compara Tibullo e Ovidio, de um modo assaz ingenhoso.

Jorge Fabricio fez o seguinte galante epigramma aos 3 elegiacos — Tibullo — Propercio — e Ovidio:

Est gravis et cultus, puroque simillimus amnis;
Dulciaque eloquio verba *Tibullus* habet.
Mollis et abstrusus, tenerique *Propertius* oris,
Interdum Baccho sed trahit ille pedem.
At facilis *Naso*, sulcans pleno æquora velo,
Pectore Castalias divite fundit opes.
Hos celebrat blandos Elegeia docta poetas:
Diversi quamvis, laus sua quemque manet.

— Ovidio liga aqui, ao nome de Tibullo, a *cultura do idioma*, a *delicadeza*, e as *frechas de Amor*. Tibullo era grande (ás vezes servil) imitador dos gregos, eschola que era especialmente designada como *culta e docta*, em Roma. Quanto á *delicadeza*, ao mimo, ao sentimento, á maviosidade, á ternura, quasi diriamos ao coração, ao christão, é Tibullo o primeiro modelo, na litteratura latina. Finalmente quanto ás *frechas*, é elle o inspirador dos Parny, dos Bertin, e da mór parte dos poetas elegiacos.

Digitized by Google

§ 186

(T. 1. p. 119) (I. XV. 44.)

Hade ser sempre Gallo conhecido
E com elle Licori, o seo cuidado.

Aqui falhou quasi em cheio a profecia de Ovidio. Em todo o mundo, onde ha leitores, são conhecidos os nomes de Gallo e Licoris, mas os louvores d'essa Licoris em versos do seo amante, devorou-os o tempo. As obras de Gallo, d'este poeta tão estimado pelos poetas seos contemporaneos, e celebrado pelo proprio Virgilio, de quem foi o primeiro protector, infelizmente não existem, segundo as investigações dos melhores criticos. As elegias, que sob o seo nome correm em quasi todas as collecções dos elegiacos latinos, está provado pertencerem principalmente a Maximiano, e são de muito menos quilates do que deveriam ser as suas. Cincio ou Publio, Cornelio Gallo, poeta e amante, foi intimo de Virgilio, Tibullo, Ovidio e Propercio, e do tracto litterario de Cesar, contra o qual todavia, tentado pelo demonio da satyra, atraiçoado inimigo dos talentos, escreveu improperios, de que o imperador se-irritou, e d'onde ao auctor vieram os seos infortunios. Condemnado, pelo senado, a uma grande mulcta e a destêrro, elle, que tão brilhante papel havia representado como militar, como triumviro, chegando até a ser Prefeito do Egypto, succumbiu e se-suicidou, segundo se-crê. (*)

(*) Uns dizem que, governando o Egypto, saqueou a cidade de Thebas; e que, nomeando Augusto uma alçada para o-julgar, se sui-

Digitized by Google

§ 187

(T. 1. p. 119.) (I. XV. 56.)

Thesouros com que o Tejo se-inriquece.

Depois que, por tantas partes, está o mundo em nossos dias desintranhando-se em ouro, a gloria de o-produzir é ja muito menos brilhante; entretanto bom será não esquecermos que o grande Tejo reuniu tambem essa a tantas outras que a natureza lhe-compartiu liberal, e ás tão sem conta que os moradores de suas margens lhe-grangearam. Os grãos de ouro, que nas suas areias abundavam, tinham fama entre os antigos. D'essas

---

cidou (**) Outros que assim procedeu porque Augusto lhe-confiscára os bens, por lhe-ter escapado um bom dicto contra o seo *bemfeitor*. Nas *Trist.* II. 446 parece Ovidio tender para esta versão:

Nec fuit opprobrio celebrasse Lycorida Gallo,
Sed linguam nimio non tenuisse mero.

Outros pensam que fôra morto por um amigo, e tambem Ovidio (III. IX. 152) não rejeita esta versão.

E' de crer que estas diversas opiniões provenham de ter havido mais de um prefeito do Egypto, com o cognome Gallo, especialmente Elio e Cornelio. Dão tambem como motivo ter inscripto nas Pyramides o seo nome e as suas acções.

(**) Ammiano Marcellino (XVII. 4) fallando de Thebas, diz: — « Cornelio Gallo, em tempo de Octavio, governando o Egypto, inaniu a cidade com dilapidações; á volta, foi accusado com tal vehemencia, e ficou com tamanho medo da fidalguia, a quem o imperador commetteu esta investigação, que se-apunhalou. Suspeito que este fôsse o poeta Gallo, a quem Virgilio tão estremecidamente decantou, em formosos versos, na ultima parte das Bucolicas. »

Digitized by Google

riquezas não fala só Ovidio, mas Solino, Claudiano, Juvenal, Plinio, Pomponio, Mella, e muitos outros. (*) O Sr. D. Diniz teve um sceptro e coroa de ouro alli tomado, e que a outro excedia em quilates. Os areaes da Adissa, defronte de Lisboa, deram com que se-cunhar o presente de peças, em que o Sr. D. João VI. cortezmente offereceu o seo retrato, mil vezes reproduzido, á noiva do seo primogenito, a Sra. D. Leopoldina. O ouro da Adissa porem,

(*) O famoso Marcial, que nascêra ás margens do Tejo, não perde lanço de recordar suas auriferas areias; por exemplo (IV. 55):— « Lucio, gloria do seculo, tu que não consentes que o velho Graio e *o nosso Tejo* cedam á eloquente Arpis, deixa lá o nascido em gregas terras, cantar Thebas, Mycenas, Rhodes, ou as athleticas luctas da licenciosa Lacedemonia. Nós, filhos dos Celtos e Iberos, não córemos de cantar, em versos gratos, os nomes, embora menos harmoniosos, da nossa terra natal. » N'outra peça (I. 50) acconselha Licinlano a fazer uma jornada pelas Hispanhas, e descrevendo as bellezas d'aquellas regiões, não esquece o seo rio:— « A' sombra de arvoi es annosas, acalmarás os ardores do estio, banhando-te no *aureo Tejo.* » Adiante (VII. 88), exultando pela reputação de que gosa, exclama:— « Mais cara me-é ella do que si o *meo Tejo* me-inchesse com todo o ouro que rola. » O livro XII foi escripto na sua terra, e, ao mandál-o a Roma, escreve: — « Tu que, outr'ora sahias de Roma para as outras regiões, d'ellas Irás, agora, como peregrino á gran cidade; vae pois cá das terras que banha o *Tejo aurifero* etc. » Provavelmente o-chasqueavam de tanto falar na sua patria, porque a Avito dirigiu elle um epigramma (X. 96) que assim começa — « Admiras-te, Avito, de que eu, que invelheci em Roma, tanto fale de terras remotas; que tão sequioso pareça do *Tejo aurifero*, e do patrio Xilon, e chore pelos modestos torrões da minha choupana natal. » N'um gracioso epigramma, contra um certo Caio, que promettia sempre, e não cumpria nunca, brada o poeta: — « Intendamo-nos, Caio! Si chamas dar, prometter e roer a corda, vou-te vencer com as minhas dadivas e generosidades. Acceita quanto o Asturio desinterra das minas gallegas! toda a riqueza que arrasta a *aurea onda do Tejo!* quanto descobre o Indo nas algas de Erythrea! quantos perfumes a phenix juncta em seos ninhos! quantas telas Tyro produz! quanto emfim ha por esse mundo, acceita-o.... do modo que o-dás! »

Digitized by Google

com ser finissimo, não pagava as despezas da sua colheita; assim que, si, em algum tempo, foram thesouros, mais que de fructos e amenidades, as margens do Tejo, hoje apenas conservam a nomeada, e algumas escassas parcellas que, de longe a longe, vem reaccender nos seos visinhos cubiças ou saudades.

---

§ 188

(T. 1. p. 119.) (I. XV. 59.)

Vai morrer sobre os tumulos a inveja.

Este pensamento é frequentemente reproduzido pelo poeta. Faz lembrar aquelle bonito trecho do padre Vieira: — Os olhos da inveja são como os do sacerdote Heli, dos quaes, diz o texto sagrado, que não podiam ver a luz do templo, sinão depois que se-apagava. Emquanto as luzes são vivas, cada reflexo d'ellas é um raio, que cega os olhos da inveja; porém depois que ellas se-apagaram, e muito mais si se-mettem largos annos em meio, então abre a inveja, como ave nocturna, os olhos; então vê o que não podia vêr; então venera e celebra essas mesmas luzes; e levanta sobre as estrellas seos resplendores. »

Digitized by Google

§ 189

(T. 1. p. 119) (I. XV. 61.)

. . . *quando entregue ás chammas seja.*

Os mortos, que, entre os povos da christandade, se-interram, eram d'antes, pelos gregos e romanos, reduzidos a cinzas, n'uma pyra ou fogueira solemne, com grandes pompas e cerimonias, e as cinzas encerradas em urnas, que então se-interravam, quando ja se não depositavam em sepulchros; usança não desconveniente para a salubridade pública, mas que veiu a perder-se, por se-representar aos primeiros christãos, que, pois haviam de resurgir e apparecer, no final juizo, cada um com a sua carne e os seos ossos, importava muito não viessem as chammas pulverisar-lh'os; talvez tambem o horror dos fogos infernaes contribuisse como reforço de causa. ¿ Que admira que a moda senhoreie, de cabo a cabo, a vida do homem, si ainda sôbre os cadaveres impera? Aqui os-sepultam, alem os-abrasam, n'outra parte os-devoram; uns os-lançam ao mar, outros ás feras, outros os-penduram nas arvores, para que os tempos os-dissipem; estes embalsamam, aquelles encarceram em mausoleos! Afinal, como, debaixo de qualquer trajo, o homem é sempre o homem, emquanto vivo, como quer que o-despeçam depois da morte, é sempre a materia, que a natureza reassume, em toda a sua integridade, para de novo a-distribuir, no seo infinito *poema de metamorphoses*. Cada individuo, que foi, que é, ou que tem

Digitized by Google

de ser, *si o-considerarmos nas moleculas do seo composto*, hade ser, e foi ja, parte mui real de milhões de outros individuos; andou, e tornará a andar, disseminado pelo universo; a transmigração, que Pythagoras sonhava para os espiritos, é verdadeirissima na materia. Que era o corpo de Ovidio, antes de gerado? que haveria do corpo de Ovidio infante em Ovidio adolescente? de Ovidio adolescente em Ovidio varão? de Ovidio varão em Ovidio velho? Ovidio cadaver finalmente onde é que pára? Tudo isso corre fados mysteriosos, como Adão, como Noé, como Romulo, como nossos paes, como nós, como nossos filhos, rolando pelos oceanos, fluctuando nos ares, manando nas fontes, correndo nos rios, aggregado nas pedras, sumido nas minas, misturado nos solos, viçando nas hervas, rindo nas flores, rescendendo nos fructos, cantando nos bosques, rugindo nas mattas, rojando dos vulcões, alternativamente devorador e devorado, consumidor e consumido, sempre elementarmente o mesmo, sempre na composição diversissimo. O *aqui jaz* são duas eternas mentiras — mentira o *aqui*, e mentira o *jaz*; e entretanto (cousa admiravel!) á medida que o corpo, o solido, o de existencia indisputada, assim se-compõe, decompõe e recompõe.... os productos da mente, que se não vê! as ideas (tão subtis), e os affectos (tão fugazes), o mundo íntimo (tão cambiante e mysterioso, como o proprio mundo externo), estes productos instantaneos do pensamento, da phantasia e da vontade, apenas incarnaveis n'um pouco de ar momentaneo, que se-chama palavra, solidificam-se, perpetuam-se, e elles sós podem dizer: *Não nos-decomporemos; não nos-transformaremos jamais*! A profecia de Ovidio sôbre a sua immortalidade realisou-se; as poesias das suas successivas edades, e que tinham ido sobrevivendo a cada

Digitized by Google

uma d'ellas, permanecem, conjunctas e indestructiveis, as mesmas hoje, e para serem d'aqui a 2 mil annos ainda as mesmas, que ha perto de 2 mil annos eram, quando vívidas rebentavam d'esse complexo de particulas, fortuitamente reunido, sob o nome de Ovidio!

FIM DO IX VOLUME DOS AMORES,

E 6.° DA GRINALDA OVIDIANA.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

OS
AMORES,
DE
P. OVIDIO NASÃO.

PARAPHRASE

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO;

SEGUIDA PELA

GRINALDA OVIDIANA,

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

X

Digitized by Google

Rio de Janeiro. — Typ. de B. X. Pinto de Sousa.

Digitized by Google

A

GRINALDA OVIDIANA,

APPENDICE A' PARAPHRASE DOS

AMORES;

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA,

DO CONSELHO DE S. M. FIDELISSIMA;
FIDALGO CAVALLEIRO DA SUA REAL CASA;
COMMENDADOR DAS ORDENS DE CHRISTO E DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILLA VIÇOSA;
DOCTOR E BACHAREL EM DIREITO, MEDICINA E PHILOSOPHIA, PELAS UNIVERSIDADES DE COIMBRA, PARIZ E ROSTOCK;
PRESIDENTE DA COMMISSÃO DO NACIONAL E REAL ARCHIVO DA TORRE DO TOMBO;
EX-BIBLIOTHECARIO MÓR E EX-DEPUTADO ÁS CÒRTES EM VARIAS LEGISLATURAS;
TENENTE CORONEL;
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA;
MEMBRO DA SOCIEDADE REAL DOS ANTIQUARIOS DO NORTE;
DA ACADEMIA DE HISTORIA DE COPENHAGUE;
DAS SOCIEDADES PHARMACEUTICAS DO NORTE DA ALLEMANHA, DE SALZUFFLEN, E DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO DE PARIZ;
DO CONSERVATORIO REAL E DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO;
DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ NO RIO DE JANEIRO;
DO INSTITUTO HISTORICO DA BAHIA;
DO CONSERVATORIO DA MESMA CIDADE;
E DE OUTRAS SOCIEDADES SABIAS, &.

Tomo 10.º

RIO DE JANEIRO

PUBLICADA EM CASA DO EDITOR — BERNARDO XAVIER PINTO DE SOUSA

Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

1858.

Digitized by Google

Digitized by Google

GRINALDA OVIDIANA.

NOTAS AOS LIVROS II. E III.

ADVERTENCIA.

São findas, com o Livro 1, as memorias e notas mais minuciosas e de maior extensão; e visto acharem-se tractados os principaes assumptos, cumpre não abusar da benevolencia do leitor. No que resta, embrecharemos em uma só nota o que nos-parecer conveniente dizer ainda acerca de cada canção; e dentro d'essa nota subdividiremos as materias, com indicação do texto e pagina, que apostillâmos.

LIVRO II.

§ 190

CANÇÃO I.

(T. 2. p. 7.)

(Preludio). Afim de poder confrontar-se a actual maneira do poeta portuguez com os seos trabalhos de antiga data, aqui transcreveremos a versão, que elle anterior-

Digitized by Google

mente fizera d'esta mesma canção, em versos de dez syllabas:

Eis da aquosa Peligno o cysne amante,
Ovidio, o illustre heroe de ternos crimes,
O cantor de si mesmo, entra, de novo,
Docil á voz de amor, no chão das musas.
O' rigidas, tremei, voae, fugi-lhe,
Não sois theatro proprio aos cantos meigos!
— Leia-me a virgem noiva; a que em presença
Do seo noivo feliz córa, palpita,
Sonha ignoto prazer, delirios doura.
— Leia-me o que, na aurora da existencia,
Quando razão ja luz, paixão floresce,
Sente de amor as tentações primeiras.
— Dos mancebos, algum, que arder como ardo,
Que do arco fatal porque eu fui morto
Bebeu no coração farpões tenazes,
Vendo nos versos meos a sua historia
Pasme, caia em silencio, emfim pergunte:
« — *D'onde soube este vate os meos successos?* » —

Tempo houve em que na mente audaz e livre,
Me-ardiam fogo de estro, amor de gloria;
Ia impunhar homerica trombeta;
Já na alma ingrandecida me-trocavam
A terra, os céos, os numes, os gigantes,
E já sentia a voz egual da empreza.
Ante os olhos accesos me-avultavam
O Olympo alçando o Ossa, o Ossa o Pélion,
E o cume extremo o Centimano aos astros.
Já no horror do combate, unido a Jove,
Tinha aos pés o trovão, nas mãos o raio.
Já ia...
Céos, a minha doce amante
Eis se-afasta, me exclue, me-fecha as portas...
Perdi com Jove o raio, esqueci Jove!
Tuas armas brandir (perdôa, ó nume!)
Era trabalho vão, suor sem prémio.

Digitized by Google

Mas, ó nume, esta porta, a mão que a-fecha
Para mim raios são que aos teos excedem;
Tornei-me ao brando affecto. Empunho a lyra,
Alço no plectro e voz as minhas armas;
E á força de ternura, affagos, preces,
Abro os portões, accolhem-me; triumpho!

Versos mínguam nos céos sanguinea lua;
Nivecs frisões do sol revocam versos;
De cantos ao poder estoiram serpes;
E atropellado rio á fonte volve;
Ao podêr de meo canto abrandei ferro;
Abriu chave cruel batentes surdos.

Que lucrára em cantar acções de Achilles,
Ligeiro ceifador das teucras hostes?
Dos dous filhos de Atreo que auxilio houvera?
Ou que paga d'aquelle que ha perdido
Dez annos combatendo e dez errante?
Ou de Heitor, por quadrupedes fogosos
Arrastado no pó, disforme e exangue,
Entre o argivo clamor e os ais de Troya?
Mais presta do que heroes, cantar as bellas,
Que em prémio do louvor se-obtem mil vezes!
Que doce trabalhar, que prémio doce!
Nomes que a tradição, que a historia illustram,
Adeus! Não podem tanto idalias chordas,
Nem vossa fama recompensa o vate.
Eis meo plectro de amor ja preludia!
Amor me-inspira! Amor! Correi, formosas,
Attentas ao meo canto, inchei-me o genio!

Si a Ovidio póde caber censura por algumas extravagancias licenciosas dos seos escriptos, importa não perder de vista duas circumstancias, que attenuam, si não anniquillam a imputação: 1ª para quem e para que fim escreveria o poeta? 2ª occultou elle as intenções que a taes escriptos presidiram?

E porque estas accusações hão sido das mais desabridas contra o nosso poeta, tractemol-as ainda aqui, visto

Digitized by Google

como todo o introito d'esta canção parece ser uma justificação dos seos procedimentos, ante as exigencias da posteridade.

1.ª *Para quem, e para que fim escreveria o poeta?* E' mui possivel que o plano de Ovidio fosse eminentemente moral. Talvez que em seo pensamento tivesse presumir e acautelar a mocidade romana, contra a turba altaneira e perdida das cortesans protervas (segundo a phrase de Juvenal) que tinham invadido, conquistado, subjugado a capital da redondeza; denunciando os usos, as tendencias, as manhas d'aquella epocha desmoralisada, diminuia os perigos da corrupção, descortinando-a, e patenteando ao homem innocente as perfidias da mulher abominavel, e talvez mesmo á mulher os laços que o homem usa armar-lhe. Sempre que o poeta fala, com seriedade e convicção, manifesta o altissimo aprêço que da virtude fórma; as provas poderiam dar-se aos cardumes; apontaremos apenas um passo, no poemeto *De medicamine faciei*. Ahi, depois de ter deplorado os habitos effeminados dos homens do seo tempo, passa a dar conselhos ás mulheres, e eis o sobre que mais insiste: — A primária, a essencial cultura porém, não é a do corpo, mas a do espirito e dos bons costumes, porquanto (diz elle) « tempo virá, em que o espelho hade importunar-vos, e essa dôr vos-multiplicará ainda as rugas. Ea, lembrae-vos que só a virtude transpõe inalteravel os tempos, servindo os annos para achrysolál-a; eterno? só o amor, que d'ella deriva, o-é. » (*) Não é esta a linguagem do mais puro christianismo?

2.ª *Occultou elle suas intenções?* Pelo contrário; nunca houve quem mais cauteloso se-mostrasse em prevenir sôbre tal ponto. E' elle o proprio, como n'esta canção se-vê, que brada ás damas honestas, não ser para ellas que

(*) Tempus erit, quo vos speculum vidisse pigebit,
Et veniet rugis altera caussa dolor.
Sufficit, et longum probitas perdurat in ævum,
Fertque suos annos; hinc bene pendet amor.

Digitized by Google

este livro se-escrevêra. Isso, que ja na *Arte de Amar* praticára:

> Este procul! vittae tenues, insigne pudoris,
> Quæque tegis medios instita longa pedes,

é o mesmo que faz aqui, exclamando:

> O' rigidas, tremei, voae, fugi-lhe!

E' pois evidente que esse homem, que previne e afasta as honradas, não tem por certo em vista insidiar a innocencia e a pudicicia. (*) Esta parte da apologia do nosso poeta foi conseguintemente por elle mesmo feita, com muita habilidade, summa erudição, e não pouca fôrça de raciocinio, especialmente no L. II. das *Tristezas*, desde o verso 250, trecho que, por longo, não adduzimos, porém cuja leitura recommendâmos. De resto, estes argumentos são identicos aos com que Rousseau pertendeu salvar a sua consciencia, no prologo da *Nova Heloisa*.

— —

(*) Mil vezes repete Ovidio esta declaração, sendo portanto um ponto que elle tinha mui presente ao espirito; por exemplo:

> En iterum testor, nihil nisi lege remissum;
> Luditur in nostris instita nulla jocis (Ars Am. II)
> Dum facit ingenium, petite hinc præcepta puellæ,
> Quas pudor, et leges, et sua jura sinunt (Dito III)
> Sed quoniam, quamvis vittæ careatis honore,
> Est vobis vestros allere cura viros (Dito).
> Thais in arte mea; lascivia libera nostra est,
> Nil mihi cum vitta, Thais in arte mea est (Rem. Am).

E falando a Augusto:

> At si, quod mallem, vacuus fortasse fuisses,
> Nullum legisses crimen in Arte mea.
> Illa quidem, fateor, frontis non esse severæ
> Scripta, nec a tanto Principe digna legi.
> Non tamen idcirco legum contraria jussis
> Sunt ea, Romanas erudiuntque nurus (Tr. II)
> Scripsimus hæc istis, quorum non vitta pudicos
> Contingit crines, nec stola longa pedes (Pont. III. III) etc.

Digitized by Google

(V. 3. 4).— *Ovidio... entra de novo.— Docil á voz de Amor.* No latim: *Hoc quoque composui. Hoc quoque jussit amor.* Merecem explicação ambos estes *hoc quoques*. Quanto ao 1°: era commum, n'esse tempo, o uso das gralhas apavonadas, podendo a cada passo exclamar o expoliado: *hos ego versiculos feci, tulit alter honores.* Muitos escriptores gregos e latinos (como Lamartine fez aos assignantes do seo *Curso de Litteratura*) punham, por seo punho, no frontispicio das suas obras, uma declaração analoga a esta, que Ovidio aqui faz, e que deve considerar-se como uma precaução sobre o seo direito de propriedade. Quanto ao 2° ponto, da sua docilidade á voz do amor (*hoc quoque jussit amor*), allude á ordem anterior, que Cupido lhe-dera (I. 1. 24):

Quodque canas, vates, accipe, dixit, opus.

(V. 6). *Donzella, não fria, meos versos releia, ao pé do seo noivo. Me lejat, in sponsi facie, non frigida Virgo.*—Estranha parece esta permissão que o nosso poeta, aliás em hora de escrupulos, concede á virgem noiva, para que leia os seos *Amores*, quando ás matronas sérias os está prohibindo. Toda a estranheza desapparece, quando se advirta no como os noivados se passavam em Roma, por aquelles tempos.

Não temos, no nosso idioma, a multidão de expressões, com que os romanos qualificavam os 5 ou 6 actos da matrimonial comedia. O *sperata* corresponderá talvez ao nosso *namorada*; si o *pertendente* representa um passo avante, será ella então *promissa*; depois a moça era *pacta*, contractada; o *desponsa* approxima-me ja á *noiva*; no dia da solemnidade denominava-se *nova nupta* (*esposa*?); depois da consummação, *uxor, mulher.*

Em materia de casamento, os romanos tinham singulares fórmas! Na *usucapção*, fazia-se, durante um anno,

Digitized by Google

um noviciado do espirito, do genio e das qualidades corporaes; não era lícito, durante esse noviciado, deixar o leito nupcial; dando-se 3 noites de feriado, havia jus de se-separar; este uso começára no tempo do roubo das sabinas. Havia mais a *confarreação*, cerimonia instituida por Numa; era uma historia de um bolo de farinha, do grão pontifice e do sacerdote de Jupiter; essa união lá era mais inviolavel, mas tambem se-rompia, e o divórcio denominava-se *difarreação*. (Não se-obtinha o sacerdocio, sem nascer de um casamento assim.) As outras cerimonias approximavam-se das nossas. O noivo dava um annel. Vinha o que religia o contracto, e depois os que tomavam os agouros. Maio era mez funesto — fôsse por se interpor ao abril (de Venus) e ao junho (de Juno), devendo por isso avançar-se ou recuar para tempo mais destinado a mais particular culto das divindades que presidem ao casamento — fôsse por ser o mez das maximas cerimonias religiosas, affectando por isso os sacerdotes de Juno uma tristeza, que até no vestuario transparecia — ou fôsse emfim, porque a oblação pelos mortos cahisse n'esse mez, inconvemente por isso á especie de sacrificio, exigido pelos deuses do hymeneo. (*) A conjuncção mais feliz para o casamento era a lua cheia. Poderiamos talvez apresentar aqui os incidentes curiosos, que eram usuaes por occasião do casamento; mas levar-nos-hiam longe.

O certo é (voltando mais especialmente ao nosso texto) que a *nova nupta* (a noiva, a nova casada) procedia mui diversamente do que entre nós. Hoje, vai-se muitas vezes gosar a lua de mel n'um retiro campestre, depois de se-ter celebrado a cerimonia, mui modestamente, de madrugada, como que a furto, tudo para poupar o pudor da menina. Esta, quando lhe-vão dar os parabens, córa e abaixa os olhos; si algum atrevido se-alarga, na sua presença, com ditos frescos, ou allusões, não póde fingir-se desen-

(*) Esta superstição subsiste em alguns paizes, entre o povo, que implica com o mez de maio, sem mais razão que a tradição, *mense maio malè nubunt* (Ov. Fast. I. V.)

Digitized by Google

tendida, mas toda se-envergonha,, e não responde. Lá em Roma corriam outros ares; as modestias eram todas para antes da cerimonia; no banquete de familia e amigos, depois de consummada a alliança, era a noiva quem mais gaia se-amostrava e mais lascivas travessuras dizia e fazia; pelo que chegou a ser proverbio, para se-designar uma phrase immoralissima, chamar-lhe *dicto de casada nova*! Tudo concorria para tornar um casamento synonimo de órgia, nos dias que precediam e seguiam á solemnidade.

Era principalmente nas bodas, dirigidos á noiva, e mesmo pela noiva, que se-recitavam os versos *fescenninos* ou *saturninos*; duros, mal-soantes, deseguaes, antes prosa medida, como improvisos, livres, grosseiros, e bem proprios para um povo ainda selvagem, que só conhecia a alegria tumultuosa e os vapores do vinho. Estes versos eram cheios de descripções e pinturas indecentes, com os termos mais vulgares, e accompanhados de gestos, acções e dansas torpes. Imagine-se uma caterva de rusticos, dansando como ursos, e gracejando em improvisos brutaes; e n'esses momentos, em que, ao desafio, uma malignidade natural ao homem, afiada pelo vinho, lançam uns aos outros em rosto quanto sabem; é o que Horacio expõe n'uma epistola que dirige a Augusto (I. II. 145):

> Fescennina per hunc inventa licentia morem
> Versibus alternis, opprobria rustica fudit.

Sob o nome de *dansa nupcial*, introduziu-se, em Roma, um uso assombrosamente immoral. Em todos os casamentos, a noiva, o noivo, e toda a comitiva assistiam ás taes dansas, que eram nada menos que a mais dissoluta pintura de todas as acções secretas do casamento! As *dansas lascivas* dos gregos deram aos romanos a idea d'esta, mas os imitadores sobrepujaram avantajadamente aos mestres. No reinado de Tiberio, foi tão longe a licença d'esse exercicio, que o senado expulsou de Roma todos os *dansarinos* e *mestres de dansa*; o que isto fez foi aguçar o

Digitized by Google

appetite; a juventude tomou o logar dos desterrados; o povo imitou a fidalguia; e não córaram os proprios senadores de prestar-se a taes indignidades. Cessou para logo a distincção, n'este assumpto, entre os maiores nomes e a mais vil canalha; e tanto que Domiciano (tão indelicado nos costumes) teve que excluir *do senado*! padres conscriptos, que se-haviam invilecido ao ponto de executar em público as famosas *dansas nupciaes*.

Tudo contribuia pois para tornar a nova-casada instantaneamente mestra, por mais innocente que antes fôsse; para impôr a esta bacharela borla e capello, e fixar os seos novos conhecimentos com permanente ensino, pintavam-se as paredes e os tectos dos quartos conjugaes com scenas e imagens horriveis de lascivia.

Propercio n'uma elegia a Cynthia (II. VI), exclama assim: —« Maldicta seja a mão primeira, que pintou essas obscenas imagens, e nas castas paredes dos nossos quartos suspendeu essas torpezas; bem futurava ella que, corrompendo os innocentes olhos das raparigas, as-tornaria mestras de infamias. Maldicto aquelle, cuja arte delatou encantadores mysterios! Não era com pinturas similhantes que se-ornavam os tectos dos nossos antepassados; não andavam então as paredes, incitando ao crime pelo crime! »

(V. 19). *Meo gôsto era troar a guerra dos deuses com os centimanos*. A ambição epica (não menos que a tragica, a lyrica, a historica, a mythologica) invadira o animo de Ovidio. Mais de uma vez se-abalançou á maxima empreza da epopéa, mas ainda n'isto se-assimilhou ao nosso Bocage, bem como em nos não ter legado o fructo de esforços taes. Aqui nos-fala outra vez da *Gigantomachia*, da qual n'este poemeto mais de uma vez se-insoberbece (I. 1 — II. 18 &), bem como nas *Tristezas* (II. 71), mostrando-se tão satisfeito d'esses ensaios (para os quaes nos-diz chamál-o a sua vocação), que Jupiter surria aos louvores, que alli lhe-offertava! Essa epopéa, em que o auctor tanto se-revia, chegou pois, sem dúvida, a tomar grandes dimensões, não sendo bem claro o motivo porque

Digitized by Google

deixou de completar obra de que um só verso não passou á posteridade; talvez concorresse para desanimo a altura inaccessivel a que Virgilio acabava de elevar o genero; tambem poderá ter contribuido o sestro improvisador de Ovidio, que, incapaz de prestar-se á fadiga da lima e correcção, não era dos mais idoneos para um trabalho, em que o sublime precisa, sem choques nem balanços ou altibaixos, sustentar-se em altura egual. Lendo o admiravel episodio do gigante Adamastor, nos *Lusiadas*, sempre se-nos-associa a idea de que o auctor das *Metamorphoses* nos-appresentaria, n'esse perdido poema, alguns passos mui similhantes ao que, no pensamento, na acção, na linguagem, na rhyma e no rhythmo, faz as delicias da nossa lingua.

E pois que falâmos n'esta tentativa epica de Ovidio, no alpha da sua litteraria carreira, apontaremos a outra do seo omega, o poema sobre as *Façanhas de Cesar* (Germanico).

No *Ponto* (II. I) promette contar um dia os triumphos de Cesar.

Nas *Tristezas* (II. 37) diz elle ser mister um sublime ingenho para decantar as façanhas de Cesar, que o fundo não matasse a fórma; e que todavia a tanto chegára a sua audacia.

No *Ponto* (II. V.): — Pouco ha, quando a estes logares chegou a fama do gran triumpho, ousei tomar sobre meus membros o cargo de tamanha mole; mas o explendor e a grandeza do objecto venceram o audacioso; nem pude levar ao cabo pêso superior ás minhas fôrças.

Todavia, no mesmo poema (III. IV), se-vê que o tal *Triumpho de Germanico* chegou a completar-se, e até a publicar-se em Roma, porquanto ahi diz o poeta a Rufino: — Nasão deseja que favoravelmente accolhas o seo *Triumpho*, si ás mãos te-chegou ja. E' obra inferior ao assumpto, diminuta, mas tal qual é, rogo-te que a-protejas!

Digitized by Google

Ainda, no Ponto, compoz outro poema, cantando a *Apotheose de Augusto* (que baixeza!) de que, no IV Livro dos Ponticos nos-fala — na 6ª carta, a Bruto, dizendo: D'esta distancia, ó Bruto, te-mandei uns taes quaes versos sobre o novo habitante do céo; — e na 9ª, dizendo a Grecino: — Talvez, si presentimentos não falham, que aos astros subam, ó Cesar, os versos em que te-cantei, novo habitante dos céos! (*)

Além d'esses 3 ensaios epicos, houve talvez o 4º, em idioma getico.

Ja se-vê que Ovidio compartia o prejuizo, que faz suppôr que, sem uma producção epica, se não pode ser maximo poeta. D'esta opinião zomba Marcial mui graciosamente n'um epigramma (IV. 49) que dirige a Flacco, e que resa, pouco mais ou menos, assim:

Que saibas o que sejam epigrammas,
Querido Flacco meo, não te-concedo;
Arrogante e altereso, tu lhes-chamas
Joguete vão e frivolo brinquedo.

Vê como as cousas são! Si não me-engano,
Ha quem brinque co'os versos mais do que eu.
Tal o que embócca o seo clarim tyranno,
E os festins canta do cruel Tereo;

Tambem co'os seos leitores galhofeia
Quem de Dedalo as azas põe no filho;
Quem narra de Thyeste a horrenda ceia,
E faz do deus dos deuses um novitho.

(*) Suspeitâmos que o titulo d'este poema fôsse:— *De cœlite novo*, como se-deprehende da sua habitual maneira, e dos dous logares em que n'isto fala:

— Quale tamen potui, *de cœlite*, Brute, *recenti*
Vestra procul positus carmen in ora dedi.
— Perveniant istuc et carmina forsitan illa,
Quæ de te misi *cœlite* facta *novo*.

Digitized by Google

O emphatico, o turgido, o hyperbolico,
Nada d'isso se-casa ao verso meo;
Não tenho inveja a um estro diabolico;
Esses sabios são sabios, e eu sou eu.

A'quelles, todos louvam e os-veneram,
Chamam taes versos optimos, celestes;
Confesso que bem alto os-consideram,
Sim, senhor; louvam esses... mas lêm estes!

(V. 44): *Tambem tem raio Amor!* — Mas é um raio, de que os proprios poetas eroticos chasqueiam; e nunca outrem assim o-fez mais jovialmente que o proprio principe d'elles, Anacreonte, como se-vê da sua ode 10:

Olha o Cupido de cêra
Que vende aquelle rapaz!
— « Vem cá; és bello esculptor!
« A figura d'esse amor,
« Por quanto m'a-venderás? »

Em seo dorico dialecto
O moço então me-volveu:
— « Dar-me-has o que fôr razão;
« Tomára-o fóra da mão;
« Nem é este o officio meo.

« Já lá em casa este demo
« Ninguem n'o-póde aturar;
« Tudo nos-queima. » Pois bem,
« Se uma drachma te-convém,
« Toma; está-me a namorar!...

« Agora o caso é comigo,
« Amor: este peito meo,
« E' abrazar-me já já;
« Quando não... sabido está,
« Quem te-derrete sou eu. »

Digitized by Google

(V. 77). *Atridas.*—Descendentes de Atreo, Agamemnon e Meneláo.

(V. 81). *Prefiro... a defunctos heroes beldade viva.* Corresponde ao *heroum clara valete nomina*, e á ode 1ª de Anacreonte (Vide § 9. p. 202).

---

§ 191

CANÇÃO II.

(T. 2 p. 11.)

(A UM EUNUCHO). Dos orientaes provavelmente tomaram os romanos o sacrilegio covarde e infame da castração. Este attentado flagrante contra a natureza, em tudo reproductiva; esta mutilação do mais nobre dos animaes; este semi-homicidio, que, destruindo o homem para o praser, o-deixa vivo para sentir mais infortunios que os outros individuos da sua especie, merece com effeito a execração com que a seo respeito se-exprime o nosso poeta.

Que em paizes, onde o ar, a terra e outras condições, irritam desejos mais ardentes e sofregos, os fortes sacrificassem os fracos a serem os dragões dos seos harems, era um abuso até certo ponto explicavel; mas que paes e mães ousem ainda, em terras civilisadas, socolor de os-prendarem com futuro canto, condemnar os fructos de seos proprios amores a carecerem de amor em toda a vida, eis o que se-vê, sem se-acabar de crer, mormente quando se-pensa que essa prenda, de uma vez desnatural, é quasi sempre descontada pelo enervamento do espirito e do coração, pela covardia, pela inveja a

Digitized by Google

todos os que gosam, pela consciencia e vergonha da nullidade, pelo desprêso e tedio de um e de outro sexo; e era de taes entes, attentados vivos contra o ceo, que Roma Christã presumia, ainda ha poucos annos, realçar as glorias do culto ao Creador, ao mesmo passo que, sob as abobadas sagradas, teria achado profana a voz angelica da mulher!

O eunucho, a quem se-dirige Ovidio, é por este baptisado com o nome anti-poetico de Bágoas. É ainda outra prova de que Ovidio fabricava sempre os nomes proprios, com intenção pitoresca. Diz Burmann ter visto n'um codice antigo que *Bagoe*, em lingua persica, quer dizer *castrado*.

(V. 14.) *Das Danaides no portico.* Refere-se aqui ao portico de Apollo Palatino, onde estavam representadas as 50 Danaides. Os porticos, muito em uso entre os gregos, foram tambem adoptados na architectura romana. Havia-os em forma de longas galerias vastas e cobertas, até nas habitações de alguns opulentos; o crypto-portico era uma galeria subterranea, fresca de verão, e quente no inverno. Os porticos chegaram a ser residencias nobres, dispostas com luxo, com frente para o Norte, graças ao clima grego, e á servil imitação romana. Horacio, L. II Ode 12, se-exprime assim:

Nulla decempedis
Metata privatis opacam
Porticus excipiebat Arcton.

« Os particulares não tinham, nos seos edificios, vastos » porticos, expostos ao vento do Norte, e que podem » medir-se com varas de 10 pés. » Este ponto é apesar d'isso obscuro na architectura antiga, porém o portico de que se-tracta (o de Apollo) é bem conhecido. Os porticos de Livia e de Pompêo; os campos de Marte, de

Digitized by Google

Agrippa e do Viminal, eram os habituaes passeios dos ociosos, dos ricos, dos voluptuosos, dos cortesãos, e o logar de encontro dos amantes.

(N. 16.) *Objecto mais gentil que o Tibre lava.* O *Tibre* é o rio, em cujas margens foi Roma edificada, e cujo primeiro nome fôra *Albula*, em rasão da brancura de suas aguas, trocado depois no que ainda conserva, por n'elle se-ter afogado Tiberino, filho do rei d'Alba. (*) Nasce nos Apenninos, separa o Lacio da Etruria, e invade o mar Tyrrheno, 16 milhas alem de Roma.

(N. 75.) *Diz que a amiga está doente?* Parece que esta desculpa era muito usual.

Marc. XI. 8.

Infelix! quid ages? ægram simulabis amicam?
Hærebit dominæ vir comes ipse suæ.

Gell. XVIII. 3. — Tum ad quendam ægrum cum isset visere, nosque cum eo una introissemus.

(*) A quo itali fluvium cognomine Tibrim.
Diximus; amisit verum vetus Albula nomen (Virg. En. 8. 33.)
... Ego sum, pleno quem flumine cernis,
Stringentem ripas, et pingesia culta secantem,
Cœruleus Tibris, cœlo gratissimus amnis.

(En. VIII. 62)

Albula, quem Tibrin mersas Tiberinus in unda
Reddidit, hibernis forte tumebat aquis.

(Ov. Fast. lib. II. 389)

Digitized by Google

§ 192

CANÇÃO IV.

(T. 2. p. 23.)

(CORAÇÃO PARA TODAS) Não vos-enfureçaes com o titul o, nem com o contheudo e pormenores d'esta canção ! Pintando aqui a sensualidade (e de nenhuma sorte o amor) elle fez ás suas leitoras um aviso importante, e que, si fôr escutado, muitas vezes as-salvará. Que mulher, ouvindo esta ingenua confissão, dos labios mesmo de um homem, confissão, que a maior parte d'elles poderia tambem fazer, si se-usasse verdade em cousas d'estas, que mulher, sabendo quão pouco melindrosa é por dentro a ternura que se-lhe-offerece, e que o vulgo dos amantes, que jurariam adorál-a, a nada mais aspiram que a um passatempo, ou a um deleite passageiro, deixaria de estudar a fundo a questão suprema da sua vida, antes de entregar o coração? Si o amor dos homens tem, no seo calendario, um oratorio sempre diverso e uma festa sempre similhante para cada dia do anno, a mulher é delicada iconoclasta, e não admitte mais de um culto; si alguem portanto d'esta canção se-póde queixar, são as almas-abelhas que andam pousando aqui e alli nos corações-flôres, por verem descoberto aos olhos e ás vergonhas do mundo o segredo do seo mel. O que o poeta ousou declarar é, por outras palavras, o mesmo que as boas mães e as educadoras severas não cessam de repetir, e de insinuar, como preservativo, nas consciencias virginaes e inexpertas.

Esta canção faz lembrar uma das mais chistosas odes de Anacreonte:

Digitized by Google

ODE 32.

Vamos! Si podes cantar
Quantos astros vão nos céos,
Quantas ondas vão no mar,
Numéra os amores meos!
Põe-me, em primeiro logar,
Em Athenas vinte amores,
Lindos todos como as flores;
Juncta mais quinze... (Não minto,
Juncta quinze e pouco pões)
Em Corintho... oh! em Corintho
Computa-os por legiões!
(Corintho na Achaia fica;
Nem uma terra haverá
De moças bellas tão rica)
Mas o rol não finda lá;
Lesbia, Caria, Jonia, Rhodes,
Não me engano... afouto podes...
Dous mil amores marcar.
Que hesitas! assenta! assenta!
A pagina é corpulenta;
Não te-fallece logar.
Inda te eu não disse nada
De Canopo, Syria, Creta
(Creta, a ilha decantada,
Que entre os praseres vegeta,
E por cujas cem cidades
De amor as festividades
Tem contínua duração).
Tem paciencia! ajuncta agora
Turba de amores, que mora
Calada em meo coração.
E os d'além-Cadiz? assenta.
E os d'além-Bactria? accrescenta.
E os d'além-India?... Mas basta!

Digitized by Google

Para todos meos amores
Nem ha pagina assaz vasta...
Nem tambem calculadores.

O pensamento d'esta canção é exactamente o da *Defesa de um inconstante*, do nosso proprio poeta, ingenhosa producção, que se-lê nas *Excavações Poeticas*.

(V. 3.) *Tem cada qual o seo genio*. Do mesmo crime, habemus confitentem reum, em Prop. II. 18. 17;

Unicuique dedit vitium natura creato :
Mi natura aliquid semper amare dedit.

A quanto creára soube
Dar um vicio a natureza ;
O vicio que a mim me-coube
Foi ser servo da belleza :

Era a mesma birra do Tolentino :

Si poz natureza crua
Em cada-um um furor,
¡ Só em mim a espada nua !
Si a minha teima é o amor,
Todos os mais tem a ¡sua.

(V. 63.) *Hippolitho*. A 4.ª Heroide d'Ovidio, uma das mais bellas, é de Phedra a Hippolitho. Este, filho de Theseo e Antiope, era, em tanto excesso, apaixonado pela caça, que esse unico prazer lhe-absorvia o pensamento. Phedra, sua madrasta, querendo vingar-se da repulsa dos seos affectos, denunciou-o a Theseo, como tendo querido attentar á sua honra ; e Theseo entregou seo proprio filho ao furor de Neptuno; Hippolitho corria, em sua carroça, perto do mar, quando a

Digitized by Google

subito surgiu das ondas um monstro marinho que, espantando os cavallos, os-fez despedaçar o coche, e arrastar o principe entre os rochedos (Esta descripção, em Racine, é uma das mais admiraveis da poesia classica). Ja se-vê que Hippolitho é, pelo nosso poeta, indicado aqui como typo de continencia.

(V. 64.) *Priapo.* Este Deus. desconhecido de Homero e Hesiodo, considera-se como protector dos campos e jardins; porém conta-se que Venus, ao nascer-lhe este filho, ficou de tal fórma aterrada e envergonhada da sua obra, que, para as feras o-devorarem, o-expozera sobre as montanhas, onde uns pastores o-salvaram, chamando-o Priapo, *propter deformitatem et membri virilis magnitudinem.* Por isso mesmo se-lhe-elevaram altares, mormente na cidade de Lampsaco, com um culto mui dissoluto, e ficou advogado..... do raio.

---

§ 193

CANÇAO V.

(T. 2. p. 27.)

(A CORINNA INFIEL N'UM BANQUETE). Esta canção, para bem, havia de ter sido posta logo depois da 4.ª do L.º 1.º; comquanto abundem ambas em desenvoltura, dariam, da sua somma, um resultado de proveito. Assim veriamos muito melhor o como o feitiço se-voltava contra o feiticeiro. Os conselhos depravadores com que o poeta provocára uma dama a abusar da confiança do marido e trahil-o, segue-o agora outra dama (si não é a mesma), logrando em cheio ao proprio conselheiro. Para a licção ser mais picante, as circums-

Digitized by Google

tancias do logar e scena são identicas, um banquete. Si quizerdes confrontar as queixas d'agora com as suggestões d'então, vereis como do mal veiu logicamente o mal para o auctor d'elle; a natureza tem muitas vezes no seo codigo a pena de talião.

O mesmo pensamento se-reproduz em Tibullo (I. VI.), que Bertin assim imitou..... ou traduziu (II. 4.):

Moi-même à me trahir j'instruisis ta beauté.
Quand ton cœur autrefois couronna ma tendresse,
Tes mains savaient à peine ébranler les verroux;
Je t'appris, le premier, par quelle heureuse adresse
On peut, en les tournant, échapper aux jaloux;
Je t'appris l'art, si cher à la jeune maîtresse,
D'écarter de son lit un odieux époux.
Malheureux! en un mot, je t'appris comme on aime.
Ton orgueil s'enrichit de mes rares secrets.....
Nulle amante bientôt ne sut mieux effacer
Le bleuâtre sillon que sur un cou d'albâtre
Imprime de ses dents un amant idolâtre,
Et ces doux souvenirs qu'on se plaît à tracer.

Estes ciumentos terrores fazem lembrar o cabelleireiro do Nicolau Tolentino, que, por leves zelos da futura noiva, queimou o enxergão, e ajustou outro casamento:

Nupcial enxergão em chammas arda,
Em pena do trahido amor primeiro;
Que este honrado, infeliz cabelleireiro,
Pelas manhas da besta pnne a albarda;
Poz logo aos pés de mais formosa Anarda
Seo vago coração aventureiro;
Comprou novo enxergão por mais dinheiro,
Que amor conserve em sua sancta guarda!
Ouviram-se ternissimas promessas,
A que elle respondeu: — « *Por vida tua,*
Dos protestos que fazes, não te-esqueças! »

Digitized by Google

Mas praza o céo, que, em quanto elle, na rua,
Enfeita, á moda, martyres cabeças.....
Não lhe-façam, em casa, o mesmo á sua!.

Tudo isto significa effeito de *ciumes*, que, nos nossos usos e religião, tão frequentes atormentam os namorados; os latinos não padeciam tanto d'esta infermidade; e até se-dá uma circumstancia singular! Póde dizer-se que os romanos não tinham verdadeiramente expressão propria para designar a idéa dos *zelos*. A's vezes a palavra *invidia* representava alguma cousa similhante, porem o termo *zelotypia* é grego, e prova que só muito tarde se-conheceu o ciume em Roma. *Uxorem tam pudicam maritus jam non* zelotypus *ejecit*. Pouco ciumento marido repudia sua mulher, por ser casta. (Tertul. *Apol*. c. 3.)

(V. 13.) *Prouvera aos céos que arguir-te*. O pensamento d'esta e das seguintes quadras é o que mais largamente se-desinvolve na canç. 14 do L.° 3.

(V. 30) *lettras co'o vinho*. De que te-queixas, Ovidio! a discipula sahiu mestra; as tuas licções (do l. 1 el. 4) approveitaram:

Verba leges digitis, verba notata mero.

Não te-escandalises:

... nutusque suos, vultumque loquacem.

E' uma especie de touro de Phalaris.

Mas emfim similhantes costumes, que nós chamâmos velhos, como invenção de Ovidio, são antigos como a humanidade. Todos esses artificios se-acham nos *Prover-*

Digitized by Google

bios de Salomão, c. 6: *annuit oculis, terit pede, digito loquitur*.

(V. 70). *Triste eclipse*. Os eclipses de sol e lua foram considerados, no berço dos conhecimentos, como phenomenos tremendos — prognostico de calamidades — especie de morte dos astros. Por um d'esses eclipses, não ousou Nicias, general atheniense, mandar sahir a frota do porto de Syracusa, arruinando assim o poder da sua patria.

(V. 71). *Ou tal, por mão de artifice meonia*. Estas mulheres nada mais faziam do que tingir o marfim, que devia servir depois, como materia prima, para mil usos diversos; por isso o poeta portuguez as-chama aqui *artifices* e não *artistas*. Vai hoje ahi, na lingua, uma grande confusão nas palavras; o mestre sapateiro é o artista de sapatos; o patrão da barca é o capitão; o estudante do 2º anno é o senhor doctor; o professor é lente; a criada de servir tem Dom, e é *a senhora que se-aluga*!

Estas prosapias fidalgas,, estas rans bovinas, estas tendencias a levantar-se cada um seo furo acima do nivel em que o-collocára a sociedade e a razão, estes vocemecês com aspirações de excellencia, estes cueiros com fumos de merinaques, são parte para que certos *operarios mecanicos*, equiparando-se a cultores de artes liberaes, se-arvorem, de *artifices* em *artistas*.

As artes finas, e em que a idealidade e a poesia teem um grande quinhão, são professadas por *artistas*; as artes mais grosseiras, mais enderessadas á satisfacção de necessidades immediatas, são exercidas por *artifices*, palavra em cuja composição entra o elemento *facere*. O pintor de quadros, e mesmo de paizagens e ornatos, é artista; o borrador de tectos e portas, é artifice. O planeador de um palacio, ou de um templo sumptuoso e de esmero, artista; o mestre de obras, que fez uma ermidinha de almas ou uma casaria burgueza, artifice. O fabricante de flores de cera,

Digitized by Google

artista; o que da cera só faz tochas para enterros, artifice. Portanto *artista* era o que do dente bruto do elefante lavrava a tal effigie de nympha: *artifice* a tinctureira d'esse marfim.

Bom fôra que os sabedores da lingua, e de auctorisada voz, chamassem a attenção para essa anarchia, que por ahi vai nos vocabulos, e os-restituissem a seo real valor.

(V. 74). *De nympha, eburnea estatua.* Quatro comparações para evidenciar o que, sem nenhuma, muito bem se-comprehendia, é grande desperdicio. Si se-tivesse limitado á da estatua de marfim purpurado, ou á do ramilhete de rosas e lyrios, muito melhor houvera feito.

Phydias, além do Jupiter Olympio, fez tambem de marfim a Minerva em pé, no Parthenon, de Athenas.

E' assombroso o grau de perfeição a que os romanos, e sobretudo os gregos levaram a arte da estatuaria!

Alli com proporções miraculosas,
Respira o bronze, e o marmore animado
Exprime as paixões n'alma poderosas;
Ao impulso subtil e delicado
Do cinzel obedece a musa informe...
Eis um heroe, um Deus alto adorado!

Que ingenhoso não é aquelle trecho do Padre Antonio Vieira?:— « Toma (o estatuario) o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, primeiro membro a membro, depois feição por feição, até a mais miuda. Ondeia-lhe os cabellos; alisa-lhe a testa; rasga-lhe os olhos; afila-lhe o nariz; abre-lhe a bocca; avulta-lhe as faces; torneia-lhe o pescoço; estende-lhe os braços; espalma-lhe as mãos; divide-lhe os dedos; lança-lhe os vestidos; aqui desprega, alli arruga, acolá recama; e fica um homem perfeito. » — Quanto não deve ter sido grato ao seo calumniado idioma, quem assim o-conhecia e usava? tra-

Digitized by Google

duzam isso em qualquer outra lingua os acoimadores da pobreza da nossa!

(V. 95). *Os que lhe eu ensinára.* Tem paciencia; colheram-te no teo proprio laço. Estás como Tib. (I. VI):

Ipse miser docui, quo posset ludere pacto
Custodes. Heu! heu! *nunc premor arte mea.*

(V. 99). *D'estes bejos matou-me a doçura.* Os bejos teem sido thema inexgotavel para poetas; e n'essa parte poetas e não poetas, sabios e tolos pouco discordarão,

Car, dans les mouvements de leurs tendres ardeurs,
Les bêtes ne sont pas si bêtes que l'on pense,

dizia o bom Lafontaine. Ha um livro de poesias latinas sobre *bejos* por João Secundo. Ha os *Bejos* de Doras. Ha ainda algumas outras collecções d'elles. E o poeta brasileiro Alvares de Azevedo só aspirava a entre os sonhos de amor morrer n'um bejo. A moda de os-cantar, posto seja muito menos antiga que a de os-dar e receber, tem entretanto por si a nobreza da antiguidade. Ouçamos um dos mais galantes carmes de Catullo:

CARME 5.

VIVAMUS, MEA LESBIA.

Vivamos, Lesbia querida!
Gozemos nossos amores!
Não faças caso dos velhos;
Deixa gritar os censores.
Os soes podem morrer,
E ao depois renascer;

Digitized by Google

Porém nós, em se-apagando
A luz da curta vida,
Uma só noite eterna durmiremos,
Minha Lesbia querida!
Dá-me mil bejos!
E' pouco; vem!
Dá-me ainda cem!
Lesbia gentil
Dá-me outros mil!
Farta de bejos meo amor violento,
Dá-me outro cento...
Mais mil, querida Lesbia encantadora;
Mais outro cento agora.
Vae-m'os dando aos centenares;
Não cesses, Lesbia, não rias;
Vae-m'os dando aos milhares...
Toda a conta por fim perturbaremos
Com bejos apressados,
Com bejos não contados,
Que nem nós lhes-possamos
O número dizer,
Nem qualquer inimigo
Nos-possa inveja ter,
Sabendo a quanto monta
A nossa bella conta!

Esta ligeira composição, que pede messas, em mimo, aos mais delicados trechos dos elegiacos romanos, tem sido muitas vezes imitada pelos modernos. Ouçamos d'entre os francezes um dos primeiros, e um dos ultimos.

Vivons mignonne, vivons,
Et suivons
Les ébats qu'Amour nous donne,
Sans que des vieux rechignés,
Renfrognés,
Le sot babil nous étonne.

Digitized by Google

Les jours qui viennent et vont
Se refont ;
Le soleil mort se révèle :
Mais une trop longue nuit
Las ! nous suit
Après une clarté brève.

Tandis que nous la voyons,
Employons
Ce doux vivre, ó ma Méline !
Çá donc, mignonne, viens-t'en,
Et me tend
Ta bouchette coraline !

Vivons, ó Lesbie ! aimons-nous,
Et de la sévère vieillesse
Défions le propos jaloux.
Le soleil meurt, renaît sans cesse ;
Mais s'il meurt le feu de nos jours,
L'éternelle nuit qui nous presse
Nous tient endormis pour toujours.
Ah ! donne à l'amant qui t'adore,
Donne cent baisers, puis deux cents,
Puis mille, puis deux cents encore,
Puis mille et mille renaissants....
Mêlons ces baisers, ó ma vie !
De leur nombre je veux doûter,
Et si souvent les répéter,
Que l'œil fatigué de l'envie
Désespère de les compter. (*Bait* e *de Mollevaut*).

Ha tambem em Marcial um delicado epigramma (não será antes madrigal ?) inspirado por esta peça de Catullo ; eis como o traduziu o Sr. F. G. Braga :

Dá-me em porção, Diadumene,
Dos beijos teos, dulcissimos...
« Mas, quantos ? » tu perguntas-me !
Dizer-t'o não sei eu.

Digitized by Google

Que eu conte as ondas, mandas-me,
Do oceano athlantico,
E as conchas, que, sem número,
Cercam o mar Egeu;

E as abelhas atticas,
E as mãos, batendo unanimes,
Si no theatro, a subitas,
Cesar se-quer mostrar.
Tão poucos, como Lesbia
Deu de Catullo ás súpplicas,
Não quero! é pouco sofrego
Quem os-podér contar.

§ 194

CANÇÃO VI.

(T. 2. p. 33.)

(A MORTE DO PAPAGAIO). Esta canção, ja publicada no *Jornal das Bellas Artes*, traduz, bordando-a, uma das mais bonitas elegias dos *Amores*. Explicar em que as suas graças consistem, sería fazer descripções de flores a quem, n'um passeio de primavera, as-estivesse gosando; tudo aqui é natural, verdadeiro, sensitivo, mimoso. Aquelle convite ás aves para virem aos funeraes do papagaio; aquella descripção do genio e formosura d'elle, da sua amisade com a rôla, do seo affecto para com a domna; a da infermidade, da crise, da morte; o elysio dos passaros; finalmente o tumulosinho e o seo epitaphio, são bellezas poeticas incontestaveis. Outros auctores têem consagrado versos á perda de animaes estimados (*); nenhum, quanto

(*) Foi uma fortuna para Ovidio e Catullo, que não fosse, no seo tempo *censor* Domicio Ahenobarbo! Este heroe appresentou uma queixa contra seo collega Licinio Crasso, célebre orador, por ter demasiadamente

Digitized by Google

a nós, excedeu nem egualou a Ovidio n'este brinco. Ouçamos como Catullo deplorou a morte do passaro da sua Lesbia, depois de o-ter em vida festejado :

Gracioso passarinho,
Delicias da minha amada ;
Tu que tens parte em seos brincos,
Em seo regaço pousada ;
Que o dedinho lhe-provocas,
E a quem ella, com prazer,
O dedinho logo entrega,
Excidando-te a morder!
Quando está de mim saudosa,
E então lhe-dá na vontade
Buscar em brincos mais ternos
Allívio á dura saudade,
Por calmar, segundo eu cuido,
De seo peito o amante ardor,
E dar um consolosinho
Solitaria á sua dor,
Comtigo brinca. Esses brincos
Não os-podêr eu brincar!
Ai! tivesse-te eu como ella,
Que me-ríra do penar!
O bem, o bem, passarinho,
Que eu te-havia de querer!
O tal fructo douradinho
Que á moça de bom correr
O virgineo esquivo cinto
Se diz ter soltado emfim,
Certo não lhe-era mais grato
Do que o tu fôras a mim!

---

amado uma muréa domesticada, ao ponto de vir buscar migalhas á mão do seo domno, que a-ornava de joyas, chorou a sua morte, e até lhe-fez as honras de um mausoleo ; felizmente alcançou Crasso ridiculisar o processo, fazendo, por comparação, extraordinarios elogios a Domicio, homem tão assisado, que 3 mulheres havia successivamente perdido, sem derramar uma lagryma.

Digitized by Google

Parece que esta canção foi ainda imitada por Stacio (Liv. II. silv. 4). Os papagaios eram objecto raro e de grande estimação; assim como hoje se-lhes-ensinam palavras sacramentaes, usavam o mesmo praticar, ja n'esses tempos remotos. Por exemplo, lê-se em Plin. 10. 58: « Os faladores papagaios são os animaes que melhor imitam voz humana. Vem da India, onde os-chamam síttacos; saúdam os imperadores e pronunciam as palavras que se-lhes-ensinam; alegram-se com o viuho. »

(V. 39). *Progne.* Filha de Pandião e Zeuxippe; irmã de Philomela. Teve, de Tereo, um filho, Itys, que matou, e á ceia o-fez comer pelo proprio Tereo, para vingar-se d'elle ter violentado Philomela. Foi transformada na andorinha, de quem Lafontaine diz:

Progné me vient enlever les morceaux,
Caracolant, frisant l'air et les eaux.

(V. 48). *Philomela.* O successo, que acabâmos de relatar, transformou toda esta familia em passarolos! Tereo, depois de se-ter adiantado com as consoadas, foi, á cautella, cortando a lingua da cunhada, e retendo-a captiva; mas a deslinguada espertalhona teve arte de mandar á mana Progne uma tela, onde bordára toda a sua aventura (si foi em desenho, seria curiosa esta illustração!). Seguiu-se a tal ceia do rapaz; os Deuses decidiram fazer, com a familia de Tereo, um tratado de ornithologia: Progne foi mudada em andorinha, Philomela em rouxinol, Itys em pintasilgo, e Tereo (que os-perseguia) em gavião.

(V. 67). *Rôla.* Este passaro, eminentemente amante, symbolo da fidelidade (e ao qual, n'este sentido, o proprio Bossuet ousa comparar a egreja!), deve sua casta e terna

Digitized by Google

reputação á circumstancia (só entre os homens frequentissima) de que *um* macho não tem olhos sinão para *uma* femea. Ovidio porém allude aqui á opinião, assaz geral, de que entre a rôla e o papagaio se-dá extrema sympathia (Ov. Ep. XV. 38):

Et niger a viridi turtur amatur ave.

(V. 81). *Pylades e Orestes.* Orestes, filho de Agamemnon e Clytemnestra, escapou, graças á irmã Electra, aos golpes do assassino de seo pae, e fugindo para a Phocida, ahi se-uniu com seo primo Pylades, por uma amizade, que ficou proverbial. Depois, vingou a morte do pae com o assassinio de Egistho e de Clytemnestra, e foi pelas Furias perseguido, até ter, na Taurida, libertado sua irmã Iphigenia. Regressando á Grecia, desposou Hermione, e morreu, com mais de 90 annos, da picadela de uma serpente.— E' pois em virtude da incomparavel amizade entre Pylades e Orestes, que Ovidio nobilita a tenuidade do objecto pela grandeza da comparação. E' com intento egual, que Gresset, ao celebrar os infortunios de um certo papagaio, não duvida comparar o seo heroe ao proprio Eneas, narrando os casos (*Vert-Vert* c. 1)

D'un perroquet non moins brillant qu'Enée,
Non moins dévot, plus malheureux que lui.

(V. 99). *Gracioso na pronúncia, até seos vicios tornavas graciosos.* Esta versão do *reddebas blaeso tam bene verba sono*, mui differente da que os traductores geralmente dão, nos-parece admiravelmente graciosa, e ovidiana. O *sono blaeso*, significando a mesma cousa que *blando*, daria uma imagem falsa, apezar de ser esta a interpretação do sabio Lemaire. Eis-aqui, segundo suppomos, a que poeticamente deu o nosso paraphrasta a este trecho. Os janotas romanos, á fôrça de modas ridiculas, e vendo que os escra-

Digitized by Google

vos, vindos de todas as partes do mundo, falavam o latim com um accento diverso, achavam chiste n'esta imitação, e começaram a affectar esses vicios de linguagem. Esta estulta mania, em muitos tempos e logares se-tem reproduzido. Em França, no tempo do Directorio, surdiu certa classe de elegantes, cognominados *os incriveis* ou *os inquiveis*, que exageravam ridiculamente os trajos. Os *incriveis* succederam aos dengues, ou alcorças, ou adamados, ou moscardinos, ou como melhor se-traduza o *muscadins*, e foram substituidos pelos casquilhos, peraltas, bandalhos, peralvilhos, tafues, cupidinhos fugidos á mãe, galans, effeminados, maninelos, ou emfim o vocabulo vernaculo de dandys, fashionables e leões; entre as hyperboles da asneira com que os *incriveis* se-immortalisavam, figurou a de supprimirem o *r* em todas as palavras, o que lhes-dava, em vez da lingua franceza, uma gerigonça mui risivel.

A palavra *blaesus*, não significa brando; mas balbuciante, tartamudo, tatibitati, ceceioso, gago, tataro, pevidoso. Os latinos chamavam *bleso* o homem que não podia proferir o *r*, ou alguma outra consoante. XV. 48: *Blaesis atque mero titubantibus.* Marc. X. 65.: *Os blaesum, tibi, debilisque lingua est.*

Como pois o papagaio, comquanto se-approxime muito, em algumas palavras, da fala humana, as-diz todavia imperfeita e pevidosamente, assaca Ovidio aqui ao decantado animal a nova graça de chasquear do janotismo romano, pela maneira como profere as syllabas.

(V. 120). *Vive o nuncio da chuva, odioso gralho.* Era essa a opinião dos antigos:

Aquæ nisi fallit augur
Annosa cornix. Hor. III. XVII

Imbrium divina avis imminentum. Hor. III. XXXVII.

Digitized by Google

(V. 121). *Rancor de Pallas.* Pode ler-se, na versão do L. II das Metamorphoses, na fala da gralha ao corvo, o motivo porque Pallas odeia a faladora, a qual ainda pertende dourar a sua delação:

D'esta mudança
Foi sobeja lealdade a causadora.
Pallas (contar-t'o quero) havia occulto
De attico vime em bem tapada cêsta
Erichtonio, o sem-mãe, vulcanea prole.
Deu a cêsta a guardar a tres donzellas,
Filhas do duplex Cécrope; mas logo
Com tal, que nunca dentro espreitariam.
Eu, nas ramadas de folhudo olmeiro,
Curiosa de observar tres curiosas,
De atalaya me-ponho. Herse e Pandrose,
Mui leaes, o depósito vigiam;
Mas Aglauro! os escrupulos moteja;
Solta os nós, abre a cêsta. E eis dentro avistam,
Um menino, um dragão. Não mais aguardo,
Parto a narrál-o á Deusa; e que hei lucrado?
Do amparo de Minerva o ser expulsa!
Bella gloria! e ver hoje em meo officio
O horrendo mocho, um passaro de trevas!
Colhei nos damnos meos o exemplo vosso!
Dos p'rigos do falar, trêmei, ó aves!

(V. 130). *No que geras melhor, cahe cedo a morte.*

Optima prima fere manibus rapiuntur avaris

é imitação de Virg. Georg. III. 66:

Optima quæque dies miseris mortalibus ævi
Prima fugit.

Digitized by Google

(V. 132). *Protesiláo. Thersites.* Aquelle rei de parte da Thessalia, tio de Jasão, homem excellente, sendo chamado á expedição contra Troya, deixou sua mulher Laodamia, apezar de ser casado da vespera, e foi morto, apenas poz pé na praia asiatica, sendo o primeiro desembarcado. Thersites, ao contrário, o mais hediondo, invejoso e cobarde dos gregos que foram ao cêrco de Troya, passava uma vida de bobo, ultrajando os chefes do exército. Já se-vê que esta má peça ficou, muito depois de ter morrido Protesiláo, e eterno sería si Achilles o não tivesse acachapado com uma punhada, por ter chasqueado do pranto, que o heroe derramava, ao ver morta Penthesiléa, a rainha das Amazonas.

(V. 141). *Raiára emfim o septimo.* Desde mui remotos tempos, tem a medicina admittido que, em certas molestias, se-dão dias criticos, que decidem da direcção da infermidade; são esses os dias da batalha entre a natureza ou arte e a causa morbifica, operando desde logo uma transição subita para bem ou para mal; as crises são pois salutares ou mortaes; regulares ou irregulares (quando fulminam sem signal precursor); completas ou incompletas (conforme decidem ou deixam ainda em dúvida); crisis ou lysis (rapidas ou lentas). O septimo dia, com seos multiplos, é dos mais respeitados.

(V. 153). *Elysio.* Os campos elysios eram a morada dos bemaventurados.

(V. 158). *Melodia dos cysnes no extremo dia.* E' o mesmo pensamento, que Johanneau exprime assim:

Le cygne, à la fin de sa vie,
Fait entendre un touchant accord,
Et d'une vaix affaiblie,
Chante lui-même sa mort.

Digitized by Google

Todavia esta poetica mentira não é mais que uma entre tantas risonhas ficções da Grecia, acerca da qual mui bem se-exprime Delille, n'estes versos:

> Le cygne à qui l'erreur prêta des chants aimables,
> Et qui n'a pas besoin du mensonge des fables.

(V. 162). *Phenix renascida.* Passaro fabuloso, de que os egypcios haviam feito uma divindade, e que representavam soberbo e grande como aguia; purpurina poupa sôbre a cabeça; pennas cor de purpura e ouro; olhos scintillantes como estrellas. Habitava na Arabia. Vivia 5 a 600 annos. Approximando-se o seo fim, arranjava, por si mesmo, uma fogueira de páo e gommas aromaticas, na qual se-consumia. Da medulla dos ossos sahia-lhe um verme, d'onde, sem detença, surdia outra phenix, cuja era primeiro cuidado dar sepultura a seo pae, e transportar-lhe o corpo a Heliopolis, cidade do sol! (*)

---

§ 195

CANÇÃO VII.

(T. 2. p. 41.)

(PROTESTOS A CORINNA CONTRA A AIA). Esta e a seguinte canção dão um dos mais graciosos effeitos de contraste, em toda a obra; basta apontál-o, e quanto houves-

---

(*) Tudo induz a crer que a phenix não foi, em princípio, sinão um symbolo da immortalidade da alma e da resurreição, inventado pelos sacerdotes egypciacos.

Digitized by Google

semos de accrescentar, ja seria reproducção. Só notaremos aqui as queixas contra esta amada, por ser infinitamente zelosa (lá apparecem identicas, n'outros logares, por não o-ser!). Esta dama não queria egualdades ou communismos; talvez fôsse intima a sua paixão, mas não chegava ao excesso da elegia de M^me^ Dufrenoy:

Il me ferait (je crois!) aimer jusqu'à l'amour
Qu'il sentirait pour ma rivale!

O amor e o orgulho de Corinna se-revoltava de que outra mulher, e escrava, occupasse as attenções do seo predilecto; o mel da vida lh'o-corrompêra o fel do ciume; devorava-a essa infermidade moral, essa que mais alimentos e menos remedios encontra; era em Corinna o zêlo, como nol-o pinta Le Brun:

Argus qui, de l'amour redoutant les larcins,
A'ses pas attaché, de l'aube à la nuit sombre,
Est jaloux d'un zéphyr, d'un papillon, d'une ombre.

A canção 8ª porém mostra si a pobre mulher tinha ou não razão; decididamente os homens são peores que ellas, e as arguições com que as-mimoseiam são tactica d'aquelle larapio, que gritava mais alto que ninguem: *pega ladrão*! para que o não apalpassem. E todavia é as mulheres que La Bruyère qualifica assim: — Mulher *inconstante* é a que ja não ama; *ligeira*, a que ja ama outro; *voluvel*, a que não sabe si ama nem o que ama; *indifferente*, a que não ama nada. Quanto ao nosso poeta, fica absolvido da ultima imputação, mas pelo que toca ás outras tres, não ha sinão o embaraço da escolha.

Faz esta canção lembrar, no sentido caricato, a deliciosa epistola, dirigida á preta escrava Domingas, por N. Tolentino, que, depois de lhe-expor os motivos porque não corresponde ás suas provocações, pede (como Ovidio pedia a Cypasse e a Nappe) que o-proteja juncto á sua senhora:

Digitized by Google

... Ai! deixa de atormentar-me
Com tuas loucas idéas;
Tambem sinto dores proprias,
E escuto pouco as alheias.
Sim! Domingas! nós marchâmos
Na mesma infeliz estrada;
E do amor, que eu te não pago,
Assaz estás bem vingada.
Tu puzeste em mim teos olhos,
E eu fui pôr em Marcia os meos,
Que me paga mil extremos,
Assim como eu pago os teos;
Marcia, que, em alçando os olhos,
Mil settas n'esta alma crava;
E em cuja casa tu tens
A dita de ser escrava;
Tens-me a mim por companheiro;
Temos o mesmo senhor;
Tu, por casos da fortuna,
Eu, por castigo de amor.
... Em vendo que ella está só,
Vae-lhe expôr a paixão minha;
Eu peço a amor que, entretanto,
Tome conta na cosinha;
Amor lavará teos pratos
E escumará a panella,
Emquanto tu, a seos pés,
Dizes que eu morro por ella.
Teos grossos, trombudos beiços,
Lhe-vão expôr meos cuidados;
Hão de ser melhor ouvidos
Que sendo por mim contados.
Pinta-lhe as lagrymas tristes
Em que meo rosto se-lava;
Por um infeliz captivo
Peça uma ditosa escrava!
... Cheio de teos beneficios,
Minha mão agradecida

Digitized by Google

Te-irá pôr, em larga praça,
Rendoso modo de vida;
E, assentada em novo estrado
De fasquiada madeira,
Ondeando, ao som do vento,
Trémulo tecto de esteira,
Teos negros, airosos braços,
Chocalhando um assador,
Incherão famintos peitos
De castanhas e de amor.
... Mas si, sem dó dos meos ais,
Teimas nos projectos teos,
Falando nos teos amores,
Em vez de falar nos meos,
Trocando boa amizade
Por intranhado rancor...
Vou descobrir teos intentos
A teo austero Senhor,
Que em zelo honroso inflammado,
Sem ser preciso atiçal-o,
Vai a casa do Lagoia
Trocar-te por um cavallo.

Como Tolentino era perfeito latinista, suspeitâmos que toda esta graciosa composição seja uma parodia ás 4 canções de Ovidio, relativas aos amores das escravas.

(V. 17). Ha aqui, no original, um cacophato, que admira, em tão harmonioso versificador: *alterius dicor amore mori.*

(V. 75). *Juro aos maximos dos Deuses.* A seguinte canção, confrontada com este verso, revela quanto Ovidio accreditava nos juramentos e nos deuses! Bem longe se-andava ja então dos primitivos tempos.

Digitized by Google

Como Aulo Gellio se-lê sempre com interêsse, vejamos de que modo elle nos-narra a conta de sanctidade em que os antigos romanos tiveram o juramento (VII. 18):

— « Por cousa inviolavel e sancta tiveram os romanos e conservaram o juramento; muitos usos e leis nol-o patenteiam, e o seguinte successo dará d'isto uma idéa. Após a batalha de Cannas, Annibal, general dos carthaginezes, escolheu dez captivos nossos, e os-mandou a Roma, a proporem, si aos romanos approuvesse, troca de prisioneiros, dando o povo, que maior número recebesse, libra e meia de prata por cada um dos que levasse de mais. Antes porém de partirem, obrigou-os, por juramento, a que regressariam ao campo carthaginez, si a troca se não verificasse. Chegam a Roma os dez; expõem a mensagem do general punico ao senado, que a-rejeita. Parentes, alliados, amigos dos prisioneiros, com elles abraçados, diziam-lhes que, restituidos á patria, haviam ficado incolumes e na integridade dos seos direitos; supplicavam-lhes que não voltassem ao inimigo campo. Oito porém responderam que, ligados por juramento, tinham perdido taes direitos, e para logo partiram, como jurado haviam. Os dous outros ficaram em Roma, dizendo-se solutos e livres da religião do juramento, por isso que, ao sahirem do arraial inimigo, lá haviam voltado no mesmo dia, com um pretexto, e por isso ficára satisfeito o juramento, quando tornaram a sahir. Tão torpe se-considerou porém este fraudulento artificio, que os-fulminou desprêso e ódio geral, e logo os censores os-notaram com todas as penas de damno e infamia, por haverem faltado á palavra. Cornelio Nepote, no livro 5° dos *Exemplos*, relata que muitos senadores (verdade seja, ficando em minoria) opinaram que se-mandassem a Annibal, escoltados, aquelles fujões; sendo todavia certo que tanto foi o ódio e o desprêso universal, que, aborridos de vida tal, se-suicidiram! »

Isto era no tempo e nos logares, em que se-accreditava nos immensos riscos do perjurio, pois até, como Camões nol-o revela,

Digitized by Google

De uma fonte se-dizia
Da qual certo se-provava
Que quem sobre ella jurava,
Si falsidade dizia,
Dos olhos logo cegava.

Este culto do juramento não foi em todas as nações imitado.

Fl. Volpisco (*Vida de Aur.* XXX) diz: « E' raro, difficultosissimo que os Syrios cumpram os seos juramentos. Voltaire (na tragedia *Morte de Cesar* acto I sc. I) põe na bocca de Cesar estes dous versos, que o dictador dirige a Antonio:

Je ne veux point de toi demander des serments,
De la foi des humains sacrés et vains garants.

Parece que os Syrios eram do parecer de Cesar, e poderia dizer-se *fé syria* como se-diz *fé punica*, Deus sabe com que razão, pois os pobres carthaginezes ficaram, perante a historia, á mercê dos seos conquistadores e incarniçados inimigos romanos.

Ha porém assumptos, em que suppomos nunca ter o juramento tido fôrça de ligar, e o de amor é aquelle em que mais commum e impunemente se-ha sempre mentido; pensou-se, como na *Imaginação e Razão*:

Valem mil duras verdades
Uma agradavel mentira?
Oh! quanto a loucura é sábia!
Oh! quanto a razão delira!

Está visto portanto que o juramento em amor a nada obriga. Ovidio assim nol-o ensina, a cada passo; e só n'esta obra em muitos logares (I. VIII. 120—II. VIII. 53—II. XVI. 81 — III. III. 1 & —). Todos os mais eroticos o-imitavam. Por exemplo Tibullo (I. IV. 17) exprime-se assim: « Podes jurar quanto quizeres; os ventos

Digitized by Google

sopram por terras e mares os vãos perigos de amor. Obrigadissimo a Jove! elle mesmo decretou que nada valessem os maiores perjurios de insensato amor. Impunemente consentem que se-jure, Diana pelas suas settas, e Minerva pelas suas tranças. »

E não é só no amor que os deuses são surdos ao juramento; que se-dirá dos jogadores? pergunte-se ao Padre Correia de Almeida, e ao N. Tolentino, quê a um sujeito que jurára não tornar a jogar a banca, escrevia o seguinte:

Que tornas a apostar prometto e attesto,
Que eu, passaro bisnau, fino garoto,
Depois de ja ter feito o mesmo voto,
Jogo o que trago e jogarei de resto.

Oh! ja nos-esquecia; e na politica! ahi sim; ahi o juramento é o acto mais serio, mais respeitado, mais solemne, mais sagrado, que se-conhece; não ha memoria de um só desalmado, que faltasse ao juramento politico; em honra da humanidade, cumpre reconhecer que todo o homem politico é de uma talleyrandica consistencia(*).

E com razão. Applicar juramento a taes cousas!

(*) Affirmam que alguns *querem dizer amor e não lhe-chega a lingua*; em amor não sabemos, mas em politica conhecemos nós um labrostas, que soffria d'essa infermidade; era *bleso*; por mais que o mestre-eschola do logar, bem cortado o freio á lingua, lhe-quizesse ensinar a recta-pronuncia constitucional, perdia o seu tempo. Afinal o pobre homem ficou com um vocabulario representativo, que ninguem lhe-intendia: — As *garantias* eram as *galanterias*. — A *consciencia* era a *conveniencia*. — Os *principios* eram os *peixinhos*. — Os *periodicos* eram os *prolicos*. — As *camaras* eram *cambras*. — *Eleições* eram *evoluções*. — *Ministros* eram *meninos*. — *Homem publico*, vide *mulher publica*. — *Constitucional* era *cochinal*. — Os *Catões* eram *tacões*. — *Orçamento* era *inchimento*. — Os *additivos* eram os *logrativos*. — Os *Demosthenes* eram os *demonios*. — Os *oradores* eram os *roedores*. — Um *discurso* era um *repucho*. — *Maiorias* eram *mercancias*, — et sic de cœteris. Este lingua de trapos tambem supprimia uma syllaba na palavra *juramento*, mas não seremos tão desattenciosos para com o *genus irritabile politicorum*, que a-indiquemos.

Digitized by Google

E' como si ao oceano impozessemos a immobilidade. Si ha boa fé na promessa, o juramento não a-augmenta; si ha má fé, o juramento não garante.

Admittamos pois, tolerados e impunes, 6 classes de juradores:— os namorados — os jogadores — os embarcados — os politicos — os ébrios —... e as senhoras que acabam de ter o seo menino. Por mais que jurem: *Nunca mais*, é responder-lhes com o estribilho:

Non, non; jamais dans la vie
Il ne faut jurer de rien!

« Si não jurâmos (direis vós), nada fica. » Qual! Ainda fica muito. Imitemos o Dr. Metaphrasta, de Molière: — *Póde ser.* — *E' factivel.* — *Vamos ver.* — *Impossivel não é.* Adoptemos o: — *non liquet* dos romanos; — a *dúvidâ* da academia de Athenas; — o *talvez* de Rabelais; — o *eu sei cá?* de Montaigne; — e assim viviremos do melhor modo, no melhor dos mundos possiveis. Perguntava uma vez um general hispanhol ao Sr. Passos Manoel: — ¿ « *Pero, caballero, como si puede vivir sin fusilamientos?* » Si isso se-póde, o não sabemos; mas que se-póde sem juramentos, é do que não ha dúvida nenhuma.

---

§ 196

CANÇAO VIII.

(T. 2. p. 45.)

A CYPASSE. Não ha felonia mais engraçada que a d'esta canção! Na precedente, enganou a ama sôbre o amor da escrava; agora engana a escrava sobre o engano á ama! Faz lembrar o texto hispanhol:

Digitized by Google

Con arte y con engano
Vivo la mitad del ano;
Y con engano y arte
La otra parte.

Sentimo-nos tentados a perguntar ao nosso poeta, porque se-desgostou da vida de advogado, tendo nascido com tanta habilidade para defender e salvar as peiores causas, fazendo, a seo sabor, do preto branco e do branco preto? O papel, ou antes os papeis, que o poeta aqui representa, são, como hoje se-diria, do mais chapado *janotismo!* Não pago de enganar a ama com a criada, e de rehaver, á fôrça de falsos juramentos e fingidos inthusiasmos, o seo perdão, volta logo a reincidir, a escarnecer da sua credulidade, e, o que mais é, a ameaçar a sua cumplice que, si não torna a ceder, logo logo, aos seos desejos, elle proprio irá denunciar a primeira culpa *de ambos* áquella de quem ambos elles, por diversos modos, são dependentes. Não será tudo isto horrivel? Sim e não — tomado como facto, sim — tomado como aviso preventivo ás mulheres, decerto não.

Seja como for, ha, n'esta canção á formosa captiva Cypasse, trechos deliciosos; era talvez de uma similhante escrava que Camões dizia, imitando o nosso poeta:

Aquella captiva
Que me-tem captivo,
Porque n'ella vivo
Ja não quer que viva.
Eu nunca vi rosa,
Em suaves molhos,
Que para meos olhos
Fôsse mais formosa.
Nem no campo flores,
Nem no céo estrellas,
Me parecem bellas
Como os meos amores.

(V. 68). *Quantas vezes, de que modos.* Como sempre, fecha com chave de ouro. O pensamento porém aqui é variante do de Tibullo II. VI. 51:

Tunc mens mihi perdita fingit,
Quisve meam teneat, quod teneatve modis.

Digitized by Google

§ 197

CANÇÃO IX.

(T. 2. p. 49.)

(V. 5). *Si eu nunca desertei das tuas filas.— Qui miles nunquam tua signa reliqui*, é a mesma asserção que, nos Fastos (IV. 7) dirige a Venus: *Saucius aut sanus nunquam tua signa reliqui.*

(V. 37). *Si ás aguias immortaes Roma victoriosa.* A ave de Jupiter, que, entre suas garras, empunhava o raio, foi sempre considerada como symbolo de magestade e victoria, fôrça e soberania. Quando os Etruscos mandaram aos romanos varios presentes, em penhor de amizade, figurava, entre elles, um sceptro, que terminava n'uma aguia de marfim. Desde ahi ficou a aguia empregada como emblema da republica romana (como antes hieroglyphicamente o-fôra de Antiochia e Tyro), conservando-se o uso no tempo dos imperadores; a aguia era, na guerra, a insignia e quasi a divindade tutelar da legião, que com as suas azas abertas presagiava victoria.

(V. 42). *Acaba o veterano.* Roma concedia aos veteranos dos seos exercitos muitas terras; era a sua reforma.

(V. 45). *Vara do Gladiador.* E' uma das mais barbaras tradições da civilisação romana. Intendendo-se que o sangue humano era um holocausto, caro aos Deuses,

Digitized by Google

inventaram os filhos de Bruto os jogos de gladiadores sobre a sepultura de seo pae; e para logo se-creou este uso feroz, que se-converteu, mais tarde, n'um dos mais appreciados divertimentos publicos. Umas vezes constrangidos pela fôrça, eram os captivos que iam, com o seo sangue, propiciar os numes; outras eram ja cidadãos que espontaneamente se-votavam a este arriscado emprêgo. Intravam os combatentes na arena, meio nús, ás vezes com o corpo unctado de substancias oleosas, para resvalarem braços e mãos do adversario, quando as cousas chegassem ao ponto de se-baterem, arca por arca. Começava a peleja, a um signal da auctoridade, e geralmente não findava, em cada duelo, sinão pela morte de um dos contendores, quando não de ambos. Com tal convicção d'este perigo intravam os pelejadores no circo, que antes da lucta intoavam em coro um hymno, cujo estribilho era: « *Salve, ó Imperador, os moribundos te-saudam!* »

O gladiador, que não resistia assaz, ou que cahia sem graça, era logo sacrificado; o polegar erguido e virado para elle pelos espectadores, era sentença de morte, que até a modesta virgem proferia! Prudent. *de Vestal*:

.... Pectusque jacentis,
Virgo modesta jubet, converso pollice, rumpi.

Quanto a essa vara, era um bastão cheio de nós, e denominado *rudis*, que os gladiadores recebiam, quando se-lhes-concedia a reforma. Ovidio designa essa vara como segura (*tuta*) porque libertava o gladiador de todo o perigo futuro, dispensava-o de descer mais á arena, dava-lhe jus de ser sustentado á custa do público, e era, porque assim digamos, o emblema da sua *reforma*. O traductor denominou *ociosa vara* o *tuta rudis*, em rasão da livre vida de perigos e da remansosa aposentação em que intrava o gladiador, quando o pretor lhe-dava baixa, com o entregar-lhe a tal vara tosca e nodosa. Usou de uma figura, recebida entre

Digitized by Google

grammaticos e poetas; chamou *ociosa* a vara, por ser o symbolo, e, digamol-o assim, a liberalisadora de um ocio tão appetecivel: *otia tuta*.

Não occultaremos que ahi apparece, no original, outro exemplo de luxo illimitado, exagerado. *Je t'en avais comblé, je veux t'en accabler.* Uma comparação bastava; ahi chovem 4: — a do soldado — a do ginete — a da nau — e a do gladiador!

(V. 103). *Não vês da fria morte a horrenda imagem?* E' frequentissimo este simile, entre os antigos. Os sparciatas tinham estatuas da morte (como divindade) junctamente com as do somno, seo irmão, sua imagem viva. Valerio Flacco (VIII. 74) se-exprime assim:

... Somne omnipotens...
Nunc, age, major ades, fratrique simillime leto.

Cicero (Tusc. Quæst. 1): Habes somnum, imaginem mortis, namque quotidie induis, et dubitas, quin sensus in morte nullus sit, cum in ejus simulacro videas esse nullum sensum.

N'outra parte: Nihil est morti tam simile quam somnus.

D'aqui concluiu Catullo:

Nox est perpetua una dormienda.

Lucrecio, na sua extravagante philosophia, explica o somno de um modo ainda mais extravagante; procuremos dar uma versão d'esse trecho:

A principio, no somno, a força da alma,
Que nos membros dispersa vagueava,

Digitized by Google

Parte expulsa, a outra parte á mente sóbe.
Vai, pouco a pouco, o corpo amadornando.
Sim; que é trabalho da alma o sentimento;
E si o torpor o-impede, si a-perturba,
A-sacode a final; porém não toda,
Que em gêlo eterno immerso ficaria,
Prêsa da morte, o corpo, si latente
Parte da alma nos orgãos não guardasse.
Fogo que, a occultas, sob as cinzas arde,
Porque possa instantaneo derramar-se,
De occulta chispa rebentar incendio.

Quem não admitte que o somno seja imagem da morte, é o bom Filinto, que antes descobre no somno mil provas de vida e mil bellezas:

Quem nos-diz que da morte é o somno imagem
Nunca soube durmir! resvala a doudo!
Ha lá velar, que afronte um sonho amante,
Repinicado de mimosas falas,
Com seo posponto de intrincados beijos,
E travessos filhados de Cupido?
Quando é que um avarento mette em cofres
Cartuchos de dobrões auri-luzentes,
Como os que viu, em sonho regalado,
Pelas sofregas mãos rodar-lhe a froxo?
Que valido subiu a mór altura?
Que dama foi do amante mais servida?
Quem foi jamais, no sêcco da verdade,
Tão feliz, como na aurea de um bom sonho!
Que digam, que *da morte é o somno imagem*!
Não soube o que é durmir quem deu tal mote.

Habert deixou-nos *O Templo da Morte*, obra poetica e sombria. O inglez Buckingham, n'um poema sôbre este lugubre objecto, amontoou as mais horriveis imagens, que os seos pinceis poderam achar. Denne-Baron, arrastado para o céo puro de Athenas, pelo tranquillo gôsto e encantadora imaginação dos gregos, pintou a morte como a

Digitized by Google

summa quies d'elles (profundo repouso, eterno e pacifico somno), collocando-a n'uma ilha do oceano pacifico:

Au sein de l'océan, à la voile inconnue,
S'élève une île antique ; une magique nue
En dérobe l'aspect aux regards des nochers ;
Jamais l'oiseau des mers n'effleura ses rochers ;
Jamais le frais zéphyr, jamais la rame agile
N'ébranla de ses flots l'émeraude immobile.
Le soleil, sous la nue, y verse un jour douteux ;
Ainsi la lune argente un bois mystérieux.
Sur un lit de gazon, dont la sombre verdure
Boit à regret les flots d'une onde sans murmure,
Une femme y repose ; entre ses doigts de lis
Penchent languissamment des narcisses flétris ;
De pavots, sur son front, plus pâle que l'automne,
S'effeuille lentement une blanche couronne.
On l'eût prise cent fois pour l'ange du sommeil,
Si son cœur eût battu ; mais ses yeux sans réveil,
Sa paupière immobile à jamais abaissée,
Mais ce front sans couleur et vide de pensée,
Ses cheveux sans parfums, ses lèvres sans désirs,
Et de son sein glacé l'albâtre sans soupirs,
N'ont que trop révélé son nom fatal aux hommes...
C'est LA MORT !

---

§ 198

CANÇAO X.

(T. 2. p. 55.)

(Os DOUS AMORES.) — São possiveis dous amores ao mesmo tempo? E' uma questão, só apparente. Definido o

Digitized by Google

senso que se-dá á palavra *amor*, não é mais possivel a disputa. Tomado o amor na sua accepção genuina, é necessariamente unico e exclusivo; empregado figuradamente, como galanteio ou cubiça de prazeres sensuaes, multiplica-se até o infinito, multiplica-se além das posses physicas; não tem ja limites sinão os da imaginação; n'este sentido, amar-se-hão, com todas as mulheres que se-conhecem, todas as que existem, todas as que a historia embalsamou radiosas de meritos, todas as que a poesia produziu, e quantas na phantasia ou nos sonhos nos-brotarem; é a *feminidade* (onde quer que ella esteja) que se-ama. Os antigos, como ja ponderámos n'uma nota especial, quasi que só conheciam o amor d'esta segunda especie. Grecino tinha portanto rasão, quando dizia a Ovidio, que se-podiam amar duas a um tempo; e quando Ovidio conta a Grecino que effectivamente as-ama, escreve, em lindos versos, uma verdade trivial. Isto pôsto, ja a indignação, que, ao simples titulo d'este gracejo poetico, se-poderia accender nos corações, que timbram de finissimos amantes, poderá emmudecer, e os esposos inseparaveis deixar passar a torrente de deleites tumultuarios, que por diante d'elles se-devolve, sem os-fascinar, nem por longe lhes-burrifar a candidez.

Mas na composição, de que tractâmos, ha alguma cousa mais e melhor do que ser inoffensiva para os bons costumes; é evidentemente muito moral. O poeta dos praseres torna-se aqui, sob apparencias frivolas, grave doctor, que dá conselhos para a saude e longevidade, e sem n'o-parecer, instigador de bons costumes. Si os seus dous amores são uma fabula, a moral da fabula, claramente expressa, é que o abuso dos praseres conduz á morte, e que a morte, assim grangeada, é olhada no mundo com desprêso.

(V. 17.) *Como batel, que doideja.* Esta formosa comparação é no latim com o *phaselos*, especie de em-

Digitized by Google

barcação pequena, que podia vogar com velas e remos. Tomou o nome da cidade da Pamphilia (*Phaselide*), cujos piratas usavam d'este genero de barco.

(V. 53.) *Mil vezes passada a noite. Sœpe ego, lascivæ consumto tempore noctis*, lembra Prop. (V. III): *Jamque ubi longa meæ consumsti tempora noctis*. Estas presumpções leva-as Ovidio (III. 7) a ponto de hispanholada!

(V. 71.) *Venha a parca arrebatar-me*. Por isso diz Persio, (sat. V.):

Vive memor lethi; fugit hora; hoc quodque loquor inde est.

Assim approveitado o tempo, queria Ovidio acabar no centro dos praseres de amor, ajudado a bem morrer pela sua amada, psalmodiando bejos, esvaindo-se em gosos, chloroformisado de amor. Alguns escriptores, que o-precederam, narraram factos d'esses: Plinio (VIII. 54) copiando Valerio Maximo (IX. XII. 8), asseverou que o antigo pretor Cornelio Gallo, e Haterio, cavalleiro romano, expiraram no meio das proesas do amor; tanto Augusto como Tiberio indeferiram o requerimento de Ovidio, que esperava egual mercê.

Já, n'outro sítio, ponderámos a moralidade que das immoralidades mesmas d'esta canção se-poderia deduzir. Aqui faremos só uma reflexão. Que triste contraste entre os gracejos, com que, nos dias de sua prosperidade, pensava no seo fim, e as circumstancias impensaveis, de que este foi accompanhado! O adorador de todas as mulheres de Roma expira desterrado, após longos annos, sem ter nem a propria esposa para lhe-cer-

Digitized by Google

rar os olhos! Consumido de nostalgia, italiano, napolitano e morador de Roma, expira, sob um céo inhospito do norte! O que idolatrava o socêgo e detestava mais que tudo a guerra, obrigado, para propria defesa, a cubrir as suas cans de capacete e cingir espada! o que se-deliciava em convivencia de amigos, entre estrangeiros, com quem apenas se-póde intender! o mimoso de sociedades florescentes, n'uma povoação semi-barbara! o homem dos theatros, das festas, da côrte e dos campos, não podendo siquer espairecer-se na agricultura! o litterato, sem livros nem homens de consulta! o sonhador da gloria, duvidando ja do seo proprio talento, da sua latinidade, do effeito que os seos versos produzirão nos seos conterraneos!

(Tambem chamâmos a attenção para o gracioso fecho d'esta elegia.

---

§ 199

CANÇÃO XI.

(T. 2. p. 59)

(CORINNA EMBARCANDO.) (*) Uma viajem maritima não era, para a phantasia de um romano, o mesmo que

---

(*) Propercio tem tambem uma canção (I. VIII), desviando Cynthia de emprehender uma viagem de mar, que offerece muitas similhanças com esta, e corrobora o nosso pensamento de que gran número de taes canções dos eroticos d'aquelles tempos eram, não originaes, mas imitações de textos gregos, explicando-se assim, tanto as paridades como as differenças. Catullo (LXIV.) compoz egualmente uma peça, em grande parte, maritima. A que Horacio dirigiu a Virgilio, por occasião da sua viagem, é das mais admiraveis reliquias da antiguidade. O *illi robur et æs triplex* não póde ser lido sem veneração.

Digitized by Google

para a nossa (*) Para nós, com excellentes e alterosas construcções, grande sciencia nautica, commodidades e praseres, e sobretudo com o Vapor, o ir, de um ao outro cabo do mundo, pouco mais é, muitas vezes, que um passeio divertido; os antigos, sem bussola, com vasos nem tão grandes nem tão seguros, sem mil applicações preciosas das mathematicas, e a quem, com tudo isso, o inverno obrigava a fugir, com horror do mar, varadas em terra as embarcações (**), que só ao apontar da primavera, desciam, puchadas por ingenhos, para as ondas resserenadas, deviam necessariamente tremer, todas as vezes que pensassem que alguem da sua affeição, ou elles proprios, se-haviam de aventurar por aquelle Oceano, a que Horacio chamava *dissociavel* (***). Os perigos reaes haviam de assomar em cardume no espirito, complicados ainda com as exagerações e com as fabulas, que cercavam de pavores o nome de cada promontorio e de cada baixo. Collocados n'este ponto de vista, que era o do nosso poeta, acharemos, n'esta canção, muito mais

---

(*) Apesar da infancia da navegação, eis-aqui os nomes de navios, de que Aulo Gellio (X. XXV) se-lembrava: — *gauli, corbitæ, caudiceæ, longæ, hippagines, cercuri, celoces, lembis, oriæ, renunculi, actuariæ, prosumiæ, geseoretæ, horiolæ, stlatæ, scaphæ, pontones, vætitiæ, hemioliæ, phaseli, parones, myoparones, lintres, caupuli, camaræ, placidæ, cydarum, ratariæ, catascopium!*

(**) Era tal a construcção dos navios, que Plinio (III. 22) suppõe ter o Argos atravessado os Alpes! ás costas de homens.

(***) Ha no *Amor e Melancholia* um passo onde se-lamenta d'este modo a dissociabilidade produzida pelas viagens e pelos oceanos:

Entre nós se-estendem valles,
Densas mattas, altos montes;
Horizontes se-incadeiam
Entre os nossos horizontes.
Quando aqui nos céos retumba
O fragor da tempestade,
¿ Quem sabe si os céos que a-cobrem
Não gosam serenidade ?
Quando os Euros lá bravejam,
E duro estala o trovão,
Talvez os meos céos no emtanto
Em calma azulados são.

Digitized by Google

merecimento do que si a-olhassemos á nossa luz, que, em relação a ella, seria falsa.

(V. 1). *Roubado aos cumes do Pelion.* Veja-se a *Argonautica* de Herculano de Rhodes, e Valerio Flacco.

(V. 44). *Scylla e Charybdes.* Scylla, filha de Phorco, tendo revelado o seu amor por Glauco a Circe, que tambem lhe-queria, esta encantadora a-transformou n'um monstro, com pés de cão, e a infeliz, horrorisada, se-precipitou n'um golpho que ha no mar da Sicilia, onde inda hoje se-ouvem os latidos do monstro (que imitam o motim das aguas quebrando nos rochedos). No tôpo do rochedo de Scylla ha um castello, e de cada lado um banco de areia; em 1793, um terremoto destruiu alguns dos penedos ambientes, minorando assim o perigo e a tal extraordinaria bulha do mar em temporaes, que ja hoje se não ouve.

Nós falâmos um do outro;
Um pelo outro suspirâmos;
Mas nunca as palavras nossas,
Nossos ais nunca escutâmos.
Ignoro quando passeia,
Dorme ou lê, medita ou chora,
E quanto egualmente eu faço,
Tudo, oh céos! tudo ella ignora!
Vivam longe os que se-odeiam;
Mas separados não sejam
Entes, que attrahe sympathia,
E só por se-unir forcejam.

Tambem, no *Oriente*, Macedo invectiva as viagens, nas seguintes palavras:

Da providencia a lei suprema e justa
Os mundos separou co'o vasto oceano;
Mas não se-atemorisa, nem se-assusta
De ir transpor este abysmo esfôrço humano,
Do ouro ou do renome a sêde injusta
Insensivel o-faz da morte ao damno;
Contrasta a natureza; a seos intentos
Não são barreira o mar, barreira os ventos.

Digitized by Google

Charybde era uma mulher, que, por ter roubado os bois de Jupiter, foi convertida no golfo do seo nome. Este vortice, proveniente do encontro de diversas correntes, denomina-se hoje Galofaro, e com quanto offereça algum perigo, não é uma sombra do que os antigos lhe-imputavam.

Estes sorvedouros estavam tão visinhos um do outro, que era mister vogar bem pelo meio, pois fugindo-se demasiado de um, cahia-se por fôrça no outro, d'onde vem o proverbio: *Incidit in Scyllam qui vult vitare Charybdim.* Erigiu-se um pharol juncto d'este sitio perigoso, chamado hoje Pharol de Messina. Seneca o philosopho deixou cartas a Lucilio Junior, pedindo-lhe que estudasse toda a Sicilia, e especialmente lhe-desse esclarecimentos seguros sôbre a famosa Charibde, e tentasse a ascenção do Etna. Talvez que o poema sob este nome, attribuido a Cornelio Severo, seja este.

(V. 47). *Cerauneos tormentosos.* Estes montes, ou acro-cerauneos, ou de chimera, continuamente fulminados, são uma cordilheira altissima da Grecia, nos confins do Epiro, que fenece onde do Adriatico se-começa a distinguir o mar Jonio.

(V. 48). *Syrtes.* Dous grandes bancos de areia no Mediterraneo, juncto da Costa d'Africa, um proximo a Leptis, outro a Carthago; como a sua situação e grandeza não eram constantes, ficando umas vezes fóra, outras debaixo d'agua, ja n'um ja n'outro sitio, reputavam-se mui perigosos, vindo d'ahi dar-se aquelle nome ás paragens, onde a navegação era arriscada, ou por causa de redemoinhos, ou de cachopos, rochedos, ou baixos.

(V. 49). *Maléa.* O promontorio de Maléa (Capo Malio di S. Angelo) no Peloponeso, ao sul da Laconia,

Digitized by Google

que avança 5 mil passos pelo mar dentro, teve esse nome do rei grego Maleo, que alli construiu um magnifico templo, que chamou maleotico. Estacio na Thebaida, 7 v. 16: *et raucæ circumtonat ira Maleæ*; pois com effeito esses mares eram famosos por sua bravura.

(V. 55). *De tempestades morrer.* Recorda o principio do L. 2 de Lucrecio; tentemos a traducção d'esse passo:

E' doce, quando as ondas alterosas,
Por asperrimos ventos açoitadas,
Formidaveis aos naufragos, medonhas,
Da praia contemplâmos.
Não que os alheios males nos-deleitem,
Mas porque no espectaculo tremendo
Nos-compraz o medir, seguros, salvos,
O mal a que escapâmos.

(V. 57). *Se-fitam na terra cara.* Este sentimento de saudade, que do viajante se-apodera, ao despedir-se da patria, confrange o coração do mais indifferente, e é raro que, entre as idéas que o espirito nos-redemoinha, ao avistarmos os ultimos torrões do solo natal, não avulte um arrependimento, um remorso de o-deixar! E' por isso que, sob a invocação de *Nossa Senhora dos Arrependidos*, se-eregiu, á sahida de Lisboa, uma formosa capellinha, que leva os olhos de quantos da pôppa a-incaram!

(V. 67). *Tritão.* Deus marinho, que servia de trombeteiro a seo pae Neptuno, soprando n'um buzio em fórma de trombeta, vindo-lhe d'ahi grande podêr sobre as ondas. A sua parte superior é de homem, o resto de peixe. Dá-se o nome de Tritões a muitos dos deuses marinhos.

Digitized by Google

(V. 71). *Os filhos de Leda.* Ja a pag. 336 narrámos como esta maniversia se-passára: Estes gemeos (Castor e Pollux) se-amavam com extremo tal, que nunca um do outro se-apartavam. Por causa de tão fraterna união, foram transformados em astros, e collocados no zodiaco, sob o nome de geminis, um dos doze signos. Antes da invenção da bussola, servia muito aos navegantes a inspecção d'estes astros, e esses immortaes eram conseguintemente por elles invocados nos perigos, ao que o poeta aqui allude. Tambem os antigos denominavam estrellas de Castor e Pollux, ou fogos, o meteoro, tão pitorescamente descripto por Camões, e a que o vulgo chama Santelmo, acerca do qual adverte Diogo do Couto, que, n'aquella luminosa exhalação, veneram os mareantes portuguezes (como successor de Castor e Pollux) a S. Pero Gonçalves, acudindo todos ao convez a salvál-o, e dizendo, com grandes gritas: *Salva, salva o corpo sancto!* (*)

(V. 80). *O thracio Orpheo* (filho do Deus Apollo e da musa Calliope!) tocava lyra com primor tal

---

(*) Tambem a isto se-refere Juvenal, na sat. XII. Seneca (L. 1. *Nat. Quaest.* I.) resa assim: In magna tempestate apparent quasi stellæ, velo insidentes; adjuvari se tunc periclitantes existimant, Pollucis et Castoris nomine. Hos *ignes, juniores, ignem praecedentem et sequentem,* vocant.

Plinio offerece esta singular exposição do phenomeno:

« A' superficie do mar e da terra existem estrellas. Eu ja vi, nas sentinellas nocturnas, um meteoro fixar-se nas pontas das armas. Pousa-se nas antennas dos navegantes, e em outras partes dos navios, voando, como passaro, de um para outro logar, e com um som similhante a voz; quando estas luzes apparecem solitarias, são perigosas e submergem os navios; si penetram ao fundo, queimam-n'os; mas vindo aos pares são annuncios de prospera viagem; diz-se que afugentam aquella estrella cruel e minaz, chamada Helena; e por isso lhes-dão o nome de Castor e Pollux, a quem no mar invocam. Grão presagio é quando, ao arrebol da tarde, a cabeça de um homem circumfulge. Incerta é a rasão de taes cousas, que na magestade da natureza se-occulta. »

Digitized by Google

que, arvores e rochedos se-arrancavam, rios desviavam corrente, e feras em tropel concorriam para escutál-o. Morrendo sua mulher Eurydice da mordedura de uma serpente, baixou aos infernos, e os milagres da sua lyra lhe-haviam restituido a esposa, sob condição de não olhar para traz, promessa que não cumpriu. Foi um dos argonautas, e conserva-se a sua narração d'essa expedição.

(V. 84. 89. 90). *Galathéa*, *Nereidas*, *Nereo*. Nereo, filho do Oceano e da Terra toma-se muitas vezes pelo proprio mar. Galathea era uma das Nereidas, ou filhas de Nereo e Doris, nympha dos mares interiores, que viviam no fundo das aguas, no palacio de seo pae, e costumavam acudir aos marinheiros em perigo; a sua benevola protecção foi mui util aos argonautas. Os poetas invocavam Galathea nas viagens maritimas; assim a-implora Propercio, em favor da sua Cynthia, viajando: *Sit Galathea tuæ non aliena viæ.*

Uma das mais formosas pinturas que existem, é a Galathea de Carrache, na Galeria Farnesia, de Roma. Levada por um monstro marinho, que a-rodeia com os braços, cercada de Nymphas e Amores, a linda filha de Nereo, absorvida em sua paixão pelo rival de Polyphemo, entrega-se aos lascivos pensamentos, e resvala sôbre as ondas, com o seo gracioso sequito, entregando ás caricias da brisa sua belleza nua e suas inuteis roupas. As formosas Nereidas, que a-seguem, sentadas em golphinhos, são todas voluptuosas. O Tritão que vai adiante (tocando a trompa tão estrondosamente que um dos Amores, surrindo, tapa os ouvidos), é admiravel de perfeição. Talvez que a *Galathéa e seo Triumpho*, pintado, na Farnesina, de Chigi, pelo inimitavel Raphael, não seja obra mais maravilhosa do que aquella, com quanto o pintor ahi subisse até ás mais elevadas regiões do ideal.

Digitized by Google

§ 200

CANÇÃO XII.

(T. 2. p. 49.)

O pensamento d'esta é que não póde resistir-se ao sexo, o qual tem sido a origem de todos os grandes successos da humanidade; pois é a belleza quem governa o mundo, pensamento admiravelmente desenvolvido na 2.ª ode de Anacreonte:

Deu ao touro a natureza
Duras armas por defeza;
Rijo casco ao potro audaz;
A' lebre o correr fugaz;
Ao leão prêsas tyrannas;
Aos peixes as barbatanas;
A's aves o vôo seo;
E aos homens o esfôrço deu.

A'mulher a natureza
Ja não tinha emfim que dar;
Só lhe-restava a belleza,
Deu-lhe belleza sem par.
A belleza é lança e escudo,
Que á mulher mil fôrças dá;
Do ferro e fogo e de tudo
A bella triumphará.

(V 1) O verso de Ovidio:

Ite triumphales circa mea tempora lauri!

Digitized by Google

é similhante ao de Tibullo (II. X.)

Ipse triumphali devinctus tempora lauro.

(V. 30) *A filha de Enomáo.* Ja no § 55, falámos de Hippodamia; pouco junctaremos aqui, para intelligencia d'este trecho, e de III. II. 30.

Predissera um oraculo a este rei, que sería assassinado por seo genro, o que o-decidiu a condemnál-a a perpétuo celibato. Como fôsse porem avultado o número dos pertendentes, prometteu que daria a filha a quem o-vencesse na carreira, com a condição de que havia de matar quantos elle vencesse. Fazia subir a princeza ao carro dos amantes, para os-perturbar com sua formosura. O amante corria primeiro, e após elle voava o rei, com a espada ou lança na mão, *pisæa hasta.* Nomeiam Pindaro e Pausanias 15, a quem isto custou a vida; mas Pélope ficou vencedor, e assim possuiu Hippodamia. V.ª as *Metamorphoses*, XII. 224.

(V. 35) *Outra mulher tambem no imperio de Latino.* Lavinia, filha de Latino, fôra promettido a Turno; porém como Eneas aportasse á Italia, seo pae a-deu a este, porque um oraculo lhe-ordenára que casasse Lavinia com principe estrangeiro. Tendo Turno declarado guerra a Eneas, revoltou todos os povos visinhos, e terminou-se essa guerra por um duelo, em que Eneas matou seo adversario, desposando então a princeza.

(V. 39) *Não vês touros brigar.* Esta comparação é frequentissima nos poetas gregos e latinos. Contentemo-nos com apontar Virgilio (*Geo.* III. 217), Stacio (*Theb.* VI. 861), Apollonio de Rhodes (II. 88) &.

Digitized by Google

§ 201

CANÇAO XIII.

(T. 2. p. 67.)

(Aborto). Esta canção tem uma singularidade que a-torna unica; de todo este poema não ha outra com analoga physionomia; todas as mais são romanas ou gregas; esta é egypciaca. Sendo assumpto identico, tanto na presente como na seguinte canção, porem os ornamentos mythologicos de tão diverso theor, entrevemos ainda aqui a probabilidade de nos-acharmos em frente de producção imitada de auctor hoje perdido.

O abôrto era um crime usual, ou antes um uso, que nem por crime se-classificava (*)! Poderiam incher-se longas paginas das hediondas práticas em taes materias. Esse acto infame, pelo qual a mulher se-torna de um ser, antes de ser, prematura homicida, inspirou dous sonetos, em francez e portuguez, dos quaes um (mas qual?) é original e outro traducção; nem siquer é bem conhecida a auctoria do portuguez.

(*) Eis de que modo o Padre Ventura, na sua *Mulher Catholica*, narra os usos romanos, em similhante assumpto: — Nobres e ricos, quando ja tinham dous ou tres filhos, davam cabo de todos os mais. Muitas vezes nem tempo de nascer lhes-deixavam. Quando havia suspeita de nova gravidez, ordenava-se á mulher que tomasse a beberagem abortiva, que se-achava já prompta, e por toda a parte se-vendia, como ora se-vende magnesia e rhuibarbo; era isso tão indifferente e regular, que muita vez a mulher já não esperava que lh'o-ordenassem, para ingulir o remédio contra a vida de seo filho, e talvez a propria. Foi a philosophia a verdadeira causadora de similhantes horrores. Empedoclio havia ensinado que o filho, no ventre de uma mãe, não é sinão parte d'ella, e não *animal* distincto. Platão, mais generoso, concedêra, ao filho não nascido, a honra de ser *animal*

Digitized by Google

No Diccionario Universal, Historico, Critico e Biographico, Tom. VIII, impresso em 1810, attribue-se a Henault o seguinte :

SONETO.

Toi, qui meurs avant que de naître,
Assemblage confus de l'être et du néant,
Triste avorton, informe enfant,
Rebut du néant et de l'être !

Toi, que l'amour fit par un crime,
Et que l'amour défait par un crime à son tour,
Funeste ouvrage de l'amour,
De l'honneur funeste victime !

Donne fin au remords par qui tu t'es vengé ;
Et, du fond du néant où je t'ai replongé,
N'entretiens point l'horreur dont ma faute est suivie !

Deux tyrans opposés ont décidé ton sort ;
L'amour, malgré l'honneur, t'a fait donner la vie ;
L'honneur, malgré l'amour, te fait donner la mort.

Eis-aqui o, certamente não inferior, soneto portuguez :

---

distincto de sua mãe ; mas, declarando bem alto não ser ainda um homem, pertencente, como individuo, á especie humana, e que, por isso, matál-o, em tal estado, não era commetter homicidio. Similhantes oraculos de philosophia foram traduzidos em leis. Lycurgo, Solon, e os decemviros, auctorisaram o infanticidio, sem distincção de tempo; e por isso, em Roma como na Grecia, se-perpetrava esse crime sem reserva, pudor nem remorso. O número das creanças, que se-expunham no *velabro* ou se-arremeçavam á *cloaca maxima* era tão avultado, que dava origem a *ganchos* para cinco especies de *especuladores*, que, todas as manhãs, iam, em chusma, a taes logares e apanhavam, á escolha, entre essas innocentes victimas da brutalidade paterna, as que melhor convinham ás suas torpes especulações.

Digitized by Google

Tu que, antes de nascer, morres forçado,
Triste abôrto, imperfeita creatura,
Do ser e do não-ser porção impura,
Do ser desprêso e do não-ser cuidado;

Tu és de Amor o fructo malfadado,
Fructo que a Honra anniquilar procura:
D'Amor obra funesta e sem ventura,
Da Honra triste victima e do fado;

Perdôa, ó Anjo, a culpa commettida!
Contempla a mãe, a esposa sem consorte...
Não a-culpes de ingrata e de homicida!

Dous tyrannos decidem tua sorte....
Contra a Honra o Amor fez dar-te a vida,
E a Honra contra Amor faz dar-te a morte.

(V. 13). *Deusa do Paretonio.* Hoje (*Al-Baretoun*, cidade do Baixo-Egypto, no Mediterraneo). Esta Deusa era Isis, a qual com Osiris (cujo era esposa, irmã e mãe) os egypcios tinham na maxima veneração. Plutarco dá a chave d'esta allegoria, dizendo que Isis e Osiris figuravam a lua e o sol. A princípio, o culto foi directamente a estes astros, mas os padres depois o-embrulharam, mudando nomes e ritos. A fertilidade do paiz dependia das cheias do Nilo; estas das chuvas dos solsticios de estio, que accompanhavam as primeiras phases da lua, d'onde ao astro a virtude geradora, e a Isis, seo symbolo mythologico. Em razão d'esta vis fecundante, era Isis invocada, no Egypto, com o maior fervor, em tudo quanto se-referia á reproducção.

(V. 14). *Pharon.* Ilhota, visinha do porto de Alexandria, que, 300 annos antes de Jesus Christo, Ptolomeo

Digitized by Google

Philadelphio junctou ao continente, por uma immensa ponte, a qual depois se-ornou com uma torre altissima, que de noite se-illuminava com fogos para guiar os navios; d'onde veiu o nome de *pharoes*. (Vide Plinio V. 31. Strabão XVII.)

(V. 15). *Memphis*. Celeberrima cidade do Egypto, d'onde foi capital. Veem-se-lhe ainda as admiraveis ruinas em Sakkarah. A soberba obra *Descripção do Egypto*, póde aqui ser consultada.

(V. 17). *Canopo*. Talvez seja o Abukir, onde em 1801 batalharam inglezes com francezes. Parece que a cidade de Canopo era sita na embocadura de um ramo do Nilo, denominado Canopico. Havia ahi templos de Isis, de Serapis e de Canopo, divindade egypciaca das aguas. Canopo, em lingua do Egypto, significa *aurea terra*. Os habitantes d'esta cidade, segundo a expressão latina, *genio indulgebant*, distinguiam-se pelas suas torpezas (como o-confirma Juvenal, Sat. VI. 84 e XV. 46). Estes campos de Canopo são denominados por Ovidio *genialia*, o que bem se-explica (Vide Strab. XVII. p. 801) ou *genitalia*, segundo outros codices, o que tambem é admissivel: campos, que teem a fôrça de gerar, fecundissimos, por causa da inundação do Nilo.

(V. 23.) *O Nilo*. De quem diz o nosso Diniz:

Per largo campo, indomito e fremente,
Corre o Nilo espumoso;
Feroz alaga a rapida corrente
O Egypto fabuloso;
Mas si, na gran carreira, ás ondas grato,

Digitized by Google

Tributo de caudaes rios acceita,
Suberbo não rejeita
Pobre feudo de incognito regato.

Com effeito este rio, dos mais célebres do mundo, corre, ao meio do Egypto, em direcção septentrional, e em Cercasorium se-divide em varios ramos, intrando no Mediterraneo por septe boccas — *Pelusiana*, a mais oriental — *Canopica* a mais occidental. (*)

(V. 27). *Anubis*. Divindade egypciaca, representada com corpo humano e cabeça de cão. E' irmão ou filho de Osiris, e sempre companheiro d'este e de Isis. Preside ao crepusculo, á passagem do dia para a noite, ao momento que separa a vida da morte. Como o Hermes (Mercurio) dos gregos, conduzia as almas té á porta dos infernos.

(*) No *Novo Braço, do Vaticano*, museo das mais assombrosas maravilhas da estatuaria, e em cujas mutiladas imagens mais revive ainda a antiguidade que nos livros de historiadores e poetas, existe um bello grupo. Perto do templo de Minerva, onde fôra provavelmente o de Isis, descobriu-se, no pontificado de Leão X, o *Nilo*, grupo colossal de marmore pentelico, de que no jardim das Tulherias se-vê uma cópia, e que recorda o de basalto negro, que havia no templo da Paz, e que Plinio descreveu. O Deus tem na dextra um feixe de espigas, e na esquerda um corno de abundancia, onde, entre fructos, cachos, espigas e rosas, se-eleva o sóco, que fecunda a terra; aos seos pés muitas creanças brincam com o crocodilo e o ichneumon, figurando todos junctos os 16 covados a que devia chegar o trasbordamento do rio, e que se-medem no nilometro do Cairo. Um d'elles, abaixa um véo sobre a origem d'onde as aguas surdem, origem que deve ficar mysteriosa, como tudo que dos Deuses dimana &. O fidalgo Nilo teve com effeito a fortuna de ascender a tamanhas alturas, em rasão da proporcional civilisação dos egypciacos, alias o rio Negro, o Ganges, o Mondego, e outros muitos, que annualmente opulentam as terras com suas fecundas aguas, gosariam de egual reputação.

Quanto ao texto de Ovidio, diremos que, nas Met. (IX. 773) ha uma invocação a Isis, concebida quasi em similhantes termos:

Isi, Parœtonium, Mareoticaque arva, Pharonque
Quæ colis, et septem digestum in cornua Nilum.

Digitized by Google

(V. 28) *Assim nas pompas tuas. Sic tua sacra pius.* As expressões *sic*, *ita*, assim construidas com subjunctivo ou futuro, são das fórmulas de juramento mais usadas entre os latinos; ha d'isso cem exemplos em Plauto, Catullo, Propercio, Ovidio &. Rabelais tambem imitou esta fórmula (*Gargantua* I. 28): — « Je proteste, je jure devant toi, ainsi me sois-tu favorable, si jamais &. » Corresponde ao *Utinam id sit*, de Terencio; ou ao nosso *assim seja*!

(V. 30) *Osiris.* Ha n'esta maxima divindade (como em quasi toda a mythologia egypciaca, grega e romana) uma mistura de deus e homem. Para os egypciacos era este o primeiro nume, que nasceu de si mesmo, e que representa (junctamente com sua mulher e filho, Isis e Horo) o bom principio, opposto ao casal do máo, Typhão e Nefte. Como homem, era um rei do Egypto, que percorreu a Ethyopia, Arabia, Persia, e muitos reinos de Asia e Europa; e, regressando, edificou Thebas, instituiu leis, ensinou a escripta e as artes; foi assassinado pelo irmão, Typhão, que atirou ao Nilo seos membros espedaçados (Analogia com Abel e Caim?). Tambem o-identificam com o sol. Representam Osiris com uma mitra real, um bastão na esquerda, e um azorrague na direita (Para o genio do bem! lá parece epigramma á humanidade); ás vezes põem-lhe na cabeça um globo ornado de duas serpentes chatas, ou tem a cabeça de um gavião.

(V. 35) *Apis.* Divindade (talvez symbolo do Nilo), objecto da adoração dos egypciacos, da intima curiosidade de todos os estrangeiros, consagrada especialmente ao sol e á lua, isto é, a Osiris e a Isis. Era um boi, de carne e osso, escolhido pelos nomos, porém com muitas condições indispensaveis. Devia o seo nascimento ser extraordinario; a vacca, sua mãe, devia têl-o concebido, de um

Digitized by Google

corisco! Devia ser bello e forte, negro, com um quadradinho branco sobre a testa; nas costas a figura de uma aguia; um nó sob a lingua; um crescente branco do lado direito; os pellos da cauda deviam ser bicolores (claro está que os padres se-divertiam a tingir e appropriar o seo Apis). Quando se-descobria um bicho d'estes, edificavam-lhe uma casinha, virada para o oriente; sustentavam-n'o, 4 mezes, de leite; depois do que, á lua nova, vinha toda a padraria cumprimentar a divindade, com muitos salamaleques, e mais de cem padres o-accompanhavam a Memphis, onde era transportado em uma barca dourada, depois de ter estado uma quaresma em Nilopolis. A divindade do bicho datava da sua intrada nos curraes de Memphis, e desde logo principiavam a tirar-se agouros do seo acto de posse, os quaes se-reproduziam por mil maneiras curiosas, mas que a falta de espaço nos-veda relatar.

(V. 57). *Illythia*. Tem havido quem affirme serem a mesma divindade Illythia, Juno, Diana, Lucina, Genital, mas era uma filha de Juno, advogado das parturientes. Seja como fôr, é divindade especialmente grega. Theocrito, no idyllio 17 (elogio de Ptolomeo) diz que sua mãe, Berenice, estando em termos de dar á luz aquelle principe, invocára Illythia, e a bemfeitora divindade lhe-evitára todalas dores. Todavia não tinham *Illythia*, *Juno* e *Lucina* monopolio de tal invocação; as parturientes bradavam por muitas outras divindades, *Mena*, *Pertunda*, *Latona* e *Egeria*, que presidiam aos partos, *dii nixii*; mas sua mór confiança era nas deusas *Prosa* ou *Prorsa* e *Postverta*, que vigiavam na maneira como a creança se-appresentava.

(V. 62). *Em veste candida*. Cicero, *Das Leis*, 1. 2: « A cor alva é principalmente cara a Deus » Per-

Digitized by Google

sio (II. 40) zomba d'essa opinião e do uso de vestir-se de branco para sacrificar:

Ast ego nutrici non mando vota; negato.
Jupiter, hæc illi, quamvis te *albata* rogarit.

---

§ 202

CANÇÃO XIV.

(T. 2. p. 71.)

(Aborto). Ha quem supponha formar esta, com a precedente, uma só canção, devendo-se a separação á incuria dos copistas. Não póde sustentar-se tal opinião. O assumpto é, sim, identico, como tambem ha duas canções diversas dirigidas a Cupido; mas entre esta e a precedente não se-encontra a minima ligação; ambas teem um principio, meio e final que excluem confusões; a 13ª é toda de aroma egypciaco, a 14ª romano. A argumentação, a deducção, a maneira de ambas, não offerecem paridade. O fecho de qualquer d'ellas, gracioso e ovidiano, bastaria para prova de que assim sahiram das mãos do poeta.

(V. 4). *As Amazonas* eram guerreiras da Capadocia, nas margens do rio Thermodonte; não admittiam homens sinão uma vez no anno, sendo para isso preciso que esses taes houvessem morto tres dos seos inimigos: aos filhos varões matavam ou aleijavam; ás femeas queimavam o seio direito, adestrando-as, desde a infancia, no manejo da frecha. Hercules aprisionou a rainha d'ellas. E' duvidoso, historicamente falando, que taes mulheres existissem.

Digitized by Google

(V. 6). *Bellona*, Deusa da guerra, irmã e mulher de Marte, era quem preparava os cavallos do irmão, quando se-ia á guerra; tinha um templo em Roma, onde os senadores recebiam embaixadores e generaes; á porta do templo, estava uma columna, á qual o arauto arremessava uma lança, quando se-declarava guerra.

(V. 13.) *A que ousou conceber primeira a idea atroz.* Ovidio mesmo nos-ensina a origem d'este impio uso entre os romanos (*Fast.* I. 619):

Nam prius Ausonias matres carpenta vehebant;
Hæc quoque ab Evandri dicta parente reor.
Mox honor eripitur; matronaque destinat omnis
Ingratos nulla prole novare viros.
Neve daret partus, ictu temeraria cæco
Visceribus crescens excutiebat onus.

(V. 28). *Pyrrha, Deucalião.* São os Noés da mythologia. Tendo a perversidade dos homens feito que os Deuses os-afogassem n'um diluvio, foram exceptuados da sentença, por sua justiça, esse rei e rainha da Thessalia. Baixando as aguas, dirigiram-se ao oraculo de Themis, que lhes-ordenou que lançassem os ossos de sua mãe (isto é, as pedras) para traz das costas, por cima da cabeça; as pedras, sahindo-lhes das mãos, convertiam-se logo, as de Pyrrha em mulheres, e as do marido em homens. Vide o Liv. 1 das Met.

(*V.* 31) *Si a grã Thetis, do mar soberana.* Não é esta a Tethys, mulher do Oceano, mas sim a nereida, (e como tal tambem deusa marinha), esposa de Peleo e mãe d'Achilles. Pintam-n'a como mãe carinhosa, conhecendo, sem a-poder impedir, a funesta sina do amado

Digitized by Google

filho. Para elle obteve armas forjadas por Vulcano e a protecção de Jupiter. Quando Páris o-matou, Thetis sahiu do mar com as mais nereidas, recolheu-lhe as cinzas n'uma urna de ouro, elevou-lhe um moimento, e instituiu festas em sua honra.

(V. 39) *Ilia* ou *Rhea*, filha do rei d'Alba, Numitor, foi, por seo tio Amulio, consagrada Vestal, para evitar que prole d'ella o-despojasse do throno; mas sendo ella incontrada em um bosque por Marte, este a-forçou, nascendo d'ahi Romulo e Remo, que expulsaram o usurpador, restituindo a coroa a seo avô Numitor; tendo aliás sido Ilia interrada viva, por haver violado as leis de Vesta.

(V. 41) *Romulo e Remo.* Fundadores de Roma.

(V. 44) *Si Eneas morresse.* Limitar-nos-hemos a apontar o que serve para intelligencia d'estes versos. O principe que, salvando-se do incendio de Troya com seo pae Anchises e seo filho Ascanio, veiu, após mil contrastes da sorte, fundar o berço do imperio romano, era filho de Venus e Anchises. Ja n'outro logar mostrámos como aquella se-considerava a estyrpe dos Cesares.

(V. 46) *Cesarea progenie.* Ja isto explicámos largamente no § 45. Veja-se tambem a Eneida I. 290. Horacio, na sua ultima ode, dirigida a Augusto, depois de relatar as grandezas de Roma, propõe que se-intôem nas festas os louvores de Eneas e dos *descendentes de Venus:*

Trojamque et Anchisen, et almæ
Progeniem Veneris canemus.

Digitized by Google

(V. 55). *Nunca arrancar de vide plena.* Exactamente o pensamento de Tib. III. 5. 19. Faz lembrar o dithyrambo de Francisco Manoel:

Arripiados stridulos adufes
Alli jazem cançados
Co'os pampinosos vingadores thyrsos.
Sôbre esteios nodosos
Repousa e estende os racimosos braços
Alegre vide;
Co'o inchado bojo
Regala a vista
O bago acceso; guapo as mãos convida,
Entre as viçosas folhas reluzindo!

(V. 67). *E ao que inda não nasceu venenos propinar.* O verso ovidiano tem um grande defeito; é verso d'echo; rima comsigo mesmo:

Et nondum natis dira venena datis.

(V. 86). *Quem perpassando a-vê.* Allude ao uso romano de expor os doentes á porta, para os que passassem e tivessem tido a mesma infermidade, podêrem receitar. Os mortos depositavam-se á intrada do vestibulo, com os pés para a porta da rua, d'onde vem uma nossa superstição. (Virg. En. II 644. VI 220. XII 395. Ovid. Tr. III el. 3 v. 40).

(V. 91). *Poupae, ó Deuses!* Os dous versos:

Dî faciles, peccasse semel concedite tuto;
Id satis est, pœnam culpa secunda ferat,

Digitized by Google

foram talvez inspirados pelo disticho de Tib. (I. IX):

Parcite, Cœlestes; œquum est impune licere
Numina formosis lœdere vestra semel.

---

§ 203

CANÇAO XV.

(T. 2. p. 75.)

(O ANNEL). Sobre os anneis dos romanos escreveu Kirchmann um volume; não se-assuste o leitor, que nem extracto d'elle lhe-daremos. Tão pouco perquiriremos onde, e de que, nasceu o uso dos anneis; como vieram a tornar-se significativos de cargos, estados e dignidades, e como as vaidades heraldica, pecuniaria e namorada, tornaram esse emblema, seo tributario; basta-nos advertir que o annel, como presente de amor, não é cousa dos nossos dias; esta elegia prova que ja ás raparigas, no seculo de Augusto, se-faziam taes presentes, o que não admira por que tendo sido a primeira significação do annel escravidão, e tendo por isso passado a ser dado pelo marido á esposa (*annuli sponsalitii*), sua como escrava pela jurisprudencia romana, qualquer aspirante ás graças de uma bella o-podia empregar, não tanto no sentido de querer prendêl-a como no de se-proclamar elle proprio seo captivo. Que os anneis tinham pedras, é constante, e não faltam provas nos museos de antiguidades. Que finalmente serviam para marcar a cêra (e ainda hoje os francezes chamam ao lacre *cire*) com que as cartas se-fechavam (*annuli chirographi*), do nosso auctor se-collige, e por outros ainda se-mostraria.

Ao princípio trouxe-se um annel somente, depois um em cada dedo, e por fim em cada articulação de todos os

Digitized by Google

dedos; o luxo cresceu ao ponto de haver anneis para cada semana; anneis de inverno e de verão; Heliogabalo (diz Lampridio) nunca poz duas vezes o mesmo. Os primeiros romanos tinham-se contentado com anneis de ferro!

Ovidio diz á sua amada que bem quizera converter-se no annel, que lhe-enviára; faz lembrar a mimosa ode 20 de Anacreonte, tão troteada no picadeiro dos *vates de céo de anil*:

Fez-se Niobe em pedra, e Philomela em passaro.
Assim
Folgaria eu tambem me-transformasse Jupiter
A mim.
Quizera ser o espelho, em que o teo rosto placido
Surri;
A tunica feliz, que sempre se-está proxima
De ti;
O banho de crystal, que esse teo corpo candido
Contém;
O aroma de teo uso, e d'onde effluvios magicos
Provém;
Depois esse listão, que do teo seio turgido
Faz dois;
Depois... de teo pescoço o rosicler de perolas;
Depois...
Depois! Ao ver-te assim, unica, e tão sem emulas,
Qual és,
Até quizera ser teo calçado, e pizassem-me
Teos pés!

(V. 25). *Protheo*, filho do Oceano e Tethys, foi do tado desde o berço do conhecimento do futuro, e dispondo de todos os recursos da magia, tomava as figuras que queria; por exemplo, surgiu, em forma de spectro, a seos filhos Tmol e Telegono, gigantes de inaudita crueldade, e de modo os-amedrontou, que desistiram da sua barbaridade.

Digitized by Google

§ 204

CANÇÃO XVI.

(T. 2. p. 79.)

(Titulo). *Sulmona* ou *Sulmo*, patria do nosso poeta, antiga cidade da Italia, a 90 milhas de Roma; fica no districto dos Pelignos, nos Abruzes; estes Pelignos habitavam perto dos Sabinos e dos Marsos. Na importante elegia 10 do Liv. 4 v. 3 dos *Tristes*, Ovidio a-pinta como célebre pela abundancia e frescura de suas aguas; e nos *Fastos* 4. 79 como fundada por um dos companheiros de Eneas, Solimo, que lhe-deu seo nome, o que confirma Silio Italico L. IX. N'esse passo Ovidio chama esta cidade a *fria Sulmona*, como aqui alguns versos abaixo. Ha, na edição Lemaire (VIII. 247) uma miuda descripção de Sulmona, por Hercules Ciofanio, que alli residia.

(V. 5). *Debalde o sol mais perto.* Ha aqui um êrro astronomico, segundo o qual parece que Ovidio julgava que a recrudescencia do calor provinha de maior approximação do sol.

(V. 6). *Icario cão.* Icario, pae de Erigone, foi, por pastores do Attico, assassinado n'um bosque, ao pé de Marathão. O seo cão, Mera, com seos uivos e lamentos, denunciou o logar onde jazia, e foi assim que Erigone, descobrindo o cadaver do pae, se-enforcou de desespêro. Jupiter, em recompensa, a-collocou, sob o nome da *virgem*, no céo, de Bootes. Mera (*o cão icario*) tambem

Digitized by Google

conquistou o seo logar no firmamento, onde fórma a constellação do Cão e da Canicula. Quando o sol entra n'esse signo, aggrava-se o calor, como canta Diniz:

No estio caloroso,
Quando Syrio, ladrando, a terra inflamma.

(V. 11.) *As pingues arvores de Pallas.* Ensina Pausanias que eram consagrados a Minerva — entre os animaes o gallo, o mocho, a codorniz e a serpente — entre os vegetaes, a oliveira; uma antiga tradição attribuia a Hercules ter trazido esta arvore preciosa do paiz dos hyperboreos, e por isso havia em Roma um templo dedicado a Hercules Olivarius.

(V. 16.) *Salve! outra vez sou vindo!* Parece um hymno á patria, ao campo, ás aguas, á verdura, á primavera, á natureza. Faz lembrar a ode 17 de Anacreonte:

Foi-se a quadra fria!
Os bons dias tornam!
Olha como adornam
Graças os rosaes!

Olha o mar! que espelho!
Como nadam, mansos,
Mergulhando, os gansos
Pelos seos crystaes!

Como os grous viajam!
Que aureo sol tão limpo!
Claro o azul do Olympo
Nuvens ja não tem.

Em seos chãos lavrados
O cultor exulta!
A semente occulta
Ja viçando vem!

O olival rebenta
Pompa verde e prata!
Pampanos desata
Bacchico vinhal!

D'entre as folhas novas
Ri na flôr a fructa!
Vê! respira! escuta!
Festa universal!

(V. 28). *Dissociar o mundo. In longas orbem qui secuere vias.* Esta parte da versão ficou mui elegante.

Digitized by Google

Esse *dissociar o mundo*, sobre ser uma habil reminiscencia d'aquelle trecho de Horacio:

Necquidquam deus abscidit prudens
Oceano dissociabili terras,
Si tamen impiæ non tangenda rates
Transiliunt vada,

frisa, de mais a mais, no âmago do assumpto, que é a separação, estando elle em Sulmona, e ella em Roma.

(V. 37). *Syrtes* chamavam os bancos de areia moveis, que os ventos e correntes arremeçavam sôbre as costas da Africa Septentrional.

(V. 48). *Deuses da poppa.* Os modernos usam carrancas de proa, para amedrontar os mares; mas os gregos, á imitação dos egypcios, e os romanos, á imitação dos gregos, faziam da poppa a parte sacra da embarcação. Na poppa estavam as imagens dos Deuses, o que a-tornava uma especie de asylo; por isso o commandante occupava tambem a poppa; e este era o logar mais eminente do navio: *stans celsa in puppi.* Vide Ovid. (T. I, X) &. Estes Deuses chamavam-se *pataicos* ou *patecos*.

Et aurato fulgebat Apolline puppis.— *Virg.*
Nil Dî, quos iterum pressa voces malo
... Nil pictis timidus navita puppibus
Fidit.— Hor. I. XIV.
Jacet ipse in littore, et uno
Ingentes de puppe Dei.— *Pers.* sat. VI.

(V. 54). *Nadador de Abydo. Leandro. Hero.* Toda essa sympathica historia, nol-a conta Bernardes, no seguinte soneto:

Digitized by Google

Leandro, em noite escura, inda rompendo
As altas ondas, d'ellas rodeado,
No meio do Hellesponto, ja cançado,
E o fogo ja na torre morto vendo ;

E vendo cada vez ir mais crescendo
O bravo vento, e o mar mais levantado,
De suas fôrças já desconfiado,
Os rogos quiz provar, não lhe valendo,

— « Ai ondas ! (suspirando começou) »
Mas d'ellas, sem lhe mais alento dar,
A falla contrastada, atraz tornou.

— « Ai ondas ! (outra vez diz) vento, mar,
« Não me-affogueis, vos-rogo, em quanto vou ;
« Affogae-me depois, quando tornar ! »

E' o pensamento de Marcial (XIV. 131) :

Clamabat tumidis audax Leander in undis :
Mergite me fluctus, quum rediturus ero !

pensamento, que tambem Voltaire se-appropriou :

Léandre, conduit par l'Amour,
En nageant, disait aux orages :
Laissez-moi gagner les rivages ;
Ne me noyez qu'à mon retour !

Miguel Leitão d'Andrade (D. XIII) nos-conservou as declarações namoradas que o gigante Petronio fazia á sua princeza, exactamente pelos tempos em que viveram Leandro e Hero ! Eis-aqui como ja então se-falava o portuguez :

Apertando a Leandro o triste jogo,
Que a amorosa chamma lhe-causava,

Digitized by Google

Vendo o lume que ja na torre estava,
No mar se-arremessou e deitou logo.

E como são contrarios agua e fogo,
O mar se-encapelou com furia brava ;
Neptuno, vendo a agua qual andava,
Grita : — « Esse fogo n'agua morra todo.

— « D'isso (Leandro diz) não tereis palma ;
« Minha chamma estará sempre incendida,
« Em que a-queira extinguir todo esse mar !

« O corpo poderêis privar da vida,
« Mas nunca um fogo d'estes apagar,
« Que o-levo para sempre acceso n'alma. »

Conserva-se um soberbo poemeto de Museo, intitulado : *Os Amores de Leandro e Hero*, que se-acha traduzido do grego, em varias linguas, distinguindo-se a versão ingleza de Sir Fr. Fawkes. E' sobre o mesmo assumpto uma das mais estimadas cantatas de Bocage. O nosso paraphrasta começou, sobre o systhema das suas *Cartas de Eccho e Narciso*, umas *Cartas de Hero e Leandro*, de que algumas ainda existem em nosso poder, escapadas ao auto da-fé ; promettia ser obra de grande valor.

(V. 70). *Horridos britannos*. Os habitantes, meio-selvagens, da Grã-Bretanha, pintavam o rosto, como descreve Cesar (*De bello Gal.* V. 14), para o fim de aterrarem os inimigos.

(V. 71.) *A Cilicia* (Caramanha) era uma região selvagem da Asia menor, confinando com a Capadocia, Armenia ao Norte, mar cilicio ao Sul. Pamphylia ao

Digitized by Google

Occidente, e ao Oriente a Syria; notavel paiz pela producção do açafrão e ferocidade dos habitantes.

(V. 71). *A Scythia*, era um vasto paiz, sito nas partes mais septentrionaes da Europa e Asia, abraçando terrenos, hoje pertencentes á Tartaria, Russia, Siberia, Moscovia, Criméa, Polonia, Hungria, Lituania, Germania, Suecia, Noruega, &c. Alguns auctores antigos representam os Scythas como selvagens, alimentando-se de carne humana, bebendo o sangue dos inimigos, e servindo-se das caveiras dos viajantes como vasos para offertarem sacrificios aos seos deuses. Tendo Ovidio essa opinião, não admira que chamasse brava a uma região similhante; e causa dolorosa impressão lembrar que entre esses homens lhe-ficaram os ossos! Como planta mimosa trasladada a ceos estranhos, alli vicejava e floria ainda o maior ingenho romano, mas o seo viço era ja pálido, as suas flôres raras e pendidas; os seos cantos do destêrro, no meio da vasta e tão festiva galeria das suas obras, tem um *quid*, mais ainda de triste que de melancholico, e dão a lembrar desalentadas cantigas de carcere, ouvidas atravez do rumor dos que, em dia de festa, se-espairecem pelas ruas, pelas salas, pelos espectaculos, cercados de luz, de flôres, de mulheres, e de delicias. Pobre poeta! Como elle escrevia, de certo com lagrymas, nos seos *Fastos* VI. 80:

Sulmonis gelidi, patriæ, Germanice, nostræ.
Me miserum! Scythico quam procul illa solo est!
Ergo ego tam longe? sed supprime, musa, querelas;
Non tibi sunt mœsta sacra canenda lyra.

(V. 72). . . . *Prometheo, montes hircanos*. Foi Prometheo o que formou os primeiros homens, de ter-

Digitized by Google

ra e agua; ajudado por Palas, subiu ao céo, onde roubou o fogo para animál-os, pelo que ordenou Jupiter a Mercurio que o-amarrasse no monte Caucaso, onde uma aguia lhe-comia o figado, ao passo que lhe-ia renascendo, supplício que durou até que Hercules foi libertál-o. Entre os montes Caspio e Hircanio, ao norte de Porthia, está o mar caspio ou hircanio (hoje mar de Sala ou Baku), especie de lago, sem communicação com outros mares visivel, e subjeito a grandes tormentas.

(V. 91. 92). *Pequenos frisões, no carrinho. Parvaque quamprimum rapientibus esseda mannis.* Era de bom-tom que as damas guiassem os seos pequenos cavallos, conduzindo estes carrinhos, denominados *essedas*, de duas rodas, levissimos, e que foram imitados dos gaulezes, bretões e belgas.

(V. 94). *Abaixae-vos, montes* &c. A versão habilmente velou o pleonasmo, que havia nos dous versos latinos:

At vos, qua venict, tumidi subridite montes!
Et faciles curvis vallibus este viæ!

---

§ 205

CANÇÃO XVII.

(T. 2. p. 85.)

(V. 32). Espelho. O uso dos espelhos é muito antigo (Plin. XXXVI. 26); e, com quanto não possamos espraiar-nos sôbre o assumpto, não nos-furtarê-

Digitized by Google

mos a reproduzir aqui um trecho do L. 1 das *Questões Naturaes*, de Seneca: — « Ora riam lá dos philosophos, que, dissertando sôbre a natureza do espelho, estudam porque rasão elle nos-desenha a face, mas em sentido inverso? que fim teve a natureza, depois de haver creado os corpos, em macaquear os simulacros d'elles? para que preparou materias, aptas a receber taes imagens? Não foi certamente para que um homem se-barbeasse e alisasse a pelle..... Os espelhos inventaram-se, porque o homem se-conhecesse, e d'ahi resultaram muitas vantagens. Serve para nos-vermos, para aconselhar-nos. Sois bem parecido? não percaes as vantagens da formosura. Sois feio? ganhae em virtude o que em belleza vos-falta. Sois moço? o espelho vos-mostrará, pelo vigor da edade, ser o tempo de apprender e da fôrça de ousar. Sois velho? dir-vos-ha que cesseis acções indecorosas ás cans, e cogiteis na morte. Foi para isso que a natureza nos-deu a faculdade de nos-vermos. »

(V. 59). *Calypso*. Esta nympha ou deusa habitava a ilha Ogygia, onde accolheu a Ulysses, acossado por furibundo temporal; com elle viveu 7 annos, tendo dous filhos; mas apezar de haver promettido ao amante a immortalidade, caso com ella se-conservasse, Ulysses preferiu-lhe a sua Penelope, e desamparou-a, deixando a misera oppressa em eterna dor.

(V. 62). *Peleo*, pae de Achilles. Condemnado a perpétuo exilio, com seo irmão Telamon, por terem, ainda que por equivoco, matado o irmão Phoco, retirou-se Peleo, para a Phthia, na Thessalia, onde casou com Antigone, filha do rei Eurytion, que lhe-deu em dote a terça parte do seo reino; por isso é que Ovidio o-denomina rei phthio. Foi depois que casou com Thetis.

Digitized by Google

(V. 64). *Egeria.* Nympha de rara belleza, convertida por Diana em fonte; divindade adorada pelos romanos. Numa fingiu que tinha communicações secretas com ella, afim de dar por este modo mais auctoridade ás suas leis.

(V. 66). *Cocho ferreiro.* Vulcano era tão horrendo e disforme, que, vendo-o nascer assim, Jupiter lhe-deu um pontapé (da familia dos homericos pontapés de Napier), tal que, na sua queda do ceo, quebrou uma perna, ficando côcho para sempre. Casou-se com Venus, que, para com elle, não foi modêlo de fidelidade.

(V. 69). *Versos deseguaes.* Ahi se-misturou o pequeno com o grande, como no texto se-insinúa. Os romanos achavam muita graça a esse trocadilho da desegualdade dos pés dos versos, que a nós nos-parece uma grande semsaboria. Só n'este poema, tres vezes Ovidio se-extasiou ante o *formoso* pensamento; aqui, em I. I, e III. I. Tambem Horacio exclama, como outros: « Disse, sim, que os versos de Lucilio corriam cocheando. » (Sat. I. X. I.)

> Nempe incomposito dixi pede currere versus
> Lucili.

(V. 72). *Prenda gentil da minha vida. Tu quoque me, mea lux, in quaslibet accipe leges.* Este *mea lux* é uma locução de amor e amizade, que corresponde ao *meo bem, meo anjo, meo tudo,* ou outras, de uso hodierno.

Por exemplo, Catullo (carm. LXVIII).

> *Lux mea!* qua viva vivere dulce mihi est.

Marcial (V. 29):

Digitized by Google

Si non derides, si verum, *lux mea*, narras.

N'uma das novas fabulas de Phedro (*Meretrix et juvenis*):

Lubenter, inquit, *mea lux*, hanc vocem audio,
Non quod fidelis, sed quod jucunda es mihi.

Ja se-vê que era uma expressão de ternura, mas não exclusiva; n'uma comedia de Plauto, diz um amante á bella: — « Mea voluptas, meæ delitiæ, mea vita, mea amænitas, meus ocellus, meum labellum, mea salus, meum suavium », ao que a namorada responde: — « Meum mel, meum cor, mea colustra, meus molliculus caseus », (esta ultima parece epigramma); n'outra parte: « mea rosa, mi anime, mea voluptas ». A mais usual porém era a *mea lux*, e tambem o *meus oculus*! Augusto (Gell. XV. 3) escrevia ao neto: — « Ave, mi ocelle, Cai! » Plauto (Curcul. 123) põe na bocca da velha: « Salve, oculissume homo! » — Os gregos diziam: *Alma e vida*! e ainda hoje usam esta phrase amiga: « *Como passas, ó meo ôlho?* » Os inglezes dizem: « *My love, my dear soul.* » Os italianos: « *Viscere mie, gioia mia, angelo mio, ben mio, occhi miei, bel lume dè miei occhi.* » Os francezes não dizem *mon œil*, mas dizem *prunelle de mes yeux*, que ainda é mais complicado.

(V. 93). *Pado*, ou Po, antigo Eridan, principal rio da Italia.

(V. 94). *Eurotas*, rio do Peloponeso, na Laconia, hoje o *Vasili-potamos* (rio real) da Moréa, é aqui chamado *frigidus Eurotas*, epitheto similhante ao que lhe applica Stacio (Theb. X. 497):

Incola Taygeti Panopeus, rigidique natator
Œbalus Eurotæ.

Digitized by Google

§ 206

CANÇAO XVIII.

(T. 2 p. 89)

(Titulo.) Sabe-se que Macro Emilio Veronense foi poeta ou tambem naturalista, que ainda vivia, em edade avançada, na mocidade de Ovidio, o qual com elle tractou (*Trist.* L. 4. El. 10); compuzera diversas obras sôbre as *aves*, as *serpentes*, os *simplices*; alem d'isso, d'esta canção se-deprehende haver tambem composto uma obra, que se-suppõe ter tido por titulo: *Quadros da historia troyana*. Quintiliano lhe-attribue um poema: *Tetrastico*, que consistia em epigrammas destacados em quartetos, poema que Ovidio parodiára, intermeando versos seos nos de Macro, e dando um sentido mui diverso, como José Agostinho de Macedo fez á famosa poesia recitada pela actriz Marianna Torres.

Suppomos ter sido esta canção imitação de perdido original grego, pelas razões já em casos analogos adduzidas, e porque este mesmo assumpto, com as costumadas variantes, foi tractado por Propercio: I. VII., que dedicou a sua elegia ao auctor Pontico:

> Dum tibi Cadmeæ ducuntur, Pontice, Thebæ,
> Armaque fraternæ tristia militiæ...
> Nos, ut consuemus, nostros agitamus amores &.

D'este Pontico falou tambem Ovidio (Tr. IV. X. 47).

(V. 33). *Ouço-a dizer*: *Ai misera! Me misera, jam te, dixit, amare pudet?* é o mesmo pensamento que re-

Digitized by Google

produz (Tr. IV. VII): *Me miserum! si te jam pudet esse meam.*

(V. 47). *Limito-me ás domesticas, meo proprio heroe me-faço.* Pensamento muita vez repetido. Ja atraz sepintou cantor da sua propria nequicia; na 1.ª canção do L. 3.º desenvolve a idéa. Faz lembrar a 17.ª ode de Anacreonte, que démos a pag. 319.

(V. 49). *Tempo houve em que da tragica.* Já dissemos que Ovidio se-orgulhava das palmas tragicas:

. . . Teneri properentur amores,
Dum vacat; a tergo grandius urget opus (*Am.* III.I.)
Et dedimus tragicis scriptum regale cothurnis;
Quæque gravis debet verba cothurnus habet (Tr.II).
Corniger increpuit thyrso graviore Lyæus;
Pulsanda est magnis area major equis (*Am.* III.XV)

Ainda n'outros logares fala dos seos triumphos no theatro, mas isso era n'outro genero; por exemplo:

Carmina quod pleno *saltari* nostra theatro,
Versibus et plaudi scribis, amice, meis (Tr. V. 7).

Quando assim fala na *saltação*, não alludia á representação das suas peças dramaticas, mas sim ao uso de que ja tractámos. Recitavam-se as poesias mais estimadas, perante inchentes de povo nos theatros. (*)

(*) Para esse e identicos intuitos, tinha o theatro romano uma disposição dupla, e assaz diversa da actual. Seria objecto que nos-levaria longe discorrer acerca dos theatros antigos; pouco diremos, transcrevendo. Os jogos scenicos vinham da Etruria, e foi no anno 389 que em Roma se-começaram a introduzir. Os actores chamavam-se *histriões*, da palavra etrusca *hister*. Os jogos scenicos eram comedias, tragedias, pantomimas, saltações e atellanias (chamavam-se

Digitized by Google

É preciso ter isto presente, para comprehender o verso:

Nihil equidem feci, tu scis hoc ipse, theatris,

o que não significa — Nunca compuz peça alguma dramatica — mas sim — Nunca escrevi, com a mira de ser publicado, ou saltado em theatros. —

A'tragedia ligava Ovidio quasi tanta importancia como á epopea. Na escala litteraria, dava a ambas o logar de honra. O modo como elle intendia tal hierarchia e a classificação dos varios generos, revela-o a ordem em que, na canção XV do L. 1, colloca os auctores.

Deve o seo amor proprio ter ficado satisfeito com o accolhimento que os sabios e o povo fizeram á sua Medéa, de quem Tacito diz: « Nunca livro algum de Asinio ou de Messalla teve tamanha reputação, como o Thyestes, de Vario, ou a Medéa, de Ovidio.

Ha quem negue todavia, que Ovidio podesse ser bom auctor dramatico, visto ser n'elle frequente o estar fóra da natureza e da verdade. Tambem se-reflecte que, pouco depois, Lucano escolheu exactamente o mesmo assumpto para compor a sua *Medea*, não sendo crivel que a tanto se-abalançasse, si a de Ovidio houvesse realmente sido obra prima. Não ficou o processo instruido perante a posteridade, para que ella o-possa julgar.

Na canção, que annotâmos, todas as *expressões* d'este trecho são adequadas ao assumpto. *Heroe* da tragedia. *Musa sombria* é aquella, de quem diz Venange:

---

assim estes entremezes que os fidalgotes representavam no fim das peças ou nos entr'actos, por terem começado em Atella, cidade municipal do paiz dos Oscas.) Os theatros podiam conter ás vezes mais de 40 mil espectadores. Tinham a fórma de um hemicyclo. As suas partes eram: — *Scena:* as decorações — *Proscenio:* a parte de traz; os nossos bastidores. — *Pulpito:* o logar onde declamavam os actores — *Orchestra:* o sitio onde se-dansava, e pantomimava.

Digitized by Google

Mais je vois Melpomène, errante, échevelée,
S'égarer au hasard dans l'horreur des tombeaux.

Punhal e *sceptros* são attributos da musa. *Estylo magniloquo* o unico adaptado. *Purpurino* é o grande manto, que cobria a tunica, cujas pregas varriam a terra. *Salões regios*, o logar appropriado. *Cothurno*, o calçado tragico. *Usurpar sceptros a principes*, é um dos elevados assumptos usuaes. Emfim toda essa analogia sesustenta de um modo magistral.

— —

(V. 82). *Preceitos dou de amor.* Allude á *arte de amar*.

—

(V. 85). *Epistolas de heroinas.* Aqui começa a falar das suas *Heroides*, genero tambem quasi desconhecido, quando Ovidio o-cultivou. E' o estylo epistolar dos mais difficeis de sustentar. Estas *Heroides* são epistolas imaginarias, poeticas, *sui generis*. O nosso traductor, nas *Cartas de Eccho e Narciso*, de *Heloisa a Abeilard*, de *Leandro e Hero*, introduziu brilhantemente o genero em nosso idioma; e por esta occasião diremos que nada ha mais fluente, mais conchegado, mais sympathico do que a sua desambiciosa correspondencia particular.

Divide elle todos os trabalhos do seo espirito em duas classes: — producções espontaneas e ao ar livre — e producções cultivadas e de estufa. As cultivadas e de estufa são exclusivamente os versos. Para ahi prepara e escolhe sementes; estuda estações, horas e meteoros; monda; poda; esteia; ata; limpa dos vermes; passa talvez de minucioso a impertinente. Como tem de cór (com parte grande da litteratura latina) a *Arte Poetica*, de Horacio, e adopta o codigo rigidissimo, que elle impoz ao critico amigo, e elle é amigo de si, é severissimo, inexoravel, cruel com a sua poesia, e esse o motivo porque, de tempos

Digitized by Google

a tempos, destroe poemas antigos, e diz frequentemente que nada lhe-houvera sido mais agradavel do que condemnar ás chammas todos os exemplares de muitas de suas producções, que aliás o público victoría; esse o motivo tambem de tornar, depois da leitura das suas obras castigadas, intoleravel a de muitos *poetas*, que, por esse mundo, florescem, se-elevam, e todos orgulhosos se-espinham.

Em tudo, porém, que não é poesia propriamente dicta — quer sejam cartas mandadeiras — quer officios e correspondencias com personagens — quer polemicas, artigos para jornaes &, como escreve sempre o que sente, e quasi sempre se-limita a deixar transbordar, para cima do papel, a fervura das suas convicções, deixa correr o pensamento com a sua impetuosidade nativa. A cada passo, ao desintalar-se das intranhas da alma para o mundo exterior, colhendo as mais viçosas flores da phantasia, e esses raios de calor do coração, toda essa poesia a-toma em mãos, sem a-procurar. E por duas razões, diz elle que a não procura: A 2ª (e menos forte) por não valer a pena de perder momentos preciosos, para escriptos de indole fugaz e morredoira; fôra o mesmo desperdicio que o de certo esculptor italiano, que, para um almôço regio, se-applicou a lavrar a manteiga em fórma de leão; a arte é arte, e deve-se reservar para cousas duraveis. Mas a 1ª razão é que, segundo aquelle supremo bom-senso, tanto como as fraquezas e desprimores de estylo deturpam e desauctorisam um poema, tanto as prolixidades, as escogitações, os arrebiques, os tauxeados poeticos, tiram á prosa sincera o seo principal merecimento. Não é que, n'uma carta familiar, se-transcure a grammatica, a logica, nem mesmo a rhetorica. Basta porém que o pensamento seja verdadeiro, o sentimento louvavel, o fim util, os meios acertados, a dialectica legítima, a afinação da phrase e os atavios do estylo os compativeis com a rapidez, e os que por si vierem cahindo na corrente, como fructos maduros, que se não colheram por mão, mas se-despegaram com o vento.

E ja que n'este ponto nos-fixâmos, diremos que as correspondencias epistolares de grandes e manifestas am-

Digitized by Google

lições, produzem um effeito deploravel. Quando lemos as *Cartas de Dupaty sôbre a Italia*, temos dó dos esforços do pobre homem; julgâmos estar vendo um trabalhador litterario, a puchar um guindaste, para levantar um pêso que lhe-excede as fôrças. Quando porém nos-espairecemos na leitura das *Familiares*, de Cicero, estamos deliciosamente absorvidos n'uma conversação íntima, desambiciosa, leal, encantadora. Madame de Sévigné é naturalmente poetica de menos; a sua naturalidade não é sinão feitiça; diz-nos cousas triviaes, de um modo trivialissimo; é uma faladora, quasi sempre desenchabida. Plinio, pelo contrário (ha espiritos superiores que até a Cicero o-preferem!), é quasi sempre poeta; ás vezes grande poeta; sem esfôrço visivel; talvez sem o-ter querido, nem cuidado; ahi se-acham rasgos de alta eloquencia, descripções admiraveis, graciosidades e chistes, mas tudo por tal arte que, para quem conhece o auctor, não podiam deixar de vir. A correspondencia de Voltaire (que, por signal, é extensa de mais, em nosso intender, e algumas vezes pecca em alambicada) lê-se com muita deleitação, manifestamente porque tinha o principal dote do genero: a espontaneidade de uma alma cheia; dimana, serena e lucida, como a de Cicero, e, quando convém, pitoresca e arremeçada, como a de Plinio.

Embora se não considerem cartas litteratura; embora o que as-escreve posponha modelos, dizendo, com Boileau:

Ce n'est que l'air d'autrui qui peut déplaîre en moi;

assim mesmo ha certas regras, que o hábito tornará familiares, instinctivas. Lancemos a vista ao assumpto, que temos de tractar. Coordenemos as ideas. Marquemos, mentalmente, o fim a que temos de ir; o principio d'onde convém que partamos, e o itinerario com que d'esse principio a esse fim se-póde ir, não mais directa e rapidamente, sinão com mais gôsto e menos cançasso. Preestabelecido isto (que o uso tornará mecanico) começa-se, e segue a

Digitized by Google

obra, de um fôlego, até ao cabo. Si, n'essa jornada-passeio, advem alguma rajada poetica de descriptivo ou de affecto, approveite-se, mas sem a esmerada attenção, que demandam os respeitos ao público.

Este é o pensar de um homem, que, em taes materias, occupa a indisputada tribuna do mestre, e julgámos dever approveitar o ensejo para ahi deixar consignadas essas ideas, sôbre um ponto importante da arte de escrever.

(89 *até o fim*). Todas essas personagens são aquellas, em cuja bocca Ovidio pôz algumas das suas Heroides (naturalmente as que elle teria por superiores) e a que Aulo Sabino (pela mór parte) respondeu em nome das figuras, a quem se-fingiam dirigidas. De algumas já n'outros logares hemos falado. Sobre as restantes eis-aqui poucas palavras:

Phyllis, rainha da Thracia, enamorou-se de Demophoonte, filho de Theseo e Phedro, que naufragára ao voltar da guerra da Troya; iam casar, quando, sendo elle forçado a partir precipitadamente para ir tomar conta do throno de Athenas, prometteu á noiva voltar em 4 mezes; sendo-lhe isto impossivel, diz a fabula que Phyllis se-enforcou, e foi transformada em amendoeira. A 2.ª Heroide é d'ella, recordando ao amante a promessa, e annunciando-lhe a intenção de praticar um acto de desesperação.

Enone, filha de um grande rio, tendo casado com Páris, escreve a este (a heroide 5ª.), recordando-lhe a sua antiga união e os juramentos d'elle, induzindo-o a não sacrificar uma esposa fiel a essa Helena, que elle roubára, e que o não merecia.

Canace, filha de Eolo, rei dos ventos, apaixonando-se por seu irmão Macareo, teve d'elle um filho. Apenas Eolo o-soube, lançou o incestuoso fructo ás feras, e mandou uma espada á filha. E' n'este extremo que Cana-

Digitized by Google

ce escreve (a heroide 11ª.) ao irmão, revelando-lhe sua triste sorte, e pedindo-lhe que a-sepulte (Com estes singelos dados, mas substituindo a parte odiosa, compôz Castilho Antonio uma tragedia, em 5 actos, que salvámos e contâmos dar á luz).

Dido (ou Elisa), rainha de Carthago, recebeu Eneas naufragado, outorgou-lhe os ultimos favores, induzindo-o a permanecer com ella; mas Eneas, docil aos avisos celestes, prepara secretamente a sua partida. E' então que a abandonada lhe-dirige esta carta (a 7ª.) declarando-lhe que, si suas lagrymas forem impotentes, porá fim aos seos dias. (Este episodio, no 4º. livro, é o mais sublime passo da Eneida, poetica, e não historicamente, pois assenta n'um anachronismo voluntario — Veja-se tambem a formosa cantata do Garção.)

Phaon era um barqueiro lindissimo, por quem Sapho se-enamorou, por tal guisa, que, ja cançada dos seos despresos, faz n'esta heroide (a 15.ª) uma derradeira tentativa para abrandál-o, expondo-lhe todos os tormentos que o seo coração supporta. Tendo sido assim mesmo repudiada, precipitou-se do pico de Leucade.

---

§ 207

CANÇAO XIX.

(T. 2. p. 97.)

E' esta canção, em todos os tres livros, a unica que os não moldura convenientemente; no principio e fim, em todas as outras 5 canções, ha manifesta intenção de pôr n'esse logar a peça respectiva; a que annotâmos, tão bem cabia n'este, como em qualquer outro logar; antes

Digitized by Google

sería a collocação natural ao lado da 4ª. do L. III; pelo contraste.

Não póde duvidar-se de que o pensamento d'esta producção seja ovidiano; é o nosso homem, sem confusão possivel. Ahi emborcou elle torrentes de espirito, de graça, de finissima ironia. A moralidade d'esta peça, cujo alcance só espiritos superficiaes desconheceriam, é que os maridos faceis, tolerantes, conniventes nas demasias de suas mulheres, são despresados pela sociedade, e pelos proprios a quem servem; que a propria confiança cega, e a exposição ás tentações é um êrro e um perigo; finalmente que a dignidade do marido se-converte em ludibrio, quando contribue, por commissão ou ommissão, para os excessos d'aquella a quem se-ligou.

(V. 10). *Amor se-apascenta de esperanças e temores.* Este mesmo pensamento pintára Ovidio, na epistola de Dejanira:

Speque timor dubia, spesque timore cadit.

(V. 12). *Sempre a bonança cança e mata o amor.* O nosso Vieira, com ser padre (e n'um sermão, que mais é), explica o phenomeno, e investiga-lhe as causas; ouçamol-o:

«Tudo cura o tempo; tudo faz esquecer; tudo gasta; tudo digere; tudo acaba. Atreve-se o tempo a columnas de marmore, quanto mais a coração de cêra? São as feições como as vidas, que não ha mais certo signal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circumferencia, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não ha amor tão robusto, que chegue a ser velho. De todos os instrumentos, com que o-armou a natureza, o-desarma o tempo. Affrouxa-lhe o arco

Digitized by Google

com que ja não tira ; embota-lhe as settas, com que ja não fere ; abre-lhe os olhos com que vê o que não via : e faz-lhe crescer as azas, com que vôa e foge. A razão natural de toda essa differença, é : porque o tempo tira a novidade ás cousas ; descobre-lhe os defeitos ; enfastia-lhe o gôsto ; e basta que sejam usadas, para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ! O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos. »

(V. 27). *Fingindo grande dôr de cabeça, me-ha deixado* &c. Venhamos a contas, Sr. Ovidio ! Aqui reconheceis que, entre os meios, com que a vossa Corinna vos-manteve escravo, e dominou, figuravam as taes dôres de cabeça fingidas ; então por que vos-offendestes contra a velha Dipsas, quando aconselhava á bella o mesmo, que vós proclamais um elexir de longo amor ?

(V. 42) Dá-se, n'esta canção, uma desordem, que não póde deixar de ser intencional. Sem rasão, nem transição, umas vezes o poeta lamenta-se, falando comsigo mesmo ; outras toma por confidente o leitor ; depois dirige-se ao marido ; sem prevenção alguma segue falando com a bella ; deixa ambos, e põe-se a conversar com o sexo. Significa tudo isto a perturbação em que finge tel-o lançado a desgraça da sua fortuna.

(V. 62). *Danae*. Jupiter, transformado em chuva de ouro (admiravel epigramma !) penetrou na torre de bronze, onde Acrisio a-incerrára, para não ser mãe, e d'aquella chuvinha de molha-tolos sahiu Perseo. Na galeria Borghese, está a famosa Danae, do Corregio, talvez o mais delicado painel existente ; ahi, ainda o epigramma vai mais longe ; ao lado do leito, brincam

Digitized by Google

dous amorzinhos: estão ambos ensaiando, n'uma pedra de tocar, um — uma das gottas de ouro; outro— a ponta de uma frecha!

——

(V. 81). *Eu fujo a que me-segue e sigo a que me-foge. — Quod sequitur, fugio; quod fugit, usque sequor*; delicado pensamento imitado por Marcial:

Insequeris; fugio: fugis; insequor.

Ja Horacio tinha dicto (Sat. I. 1):

. . . Meus est amor huic similis; nam
Transvolat in medio posita, et fugientia captat.

Eis-aqui Horacio (versão Seabra):

A lebre o caçador por neves busca,
Mas não lhe-toca, si lh'a-pões na mesa;
Tal é o meo amor. Canta e prosegue.
A esquiva o-encanta, a meiga lhe-aborrece.

Traduz o mesmo assim um epigramma de Callimacho:

Por neves e geadas na montanha
O cervo, a lebre, Epicudes persegue;
E si alguem lhe-disser: « Não mais te-capses!
« Ei-la aqui morta a préa, que desejas »
De certo a-refugára. E' similhante
O meo amor. A que lhe foge acossa,
E a que de grado se-lhe-off'rece engeita.

Ja se-vê que estes poetas querem uns arrufos, uns arremedos de rigor, sem que todavia sejam esses de longa duração. (Marcial IV. 82):

Negare jussi; pernegare non jussi.

Digitized by Google

Marot (a quem póde, sem injúria, junctar-se um o) dá ás bellas melhor conselho: *Dites nenni .... en le faisant.*

Faz lembrar uma d'estas perguntas da sociedade:

— « Em que se-parece a mulher com a sombra? » — « Em fugir de quem a-segue, e seguir a quem a-foge ».

(V. 97.) *Porque ladra o cão?* Ja nas *Trist.* II. 449, tinha dito:

Scit *cui* latretur, cum solus obumbulat ipse.

Tibullo, que tambem enderessa a um marido a 6ª. elegia do L. 1.º, pedindo-lhe que cohiba a sua mulher; confessa ter sido a elle que o cão ladrára toda a noite:

Ille ego sum, nec me jam dicere vera pudebit
Instabat tota cui tua nocte canis.

Pois seguiu-se a regra de Molière, nas *Femmes Savantes*:

Et pour n'avoir personne à sa flamme contraire,
Jusqu'au chien du logis il s'éfforce de plaire.

Assim se-cria um rafeirinho, com qualidades analogas ás d'aquelle, para quem Du Bellay compôz o seguinte epitaphio:

Latratu fures excepi, mutus amantes;
Sic placui domino, sic placui dominæ.

Digitized by Google

(V. 120). *Não ter um medo só* O verso é:
Nil metuam? per nulla traham suspiria somnos?

Propercio III. VI. 27.

Odi ego, quos nunquam pungunt suspiria, somnos

FIM DO X VOLUME DOS AMORES,

E 7.º DA GRINALDA OVIDIANA.

Digitized by Google

OS
AMORES,

DE

P. OVIDIO NASÃO.

PARAPHRASE

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO;

SEGUIDA PELA

GRINALDA OVIDIANA,

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

XI

Digitized by Google

Rio de Janeiro.—Typ. de B. X. Pinto de Sousa,

Digitized by Google

A

GRINALDA OVIDIANA,

APPENDICE A' PARAPHRASE DOS

AMORES;

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA,

DO CONSELHO DE S. M. FIDELISSIMA;
FIDALGO CAVALLEIRO DA SUA REAL CASA;
COMMENDADOR DAS ORDENS DE CHRISTO E DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILLA VIÇOSA;
DOCTOR E BACHAREL EM DIREITO, MEDICINA E PHILOSOPHIA, PELAS UNIVERSIDADES DE COIMBRA, PARIZ E ROSTOCK;
PRESIDENTE DA COMMISSÃO DO NACIONAL E REAL ARCHIVO DA TORRE DO TOMBO;
EX-BIBLIOTHECARIO MÓR E EX-DEPUTADO ÁS CÒRTES EM VARIAS LEGISLATURAS;
TENENTE CORONEL;
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA;
MEMBRO DA SOCIEDADE REAL DOS ANTIQUARIOS DO NORTE;
DA ACADEMIA DE HISTORIA DE COPENHAGUE;
DAS SOCIEDADES PHARMACEUTICAS DO NORTE DA ALLEMANHA, DE SALZUFFLEN, E DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO DE PARIZ;
DO CONSERVATORIO REAL E DA SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA;
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO;
DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ NO RIO DE JANEIRO;
DO INSTITUTO HISTORICO DA BAHIA;
DO CONSERVATORIO DA MESMA CIDADE;
E DE OUTRAS SOCIEDADES SABIAS, &.

Tomo II.º

RIO DE JANEIRO

PUBLICADA EM CASA DO EDITOR — BERNARDO XAVIER PINTO DE SOUSA

Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

1858.

Digitized by Google

Digitized by Google

GRINALDA OVIDIANA.

LIVRO III.

§ 208

CANÇÃO I.

(T. 3. p. 7.)

(Titulo). Aqui a musa da tragedia, induzindo o poeta a voltar-se para os assumptos nobres, recorda-lhe, com despeito, haver elle gasto a adolescencia em poesias amorosas, o que deve não ser somente a *Arte*, mas tambem estas canções, das quaes ja na *Arte* fala, dando-as, como escriptas anteriormente (III. 343):

Deve tribus libris, titulus quos signat Amorum,

posto não deva occultar-se serem estas referencias reciprocas entre as duas obras. Compor-se-hia esta porem desde o princípio das mesmas canções que afinal nos-legaram? Aqui diz que havia ja composto os Amores quando se-arrojou aos objectos graves; n'outras partes, que ja tinha deixado a tragedia e a epopea, quando se-consagrou áquella obra; isto se-explicaria, suppondo haverem os Amores sido escriptos em diversos tempos; e muitas inducções levam a pensar que o actual Livro 3º fôsse de epocha posterior. Assim se-desculpariam tambem melhor as frequentes repetições de ideas, não raro formuladas até pelas mesmas palavras, o que, em tão fecundo e facundo auctor se-estranharia, a não ser que, escriptas em tempos

Digitized by Google

varios, o poeta houvesse perdido da idea o que anteriormente escrevêra; porem o mais provavel é que as primeiras edições d'estas obras se-perdessem, sendo as que possuimos posteriores á 1ª edição de quasi todos os livros, o que motiva a referencia a elles.

Pouca differença ha, no argumento aqui tractado por Ovidio, e o de Propercio III. II.

E' evidente que o poeta preparou intencionalmente todas as canções, com que rompeu os tres livros; e até, si não errâmos, o pensamento foi este. Visto ser erotica e lyrica a poesia que aqui o-occupava, intendeu tornar, n'ella, a respectiva Musa vencedora de todas as outras, ainda as mais famigeradas. Assim nos-deu, na 1ª canção do L. 1º, a victoria da Lyrica sobre todas as musas; na 1ª do L. 2º a victoria da mesma, até sobre a musa homerica; e na 1ª do L. 3º sobre a musa tragica.

(V. 2). *Logar onde parece haver deidade.* Toda esta descripção do bosque annoso, cortado de aguas, matisado de flores, harmonisado de passarinhos, rescendente de aromas, sublime de magestade, quadra bem aos logares que escolhiam para templos, ou suppostas residencias de numes. Denominavam *antros* as cavernas, que são obra da natureza, e que as montanhas calcárias ou vulcanicas offerecem em muitos logares; *espelunças*, as excavadas pela arte.

As *cavernas* foram os primeiros templos consagrados aos immortaes. A obscuridade e silencio, que em seo seio reinavam, predispunham os espiritos áquelle religioso recolhimento, que imaginavam ser inspirado pela presença dos deuses. Uma das mais antigas cavernas sagradas foi onde se-celebraram os mysterios de Mithra. E' cavernoso o solo da mór parte das ilhas do Archipelago; conhece-se o labyrintho de Candia, a antiga Creta, as grutas de Antiparos. Na Livadia, antiga Achaia, ainda se-vê o célebro

Digitized by Google

antro de Trophonio, formado por mais de 40 passagens vasias subterraneas.

(V. 10). Thalia é a musa da poesia ligeira; de *thallo: floreo, lætor.*

(V. 12). *Passos, quasi dansando.* O original repete a estafada graça dos pés deseguaes:

In pedibus vitium causa decoris erat.

Fez perfeitamente o traductor em dar a esta banalidade uma fórma mais toleravel.

(V. 18). *Na sinistra um sceptro.*

Lœva manus sceptrum late regale tenebat.

Sceptro porque os assumptos e as personagens devem ser elevadissimos.

Sinistra, porque esses soberanos devem ter perdido o imperio, aliás esse sceptro estaria na dextra:

Ut sceptrum hoc (sceptrum dextra nam forte gerebat).
Virg. L. XII.

O mesmo diz Nasão, Pont. l. III.

Stabat amor vultu, non quo prius esse solebat,
Sceptra tenens lœva tristis acerna manu.

Assim descreve o poeta a tragedia, como pintura de fortuna heroica na adversidade.

Digitized by Google

(V. 19). *Lydio o cothurno.* Vide a descripção de Sidon. Appoll. carm. 2. 400:

Perpetuo stat planta solo, sed fascia primos
Sistitur ad digitos, retinacula bina cothurnis;
Mittit in adversum vincto de fomite pollex,
Quæ stringant crepidas et concurrentibus ansis
Vinclorum pandas texant per crura catenas.

Cothurno é a tragedia, como sócco a comedia, porque os tragicos e comicos os-usavam, como dicto fica. Diz-se lydio, porque se-suppõe terem os gregos recebido a tragedia dos etruscos.

(V. 27). *Sem ó-cuidar, és fabula do povo.*

Fabula (nec sentis) tota jactaris in urbe.

A palavra *fabula* tem ainda segunda accepção: objecto de conversação, de palestra.

Comtudo esta locução é frequente em Ovidio:

Fabula narratur toto notissima cœlo. Am. II. 561.
Hæc fuit in toto notissima fabula cœlo. Met. IV. 189.
Notior in cœlo fabula nulla fuit. Am. I. IX. 40.
Fabula non cœlo turpior ulla foret. Am. I. XIII. 36.

e ainda em outros logares.

(V. 32). *A proesas de heroes consagra o estro.* Parece-nos mui avisada versão do *cane facta virorum.* Ridicula era a interpretação, dada a este passo, de que só pertenciam á tragedia os homens illustres; porque não as mulheres? nem assim é, nem assim devêra ser. Só é mister que taes mulheres sejam *varonis*, na intensidade ou natureza do sentimento, para bem caberem na tragedia, e darem o assumpto d'ella.

Digitized by Google

(V. 33). *Do meo estro, dirás, eis digno campo.*

Haec animo, dices, area digna meo est.

Usa a mesma metaphora, *Fast.* IV:

Nunc teritur nostris area major equis;

e nos Am. III. XV. I:

Pulsanda est magnis area major equis.

(V. 37). *Brilhe agora por ti meo nome em Roma.* E' verdade que ja, antes de Ovidio, tinham escripto tragedias Ennio, Pacuvio, Accio, Vario e outros. Ovidio porem abalançava-se ao *domestica fata*, emquanto os outros só eram plagiarios gregos.

(V. 92). *Ousa do leito deslisar-se.*

O verso de Ovidio é:

Delabique toro tunica velata recincta.

O nosso auctor, ao que parece, adorava as *tunicas velatas recinctas*; por exemplo:

Ecce Corinna venit tunicâ velata recinctâ
Am. I. V.

Nec mora; desiluit tunicâ velata recinctâ
Am. III. VII.

Utque erat e somno tunicâ velata recinctâ
Art. I. 529.

Quaque metu rapitur tunicâ velata recinctâ
Fast. III. 646.

Digitized by Google

(V. 119). *O orvalho.* Ora essa! a musa que, para obsequiar este cavalheiro, se não importa de orvalhos, nem ventos, nem do risco de ser vista! confessemos que Homero dormitou; isto é pueril e insustentavel.

(V. 142). *Na agua afogados.* O lume, ou mais frequentemente a agua, era o destino dos versos que desagradavam: Hor. I. XVI.

Quem criminosis cumque voles modum
Pones iambis; sive flamma,
Sive mari libet Adriano.

A isto allude Marc. I. VI.

Do tibi Naumachiam, tu das epigrammata nobis,
Vis, puto, cum libro, Marce, natare tuo. IX. Ep. 59.
Nympharum templis quisquis sua carmina donat,
Quid fieri libris debeat, ipse monet. Ep. XIV. 196.
Hæc tibi, quæ fontes et aquarum nomina dicit,
Ipsa suis melius charta nataret aquis. Ep. IV. 10.
Comitetur punica librum spongia...

O motivo d'esta preferencia para a agua, era que sendo o uso apagar-se o escripto com uma esponja humida, assim mais depressa apparecia o trabalho d'ella feito.

Suetonio (*Vida de Augusto*, 85) e Macrobio (*Saturnaes* II. 4) referem que Augusto havia começado uma tragedia de Ajax. Menos apaixonado pelos seos versos que Dionysio o Tyranno, o imperador julgou a sua tragedia má, e passou a esponja sôbre o malfadado Ajax; e por isso respondeu a Lucio (que lhe perguntava o que estava elle fazendo?): *Ajax in spongiam incubuit.*

(V. 150). Note-se com que arte, em toda esta canção, o illustre paraphrasta variou os metros, accommodando-os ás conveniencias onomatopaicas da situação.

Digitized by Google

(V. 162). *Deixa-me, por um pouco, este ocio brando.* Com que suave melancolia não reproduz André Chénier este pensamento, na sua *ode a Versalhes!*

L'abandon, l'obscurité, l'ombre,
Une paix taciturne et sombre,
Voilà tous mes souhaits. Cache mes tristes jours,
Et nourris, s'il faut que je vive,
De mon pâle flambeau la clarté fugitive
Aux douces chimères d'amour.

(V. 170). *Emquanto a mais seria empresa.*

A tergo grandius urget opus.

Mario suppõe que Ovidio allude aqui ás canções seguintes, considerando-as com rasão ainda maiores e mais bellas que as dos 2 primeiros livros. Crispino pensa que se-refere ás Metamorphoses, o que é improvavel; sendo natural que tivesse em mente ou a tragedia ou a epopea.

---

§ 209

CANÇAO II.

(T. 3. p. 15.)

(Circo de Roma). Havia grande número de jogos em Grecia e Roma; os mais afamados eram os seguintes: — *Pythios*, em Delphos, em honra de Apollo; offertava-se-lhe uma coroa de louro. — *Isthmicos*, no isthmo de Corin-

Digitized by Google

tho, em honra de Neptuno; corôa de pinheiro.— *Olympicos*, em Olympia, em honra de Jupiter Olympio; corôa de loureiro. — Os romanos eram: — *Magalecios*, em honra da mãe dos deuses.— *Floraes*, de Flora.— *Marciaes*, de Marte.— *Capitolinos*, de Jupiter Capitolino, e em memoria do capitolio, salvado do furor dos gaulezes.— *Romanos* (*grandes jogos*) em honra dos grãos Deuses, Jupiter, Juno e Minerva.— *Plebeos*, em memoria da reconciliação do povo e do senado, após a retirada dos plebeos para o monte sacro.— Emfim, passando em silencio outras solemnidades analogas, menos famosas, citaremos ainda os jogos *Seculares*, para conservação do imperio. Os chamados *circos* em Roma eram na Grecia *hippódromos* e *stadios*. Publio Victor, que nos-deixou a topographia de Roma, no seculo III, diz que o grande circo ficava na XI região, e continha 12 portas e 385 mil logares!

Plinio (XXXVI. 15) affirma que o Grão Circo, estabelecido por Cesar, e cujo recinto (contando as construcções destinadas a receber 250 mil espectadores sentados) occupava quatro *jugerums* (Segundo Quintiliano o jugero media 240 pés de comprido, e outro tanto de largo; de fórma que occupava o Grão Circo um espaço de 2081 sobre 960 pés).

Celebravam-se no circo maximo annualmente os grandes jogos circenses. Foram primeiro instituidos por Evandro; depois estabeleceu-os Romulo, em honra do Deus Comus, que acconselhou o rapto das sabinas.

Trajano o-restabeleceu, mais amplo e elegante, como consta de Plinio, in Panegyr, e de Dione Cassio.

Tito Livio (I. 35), falando de Tarquinio, diz: « Foi então que se-escolheu o logar do circo, hoje denominado maximo; estabeleceram-se divisões para senadores e para cavalleiros verem os espectaculos; os camarotes, chamados *foros*, alicerçados em estacas de 12 pés. Os jogos eram equestres e pugiles, oriundos principalmente da Etruria. Converteram-se n'uma solemnidade annual, denominada *Jogos Grandes*, ou *Romanos*. »

Digitized by Google

O tribuno do povo, Roscio, promulgou uma lei, prohibindo ao povo tomar assento nos primeiros 14 bancos do amphitheatro, os quaes eram reservados aos cavalleiros, e aos possuidores de mais de 400 mil sestercios. O *podium* era o logar reservado ao principe e sua comitiva.

Comquanto não sejam para nós evangelhos todas as asserções da historia, e nos-sintamos pouco dispostos a accreditar metade do que acerca de Nero se-phantasia, diremos que, segundo alguns, Nero, entre os requintados supplicios que applicou aos christãos, costumava mandar-lhes unctar bem todo o corpo de pez, resina e alcatrão, servindo esses corpos para illuminação dos jogos do circo: tœdaque lucebit in illa.

Tacito (XV. 32): « Cesar estabeleceu, no Circo, logares para os cavalleiros romanos, adiante dos assentos da plebe; pois, até então, sentavam-se indiscriminadamente, visto como a lei Roscia só mencionára as 14 ordens. No mesmo anno houve magnificos espectaculos de gladiadores; porém muitas mulheres illustres e senadores ahi se-deshonraram. » (Com effeito, assegura Suetonio (Dom. 4) que então os combates de feras e de gladiadores eram de noite, aos archotes, luctando homens e tambem mulheres).

Suetonio (Claud. 21) narra: « Deu Claudio frequentemente jogos circenses no Vaticano, intermeados ás vezes com feras, de 5 em 5 corridas. No circo maximo as trincheiras eram de marmore, as metas douradas (tendo tudo sido anteriormente de tufo e madeira); fixou logares para os senadores, que antes se-perdiam na multidão. Alem das luctas das quadrigas, mandou representar a guerra de Troya, e as africanas, figurando ahi uma turba de cavalleiros pretorianos, commandada pelo respectivo tribuno, e até pelo prefeito. Tambem introduziu touradas no circo, sendo thessalios os cavalleiros, que perseguem touros bravos pelo espaço do Circo, quando cançados o-cavalgam, e pelas pontas os-derrubam em terra. »

Digitized by Google

O paço pontifical do Vaticano occupa hoje o espaço que outr'ora pertenceu ao circo e aos jardins de Nero; elevando-se, por glorioso contraste, no proprio sitio onde se-sepultaram os christãos, cujo martyrio descrevem as paginas de Tacito. Hoje esse palacio immenso, edificado por muitas vezes, e em grande mistura architectural, encerra, nos seos tres andares, onze mil quartos, salas, galerias, capellas ou corredores, 20 pateos principaes, 8 grandes escadarias, e 200 escadas interiores.

Sob o aspecto metrico, esta versão, uma das mais primorosas, precisa attentamente estudada; ha n'ella toda a especie de versos, desde duas, tres, quatro, progressivamente até dôze syllabas; arietas, metastasianas; harmonioso jôgo de agudos e esdruxulos; versos de eccho ao meio dos immediatos; metrificação adaptada á natureza do assumpto; e outros primores poeticos, que os intendidos, de um relance, comprehenderão.

(V. 49). *Que homem tão descortez!* E que homem tão injusto que tu és, Ovidio! Pois porque rasão exiges tu um Deus para ti e um Demonio para os mais? Tu, que estás arrastando a aza a essa dama, que mal conheces, tens os mesmos direitos que o tal sujeito, que cognominas de mal-creado; e si tu até lhe-podes sacudir com a mão a poeira do seio, o outro deve ter licença para tocar-lhe com o cotovello, que não vai tão longe.

(V. 49). *Esta Dama, Senhor.* (Esta nota é de Castilho Antonio) Pôsto que o tractamento romano fôsse constantemente um redondo *tu*, e eu sempre n'esta obra o-seguisse, não me-atrevi a fazêl-o aqui. O *tu*, entre nós-outros, sôa como expressão de intimidade ou desprêso, e faz-nos o effeito de uma mentira o ouvirmos, dirigida por um homem a outro a quem não conhece, e com quem no theatro se-incontra pela

Digitized by Google

primeira vez. Que tuteasse a rapariga, estava em ordem, mas logo ambos os visinhos d'ella! não podia ser. Ah! tractamentos geraes, tractamentos geraes! A'quelle *tu* antigo, que tão commodo era e tão litterario, podiamos nós como os francezes, os inglezes, e allemães, o tantas outras gentes, substituir o *vós*. Quanto não ganhava o romance, o drama, a poesia em geral e a sociabilidade! Prezâmo-nos de estrangeiros, em mil cousas ridiculas; e aonde, com tanta vantagem e sem despesa, o-podiamos ser, retrahimo-nos!

(V. 54). *Encôsto do joelho ás costas da dama.* Ja na Arte I. 157, tinha dado esse preceito:

Respice præterea, post vos quicumque sedebit,
Ne premat oppesito mollia terga genu.

(V. 56). *Teo vestido em terra cahido.* Tambem na Art. I. 153:

Pallia si terrâ nimium demissa jacebunt.

(V. 103) *Leque (Stabellum).* Dá-se este nome a umas folhas que se-veem na mão de várias figuras, nos antigos monumentos. Os antigos usavam leques. Terencio faz narrar Cherea a Antiphon como, disfarçado em eunucho, para intrar em casa de Thais, as mulheres d'esta rameira lhe-ordenaram que tomasse um leque, para a-abanar, quando estivesse no banho. O nosso Ovidio, n'outra parte, falando das attenções necessarias para agradar ás mulheres, diz que muitas vezes se-tem ido longe, só por abanál-as, com um leque. Outros falam d'este instrumento, que era feito de folhas de arvore, ou pennas de pavão ou outro grande passaro.

Digitized by Google

(V. 111). *Olha esse pó.* Suetonio affirma que Caligula (XVIII) dava soberbos combates de gladiadores e jogos scenicos, em alguns dos quaes mandava cobrir a arena do Circo de vermelhão e limalha de ouro, em cujas occasiões só senadores podiam guiar os carros. Sería d'este pó, que o cavalheiro enxotava?

(V. 119). *Silencio! attendamos! o prestito assoma.* Ahi começa a sahir a procissão. Os simulacros dos Deuses eram levados em *ferculos* (pulpitos, andores), e em *thensas,* nome que mais propriamente se-dava aos carros que transportavam algumas das imagens. Este trecho, chamando a attenção, e invocando silencio, para escutar cousas celestes, faz lembrar aquelle outro de Seneca (Vida feliz 26.), em que faz egual recommendação.

(V. 133). *Victoria! outhorga-me.* Mui habilmente o poeta, depois de ter posto em scena cada uma das imagens dos Deuses, lhe-dirige uma invocação, appropriada á natureza do seo poderio, para que a sua influencia se-faça sentir no coração da bella.

(V. 137). *Neptuno.* Deus do mar. Conta Suetonio (Aug. XVI) que, n'um dia de circenses, prohibiu que sahisse o andor de Neptuno, em castigo de um temporal, que na vespera lhe-sobreviera, quando em batalha naval com Pompeo!

(V. 141). *Na terra onde fui nascido.* Ja disse II. XI. 30.

Et felix, dicas, quem sua terra tenet.

(V. 226). *Ja signal do Pretor o grão jogo annuncia.* O pretor mandava dar um pregão, para que todos sahissem do circo, e nada obstasse ás carreiras.

Digitized by Google

Nos *Fastos*, mez de julho, é de ler como isto se-passava.

Marcial (XII. 29) falando do ladrão Hermogenes, conta varias empalmações d'elle, capazes de atarantar o proprio Hermann; entre outras, diz que uma vez ia o pretor dar o signal dos jogos com o lenço, eis sinão quando, Hermogenes o-havia roubado!

Juvenal, na magnifica satyra X (contra as grandezas), zomba da indignidade com que assim se-achincalhava no circo a posição de um pretor: « Que sería de Democrito, si houvesse visto um pretor, incucurutado no pino de um carrão, todo flammante no meio do pó de um circo, arrastando a tunica de Jupiter, pendendo-lhe dos hombros enorme manto roçagante de lyria purpura, e acarretando á cabeça uma corôa tão monstruosa, que não ha pescoço que lhe-baste! »

Não podêmos deixar de chamar a attenção para a admiravel versificação, que por ahi vai.

(V. 230). *Notei ja qual tu preferes.* Dir-se-hia que eram as carreiras de Epsom, da antiguidade. Ninguem intrava no circo, que se não inthusiasmasse por um ou outro dos combatentes.

Havia 4 facções:— dos verdes — azues — brancos — e vermelhos; Domiciano ajunctou ainda duas: — a de ouro — e a de purpura. Os partidos, as apostas, os rancores, as sympathias eram o alimento d'esses facciosos. Suetonio assegura (LV) que de tal modo se-dedicára Calligula á facção verde, que até ceava e permanecia frequentemente na cavallariça; acto que, de resto, não admira em quem, na vespera dos jogos do circo, decretava silencio a toda a visinhança, para que não perturbassem o repouso do seu cavallo, Incitato, ao qual deu uma estrebaria de marmore, mangedoura de marfim, capas de purpura, freios de pedras preciosas, um paço,

Digitized by Google

servidores, mobilia, para serem lautamente recebidos os convidados em seo nome... e até quiz nomeál-o consul! O mesmo conta de Nero (XXII), com que ardor se-applicou ás facções do circo, chegando a correr pessoalmente, apostando, com as suas quadrigas.

(V. 255). *Os brados troam.* O publico testimunhava o seo contentamento por *acclamações* e *applausos*; aquellas com a voz, estes com o gesto. A princípio eram gritos, e sons estrepitosos e confusos; *plausus tunc arte carebat* (diz Ovidio); mas desde o reinado de Augusto, esse movimento impetuoso, inthusiastico, tornou-se uma arte, um concêrto estudado; um musico dava o alamiré, e o povo, fazendo dous córos, alternava a fórmula de acclamação.

---

§ 210

CANÇAO III.

(T. 3. p. 27.)

(V 3). *Faltou-me á fé, e seo rosto não mudou.* Tinham os antigos a superstição de que aos mentirosos, aos que não restituiam depositos, e aos fraudulentos, nascia repentinamente um tuberculo na lingua ou no nariz, ou outra difformidade em qualquer parte do corpo. Si isto assim fosse, que trombas não vagariam por ahi!

Vide Hor. II. 8.

Ulla si juris tibi pejerati
Pœna, Barine, nocuisset unquam;

Digitized by Google

Dente si nigro fieres, vel uno
Turpior ungui,
Crederem. Sed tu simul obligasti
Perfidum votis caput, enitescis
Pulchrior multo.

Com quanto ja n'outras partes tenhamos tractado pontos analogos, nunca é demasiada a insistencia em taes materias.

E' a superstição uma decepção do espirito, proveniente de aberração da alma, de educação, de acasos, e mais commummente de ignorancia. Quando o homem não sabe explicar qualquer phenomeno desusado, prefere imputál-o a causa sobrenatural. Não podêmos surrir dos antigos, nós que ainda vemos, na turba, tantas crenças arraigadas, taes como — do dia nefasto da sexta-feira — do sal entornado — dos vidros quebrados — dos amuletos, figas e sinos-saimões, e tantas outras superstições similhantes. Confessemos que mais habil e politica é a introducção da crença, que Ovidio aqui denuncia; talvez muito perjurio se-evitasse, com o receio da probóscide.

(V. 45). *Deus é nome que os homens fizeram.* Facil cousa não é asseverar quaes os verdadeiros sentimentos de Ovidio fôssem, em materia de religião. N'aquelle espirito voluptuoso e vario, em tudo se-revela a inconstancia, tanto como no tracto com o sexo. A sua propria philosophia era um ecclectismo dos systhemas então conhecidos; ora incontrais Pythagoras, ora Empedocles, ora Heraclito, ora o proprio auctor. Assim, em ponto de religião, na qual ora se-mostra convicto, ora descrente (comquanto nem todos que, em obras e palavras, se-proclamam incredulos, taes sejam no coração). E' porém improvavel que o auctor das *metamorphoses*, e como tal creador e legislador da mythologia, adoecesse de convicção profunda da veracidade de factos, em gran parte emanados de sua propria

Digitized by Google

imaginação! E que significaria o logar, que ora annotâmos? E na *Art. Am.*:

Expedit esse Deos; et, ut expedit, esse putemus?

E, adiante, lamentando a morte de Tibullo:

Cum rapiant mala fata bonos (ignoscite fasso)
Sollicitor nullos esse putare Deos?

E ainda adiante:

Et liceat stulta credulitate frui?

Na elegia VIII do L. III das *Tristezas*, mencionando as viagens aereas de Triptolemo, de Medea, de Perseo, de Dedalo, fabulas expendidas nas *Metamorphoses*, diz rasgadamente que taes milagres nunca existiram, nem existem, nem podem existir; ora a mór parte das fabulas mythologicas não teem mais extravagancia e inverosimilhança. No L. IV el. VII egual incredulidade se-patenteia sôbre as comas serpentinas de Medusa, os cães de Scylla, a Chimera, os Centauros, Gerião, a Esphynge, as Harpias, os Gigantes serpentipedes, Gyges Centimano, e o Minotauro.

E' um estudo curioso e importante, para a historia philosophica do espirito humano, appreciar si os grandes genios d'esse assombroso periodo tinham crenças arraigadas sobre immortalidade de alma, e realidade dos deuses, que adoravam.

Cicero, no seo *Ensaio sobre a velhice*, diz entre outras cousas, falando de Catão: « Pareceu-me que supportava com fortaleza a sua morte; não certamente porque deixasse de sentir a immensa perda; mas pela reflexão consoladora de que *a nossa separação não seria longa*! »

Ja Socrates, na defesa do seo processo exprimíra a profunda persuasão de que a morte que iam dar-lhe, seria uma mudança vantajosissima para outro estado de existencia; todavía, na conclusão d'esse discurso, se-declara

Digitized by Google

totalmente incerto do que lhe-succederá (*) Cicero, notando isto, observa que esta apparente irresolução, era destinada a perseverar, até o derradeiro extremo, no princípio da sua philosophia: « *Não dogmatiseis em assumpto algum* ! »

Este princípio Cicero o-adoptava para si tambem, a tal ponto, que sendo elle o rei da eloquencia, depois de expor a Bruto o modo como intende algumas regras d'ella, acaba manifestando hesitação e dúvida sôbre a exactidão

---

(*) Esta incerteza, do *d'onde* e *para onde*, vem elegantemente expressa em poucos versos da poesia *O Sobresalto*, no *Amor e Melancolia*.

Sei eu o que sou eu mesmo ?
Sei porque fôrça divina
O genio que em mim se-alverga
Recorda, pensa, imagina ?

Sei do universo os mysterios ?
De algum dos entes a essencia ?
Que serei depois da vida ?
Que fui antes da existencia ?

Ha, em Camões, um galante soneto, commemorativo d'estas mesmas dúvidas:

Verdade, amor, rasão, merecimento,
Qualquer alma farão segura e forte ;
Porém fortuna, caso, tempo e sorte,
Tem do confuso mundo o regimento.

Effeitos mil revolve o pensamento
E não sabe a que cousa se-reporte ;
Mas sabe que o que é mais que vida e morte
Não se-alcança de humano intendimento.

Doctos varões darão rasões subidas ;
Mas são as exp'riencias mais provadas ;
E por tanto é melhor ter muito visto.

Cousas ha hi, que passam sem ser cridas,
E cousas cridas há sem ser passadas...
Mas o melhor de tudo é crer em Christo !

Este — *o melhor de tudo é crer em Christo* — vale quanto pesa.

Digitized by Google

d'ellas. (*) Si porem trechos destacados podem deixar o espirito em suspensão sôbre a opinião de Cicero (como sôbre a de Ovidio), ha uma circumstancia que nos faz grande pêso sôbre a sua verdadeira convicção. O seo tractado sôbre a velhice, foi escripto pouco antes da morte; sendo até quasi o ultimo acto, na sua qualidade de philosopho. Cicero põe, em toda essa obra, as sentenças em bocca de terceiro; mas não ha dúvida de que as suas opiniões são as que elle attribue a Catão; e até, no prefacio, affirma a Attico ter-lhe sido tão agradavel a confecção de tal obra, que não só lhe-apagára os incommodos da velhice, mas até lh'a-tornára suave e jucunda; e bem assim, que expendêra *seos proprios* sentimentos, nos que puzera em bocca do seo venerando compatriota (**). Portanto aquellas phrases e outras são prova da explicita profissão de fé da existencia, *separada*, da alma n'um estado futuro.

Si pois havia, no coração e no espirito dos sabios, uma crença vaga, uma fé sem objecto determinado, um antegôsto de christianismo, é certo que esses genios despresavam a sua religião. Nem podia deixar de ser assim de uma instituição, na qual o dedo do homem em tudo apparecia; uma verdadeira mola politica, sem convicção, sem inspiração. Elles mesmos zombavam de tal amalgama de extravagancias, como Luciano fez nos seos *dialogos dos Deuses*, e o-imitaram os latinos. Petronio:

> Primus in orbe deos fecit timor.
> A fôrça fez os reis, e o medo os deuses.

Ennio denomina os augures:

(*) Habes meum, de oratore, Brute, judicium; quod aut sequere, si probaveris; aut tuo stabis, si aliud quoddam est tuum. In quo neque pugnabo tecum, neque hoc meum, *de quo tantopore hoc libro asseveravi*, unquam affirmabo esse *verùs* quum tuum. Potest enim non solum aliud mihi ac tibi, sed mihi *aliud aliàs* videri. (ORATOR 71).

(**) Mihi quidem ita jucunda hujus libri confectio fuit, ut non modo omnes absterserit senectutis molestias sed effecerit mollem etiam et jucundam senectutem. — Sed quid opus est plura? jam enim *ipsius Catonis sermo* explicabit *nostram omnem* de senectute *sententiam*.

Digitized by Google

Aut inertes, aut insani, aut quibus egestas imperat,
Qui sui quœstus causa fictas suscitant sententias,
Qui sibi semitam non sapiunt, alteri monstrant viam ;

e Pacuvio:

Magis audiendum quam auscultandum censeo ;

e o proprio Virgilio (VIII. 187):

Vana superstitio veterumque ignara deorum.

Cicero, membro do supremo collegio dos augures, admirava-se de que dous se-encontrassem, sem deitarem logo a rir. Lelia perguntava ao marido, Q. Mucio Scevola, porque rasão não mettia no sacro collegio a sua creada Fabricia, que sabía tão a proposito esfaimar os pintos. Seneca, no final da tragedia do *Hercules sôbre o Eta*, faz dizer ao côro — « Bem o-ensinava Orpheo ; nada ha eterno ! » — O poeta submette os proprios deuses á necessidade de morrer ; rasão tinha, porque todos os deuses pagãos morreram depois d'elle.

Esta fé na religião foi ainda, de queda em queda, anniquillando-se, mormente depois de Cesar, o qual ja, em pleno senado, havia dicto que, após a morte, surgia o nada. Diz Cantu que 600 religiões, e mais, eram toleradas em Roma ! As proprias vestaes, cuja dignidade tão ambicionada fôra pelas primeiras familias, tiveram de ser recrutadas.

Que religião era esta que os poetas, os philosophos, os legisladores, os theologos, podiam impunemente achincalhar e desmentir ? Seria ella um laço somente para o povo ? criam n'ella os philosophos e escriptores notaveis ? podiam-se atacar tradições religiosas, sem offender as divindades ? não é verdade que esses escriptores antigos teem tanto em desabono, e mesmo em desprêso de alguns deuses, que d'ahi se-póde inferir que esses deuses não eram inviolaveis ? não eram singularmente separados, e como estranhos, o principio da moral pública e da

Digitized by Google

crença religiosa? Eis-ahi outras tantas questões, que ousariamos agitar, si o espaço nos não comprimisse; e affigura-se-nos que o resultado seria uma nova e plena demonstração da superioridade, verdade, infallibilidade da religião christã.

Mesmo sem sahir do estudo do nosso auctor, teriamos a fazer, por exemplo, curiosa approximação das *Metamorphoses* com os *Fastos*, d'onde se-deprehenderia que grão número dos factos mythologicos mais importantes estão, nos dous poemas, diversamente narrados!

Uma observação importante a appresentar sobre a crença dos romanos, é que a maxima parte dos artigos, ainda dos essenciaes, da sua religião, não podia ter character dogmatico, e de immobilidade, porque não havia codigo algum de religião, que se-supposesse pela divindade inspirado, e no qual nada fôsse licito augmentar, diminuir, ou de qualquer sorte alterar. Quasi todos os deuses foram mortaes que, por façanhas militares, descobrimentos uteis, sabias leis, ou serviços relevantes, alcançaram, em quanto vivos, o respeito e veneração dos homens, que foi crescendo depois da morte, e convertendo-se em apotheose. Chegou-se ao extremo de se-nomearem deuses por decreto! e tambem, como na revolução franceza, de se-arrancarem aos nichos gloriosos para serem arremeçados aos canos de despejos. Mas tudo isto foi ja na decadencia; confessemos que, nos bons dias de Roma, o quadro era mui outro.

A religião é o fundamento da sociedade civil. A religião é o fundamento de todo ser espiritual do homem. Os romanos (diz Monsieur Rollin) desde a origem de Roma, estabeleceram por princípio fundamental da sua politica o temor dos deuses, e o respeito pela religião. D'este respeito e temor nasce essa multidão de templos, altares e sacrificios; d'elles nasceram os agouros, e os auspicios, e tantas diversidades de adivinhações: d'elles provieram esses votos tão frequentes, formados nas occasiões de maior necessidade. Este é o cumpri-

Digitized by Google

mento leal que lhe-davam os romanos, os quaes se-enganavam no objecto, mas discorriam exactamente no princípio. Persuadidos, pelo bom raciocinio, ou mais depressa por um instincto de religião natural (que não póde riscar-se dos corações dos homens) que a divindade predomina a todas as disposições do universo; que ella é quem distribue (como lhe-parece) o prémio aos homens, o espirito, a rasão, a prudencia, a firmeza da alma, o valor, e todas as outras qualidades, das quaes dependem os successos das empresas; julgaram conveniente implorar o podêr celeste, d'onde emanaram todos estes dons, e que, por consultações religiosas, procurassem descobrir as vontades dos deuses, para lhes-merecerem a protecção. Felices elles, si a estas disposições junctassem o conhecimento do verdadeiro Deus! Não é crivel quanto esta convicção da divindade, gravada profundamente na alma ainda tenra da infancia pela educação, instrucção, e discursos dos paes, e mais que tudo pela assistencia das ceremonias públicas, fazia depois uma viva impressão sôbre os espiritos. A sanctidade dos juramentos, feitos debaixo dos olhos da divindade, em nenhuma parte foi tão respeitada como em Roma; os soldados, por mais descontentes que estivessem, se não atreviam a desamparar os seos generaes, porque se-tinham obrigado a não os desamparar, pelo juramento. Por tantos seculos nunca se-atreveu alguem a dar ao censor uma falsa declaração dos seos bens. A religião apagava o fogo das maiores paixões, fazia os homens mais doceis, e mais obedientes á auctoridade legítima; era um laço que unia os cidadãos da mesma cidade e os subditos do mesmo estado; em uma palavra era o mais poderoso incentivo, que se-podia empregar para inspirar valor nos combates, e nos perigos. Finalmente Cicero dá n'esta materia um glorioso testimunho á sua nação: « Quam volumus (inquit) licet ipsi nos amemus: tamen nec numero hispanos, nec robore gallos, nec calliditate pœnos, nec artibus græcos... Sed pietate, ac religione atque hæc una sapientia, quod Deorum immortalium numine omnia regi, ac gubernari perspeximus, omnes gentes, nationesque superavimus. »

Digitized by Google

Assim feita a parte da crença mythologica dos antigos, venhamos á sua applicação á poesia, começando por esta obra, e transportando-nos depois ao seo uso mais amplo.

O interêsse de uma narração é maximo quando o que narra e os que escutam, todos igualmente accreditam no que se-diz; póde ser ainda grande, quando, não accreditando os que escutam, teem com tudo a certeza de que o que se-diz é accreditado por quem o-narra: quando porém nem quem narra nem quem ouve accredita, então o interêsse é necessariamente nullo. De interêsse positivo, ainda ha uma terceira especie, e dá-se ella quando quem narra não accredita e só finge accreditar; mas todavia accredita quem nos-ouve: n'este caso estão os contos destinados á puericia. As narrações de Ovidio foram feitas por quem dizia accreditar, e a quem cria; e, relidas hoje, são ainda contos, de quem accreditou, gosados por pessoas que ja tambem alguma vez lhe-prestaram (ao menos na phantasia) uma especie de assenso; *car*, *dans les fictions*, *comme dans la vie* (diz M^me^ de Stael II. 33) *l'imagination réclame le passé*, *quelque avide qu'elle soit de l'avenir*.

— O ser o paganismo (que é o recheio d'este poema), uma religião hoje morta, não basta para que deixe de interessar. Independentemente de que uma imaginação, como a de Ovidio, aviventa todas as cousas por onde passa, podêmos dizer que o culto mythologico, com que nos-creámos nas escholas, conserva ainda, para nós, um germen de verdade e de vida. Muitos dos que, si fossem poetas, não ousariam ja hoje falar em Dryadas e Nayadas, e não perdoam aos que, por um resto ainda do antigo impulso, algumas vezes se-permittem taes ornatos, todavia, si bem se-espreitarem, acharão em si algum resto de paganismo, que a seo máo grado se-revela, quando as scenas sublimes, fortes, ou formosas, da natureza os-excitam. Quem ha tão philosopho (ou tão completamente christianisado) que, em dias de mocidade, a um bello luar d'estio, sentindo arfar-lhe o peito, e absorvido n'um vago pensamento, se não recorde, com certas saudades que são amor, e com certo amor que é crença, d'aquellas tradições, que

Digitized by Google

povoavam todo o universo de divindades amorosas e beneficas? Isto, pelo menos, se-póde dizer, e dar e tomar por verdadeiro: que por isso mesmo que de todo morreu a mythologia, não póde deixar de ser recordada com affecto: e por isso mesmo que foi, e se n'ella havia de certo modo transformado uma parte da antiga e perdida historia, d'isso que ella d'ahi tirava de real, parece se-lhe-fadou realidade e permanencia.

(V. 34). *Andromeda*. Filha de Cepheo, rei da Ethiopia e de Cassiopea. Esta, bella por sua desgraça (*male formosa*) ousou disputar a Juno e ás Nereidas o premio da belleza.

(V. 74). *Semele*. E' uma das mais extravagantes ficções da mythologia! A essa formosa arrastava Jupiter a aza, em apparencia de homem; quando, constando a ella que o seo arrastador era o imperador do Olympo, quiz vêl-o em todo seo esplendor; caro lhe-custou, porque os raios de Jupiter a-fulminaram. Jove porém, impellido por amor paterno, arrancou o filhinho ás intranhas da amada, e transportando-o para a propria coxa, alli se-terminou o tempo da gravidez, e sahiu Baccho!

---

§ 211

CANÇAO IV.

(T. 3. p. 31.)

(MARIDO ZELOSO). Esta canção, cujo espirito concorda com o da 2ª do L. 2º, parece immoral, sem dúvida alguma, pois se-empenha em nada menos que em sollicitar

Digitized by Google

uma casada, induzindo o marido a não se-oppor! O excesso mesmo d'este enunciado deixa porém de a-tornar perigosa; é frecha que transpoz o alvo, ou, segundo se-diz em dialectica, *prova de mais nada prova.* Observemol-a comtudo attentamente, e achar-lhe-hemos uma verdade moral e prática assaz util, a saber: que o excesso da austeridade no guardar e zelar não é sempre a fiança mais segura; e que, pelo contrario, a racional e discreta confiança impõe, por si mesma, deveres que muito melhor se-respeitam. A última canção do L. 2° sustentou principios diametralmente oppostos; a boa ordem, para effeito artistico, sería approximar as duas, para realçar pela contraposição, e quanto ao effeito moral neutralisar o que uma ou outra contivessem de nocivo; fazer a estas duas o que fizera ás 7ª e 8ª do L. 2.° E' assim que Metastasio collocou logo após a cançoneta da *Libertá* a palinodia; e que Rousseau, na Nova Heloisa, poz o pró e o contra das grandes questões em cartas consecutivas.

N'outras canções (II. II — II. XII — III. I &) se-exalta Ovidio contra os maridos zelosos. Não é mister lembrar que o verdadeiro intuito do poeta foi castigar ironicamente, e fazer uma satyra aos costumes romanos.

(V. 6). *E fal-o, a que o não faz, por não podêr, o mal.* Este pensamento (ja tocado I. VIII. 60), é desenvolvido por Seneca o Philosopho (*De Beneficiis.* IV. 14), para demonstrar a these de que as acções, embora uteis aos outros, perdem todo o merito, quando obrigadas ou vendidas. (*)

(*) « Onde ha cálculo, não ha beneficio. Darei isto, receberei aquillo; é um mercado. Não chamarei eu casta a que repulsa o amante, para o-exaltar; a que procede por medo da lei ou do homem, como diz Ovidio:

Quæ, quia non licuit, non dedit, illa dedit.

Não sem rasão se-conta no rol das culpadas, a virtuosa por medo e não por impulso. »

Digitized by Google

(V. 21). Note-se a elegancia de toda essa versificação.

——

(V. 30). *Se nos tornam do mundo as mais appetitosas.* E' a historia de Eva, e do princípio do mundo. Ja Ovidio nol-a contou no verso (II. XIX):

Quid licet, ingratum est; quod non licet, acrius urget.

Não ha resistir a transcrever aqui o introito d'aquelle conto de Filinto, intitulado — *A aposta* —, que tanto a talho de foice cahe:

« — O pão furtado aguça o appetite;
Negaça e perrexil é a lei que tolhe.
Ir e vir, tomar este ou st'outro atalho,
Não tem pico nenhum, si é permittido.
Dá-lhe o sainete, de que a lei t'o-véde,
Vem-te agua á bocca, o coração te-pula.
Nós somos filhos de Eva cubiçosa;
Inda em nós lavra de Eva peccadora
A nodoa original. Mas pede escusa.
Bem que outros, que obrariam peior que Eva,
No lance em que Eva obrou, inda hoje a-accusem.»
Assim falava certo esposo um dia
A' consorte, que de ira esbravejava
Contra Eva, que o gatasio nos-pregou,
D'onde a flux todo o nosso mal surdiu.
— « Despenhar n'um abysmo de miserias
Seo sposo e toda sua descendencia!
(Dizia). E porque lucro, ou que regalo?
Por ensôssa maçã!! Nossa mãe Eva
Tinha bem fraco gôsto. »
— « Ou fraco ou forte
(Lhe retruca o marido), quem foi causa,
Quem tudo nos-damnou, não foi o fructo,
Mas sim a lei que ao gôsto poz travezes;

Digitized by Google

De vedado lhe-veiu o sabor summo.
Mas, seja ou não assim, aposto e digo
Que quem te ora vedasse qualquer cousa,
Da qual bem pouco ou nada se-te-desse,
(Digo mais) cousa mesmo a ti nociva,
Que almejáras por ella, si a não tinhas.
— « Eu, almejar! » (diz ella).
— Sim, te-juro
(Torna o marido), e que o-farás sem falta;
Desde ja, si mais teimas, faço aposta. »

Quem quizer ver o fim da aposta do charco, recorra ao auctor.

---

§ 212

CANÇÃO V.

(T. 3. p. 35.)

(O SONHO) Ha muito quem repilla esta canção, por indigna de Ovidio, classificando-a até como pobre, inurbana, e de estylo mui diverso do do nosso auctor, finalmente não profundamente carimbada com a marca do contraste ovidiano. O illustre paraphrasta é de outro sentir, e reconhece n'ella originalidade e o dizer de Ovidio, comquanto menos castigado que de uso.

Vejamos o que sôbre a materia dos sonhos nos-diz um annotador. Sabido é que criam n'elles; pode-se-lhes perdoar esta superstição, que de todo o tempo existiu, e que nem este seculo, das luzes, rejeitou inteiramente.

Democrito e os estoicos celebraram a *oneirocrisia*, ou interpretação dos sonhos. O princípio d'esta scien-

Digitized by Google

cia funda-se em que, durante o somno, e em quanto os sentidos estão adormecidos, o espirito que está menos distrahido e mais segregado da materia, recebe melhor as advertencias que lhe-dão os phantasmas formados na imaginação. Philão, o Judeo, no livro *dos sonhos*, affirma que são significativos e enviados pelo Senhor; Homero diz que vem de Jupiter. Tertulliano que são geralmente causados pelos demonios. São Thomaz o mesmo. Conta Justino que José apprendêra a arte magica no Egypto, tornando-se o mais habil adivinho na arte de interpretar os sonhos. Cicero e outros tractaram de chimerica esta applicação do espirito (*) Um fragmento de Ennio explica as suas opiniões: « A breca leve todos esses augures marsos, aruspices dos beccos, astrologos do circo, prophetas isiacos, e intérpretes de sonhos. Não teem esses heroes sciencia nem arte de adivinhar; são uns ciganos da buena dicha, superstitiosos e impudentes, & » (O resto ja atraz apontámos). Ainda que ha na Biblia exemplos d'esses, note-se que não foram casos ordinarios.

Uma forte meditação ou uma affecção viva, produz, adormecendo-se, ideas conformes, e figuras similhantes. O guerreiro vê exercitos derrotados e campos tinctos de sangue; o advogado vê um tribunal que ainda ogela; o avaro amontôa um ouro imaginario; o caçador ouve os seos galgos atordoando as florestas; o piloto imagina porto ou naufragio; a casquilha escreve ou recebe cartinhas de amores.

A interpretação dos sonhos repousa sobre duas bases: a experiencia, quando várias vezes foram seguidas de successos identicos; e as proporções de similhança, segundo a linguagem da tal arte. Sonhar que estamos sutopostos a uma montanha, significa que poderosos inimi-

(*) « Explodatur hæc quoque somniorum divinatio pariter cum ceteris; nam, ut vere loquamur, superstitio fusa per gentes oppressit omnium fere animos, atque hominum imbecillitatem occupavit ».

Digitized by Google

gos nos-opprimirão. Perder a vista, é perder os filhos (porque olhos são filhos; cabeça o paterfamilias; braços os irmãos; pés os creados; dextra a mãe, o filho, os amigos; sinistra a mulher, a namorada, a filha). Sonhar que se-teem bellos cabellos e frisados, é signal de prosperidade: despenteados, de afflicção. Corôas de flôres são optimos indicios, na estação propria, aliás de pessimo prognostico. O sonho é feliz, vendo-se a um espelho, quando proximo a casar-se, ou quando se-tem algum pesar; mas para doentes, mortal. Sonhar em morte, annuncia casamento; que se-acha um thesouro, indicio de penas e morte. Diz Hippocrates, que os sonhos de céo e estrellas querem dizer, conforme as circumstancias, saude, molestia proxima, ou loucura; que ver campos agradaveis, bellos fructos, aguas limpidas, denota saude, e o contrario infermidade; terremotos, variações na saude; cousas monstruosas e extraordinarias ameaçam molestias.... Segundo Galeno, é signal de morte ver cahir uma estrella, ou quebrar-se um carro; conta que um homem, depois de ter sonhado que a perna se-lhe-petrificava, ficou paralytico d'ella; que a elle mesmo recommendou Esculapio, em sonho, que se-sangrasse, entre o polegar e o indicador da direita, e que tal sangria ocurou de uma dôr contínua no figado.

Fôra interminavel reproduzir os casos mais notaveis que nos-tem conservado, em tal materia, a historia de todos os tempos, logares, e religiões. Deixemos essas ignaras superstições, e confessemos que mais do que todos esses sonhos, inclusivamente os ovidianos, valiam os de Anacreonte, em duas de suas canções que passâmos a lêr:

CANÇAO S.ª.

Em cima da fofa púrpura
Dormitava certo dia,
Inda inquieto, e alegre o espirito,
Pela bacchica alegria;

Digitized by Google

E sonhava, em dança rapida,
Retoiçar com moças bellas,
Provocál-as, provocarem-me,
Vêr-me doido andar traz ellas.

De mocitos finos, candidos,
Mais que o proprio Deus do vinho,
De redor me-andava rindo-se
Um ligeiro burburinho.

E então ellas, formosissimas,
Me-atiravam de uns farpões,
Que têm de uso irem no íntimo
Traspassar os corações.

Quando eu ia todo lepido,
Abraçar, beijar as bellas....
Com meo sonho e o banho aligero
Disparecem todas ellas!

Vi-me só na minha purpura
Arrancado a tal praser;
Ai! senti, senti, declaro-vos,
Não tornar a adormecer.

CANÇAO 12.ª

Tu andas, certo, a tentar-me
Co'o teo palrar, andorinha!
Si te-apanho, inda não sei,
Por seres tão má visinha,
A pena que te-darei!

Queres que te-corte as guias?
Ou faça o que fez Thereo,
Que, segundo a historia diz,
Te-arrancou pela raiz
A lingua, flagello seo?

Digitized by Google

Inda bem não rompe o dia,
Já na beira do telhado
Começas a papear!
Lá se-vai Bathillo amado!
Lá se-estraga o meo sonhar!

---

§ 213

CANÇÃO VI.

(T. 3. p. 37.)

(O Rio). Esta canção ja foi publicada, com pequenas differenças, no *Jornal dos amigos das lettras* e no *Diario do Rio.*

O rio aqui decantado é o que passa por Sulmona, chamado Vella. Com as chuvas do outomno cresce de fórma que difficulta a passagem. Esse, o impedimento de que se-queixa Ovidio, o qual, se-suppõe que morava não longe da *Fonte do amor*, na raiz do monte Morão, onde ainda restam ruinas, chamadas pelo vulgo *le botteghe di Ovidio*.

Esta canção é cheia de erudição, habilmente trazida, e magistralmente applicada. As comparações com que o supplicante exalta o amor proprio do seo juiz, collocando-o ao lado dos mais afamados rios, para assyriamente o-pôr pela rua da amargura, quando reconhece que perdeu o seo latim, são de um formosissimo effeito.

No fim entrega-o ao desprêso geral, por ser um rio-sito pequeno; não tem razão; não ha, na litteratura latina, mais imponente nome que o do Tibre (Albula), sendo aliás o mais acanhado rio da Europa.

Digitized by Google

(V. 16). *Co'as neves sôltas da visinha serra.* Segundo uns commentadores, esta serra é *Soracta*, que Horacio menciona l. 9:

Vides, ut alta stet nive candidum
Soracte.

Outros chamam-lhe *Majella*, hoje *monte de S. Silvestre*.

(V. 24). *Azas de Perseo; coche aereo.* Mercurio deu a Perseo umas azas, que lhe-serviram, depois de cortar a cabeça de Medusa, para fugir, voando, das serpentes que lhe-serviam de cabellos. O carro é o de Triptolemo, e representa o arado e a agricultura, por elle inventada:

. . . Engraissés dans la crasse du froc,
Les fils de Triptolème, abandonnant le soc,
Ont énervé des bras qu'une mâle industrie
Destinait à défendre ou nourrir la patrie.

(V. 37). *Inacho. Melia.* Aquelle rio, affluente do golfo argolico, é hoje a *Zeria*. O que o auctor diz, basta para comprehensão.

(V. 40). *Xantho.* Rio da Thracia, de que se-fez um deus, filho de Jove. Oppoz-se á passagem dos gregos, transbordando as aguas. E' o rio Scamandro. Segundo o *Cratylo*, de Platão, Scamandro era o nome dado pelos homens, e Xantho o nome divino. Este rio descendia do famoso monte Ida, a duas leguas de Troia. O Xantho e o Simoente, tão falados pelos poetas, são uns ribeirinhos.

Digitized by Google

(V. 41). *Alpheo.* Este caçador perseguiu Arethusa, nympha da comitiva de Diana, que o-transformou em rio, e Arethusa em fonte, que ambos misturavam as aguas.

(V. 42). *Creúsa.* Esta naiade, mulher de Eneas, desappareceu, durante o incendio de Troya.

(V. 44). *Asopo, Thebe.* As 5 de Thebe filhas, segundo Ovidio, eram Corcyra, Egina, Salamis, Thebe e Harpinna; ha n'isto grande variedade nos auctores. Asopo tambem teve muitas filhas.

V. 47). *Dejanira. Achelôo.* Este filho do sol e da terra tomou a fórma de uma serpente, e depois de um touro, para disputar Dejanira a Hercules, que o-venceu, e lhe-arrancou um corno, que as naiades apanharam, fazendo d'elle o corno da abundancia.

(V. 51). *Calydon. Etolia.* Quer dizer que nem a cidade de Calydonia, nem mesmo toda a grega Etolia valiam tanto como a posse da formosa Dejanira.

(V. 54). *Evadne.* O Nilo, apezar de tamanha copia de aguas, que mal bastam septe fozes para as-vasar no oceano, não poude com ellas todas apagar sua chamma por Evadne.

(V. 56). *Enipêo. Tyro.* Neptuno tomou a fórma de Enipêo, para se-gosar da bella Tyro. Prop. I. XIII. 21:

Digitized by Google

Non sic Æmonio Salmonida mixtus Enipeo
Tœnarius facili pressit amore Deus.

D'estes amores nasceram Pelias e Nelêo. O certo é que, com este nome, ha dous rios, na Achaia e na Thessalia.

(V. 59). *Anio*. Affluente do Tibre, que formava as cascatas tiburtinas, e serviu de divisão entre os sabinos, que occupavam a margem direita, e os latinos a esquerda. Chamou-se outr'ora *Parensio* e hoje *Teverone*.

(V. 65). *Ilia*. Segue-se a fabula mimosissima, e deliciosamente paraphraseada, de Ilia, ou, como outros querem, Rhea Sylvia, filha de Numitor.

(V. 126). *Vestal*. Uma das mais curiosas memorias da antiguidade acerca das vestaes, é a que Aulo-Gellio nos-legou (I. XII.):

« Os que teem escripto da profissão da vestal, affirmam que deve contar nem menos de 6, nem mais de 10 annos; ter vivos pae e mãe; não ser gaga ou surda, nem padecer outro similhante defeito; que nem ella nem seo pae sejam emancipados; que nem pae nem mãe tivessem sido escravos, ou se-occupassem de negocios sordidos. A que tiver uma irmã vestal, é dispensada de noviciado, assim como a filha do flaminio, augur, quindecemviro das ceremonias sagradas, ou septemviro dos festins, e salio; egualmente a noiva de pontifice, ou filha de musico das solemnidades, gosam de exempção. Desde que a virgem entra no templo de Vesta, é entregue aos pontifices, e professa, fica logo, sem mais emancipação, livre do patrio podêr, e adquire jus de testar. A primeira vestal foi creada pelo rei Numa. Mas achâmos a lei Papia, que

Digitized by Google

dispõe, que, a arbitrio do pontifice maximo, se-escolham do povo 20 virgens, e que tirando-se á sorte uma d'ellas, seja essa consagrada a Vesta; porém hoje são desnecessarios esta eleição e sorteio; por quanto, si uma pessoa de bem se-appresenta ao summo pontifice, offerecendo sua filha ao sacerdocio, preenchidas que sejam as condições do ritual, o senado dispensa na lei Papia. Costuma dizer-se que *se-toma* a vestal, porque o summo pontifice com a mão a-apprehende, do podêr do pae, como em uma guerra se-toma uma captiva. Quando o pontifice *a-toma*, diz estas palavras:— *Para sagrar-te sacerdotiza vestal; para que, na qualidade de sacerdotiza vestal, faças quanto fôr a bem do povo romano de quirites; para que pratiques quanto determina a melhor das leis; assim, Amada, te-tomo eu.*— Este nome de *Amada* ficou distinctivo, por ser o da primeira virgem, que a Vesta se-consagrou. »

Ainda hoje um dos mais célebres monumentos antigos de Roma, é o templo de Vesta, menos mal conservado, e elegante, ás margens do Tibre. Era aberto de todos os lados, e compunha-se apenas de um pequeno zimborio sôbre 20 columnas estriadas marmore branco, ordem corynthia A circumferencia d'este portico circular é de 52 metros; altura das columnas, que se-elevam sôbre 7 degraus, é de cêrca de 11 metros. A cimalha e o zimborio foram destruidos e estão substituidos por um miseravel telhado, estriado e baixo. A *cella*, ou sanctuario, tem uns nove metros de diametro. As paredes d'ella são de grandes peças de marmore alvissimo, perfeitamente unidas. Os antiquarios não estão muito concordes sôbre o destino d'este templo; geralmente se-suppõe dedicado a Vesta, mas outros lhe-chamam *tempio di Ercole vincitore*; e ainda lhe-dão 4.° nome, de S. Estevam das carroças. Hoje é uma egreja, *la Madonna del Sole*, denominação que teve a seguinte origem: Morava uma senhora perto do templo; viu um dia uma caixa boiando no Tibre, e mandando-a apanhar, levantou-lhe a tampa, e quasi ficou cega com a luz que derramava; no fundo estava uma imagem da

Digitized by Google

Virgem; é esta imagem, depositada no templo das Vestaes, que deu á egreja o moderno nome.

(V. 160.) *Tu nem tens nome.* Estes versos inspiraram certamente a St. Amans as 8 primeiras estrophes da sua *Roma ridicula*; eil-as:

Il vous sied bien, monsieur le Tibre,
De faire ainsi tant de façon,
Vous, dans qui le moindre poisson
Apeine a le mouvement libre !
Il vous sied bien de vous vanter
D'avoir de quoi le disputer
A' tous les fleuves de la terre ;
Vous qui, comblé de trois moulins,
N'oseriez défier en guerre
La rivière des Gobelins !

Vraiment, ce monstre qu'on habille
D'oreilles, de langues et d'yeux,
Cet oiseau qui vole en tous lieux,
Et de tout à son gré babille,
Le Renom, qui se paist de vent,
M'en avait donné bien souvent,
Chantant l'état de votre empire.
Je vous tenais plus grand cent fois,
Et croyais qu'en vous un navire
Ne fût qu'une coque de noix.

Je m'étais figuré le Gange
Plus gueux qu'un fat auprès de vous.
Diamants m'étaient vos cailloux,
Et pur gravier d'or vôtre fange.
Le sucre emplissait vos roseaux ;
Le saumon brillait dans vos eaux
Avec des écailles de nacre ;
L'ambre se trouvait en vos bords ;
Et tout ce qu'à Flore on consacre
Vous couronnait de ses trésors.

Digitized by Google

Vous aviez deux cornes superbes
Comme le mouton précieux ;
Dans un beau gîte spacieux
Vous fouliez les plus molles herbes ;
Votre long poil était ondé ;
Vous me sembliez accoudé
Sur un vase de porcelaine ;
Et ce qui de son creux natal
Sortait pour arroser la plaine
Etait, pour le moins, de cristal.

Rien que nymphes jeunes et belles
N'en fendait l'agréable cours,
Sinon parfois quand les Amours
S'y venaient baigner avec elles.
Vôtre gloire au ciel s'élevait ;
Amphytrite vous recevait
Moins dans son sein que dans son âme.
Bref, imbu de maint faux plaisir,
Vôtre ondé était toute ma flamme,
Et vôtre aspect tout mon désir.

Cependant rien de plus sauvage
Ne se montra jamais à moi ;
Jamais mortel n'eut plus d'effroi
Que n'en donna votre rivage.
En venant à vous aborder,
Je fus tout prêt de vous demander
Où vous étiez, voire à vous même.
Je crus qu'au lit, couché sans draps,
Vous languissiez malade et blême,
Et pris vôtre corps pour un bras.

Mais maintenant, à votre honte,
Trop instruit de la vérité,
Je veux que la postérité
Sâche les grâces que j'en conte :
Bain de crapauds, ruisseau bourbeux,
Torrent fait de pissat de bœufs,

Digitized by Google

Canal fluide en pourriture,
Dégobillis de quelque mont,
Pus d'un poullain de la nature,
C'est bien à vous d'avoir un pont !

A' vous ! qu'avecque ma bedaine
A' clochepied je sauterais ;
A' vous, qu'en un trait je boirais,
Si je prenais la vie en haine ;
A' vous, qui sur nôtre élément
Représentez tant seulement
Un ver liquide en une pomme ;
A' vous enfin, qui ne sauriez
Barbouiller deux bordels à Rome,
Quand d'huile et d'encre vous seriez !

---

§ 214

CANÇÃO VII.

(T. 3. p. 45.)

(MALÔGRO). A lubricidade d'este poema escandalisará por ventura a alguem que só o-olhe pela rama ; um espirito philosophico inxergará, sem custo, no fundo da obscenidade, reluzir uma rica perola de moral. Tomada como parabola esta canção, cyphra-se toda na seguinte sentença, precisa para quaesquer edades, mas principalmente para a das paixões impetuosas, que não raro devoram a herança das subsequentes ; essa verdade moral e hygienica eil-a aqui : o abuso dos praseres conduz inevitavelmente a uma velhice antecipada, vergonhosa (porque não é da natureza), e tanto mais horrivel de soffrer, quanto os desejos, contrahidos pelo hábito, sobrevivem ás fôrças

Digitized by Google

de os-realisar: *volendo non potrai*. Tal supplício de Tantalo, segundo a phrase do nosso poeta, si no espirito se-approximar ao que elle mesmo ahi nos-diz das suas proezas, com a loura Chie, com a candida Pitho, com Liba, e sobretudo com a sua Corinna, contém, sob as apparencias da desenvoltura, o mais eloquente sermão sobre as vantagens da continencia, ou, quando menos, uma dissertação-sinha em acção, desinvolvendo e confirmando o thema dos praseres moderados, segundo a parte sã da eschola d'Epicuro, e segundo as proprias paginas inspiradas do livro da Sabedoria.

Tibullo exprimiu o pensamento d'esta elegia, de um modo mais rapido e menos desenvolto (l. V).

Sœpe aliam tenui; sed jam, quum gaudia adirem,
Admonuit dominæ, deseruitque Venus.
Tunc me devotum descendens femina dixit,
Et pudet, et narrat scire nefanda mea.
Non facit hoc verbis; facie tenerisque lacertis
Devovet, et flavis nostra puella comis.

Esta versão está ingenhosissima e magistral. Todos os pensamentos, que o auctor desnudára, aqui se-reproduzem, mas geralmente por tal arte velados e involvidos, que só os-comprehende quem no proprio assumpto é perfeitamente versado. Tem grande número de trechos, aliás ricos de concisão, traduzidos verso a verso; finalmente é um trabalho este proprio para attento estudo.

A lamentavel figura, que Ovidio ahi fez com a sua namorada, é objecto de sympathia e dó, tanto mais quanto consta que, embrulhando-se, todo envergonhado, na sua toga, afim de voltar, murcho e sombrio, para casa, incontrára á porta Anacreonte, que, surrindo, lhe-recitou a sua ode 7ª:

Amor, que, sempre trêfego,
Turbar meos ocios sinto,

Digitized by Google

Co'uma hastea de jacintho
Me-introu a fustigar:
— « Anda comigo, apressa-te!
« Corre! » — o cruel dizia;
E eu, sôfrego, corria,
Corria a tropeçar,
Por espinhaes selvaticos,
Montes, correntes, fragas;
Cahe-me o suor em bagas;
Abafo; vou morrer....
Amor se-ausenta, dando-me
Co'as azas no semblante:
— « *Fica!* (me diz) *amante*
Nunca hasde vir a ser! »

(V. 22) *Cicuta.* Sempre se-lhe-attribuiu esta *virtude.* Persio (Sat. V. 144), censurando a subjeição do homem aos vicios, faz dizer-lhe á Preguiça: *Esse teo ardor marcial, nem ondas de cicuta o-esfriariam*:

Quo deinde, insane, ruis? quo?
Quid tibi vis? calido sub pectore mascula bilis
Intumuit, quam non extinxerit urna cicutæ?

Os sacerdotes de Ceres Eleusina, unctavam-se com um liquor de cicuta, para se-absterem de desejos amorosos.

(V. 37.) *Chie.* Uma galanteria, frequente em Ovidio, é dar sempre nomes phantasticos, alcunhas, ás pessoas, cujos vicios ou defeitos pertendia designar, fugindo sempre de empregar nomes reaes.

Duplicado merito ha, quasi sempre, na escolha d'essas alcunhas, as quaes geralmente symbolisam o seo pensamento. Ja vimos como Corinna, nome por elle inventado para velar a sua amada, significa mulher

Digitized by Google

illustre por talento e beldade. Dipsas, nome da inculcadeira ebria, quer dizer sorvedouro de liquido. Ibis foi a alcunha de Hygino &

Terá pois havido alguma intenção reservada na adopção do nome de Chie para esta imaginaria meretriz? Cremos que sim. Chio era uma das ilhas do mar Egeo, nomeada pela lubricidade dos seos habitantes. Atheneo (L. I) informa que a vida voluptuosa d'esse povo tinha passado em proverbio como a dos seos visinhos pheacios. O proprio Homero, na *Odyssea*, Horacio (I. XV), e Junio, em seos *Proverbios*, mencionam esta patria dos bons vinhos, onde os concertos de instrumentos, dansas e festins eram continuados. *Vita chia* queria dizer vida de dissipação e praseres. Petronio (I. LXIII) faz dizer a Trimalchião: « Desde creança que eu passei uma vida *chia*, voluptuosissima. » — Nam a puero vitam chiam gessi.

Eis o motivo porque Ovidio provavelmente chamou *Chie* a essa exigente creatura; conformando-se n'isso aliás com um uso, antigo e moderno, que é de tornar os nomes prosaicos e reaes das damas d'essa casta em pseudonymos brilhantes; estes eram, com muita frequencia tomados das suas naturalidades. Assim como Terencio denomina uma *Andria*, Horacio outra *Lydia* &. assim esta *Chie* é conhecida pela sua patria, Chio.

São numerosos os passos com que se-prova que usavam trocar os nomes por alcunhas. Por exemplo Marcial tracta muita vez de um nome mui similhante ao d'esta sujeita, uma tal *Chionia* (de quem tambem fala Juvenal III. 136); ora significando a palavra *chion*, em grego, *neve*, fez-lhe este epigramma (III. 34);

Digna tuo cur sis, indignaque nomine dicam.
Frigida es, nigra es: non es, et es chione!
Es digna, ó moça o indigna do teo nome.
Dizer porque não puxa a cachimonia;
Es fria e és morena;
Não és e és chionia.

Digitized by Google

Antes de passar avante, diremos que de Chie, Pitho e Liba, só fala Ovidio n'esta canção; e mesmo que em todo o poema, só dá nomes a seis mulheres, a saber aquellas tres, e mais a mensageira Nappe, o verbo activo e passivo Cypasse, e a adorada Corinna.

(V. 42). *Pytho.* Outra alcunha. Vem do grego *peitho*: seduzir, persuadir, peitar. Os gregos tinham esta deusa da persuasão, Pytho, que os latinos denominavam Suadéla, Suada. Veja-se Cic. de Cl. Orat. c. 13. Quem sabe mesmo si não houve ainda segunda tenção em invocar assim a *deusa da persuasão*, para fazer accreditar estas africas?

(V. 42). *Liba.* Ainda outro cognome intencional. Ou seja nascido da palavra *Libentina*, nome dado a Venus, como deusa da lascivia; ou de *libein*: libar, verbo que os latinos empregavam frequentemente para designar o dar bejos. Talvez mesmo venha de *libazo* que significa *distillar*; d'onde *libao*, *gôtta*.

(V. 47). *Assaltos nove intrepida.* Grande impostor! Todavia como ja n'aquelles tempos era arbitraria a dóse de presumpção e agua benta, Catullo promettia á sua as mesmas brilhaturas (epig. XXXIII), caso fôsse ter com elle ao meio-dia. Ha codices, em que se-lê: *numeros decem*, mas os poetas são demasiado honradores das musas, para quererem outra conta que a dos 9... fóra, nada.

(V. 60). *Cera purpurea. Saga.* Uma das judiarias da tal saga consistia em inscrever por extenso o nome do sujeito em cera vermelha das tabellas; e depois choviam sobre elle as imprecações e os conjuros.

Digitized by Google

(V. 62). *Agulhas cravou.* Como acabâmos de dizer, uma das bruxarias consistia em ir-se á imagem de cêra, que representava o paciente, e cravar uma agulha que se-suppunha traspassar no corpo da victima, a origem dos praseres. Na Heroide de Hypsipyle a Jasão, diz Ovidio :

Devovet absentes; simulacraque cerea figit,
Et miserum tenues in jecur urget acus.

Ha no livro 5 da *Henriada*, em versos admiraveis, um similhante sacrificio magico.

(V. 100). *Não reinei, sendo rei.*

Quo mihi fortunæ tantum? quo regna sine usu?

E' a sentença de Hor. ep. V. 12.

Quo mihi fortuna, si non conceditur uti?

(V. 114). *Phemio.* Cantor célebre da antiguidade, que Homero (Od. I. 1 e 22) pinta inspirado pelos proprios deuses.

(V. 115) *Thâmyres.* Thâmyres, de Thracia, filho de Thelamon, tendo provocado as musas a um combate musical, foi por ellas vencido, e perdeu a lyra e a vista (como se-lê na *Thebaida* IV. 183). Milton, cego, compara-se (*Paraiso Perd.* III. 35) com Homero e Thâmyres.

(V. 137) *Escarneces-me (exclama)? insano! porque é vir.* Esta exclamação recorda uma, mui similhante, de Cynthia a Propercio I. III.

Digitized by Google

Tandem te nostro referens injuria lecto
Alterius clausis reppulit a foribus!
Namque ubi longa meæ consumsti tempora noctis,
Languidus exactis, hei mihi! sideribus.
O utinam tales producas, improbe, noctes &.

(V. 140) *Com suas lãs tramando, Eea maga fez.* Diz Naugerio que, nas operações magicas, segundo Theocrito, se-usavam lãs sagradas.

Serviam-se de duas imagens, uma de lã, outra de cera, a qual, toda atravessada de agulhas, se-derretia ao fogo. Flac. l. 1 Serm:

Lanea et effigies erat, altera cerea; major
Lanea quæ pœnis compesceret inferiorem;
Cerea suppliciter stabat, servilibus utque
Jam peritura modis.

e pouco abaixo:

Et imagine cerea largior arserit ignis.

(V. 145) *O niveo pé!* Não ha mais graciosa felonia. Depois de pintar os transes porque passou, as imprecações que contra si mesmo dirigiu, quando parecia absorto na contemplação da sua vergonha, e depois de ter disposto amplamente dos mais ricos thesouros, vê o pésinho torneado e mimoso da irada bella, e põe-se a descrever-nol-o, ao deslisar do leito! é de um chiste, que só podia ser excedido pelo admiravel final da canção, quando a affrontada dama toma, apesar da raiva, precauções para que as creadas nem sonhem as vergonhas por que passou!

Digitized by Google

§ 215

CANÇÃO VIII.

(T. 3. p. 51.)

——

(Contra as riquezas). Voltemos o reverso da medalha, cujo anverso, ha tantos seculos, ahi se-ostenta incolume.

Tem sido um bombardeamento geral contra o ouro, em todas as boccas dos ingratos que o-possuem, e dos invejosos que o-almejam. A elle se-attribuem todas as seducções, e no espirito, que dictou esta canção, chovem, em todas as linguas, as censuras e os epigrammas, accompanhados de chistes contra as damas, os poetas, &, do que nos sería facil multiplicar ao infinito os exemplos ja dados em p. 480.

O *auri sacra fames*, as bocagianas invectivas contra o nobre metal, são uma cançada diatribe de máo gôsto, falsa no pensamento, mentirosa na convicção. Quem ha hi que adore o ouro como Deus, como fim, por si mesmo? a excepção dos Harpagões raro deshonra a natureza humana. Mas o ouro deve ser procurado, honestamente diligenciado, porque elle é um representativo quasi universal das necessidades, das urgencias, das commodidades, dos praseres, do bem-estar; é elle o manancial de mil legitimos gosos, das mais sympathicas acções do homem; semeia, colhe, anima, premeia, amenisa, salva. Vêde esses declamadores furibundos, esses anti-aureos Catões, como se-modificam ao sôpro da fortuna! que baixezas não ousam muita vez para praticamente epigrammarem as suas proprias sentenças! Admirae o character de todos esses prosadores e poetas do tempo de Augusto, acerrimos inimigos do ouro em theoria, e torpes e venaes aduladores do

Digitized by Google

ouro é do podêr, na pessoa do principe! Essas repetidas invectivas contra o ouro são stultas e iniquas; e olhadas á luz da rasão, da economia, da sociedade, insustentaveis.

Foi o ouro quem poz termo á permuta cega e impossivel; como um genio bemfeitor se-prestou a immenso número de usos. Por sua grande divisibilidade, poude progressivamente corresponder a todos os objectos da natureza ou da arte. Por seo valor em pequeno volume, mobilisou-se e transportou-se, ao grado das precisões. Inalteravel e incorruptivel, os seculos o-legam intacto aos seculos, as nações ás nações, o homem ao homem, sempre egual, sempre instrumento de progresso e de civilisação. Unico soberano universal, todos os povos cultos e selvagens o-admittem como padrão regulador de todos os valores.

O homem só poude poupar, accumular para seos velhos dias, para as suas infermidades, para a familia, para si ou os outros, desde que o ouro representou a riqueza. Não podêmos resistir ao desejo de transcrever aqui algumas palavras d'aquelle livro de ouro, que Eugenio Pelletan denominou: *Profissão de fé do seculo XIX*:

« Onde se-eleva ahi o cantico de benção, que jamais celebrou o ouro immaculado, régio metal; secreto bemfeitor; confidente mudo de Deus em seos designios sôbre a humanidade; espirito material do mundo, incarnado no esplendor do raio; pó d vino; faisca do sol vibrada em dia de sympathias por nós; que em sua molecula recebe e com sua incorruptibilidade embalsama cada hora de trabalho, cada hora de sacrificio; que as-recebe e restitue religiosamente, de pae a filho, té ás derradeiras gerações; que, no coração forte, provoca a sublime avidez da devoção; que dá á virtude do lar a sua aureola; que abre a porta do tempo ante o passo do operario; que derrama a nossa vida, para sempre perpetuada na sua perpetuidade sôbre a vida de nossos filhos; que une, em indissoluvel cadeia, mortos e vivos; e no exergo de uma simples moeda leva inscripta a eternidade? Por mais que, em labios de poetas, procure eu o hosannah de gratidão entoado em

Digitized by Google

gloria sua, os poetas (e mais, são os intimos de Deus!) passaram ao lado do ouro, e amaldiçoaram-n'o. Ignoraram-lhe a grandeza, e, sob seos dedos, a corda de suas lyras, embebida na essencia celeste, só contra elle soube vibrar som de injuria. Mas, ao passo que o espirito do homem o-calumniava, a sua mão, mais intelligente, o-procurava sempre, a despeito dos anathemas.

« O ouro elevou o trabalho, accumulado sôbre o trabalho, até á sua apotheose. Gerou sanctamente, n'uma conceição mystica, o redemptor capital, messias nascido de uma privação, de uma virgem tambem; e pelo merito d'esse divino filho, d'esse immolado justo, arrancou o homem á miseria, resgatou-o da servidão, e introduziu-o no atrio da intelligencia. »

(V. 10). *Anda o livro em sua mão, mas o auctor do livro não.* Mais tarde (nas Tr. I. 1.) reproduziu a mesma idéa:

Parve (nec invideo) sine me liber ibis in urbem,
(Hei mihi!) quo domino non licet ire tuo.

São sortes, acasos, sinas dos livros, meo rico amigo! Póde a obra agradar infinitamente, lida á puridade, escondida sob o travesseiro, encantando ocios; mas não é rasão para que o auctor seja egualmente bemvindo. Admittem-se nos salões muitas flores, cultivadas por jardineiros, que ao limiar da casa as-entregam; a corôa magnifica, que orna a cabeça de rei, não dá direito de intrada no paço ao artifice, que a-fabricou. Disse Marcial (VI. LX. 10).

Victurus Genium debet habere liber.

Este verso, quasi proverbio, recorda o de Terenciano Mauro, que ainda mâis vezes é citado (com outro sentido, cortando-lhe as 3 primeiras palavras):

Digitized by Google

Pro captu lectoris habent sua fata libelli,

que, em francez, se-traduziu assim, bem ou mal:

C'est l'esprit du lecteur qui fait le sort d'un livre,

sentença analoga á do P. de Tournemine, na sua *Defesa do grande Corneille*: « Não se-acha n'um livro sinão tanto espirito como se-tem. » Commentario d'aquellas palavras de Marcial se-lê na *Conversação dos romanos*, de Balzac. Ha um destino das lettras, que perde e salva, sem escolha, os monumentos da intelligencia humana, que perdoa a versos máos e mal-inventadas fabulas, para supprimir os oraculos e privar o mundo da luz dos historiadores necessarios. Os antigos reconheceram um demonio, que preside ao nascer dos livros, e tão soberanamente dispõe da sua fortuna e do seo successo, que elles teem boa ou má sorte, vivem muito ou pouco, segundo lhes-é favoravel ou adverso.

(V. 17.) *Antepõe-me um que ha dous dias co'as feridas inriqueceu.* Aristot. L. 2. dos Rhetoricos, zomba dos fidalgos, que se-indignam, quando veem antepor-se-lhes alguem que pelas riquezas ascendesse.

(V. 30). *Impropria ao aureo annel, a sinistra.* Allude ao uso do annel de ouro dos cavalleiros na mão direita.

(V. 33). *Em mão que ja fez defunctos.* Affigura-se-nos que Ovidio teve presente, em parte d'esta canção, imitar um lindo trecho do XIII. *Dialogo de Luciano, Das Meretrizes*; Leontichio e Hymnis, aquelle narrando as suas façanhas bellicas, esta deitando a fugir com

Digitized by Google

medo que lhe faça outro tanto; preparámos esta versão para aqui, mas, por longa, a supprimimos.

(V. 100). *Porque não buscas o imperio do céo?* — *Cur non et cœlum... petis?* Assim diz Horacio (I. 3):

... Nil mortalibus arduum;
Cœlum ipsum *petimus* stultitia.

Parecia Ovidio antever aqui o problema, que tão avidamente se-procura ainda resolver, e cuja solução, suppomos, é apenas questão de tempo; falâmos da direcção dos balões aerostaticos, que conquistará a athmosphera do globo para o serviço da humanidade. Os ensaios feitos, primeiro em Portugal, depois em França, no seculo passado, para dar ao homem os meios de se-elevar a grandes alturas, e por mais de uma vez, no fim do mesmo seculo e principio do actual, applicados a operações militares, são, si nos não enganâmos, reproducção de similhantes tentativas de remota antiguidade. A mór parte das fabulas assentam em factos reaes, segundo sabios philologos, e cremos que o primeiro fundador da sciencia aeronautica deve ter sido o afamado Icaro, que, como tantos outros successores, pagasse com a vida o seo ousado commettimento.

(V. 129). *Deixam-me a casa em repouso.* Tib. (II. IV. 33):

Sed pretium si grande feras, custodia victa est;
Nec prohibent claves, et canis ipse tacet.

Esta canção foi traduzida em inglez por Browne, que a-publicou, em o volume de agosto de 1748, do

Digitized by Google

Gentleman's Magazine; para se-lhe-avaliar o methodo, eis o final:

Not fruits invite, the homely food of old,
We torture earth, and search her deep for gold;
For gold, the soldier spends his youthful rage,
Charm'd with the late reward of plenteous age;
In vain to courts deserted Want applies,
'Tis wealth, wealth only, can to honours rise.
By this the judge and martial chief obtain
In peace and war, o'er subject crowds to reign.
Enough! that pomp and pow'r to gold are due;
Shall gold usurp the pow'r o'er beauty too?
O! where shall gen'rous love compassion find,
If thus the fates dispose of womankind?
In vain to me unguarded nymph! you feign.
A coy simplicity, and tim'rous pain;
A wealthier lover boldly you embrace,
Whose bags assist him to procure the grace.
When I intreat, you strait dissemble fear,
Your keeper watches, or your husband's near.
Curse on the poor excuse! 'tis dull and old;
These fears wou'd vanish, could I sue with gold:
Yet, if the gods regard inferior woe,
If e'er they strike for suff'ring truth below,
Let swiftest wrath thy sordid hopes destroy;
Thy hoarded treasures, and thy guilty joy:

§ 216

CANÇÃO IX.

(T. 3. p. 57.)

(A TIBULLO). Já d'este delicioso poeta falámos, em pag. 596. Aqui só diremos que o mesmo serviço

Digitized by Google

prestado á memoria de Tibullo por Ovidio, o-foi tambem por Angelo Policiano á memoria de Ovidio. Proprio nos-parece dar n'este logar esse episodio, não muito conhecido, e em que tambem, analogamente ao que Ovidio praticára com Tibullo, Policiano emprega muitas phrases e versos inteiros, que pertenciam a Ovidio; eil-o:

Et jacet Euxinis vates Romanus in oris;
Romanum vatem barbara terra tegit!
Terra tegit vatem, teneros qui lusit amores,
Barbara, quam gelidis alluit Ister aquis.
Nec te Roma, pudet, quæ tanto immitis alumno
Pectora habes ipsis barbariora Getis?
Ec quid, Io Musæ, Scythicis in finibus ægro
Tædia qui morbi demeret, ullus erat?
Ecquid, frigidulos qui lecto imponeret artus,
Aut qui dulciloquo falleret ore diem?
Aut qui tentaret salientis tempora venæ
Aut fomenta manu qui properata daret?
Conderet aut oculos media jam morte natantes,
Aut legeret summam qui pius ore animam?
Nullus erat: nullus! veteres, tu dura, sodales
Heu procul a Ponto, Martia Roma, tenes!
Nullus erat: procul ah! conjux, parvique nepotes;
Nec fuerat profugum nata sequuta patrem,
Scilicet immanes Bessi, flavique Coralli,
Aut vos pelliti saxea corda Getæ:
Scilicet horribili dederit solamina vultu
Sarmata, ab epoto sæpe vehendus equo?
Sarmata, cui rigidam demisso in lumine frontem
Mota pruinoso tempora crine sonant?
Sed tamen et Bessi extinctum, et flevere Coralli,
Sarmataque; et durus contudit ora Getes.
Extinctum et montes flebant, et sylva, feræque,
Et flesse in mediis dicitur Ister aquis.
Quin etiam pigro concretum frigore Pontum,
Nereidum lacrimis intepuisse ferunt.

Digitized by Google

Accurrere leves Paphia cum matre volucres,
Arsuroque faces supposuere rogo.
Quem simul absumsit rapidæ violentia flammæ,
Relliquias tecto composuere cado;
Impositum que brevi signarunt carmine saxum;
« Qui jacet hic, teneri doctor amoris erat. »
Ipsa locum late sancto Cytherea liquore
Irrorat nivea terque quaterque manu.
Vos quoque, Pierides, vati libastis ademto
Carmina, sed nostro non referenda sono.

(V. 6). *Musa da triste elegia.* Ja dissemos que a elegia fôra alegre e plangente; a isto allude o auctor, que para este seo canto arranca as grinaldas á lyra, para cobril-a de crepe funerario:

(V. 33). *Iulo.*— Io, Julo. Tal é o gracioso sobrenome de Ascanio (sem dúvida o que Venus lhe-deu, pois em grego *ioulos* significa frisadinho). Não foi despresado pelos senhores do mundo; e depois d'elles, muitos papas orgulhosamente o-tomaram.

(V. 40). *Succumbiu seo caçador.* Allusão á morte de Adonis. Lamentâmos não podermos aqui transcrever o 30mo idyllio de Theocrito.

(V. 43). *Serem por numes guardados.* Esta crença, tu mesmo a-procuraste arraigar:

Est Deus in nobis; agitante calescimus illo;
Impetus hic sacræ semina mentis habet.

Eis como se-exprime Platão (deus dos philosophos, na phrase do romano orador):—« Não devem os vates epicos

Digitized by Google

á arte, antes a uma celeste chamma, a um deus, as formosas creações do seo genio... Não é a arte, mas uma fôrça divina que os-inspira... Só um deus, o deus, que lhes-subjuga o espirito, que os-toma por seos ministros, oraculos, prophetas; intima-nos esse nume, com lhes-arrebatar o senso, não serem taes poetas auctores de tamanhas maravilhas, mas sim esse mesmo deus o proprio que nol-as outorga, e por sua voz se-faz ouvir. »

(V. 48). *A distincções não attende.* E' o que Horacio mui elegantemente exprime pelas palavras: æquo pede pulsat pauperum tabernas regumque turres.

(V. 58). *Lino.* Filho de Apollo, irmão de Orpheo. Inventou os versos lyricos. Ensinava musica a Hercules; mas como este fosse muito obtuso para as harmonias, Lino ralhou-lhe tão asperamente que o discipulo partiu a cabeça do mestre.

(V. 70). *Só foge á parca o metro.*

Diffuguint avidos carmina sola rogos.

Ja exprimira a mesma idea (I. XV): Carmina morte carent.

(V. 79). *São seos amores primeiros e ultimos.* Quem? a Delia? a Nemese? a Neera? essa historia de *primeiros e ultimos*, em bocca de taes poetas, que tão pouco se-jactavam de fieis, é pura poesia; d'esses só Propercio timbrava em mais constancia (I. XII):

Cynthia prima fuit; Cynthia finis erit.

Digitized by Google

(V. 82). *Os sacros ritos cumprir.* Allude á continencia, que em certas solemnidades se-observava, como ja dissemos, e ainda temos de desenvolver, na nota á canção 10.ma d'este livro, pag. 763.

(V. 90). *Ser Deus um nome inventado.* Dúvida novamente demonstradora de incredulidade, assumpto sobre que ja nos-espraiámos, mormente pag. 721.

(V. 91). *Vive piedoso, morrerás como os impios.* Quasi a mesma idea se-encontra em Horacio (II. XIV):

... Nec pietas moram
Rugis et instanti senectæ
Afferet, indomitæque morti.

(V. 100). *O que fecha urna apertada.*

Vix manet è tanto parva quod urna capit.

Este formoso pensamento reproduz-se frequentemente nas poesias romanas e especialmente do nosso auctor:

Ossa tamen facito parva referantur in urna
(Tr. III. III. 65).

Jam cinis est, et de tam magno restat Achille
Nescio quid, parvam quod non bene compleat urnam
(Met. XIII. 615).

imitado por Prop. II. IX.

et tanti corpus Achilli
Maximaque in parva sustulit ossa manu.

Digitized by Google

Diz-se ter sido este o epitaphio de Scipião Africano:

Cui non Europa, non obstitit Africa quondam,
(Respice res hominum) tam brævis urna premit.

Nas Catalectas, pag. 91, o epitaphio de Cicero:

Marcus erat Cicero, toto notissimus orbe,
Cujus reliquias occulit urna brevis.

No tumulo de Antenor:

Transtulit luce Henetos, Patavinam condidit urbem,
Cujus et ossa ducis nunc brevis urna tegit.

Nos sepulchros é esta idea constante.

No *Hercules sobre o Eta*, de Seneca, Alcmena entra em scena, trazendo as cinzas do semi-deus, e exprime-se assim:

Timete, Superi, fata! tam parvus cinis
Herculeus est; huc ille decrevit gigas.
O quanta, Titan, in nihil moles abit!
Anilis, heu me! cepit Alciden sinus.
Hic tumulus illi est; ecce vix totam Hercules
Complevit urnam! quam leve est pondus mihi,
Cui totus æther pondus incubuit leve;

que Rotrou verteu assim:

En ce vase chétif tout Hercule est enclos.
Je puis en une main enfermer ce héros.
Ceci fut la terreur de la terre et de l'onde,
Et je porte celui qui fit trembler le monde &.

(V. 113). *Pheacia.* A ilha de Corfu (Corcyra), no mar Jonio, fora anteriormente denominada Drepana

Digitized by Google

e Pheacia, e tinha reis seos no tempo da guerra de Troya. Tibullo accompanhára a essa ilha seo amigo Messala. Cahiu doente e não poude com elle regressar a Roma. Da Pheacia é que lhe-dirigiu aquella elegia formosissima (III. 1), talvez a mais mimosa de suas producções.

(V. 117). *Mãe, que teos olhos gelados*. Uma das bellezas d'esta canção, que nos-admira não termos visto notada, é a delicada arte com que se-apoderou de muitas das ideas e palavras do vate que deplorava, para lh'as-restituir, no opusculo, que lhe-dirigia. Aqui diz Ovidio:

Hinc certe madidos fugientis pressit ocellos
Mater; et in cineres ultima dona tulit;
Hinc soror in partem misera cum matre doloris
Venit, inornatas dilaniata comas.

Era isto a paraphrase d'aquelles versos de Tibullo, na ja citada canção:

... Non hic mihi mater
Quæ legat in mœstos ossa perusta sinus;
Non soror, Assyrios cineri quæ dedat odores,
Et fleat effusis ante sepulcra comis!

N'esta circumstancia, ha tacto fino e sentimento esquisito em tal approximação, que aliás, em casos parecidos, intrava na maneira de Ovidio. Ja vimos, na canção I. XV., com que propriedade elle designára os varios auctores, ou pela natureza das suas obras, ou mesmo por versos e locuções d'elles.

(V. 139). *Nos frouxos braços me-tinha*. Outra deliciosa reminiscencia. Tibullo dissera á sua Delia (I. 1):

Te spectem, suprema mihi quum venerit hora;
Te teneam moriens, deficiente manu.

Digitized by Google

Ovidio faz dizer a essa Delia, quando bateu essa hora suprema:

Me tenuit moriens, deficiente manu.

E' o que naturalmente Voltaire ambicionava tambem com certa dama:

Je veux, dans mes derniers adieux,
Disait Tibulle à son amante,
Attacher mes yeux sur tes yeux,
Te presser de ma main mourante.

(V. 144). *Na elysia mansão.* Mais uma mimosa applicação de outro trecho, em que Tibullo (I. III) descreve qual será a sua sorte nos elysios:

Sed me, quod facilis tenero sum semper amori,
Ipsa Venus campos ducet in Elysios.
Hic choreæ, cantusque vigent &.

A isto allude Ovidio, dizendo:

... in Elysia valle Tibullus erit.

(V. 149). *Calvo. Catullo.* Calvo foi um poeta erotico, amigo e emulo de Propercio e Catullo; este o estremecia de tamanha amizade, que lhe disse:

Ni te plus oculis meis amarem,
Jucundissime Calve.

Digitized by Google

§ 217

CANÇÃO X.

(T. 3. p. 65.)

(Festa de Ceres). Para bem comprehender esta canção, algumas palavras accrescentaremos ao que fica exposto, a pag. 226.

Esta filha de Saturno e Rhea (deusa da agricultura, por ter ensinado aos homens a arte de cultivar a terra e semear o trigo) teve, do irmão Jupiter, transformado em touro, Proserpina ou Hécate, a quem Plutão roubou; Ceres procurou a filha por terra e mar, accendendo de noite um archote, para continuar suas pesquisas. De Neptuno, teve tambem o cavallo Arionte.

As *festas cereaes* nasceram na Grecia; em Athenas havia as eleusinias, e as thesmophorias. Todas as *cereaes* se-celebravam com grande religião e pureza, ao ponto de se-absterem de vinho, e de commercio sexual, em quanto duravam. Os romanos faziam estas festas, de 8 a 19 abril; só n'ellas figuravam mulheres, vestidas de branco; os homens, tambem de branco, eram simplices espectadores e se-abstinham egualmente de todo o contacto feminil. Não se-comia sinão á noite, porque Ceres, apesar do cançasso da viagem, quando procurava a filha, só á noite tomou alguma refeição. Suppõe-se ser esta a *magna mater* e *mater maxima*, tão exaltada nos monumentos; os mysterios, mormente da Ceres Eleusina, eram considerados dos mais reconditos e solemnes.

(V. 18) *Creta, nem sempre mentirosa.* A maior ilha da Grecia, ao sul do mar Egeo (hoje Candia) era a

Digitized by Google

favorita de Jupiter; a isto allude o auctor, em consequencia da aventura que acabâmos de expôr. O *nem sempre mentirosa* (*nec fingunt omnia Cretes*), provém de que, no tempo de Ovidio, e muito antes, a veracidade dos cretenses era tão contestada como a lealdade dos gregos.

(V. 61). *Ida cretense.* A palavra ida, de *idein*, ver, significava todo o cume das montanhas; ida cretense é uma montanha altissima, que se-eleva no centro de Candia. Chamam-lhe hoje *Monte-Giove*, por ter Jupiter sido alli amamentado pela cabra Amalthea.

(V. 65). *Jasião*, filho de Jupiter e Electra, foi amado de Ceres, de quem teve Pluto; talvez que esta allegoria indique ser a agricultura a verdadeira origem das riquezas.

(V. 101). *Minos, auctor das leis.* Exprime-se assim porque foi rei de Creta, e o seo primeiro legislador esse filho de Jupiter e Europa, que por sua morte foi promovido a desembargador dos infernos, e presidente do tribunal. Homero o-representa com um sceptro, sentado em meio das sombras, cuja causa se-debate na presença d'elle. Pinta-o Virgilio agitando em sua mão a urna fatal que encerrava a sorte dos mortaes todos, citando as sombras ao seo tribunal, e submettendo a vida d'ellas a escrupuloso inquerito.

(V. 114). *Achaste a filha com sceptro.* Ja dissemos atraz, que Proserpina, a qual fôra roubada por Plutão, estando colhendo flôres, ficára mulher d'elle. *O Roubo*

Digitized by Google

de Proserpina é um importante poema, em 3 cantos, de Claudiano.

---

§ 218

CANÇAO XI.

(T. 3. p. 71.)

(V. 11). *Meo apagado brio.* Bem diz Voltaire: que não ha traducções mais infieis do que as traducções fieis. Entregue-se a um escrupuloso traductor litteral este verso:

Venerunt capiti cornua sera meo,

e veja-se o que sahe!

O poeta usa, mais de uma vez, d'esta metaphora, tirada da manha dos touros, quando mutuamente se-procuram com as pontas, para significar: rebellar-se, recalcitrar. E' n'esse sentido que, na *Arte*, I. 219, emprega a imagem: *Tunc pauper cornua sumit.*

(V. 73). *Coroas cingindo o lenho.* Costumavam os antigos navegantes, ao chegarem ao porto, coroar as naus. Virg. En. IV. 418:

Puppibus et lœti nautæ imposuere coronas.

(V. 79). *Ja recobrei o siso. Non ego sum stultus, ut ante fui.* Miguel Anjo Buonarotti tambem tracta de *stulto*, mentecapto, a quem se-tornou escravo de amor:

Digitized by Google

Fuggite, amanti, amor ; fuggite il fuoco;
Suo incendio é aspro, e la piaga é mortale.
Chi per tempo nol fugge, indi non vale
Nè forza, nè ragion, nè mutar loco.
Fuggite, che'l mio esempio or non fia poco,
Per quel che mi feri possente strale ;
Leggete in me qual sará 'l vostro male,
Qual sará l'empio e dispietato gioco.
Fuggite, e non tardate, al primo sguardo ;
Ch'io pensai d'ogni tempo aver accordo,
Or sento, e voi 'l vedete, com'io ardo.
Stolto chi, per desio fallace, e ingordo
D'una vaga beltade, incontro al dardo
Sen va d'amor, cieco al suo bene e sordo.

(V. 81). *O amor e o odio.* E' o mesmo pensamento da III. XIV. 91 : *Então amo, então detesto* ; e faz lembrar aquelles mimosos versos de Catullo :

Amo e odeio ao mesmo tempo.
Como pode ser ? (perguntas)
Duas cousas tão oppostas
Ao mesmo tempo tão junctas?

Como pode ser ignoro ;
Sei que o sinto, a causa és tu,
E sei que é tão cru tormento,
Que o não pode haver mais cru.

(V. 90). *Não sei viver comtigo.*
Viver sem ti não sei.

Sic ego nec sine te, nec tecum vivere possum.

Marc. ep. XLVII :

Digitized by Google

Difficilis, facilis, jucundus, acerbus es idem;
Nec tecum possum vivere, nec sine te.

(V. 94). *Sé menos bella ou dura.*

Aut formosa fores minus, aut minus improba, vellem.

Marc. VIII. ep. 53.
O quam te fieri, Catulla, mallem,
Formosam minus, aud magis pudicam.

(V. 100). *Fatal, fatal cegueira!* E'o pensamento de Propercio (I. XV. 32):

Sis quodcumque voles, non aliena tamen,
Quamve mihi viles isti videantur ocelli,
Per quos sæpe mihi credita perfidia est!

que Bertin imitou (*Amores* II, 3):

Sois plus coupable encor! je t'aimerai toujours.

(V. 112). *Por esses teos encantos. Perque tuam faciem, magni mihi numinis instar*, foi empalmado por Marcial (VII. 2):

Perque tuas aures, magni mihi numinis instar.

Digitized by Google

§ 219

CANÇÃO XII.

(T. 3. p. 77.)

(Pena da vangloria). O pensamento intimo d'esta canção encerra, para os homens, um conselho de prudencia, que junctamente o-é de moralidade; para as mulheres um aviso sobre um dos mais graves e mais frequentes perigos, que ellas encontram no amor. A ellas se-diz que as suas fraquezas se-podem tornar do dominio público, e vir até a precipitál-as na abjecção; a elles, que a vangloriosa inconsideração com que tantas vezes se-gabam de favores ingratamente recebidos, pode ser a causa de virem a perder esses mesmos favores.

(V. 1). *Funereos passaros.* Plin. (10. 16) diz que as aves nocturnas teem as unhas aduncas. As stryges, *noctua*, *bubo*, *hulotte*; pouco veem de dia. Bubo é funebre, e aborrecido nos auspicios públicos; habíta nos desertos, nas solidões, nos logares inaccessiveis; monstro da noite, não canta, mas geme; vêl-o na cidade, mesmo de dia, é presagio funesto. Um buba introu no proprio sanctuario do capitolio, e por causa d'isso Roma foi esse anno purificada.

(V. 6). *Horoscopo.* E' a observação que se-faz do estado do céo, no momento em que alguem nasce, e pela qual os astrologos julgam do que deve succeder, no decurso da vida, ao recem-nado. Quem accreditar na horoscopia, e quizer conhecer a sorte que aguarda Luiz-Napoleão, examine um famoso manuscripto, que existe,

Digitized by Google

em Paris, na bibliotheca do Arsenal, onde se-acha o horoscopo dos Luizes, soberanos de França, a contar do XVI até o XX homonymo e mais.

(V. 11). *Titulo de Toda minha.*

Quæ modo dicta mea est.
Tambem Prop. II. VII. 6
Nec mea dicetur, quæ modo dicta mea est.

(V. 18). *Vejo-a por meos emulos, como por mim gosada, e sinto-me abrasar.* E' a idéa de um dos mais citados sonetos de Bocage:

Nos torpes laços de belleza impura
Jazem meo coração, meo pensamento;
E, forçada ao servil abatimento,
Contra os sentidos a rasão murmura.

Eu, que outr'ora incensava a formosura
Das que infeita o pudor gentil e isento,
A ja corrupta idéa hoje apascento
Nos falsos mimos de venal ternura.

Si a-vejo repartir praser e agrado
A'quelle... a este... co'a fatal certeza
Fermenta o vil desejo invenenado.

Céos! quem me-reduziu a tal baixeza?
Quem tão cego me-poz? Ai! foi meo Fado,
Que tanto não podia a natureza.

(V. 24). *Lhe-dei celebridade.* Pois ahi tens as consequencias. De resto tu, e os mais poetas, vos-vangloriaveis d'isso:

Digitized by Google

Nos quoque per totum pariter cantabimur orbem. I. III. 25
Nec nisi tu nostris cantabitur ulla libellis. II. XVII. 33
Sic sua lascivo cantata est sœpe Catullo
Femina. Trist. II. 427
Moverat ingenium totam cantata per urbem,
Nomine non vero dicta Corinna mihi. Tr. IV. 10
Fortunata meo si qua es celebrata libello,
Carmina erunt formæ tot monumenta tuæ Prop. III. I.

(V. 53). *Nunca as musas, nunca Phebo.*

Aversis utinam tetigissem carmina musis
Prop. IV. I:

Aversis musis cantas, aversus Apollo est.

(V. 61 e seguintes). Ahi começa a especificar o objecto de algumas das suas metamorphoses. *Scylla* (vide pag. 660). *Aligeras plantas* é Mercurio. *Comas serpentinas*, Medea. *Perseo*; ha grande contenda entre quem fosse esse parente de Abante:

Victor Abantiades alite fertur equo.

Uns pensam ser Perseo, outros Bellorophonte. Longo seria intrar n'essa pesada discussão. — *Ticio* era um menino, cujo corpo, estendido sôbre a terra, cobria 30 geiras; tendo ultrajado Latona, foi precipitado no Tartaro, onde um abutre lhe-devora as intranhas, que renascem sempre; diz Mollevaut:

L'immense Titius, embrassant neuf arpents,
De ses membres repaît les oiseaux dévorants.

— *Guarda de 3 gargantas*, é o cão Cerbero, á intrada do inferno. — *Encelado* era um dos da Gigantomachia,

Digitized by Google

especie de Lucifer, a quem Jupiter, para o-punir do orgulho, fulminou, sepultando-o debaixo do Etna. — *Esphynge*:

Ambiguæ captos virginis ore viros.

Esta *virgem ambigua* tem sido considerada como Circe, ou como a personificação das sereias; mas com melhores fundamentos o sabio paraphrasta interpretou este verso como referindo-se á esphynge, comquanto tambem algumas durezas occorram n'essa intelligencia. A esphynge era monstro, com cabeça e seio femineos, corpo de cão, garras de leão, azas de aguia, e cauda armada de um dardo; nas visinhanças de Thebas, propunha enygmas, a quem passava, e devorava os que não adivinhavam (este monstro é o avô legitimo da raça dos charadistas); Edipo adivinhou uma grande asneira que lhe-foi proposta, e a esphynge atirou-se de um rochedo, por ter achado um asno maior do que ella. — *Ulysses* só voltou á sua Ithaca, e á sua Penelope (vide p. 666), depois de ter dez annos errado pelos mares, voltando da guerra de Troya. — *Tantalo*, por motivos pouco conhecidos, está nos infernos, supportando a maior sêde, no meio de um rio crystallino, a maior fome, ao pé de arvores carregadas de fructos. — *Niobe*, a primeira mortal amada por Jupiter, casou com Amphião, de quem teve 14 filhos; mas, por ter desprezado Latona, viu todos, excepto Chloris, cahirem ás frechadas de Diana e Apollo; Amphião matou-se, e Niobe, ficando muda de dôr, foi transformada em rochedo. — *Calisto*, foi seduzida por Jupiter, e metamorphoseada em ursa por Juno; Jupiter a-arrebatou, com seo filho, Arcas, para o céo, onde formam as duas constellações da grande e pequena ursa. — *Itys*, filho de Thereo e Procne, que foi mudado em phaisão. — *Jupiter* em ave (para Leda), em ouro (para Danae), em touro (para Europa). — *Protheo*, Deus marinho, que recebeu, de seo pae, Neptuno, o dom da profecia, mas que tinha a manha de mudar de fórma, a cada instante, como um camelião, ou um orador da politica. — *Cadmios dentes, thebana origem.* Cadmo (heroe

Digitized by Google

grego, depois fundador de Thebas); aqui diz-se *thebana semina dentes*; nas Met. Liv. 3, onde se-acha a historia do Cadmo, da serpente e dos dentes, lê-se: *mortalia semina, dentes.* — *Fogo das gargantas dos bois.* Medéa (*Met.* VII) declara ter, por suas magias, extinguido a chamma, vomitada pelos bois, cuja indocil cerviz submetteu ao jugo da charrua: *Vos mihi taurorum flammas hebetastis.* — *Alambres. Phaetonte.* Tendo Phaetonte pedido a seo pae, Phebo, que lhe-confiasse o carro do sol, alcançou a pedida mercê, e, como diz Desaintange:

Phaéton sur le char s'élance plein de joie,
Saisit avidement les rênes qu'il déploie,
Et rend grâce à Phébus, qui tremble pouir son fils;

e com rasão, pois não sabendo guiar os cavallos, ia ja abrasando a terra, quando Jupiter fulminou o imprudente, precipitando-o; no L. 2 das Met., se-vê como as irmãs de Phaetonte, á fôrça de o-chorarem, transformadas em choupos, tiveram as suas lagrymas convertidas em alambre. — *Atreo. Thyestes.* E' famoso o odio entre estes irmãos. Fingíra Atreo reconciliar-se, e n'uma ceia lhe-serviu os membros de seos filhos; Thyestes mandou assassinar Atreo, por Egistho, seo outro filho, no meio de um sacrificio, e subiu ao throno de Argos, d'onde foi tambem expulso por seos sobrinhos, Agamemnon e Meneláo. D'aquella ceia é que Camões diz, no episodio de D. Ignez de Castro:

Bem podéras, ó sól, da vista d'estes
Teos raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia.

Ha outra, egualmente formosa, allusão ao impio festim, na Iphigenia, de Racine:

Digitized by Google

Et toi, soleil, et toi, qui, dans cette contrée,
Reconnais l'héritier, et le vrai fils d'Atrée,
Toi, qui n'osas du père éclairer le festin,
Recule ! ils t'ont appris ce funeste chemin !

— Orpheo. Vide p. 663.

---

§ 220

CANÇÃO XIII.

(T. 3. p. 83.)

(Festa de Juno). Esta canção, em tal poema, vem evidentemente intrusa; o seo assumpto, a gravidade, a fórma, tudo lhe-dava mais appropriado logar nos *Fastos*, ou em obra mais severa.

(V. 1). *Nos Faliscos.* A cidade dos Falerios, tambem chamada Æquum Faliscum ou Falisca, (hoje S. Maria de Falari ou Civita Castellana) era na Etruria, perto do Tibre, cujos habitantes se-chamavam faliscos, e ahi havia um templo de Juno Argiva (Strab. V. 8), d'onde nascêra, para essa terra, o nome de colonia Junonia.

(V. 2). *Nascêra a minha esposa.* Não ha certeza si alludia á segunda ou á terceira.

(V. 4). *Dizer que foi Camillo o invicto que a-venceu.* Em Tito Livio (especialmente V. 19. 26. 27). se-acha narrada, com vivas cores, essa guerra, e sua gloriosa terminação para ambos os contendores, sendo essa uma

Digitized by Google

das formosas paginas, em materia de honra e lealdade, dos romanos fastos.

(V. 19). *As novilhas lá vem, de nivea candidez.* Essas novilhas alvissimas, diz o auctor que pastavam nos campos faliscos. Diziam que o rio Clitumno tinha a virtude de embranquecer. Virgilio (*Georg.* II). se-exprime assim dos alvos gados italianos:

> Hinc albi, Clitumne, greges et maxima taurus
> Victima, sæpe suo perfusi flumine sacro,
> Romanos ad templa deum duxere triumphos.

Por causa da alvura, era dos campos phaliscos que se-mandavam as victimas para Roma.

(V. 42). *Haleso*, filho de Agamemnon e Briseida, ao chegar Eneas a Italia, declarou-se por Turno contra os troyanos (*Eneid.* VII. 723), e foi morto por Pallas (En. X. 352). Fôra o fundador de colonia falisca.

---

§ 221

CANÇAO XIV

(T. 3. p. 87.)

(NÃO FIZ). Não haverá n'esta composição algum correctivo das licenciosidades que n'ella se-descrevem?

(*) Plin. (2. 106) diz que, nos Faliscos, todas as aguas bebidas embranquecem os pellos dos bois; que o Melante, na Beocia, torna as ovelhas negras; o Cephiso, nascido do mesmo lago, brancas; o Penco pretas; o Xantho ruivas.

Digitized by Google

ha sem dúvida. Pois que áquella propria mulher, a quem se não podem deixar de relevar todas as desinvolturas, e que do vício faz profissão, se-intima, como um dever, o respeitar a decencia pública, o evitar o escandalo e o máo exemplo. Estas obscenidades, assim, são, bem lançadas as contas, a mais brilhante homenagem ao sexo, em que o pudor é feição characteristica. Não podendo persuadir-lhe a virtude, recommenda-lhe ao menos a hypocrisia, que é, segundo ja alguem disse, vassallagem á mesma virtude. Bem ponderado, este escripto é do genero das satyras, e gosa portanto da soltura, que em tal genero é privilegio e posse d'ella.

Quanto a representar-se-nos o poeta cadavez mais amante de mulher que tão pouco o-merece, si ha ahi que censurar, não é a elle, mas á natureza. Bocage, o Ovidio portuguez, em circumstancias identicas, não foi menos energico, e arrojou do abysmo do peito versos ainda mais abrasados e delirantes.

Esta canção foi, no pensamento, imitada por Marcial (l. 35), o qual todavia lhe-imprimiu o sêllo peculiar de desenvoltura na phrase, vicio de que tão elegantemente foge sempre o nosso auctor.

(V. 101). *Si um dia eu te-encontrar em flagrante.* Faz lembrar a anecdota, que se-conta de Luiz XV, ja velho, com uma de suas Chloris. Tendo aquelle espreitado os desvarios da infiel, e approveitando a primeira occasião para queixar-se, a bella toda se-desatou em denegações tão firmes e lagrymas tão sentidas, que o rei seviu obrigado a dizer-lhe: —« Não negues, ingrata, porque eu te-vi, com os meos olhos » — E que havia ella de retorquir a um similhante Paulo Cordeiro? — « Está visto que ja me não amais; destes mais credito aos vossos olhos do que ás minhas palavras! »

Digitized by Google

§ 222

CANÇÃO XV.

(T. 3. p. 93.)

(Despedida). Esta canção, bellissimamente traduzida, põe um glorioso remate ao livro e á obra. N'ella se-profetisa o poeta a fama ingente que os seculos lhe-confirmaram; mas apar d'esse movimento de justo orgulho, manifesta, logo em seguida, o conceito muito mais elevado que formava dos louros tragicos, que ia applicar-se a colhêr, de preferencia ingrata á murta lyrica, origem de tanta gloria e de tão reaes proveitos. Todavia cumpre confessar que assim tinha a desempenhar-se da sua palavra. Esse

Corniger increpuit thyrso graviore Lyæus,

é satisfacção da promessa, que fizera no começo da obra:

Tempus erat thyrso pulsum graviore moveri.

(V. 7.) *Peligno*. Ja-se disse (II. 1). Ovidio era Peligno, porque nasceu em Sulmona, uma das 3 principaes cidades dos Pelignos; as outras duas eram Corfinio e Maruvio, hoje San Serino, que foi a capital da confederação italiana durante a guerra social, e San Benedetto; valentes de que se-dizia: *Nec de Marsis, nec sine Marsis posse triumphari.*

Marcial (I. 62):

Apollodoro plaudit imbrifer Nilus,
Nasone Peligni sonant.

(V. 28). *Os alliados aterraram Roma.* A guerra marsica (Strab. V. 9. Diod. Sicil. Exc. XXXVII. &c.) foi um dos mais graves successos da historia romana, e que trouxe a republica a grande proximidade da sua perda.

Digitized by Google

Velleio Paterculo (II. 15) se-exprime assim : « A morte de Druso fez prorompper a tão receada guerra italica. Começou ella nos Asculanos, que mataram o pretor Servio, e o legado Fonteio, e tendo echoado entre os Marsos, para logo todas as regiões tomaram armas contra Roma ; si a sua fortuna foi atroz, confessemos que a causa era justissima, porque só pediam que se-lhes-outorgasse o direito de cidade, n'um imperio que elles defendiam com as armas ; representavam que, em cada anno, e em cada guerra, davam elles dobrado número de cavalleiros e infantes ; que bem mereciam o jus de uma cidade, cuja grandeza lhes-era, em grande parte, devida ; sendo cruel considerar estranhos e alheios, homens da mesma nação e do mesmo sangue. Arrebatou esta guerra mais de 300 mil homens, flôr da juventude italiana. Tão vária foi a fortuna d'essa guerra, e tão grave, que, em dous annos successivos, foram mortos pelo inimigo dous consules, Rutilio e Porcio ; o exército romano foi em muitos logares batido, e durante longo tempo foi mister trazer collada ao corpo a farda militar. Os alliados tinham escolhido Corfinio para capital do imperio, que chamaram italico &c. ».

Eis-nos tambem chegados á meta, vencido estadio longo. Diz-nos a consciencia que, nem pelos atavios do estylo, nem pela elevação das idéas ou profundidade do saber, correspondemos á esperança que deviam brotar os dous grandes nomes, a que ousámos associar-nos ; nunca tal poderia de nós exigir-se, que ao tenue arbusto, e á andorinha, não se-pedem injustamente sombra da mangueira alterosa, ou elevação da aguia. O benevolo accolhimento porém, com que os doctos teem animado este trabalho é a mais preciosa das recompensas e a mais seductora das animações ; procuraremos corresponder-lhe. O altissimo conceito que formâmos do digno traductor de Ovidio, genio em todo o sentido supremo, algumas vezes se-manifestou com uma abundancia, que nos-sahia do coração, e do espirito ; impunham-nos outro dever os laços do sangue ? acconselhavam-nos elles que mentissemos a nossas convicções? decreta a sociedade (despiedada Nemesis, a que

Digitized by Google

nenhum êrro escapa) uma orgulhosa hypocrisia no julgamento dos que nos são caros? deve denominar-se ostentação o encomio a outrem, de cuja aureola litteraria nenhum raio pode resurtir sobre nós? Não sabemos responder; só sim que Velleio Paterculo, fazendo justiça a um seo parente proximo, escreveu esta phrase, com que nos-escudaremos: « *Neque ego verecundia domestici sanguinis gloriae quidquam*, DUM VERUM REFERO, *subtraham*. »

Convencido de que a actual poesia portugueza, tão rica de fórma, tão mimosa de colorido, tão arrojada na phrase, tão harmoniosa no som, precisa embeber-se cada vez mais no estudo do bello, suppomos que as torrentes dos mananciaes grego e romano precisariam excavar leito portuguez, de preferencia ás de qualquer outro idioma; por isso invocâmos a cooperação dos cultores das boas lettras, para que opulentem a lingua com primorosas versões d'aquelles antigos, cujo condão eguala o do sol: velhos sempre jovens. De accôrdo com um amigo, intelligente e desvelado appreciador das cousas patrias, tencionavamos collocar aqui uma resenha das tentativas feitas para conferir ás musas grega e romana carta de naturalisação; mas as dimensões d'esse trabalho sahiram demasiado extensas, para correrm o perigo de ainda mais fatigarmos o leitor. Egual motivo nos-privou de publicarmos aqui uma biographia do paraphrasta de Ovidio; para outra obra a-reservaremos.

Ainda uma derradeira súpplica. Talvez que nunca, em nossa lingua, se-désse o facto de uma *primeira edição* d'essas obras de tal extensão, impressas sobre o manuscripto (e a maxima parte d'este traçado á proporção que se-ia imprimindo), sahindo á luz inteiras, do primeiro ao último volume, dentro do mesmo anno. D'ahi resultarão indubitavelmente inexactidões e erros (na parte, denominada Grinalda), para os quaes impetrâmos reverente desculpa; leve-se-nos em conta a vontade; mas sôbre a execução, indulgencia!

FIM DA GRINALDA OVIDIANA.

Digitized by Google

INDICES.

(N.B.) A Grinalda Ovidiana compõe-se de 8 volumes, começando no 4.° da obra completa. Esta Grinalda tem a numeração seguida desde esse tomo 4.° até o 11.°; a saber: Tomo 4.° finda em pag. 104.— 5.° em 188 —6.° em 284.— 7.° em 378.— 8.° em 501.— 9.° em 604.— 10.° em 702.— 11.° em 778. Portanto, pela indicação das paginas, fica sabido o volume em que o assumpto deve procurar-se.

INDICE

das odes anacreonticas, que se-acham intercaladas na Grinalda Ovidiana.

1.ª	pag.	202	17.ª	pag.	251	33.ª	pag.	210
2.ª	»	665	18.ª	»	253	34.ª	»	509
3.ª	»	273	19.ª	»	411	35.ª	»	338
4.ª	»	516	20.ª	»	679	36.ª	»	
5.ª	»	306	21.ª	»	314	37.ª	»	681
6.ª	»	357	22.ª	»	254	38.ª	»	509
7.ª	»	744	23.ª	»	481	39.ª	»	357
8.ª	»	734	24.ª	»	477	40.ª	»	296
9.ª	»	250	25.ª	»	477	41.ª	»	477
10.ª	»	620	26.ª	»	315	42.ª	»	356
11.ª	»	509	27.ª	»	315	43.ª	»	234
12.ª	»	735	28.ª	»	246	44.ª	»	319
13.ª	»	232	29.ª	»	247	46.ª	»	481
14.ª	»	318	30.ª	»	297	47.ª	»	510
15.ª	»	476	31.ª	»	233	48.ª	»	315
16.ª	»	319	32.ª	»	625	51.ª	»	307

Digitized by Google

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NOS 8 VOLUMES DA GRINALDA OVIDIANA.

	Pag.		Pag.		Pag.
Aborto	667 674	Anniversario	493	Britannos	684
Accio	591	Antro	708	Bruxas	444 471
Acclamações	720	Anubis	671	Bustos dos ante- passados	486
Achelôo	738	Apis	672	Cabelleiras	535
Achilles	511	Apollo	228	Cabelleireiras	534
Adeus á patria	662	Applausos	720	Cabellos compra- dos	577
Adonis	757	Approveitem-se da vida	476	Cabellos perdidos	567
Alcinoo	532	Aqui jaz	603	Cabellos tinctos	568
Agamemnon	514	Arachne	573	Cacophato	645
Agouro da topada	547	Arato	588	Cadaveres	677
Aguias	651	Argos	361	Cadmo	771
Agulhas	535	Ariadne	427	Calamistro	534
Agulhas magicas	748	Artifice	630	Calisto	771
Alambres	772	Artista	630	Callimacho	586
Albula	623	Ascanio	757	Calva	567
Alegria do vinho	408	Ascrêo	585	Calvo	762
Alexandra	429	Asopo	738	Calydon	738
Alexandrinos	234	Atalanta	426	Calypso	687
Aljava	273	Atreo	779	Camillo	773
Alliados	776	Atridas	621	Camões	484
Alpheo	738	Augusto	35 324	Canace	696
Altar	365	Aurora	555	Canicula	681
Alvura	774	Aventura meri- diana	383	Canopo	670
Amante Velho	507	Bacchantes	574	Casamento	614
Amazonas	674	Baccho	313 326	Cassandra	429
Ambrosia	367	Balões	754	Castalia	230
Amor	109 287	Barbas do visinho	662	Castor	663
Amor cançado	698	Batto	586	Catullo	762
Amor e odio	766	Bejos	632	Causas do des- terro	50
Amores	114 170	Belleza	665	Cavalleiros	322
»	178 184	Bellona	675	Caverna	708
Amphytrião	566	Bleso	638	Cegueira	767
Amymone	519	Boçage	129 328	Ceia	354
Anacreonte	196	Bolo festival	492	Celebridade	769
Andromeda	729	Bolor na cera	555	Cera da pagina	538
Anecdota vergo- nhosa	564	Boreas	413	Cera infame	548
Anio	739	Briseida	511		
Anneis	678				

Digitized by Google

	Pag.
Cera purpurea	747
Cesaunceos	661
Cerbero	770
Ceres	226
Cervantes	484
Cesar	320
Césto	223
Charybdes	660
Chie	745
Chryseida	511
Cicuta	745
Cilicia	684
Ciniflonia	534
Circo	713
Ciume 629	642
Colosso de Memnon	559
Coma enastrada	429
Confarreação	615
Comprar mancebo	473
Constancia de poetas	758
Coração para todas	624
Corcyra	760
Corfu	760
Corinna	114
Corinna infiel	627
Corôa	412
Coroas das naus	765
Corre a vida	476
Correspondencia	693
Corrupção de espirito	769
Coruja	469
Cosmetta	534
Costumes	326
Cothurno	587
Crenças religiosas	721
Creta	763
Creusa	738
Crises	641
Cruzes	549
Cupido	207
Cynthia	565
Cypasse	649
Cyrrha	230
Cysnes 336	641
Danae	699
Dansa nupcial	616
Dedos	362
Dejanira	738
Dentadas	431
Dentes cadmios	771
Deserção	651
Desordem intencional	699
Despedida	776
Deucalião	675
Deusa da Rasão	301
Deuses da poppa	682
Diana	227
Dido	697
Diffusão de Ovidio	93
Diomedes	430
Dipsas	442
Dissociar o mundo	681
Dissymetria de rhymas	233
Divorcio	176
Domesticos fados	691
Donzella	614
Dôr de cabeça 489	699
Dous amores	655
Duplicidade	550
Dysticho	204
Eclipses	630
Egeria	688
Elegia	205
Elysio 641	762
Encelado	770
Encrespado o mar	434
Endymião	565
Eneas	676
Enipeo	783
Ennio	590
Enriquecido	753
Ensino	560
Enomáo	666
Enone	696
Epicedio de Ovidio	756
Epigramma dos Amores	137
Epilogo	777
Erifile	531
Escravidão 278	296
» 318	400
Espelho	686
Esphinge	771
Esposa	614
Esseda	686
Estatua eburnea	631
Estatuas de cera	486
Estrige	469
Estyge	377
Estylo	693
Etolia	738
Eunuchos	621
Europa	338
Eurotas 520	689
Evadne	738
Fabula	710
Faccões	719
Facho	415
Faliscos	773
Familia Cesarea	121
Fazer da necessidade virtude	730
Ferculos	718
Ferida	259
Fesceninnos	616
Festa de Ceres	763
Festa de Juno	773
Fiador	563
Fogo dos bois	772
Fogueira para os cadaveres	602
Fórmula de jnramento	672
Foro	526
Frisões	686
Frouxos braços	761
Fuga da vida	476
Fugir quem segue	700
Funereos passaros	768
Galathéa	664
Galericulos	535
Gallo	598
Genio de cadaum	626
Gêsso	485
Gigantomachia	617
Girar de nite	407
Gladiador	651
Gradivo	229
Gralho	639
Gramma	465
Guerra social	776
Helena	519
Heitor	512
Haleso	774
Hero	682
Heroides	693
Hesiodo	585

Digitized by Google

	Pag.
Hippodamia 361	666
Hippolitho	626
Hippomane	468
Hircanos	685
Homero 583	584
Horoscopo	768
Hymineo	368
Hymno á natureza	681
Icario	680
Ida	764
Ilia 676	739
Ilienses Memnonios	558
Hlythia	673
Imagem da morte	653
Imitações de Ovidio	98
Immortalidade	845
»	580
Immortalidade da alma	721
Imperio do ar	754
Imprecações contra uma velha	436
Inacho	737
Incendio	311
Inconstancia 328	624
Incredulidade 721	759
Indeferimento	543
Indolencia de Poetas	515
Inscripção	543
Inveja	601
Io	335
Isis 490	669
Isto é meo !	368
Itys	771
Iulo	757
Jardins de Alcinoo	532
Jasão	464
Jasião	764
Julio	757
Julio Cesar	35
Juramentos	645
Labios	366
Laconismo de Ovidio	75
Ladrar o cão	701
Lais	397
Lãs magicas	749
Lavinia	666
Leandro	682
Leda	336
Lenos 521	525
Leques	717
Letras com vinho	629
Liba	747
Libo	492
Librária	534
Licores	598
Lino	758
Livreiros	541
Logar do Desterro	57
Lucio Nasão	29
Luco	708
Lucrecio	592
Luiz Napoleão	39
Luz minha !	688
Lydio cothurno	710
Lyra	212
Lyrica	244
Macro	690
Mãe de Tibullo	761
Magia	444
Maléa	661
Malogro	743
Mãos ligadas	300
Marcial	231
Marido facil	697
Maridos embriagados	370
Marido zeloso	730
Marmore de Paros	432
Marte	229
Mata-septe	753
Mavorte	229
Medéa	464
Meio-dia 392	399
Melia	737
Memnon 556	558
Memphis	670
Menandro	588
Mentir	538
Meretrizes	520
Mesa Romana	355
Mestres	560
Metro	204
Minos	764
Minerva	219
Moralidade	611
Morte	758
Morte de amor	657
Morte do justo	759
Morte e somno	653
Mulher de Ovidio	773
Mulheres Romanas	173
Murta	277
Musa da elegia	757
Musa lyrica	707
Musa da tragedia	707
Mytho	124
Mythologia	728
Namorada	614
Não	545
Não fiz	774
Napoleão	35
Navegação 559	658
Nectar	367
Neptuno	718
Nereidas	664
Nereo	664
Nilo	670
Niobe	771
Niveo pé	749
Noite	564
Noiva, Noivo	614
Nostalgia	58
Nova ordem das Canções	145
Nove assaltos	747
Novilhas alvas	774
Nume do poeta	757
Obras de Ovidio	77
Obras perdidas de Ovidio	140
Ocio	515
Olympo	304
Oração	365
Ordem distributiva das Canções	142
Origem das Tradições	332
O que é bom dura pouco	640
Orelha	363
Orestes 425	638
Ornatriz	534
Orpheo	663
Osiris	672
Ouro 480	750

Digitized by Google

	Pag.
Pado	689
Pallas	219
Panathenêa	26
Pancadas	422
Papagaio	635
Parcas	329
Paretonio	669
Páris	696
Parnaso	230
Peccado original	731
Pederastia	244
Pelco	687
Peligno	776
Pélope	666
Pena da vangloria	768
Penelope	475
Penteado	534
Penumbra	393
Pergamo	520
Perjurio	720
Perseo 737	770
Pertendente	614
Pés	205
Pés gisados	485
Pés deseguaes	709
Phaetonte	772
Phaon	697
Pharon	669
Phaselo	657
Pheacia	760
Phedra	626
Phemio	748
Phenix	642
Philomela	637
Physico de Ovidio	65
Phrygia	529
Phyllis	696
Plagiario	295
Plantas Magicas	465
Plantas sagradas a Deuses	681
Plectro	273
Pleonasmo	686
Pó	689
Pó do circo	718
Poesia epica	618
Poesia lyrica	213
Poetas julgados	583
Poetas pobres	480
Pollux	663
Poppa	632
Portas Romanas	371
Porteiro	405
Porticos	622
Possolo	144
Potencia	657
Praga ás portas	417
Priapo	627
Primeiro aborto	675
Progenie cesarea	676
Progne	637
Prometheo	685
Propriedade literaria	614
Proserpina	764
Prostitutas	520
Protesilão	641
Protestos contra a aia	642
Protheo 679	771
Pseca	534
Pseudonymo 184	745
Pylades	638
Pyrrha	675
Pytho	747
Qualidades de Ovidio 71	406
Quantas vezes?	650
Racimos	677
Raio de Amor	620
Rancor de Pallas	640
Rapariga	257
Reforma	651
Religião de Ovidio	73
Remo	676
Residencia de Ovidio	66
Rhea	676
Rheso	510
Rhodope	576
Rhombo	466
Rio	736
Ritos	759
Roes de usurario	549
Rôla	637
Roma	595
Romulo	676
Rosas	305
Rua Sacra	495
Rudis	652
Sabinas	474
Sabino	696
Saga	747
Santelmo	663
Sapho	697
Satyro	576
Scamandro	737
Sceptro	709
Scylla	660
Scythia	685
Seda	572
Sede eterna	500
Seguir quem foge	700
Semele	729
Sê menos bella ou dura	767
Semiramis	396
Sepultura de Ovidio	63
Seres	572
Serva	491
Settas 274	295
Signal do pretor	718
Signo de Marte	472
Sinistra 709	753
Sit tibi terra levis	498
Soldado e amante	407
Sol perto	680
Somno e morte	653
Sonhos	732
Sophocles	587
Soracta	737
Sorte dos livros	751
Sorvedoiro de vinho	442
Stulticia d'amor	765
Sulmona	680
Superstições	720
Superstições do numeros	552
Syrtes 661	682
Tabellas	538
Tabellas laureadas	542
Tabellas vermelhas	548
Tabellas votivas	542
Taça do prazer	368
Tacio	474
Talião	632
Tantalo 366	771
Tarpea	530
Tejo	599
Tempo	231

Digitized by Google

	Pag.
Termos baixos	258
Thalia	709
Thamyres	748
Thebe	738
Thensas	718
Thersites	641
Theseo	420
Thetis	675
Thyestes	772
Tibre 623	741
Tibullo 596	755
Ticio	770
Tingir cabellos	568
Titulo d'este poema	115
Toda minha	769
Toucador	534
Touro	338
Touros brigando	666
Touros recalcitrantes	765
Traducções	180
Traducções de Ovidio	97
Tragedia 316	326
»	691
Traição 649	775
Tranças compradas	677
Tratamentos	716
Triptolemo	787
Tritão	662
Triumpho 304	397 435
Trombeta em lyra	193
Tunica	394
Tyro	738
Tythão	556
Ulysses	771
Urna	759
Usucapção	614
Vara	651
Varrão	592
Velha alcaiote	436
Velho amante	507
Velocino	592
Veneno em mel	497
Ventos	433
Venus 216	577
Versificação de Ovidio	97
Versos afogados	712
Verso d'écho	677
Versos deseguaes	688
» »	709
Vestal	739
Veste candida	673
Veterano	651
Victoria	718
Vida de Ovidio	19
Vinho entornado	362
Virgilio	594
Visconde da Pedra Branca	166
Viver com e sem ti	766
Volume	539
Vulcano	688
Xantho	737
Zelotypia	629
Zephyro	433

FIM.

Digitized by Google

RAR
PA6519
A7 1858

600

1/01

Vols. I-II cc (Annex I, 130)

Vols III - IX cell apparently complete:
103 p. 754 p
2 leaves mis'bd (II, quire 10 & VIII, quire 8)

bb 5/7/91

Digitized by Google